

DIÁRIO
DE UMA VIAGEM
AO BRASIL

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SÉRIE V

★

BRASILIANA
(SÉRIE GRANDE FORMATO)

★

VOLUME 8

fundada por
FERNANDO DE AZEVEDO
Direção de
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

Do original inglês
Journal of a Voyage to Brazil
and residence there
during part of the years 1821, 1822, 1823

★

1956

Obra recutada nas oficinas da
São Paulo Editora S/A. - Rua Barão de Ladário, 226
Fones: 9-9087 e 9-9032 - São Paulo, Brasil.



Desenho de AUG. FABLE.

Gravura de EDWARD FINDES.

Valongo, au mercado de escravos no Rio
Londres, publ. por Longman & Cia e J. Murray, 5 de abril de 1824

Parade, Maria

MARIA GRAHAM

★

DIÁRIO
DE UMA VIAGEM
AO BRASIL

e de uma estada nesse país durante
parte dos anos de 1821, 1822 e 1823.

★

*Once more upon the waters, yet once more, and
the waves bound beneath me as a steed that knows his
rider.*

★

Tradução e notas de
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE
(da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

OBRAS DA AUTORA

Com o nome de MARIA GRAHAM:

- Journal of a residence in India*, A. Constable, Edinburgh, 1812.
Longman, Edinburgh. (2.^a ed. 1813). (Trad. francesa de A. Duponchel na *Nouvelle Bibliothèque des Voyages*, Paris, 1841).
- Letters on India, with etchings and a map*. London, 1814.
- Memoirs of the war of the French in Spain*. (Translated from the french by M. G.) John Murray, London, 1815.
- Three months passed in the mountains east of Rome during the year 1819*. Longman, London, and Constable, Edinburgh, 1820.
- Memoir of the life of Nicholas Poussin*. Longman, etc., London, and Constable, Edinburgh, 1820.
- Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*. Longman, etc., and John Murray, London, 1824.
- Journal of a residence in Chili during the year 1822 and a voyage from Chili to Brazil in 1823*. Longman, etc., and John Murray, London, 1824.
- Voyage of H. M. S. Blonde to the Sandwich Islands in the years 1824-1825 under captain the Right Hon. Lord Byron, commander*. 1826.
- Esboço biográfica de Dom Pedro I, com uma noticia do Brasil e do Rio de Janeiro*. (Trad. de Américo Jacobina Lacombe) Rio de Janeiro, Anais da Bibliotheca Nacional, vol. LX, 1940.

Com o nome de MARIA CALCOTT:

- A short History of Spain*, Murray, London, 1828.
- Letter to the president and members of the Geological Society in answer to certain observations contained in Mr. Greenough's anniversary address of 1834*. Brettal, London, 1834.
- Description of the chapel of the Annunziata dell Arena in Padua*, with engravings from drawings by A. W. Calcott, R. A. Brettal, London, 1835.
- Little Arthur's History of England*. Mueray, London, 1835.
- Essays towards the History of painting*. E. Moxon, London. 1836.
- Continuation of essays towards the History of painting*. E. Moxon, London, 1838.
- The seven ages of Shakespeare*. An essay by Lady Calcott. 1840.
- The little Brackenburners and Little Mary's four Saturdays*. London, 1841.
- A Scripture Herbal*, Longman, London, 1842.

ÍNDICE GERAL

Advertência do Tradutor.....	XI
Prefácio da Autora.....	XV
<i>Diário de uma viagem ao Brasil:</i>	
Introdução: Esboço da História do Brasil	3
Diário.....	83
Segunda visita ao Brasil.....	233

APÊNDICES

I — Tábuas de importação e exportação da Província do Maranhão.....	368/370
II — Artigo de Oliveira Lima acêrca de Maria Graham.....	374
III — Notas constantes do exemplar da Autora pertencente à <i>Biblioteca de Oliveira Lima</i> — (Universidade Católica — Washington).....	379

ÍNDICE DAS GRAVURAS

GRAVURAS	ENTRE PÁGS
I — Valongo (sic), ou mercado de escravos no Rio.....	IV/V
II — A árvore do Grande Dragão, de Oratava, da qual Humboldt fez uma interessante descrição. Éle a viu em pleno desenvolvimento. Quando a desenhei ella havia perdido metade de sua copa.....	94/5
III — Vista do Portão do Conde Mauricio em Pernambuco, com o Mercado de Escravos.....	118/19
IV — A árvore da Gamela, na Bahia.....	146/47
V — Laranjeiras.....	178/79
VI — O Rio visto do outeiro da Glória.....	182/83
VII — Vista da casa de campo do Conde de Hoggendorp	186/87
VIII — O Coreovado, visto de Betafogo.....	246/47
IX — Palácio de São Cristóvão.....	272/73
X — Donna Maria [Quitéria] de Jesus.....	324/25
XI — Cemitério dos Ingêses (Rio de Janeiro).....	348/49

VINHETAS

I — A da cabeça da página 83 do Diário, representa as duas árvores pequenas do Dragão. A de uma cabeça só tinha vinte anos quando a vi, e não se havia ainda extraído dela o sangue do Dragão. A outra tem cerca de um século e a casca está desfigurada pelas incisões feitas à procura de resina.....	83
II — Aspecto de Pernambuco, visto da ilha dos Côcos, dentro do Recife.....	105
III — Escravas transportando uma pipa nas ruas de Pernambuco	143
IV — Cadeirinha, na Bahia.....	145
V — A Igreja e o convento de Santo Antônio da Barra na Bahia, vistos da Roça.....	173
VI — O Pão de Açúcar, na entrada da baía do Rio de Janeiro	174
VII — Extremidade de uma ilha na baía do Rio de Janeiro. Note-se a variedade da vegetação.....	225
VIII — Presos incumbidos de carregar água no Rio de Janeiro	242
IX — Carro de pedras no Rio de Janeiro.....	362

FAC-SIMILES

Carta ao Imperador.....	XII/III
Frontispício da edição inglesa.....	XIII
Carta a José Bonifácio.....	273

GRAVURAS INÉDITAS

(não constantes da edição original)

	ENTRE PÁGS.
A porta norte do Recife (da varanda da casa do Sr. Stewart) ..	116/19
Árvore no bairro da Graça (Bahia) notável pelas parasitas.....	148/49
Jardim na Bahia.....	162/63
O morro da Graça — No primeiro plano o Largo do Machado	174/75
Vista do Corcovado.....	174/75
Lagoa Rodrigo de Freitas.....	176/79
Rua do Catete — Caminho para a Glória.....	182/83
Fonte da Saudade.....	182/83
O aqueduto de Santa Teresa.....	182/83
Igreja de São Francisco de Paula.....	186/87
Panorama das montanhas cariocas.....	190/91
São Luís — Caminho da Gávea para Tijuca.....	190/91
Saída da barra do Rio de Janeiro.....	214/15

Fazenda de Nossa Senhora da Luz.....	222/23
Copacabana — Vista do Morro de Cantagalo.....	300,01
Fazenda dos Afonsos.....	308,09
Fazenda dos Afonsos.....	308,09
Freguezia de Santo António.....	312/13
Vila de São Francisco Xavier de Itaguaí.....	312/13
Palácio de Santa Cruz.....	320,21
Campinho.....	320,21
Vista da janela da casa à rua dos Pescadores (Visconde de Inhaúma).	336,37

ADVERTÊNCIA DO TRADUTOR

É esta a primeira tradução integral do jornal de Maria Graham (*Maria* e não *Mary*, como insistem em escrever muitos autores). Cingimo-nos, tanto quanto possível, ao texto inglês, nem sempre muito claro, tendo em vista que se trata de um diário, redigido, muitas vezes, ao correr da pena. Limitamos as notas aos pontos em que se tornava imprescindível uma correção ou aditamento. As alterações de nomes ou frases, às vezes derivadas da má revisão, vão corrigidas em meros acréscimos entre colchetes.

A personalidade da autora está a exigir de brasileiro estudo carinhoso e digno. O mais completo trabalho na Inglaterra é o de ROSAMUND BRUNEL GOTCH, *Maria, Lady Callcott, the creator of "Little Arthur"*, London, John Murray, 1937, 319 págs., ilustr., anterior, infelizmente, à publicação dos importantes documentos ora pertencentes à nossa Biblioteca Nacional(*), tão valiosos para a biografia da simpática viajante.

Merece menção, ainda, a edição chilena do *Journal of a residence in Chili, during the year of 1822 and a voyage from Chili to Brazil in 1823*. London, John Murray 1824, tradução de José Valenzuela, 2 tomos, 1902-1909 — reaparecida com revisão de Graciela Espinosa de Calm em 1953.

As notas numeradas são da autora. As do tradutor são precedidas de asterisco.

A parte relativa a Pernambuco foi cotejada com a tradução de ALFREDO DE CARVALHO, na "Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano", tomo XI, 1904. Para os demais trechos servi-me igualmente dos excerptos que ocorrem nos trabalhos de C. DE MELO LEITÃO, *Visitantes do Primeiro Império*, Comp. Ed. Nacional - "Brasiliana", São Paulo, 1934, e *O Brasil visto pelos ingleses*, id., 1937.

Devo registrar os meus agradecimentos aos amigos Comte. Afrânio Faria, pelos dados relativos ao pôrto do Recife, prof. Paulo César Machado da Silva, que me auxiliou na pesquisa das citações,

(*) Tais documentos compreendem uma crônica de Dom Pedro I, (inédita), e uma coleção de cartas autógrafas de D. Leopoldina, seguidas de outros papéis de menor importância. Foram publicados, em português, sob o título de: *Maria Graham no Brasil: I — Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz D. Leopoldina e cartas anexas; II — Esboço biográfico de D. Pedro I, com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro*. ("Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro", 1938, vol. LX, Rio, 1940. Existe separata).

Guilherme Auler, pelos esclarecimentos fornecidos relativamente a Pernambuco, e Afonso Rui de Sousa, pelas notas acêrca da Bahia. É de justiça, igualmente, consignar minha gratidão à professôra Ailla Martins pelo auxilio prestado na cópia e revisão do manuscrito português.

A presente edição aparece consideravelmente enriquecida com as notas constantes do exemplar da Autora, redigidas em sua segunda viagem ao Brasil, quando vinha assumir o cargo de professôra da futura Rainha de Portuga'. Pertence hoje êste precioso volume à *Lima Library*, da *Catholic University of America*, de Washington. (V. *Apêndice III*). Aqui ficam nossos agradecimentos ao professor Manuel da Silveira Cardoso por essa valiosa cooperação.

As ilustrações desta edição exigem, ainda, uma explicação especial. Em 1845, Sir William Callcott, viúvo da autora, legou ao *British Museum* uma centena de desenhos relativos às viagens ao Brasil.

Em 1849 obteve o Embaixador Joaquim de Sousa Leão Filho uma coleção de fotografias dêsses debuxos que cedeu à Companhia Editora Nacional e aqui se publicam pela primeira vez por gentileza daquele historiador. São todos de autoria de Maria Graham.

Quanto às gravuras da edição inglêsa são de Augusto Earle: *O mercado de escravos do Rio*, *O mercado de escravos do Recife* e o *Retrato de Maria Quitêria*. A respeito dêsse artista, apelidado "*The Wandering Artist*", pouco se sabe. Nasceu entre 1776 e 1786 e faleceu antes de 1850. Autor de *A narrative of nine month's residence in new zeland with a journal on Tristan d'Acunha*, London, Longman, Rees etc., 1832, sabe-se que esteve no Rio em 1820, foi ao Chile, a Lima, voltou à Inglaterra, tornou ao Brasil em 1824, em caminho para a Índia, e naufragou em Tristão da Cunha, donde chegou à Austrália. Passou novamente por nossa terra em 1832, membro da expedição de Darwin, no *Beagle*, desembarcando por doente não se sabe onde.

São dados igualmente fornecidos pelo benemérito Embaixador Sousa Leão.

A. J. L.

à Sa. M. (Théodose) le
11 7^e octobre 1824

Sire

Il me fait l'honneur de me nommer gouvernante de la princesse impériale. Comme Madame Clémence, ses sœurs, selon le contenu des lois de l'Empire, je serais chargée de diriger son éducation morale et intellectuelle. J'espère que votre Majesté voudra bien l'importance de ma charge et que je n'aurai à perdre aucun instant que de votre Majesté et de la Princesse l'Impératrice.

Je m'efforce que par les principes de la connaissance préliminaire pour donner l'éducation à la princesse elle-même pour enseigner notamment tous les arts et toutes les sciences, par ce que cela développera les forces de son esprit et l'habitue pour cultiver avec profit toutes les sciences. Les mathématiques sont surtout recommandées bien les langues, et surtout l'allemand, surtout que ses habits et ses manières et ses sentiments soient dignes de sa naissance et de son état.

Je remplis ces devoirs importants et suis très honorée que je tienne votre Majesté les pouvoirs de sa confiance et aux emplois, aux sœurs et aux compagnes de la princesse.

Exposição da Maria Graham ao Imperador Dom Pedro I sobre a educação da Princesa D. Maria de Glória. (Manuscrito do arquivo do Museu Imperial - Petrópolis)

insolence; et sur tout que ses femmes
de chambre ne prennent pas la
liberté de la faire sortir, de s'asseoir
dans les autres appartements de palais
ou de faire entrer des personnes chez
elle sans s'en accorder. (ou comment
est ce que je serois de la prime
après les d'arches qui ont le pouvoir
de la souveraineté a ma surveillance
quand ven leur veilla?

me faire respecter votre Majesté.
Impériale de me faire justice et
d'être assuré que les motifs qui me
font à servir au jour d'hui
proviennent du désir de tout faire
pour remplir de mon mieux, les
devoirs que votre Majesté Impériale
m'a imposés - que je n'ai d'autre
desir que d'apaiser le Souverain de
votre illustre élève en la rendant
digne de votre Majesté et de l'honneur
qu'elle m'a fait que j'observerai toujours
avec exactitude jusqu'aux moindres
ordres de votre Majesté.

Avec les sentiments du plus profond
respect pour votre Majesté Impériale
pour d'être sa très humble et

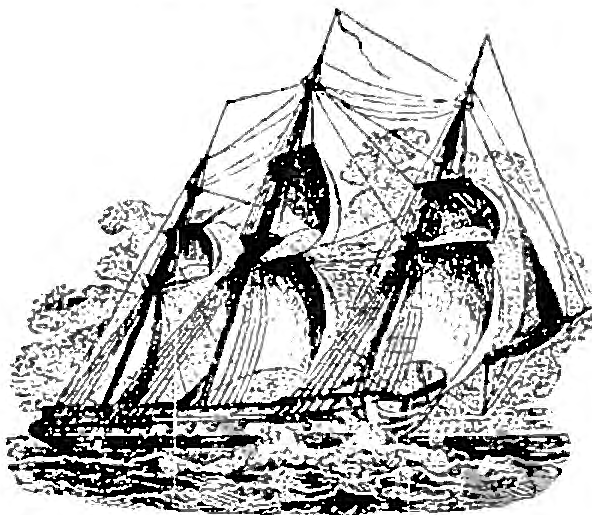
très obéissante servante

Marx Grasse

JOURNAL
OF A
VOYAGE TO BRAZIL,
AND
RESIDENCE THERE,
DURING PART OF THE YEARS 1821, 1822, 1823.

By MARIA GRAHAM.

ONCE MORE UPON THE WATERS, YET ONCE MORE,
AND THE WAVES SOUND BENEATH ME AS A STEED
THAT KNOWS HIS RIDER



LONDON:
PRINTED FOR LONGMAN, HURST, REES, ORME, BROWN, AND GREEN,
PATERNOSTER-HOW;
AND J. MURRAY, ALBEMARLE STREET.
1824.

PREFÁCIO

da Autora

AINDA que a idéia de uma eventual publicação não tenha sido estranha à redação deste diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada de muitos meses naquele país, muitas circunstâncias imprevistas forçaram ainda a autora a revê-lo antes de ser entregue ao prelo, bem como a cancelar muitas páginas que fixavam acontecimentos públicos e privados.

Talvez restem ainda demasiadas referências de natureza pessoal, mas o que aí fica dito é, pelo menos, honesto. Se a autora tiver de pagar pessoalmente pela sua sinceridade sofrerá com satisfação.

Talvez só haja de novo no *Diário*, relativamente aos acontecimentos públicos, a exposição em conjunto de notícias que chegaram isoladas à Europa, e ainda o registro da impressão produzida no local por ocorrências que, de longe, pediam ser apreciadas de maneira diferente. Alguns fatos foram sem dúvida deformados pelas fontes interessadas através das quais chegaram ao público; outros, pela ignorância dos informantes; e a maior parte pelo espírito partidário, que encara sempre, ora com entusiasmo, ora com malevolência, a conquista da liberdade em qualquer parte do globo.

A autora não tem pretensões à perfeita imparcialidade, pois nem sempre esta significa virtude. Mas, sabendo que nenhum bem humano pode ser alcançado sem certa dose de mal, espera ter sempre encarado as questões pelos dois lados, ainda que isto lhe tenha custado bastante esforço na composição.

Tudo que se diz dos naturais do país, ou dos que ficaram a seu serviço, quer permaneçam ainda nos postos, quer não mais estejam no Império, foi escrito sob a impressão do momento. A confiança da autora no bom senso e na justiça do governo e do povo brasileiro é tamanha que ela deixa êsses trechos tais e quais os escreveu.

Tão graves foram os acontecimentos dos três últimos anos no Brasil que se julgou melhor não interromper-lhes a narrativa com a intercalação do que se poderia chamar a história pessoal da autora enquanto foi ao Chile. Assim é que vão impressas juntas as narrativas das duas estadas no Brasil, em seguida a uma introdução contendo um esboço da História do país antes da primeira visita. Uma noticia acêrca dos acontecimentos públicos no ano de ausência, serve de ligação entre as duas viagens.

O *Diário de uma viagem ao Chile* será tema para um volume à parte(*).

Julgou-se conveniente separar completamente as narrativas referentes à América Espanhola e à América Portuguesa, já que nos países que as constituem são diferentes não só o clima e as produções quanto os habitantes por suas maneiras, sociedade, instituições e govêrno.

Não há nada mais interessante que a situação atual de tôda a América do Sul. Enquanto a Europa se empenhava na grande luta da Revolução, aquela região alcançava silenciosamente uma posição em que se tornava impossivel a submissão por mais tempo a um domínio estrangeiro. Foram fatos, e não leis, que abriram os portos do Atlântico Sul e do Pacífico. Foram também individuos, e não nações, que prestaram auxilio aos patriotas do Novo Mundo. Saíram mais armas e munições para armar os nativos contra os tiranos estrangeiros, ocultamente, dos armazens comerciais que dos arsenais das grandes nações. A Família Real de Portugal ali se refugiou; e o país passou, assim, de colônia a sede do govêrno, e da condição de escravo à de um Estado soberano. Enquanto a côrte continuava a ter sede no Rio de Janeiro, os brasileiros não tinham assim motivo algum para romper com a mãe pátria. Tudo mudou, porém, desde que o rei voltou para Lisboa e desde que as Côrtes, esquecendo as mudanças operadas pelas circunstâncias na mentalidade do povo, tentaram forçar o Brasil a voltar ao estado abjeto do qual se havia libertado. Irronpeu então a luta, parte da qual teve a autora oportunidade de testemunhar e a respeito da qual pôde coligir alguns dados, que poderão servir no futuro como fontes para a história. Confia ela em que, se *tôda a verdade* não fôr encontrada em suas páginas, não haverá ali *senão a verdade*.

(*) *Journal of a residence in Chili during the year 1822 and a voyage from Chili to Brazil in 1821.* Lond., 1824.

Não é com pequena ansiedade que este *Diário* é lançado ao mundo. Espero que desperte interêsse pelo país, tornando-o mais bem conhecido. Talvez tenha a autora sobre-estimado sua capacidade, ao tentar fixar o curso de um acontecimento tão importante como a emancipação de tamanho império do domínio da mãe-pátria. A falta de saúde, entretanto, e, às vèzes, a falta de disposição, impediram a autora de utilizar-se de todos os meios que podiam ter sido postos a seu alcance para aperfeiçoar seus conhecimentos. Espera, entretanto, que não tenha havido enganos de maior importância e que o *Diário*, cuja composição a entreteve em muitas horas de solidão e tristeza, não traga aborrecimento algum a quem quer que seja.

DIÁRIO
DE UMA VIAGEM
AO BRASIL

INTRODUÇÃO(*)

Esbôço da História do Brasil

PARA MELHOR COMPREENSÃO dos acontecimentos políticos de que fui testemunha ocular, julguei necessário antepor o seguinte esbôço da História do Brasil ao meu diário de viagem.

A primeira parte da história foi quase tôda extraída de Southey, embora me tivesse sido fácil basear-me em autores portuguezes, já que li quase tôdas as fontes impressas citadas pelo cronista, além de outras que êle não menciona. O Sr. Southey(**), porém, foi tão fiel e criterioso no uso que fez dêsses autores, que seria absurdo, se não impertinente, desprezar-lhe a orientação. Desde a chegada do Rei ao Brasil, ou melhor, de sua partida de Lisboa, porém, sou responsável por tudo que afirmo; é pouco, mas espero que êsse pouco esteja certo.

As condições da América Portuguêsa e da América Espanhola foram muito diferentes em cada fase de sua história. No México, no Peru e no Chile, encontraram os conquistadores um povo civilizado e humano, afeito a muitas artes da vida social; povo agricultor e conhecedor de algum offício, familiarizado com as cousas relativas ao altar e ao trono, empenhado em guerras de conquista e de glória. Os selvagens do Brasil, porém, eram caça-

(*) Esta introdução mereceria, a rigor, sérios e longos reparos. Limitamos, porém, a pequenas e indispensáveis correções, visto como a ninguém ocorrerá estudar por ela a formação colonial brasileira. É a própria autora que informa honestamente tratar-se de um simples extrato de Southey, para uso de estrangeiros. Basta, pois, esta advertência. As pequenas extravagâncias gráficas do texto inglês, provavelmente enganos de copistas e impressores, nem sempre merecem nota especial. Quando se trata de simples erros de redação, vão assinalados entre colchetes os termos corrigidos.

(**) ROBERT SOUTHEY, *History of Brazil*, London, printed for Longman, Hurst, Rees, and Orme, 1810-19, 3 vols. in 4.º gr. O tomo primeiro foi reimpresso em 1822.

dores e canibais. Nômades, combatiam forçados pela fome; poucas das tribos conheciam sequer o cultivo da mandioca, e menor número ainda usava qualquer espécie de vestuário, a não ser a tatuagem e as penas como ornamento. As conquistas espanholas foram mais rápidas e firmaram-se mais facilmente, pois nos países mais avançados em civilização a derrota de um exército decide a sorte de um reino; as terras, já cultivadas, e as minas, já conhecidas e exploradas, passaram imediatamente ao poder dos conquistadores.

No Brasil as terras, que foram concedidas às léguas, tiveram de ser conquistadas às polegadas às hordas de selvagens que se sucediam em inumeráveis multidões. Os hábitos migratórios tornavam natural a uma tribo ocupar imediatamente o terreno de onde havia sido expulsa a sua predecessora. As histórias dos primeiros colonizadores do Brasil não apresentam, pois, aquêles espêndidos e cavalheirescos episódios abundantes nas crônicas dos Corteses, Pizarros e Almagros. São histórias simples, constituídas muitas vêzes de cenas patéticas da vida humana, cheias de paciência, de iniciativa e de perseverança. Mas a maldade, que maculou até as melhores delas, é tanto mais odiosa quanto mais sórdida.

As próprias circunstâncias, porém, que facilitavam a fundação das colônias espanholas constituíam também motivo para acelerar-lhes a independência. A idéia e a lembrança da honra nacional e da liberdade permaneceram vivas entre os mexicanos e peruanos cultos, cujo número havia diminuído em consequência das crueldades praticadas pelos conquistadores. Mas sempre restaram bastantes para perpetuar a lembrança dos pais e manter viva a tradição das profecias anunciadas no delírio dos patriotas moribundos. Assim, quando um peruano visitava Lima, não era sem a mais viva emoção que contemplava a sala dos vice-reis onde os nichos, destinados aos retratos dos titulares, iam sendo ocupados um após outro, até completar-se o número fatal⁽¹⁾. E muito visionário da costa peruana, ao ver o Almirante da esquadra

(1) O salão dos retratos de vice-reis estava completo. Não havia nêle lugar para o de Lacema. (Dom José de la Serma).

chilena(*), terá saudado nêle o louro filho da luz, destinado a restaurar o reino dos Incas(2).

Mas no Brasil, o que fôra uma vez conquistado não mais seria recuperado pelos nativos, pois careciam êstes da tradição que, pelo menos, lhes desse a esperança de uma era melhor. Os selvagens foram, ou exterminados, ou subjugados totalmente. A caça aos escravos que fôra sistemática no período de ocupação da terra e, especialmente, após a descoberta das minas — havia diminuído e enfraquecido de tal modo os pobres índios que foi preciso introduzir os africanos, mais vigorosos. São êstes que atualmente habitam os campos do Brasil. E se aqui ou ali se encontra ainda uma aldeia indígena, sua população é miserável, num estado de civilização inferior ao dos negros, e com menos capacidade e indústria do que êstes. Por isso, enquanto os mexicanos e peruanos primitivos constituem uma parcela real e importante dos pregadores da independência dos respectivos países, ao lado dos espanhóis crioulos, os índios nada representam no Brasil. Mesmo como raça mestiça, têm menos importância entre as diferentes castas do que nas colônias espanholas. Portanto, só as rivalidades entre os próprios portugueses poderiam, no período atual, conduzir os acontecimentos até a crise presente. Estas rivalidades surgiram, porém, e embora não tivessem derivado somente da transmigração e da volta da família real, foram, pelo menos, avivadas e incrementadas por êsses fatos.

O Brasil foi descoberto em 1499 por um dos companheiros de Colombo, Vicente Yañez Pinzón, natural de Palos, que, em companhia do irmão, se encontrava em busca de novas terras. Após tocar nas Ilhas de Cabo Verde, navegou para o sudoeste até atingir a costa do Brasil, perto do cabo de Santo Agostinho, costeando-a até o rio Maranhão e daí à foz do Oroyoco. Trouxe de volta algumas drogas valiosas, pedras preciosas e pau

(*) O almirante da esquadra chilena a que se refere a A. era lordes Cochrane, de quem adiante se trata.

(2) Profecia registrada por Garcilaso de la Vega. Dizem que esgotados os exemplares do seus *Incas* foi impressa nova edição omitindo-se a profecia. [Primerá parte de los comentarios reales que trata de el origen de los Incas, Lisboa, 1609].

brasil, mas perdeu dois dos três navios na viagem. Embora não tivesse fundado ali nenhum estabelecimento, reclamou, no entanto, a terra para a Espanha.

Entrementes Pedro Álvares Cabral foi nomeado pelo rei de Portugal, D. Manuel, comandante de uma grande esquadra, destinada a retomar a rota de Vasco da Gama no Oriente. Ventos contrários, porém, conduziram a expedição de tal modo para oeste, que ela alcançou as costas do Brasil, ancorando em Pôrto Seguro na sexta-feira de Páscoa do ano de 1500. No domingo de Páscoa ergueu-se pela primeira vez um altar cristão no novo continente, debaixo de uma grande árvore, celebrando-se a missa, à qual assistiram atenta e prazerosamente os ingênuos nativos. Foi tomada posse da terra para a coroa de Portugal com o nome de Terra de Santa Cruz e erguida uma cruz de pedra para comemorar o acontecimento. Cabral despachou para Lisboa um navio pequeno a fim de anunciar a descoberta e, depois, sem fundar nenhuma feitoria, seguiu para a Índia.

Ao chegarem as notícias à Europa o rei de Portugal convidou Américo Vespucci a vir de Sevilha e enviou-o com três navios para explorar o país. Chegando ao Brasil depois de uma longa e tormentosa viagem, entrou, desde logo, em contacto com os índios, verificando que estes eram canibais. Conseguiu, no entanto, estabelecer relações com algumas tribos. Depois de costear o continente sul-americano até o grau 52 sem encontrar nem pôrto, nem habitantes, sofrendo frio intolerável, voltou a Lisboa em 1502.

Logo no ano seguinte partiu Américo de novo, com seis navios. Mas, tendo permanecido, por ordem superior, tempo demasiado junto à costa d'África após passar as ilhas de Cabo Verde, perdeu quatro navios. Não obstante, com os dois navios restantes, conseguiu chegar a um pôrto que denominou de Todos os Santos⁽³⁾. Aí ficaram cinco meses, em boas relações com os nativos, em companhia

(3) Não pode ser a Bahia, porque diz ele que após costear 260 léguas chegaram a 18° S. Ora, a Bahia fica a 12°40' aproximadamente. Há uma diferença, portanto, de 120 léguas.

Deve ser, pois, um pôrto mais ao norte.

dos quais alguns homens da expedição viajaram quarenta léguas pelo interior. Erigiram um pequeno forte, e ali deixaram doze homens com armas e provisões, e, após carregarem os dois navios com pau brasil, macacos e papagaios, voltaram a Lisboa em princípios de 1504*).

Mas, uma vez que o Brasil, — como agora começou a ser chamado, — não prometia o grande suprimento de ouro, que os espanhóis haviam descoberto em suas novas terras, ouro êsse que os portugueses obtinham com menos risco na África e no Oriente, a terra deixou por certo tempo de interessar ao govêrno. Os primeiros estabelecimentos foram efetivamente fundados por aventureiros particulares que, para garantir seus negócios, tinham interêsse em manter uma espécie de agentes junto à população. Os primeiros aproveitados para essa função foram criminosos. Num país despovoado, em que nada se tivesse de fazer senão conquistar terras, essa espécie de colonos poderia ser de alguma vantagem. Mas numa terra onde havia muitos selvagens, os resultados são desastrosos, uma vez que, ou êles se degradam ao nível dos próprios nativos, quando em boas relações com êles, ou, em caso contrário, são capazes de praticar contra os mesmos crueldades e injustiças tais que lhes provocam o ódio, tornando difficil a colonização. E, ainda quando lhes ensinam alguma coisa, só divulgam o que há de pior na vida das nações civilizadas.

Mas, em 1508, tendo Américo Vespucci voltado ao serviço de Espanha, o rei dêste país resolveu tomar posse da nova terra que fôra descoberta. Fundamentando-se nas concessões de Alexandre VI, enviou Vicente Yañez Pinzón e Juan Dias de Solis para garantir os seus direitos. Alcançaram o cabo de Sto. Agostinho, que Pinzón havia descoberto, e percorreram a costa até 40° de latitude Sul, erguendo cruces por onde passavam. Mas surgindo desentendimentos entre os dois navegadores, voltaram êles à

(*) Aqui há confusão da Autora. O que diz Southey é que dezessete dias depois chegaram a um porto de Todos os Santos "que parece ser a Bahia", onde ficaram mais de dois meses. Daí saíram e, após costear 260 léguas para o Sul, desembarcaram a 18°. Ali, nesse novo local, permaneceram cinco meses, penetraram 40 léguas pelo sertão e levantaram um forte. Este local é, segundo VARNHAGEN, Cabo Frio. [*História Geral do Brasil*, 4.ª ed. integr. S. Paulo, 1948, p. 93].

Espanha. Parece que as reclamações de Portugal contra esta viagem, considerada uma interferência nos seus domínios, tiveram certo pêsso, pois só em 1515 foi Solis enviado em segunda viagem, já então com a finalidade ostensiva de procurar uma passagem para o Grande Oceano Pacífico, descoberto por Balboa em 1513. Este extraordinário e infeliz homem foi o primeiro europeu cujos olhos pousaram sôbre o grande oceano. Ouvira falar dêle pelos índies e partiu resolutamente para descobri-lo, bem prevenido dos perigos e dificuldades a vencer. Depois de vinte e cinco dias de sofrimento e fadigas, avistou o Mar do Sul. Ouviu então falar do Peru, das suas minas, das lhamas, das cidades e seus aquedutos e recebeu pérolas⁽⁴⁾ das ilhas que ficam em frente da baía de São Miguel. Foi aí que avançou de espada em punho pelo mar a dentro até a água chegar à cintura e tomou posse do mar em nome do rei de Espanha. Ninguém mais na Europa duvidava então de que o caminho ocidental para as Índias Orientais estava descoberto. Daí as grandes esperanças depositadas na expedição de Solis. Este navegador percorreu a costa do Brasil muito para o sul do cabo de Sto. Agostinho — onde já estivera com Pinzón. A 1.º de janeiro de 1516 descobriu a baía do Rio de Janeiro, de onde partiu para o sul e entrou no que êle esperava fôsse um mar, ou estreito, pelo qual se comunicaria com o oceano. Era, porém, o rio da Prata, onde Solis e vários de seus companheiros foram mortos e devorados pelos nativos. Os navios dirigiram-se então para o cabo de Santo Agostinho, carregados de pau brasil, retornando à Espanha.

O rei D. Manuel de Portugal, porém, reivindicou tais cargas e protestou de novo, com tal intensidade, contra a interferência da Espanha, que, três anos depois, quando Magalhães tocou no Rio de Janeiro, apenas pôde comprar provisões.

Nesse ínterim, diversos aventureiros franceses haviam estado no Brasil, levado sua carga de pau brasil, macacos, papagaios, e saqueado, às vêzes, alguns dos mercadores portugêses mais fracos. Em 1616 dois dêsses aventureiros

(4) Ilhas das Pérolas, na baía de Panamá. As areias das praias destas ilhas são de ferro, e atraídas pelo ímã tão facilmente como a limalha de aço

entraram pela baía de Todos os Santos e já haviam iniciado o comércio com os índios quando o comandante português Cristóvão Jaques, entrando pelo pôrto e percorrendo tôdas as suas enseadas, os descobriu e afundou-lhes os navios com tripulações e cargas. Pela mesma época, um jovem fidalgo português que havia naufragado num banco de areia fora da entrada da barra⁽⁵⁾, e que vira uma parte de seus companheiros morrerem afogados e a outra devorada pelos índios, empreendeu a pacificação dos nativos. Havendo salvo do naufrágio um mosquete e alguma pólvora, e conseguindo alvejar um pássaro, na presença dos selvagens, ficou sendo chamado Caramuru, ou *o homem de fogo*, e, acompanhando-os numa expedição contra os inimigos Tapuias, tornou-se o favorito da tribo. Casou-se com uma índia e fixou residência no local hoje chamado Vila Velha, perto de uma excelente fonte e não longe da entrada da baía.

Caramuru, porém, sentiu saudades de sua terra natal e, aproveitando então a oportunidade oferecida pela chegada de uma nau francesa, seguiu com sua mulher para a França, onde foram bem recebidos na côrte. O rei e a rainha serviram de padrinhos no batizado da mulher brasileira, cujo casamento foi então celebrado pelo ritual cristão. Caramuru não teve entretanto licença para ir a Portugal. Mas, por intermédio de um jovem português estudante em Paris⁽⁶⁾, fez saber sua situação ao rei Dom João III a quem encareceu a necessidade de enviar uma expedição à baía de Todos os Santos. Logo depois Caramuru voltou à Bahia, concordando em fretar dois navios com pau brasil como pagamento de sua passagem, da artilharia dos navios e das mercadorias necessárias para o comércio com os índios.

Enquanto, porém, o Brasil não produzia ouro, nem proporcionava os lucros comerciais que os portugueses obtinham nos negócios da Índia, permaneceu quase inteiramente entregue a si mesmo durante os primeiros trinta anos depois de descoberto. As determinações legais então adotadas pela côrte não foram, talvez, as mais favoráveis

(5) Pense que no de Santo Antônio da Barra. {Barra}.

(6) Pedro Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil.

ao país. A costa foi dividida por D. João III em capitánias, muitas das quais estendendo-se por cinquenta léguas. Cada uma delas foi considerada hereditária e concedida a qualquer que quisesse embarcar com meios suficientes para a aventura. A êsses donatários foi concedida uma jurisdição ilimitada, tanto no crime como no cível.

A primeira pessoa a tomar posse de uma dessas capitánias, em 1531, foi Martim Afonso de Sousa, que reivindicava por vêzes o título de descobridor do Rio de Janeiro, embora essa designação tenha sido dada à baía por Solis quinze anos antes. Sousa foi provavelmente impedido de fixar-se nas praias desta baía pelo número e ferocidade das tribos indígenas que as ocupavam. Seguiu, por isso, para o sul, dando nome aos acidentes geográficos: ilha Grande dos Magos encontrada no décimo segundo dia, quando

Três reis, ou, o que mais vale, três sábios

Lá vão para o ocidente em busca do verdadeiro oriente do mundo (7);

São Sebastião no vigésimo, e São Vicente no vigésimo segundo dia. Mas, depois de haver seguido para o sul até o Prata, voltou às vizinhanças de São Vicente, onde finalmente fundou sua colônia, e de onde tirou o nome para tôda a capitania.

Martim Afonso de Sousa não era homem comum. Não relaxou os cuidados para com a sua colônia, mesmo depois de voltar ao reino e ser enviado como governador geral à Índia, onde já se havia notavelmente distinguido antes. Foi êle quem introduziu ali a cana de açúcar importada da ilha da Madeira. Foi ali, também, que se criou o primeiro gado vacum, que se espalhou por todo o continente da América do Sul. Estas cousas revelaram-se de mais valor real para a terra do que suas minas.

Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa, recebeu suas cinquenta léguas de costa em dois lotes: um, de Santo Amaro, ficava imediatamente ao

(7) "Three kings, or what is more, three wise men went Westward to seek the world's true orient".

norte de São Vicente e o outro, o de Tamaracá, ficava situado entre Pernambuco e Paraíba.

Pelo mesmo tempo o fidalgo Pero de Góis tentou estabelecer-se na Paraíba do Sul. Mas após dois anos de razoável prosperidade, foi atacado pelos Goaytacazes [Goitacás]. Cinco anos de guerra reduziram-no à contingência de pedir ao Espírito Santo navios para transportar seus colonos.

Vasco Fernandes Coutinho começou a colonização do Espírito Santo no mesmo ano (1531) em que as primeiras colônias foram fundadas. Reunira êle uma grande fortuna no Oriente que despendeu, na maior parte, na convocação de voluntários para sua nova colônia. Sessenta fidalgos e elementos da Casa Real acompanharam-no. Tiveram feliz viagem. À chegada construíram um forte que chamaram de Nossa Senhora da Vitória e fundaram quatro engenhos de açúcar. Coutinho voltou a Lisboa em busca de recrutas e de aparelhamento para a mineração, já que os colonos haviam observado alguns sinais positivos de existência de ouro e pedras preciosas na terra. A capitania vizinha, Pôrto Seguro, foi doada a Pero do Campo Tourinho, nobre e navegador, que vendeu suas propriedades na pátria e organizou um selecionado grupo de colonos com os quais se estabeleceu em Pôrto Seguro, o pôrto onde Cabral tomara posse do Brasil. A história da colonização de Pôrto Seguro, como de tôdas as outras capitanias, está conspurcada pelas mais atrozes crueldades, não só as que os soldados cometem no calor da batalha, mas algumas frias e calculadas atrocidades, como o extermínio de homens por causa dos canaviais, esperando-se pacientemente o *fruto do crime*(8).

Ilhéus, assim chamada pelo seu rio principal, que tem três ilhas na foz, foi fundada por Jorge de Figueiredo

(8) Espero que não seja verdadeira a seguinte história embora a saiba de boa fonte: — Nessa mesma capitania, nesses vinte anos, uma tribo indígena havia-se tornado de tal modo incômoda que o Capitão-mor resolveu desembaraçar-se d'ela, atacando-a. Defenderam-se os índios, porém, tão bravamente que os portugueses resolveram desistir da guerra aberta. Com fingida simplicidade depositaram em lugares onde os pobres índios provavelmente os encontrariam, enfeites e brinquedos contaminados de varíola. O plano foi bem sucedido e os selvagens de tal modo enfraquecidos foram facilmente subjugados.

Correia, funcionário do Tesouro no governo de D. João III, entre 1531 e 1540, e floresceu rapidamente. Era notavelmente adequada à cultura da cana de açúcar.

A Baía de Todos os Santos, com o território adjacente, foi doada a Francisco Pereira Coutinho, fidalgo que se havia distinguido na Índia. Fixou residência na Vila Velha, onde Caramuru havia formado sua pequena colônia e onde dois homens de sua comitiva se casaram com as filhas do naufrago.

A baía, ou recôncavo de Todos os Santos é um magnífico ancoradouro. A barra parece ter uma légua de largura, mas à direita de quem entra há um banco de areia, chamado Santo Antônio da Barra, muito perigoso para navios grandes, e, à esquerda, recifes de coral que se estendem desde Itaparica.

A terra que a circunda é tão fértil que deve ter sido objeto de permanente cobiça quer dos habitantes selvagens quer dos civilizados. Não é de espantar, pois, que três revoluções, isto é, três mudanças de ocupantes, expulsando-se mutuamente, tenham ocorrido, segundo a tradição dos índios, antes da fundação de Coutinho.

Este nobre, que passara a mocidade nas guerras da Índia Portuguesa, cruel e imprudentemente perturbou a paz reinante, com o assassinio do filho de um dos chefes. A consequência foi que, após uma guerra desastrosa, no correr da qual os engenhos de açúcar, já florescentes, foram queimados, tanto ele como Caramuru foram obrigados a abandonar a colônia e retirarem-se para Ilhéus. Logo depois, porém, Coutinho fez a paz com os índios, mas, ao voltar para o recôncavo, naufragou num recife além de Itaparica, onde foi trucidado pelos selvagens. Caramuru foi poupado e voltou à sua velha moradia.

Na colônia de Pernambuco, o primeiro donatário, Duarte Coelho Pereira, encontrou resistência não só por parte dos nativos, mas também de alguns franceses, que mantinham um comércio, irregular porém rendoso, na costa e que se aliaram então aos índios para retardar a colonização regular que, provavelmente, poria fim àquele

tráfico. A colônia contudo havia sido fundada em Olinda⁽⁹⁾, em situação tão bela quanto forte. Pereira planejou dispor algumas tribos indígenas em seu favor. A guerra foi de pequena duração, não tendo ido muito além da captura da pequena colônia de Garussa [Igaracu], situada na mata, e próxima à enseada que separa a Ilha de Itamaracá da terra firme, mas dificultou a prosperidade da capitania.

A última colônia fundada durante êsses dez anos, cheios de acontecimentos, foi o Maranhão. Três personagens aventuraram-se a esta colonização, conjuntamente. O mais célebre foi João de Barros, o historiador; os outros foram Fernão Álvares de Andrade, pai do autor da Crônica^(*), e Aires da Cunha.

Aires da Cunha, os dois filhos de João de Barros e mais novecentos homens partiram com dez navios para sua nova possessão, mas naufragaram nos Baixios do Maranhão. De modo que muito tempo se passou antes que fôsse retomado o empreendimento. Cunha afogou-se, e os filhos de João de Barros foram mortos pelos índios. O resto dos tripulantes sobreviveu com dificuldade numa condição miserabilíssima.

Entrementes fôra descoberta a passagem pelo estreito de Magalhães e os espanhóis, a princípio sob o comando de Sebastião Caboto e depois de D. Pedro de Mendoza, fundador de Buenos Aires, começaram a colonização nas margens do Prata, não sem a opposição dos portuguezes e uma ainda mais obstinada e fatal resistência por parte dos índios. As tribos naquelas vizinhanças parecem ter sido mais civilizadas do que as da costa do Brasil e, consequentemente, inimigos mais perigosos das cidades nascentes. Orellana havia também realizado sua ousada viagem através do imenso rio que é algumas vêzes chamado pelo seu nome. Veio êle depois a perecer ao tentar estabele-

(9) SOUTHEY, em nota ao primeiro volume, menciona o nome de Marim dado a Olinda por Hans Staade [Staden].

Os demais brasileiros chamam ainda de *marineros* os pernambucanos do Recife. Será isto devido à cidade, a seus hábitos marítimos ou ao nome da aldeia indígena Marim, que havia nas vizinhanças?

(*) Refere-se a Francisco de Andrade, autor da *Crônica do muito alto e muido poderoso rei d'êste reino de Portugal D. João, a III d'êste nome*, Lisboa, 1613.

cer-se em suas margens. Quase igual sorte teve Luís de Melo da Silva que tentou a mesma cousa por parte de Portugal.

Cabeza de Vacca havia feito também a sua travessia aventureosa de Santa Catarina e, depois de assumir o govêrno de Assunção, chefiou várias expedições descobridoras, sempre na esperança de encontrar caminho fácil para as regiões do ouro. Numa dessas excursões encontrou os sinais da passagem do aventureiro Garcia, português que, por ordem de Martim Afonso de Sousa, empreendera, com cinco companheiros, a exploração da América do Sul(*). Este homem conseguiu de tal modo a conciliação com os índios que foi acompanhado por um exército considerável dêles e diz-se que penetrou até Tarija. Crê-se que pereceu às mãos de um de seus companheiros, mas não há minúcias acêrca de seu destino.

Durante os dez annos seguintes nada de notável ocorreu em relação ao Brasil, exceto a fundação da cidade do Salvador, por Tomé de Sousa, primeiro Capitão-Geral do Brasil, que trouxe com êle os primeiros missionários jesuítas. Para sede de sua nova cidade Tomé de Sousa escolheu o morro que fica logo acima da parte mais profunda do pôrto da Bahia. A cidade é protegida, pela retaguarda, por um lago profundo, e fica a cêrca de meia légua da Vila Velha de Coutinho e Caramuru.

Os interêsses materiais da nova colônia lucraram extraordinariamente com a amizade e a assistência do patriarca Caramuru. Quanto aos espirituais, já era de fato tempo de se fazer sentir no Brasil alguma regra de fé e de moral. Os colonos não haviam tido até então como pastores senão frades, cujos costumes eram tão dissolutos quanto os dêles próprios e que encorajavam nêles uma depravação licenciosa, difficilmente menos chocante que o canibalismo dos selvagens. Estes últimos são acusados de comer as crianças que suas próprias filhas gerassem com os prisioneiros de guerra, — cousa tão contra a natureza que só pode ser acreditada porque, por outro lado, os portuguezes vendiam como escravos até os filhos

(*) Aleixo Garcia, que partiu de S. Vicente em 1526, atravessou o Paraná e invadiu o Peru. V. RUI DIAZ DE GUSMÁN, *Argentina* (1612) — B. Aires, 1882.

que haviam tido com as índias. O Apóstolo do Brasil, como bem pode ser chamado, e chefe dos seis jesuítas que acompanharam Sousa, foi Nóbrega, contemporâneo e rival de São Francisco Xavier no desinterêsse dos serviços prestados a seus semelhantes. Foi um novo Las Casas, pelos seus ingentes esforços para proteger e bem assim converter os indígenas.

O Brasil estava-se tornando objeto de importância para a coroa de Portugal. A nova colônia da Bahia foi fundada à custa do rei e por sua conta foram enviadas 1.000 pessoas no primeiro ano de existência, 1549. Em quatro meses já havia ali cem casas e seis fortalezas. A catedral, o colégio dos jesuítas, o palácio e a alfândega estavam em início de construção; o conjunto era defendido por uma muralha de taipa. No ano seguinte chegaram recursos de todo gênero de Lisboa e, no ano seguinte, várias órfãs, de família nobre, foram mandadas para casarem-se com os funcionários, com dotes representados por negros, vacas e éguas.

Por êsse tempo desgarrou uma expedição espanhola destinada ao Rio da Prata e um dos navios naufragou ao longo de São Vicente. A Hans Staade (Staden), um dos membros da tripulação que sobreviveu, e após várias aventuras caiu no poder dos índios, devemos a mais autêntica e minuciosa descrição dos selvagens brasileiros⁽¹⁰⁾. É curioso que os índios do novo mundo excedessem tanto em barbaridades tôdas as tribos bárbaras do velho mundo. Não se conhece entretanto nenhuma narrativa autêntica de que se tivessem trazido canibais da África, ao passo que nenhum dos que primeiro escreveram sobre o Brasil e seus habitantes deixou de insistir no amor dos índios pela carne humana, como característica da raça.

O ano de 1552 notabiliza-se pela chegada do primeiro bispo ao Brasil. Sua sede foi fixada em São Salvador.

(10) Na *História da Província de Santa Cruz* por Pero de Magalhães de Gândavo (Cancavo), 1576, há uma descrição que bem se ajusta à que Souti ey extraiu de Hans Staade (Staden) e de Lery. Longe está, porém, de ser tão repugnante. Há uma gravura em cobre representando a condução forçada do prisioneiro amarrado e que deve ser abatido com uma clava. O autor fornece uma curta descrição das plantas então conhecidas e dos animais do Brasil e conclui fazendo votos por que as minas em cuja existência se cria, fôsse logo encontradas. — Veja-se a coletânea de trechos por Barbosa Machado.

ou, como é geralmente chamada, Bahia. No ano seguinte Tomé de Sousa retirou-se do govêrno sendo sucedido por Dom Duarte da Costa que trouxe em sua companhia sete jesuítas, entre os quais o célebre Anchieta⁽¹¹⁾. O chefe da ordem, Loyola, ainda vivo, erigiu o Brasil em nova província e nomeou Nóbrega e Luis da Grã, que havia sido reitor em Coimbra, como provinciais associados(*). Desde então começaram os trabalhos dos padres para o verdadeiro bem do país. Qualquer que seja a opinião que se forme com relação à política da Companhia e seus objetivos finais, não há dúvida de que os meios empregados para domar e civilizar os índios eram suaves e, assim, eficientes: enquanto visavam aos próprios objetivos, os padres faziam a felicidade de seu rebanho e, por muitos séculos, não haverá reparação para o mal causado pela sua súbita expulsão, que destruiu os liames de sociedade humanizada que começavam a unir os índios a seus semelhantes.

Em 1553 Nóbrega fundou a primeira escola no Brasil, no planalto de Piratininga, cêrca de treze léguas distante da colônia de São Vicente. Anchieta foi o mestre-escola. Inaugurada a escola na festa da conversão de São Paulo, o estabelecimento e a nova colônia que surgia em tórno dela, receberam o nome do santo. São Paulo cresceu desde então até se tornar uma das mais importantes cidades do Brasil. Seus ricos minerais, suas explo-

(11) Anchieta não era sômente um homem de extraordinária fortaleza de ânimo e real piedade, mas um político de ordem superior. Seus serviços de natureza civil ao govêrno português são equivalentes aos dos grandes capitães; ao mesmo tempo não conheço ninguém com quem possa comparar seus trabalhos como missionário e professor. Seus méritos como apóstolo cristão e como homem de letras desarmaram até o Sr. Southey de seu habitual rancor contra a te Catôlica-Romana. O livro d'êste excelente escritor sobre o Brasil é realmente prejudicado pela linguagem destemperada acêrca do assunto em que a sensibilidade humana é menos capaz de suportar a contradição direta, de modo que a sua divulgação se tomou impossível e o bem que, por outro lado, poderia fazer à nação a que se destina, foi frustrado. O Sr. Southey deveria lembrar-se da citação que êle próprio extrai de Jeremias Taylor: "O ardor contra o erro nem sempre é o melhor instrumento para encontrar a verdade".

(*) Luis da Grã foi nomeado, realmente, colateral de Nóbrega na Bahia, espécie de vice-provincial, enquanto Nóbrega residia no Sul diz o padre Serafim Leite. Esclarece, ainda, o douto historiador que o cargo de colateral não é equivalente ao de sócio do provincial, na actual organização jesuítica. O sócio é secretário, consultor e admonitor, mas ao mesmo tempo é súdito. O colateral era dado ao provincial como companheiro e auxiliar. (*Hist. da Comp. de Jesus no Brasil*, II, 472).

rações de ferro e outras indústrias, e, acima de tudo, a mentalidade elevada e livre de seus habitantes, que tomaram sempre a frente em tôdas as campanhas pelo bem do país, colocam-na acima de tôdas as cidades do sul do país.

Anchieta, enquanto ensinava latim a portuguezes e mamalucos⁽¹²⁾, e portuguez aos brasileiros, aprendeu com estes a própria língua compondo uma gramática e um dicionário para os mesmos. Não havia livros para os alunos, de modo que tinha de escrever as lições diárias para cada um, em fôlhas avulsas e em quatro línguas diferentes. Servia êle de médico, ao mesmo tempo que de padre e de mestre-escola; exercia e ensinava as mais úteis artes domésticas. Mas a colônia, assim como tôdas as outras, que tinha de lutar pela própria existência, foi atacada pelos mamalucos da povoação vizinha de Santo André, que viam na instrução dos índios um passo para a abolição de sua escravidão; protestaram, assim, contra o que consideravam infração ao suposto direito que tinham ao serviço dos nativos. Com outros argumentos, conseguiram induzir algumas tribos vizinhas a ajudá-los. Foram, porém, derrotados pelos de São Paulo.

Por êsse tempo surgiram algumas disputas entre o governador e o bispo e êste resolveu voltar a Lisboa. Naufragou, porém, na costa, num local chamado Baixios de São Francisco, onde caiu prisioneiro, e, juntamente, com outras cem pessoas brancas, foi morto pelos caetés. A vingança dos portuguezes foi horrível. Os caetés foram caçados, liquidados e quase exterminados.

No ano de 1557 morre D. João III. A nomeação de Mem de Sá para governador do Brasil, antes de sua morte, impediu que o país sentisse imediatamente os males que uma regência em geral acarreta mesmo a um govêrno estabilizado, mas que certamente pesariam dez vêzes mais sôbre uma colônia nascente.

Mem de Sá era um homem de mentalidade mais esclarecida e de princípios mais humanos que a maior parte daqueles aos quais haviam sido confiadas as pro-

(12) Mamalucos eram os portuguezes naturais do Brasil, na maior parte mestiços de nativos.

víncias brasileiras. Chegou à Bahia em 1558, e applicou-se ativamente em estudar as relações recíprocas entre os portuguezes, os nativos, os índios e os mestiços.

Seus primeiros atos visaram coibir aos índios aliados algumas das práticas mais brutais, induzindo-os a formarem povoações junto às dos jesuítas. Os colonos egoístas, interessados em fomentar as lutas entre os índios a fim de obter escravos, protestaram contra essas medidas considerando-as como violação da liberdade dos nativos; desgostaram-se também com as ordens expedidas no sentido de serem declarados livres todos os índios escravizados irregularmente. Só um poderoso colono, porém, se recusou a cumprir as ordens. Mem de Sá ordenou que sua casa fôsse cercada e logo após arrasada. Tal medida visava certamente inspirar confiança aos índios e mostrar-lhes boas intenções em relação a elles; ao mesmo tempo, com enérgicas medidas empregadas para puni-los por qualquer quebra dos compromissos assumidos, conseguia fazer-se respeitar.

Entrementes um aventureiro de rara tèmpera havia fundado uma colônia na mais bela baía do Brasil, isto é, na do Rio de Janeiro. Nicolau Durand de Villegagnon era natural de Provins en Brie e cavaleiro de Malta. Em 1648 [1548] havia servido às ordens de Maria de Guise, nas intrigas da côrte francesa, conduzindo à França sua filha, a jovem rainha da Escócia. Em 1651 [1551] empenhou-se na defesa de Malta, atacada por Pacha Sinã e o famoso Dragut Reis. Dois anos depois publicou um relato dessa campanha. Tendo visitado o Brasil em 1558, Villegagnon não pôde ficar insensível às vantagens que derivariam para a França em manter ali uma colônia. De volta à Europa, apresentou à côrte tais memoriais acêrca dessas vantagens que Henrique II lhe forneceu dois navios de 200 toneladas cada um, mais um navio transporte de 100 toneladas, para conduzir os aventureiros que quisessem deixar a França e que, neste momento, eram numerosos. Villegagnon querendo interessar Coligny proclamou que o novo estabelecimento seria um refúgio para os huguenotes perseguidos. Com isso obtinha a dupla vantagem de assegurar a amizade do almirante e

ganhar um número respeitável de colonos. Assim, alcançou o Rio de Janeiro, fixando-se a princípio num penedo baixo à entrada da barra, onde há hoje um pequeno forte chamado Laje. Mas vendo que não era bastante elevado para resistir às marés mais altas, desembarcou numa ilha dentro da baía, onde só há um ancoradouro, cuja forma e posição é singularmente favorável à defesa, especialmente contra inimigos como os índios. Os do Rio estavam, porém, de há muito habituados ao tráfico com os franceses, que, se não os tinham ensinado, pelo menos os incentivavam a odiar os portugueses que Villegagnon se gabava de conseguir manter afastados com a ajuda dos selvagens.

Entretanto Coligny esforçava-se por enviar auxílios de toda a espécie: provisões, recrutas e ministros protestantes⁽¹³⁾. Mas Villegagnon, que já então se considerava seguro na sua colônia, tirou a máscara da tolerância. Comportou-se com tal tirania que muitos dos huguenotes foram forçados a regressar à França. Dêles queixou-se Villegagnon maliciosamente, chamando-os de hereges, mercedores de morte.

Mas não há nada de vista tão curta como a perversidade. A traição de Villegagnon foi a causa da ruína da empresa. Dez mil protestantes estavam prontos a embarcar para Coligny, nome então dado à ilha hoje de Villegagnon. Mas as narrativas dos que voltaram, sustou-lhes a partida e a colônia foi deixada sem capacidade de defesa.

Afinal, despertada a atenção da Corte Portuguesa para a colônia francesa, vieram ordens ao Capitão Geral para, preliminarmente, examinar a posição e, em seguida, conquistá-la se possível.

Em virtude disso Meni de Sá, acompanhado por Nóbrega e dois outros jesuítas, atacou-a em janeiro de 1560. Villegagnon estava então na França. Foram demolidas as fortificações, mas o governador não dispunha de forças suficientes para tentar fundar uma povoação. Se Villegagnon tivesse conseguido voltar com os recrutas

(13) Entre êsses estava Jean de Léry — [A chamada encontra-se, no original, após a palavra *recrutas*. Mas é evidentemente um lapso tipográfico. Refere-se a nota a ministros protestantes, aos quais pertencia Léry. N. Trad.]

que esperava, teria encontrado a colônia em condições de ser restaurada facilmente e talvez pudesse ainda tomar uma desforra pessoal. Porém sua má fé impediu que os huguenotes se juntassem a êle, a guerra civil impossibilitou o govêrno de ajudá-los e a colônia francesa pereceu.

Em 1564 Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, foi enviado de Portugal para fundar uma cidade no Rio, mas, sem meios suficientes para enfrentar os índios chefia-dos pelos poucos franceses remanescentes, seguiu para São Vicente em busca de reforços. Os que obteve, porém, somente lhe permitiram sustentar a guerra, conservando-se num local por êle fortificado⁽¹⁴⁾, não longe da entrada da baía e perto do Pão de Açúcar, penedo nu e inacessível que, de uma base de cêrca de quatrocentos pés, se eleva a mil em altura, no lado ocidental da barra. Pediu então socorro ao tio que, reunindo as fôrças que pôde lhes assumiu o comando e chegou à baía a 18 de janeiro de 1567. No dia 20, festa de São Sebastião, os índios e franceses foram atacados no seu refúgio mais forte, então chamado Uraçumiri [Uruçumirim]. Obtida pelos portuguezes uma vitória decisiva, os franceses embarcaram nos quatro navios que ainda possuíam e dirigiram-se para a costa de Pernambuco, onde tentaram conquistar o Recife, mas foram expulsos pelos portuguezes de Olinda.

Mem de Sá fundou então a cidade de São Sebastião, mais comumente chamada cidade do Rio. Para sua segurança os jesuítas e seus índios fortificaram-na, dos dois lados da entrada da barra, que dista cêrca de quatro milhas da cidade através da baía. Antes de se completarem essas obras, porém, ou de se erguerem os muros da cidade, os franceses tentaram por todos os modos perturbar a colônia nascente. Mas acabaram derrotados e seus canhões utilizados para fortificar a entrada da barra.

Expulsos do Rio, os franceses tentaram, no ano seguinte, fixar-se na Paraíba. Mas os índios, com os

(14) O Sr. Southey diz que o local é chamado Vila Velha. Mas não há nenhum local com este nome nas vizinhanças da cidade, nem consegui encontrar ninguém no Rio de Janeiro que se lembrasse de tal sítio. Provavelmente, devia ser no lugar atualmente chamado São João, ou no forte de Praia Vermelha, que corresponde exatamente à descrição.

jesuítas à frente, e com pequena tropa, sob o comando de Martim Leitão expulsaram-nos.

Sob o govêrno de Mem de Sá a situação da colônia tinha sido tão próspera que, já ultrapassado de muito o tempo de sua governança como Capitão-General, Dom Sebastião, ao assumir o govêrno, conservou-o no pôsto por mais dois anos, quando então nomeou Luís de Vasconcelos para sucedê-lo. Este fidalgo, porém, não conseguiu chegar ao Brasil. Partiu com êle uma esquadra de sete navios trazendo, além do governador, sessenta e nove missionários jesuítas e um certo número de órfãs, cujos pais haviam morrido de peste, e que o govêrno enviara para casarem-se no Brasil. A esquadra, de várias unidades, caiu nas mãos de navios franceses e inglêses, e os jesuítas, com exceção de um só, para usar as suas próprias expressões, receberam a coroa do martírio. O novo governador foi morto em combate ao largo da Terceira. Logo que chegou a Lisboa a notícia de sua morte, Luís de Brito e Almeida foi nomeado para o cargo então vago. Mem de Sá viveu bastante para ver a chegada de seu sucessor. Nóbrega, porém, que iniciara o sistema dentro do qual foi organizado o singular govêrno dos jesuítas no Paraguai, morrera alguns meses antes. Ficou assim o Brasil privado, quase ao mesmo tempo, dos dois homens mais capazes que haviam tido contacto com seu govêrno.

Mas Luís de Brito não sucedeu a Mem de Sá no govêrno de todo o Brasil. Julgou-se conveniente dividir a colônia em dois governos, ficando o Rio de Janeiro como capital da divisão meridional, que incluía Pôrto Seguro e tudo o que lhe ficava ao sul, enquanto a Bahia continuava como a capital das capitánias do Norte. Aí fixou residência Luís de Brito, sendo nomeado governador do sul o doutor Antônio Salerna [Salema]. Essa divisão, porém, foi logo após julgada inconveniente reunindo-se as duas partes novamente⁽¹⁵⁾, cêrca de 1578, ano

(15) Quando se imprimiu a *História da Província de Santa Cruz* por PERO MAGALHÃES DE GADANO [Magalhães Gandavo], em 1575, vigorava ainda a bi-partição. Mas um MS pertencente a Southey, datado de 1578, informa que os govêrnos já haviam sido reunidos.

em que chegou o novo governador, Diego Laurenço da Viega, [Diogo Lourenço da Veiga].

Foi êste o ano da derrota de Dom Sebastião na África, desastre que lançou Portugal nas mãos da Espanha. O rei Filipe, ansioso por anexar êsse reino para sempre à sua coroa, ofereceu o Brasil, com o título de reino, ao duque de Bragança, em troca da desistência de suas pretensões à coroa de Portugal. O duque, a cuja descendência estava destinada a realização da independência do Brasil, recusou.

A essa altura a colônia atingiu um período de grande prosperidade, pôsto que ainda incapaz de dispensar os auxílios da mãe-pátria. Mas já os primitivos barracões de taipa, com armação de madeira e cobertos de fôlhas de palmeira dos primitivos colonizadores, haviam dado lugar a belas casas de pedra e tijolo, cobertas de telhas, como na Europa. O recôncavo da Bahia contava sessenta e duas igrejas e para mais de setenta engenhos de açúcar. A terra estava bem sortida de gado, em plena florescência tôdas as qualidades de laranjas e limões introduzidas pelos europeus. Abundavam no país excelentes frutas nativas e a mandioca proporcionava inexauríveis reservas de pão. Olinda gozava de tôdas essas vantagens e era, ela própria, a mais bem construída e a mais populosa cidade do Brasil. O Rio de Janeiro havia-se tornado um lugar de importância inferior só em relação às outras duas, sendo maiores suas vantagens naturais e mais suave o clima. As outras capitánias não iam menos prósperas.

Mas a transferência da coroa para mãos estranhas mudou o aspecto dos negócios no Brasil. Inferior às terras da América Espanhola no que se refere às minas, foi considerado útil sômente para ser ocupado pelos súditos espanhóis, formando, assim, uma barreira contra a intrusão de outras nações.

Por êsse tempo os inglêses haviam começado a traficar na costa do Brasil e em 1577 Drake cruzara o estreito de Magalhães na sua famosa viagem à volta do mundo. Seu aparecimento nos mares do sul alarmou Filipe II, então rei tanto de Portugal como de Espanha,

e, conseqüentemente, senhor de Brasil. Tentou êle fundar uma colônia e manter um forte perto do estreito a fim de impedir a passagem de futuros navegadores. Disso nada resta, porém, senão o nome: *Pôrto da Penúria*, como atestado da sorte miserável dos colonos. O comércio inglês foi também extinto no Brasil. Alguns navios que negociavam pacificamente em São Vicente foram atacados no pôrto pelos espanhóis com superioridade de força; um dos últimos foi pôsto a pique e os ingleses fugiram no dia seguinte. Em 1686 o conde de Cumberland apparelhou uma expedição na qual tomou parte Raleigh, sendo almirante Witherington [Withrington]. Entraram pelo recôncavo da Bahia, saquearam-no, e aí permaneceram seis semanas, sendo a cidade salva pelos arqueiros indios. Barreto, novo governador do Brasil, morreu no ano seguinte e foi sucedido pelo bispo D. Antônio Barreiros e Cristóvão de Barros, governando em conjunto. Foram em breve sucedidos por Francisco Giraldes, que jamais veio ao Brasil. Foi nomeado Dom Francisco de Sousa em seu lugar.

Durante o govêrno dêste, foram feitas algumas pesquisas para a descoberta de minas por um descendente de Caramuru, que se prontificou a revelar onde tinha encontrado a prata dos serviços que possuía em sua casa e na capela, com a condição de receber o título de marques. Filipe recusou essa concessão e o segredo, se é que o homem realmente o detinha, morreu com êle.

Entretmentes, o célebre Cavendish havia feito uma viagem à volta do mundo e cometido tais estragos na costa da América Espanhola que nem mesmo os costumes atrozes da guerra naval naquele tempo podiam escusar. Em 1591, embarcou numa segunda expedição, chegou em dezembro à costa do Brasil, tomou Santos e queimou São Vicente. Os navios partiram então em direção ao estreito mas, não conseguindo passá-lo, voltaram à costa do Brasil em busca de provisões. Cavendish, que era dotado de muito grandes e boas qualidades, e que podia certamente pensar que lhe era lícito abastecer-se numa costa inimiga, tentou fazê-lo no Espírito Santo. Mas, por um êrro na execução de suas ordens,

não conseguiu o objetivo desejado. Partiu para a Inglaterra, mas morreu do coração durante a travessia.

A expedição inglesa mais notável na costa do Brasil foi a de Sir James Lancaster em Pernambuco. Comandava êle três pequenos navios de 240, 120 e 60 toneladas. No cabo Branco veio a saber que um rico cargueiro da Índia havia naufragado perto de Olinda e que sua carga estava armazenada em segurança no Recife. Equipou êle então cinco dentre perto de trinta pequenos navios capturados, para acompanhá-lo e construiu uma galeota para desembarque. Sua força foi ainda aumentada pelo capitão Vernon [Venner] com dois navios: uma pequena barca e um navio capturado. Partiram então direto para Recife, aonde chegaram em março de 1595. Na sexta-feira santa dêsse ano a povoação foi tomada após fraca resistência. Lancaster não permitiu a menor desordem depois da tomada da praça. Fortificou o istmo de areia que liga o Recife a Olinda e procedeu então calmamente ao carregamento de seus navios com as prêsas feitas na cidade, arrendando os navios holandeses, encontrados no pôrto, como cargueiros. Chegando alguns navios particulares franceses, também os arrendou com parte do saque para ajudar a defesa da praça até terminar o carregamento dos navios. Os portugueses faziam diversas tentativas para queimar os navios de Lancaster, tôdas frustradas por sua prudência. Após permanecer vinte dias na posse do Recife, preparou-se para partir. Contudo, exatamente no último dia de sua estada, alguns de seus homens, tanto ingleses como franceses, avançaram demais numa sortida contra os portugueses. Foram mortos e o inimigo cantou vitória que Lancaster, já agora pronto para partir, não se animou a disputar. Este foi o último ataque feito pelos ingleses na costa do Brasil.

Os franceses, no entanto, renovaram suas tentativas. Sob o comando de Riffault e seu sucessor De Vaux, haviam conseguido fundar uma colônia na ilha do Maranhão, em 1611. Logo depois Henrique IV enviou Daniel de la Touche, senhor de La Rivardière⁽¹⁶⁾ [La

(16) Na interessante coleção de opúsculos reunida por Barbosa Machado, existente na Biblioteca do Rio de Janeiro, há uma publicação do Capitão Symão

Ravardière] para examinar o país a fim de organizar uma colônia permanente. O parecer dêste foi favorável. Apesar de Henrique IV ter morrido quando La Ravardière voltou à França, foi expedida uma esquadra de três navios, com 500 homens. Em 1615 chegaram êles à ilha, harmonizando-se em breve com os selvagens. A colônia prometia prosperar. Mas a côrte de Madri enviou logo ordens ao governador do Brasil para atacar os intrusos. Vários acidentes prolongaram a guerra e não foi senão em 1618 que êles foram expulsos e criada uma colônia portugûesa permanente. A distância da sede do govêrno portugûês levou a côrte de Madri a erigir o Maranhão e o Pará em estado separado, cuja capital foi fixada em São Luís, cidade e forte construídos pelos franceses na ilha.

Por êste tempo os holandeses haviam fundado a Companhia das Índias Ocidentais, certos de que estariam desde então aptos a perturbar a côrte de Espanha nas suas possessões americanas como já haviam feito nas Índias Orientais. Em 1624 uma frota comandada por Jacob Willekins [Willekens] e pelo famoso Pieter Heyne [Heyn] foi aparelhada para êsse fim. Ventos contrários dispersaram os navios, e Willekens atingiu o morro de São Paulo, cêrca de quarenta milhas ao sul da Bahia, onde esperou pelo resto do comboio. Quando reunidos, navegou arrojadamente para o recôncavo e São Salvador foi tomada quase sem luta. Van Dort, general holandês, começou desde logo a fortificar a praça, expedindo proclamações, prometendo liberdade e reparação de prejuízos a todos que se submetessem. Muitos índios, negros e judeus imediatamente aderiram. Mas os portugûeses, que esperavam fôsse objetivo dos holandeses apenas saquear a cidade, vendo que êes se estabeleciam calmamente em caráter definitivo, insurgiram-se e, após alguns desentendimentos acêrca de quem devia comandá-los, escolheram como chefe o bispo Dom Marcos

Estácio da Sylveira [Relação sumária das coisas do Maranhão] impressa em 1624. O autor tomou parte na conquista do Maranhão aos franceses e sua obra é evidentemente de propaganda para colonizadores. Afirma êle que Daniel de la Touche foi induzido a fixar-se ali por Itayuba, o Braço de Ferro, frances criado entre os tupinambás. Será o mesmo Riffoult a que se refere o Sr. Southey?

Teixeira. Fixou este o seu quartel general no Rio Vermelho. Os holandeses enfraqueceram-se com a partida de Willekens para a Holanda e Pieter Heyn para a Angola. O plano da Companhia das Índias Ocidentais era assegurar essa colônia a fim de contar com o fornecimento de escravos para as suas novas conquistas no Brasil. Dort fôra assassinado e não havia comandante competente. As tropas do bispo atacavam as da cidade em tôdas as direções e os holandeses tornaram-se presa fácil para Dom Fadrique de Toledo, enviado da Espanha com uma grande força para reconquistar a capital do Brasil. Capitularam, pois, em maio de 1625 sob a condição de serem enviados para a Holanda com armas suficientes e bagagem pessoal, deixando a cidade e os fortes como estavam.

No ano seguinte, contudo, Pieter Heyn voltou ao recôncavo. Tôdas as precauções contra êle foram tomadas pelo governador. Quatro grandes navios com homens e artilharia foram colocados para interceptá-lo. Mas com seu único navio, já que o resto da esquadra não pudera acompanhá-lo, passou por entre dois portugueses, pôs um a pique e forçou vários outros a encalhar. No entanto, encalhando também o próprio navio, incendiou-o. Incorporou, então, quatro navios à sua própria esquadra, carregou quatro outros com despojos, e queimou o resto. Não foi esse seu único sucesso, pois, apesar do malôgro em várias tentativas na costa, enviaram para a Holanda presas bastantes para terem repercussão nacional.

Mas uma conquista de consequências infinitamente mais importantes foi feita logo em seguida: a de Olinda que, em 1630, foi tomada após uma fraca resistência por parte de Matias de Albuquerque. O comandante-em-chefe holandês era Henrik {Hendrik} Loncq e o almirante Peter Ardian {Adriaanszoon}. Wardenburg {Waerdenburck} comandava as tropas. Este último desembarcou no Pau-Amarelo, três léguas ao norte, enquanto os navios bombardeavam regularmente a posição fronteira ao local. Os portugueses foram, por consequência, atacados de surpresa e as cidades e fortalezas tomadas facilmente.

Mas a região em tórno continuou a ser teatro da mais cruel guerra de rapina, em que se cometeram as mais atrozes barbaridades, de ambas as partes, principalmente pelos holandeses. Enquanto se passavam estas coisas, um grande número de negros havia fugido pouco a pouco para os grandes coqueirais, cêrca de trinta léguas no interior, multiplicando-se de tal maneira que se diz terem ultrapassado trinta mil homens. Eram êstes homens governados por um chefe que chamavam Zombi [Zumbi]. Tinham algumas leis, uma sombra de religião cristã e cultivavam o solo. Molestavam os portugueses e contribuíam com suas depredações para a miséria geral.

Por fim o govêrno holandês enviou o conde Maurício de Nassau para assumir o comando de Pernambuco. Chegou êle em 1537 e desfechou a guerra com tal vigor que os portugueses se retiraram da província.

Determinou também a repressão de abusos entre os próprios holandeses no Recife. Estabelecendo-se finalmente nessa cidade, enviou à África um de seus oficiais, Jan Koin [Van Koin], que tomou São Jorge da Mina, assegurando assim o fornecimento de escravos. De volta ao Recife, lá deixou uma guarnição. No ano seguinte Maurício atacou sem resultado São Salvador. Sua esquadra ancorou na baía de Tapagipe; mas, apesar de deter de início algumas posições importantes, foi finalmente repellido com perdas, e voltou para Pernambuco. Empeñhou-se então em construir uma nova cidade e em erigir as duas primeiras pontes que se ergueram na América Portuguesa, além de plantar árvores e melhorar as fortificações. Em 1640 enviou o famoso guerreiro Jol ao Recôncavo para arruiná-lo. Este, de acôrdo com as instruções recebidas, queimou todos os engenhos de açúcar da baía. Enquanto isso, os índios, que se encontravam em boa amizade com os holandeses, investiram pelo interior da capitania, maltratando do mesmo modo os pobres colonos.

Afinal começou a côrte de Madri a alarmar-se com a segurança do Brasil e aparelhou uma grande esquadra para libertá-lo. As tempestades e as doenças reduziram,

porém, essa força a quase metade, antes de sua chegada. Esta parte arribou à Bahia em 1640, sob o comando de D. Jorge de Mascasentras [Mascarenhas], Marquês de Monte Alvan [Montalvão](^{*}). Antes que êle tivesse tempo, quer de fazer guerra aberta, quer de entrar em negociações, rebentou a revolução em Portugal, que colocou o [duque de] Bragança no trono de seus antepassados. O vice-rei, suspeito injustamente de partidário da Espanha, foi repatriado e nomeada para substituí-lo uma comissão composta por [Luís] Barbalho, [Lourenço de Brito] Correia e pelo bispo [D. Pedro da Silva de S. Paio].

Um dos primeiros atos do govêrno português restaurado foi promover uma trégua de dez anos com as Sete Províncias Unidas. Mas isto não impediu a continuação das hostilidades no Brasil e nas outras possessões estrangeiras de Portugal. Serigipe [Sergipe] foi atacado de surpresa, o Maranhão conquistado, bem como Luanda, em Angola, e São Tomé.

Apesar dêstes sucessos o govêrno holandês desaprovou a administração do conde Maurício. Em vez de remeter para a Holanda, seja para os Estados, seja para a Companhia, todo o dinheiro e produtos que obtivera no Brasil, despendera, não só grande parte dêsses recursos, mais ainda de sua fortuna particular, na fortificação das fozes dos rios e os portos, especialmente o Recife, na restauração e embelezamento das cidades, assim como em outras obras públicas, que, visando ao estabelecimento permanente dos holandeses no país, êle considerava absolutamente necessárias. Foi, por isso, demitido e voltou para a Holanda em 1644.

Depois da partida de Maurício a tirania dos holandeses tornou-se tão insuportável que, por tãda a parte, começavam os portugueses a revoltar-se contra ela.

O Maranhão já havia sido arrebatado das mãos dos invasores ao tempo de sua volta. Este acontecimento pareceu o sinal para uma longa e calamitosa luta

(^{*}) A at ora faz aqui confusão entre D. Fernando de Mascarenhas, conde da Torre — comandante da esquadra, e D. Jorge de Mascarenhas, marquês de Montalvão, vice-rei do Brasil.

que se seguiu em Pernambuco e capitánias vizinhas. João Fernandes Vieira, natural da Madeira, havia saído muito criança de sua ilha natal com a esperança de melhorar sua fortuna no Brasil. Havia prosperado, e, no tempo de que tratamos, era um dos mais ricos portugueses de Pernambuco, muito estimado tanto pelos seus patrícios quanto pelos holandeses. Contra estes últimos, porém, impeliam-no tanto o patriotismo quanto a superstição: oprimiam eles seu povo e eram heréticos. Depois de esperar muitos anos por uma boa oportunidade para destruí-los, aproveitou os primeiros meses da ausência de Nassau, comunicando seus planos somente a dois amigos. Incumbiu um deles de conseguir socorro do próprio governo da Bahia, e esperou pacientemente a resposta. Este homem, André Vidal de Negreiros, cumpriu exatamente sua missão, e, logo depois, Antônio Dias Cardoso e sessenta soldados foram mandados a Vieira. Escondeu-os ele nos matos da vizinhança de sua casa chamada da Várzea, que ficava numa planície a oeste da cidade, e apelou para o chefe índio Camarão e para o chefe negro Henrique Dias⁽¹⁷⁾ a fim de que o ajudassem e comunicassem aos vizinhos seu intento.

No início de 1645 a guerra começou, com grande intensidade. As mais chocantes atrocidades se cometeram de ambas as partes, especialmente contra os índios, que tanto eram os mais fiéis aliados como, igualmente, os mais inveterados e cruéis inimigos. No curso da luta, que durou até 1654, vários chefes, de ambos os lados, foram mortos, mas nenhum há tão notável como o índio Camarão. Fôra ele educado pelos jesuítas. Conhecia latim, escrevia, lia, e falava português perfeitamente, mas, em tôdas as ocasiões de cerimônia, usava um intérprete, a fim de não fazer nada de imperfeito em público, empanando, assim, a dignidade da chefia. Tendo sido aprisionados, certa vez, alguns índios, que estavam num dos pontos fortificados pelos holandeses, verificou-se haver

(17) Eis um extrato de uma das cartas do negro crioulo: "Faltamos à obediência, que nos occupava no serião da Bahia, por não faltarmos às obrigações da pátria, respeitando primeiro as leis da natureza, que as do império. (V.: *Custrioto Lusitano*, por frei RAFAEL DE JESUS — Lisboa, 1679).

entre êles um parente de Camarão. Foram todos condenados à morte. Camarão não intercedeu pela vida do parente, mas salvou-lhe a honra: matou-o com as próprias mãos e enterrou-o com decência. Os demais foram enforcados pelo carrasco comum e abandonados aos abutres.

Final a terrível guerra terminou. As duas batalhas de Guararapes⁽¹⁸⁾ decidiram a sorte dos holandeses no Brasil: mas foi a cooperação da esquadra da nova Companhia brasileira que permitiu a Vieira, o verdadeiro comandante dessa guerra, embora vários militares de fama tenham alternadamente assumido uma chefia nominal, tomar o Recife. No dia 23 de janeiro de 1654, foram entregues as chaves da cidade ao comandante real Francisco Beretto [Barreto], restaurando assim a coroa de Portugal seu império no Brasil, após nove anos da mais cruel guerra, durante a qual as fortunas particulares e o ânimo firme dos indivíduos sustentaram a luta, em geral sem o apóio da coroa e, muitas vêzes, em direta opposição às suas ordens. Mas os homens decididos à liberdade, ou à independência nacional, sempre acabam por dominar todos os obstáculos e vencer tôdas as dificuldades.

Enquanto estas cousas se passavam nas províncias septentrionais, os jesuítas haviam organizado as reduções do Paraguai, de natureza especial e tentado deter, ou ao menos limitar, a caça de escravos, por parte dos portugueses, no interior, ainda que sem êxito. A melhor parte da colônia de São Vicente havia sido transferida para São Paulo. povoação no planalto de Piratininga, e havia florescido surpreendentemente. A população tornara-se atrevida, senão feroz. Haviã-m-se distinguido os paulistas pela coragem e perseverança com que exploraram a terra em busca de minas, e pela atividade com que

(18) *Vês Agros Guararapes, entre a negro
Nuvem de Marte horrendo
Qual Júpiter em ftegra,
Holanda o vistes fulminar tremendo.* [Antônio Dinis da Cruz e Silva].

O leitor português deverá ler tôda a bela ode a Vieira, por Antônio Dinis da Cruz e Silva, bem como a dedicada a Mem de Sá, a propósito das suas conquistas no Rio de Janeiro. O autor é um dos melhores da escola arcádica. Mas escreveu sobre temas de interesse menor, ao passo que Guildi escreveu acerca dos *Aréddia fortunale genti*, da cidade eterna, à qual todo homem civilizado se sente ligado.

havia trazido escravos para as novas povoações. A consciência da força despertou nêles a sêde de independência e, aproveitando a oportunidade do advento da Casa de Bragança ao trono de Portugal, tentaram proclamar um rei para êles próprios. A tentativa foi frustrada por Amador Bueno de Ribiero [da Ribeira] exatamente a pessoa que desejavam para monarca. Foi êle que, quando o povo gritou: "Viva Amador Bueno, rei", exclamou: "Viva Dom João IV", e, como era ágil das pernas, correu e refugiou-se no mosteiro dos beneditinos. No mesmo dia, como não havia alternativa, D. João IV foi proclamado rei por todo o povo.

O estado precário em que havia caído Portugal manifestou seus efeitos no govêrno do Brasil. Quando os governadores nomeados, quer por deliberação própria, quer em obediência às ordens de Lisboa, tentavam pôr em execução qualquer nova medida que não era do agrado do povo, raramente conseguiam fazer-se obedecidos e pouco auxílio podiam esperar da metrópole. Os jesuítas haviam empreendido a defesa dos índios e tentado por todos os meios restringir a prática de escravizá-los, ou mitigar a sorte dos que já estavam escravizados. Mas os franciscanos e outras ordens, obtinham iguais benefícios pecuniários com os caçadores, da venda de escravos, e, assim, opuseram-se com veemência. Os interesses estavam do lado dos frades. Deram-se então as cenas mais vergonhosas em várias capitâneas entre os dois partidos. Os governadores não tinham capacidade para intervir com eficácia, ou não o quiseram.

Entretanto, acostumou-se o povo a estudar planos e a interessar-se pelas questões públicas. Os governadores, por sua vez, começaram a respeitar os brasileiros como uma parte verdadeira do Estado, pois o valor da independência e o sentimento de que seriam capazes de alcançá-la, desenvolveu-se com essas desordens.

Se tivesse sido possível ter purificado sua religião de algumas de suas práticas mais supersticiosas e reformar os hábitos morais do povo, a prosperidade do país teria sido, em breve, igual à sua riqueza. Mas onde se estabelece a escravidão, traz ela consigo dupla maldição.

Degrada ambos os lados, mesmo quando os escravos são importados. Como não se haveria de passar isso aqui, sendo os escravos caçados em seu próprio território, e tôdas as circunstâncias, revoltantes e iníquas, da busca, da captura e da sujeição ao jugo, passando-se diante dos olhos dos habitantes até ficarem com o coração endurecido perante o grito do órfão, as lamentações da viúva e o desespero dos pais, ao verem-se separados dos que lhes eram mais caros?

A história da missão do jesuíta Vieira ao Maranhão é tão humilhante para a natureza humana quanto honrosa para o homem que tantos e sinceros esforços despendeu pela causa dos índios sofredores. Mas nem os seus trabalhos, nem o poder do rei, puderam anular o cruel egoísmo e avareza do povo da capitania, que, em rebeldia declarada, irrompeu em defesa de suas práticas detestáveis. Ainda, quando voltou à obediência, foi através de um compromisso entre humanidade e cobiça, no qual os índios foram de novo sacrificados.

O Rio de Janeiro havia gozado de maior grau de tranqüilidade durante oitenta anos desde a fundação, do que qualquer outra localidade. O comércio havia desenvolvido paralelamente sua população. A zona meridional, de sua jurisdição, mais pacífica do que a do Maranhão, não estava, porém, de nenhum modo inclinada a ouvir as queixas dos amigos dos índios. Os paulistas eram os mais difíceis de conduzir. Eram os mais ativos e ousados de todos os que se empenharam na busca de escravos, ou de minas, e não estavam dispostos a partilhar com outros, e ainda menos a abandonar, as vantagens obtidas com ingentes esforços e grandes sacrifícios. O comportamento deles na restauração de Portugal havia evidenciado mais uma aspiração do que o desejo de liberdade para a colônia. Seus vizinhos estavam ainda menos dispostos à independência. Contudo, Santos, e até o Rio, aliaram-se a eles, revelando-se dispostos a depor o governador nomeado pela coroa. Só o caráter impoluto e o comportamento firme de Salvador Correia de Sá e Benevides (1658) puderam impedi-lo de render-se a essa inclinação.

A Bahia continuava a ser a capital do Estado do Brasil. Sua população continuava a embelezá-la com igrejas, mosteiros, conventos, ao mesmo tempo que desafiava o espírito da cristandade com a importação de africanos e com o aprisionamento de escravos índios. Pernambuco sofria ainda os miseráveis efeitos da longa e inconstante guerra que havia sustentado; tôdas as regras de govêrno se haviam desprezado durante esse período desastroso. A lei e a justiça haviam caído em desuso e, se não houvesse uma fôrça redentora no espírito livre ainda vivo, apesar dos males entre os quais havia surgido, poderiam até arrepender-se da própria emancipação de um poder estrangeiro. Os negros refugiados em Palmares, e cujas pilhagens haviam sido desprezadas em face dos males advindos de um govêrno estrangeiro, tinham-se tornado uma fonte de verdadeiros suplícios para os pernambucanos. Embora cultivassem o milho, a mandioca e outras plantações, precisavam de todos os demais suprimentos. Passaram, pois, a roubar dos colonos o gado, o açúcar, os objetos manufaturados e até as filhas mulatas e escravas. Até que enfim o govêrno resolveu livrar-se dêles, apelando para o auxílio de uma tropa de paulistas. Dez mil negros armados estavam reunidos na aldeia principal, fortificada com muralhas de madeira, e haviam deixado desabitadas as menores. Mas o inimigo tinha a superioridade do canhão e do abastecimento de necessidades de tôda ordem. Mesmo assim os negros conseguiram vencer mais uma vez os atacantes. Foram, porém, sobrepujados pelo número, e enfraquecidos pela fome. A praça foi tomada, e os habitantes feitos prisioneiros como escravos. Zombi [Zumbi], porém, e os mais resolutos de seus companheiros, atiraram-se de um rochedo quando perceberam a desesperada condição em que se encontravam. Os portuguezes abusaram da vitória e assassinaram os restantes(*).

(*) A lenda do suicídio de Zumbi está hoje desfeita com a publicação dos documentos existentes no Arquivo Histórico Ultramarino. Zumbi foi morto em combate pelo Sargento-mor André Furtado de Mendonça. (V. ERNESTO ENNES, *As guerras nos Palmares* 1.º vol. — Domingos Jorge Velho e a Troia Negra — 1687-1709 — “Brasíliana”, S. Paulo, 1938).

Um mal, porém, affligia o Brasil em geral: o poder ao mesmo tempo demasiado e deficiente dos governadores. Tinham poder demasiado se se considera que qualquer recurso dependia dêles, mas, em compensação, dispunham de autoridade deficiente desde que eram absolutos até o fim do govêrno. Estavam, também, virtualmente isentos de qualquer responsabilidade. Os ensejos, vale dizer, as tentações de extorquir eram quase irresistíveis. Enfim, para coroar tudo, a administração corrupta das leis emparelhava com os vícios e a corrupção do govêrno. Era em vão que se faziam os mais sábios regulamentos e se expediam os mais justos decretos. Os juizes eram, em muitos casos, partes interessadas; assim, por exemplo, sempre que estavam em causa negros e índios, manifestavam-se parciais, uma vez que eram possuidores de escravo de ambas as raças. Os vencimentos eram insuficientes, e as multas arbitrâras. Nada de admirar-se, pois, se a administração era corrupta!

A cultura do açúcar e do algodão havia avançado sem alarde no meio de tôda esta confusão. A descoberta das minas de ouro e diamantes permitiram ao Govêrno, tanto no Brasil como na Metrópole, manter-se no meio dos iminentes perigos que o ameaçavam, em consequência das perdas sofridas no Oriente. Em Portugal restava uma população escassa e empobrecida, com indústrias arruinadas, e, acima de tudo, o abandono da agricultura, que o tornava dependente do estrangeiro para a obtenção de trigo. Faltava tudo, não havia nada para oferecer em troca. E no princípio do século XVIII, pode-se dizer que foi realmente o Brasil que salvou Portugal, cobrindo, com seus metais preciosos, as deficiências da balança comercial, em qualquer ramo do comércio e em qualquer departamento do govêrno.

Contudo, ainda que se tenha evitado a ruína total, a fraqueza da coroa tornou-a incapaz de defender suas longínquas possessões dos ataques de um inimigo ousado. Em 1710, uma esquadra francesa, sob o comando de Duclerc, appareceu no Rio de Janeiro, mas, não ousando ultrapassar as fortalezas, afastou-se, e após diversas tentativas de desembarque em várias enseadas, de onde foi

expulsa pelo aparecimento da milícia local, foi bem sucedida em Guaratiba, situada entre trinta e quarenta milhas da cidade. Daí marchou sôbre esta, com cêrca de mil marinheiros. O governador, Francisco Castro de Moraes, não fez nenhuma tentativa para deter os invasores até a chegada destes à cidade. Aí o primeiro obstáculo encontrado pelos invasores foi Frei Francisco de Meneses, frade trinitário, que aparecia em tôda a parte e que fez o que *deveria ter feito o governador, o qual permaneceu calmamente entrincheirado numa praça, entre dois morros, onde fica hoje o largo do Rosário*. Os franceses, que se haviam dividido em dois grupos, atacaram o palácio, mas os estudantes do Colégio defenderam-no com pleno êxito. Após uma luta curta, mas desesperada, foram os franceses dominados. A vitória, porém, foi empanada pelo comportamento desumano dos portugueses. Duclerc e sua gente foram presos e tratados cruelmente. O próprio Duclerc diz-se ter sido assassinado quando dormia(*).

No ano seguinte o Rio de Janeiro foi teatro das represálias contra aquêles atos, tomadas pelo famoso Duguay-Trouin. Em agosto de 1711, um ano após a aventura de Duclerc, chegou à costa e, aproveitando-se do nevoeiro, então existente, invadiu a baía, não obstante o fogo das fortalezas.

O govêrno português, que fôra avisado de seu intento, havia enviado provisões e munições para o ataque, e nomeado Casper {Gaspar} da Costa comandante das tropas. Mas o súbito aparecimento dos franceses já dentro da baía, parece ter paralisado a ação de tôdas as pessoas na praia, cuja função seria a de oporem-se aos invasores. Assim, as fortalezas e a cidade renderam-se quase sem luta.

Teria sido, porém, impossível aos franceses manterem-se no Rio. Por isso Duguay-Trouin, após descansar sua tripulação, entregou a cidade mediante um resgate de 600.000 cruzados. Só o mau tempo impediu-o de

(*) Duclerc foi tratado com tôda consideração, tendo-lhe destinado o governador aposentos no Colégio da Companhia, no morro do Castelo. A seu pedido, passou a residir na casa de um oficial português, onde foi assassinado, ao que parece, por motivos particulares. (V. VARNHAGEN, *Hist. Ger.* 3 111, 382).

assolar o recôncavo da Bahia tal como fizera no Rio. Mas, como havia cumprido os claros objetivos de sua viagem, vingando o tratamento dado a Duclerc e a seus homens, voltou à França no comêço de 1712.

Estes fatos despertaram grande ansiedade no gabinete de Lisboa, em relação ao Brasil. Na paz de Utrecht, em 1713, os ministros portugueses adotaram tôdas as precauções a fim de evitar qualquer expressão que significasse liberdade de comércio, com qualquer potência que fôsse, relativamente ao Brasil, não obstante os acordos então existentes nesse sentido. Levantaram-se discussões infundáveis entre Portugal e Espanha referentes às colônias contíguas ao Rio da Prata e foi especialmente estipulado que nenhum outro poder, especialmente a Inglaterra, teria permissão de fundar colônias ali, em virtude das facilidades que tais colônias abririam para contrabandear metais preciosos para fora do país. A principal preocupação do Brasil eram então os metais preciosos. São Paulo havia sido elevado a cidade e o distrito das minas fôra erigido em capitania. Os habitantes da costa, afluíam para o interior, onde novas cidades surgiam diàriamente. Todos queriam concorrer a essa loteria em que o vulto imenso dos prêmios fazia esquecer a enorme preponderância dos bilhetes em branco. Grandes males sofreram os primeiros aventureiros mineiros, pois tantas mãos se empregaram na busca do ouro que ficaram muito poucas para cultivar o solo e prover às necessidades da vida. No entanto, essa sêde insaciável de ouro é o estímulo que tem conduzido os homens a empreendimentos úteis e honrados. Não é o amor do metal, mas a posse dêle que confere o poder, e êste é o verdadeiro objetivo da maior parte das ambições humanas e também de tôdas as nações, e, como tal, é aceito como legítimo. Julgamos miseráveis ou malvados os que procuram os meios, mas admiramos os que alcançam o fim. Há uma tendência tanto por parte dos filósofos da História como dos poetas em condenarem o primeiro homem que extraiu o minério da mina. Mas haverá sempre um panegírico em prosa e verso para o herói ou para o homem de negócios. Foi o ouro, de fato, que forneceu os meios para as

conquistas dos heróis e as liberalidades do capitalista ; e o ouro, ou o valor do ouro, é o objetivo de ambos, quer sob a forma de um poder estável, quer sob a forma da fama que as benemerências podem trazer. Triste, realmente, tem sido o sacrifício da vida humana na pesquisa do ouro. Mas terão tôdas as minas juntas consumido mais homens que uma só guerra civil? E não terão as lutas religiosas entre os cristãos, com suas perseguições, mutilações e incêndios custado muito mais? Não quero justificar os descobridores de ouro ; suas ações foram horríveis e atroz a sua opressão. Mas façamos-lhes justiça : o estímulo foi grande. Premido por êle realizaram grandes coisas, suportaram o frio, a fome, a fadiga, a perseguição e a morte ; perseveraram, abriram caminho para terras desconhecidas, lançaram as bases para a futura civilização em terras que terão razões para abençoar-lhes as descobertas, quando o efeito de suas más ações e a memória dos costumes brutais dos selvagens, que êles tão injustamente oprimiam, já terão desaparecido.

Mas não tenho espaço nem inclinação para seguir-lhes as aventuras e devo reportar-me à cuidadosa e excelente narrativa do Sr. Southey. Só Daniel Defoe seria capaz de fazer de uma narrativa tão triste e aborrecida algo de agradável. Não sou senão uma observadora para quem as ações do presente são mais interessantes que as passadas. Porém, não sou insensível à influência que os dias de antigamente tiveram sobre nós.

Pernambuco havia tido tempo de restaurar-se desde o meio século decorrido a partir da expulsão dos holandeses. As plantações de açúcar haviam reaparecido e o comércio do Recife se tornado extremamente importante. Os comerciantes, especialmente os da Europa, lá se estabeleceram e a cidade havia crescido tanto que chegou a se tornar a segunda do Brasil. Enquanto isso Olinda decaía gradualmente, contando poucos habitantes, além de padres e representantes das velhas famílias da província, que poderiam ser chamadas de nobreza local. Mas o Recife não era senão uma povoação até que, em 1710, pediu e obteve a aprovação real para tornar-se vila, e ter câmara ou conselho municipal para dirigir

seus negócios internos. O ciúme do povo de Olinda e dos outros antigos brasileiros foi violentamente excitado por essa concessão que, entendiam êles, elevaria a classe dos comerciantes e forasteiros a um nível igual ao dêles. Após diversas reuniões tumultuosas sôbre o assunto, três das dez paróquias pertencentes a Olinda foram concedidas ao Recife e o governador, temendo inaugurar às claras o pelourinho, que indicava a autonomia da vila, erigiu-o de noite. Não obstante, imediatamente irromperam desordens, nas quais se envolveram alguns magistrados e não faltaram vozes para exclamar que Pernambuco já havia demonstrado que podia sacudir as correntes do jugo holandês e com a mesma facilidade poderia sacudir outras e governar-se por si próprio. As autoridades sediciosas foram presas e jogadas na prisão. Os soldados foram incumbidos de desarmar o povo. Mas os pernambucanos haviam avançado demais para serem então vencidos com facilidade. O governador ficou sêriamente ferido com um tiro que recebeu e não faltaram provas de que o juiz e o bispo haviam ao menos aquiescido no atentado ao governador. Seguiram-se as mais sérias desordens. Os habitantes de todo distrito tomaram armas, correu sangue nos conflitos com os soldados. Sebastião de Castro [Caldas], o governador, enfraquecido de corpo e de espírito, foi induzido, para sua segurança, a fugir para a Bahia. Seis dos chefes pernambucanos foram então nomeados para exercer as funções de govêrno provisório até que se recebessem ordens de Lisboa e todos os reinóis foram privados de seus cargos e comissões.

Mas o bispo, que estivera na Paraíba desde o momento em que Castro fôra ferido, voltou então para reclamar o govêrno, que lhe competia com a saída do antecessor. Começou a exercer sua autoridade em nome do rei, e seu primeiro ato foi a anistia geral. Por outro lado parecia êle ser um tímido: querendo, mas não ousando, aderir ao partido que desejava sacudir o jugo de Portugal e, por um comportamento vacilante, traíndo tanto seus amigos dêsse campo como a confiança nêle depositada pela coroa. Afinal em 1711 cessaram os distúrbios com a chegada de novo governador Félix José

Machado de Mendonça. O Brasil ainda não estava em condições favoráveis à independência, nem de fato poderia uma região tão pequena e pouco povoada como Pernambuco ter mantido sua liberdade, mesmo por um ano, sem entrar em contacto com as outras capitánias.

Enquanto estas coisas se passavam nas capitánias do Brasil, os jesuítas trabalhavam no interior, para a catequese dos índios, obtendo resultados muito superiores aos meios visíveis. Algumas cidades, que desde então se tornaram importantes, foram fundadas na costa e nas praias do Prata, especialmente Montevidéu em 1733 [1726]. Mas as guerras de fronteira entre espanhóis e portugueses, deflagrada por causa dessas fundações, agitaram a vizinhança por algum tempo. Tudo, porém, em breve se esqueceu nos distúrbios causados pelo tratado de limites entre Espanha e Portugal, que, forçando a emigração dos índios, os impeliu a uma vigorosa, mas curta e inútil resistência, que somente resultou no início dos males sob os quais estavam destinadas a perecer as missões jesuíticas.

O governo português, sob a administração de Carvalho, depois marquês de Pombal, havia apenas começado a preocupar-se com os abusos que existiam por todo o Brasil, procurando reprimi-los, especialmente nas capitánias e colônias recentemente fundadas, quando irrompeu a guerra entre a França e a Espanha, em 1762. Durante algum tempo, pois, a defesa contra um inimigo estrangeiro superou qualquer outra consideração. O primeiro ato de hostilidade no mundo novo foi a tomada do estabelecimento português de Colúmbia, [Colônia-do-Sacramento] no Prata, pelo governador de Buenos-Aires, antes que chegasse a expedição enviada pelo governador Gomes Freire para defendê-la. Esta expedição consistia num navio inglês, o *Lord Clive*, de 64 canhões, comandado pelo capitão Macnamara; o *Ambuscade*, de 40 canhões, em que o poeta Pentose servia como tenente; o *Glória*, de 38 canhões. Os navios espanhóis retiraram-se diante de Macnamara, que enfrentou os canhões dos fortes da Colônia a fim de retomar a praça. Tinha quase conseguido silenciar as baterias quando, por acidente ou negli-

gência, o navio pegou fogo. O inimigo reiniciou o ataque. Três quartos da tripulação do *Lord Clive*, entre os quais o capitão, afogaram-se. Os outros navios, quase destruídos, foram obrigados a retirar-se, mas, devido à negligência dos espanhóis, puderam reabastecer-se e voltar ao Rio. Esta foi a batalha mais notável da guerra além do Atlântico e a primeira em que os ingleses se distinguiram na defesa do Brasil.

Entrementes, tendo Pombal resolvido suprimir a ordem dos jesuítas, não levou em conta, no ardor com que pôs em execução a medida, os importantes serviços que elles haviam prestado, e continuavam prestando em relação a um de seus objetivos preferidos, isto é, o melhoramento da condição dos índios. O plano de disciplina dos jesuítas havia realmente conseguido manter até então os pupilos num estado antes de inocência infantil do que de progresso viril. O êrro estava em que, a fim de assegurar a obediência, haviam evitado o que poderia ser feito. O poderio d'elles era uma Utopia, e só poderia durar se fôsse possível a expulsão de todos os europeus e todos os índios selvagens. Mas tais construções artificiais nunca podem ser de longa duração. Quaisquer perturbações, quer do exterior, quer do interior, põem-lhes têrmo, e com maior ruína que com a queda de governos menos estranhamente organizados. Mas os trabalhos bem intencionados haviam produzido bom e decisivo efeito: os hábitos da vida selvagem haviam sido abandonados e sentidos os benefícios da agricultura e da manufatura. O obstáculo com que se chocou a educação dos índios foi a comunidade de bens. Quando um homem nada possui, e depende da providência dos outros para a obtenção de suas necessidades diárias fica sem nenhum incentivo para um esforço particular. Não pode haver estímulo para a diligência quando não se tem esperança de ficar mais rico, nem mêdo de ficar mais pobre, nem ansiedade acêrca da manutenção da família. Não se leva em conta sua opinião quando se trata da partilha ou distribuição de sua propriedade. Tôdas as qualidades e virtudes derivadas da prática da economia doméstica ficam assim embotadas. O homem

assemelha-se então a uma criança. Seria fácil remediar a isso permitindo aos índios possuir gado próprio e prover à própria família após a primeira geração. Talvez os recém-vindos precisassem de ser assim tratados, mas as crianças, criadas nas aldeias, deveriam ser logo encaminhadas para o regime das propriedades particulares. Ter-se-iam assim tornado homens, e, quando se desse a transferência de sua direção espiritual, esta imensa e profunda ruína não os teria abafado, nem o Paraguai teria voltado, como aconteceu, ao estado selvagem.

Os jesuítas do Brasil foram expulsos em 1760, da maneira mais cruel e arbitrária. Os das colônias espanholas oito anos depois. Quaisquer que tenham sido suas faltas, ou mesmo seus crimes em outros países, sua conduta foi aqui exemplar. Haviam sido êles os protetores de uma raça perseguida, os defensores da misericórdia, os fundadores da civilização; e a paciência com que suportaram os sofrimentos imerecidos, não foi, de modo algum, uma demonstração dos traços menos nobres de seu caráter.

A História do Brasil, nos trinta anos seguintes, resume-se na desorganização e decadência dos estabelecimentos jesuíticos, no aumento dos distritos mineiros, especialmente na direção de Mato Grosso, em algumas lutas com os franceses na fronteira de Caiena, em pacíficas ocupações de abertura de estradas e na introdução de novos ramos de comércio, ou melhoramento dos antigos.

Esta tranqüilidade foi, porém, interrompida por uma conspiração na província de Minas Gerais, encabeçada por um oficial chamado Joaquim José da Silva Xavier, cognominado o *Tiradentes*. O plano dos conspiradores era constituir uma república independente em Minas e, se possível, conseguir a adesão do Rio de Janeiro. Os meios, entretanto, eram os mais impróprios para os fins em vista, e o comportamento dos conspiradores foi tão imprudente que, embora existisse um sentimento geral de descontentamento devido às taxas e outros agravos, foram todos presos antes mesmo de haverem organizado uma força capaz de oferecer resistência, quanto mais, de terem dado início à planejada revolução.

Os efeitos directos sôbre o Brasil dos primeiros treze anos da revolução na Europa cingiram-se a leves lutas referentes às fronteiras entre a Guiana Portuguêsa e a Francesa, e relativas a limites, sôbre os quais havia um artigo nas negociações de Lord Cornwallis com a França, ou melhor, na paz de Amiens, em 1802.

Os efeitos indirectos foram maiores. Abandonados um pouco mais a si próprios, os colonos tiveram bastante tempo para descobrir as espécies de culturas e colheitas que melhor se adaptavam ao clima, e de maior aceitação no mercado. Alguns ramos da indústria foram introduzidos, e outros melhorados, para grande vantagem da província. Navios estrangeiros, e mesmo esquadras, começaram a se tornar freqüentes ali⁽¹⁹⁾. De modo que, apesar dos portos estarem ainda fechados ao comércio estrangeiro, a entrada de navios de guerra e mercantes, que não encontrariam outros lugares para reparações, impuseram uma virtual liberdade que mais tarde seria impossível não ser reconhecida.

A côrte de Portugal, entretanto, como que envaidecida pelas negociações com a França, consentiu na compra de uma deselegante neutralidade pelo preço de 1.000.000 de libras tornesas, ou seja 40.000 libras esterlinas por mês, além de garantir a livre entrada no reino dos tecidos franceses de lã.

Foram em vão as freqüentes representações feitas a respeito ao Ministério de Lisboa, chamando a atenção para o armamento concentrado em Bayonne e para a recusa da Espanha em proibir a passagem de tropas francesas pelo seu território. A atenção das fôrças portuguezas estava voltada para a costa, como se se tenesse uma invasão inglêsa, deixando, assim, o reino indefeso do lado da terra. Os portos foram fechados ao comércio inglêz, por uma proclamação datada de 20 de outubro de 1807. Mas a importância de Portugal para a Inglaterra, como campo neutro, ou, na eventualidade da instalação de um govêrno francês na Espanha, como ponto de partida

(19) Por exemplo, a que veio sob o comando de Sir H. Popham, na expedição de Sir D. Baird ao cabo da Boa Esperança, em 1805, e a do almirante francês Guillaumetz, em 1806.

para atacar o grande inimigo, era tal, que o ressentimento que essas medidas em outra ocasião certamente ocasionariam, não foi notado. Uma forte esquadra, porém, foi sempre mantida ao longo da costa, seja para observar os acontecimentos de terra, seja para evitar que os navios portugueses saíssem e se juntassem aos franceses e espanhóis.

Enquanto êsse sistema de vigilância era adotado, na Europa o gabinete inglês não perdia de vista os desígnios da França em relação às colônias sul-americanas. Enquanto a Espanha e Portugal continuassem a pagar a imensa importância em dinheiro exigida pela França, as pretensões de Napoleão estavam sendo mais atendidas do que se êle se tivesse apossado de todo o território dêsses países e suas colônias. Mas no momento em que aquêles países não estivessem habilitados ou não quisessem mais pagar essas quantias, seria então chegado o momento da agressão e da invasão. Já em 1796, o Sr. Pitt havia examinado as vantagens que a Grã-Bretanha tiraria da posse de um pôrto na América do Sul e, particularmente, no Rio da Prata. Com o seguir dos tempos, não perdeu de vista êste problema. Circunstâncias ocorridas em dezembro de 1804 chamaram sua atenção, especialmente, para o assunto, visto como tinha sido informado de que a França estava prestes a tentar a tomada de uma das colônias espanholas, na primeira oportunidade favorável. Mas estávamos então em paz com a Espanha e ainda que quiséssemos evitar tal agressão por parte da França e ajudar o General Miranda em sua projetada expedição à América do Sul, não era possível auxiliá-lo, como êle insistia com empenho junto ao gabinete, embora fôssem claramente visíveis as vantagens para a Inglaterra em garantir tal mercado para suas manufaturas. Entre os oficiais que tinham sido confidencialmente consultados pelo Sr. Pitt acêrca da praticabilidade de se conseguir uma colônia no Prata, achava-se Sir Home Popham. Foi, provavelmente, seu conhecimento das idéias há tanto tempo sustentadas por aquêle Ministério, que o induziu a dar o passo ousado que foi o de deixar o Cabo da Boa Esperança, logo após ter sido ocupado pelas fôrças inglê-

sas, em 1806, e conquistar Buenos Aires, sem ordens para isso. Sua razão imediata para o ato foi a informação obtida de que a esquadra do almirante francês Guillaumez tinha intenções de tocar na costa do Brasil, entrar no Prata e, se possível, tomar e estabelecer uma colônia ali. Além disso, alguns americanos do norte que êle encontrara, animaram-no a tentar o empreendimento, observando que a abertura dos portos da América do Sul seria um benefício comum a tôdas as nações comerciais, particularmente para a Inglaterra⁽²⁰⁾.

Em 1806, as demonstrações de hostilidade contra Portugal por parte da França eram tão evidentes que Lorde Rosslyn para lá foi enviado em missão especial, à qual se agregaram Lorde St. Vincent e o General Simcoe. As instruções que lhe foram dadas pelo Sr. Fox, então primeiro ministro, consistiam em expor ao gabinete de Lisboa o perigo iminente que ameaçava o país, assim como oferecer auxílio em homens, dinheiro e víveres da Inglaterra, a fim de pôr Portugal na defensiva, isto se o govêrno se decidisse a uma resistência vigorosa e efetiva. Se, por outro lado, Portugal se julgasse fraco demais para lutar com a França, deveria ser retomada a idéia já ocorrida ao rei Dom Afonso de enigrar para o Brasil, estabelecendo ali a capital do Império. Prometer-se-iam então assistência e proteção para êsse plano. Se, contudo, Portugal insistisse em rejeitar o auxílio inglês em qualquer caso, as tropas do General Simcoe deveriam desembarcar e ocupar as fortalezas no Tejo. A esquadra entraria pelo rio e apossar-se-ia dos navios e vasos de guerra portugueses, tomando o cuidado de convencer ao govêrno e ao povo de que isto se fazia para o bem da nação e nunca com o fim egoísta de engrandecimento por parte da Inglaterra. Parece, entretanto, que os preparativos de invasão por parte da França não estavam no momento tão adiantados como se supunha e, à vista dos instantes pedidos da côrte de Lisboa, as tropas e a frota retiraram-se do Tejo.

(20) Quanto aos fins políticos e comerciais do auxílio a Miranda e da conquista de um pórtio para a Inglaterra na América do Sul, vide o depoimento de Lorde Melville na côrte marcial sobre Sir Home Popham.

A 8 de agosto do ano seguinte (1807), contudo, Mr. Rayneval, Encarregado de Negócios da França em Lisboa, recebeu ordens de sua côrte para declarar ao Príncipe Regente de Portugal que tinha ordens para pedir os passaportes e declarar a guerra se, até 1.º de setembro, não fôsse declarada guerra à Inglaterra, despedido o Ministro inglês, e chamado o embaixador português em Londres, prendendo-se todos os ingleses residentes em Portugal, confiscando-se-lhes as propriedades, fechando-se os portos do reino à Inglaterra e, finalmente, se Portugal, sem demora, não reunisse seus exércitos e esquadras com os do resto do continente para combater a Inglaterra.

O conde da Barca, então primeiro ministro, estava certamente a par dos preparativos do govêrno francês. Mas com a cega obstinação que às vêzes se apossa dos homens como uma fatalidade, insistiu em considerá-las simples medidas destinadas a intimidar e molestar a Inglaterra. Este fidalgo havia sido embaixador na côrte de São Petersburgo, e, ao ser chamado para ocupar a chefia do gabinete de Lisboa, teve ordem de ir por mar a Londres, e dali a Portugal; mas preferiu realizar a viagem via Paris, onde viu e conversou tanto com Napoleão quanto com Talleyrand. Não pode haver a menor dúvida de que foi ludibriado por êstes homens espertos. Muitos o consideram traidor. Mas a vaidade do conde, que sempre disse preferir julgar êstes homens pelos próprios olhos, ainda que o faça mais fraco, tornando-o menos pernicioso, talvez tenha sido a verdadeira mola de suas ações. Foi êle que tomou as providências para a prisão dos ingleses, a confiscação das suas propriedades e o fechamento dos portos ao comércio inglês, adotando, em suma, o conjunto do sistema continental. Nas vésperas da chegada de Junot a Lisboa, porém, um jornal de Paris, escrevendo com antecipação dos acontecimentos, anunciou que "*A Casa de Bragança havia cessado de reinar*" e que os seus membros estavam relegados ao rebanho geral dos ex-príncipes, etc., sem demonstrar a menor complacência para com êles e sem revelar qualquer expectativa lisongeira para o futuro. Foi isto que

abriu completamente os olhos do Príncipe Regente. Consentiu êle então em dar o passo que D. João IV e D. José já haviam planejado, isto é, transferir a sede do império para suas possessões transatlânticas.

Foi isto em novembro de 1807, mas os acontecimentos dêsse mês, os mais notáveis da história portuguesa desde a revolução que levou os Braganças ao trono dos antepassados, serão compreendidos melhor, com os seguintes trechos de despachos de Lorde Strangford e de Sir Sydney Smith então recebidos pelo gabinete inglês. A 29 de novembro de 1807, escreve o Lorde, depois de referir-se à partida do Príncipe para o Brasil :

“Eu havia declarado clara e insistentemente ao gabinete de Lisboa que a condescendência em não se sentir agravado com a exclusão do comércio britânico dos portos de Portugal havia esgotado a capacidade de paciência de Sua Majestade Britânica; que ao fazer esta concessão às circunstâncias peculiares do Príncipe Regente, Sua Majestade tinha feito tudo que a amizade e a lembrança da antiga aliança poderiam razoavelmente exigir. Mas que mais um passo além dessa linha de hostilidade moderada, até aqui aceita com relutância, conduziria infalivelmente à necessidade da guerra de fato.

“O Príncipe Regente, contudo, ousou, por um momento, esquecer-se de que na atual situação da Europa nenhum país poderá ser inimigo da Inglaterra impunemente, e por mais que Sua Majestade Britânica esteja disposta a ser compreensiva, em vista da deficiência de meios de Portugal para resistir ao poder da França, a própria dignidade inglesa e os interesses do povo não lhe permitiriam aceitar esta desculpa para uma capitulação em toda linha a exigências desarrazoadas. A 8 do corrente, Sua Alteza Real foi induzido a assinar uma ordem de detenção de vários súditos britânicos e de uma quantidade sem importância de bens ingleses que ainda permaneciam em Lisboa. Ao publicar-se tal ordem, ordenei a retirada do brasão da Inglaterra das portas de minha residência, pedi meus passaportes, apresentei uma queixa final da atitude da corte de Lisboa e dirigi-me à esquadra comandada por Sir Sydney Smith, que chegou às costas

de Portugal alguns dias depois de eu ter recebido os passaportes. A ela recolhi-me a 17 do corrente.

“Sugeri imediatamente a *Sir Sydney Smith* o expediente de estabelecer-se um bloqueio rigoroso na foz do Tejo. Tive a grande satisfação de ver depois que me antecipara assim às intenções de Sua Majestade. De fato, os despachos que recebi a 23 me instruíam no sentido de autorizar esta medida, no caso do govêrno português ultrapassar os limites que Sua Majestade julgara extremos para sua tolerância e tentasse dar qualquer passo além, injurioso à honra e aos interêsses da Grã Bretanha.

“Resolvi, portanto, prosseguir no caminho para verificar o efeito produzido pelo bloqueio de Lisboa e propôr ao govêrno português, como condição única para cessação do bloqueio, a alternativa (mencionada em seu officio), ou de rendição da frota a Sua Majestade, ou do seu emprêgo imediato na transferência do Príncipe Regente e sua família para o Brasil. Em consequência pedi uma audiência ao Príncipe Regente, com devidas garantias de segurança e proteção e, à vista da resposta de Sua Alteza Real, segui para Lisboa a 27 do corrente, na chalupa de Sua Majestade, *Confiança*, que arvorara uma bandeira parlamentar. Tive imediatamente as mais interessantes comunicações com a côrte de Lisboa, cujas minúcias discriminarei em próximo despacho. Basta mencionar aqui que o Príncipe Regente sãbiamente teme acima de tudo um exército francês e põe tôdas as suas esperanças na armada inglêsa; que êle recebeu de mim as mais explícitas afirmações de que Sua Majestade generosamente não levaria em conta os atos de hostilidade involuntária e momentânea extorquidos ao assentimento de Sua Alteza Real; e que prometi a Sua Alteza Real, pela fé de meu soberano, que a frota inglêsa diante do Tejo seria utilizada para proteger sua retirada de Lisboa e sua viagem para o Brasil.

“Foi publicado ontem um decreto no qual o Príncipe Regente anuncia sua intenção de retirar-se para a cidade do Rio de Janeiro até a conclusão de uma paz geral, e de nomear uma regência para gerir o govêrno de Lisboa durante a ausência de Sua Alteza Real da Europa.”

Sir Sydney Smith, por sua vez, a 1.º de dezembro, escreveu a seguinte carta ao Almirantado :

“Bordo do navio de S. M. *Hibérnia*, a 22 léguas a oeste do Tejo, 1.º de dezembro de 1807.

“Senhor,

“Em despacho anterior, datado de 22 de novembro, com um post-escrito de 26, comuniquei-lhe, para conhecimento dos Lordes Comissários do Almirantado, documentos constantes de vários atos do governo português, que de tal modo está influenciado pelo terror do exército francês que aquiesceu em certas exigências da França, agindo contra a Grã Bretanha. A distribuição da força portugueza se fêz tôda pela costa, enquanto a fronteira terrestre ficou totalmente desguarnecida. Súditos britânicos de tôdas as categorias foram detidos. Foi, pois, necessário informar ao governo português que se estavam realizando as circunstâncias em que, de acôrdo com minhas instruções, eu deveria declarar o Tejo em estado de bloqueio”. (*Aqui Sir Sydney repete um trecho do despacho de Lorde Strangford*).

“Na manhã de 29, a frota portugueza saiu barra fora com Sua Alteza Real o Príncipe do Brasil e tôda a família real de Bragança a bordo, juntamente com muitos de seus fiéis conselheiros e aderentes, bem como outras pessoas solidárias com sua atual fortuna. Esta frota composta de oito naus de linha, quatro fragatas, dois brigues e uma escuna⁽²¹⁾, com

(21) Lista da frota portugueza que saiu do Tejo a 29 de novembro de 1807:

	CANIÕES	COMANDANTE
NAUS		
<i>Príncipe Real</i>	84	[Chefe de esquadra] Manuel da Cunha, [Souto-Maior], Cap. M. G. Manuel do Canto [Francisco José do Canto Castro e Mascarenhas].
<i>Rainha de Portugal</i> ..	74	Cap. M. G. Francisco Manoel de Souto-Maior. <i>A princesa viúva e as princesas mais moças vinham neste navio.</i>
<i>Conde D. Henrique</i> ...	74	Cap. M. G. José Maria de Almeida.

(Continúa)

(Continuação)

	CANHÕES	COMANDANTE
NAUS		
<i>Medusa</i>	74	Cap. M. G. Henrique [da Fonseca] de Sousa Prego.
<i>Afonso d'Albuquerque</i>	64	Cap. M. G. Inácio da Costa Quintela <i>Trazia a rainha e a familia.</i>
<i>D. João de Castro</i>	64	Cap. M. G. Dom Manuel João de Souza [D. Manuel João de Lócio].
<i>Príncipe do Brasil</i>	74	Cap. M. G. Garção [Francisco de Borja Salema Garção].
<i>Martim de Freitas</i> ...	64	Cap. M. G. Dom Manuel de Menezes
FRAGATAS		
<i>Mimra</i>	44	Cap. M. G. Rodrigo Lobo [Rodrigo José Ferreira Lobo].
<i>Golfinho</i>	36	Cap. de Frag. Luis d'Acunha [da Cunha Moreira].
<i>Urânia</i>	32	Cap. de Frag. Tancos, conde de Viana [D. João Manuel de Menezes, da casa de Tancos, conde de Viana].
<i>Charrua Princesa S. S.</i>	20	Comandada por um tenente.
BRIGUES		
<i>Voador</i>	22	Ten. Francisco Maximiliano [de Sousa].
<i>Vingança</i>	20	Cap. Nicolas Kytten [Diogo Nicolau Keating].
<i>Gaiota</i>	22	
ESCUNA		
<i>Curiosa</i>	12	<i>Içou as côres de França e desertou</i>

Dêsses navios, o *Martim de Freitas* é hoje o *Pedro Primeiro*. O *Príncipe Real* é o navio de instrução no Rio. A *Rainha de Portugal* está em Lisboa, bem como o *Conde D. Henrique*. O *Medusa* é um casco abandonado no Rio. As três outras naus de guerra, ou se estragaram, ou estão prestes a se estragarem. Das fragatas, a *Mimra* foi tomada pelos franceses na Índia. O *Golfinho* foi demolido. A *Urânia* naufragou nas ilhas do Cabo Verde. O *Voador* é hoje uma corveta. A *Vingança* foi demolida e a *Gaiota* é hoje o *Liberal*.

LISTA DOS NAVIOS QUE FICARAM EM LISBOA:

NAVIOS	CANHÕES	
<i>S. Sebastião</i>	64	Imprestável, sem completo reparo
<i>Maria Prima [Primeira]</i>	74	Aguardando as baterias — não aparelhado
<i>Vasco da Gama</i>	74(*)	Em reparações — Quase pronto
<i>Princesa da Berra</i>	64	Aguardando baterias
FRAGATAS		
<i>Fênix</i>	43	Necessitando completo reparo Demolida na Bahia).
<i>Amazona</i>	44	Id. (Demolida em Lisboa).
<i>Pérola</i>	44	Id. (Demolida em Lisboa)
<i>Fistão [Tritão?]</i>	40	Sem conserto
<i>Veney [?]</i>	30	Id. sem conserto.

(*) Casco desguarnecido no Rio.

uma multidão de navios mercantes bem armados, colocou-se debaixo da proteção de Sua Majestade, enquanto as salvas das saudações recíprocas de vinte e um tiros anunciavam o amigável encontro daqueles que, ainda na véspera, estavam em termos de hostilidade(*). O espetáculo era impressionante para tôdas as testemunhas (exceto para os franceses, nas montanhas), presas da mais viva gratidão à Providência, por ver que ainda existia um poder no mundo capaz e decidido a proteger os oprimidos.

“Tenho a honra, etc.

W. Sydney Smith.”

Estes são os relatórios públicos transmitidos por estrangeiros para a sua côrte, acêrca de uma das mais curiosas negociações que jamais ocorreram na história dos reinos e das côrtes. Contudo, tal era o estado da Europa nesse tempo, tão grave a luta entre os grandes na imensa guerra que se travava, que a antiga Casa de Bragança deixou a sede de seus antepassados para procurar abrigo seguro além do Atlântico, quase sem repercussão e com menos formalidades do que as que exigia outrora uma excursão a seus palácios de campo.

O govêrno francês esperara, para invadir Portugal, que êste infeliz país exaurisse seu tesouro, no pagamento das enormes somas exigidas como preço da neutralidade. A influência francesa havia retirado as tropas das passagens nas montanhas, por onde se poderia impedir a entrada das forças francesas, e o Príncipe Regente sòmente se declarou solidário com o sistema continental e prendeu os inglêses quando se deu a entrada simultânea de três exércitos imperiais e espanhóis.

Junot invadiu o Algarve e passou o Zézere ao mesmo tempo que Solano se atirava sòbre o Pôrto e Carafa ocupava o Alentejo e o Algarve. Nestas circunstâncias,

(*) A relação da esquadra aqui apresentada difere em diversos pontos das que figuram em MELO MORAIS, *Chorographia histórica*, Tomo I (2.ª parte), Rio, 1863, p. 60; I. ACCIOLI DE CERQUEIRA E SILVA, *Memórias históricas e pol. da prov. da Bahia*, rev. por Brás do Amaral, III, Bahia, 1931, p. 46 e os *Anais da Bibl. Nac.* II, 13.

o comportamento do ministério, se bem que não corajoso, foi natural, como também foi natural, quando Lorde Strangford voltou a Lisboa, que êle talvez não devesse ter deixado, que o último conselho reunido nessa capital decidisse a emigração da côrte para o Brasil. Se ela tivesse permanecido em Portugal, êste se teria tornado uma província francesa. O Príncipe e tôda sua família seriam feitos prisioneiros daquele que não havia respeitado nenhuma coroa. Além disso, a Inglaterra havia prevenido que naquela hipótese ela deveria ocupar o Brasil para sua própria segurança. Emigrando para o Brasil, o Príncipe conservava em suas mãos a maior e mais rica porção de seus domínios e garantia, ao menos, a liberdade pessoal e a segurança de sua família. Ao terminar, portanto, a última reunião de seus conselheiros, o Príncipe chamou seus criados de confiança⁽²²⁾ e ordenou-lhes que preparassem tudo *em segrêdo* para o embarque da côrte daí a duas noites. Um dêles já recebera até ordem de providenciar quanto ao alojamento de Junot, e para ter na manhã seguinte um almôço pronto para êle em uma casa a meio caminho entre Sacavém e Lisboa. Êste homem, conseguindo levar a família para bordo de um dos navios, havia passado dia e noite arranjando provisões, prataria, livros, jóias, tudo que pudesse ser transportado para bordo da esquadra e, ao ficar para ser o último, teve de novo ordens de promover aquartelamento para Junot, mas foi bastante feliz em obter um barco que o levou para a esquadra, deixando em terra papéis, dinheiro e até o chapéu.

Tal é o quadro do embarque atabalhoado que nos dão alguns dos servidores da família real(*).

Mal haviam as esquadras se afastado da terra quando encontraram uma violenta rajada de vento, mas a 5 de

(22) Foram êles o visconde do Rio Seco, que foi quem providenciou tudo, o marquês de Vagos, gentil-homem da real câmara, o conde de Redondo, encarregado da real ueharia, Manuel da Cunha, 'Seu-Moior' almirante da esquadra, o padre José Elói, encarregado das riquezas pertencentes à igreja patriarcal.

(*) V.: Visconde do Rio Seco [depois marquês de Jundiá], *Exposição annuallica e justificativa da conduta, desde o dia 25 de novembro em que S. M. F. o incumbio dos arranjos necessários da sua retirada para o Rio de Janeiro, até o dia 15 de setembro de 1821*. Rio, 1821. A autora frequentou, como se verá adiante, a casa dêsse titular, seu provável informante das minucias acima referidas.

dezembro estavam todos de novo reunidos. Nesse dia Sir Sydney Smith após haver suprido os navios de tudo que era necessário para sua segurança, e após havê-los comboiado até 34°47' de latitude norte e 14° e 17' de longitude oeste, deixou-os seguir sob a proteção do *Malborough*, sob o comando do cap. Moore, com a flâmula de comodoro, o *London*, o *Monarch* e o *Bedford*(23). Continuaram sem incidente ulterior até a costa do Brasil e desembarcaram na Bahia, a 21 de janeiro de 1808(24).

O conde da Ponta [da Ponte] era por êsse tempo o governador da Bahia e diz-se ter sido muito popular(25). Era casado com uma senhora alemã de família de importância, que não era menos querida. Tinha ela, além das maneiras da côrte, bastante beleza e talento(*).

A recepção da comitiva real pelo governador e senhora foi tão agradável ao Príncipe, que êle permaneceu em São Salvador um mês. Cada dia houve uma festa e Dom João deixou com tristeza a cidade. Em comemoração da visita, abriu-se um largo perto da fortaleza de São Pedro, de onde se dominava uma bela vista de tôda a linda baía, e aí se ergueu um obelisco com uma inscrição explicativa do seu objetivo. O terreno em tôrno foi plantado e convertido num passeio público.

Mas, por mais agradável que pudesse ser ao Príncipe a estada na Bahia, o ponto era muito inseguro para a realização dos propósitos que o haviam feito emigrar. Se fôr bloqueada pelo mar e a mais pequena fôrça de terra se apossar da faixa de terra entre o Cabo e o Rio Vermelha [Rio Vermelho], fica de fato a cidade sem meios de subsistência. A entrada da barra é tão larga que nada poderá impedir que os navios entrem quando quiserem,

(23) Na trasladação da família de Bragança para o Brasil, Sir Samuel Hood e o General Beresford tomaram posse da Madeira, como depositários de Portugal, até a restauração do poder dêsse país.

(24) O *Rainha de Portugal* e o *Conde D. Henrique*, em que viajavam a Princesa Viúca e as princesas mais moças, vieram direto ao Rio, a 15 de janeiro. O *Martim de Freitas* e o *Golfinho*, chegados no dia 15 à Bahia com mantimentos, partiram para o Rio a 24 e aí chegaram a 30.

(25) O conde morreu em maio de 1809, com 35 anos, deixando 10 filhos em más condições de fortuna. [João Saldanha da Gama Melo Torres Guedes de Brito, *4-XII-1773, †24-V-1809, 6.º conde da Ponte].

(*) D. Maria Constança de Saldanha Oliveira e Daun, * 21-VI-1775, †1833 no Rio

enquanto o pôrto do Rio de Janeiro é facilmente defensável, não sendo possível aos navios entrarem sem se exporem ao fogo das fortalezas. Além disso tem o Rio recursos de que a Bahia não dispõe, podendo-se comunicar a qualquer momento com a província de Minas que, além dos metais, tem abundância de milho, mandioca, algodão, café, gado, porcos e mesmo de indústria grosseira como a de algodão, etc., para uso dos escravos e para uso comum.

O Rio era, pois, o local mais conveniente para asilar a casa de Bragança. Assim, a 26 de fevereiro Sua Alteza Real partiu da Bahia e chegou ao Rio de Janeiro a 7 de março.

Entrementes, as tropas francesas haviam ocupado Portugal e Junot, comandante em chefe, fixara o quartel general em Lisboa. Começou por desarmar os habitantes, e a guerra entre a França e Portugal annunciou-se formalmente oito dias antes da assinatura do tratado de Fontainebleau, pelo qual Portugal foi dividido em três grandes feudos que, sob o govêrno do rei da Etrúria, do Príncipe da Paz Godoy e de um Bragança (se este se submetesse às condições)⁽²⁶⁾, deveriam ser vassallos da coroa de Espanha. Junot lançou uma proclamação adulando o povo na proporção de suas oppressões e quase o arruinou, cobrando uma contribuição forçada, para a guerra, de 3.000.000 de libras. Em aditamento ainda, fez-se uma conscrição de 40.000 homens. E assim os meios de que dispunha Portugal e que poderiam ter sido utilizados, se empregados a tempo, para salvá-lo da invasão, voltaram-se contra êle.

O primeiro ministério nomeado após a chegada da côrte ao Rio foi constituído por Dom Rodriguez [Rodrigo] de Sousa Coutinho, Dom João de Almeida, (Dom João Rodrigues de Sá e Meneses) (visconde de Anadia), e o marquês de Aguiar.

A primeira decisão da côrte foi publicar um manifesto, pondo em relêvo o comportamento da França em

(26) Godoy deveria receber o Alentejo e o Algarve; Etrúria receberia o Entreminho e Douro, [Entre-Douro e Minho] com a cidade do Pôrto. O resto seria sequestrado até a paz geral, quando um Bragança seria elevado a chefe, sob a condição da Inglaterra devolver à Espanha Gibraltar, Trinidad, etc.

relação a Portugal desde o princípio da Revolução, os esforços do governo para preservar a neutralidade e minudenciando todos os acontecimentos que haviam conduzido imediatamente à emigração da família real. O manifesto também negava ter dado qualquer auxílio, como afirmava o governo francês, à esquadra e tropas inglêsas nas suas expedições ao rio da Prata, e afirmava que, tendo o governo francês quebrado a palavra empenhada a Portugal, Sua Alteza Real considerava-se em guerra com a França e declarava que só faria a paz com assentimento e conjuntamente com seu fiel aliado o rei da Inglaterra. E nisso consistiu tôda interferência do Príncipe nos negócios de seu antigo reino europeu, onde uma junta de cinco pessoas foi nomeada para governar, e onde, antes do fim do ano (1808), se travou a batalha de Vimiera [Vimiciro], e assinou-se a Convenção de Sintra.

O primeiro efeito visível da chegada da família real ao Brasil foi a abertura dos portos⁽²⁷⁾; logo no primeiro ano (1808) noventa navios estrangeiros entraram só no pôrto do Rio. Um número proporcional entrou nos portos de Maranhão, Pernambuco e Bahia. Os efeitos da presença da côrte em breve se fizeram sentir na cidade do Rio de Janeiro. Antes de 1808 confinava-se ela em terreno pouco mais vasto do occupado quando foi atacada por Duguay Trouen [Trouin] em 1712 [aliás 1711]; as belas enseadas acima e abaixo dela, formadas pela baía, estavam desabitadas, exceto por alguns pescadores, enquanto os pântanos e lamaçais que a cercavam, tornavam-na extremamente suja. Um terreno perto da igreja de São Francisco de Paulo [Paula] havia sido reservado para fazer uma praça; mas apenas umas escassas doze casas se erguiam em tôrno e um tanque lamacento occupava o centro; dentro dêle os negros costumavam atirar tôdas as imundícies da vizinhança e ainda não estava aterrado. Em um dos lados da praça começara-se a construção de um teatro, não inferior aos da Europa em tamanho e em acomodações, e colocado sob o patrocínio de São João. Várias casas magnificas ergueram-se então nas vizinhanças; a praça ficou pronta; uma outra, muito

(27) A 28 de janeiro de 1808.

maior ficava adiante dela, num dos limites da cidade. No outro lado, entre o sopé da montanha do Corcovado, com seus contrafortes e o mar, as boas posições foram ocupadas por deliciosas casas de campo. A linda enseada de Boto Fogo [Botafogo], onde antes só havia pescadores e ciganos, tornou-se em breve um subúrbio arejado e populoso.

Não está em minhas forças dar uma descrição minuciosa de tôda a atividade dêste importante ano. O comércio naturalmente aumentou rapidamente. O dinheiro trazido pelos imigrantes de Portugal havia provocado maiores emprêgos de capital e especulações comerciais. Em outubro foi autorizado um banco público no Rio, com um capital de setenta a oitenta mil libras esterlinas.

Fundou-se uma gazeta regular, para mais rápida disseminação de quaisquer notícias que chegassem de Portugal, onde haviam ficado as propriedades e os interesses da côrte e da nova gente do Brasil. Ainda que a imprensa, naturalmente, não se pudesse gabar de muita liberdade, mesmo porque realmente sua liberdade por essa época não teria muita importância, foi isso o primeiro passo para despertar a curiosidade intelectual, e o gôsto pela leitura, que se tornou, não somente um luxo, mas até uma necessidade em certos países e que aqui progride rápida e diàriamente.

Por ocasião da chegada da côrte, muitas das velhas famílias nativas correram à capital para saudar os soberanos. Os filhos e filhas dessas famílias casaram-se nas casas nobres de Portugal. A união das duas nações tornou-se íntima e permanente, e as maneiras e hábitos dos brasileiros mais polidos. Com as necessidades artificiais, surgiam novas indústrias, especialmente perto da capital. As matas e morros foram limpos. As ilhas desertas da baía tornaram-se prósperas fazendas, surgiam jardins por tôda a parte e as delicadas verduras de mesa da Europa e da África foram adicionadas às riquezas nativas do solo e do clima brasileiro.

Os membros da família real proporcionavam aniversários para freqüentes festas de gala; os estrangeiros rivalizavam com os portuguezes nas suas festas, de modo

que o Rio apresentava o espetáculo de uma festividade ininterrupta. A 17 de dezembro, aniversário da rainha, foram nomeados seis condes, isto é, Luís de Vasconcelos e Sousa foi feito conde de Figuerio [Figueiró], Dom Rodrigo de Sousa Coutinho — conde de Linhares; o Visconde de Anadia — conde Anadia; Dom João de Almeida de Melo e Castro — conde das Galveias; Dom Fernando José de Portugal — conde d'Aguiar; D. José de Sousa Coutinho — conde de Redondo. O Núncio do Papa, Sir Sydney Smith e Lorde Strangford⁽²⁸⁾ foram honrados com a Grã-Cruz da Torre e Espada; seis oficiais ingleses foram nomeados comendadores da ordem da Cruz, e cinco outros foram feitos cavaleiros da mesma ordem^(*).

O comêço de 1809 foi assinalado por um acontecimento de alguma importância. Pelo tratado de Amiens, a Guiana Portuguesa havia sido cedida à França e estava, juntamente com a Guiana Francesa e a Caiena governada pelo infame Victor Hughes. Havia muito que a França não podia socorrer tais colônias. As frotas inglesas impediam a navegação e as necessidades no continente eram muito urgentes e muito grandes para que se pudesse arriscar alguma cousa para salvar uma colônia tão distante. A côrte do Rio, portanto, resolveu enviar uma expedição militar sob o comando do coronel Manuel Marques, à foz do Oiapoque. O navio de guerra inglês *Confiance*, comandado pelo capitão Yeo, acompanhou-o. O ataque combinado de ambos forçou o inimigo a render-se a 12 de janeiro. Os têrmos foram honrosos para ambas as partes; entre os artigos chamo a atenção para o 14º, pelo qual se estipulou que o jardim botânico chamado *Gabrielle* não só seria poupado, mas ainda mantido

(28) Sir Sydney Smith havia acompanhado a côrte portuguesa ao Rio menos como comandante da força naval inglesa nesses mares do que como protetor dos Braganças. Lorde Strangford havia reassumido a sua posição de embaixador.

(*) V. em Monsenhor LUÍS GENÇALVES DOS SANTOS, *Memórias para servir à história do reino do Brasil*, 2ª ed., Rio, 1943, I, p. 284, os nomes dos oficiais, que foram cinco: Graham Moore, comodoro, Ricardo Lee, Carlos Schonberg, Diogo Walcher, Tomás Western. Acrescenta-se o secretário da legação Francis Hill. Todos foram aliás nomeados comendadores honorários da mesma ordem da Torre e Espada e não da ordem da Cruz, que nunca existiu.

no estado de perfeita conservação em que era entregue. A guerra é tão horrível que um traço como êsse, no meio de seus males, é muito confortante para não ser mencionado.

O resto do ano passou-se no Brasil em tranqüilas, ainda que importantes operações: abriram-se muitas estradas através da terra ainda selvagem do interior; instituiu-se uma Academia Naval; fundou-se uma escola de anatomia no hospital naval e militar. O instituto vacínico, organizado no Brasil em 1804, tendo decaído, foi renovado tanto na Bahia como no Rio; inúmeras pessoas de tôdas as côres foram vacinadas.

Entrementes as armas portugêsas entravam em ação em outra parte do mundo. Os extensos domínios de Portugal no Oriente haviam caído, um a um, como pérolas de um colar desfeito. Contudo, Macau era ainda portugêsa. Vinte anos antes, assim como tôda a costa da China, sofrera aquela cidade a praga dos piratas do mar Amarelo. Até que, afinal, o govêrno chinês achou necessário adotar medidas para suprimi-los e fêz um tratado com o govêrno portugês de Macau, assinado pelas seguintes personagens, a 23 de novembro: Miguel de Arriga, [Arriaga] juiz, Brun [Brum] da Silva(*), José Joaquim Barros, general, Shin Kei chii, Ches, Pom.

Por êsse tratado, deviam os portugêses contribuir com seis navios de dezesseis a vinte e seis canhões, mas tendo falta de balas e outras munições foram socorridos liberalmente pela fábrica da Companhia Inglesa das Índias Orientais. O resultado foi que após uma resistência de três meses, os piratas entregaram os seus navios e prometeram tornar-se súditos pacíficos. O povo de Macau fêz rezar um *Te-Deum* em honra do successo. Mas doze meses se haviam passado quando essas felizes notícias atingiram o Brasil.

Os grandes interêsses europeus do Brasil e de seu soberano poderiam ter sido esquecidos no próprio país, durante o ano de 1810, tão tranqüilo decorreu êle, se não fôssem os paquetes que traziam através do Atlântico

(*) Aqui há um equívoco da autora, quando divide em dois pedaços o nome do desembargador Miguel de Arriaga Brum da Silveira, governador de Macau.

as minúcias das batalhas desesperadas, nas quais a força e o tesouro da Inglaterra estavam sendo despendidos em defesa dêles na Península. A 19 de fevereiro, Lorde Strangford e o conde de Linhares, em nome dos respectivos governos, assinaram um tratado comercial no Rio, pelo qual obtinham grandes e recíprocas vantagens. Os ingleses tiveram permissão para exercer francamente o seu culto, contanto que não construíssem tórres em suas igrejas e que não usassem sinos.

A isso se seguiu, no mês de maio, uma comunicação formal de Lorde Strangford de que o parlamento britânico havia votado 980.000 libras para manter a guerra em Portugal. Realmente a Inglaterra havia tomado a si a luta e tinha decididamente o maior interesse em opôr-se à França. A Casa de Bragança estava, pois, à vontade para dedicar tôda a atenção aos domínios americanos. Vários destacamentos escolhidos foram enviados para diferentes pontos do país a fim de repelir os índios, cujas incursões haviam destruído vários estabelecimentos portugueses; para construir estradas ligando diversas províncias entre si e, acima de tudo, para promover a civilização gradual das tribos indígenas. Foram dadas ordens estritas aos comandantes para agir pacificamente, sobretudo para com as tribos amigas. Mas as que se revelassem refractárias deveriam ser perseguidas até a exterminação. A fim de explicar os objetivos com que se haviam organizado essas expedições, publicou-se uma proclamação no mês de setembro assegurando aos que se tornassem proprietários, ou requerentes de terra na província de Minas Gerais e nas margens do rio Doce, tôdas as vantagens de donatários originais e senhores supremos, e prometendo que cada colônia contendo doze cabanas de índios mansos e dez casas de brancos, seria erigida em vila, com todos os seus privilégios. O destacamento enviado ao rio Doce restaurou cento e quarenta fazendas que haviam sido destruídas pelos índios, e celebrou um acôrdo amigável com várias tribos Puris, que já encontraram estabelecidas em aldeias, em número de quase nil. Era uma gente pacífica e não sem algumas das artes e hábitos da indústria. Mas eram pagãos e polígamos, não

que a pluralidade de mulheres fôsse geral, nem mesmo comum, pois havia só cento e treze mulheres para noventa e quatro maridos. Não parece que tenham sido canibais. Mas afirma-se fortemente que o eram os vizinhos Botocudos os quais, tendo obtido uma pequena vantagem sôbre os portuguezes, comeram quatro dêles que lhes caíram nas mãos⁽²⁹⁾. Confesso que sou cética em relação a tais antropófagos. Que os selvagens possam comer os inimigos tomados em batalha, não duvido; dentro das condições da vida selvagem a vingança e a retaliação são atraentes. Mas duvido que comam os mortos encontrados após a batalha, duvido também das caçadas humanas e que comam mulheres e crianças. Das últimas atrocidades, realmente, não têm êles sido acusados nos últimos tempos. E como no tempo em que os missionários escreveram as primeiras histórias a respeito dêles era político exagerar as dificuldades que êsses homens bem-meritos iam encontrar, de modo a encarecer-lhes os serviços, não será descarido acreditar que muito exagêro se insinuou nas narrativas acêrca dos selvagens, especialmente se atentarmos nos milagres attribuídos nessas mesmas narrativas aos próprios missionários. Além dessas medidas em relação aos índios, outros passos, não menos importantes, foram dados em benefício do país: diversas colônias, tanto de europeus como de ilhéus dos Açores, foram promovidas e animadas. As pescarias em alto mar também foram protegidas, especialmente as da ilha de Santa Catarina. Na mesma ilha foram feitas bastantes experiências a respeito da cultura do cânhamo, provando-se que bastavam tempo e indústria para obter a produção de grandes quantidades dêsse valioso artigo de muito boa qualidade.

O ano de 1811 foi o último da vida e do ministério do conde de Linhares, cujas vistas estavam tôdas voltadas para o bem do país. Conhecedor não só de sua riqueza e fertilidade, sabia também como era atrasado e

(29) Tento em meu poder um curioso desenho, encontrado numa cabana botocuda, feito por um nativo do Brasil, de raça mestiça, onde êle aparece escondido numa gruta, seus companheiros brancos mortos, e, tanto êstes come os soldados do regimento de pretos que os acompanhou, com a carne destacada dos ossos, exceto a cabeça, as mãos, e os pés. Os botocudos estão representados levando em cestas a carne. Tais selvagens aparecem todos nus, com botoques metidos nos beiços e armados de arcs e flechas.

pobre, em relação às suas vantagens naturais. Procurando obviar esses males, êle talvez tenha visado fazer mais do que era possível em tão curto prazo, e nas circunstâncias em que sua ativa disposição podia agir. Concebeu estradas e planejou canais, promoveu colônias, que depois fracassaram, mas deixaram após elas algumas de suas práticas nativas e algumas sementes de progresso que não desapareceram totalmente. A possibilidade de navegação tanto do rio S. Mateus como do Jequitinhonha ficou provada. Fizeram-se experiências de tôdas as qualidades de cultivo, até o chá foi introduzido da China. Formou-se um Jardim Botânico, no qual as especiarias do Oriente foram cultivadas com sucesso; mas talvez o maior benefício público tenha sido a fundação de uma biblioteca pública, estabelecendo-se seus regulamentos dentro dos princípios mais liberais.

Pelos fins de 1811 um decreto régio foi promulgado, concedendo 120.000 cruzados por ano, saídos da alfândega da Bahia, Pernambuco e Maranhão, durante quarenta anos, aos portugueses que haviam sofrido com a guerra dos franceses. Esta medida foi encarada já então com ciúmes pelas capitânicas do norte. Mas tôdas continuaram tranquilas no momento e pareciam estar atentas somente ao progresso interno. Novos edificios, tanto para utilidade como para luxo, surgiram nas cidades. O Maranhão e Pernambuco melhoraram seus portos. A Bahia, além de um belo teatro ali inaugurado em 1812, calçou as suas ruas. No Rio, uma subscrição de 30.000 cruzados foi obtida a fim de embelezar o largo do paço, completar os jardins públicos e drenar o campo de Sant'Ana.

Em 1813, surgiram algumas disputas entre a côrte do Rio e a Inglaterra a propósito do tráfico de escravos. A esquadra inglêsa capturara três navios ao largo da costa d'África, ao exercerem certamente a escravização ilegal. Foram apresentadas queixas e a questão ficou em suspenso até depois do Congresso de Viena, quando essa illustre assemblêia, apesar da maior parte de seus mais altos e mais poderosos membros se terem manifestado abertamente contra esta vil prática, admitiu que ela fôsse man-

tida. A Inglaterra consentiu então em pagar 13.000 libras para indenizar os portugueses traficantes de escravos pelo seu prejuízo (julho de 1815)!

No mesmo ano parece ter havido algumas demonstrações de descontentamento, ou suspeitas disso, nas províncias. Muitos dos salários dos funcionários, tanto civis como militares, não estavam sendo pagos; contudo, eram feitas cobranças, tanto mais opressivas, quanto irregulares, em cada departamento. A administração da justiça era notoriamente corrupta; o clero caíra em desordem e descrédito. Apesar de muita coisa útil ter sido feita, muito fôra esquecido, especialmente nas províncias distantes e havia uma tal dose de descontentamento que vários oficiais que haviam vindo ao Rio, quer por interesses particulares, quer para queixar-se de erros do govêrno, tiveram ordem peremptória de voltar aos postos.

Nessas conjunturas foi sábio desviar a atenção pública de tais vexações por uma medida ao mesmo tempo justa e grata ao orgulho dos brasileiros: por um edito de 16 de dezembro de 1815 o Brasil foi elevado à dignidade de reino e as fórmulas e títulos modificados de modo a ficar em pé de igualdade com Portugal. Durante alguns meses, as mensagens de agradecimentos e congratulações choveram sobre o rei, de várias províncias, e as festas em regosijo por esta feliz oportunidade ocuparam o povo, afastando-o de qualquer outra consideração.

Por êsse tempo, como as vitórias dos aliados na Europa, haviam exilado Napoleão na ilha de Elba, cessara a necessidade da permanência de uma esquadra inglesa no Rio. Em consequência, a estação inglesa foi extinta e as instalações vendidas. A família Bragança, de novo livre do auxílio estrangeiro, recomeçou a estabelecer suas ligações com as outras côrtes da Europa.

Estas negociações sofreram uma pequena interrupção devida a um fato que há muito se esperava, isto é, a morte da rainha, a 20 de março de 1816. Seu estado, tanto de corpo como de espírito, há muito tempo a tinha excluído de qualquer participação nos negócios públicos. Foi sepultada, com grande pompa, na igreja do convento da Ajuda e, como de costume, foram cantados

offícios fúnebres em sua intenção, em tôdas as igrejas do reino.

No mês de junho, o marquês de Marialva foi recebido em Paris como embaixador de Portugal e do Brasil e logo depois, com o terreno preparado por um funcionário inferior, foi a Viena para negociar o casamento de Dom Pedro de Alcântara, Príncipe de Portugal e Brasil, com a arquiduquesa Maria Leopoldina, que felizmente se realizou. A 28 de novembro foi firmado o contrato de casamento em particular. A 17 de fevereiro seguinte o contrato foi feito público e a 13 de maio casaram-se por procuração, representando Dom Pedro o marquês de Marialva. Mas só a 11 de novembro chegou ela ao Rio. O navio de guerra *João VI* foi enviado a Trieste para buscar a arquiduquesa, com duas fragatas. A viagem transcorreu sem acidentes e a pessoa então mais importante para as esperanças e felicidade do Brasil foi saudada com entusiasmo por tôdas as classes do povo.

No outono precedente, duas das infantas de Portugal haviam-se casado com Fernando VII de Espanha e com seu irmão o infante Dom Carlos.

Mas a fronteira meridional do Brasil começou então a sofrer os efeitos das agitações que tinham há tanto tempo abalado a América do Sul espanhola. O chefe Artigas mostrava disposições de invadir a fronteira portuguesa. Por conseguinte, formou-se um corpo de voluntários para ficar de observação. O Forte de Santa Teresa fôra ocupado a fim de atalhar os movimentos dêsse ativo lider. Durante o outono de 1816, deram-se várias escaramuças, mas com o concurso tanto das habilidades de negociar quanto das de guerrear, os portugueses obtiveram, a 19 de janeiro de 1817, as chaves de Montevideu, entregues ao general Lecor. Com isto o tão suspirado domínio da margem oriental do Prata foi conseguido.

Entretanto, os descontentes das províncias do norte haviam rompido em revolução aberta na capitania de Pernambuco. O povo do Recife e de suas vizinhanças havia-se embebedado de algumas das noções de governo democrático através de seus antigos dominadores holandeses. Lembavam-se, além disso, de que por seus pró-

prios sacrifícios, sem qualquer auxílio do governo, haviam êles expulsado êstes conquistadores e restituído à coroa a parte norte de seu mais rico domínio. Estavam, portanto, inclinados a ser particularmente invejosos das províncias do Sul, especialmente do Rio, que êles consideravam mais favorecidas que êles. Estavam aborrecidos com os pagamentos das taxas e contribuições, das quais nunca se haviam beneficiado e que só serviam para enriquecer os favoritos da côrte, enquanto grassavam enormes abusos, especialmente no setor judiciário do governo, abusos que êles desanimavam de ver corrigidos jamais. Tais foram as causas provocadoras da insurreição de 1817 em Pernambuco, que ameaçou por muitos meses a paz, senão a segurança do Brasil. O exemplo dos americanos espanhóis teve, sem dúvida, sua importância. Traçou-se um plano regular para se conseguir a independência. Foram convocadas e treinadas tropas, e, assegurado o domínio do Recife, foram começadas fortificações em Alagoas e no Penedo.

Os insurgentes, contudo, haviam provavelmente se enganado quanto ao grau de auxílio e assistência que encontrariam da parte de seus vizinhos. O povo de Serinhaém, logo que se conheceu a notícia da Revolução, isto é, meados de abril, colocou-se no Rio Formosa [Formoso], como uma ameaça a esta região, e as tropas reais, sob o comando do Marechal Joaquim de Melo Cogominho de Lacerda, marcharam imediatamente da Bahia. O chefe pernambucano [Antônio José] Vitoriano, [Borges da Fonseca] tendo atacado a Vila de Pedras, recebeu um golpe decisivo de um corpo de realistas, sob o comando do major [José Egídio] Gordilho [Veloso de Barbuda] que havia seguido à vanguarda por ordem de Lacerda a 21. A 29, Gordilho ocupou êste pôrto, bem como o de Tamandré [Tamandaré], onde não tardou a receber fortes reforços comandados pelo coronel Melo.

Entrementes o chefe pernambucano Domingos José Martins empenhava-se vivamente em agremiar tropas e formar grupos de guerrilhas de modo a molestar as marchas do inimigo. Eram as tropas chefiadas por Cavalcanti, [Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque] homem

de recursos e de boa família, ajudado por um padre [Antônio de] Souto [Maior], audaz e empreendedor, que estava longe de ser o único partidário eclesiástico. A 2 de maio, deu-se um vigoroso ataque em Serinhaém, pela famosa divisão pernambucana do sul, até então invicta. Mas os assaltantes foram repellidos com perda da artilharia e da bagagem. Uma coluna, sob o comando de [Domingos José] Martins, que ali veio, teve a mesma sorte, com o que conduziu êle sua gente, bem como a do Sul, para o engenho Trapiche. A 6 de maio deixaram êles esta posição e, encontrando os legalistas comandados por Melo, tiveram uma completa derrota. Os chefes foram mortos ou caíram em poder do govêrno. Dos últimos, alguns foram exilados, outros aprisionados. Mas três dêles, José Luís de Mendonça, Domingos José Martins e o padre Miguel Joaquim de Almeida [e Castro], foram enforcados na Bahia.

Nessa ocasião Luís do Rêgo Barreto foi nomeado pelo govêrno do Rio para o cargo de capitão-general de Pernambuco. Era êle natural de Portugal e tinha servido com distinção sob as ordens de Lorde Wellington. De inteligência firme e vigorosa, e muito cioso de sua honra de soldado, era talvez muito pouco condescendente para com o povo e com o espírito do tempo. As severas punições militares infligidas nessa ocasião certamente produziram irritação, que, apesar de não estourar imediatamente, foram a causa de muito aborrecimento depois e acarretaram ódio em relação a êste elegante soldado, de que não pôde defendê-lo sua alta correção em outras situações.

Neste ano o ministério sofreu completa remodelação. O marquês de Aguiar, que sucedera ao conde de Linhares, morreu em janeiro, e o conde da Barca em junho. Tornou-se então o conde de Palmela primeiro ministro; [João Paulo] Bezerra passou a presidente do Tesouro, o conde dos Arcos secretário para os negócios de Marinha e Ultramar, o conde de Funchal conselheiro de Estado e Dom Tomás Antônio [de Vilanova] Portugal(*), secretário da Casa de Bragança.

(*) Não consta das principais autoridades que o respeitável ministro tivesse o título de Dom. O gabinete organizado em 1817 era composto de Tomás

Não posso pretender falar do caráter da administração dêsses ou quaisquer outros ministros portuguezes ou brasileiros. Minhas oportunidades de informação foram muito raras. Meus hábitos, como mulher e estrangeira, nunca me conduziram a situações onde pudesse adquirir o necessário conhecimento. Quero sòmente assinalar o curso dos acontecimentos, que, pelo encadeamento natural, foram as causas dos efeitos que se produziram sob meus olhos.

No princípio de 1818 publicaram-se no Rio algumas restrições adicionais relativas ao tráfico de escravos, com as quais havia concordado o conde de Palmela durante o último ano em Londres. Constituiu-se uma comissão mista de inglêses e portuguezes para exame e decisão das causas originadas dos tratados sôbre êste grave assunto. Foram nomeados alguns comissários com residência em diferentes portos da África e Brasil em que o tráfico era ainda considerado legal.

Este ano abriu-se no Rio com uma festa incomum. A 22 de janeiro houve uma grande tourada em São Cristóvão, — a casa de campo real, — em honra do aniversário da jovem Princesa Real. Seguiu-se uma dança militar na qual se exhibiram os vestuários de cada região dos domínios portuguezes a leste e oeste. Apareceram Portugal, Algarve, África e Índia, China e Brasil para homenagear a ilustre estrangeira. A música, em que o gôsto do rei era incomparável, formava uma grande parte do espetáculo e o Brasil talvez nunca tenha tido um festival tão magnífico.

A 6 de fevereiro deu-se a coroação de Sua Majestade o rei Dom João VI, e estas pacíficas comemorações caracterizaram o ano, que foi notavelmente tranquilo. O nascimento da jovem princesa D. Maria da Glória foi um grato acontecimento não sòmente para a côrte como para os povos do Brasil. Tinham êstes agora a herdeira do

Antônio de Vilanova Portugal, na qualidade de Assistente ao Despacho (Chefe do Gabinete), com a pasta do Reino; João Paulo Bezerra, com a do Erário, conde de Palmela, com a da Guerra e Estrangeiros e o conde dos Arcos, com a da Marinha e Ultramar. Como Palmela se encontrava na Embaixada em Londres (dônde só voltou em dezembro de 1820), o conde dos Arcos no govêrno da Bahia, e Bezerra faleceu antes do fim do ano, Tomás Antônio geriu, afinal, tôdas as pastas

reino nascida entre êles, circunstância que se dispunham a saudar como um penhor de que a sede do governo não seria transferida.

Os primeiros tempos de 1820 foram perturbados por algumas irrupções dos espanhóis da América, chefiadas por Artigas, no lado oriental do Prata. As tropas portuguesas, porém, expulsaram-nos logo e reforçaram as linhas pela ocupação de Taquarembó, Simar [Santa Maria] e Arroio Grande.

Entrementes a paz na Europa não havia trazido tôda a tranqüillidade que dela se esperava. Foi em vão que os velhos governos procuraram voltar às mesmas posições que ocupavam antes da revolução. As Côrtes estavam reunidas na Espanha. Nápoles fôra convulsionada por uma tentativa de obter uma constituição semelhante à promulgada pelas Côrtes Espanholas. Portugal começou então a sentir o impulso universal. Lisboa e Pôrto foram ambas sede de juntas de governo provisório e ambas convocaram Côrtes para estudar a elaboração de uma nova constituição e a reforma dos antigos abusos. A 1.º de agosto as Côrtes de Lisboa haviam jurado adotar parcialmente a constituição das Côrtes Espanholas, mas não foi senão no mês de novembro que o governo do Brasil tornou públicos os recentes acontecimentos da metrópole. De fato não era de esperar que o Brasil não tomasse conhecimento dos fatos da Europa. As províncias estavam tôdas mais ou menos agitadas. Pernambuco estava, como de costume, à frente do movimento e da sua manifestação. Uma importante reunião se realizara a cêrca de trinta e seis léguas de Olinda. Declararam seus membros que os agravos eram intoleráveis e que somente uma reforma total do governo poderia reconciliá-los com o prolongamento da submissão ao governo do Rio. As tropas reais foram de novo enviadas contra êles e foram vitoriosas após uma ação de seis horas, na qual perderam seis oficiais, dezenove homens foram mortos e 134 feridos. As perdas do lado contrário foram muito maiores e, como sempre, as severas execuções militares agravaram os males da guerra civil e, ao mesmo

tempo, ainda exasperaram mais o povo, preparando-o para uma resistência futura e mais obstinada(*).

A Bahia estava longe da tranqüilidade. O velho ciúme que permanecia desde o tempo da transferência da sede do govêrno da cidade do Salvador para o Rio, combinado com outras causas, tendia a aumentar o desejo de um govêrno constitucional, do qual deviam advir todos os benefícios, e sob o qual, como se esperava, todos os abusos seriam reformados. O próprio Rio começou a manifestar os mesmos sentimentos. As províncias de São Paulo e Minas estavam sempre prontas a unir-se a qualquer causa que promettesse um aumento de liberdade. Tôda a nação parecia à beira da revolução, senão da guerra civil.

O partido da Côrte, porém, ainda confiava que a determinação do Rei de permanecer no Brasil em vez de voltar a Lisboa e cair sob o poder das Côrtes, seria tão grata aos brasileiros que êles prefeririam a perda das possíveis vantagens da constituição, à das vantagens positivas de conservar entre si a sede do govêrno. Mas era muito tarde. O gôsto pelo progresso estava despertado. A administração fôra excessivamente corrupta, as extorções pesadas demais para serem suportadas por mais tempo, quando a reforma parecia estar ao alcance da mão-

Os próprios soldados vitam-se possuídos do mesmo espírito e, ainda que isto repugnasse altamente aos sentimentos do Rei, em breve ficou evidente que era inevitável aderir aos desejos do povo e à constituição, tal como as Côrtes de Lisboa a estavam elaborando.

Diz-se que os mais prudentes ministros há muito tempo impeliam Sua Majestade a ceder aos desejos do povo, mas em vão. Sua relutância foi invencível, até que enfim, percebendo que se recorreria à fôrça, adôttou uma meia-medida que provàvelmente apressou exatamente o acontecimento que êle estava ansioso por evitar⁽³⁰⁾.

(*) Refere-se à luta entre a Junta do Recife, presidida por Luís do Rêgo e a chamada Junta de Goiânia. (V. VARNHAGEN, *Hist. da Independ.* Rio, 1917, p. 398).

(30) Alguns imaginam que um panfleto publicado no Rio, escrito por um francês, e que se supõe ter sido publicado à custa do ministério de então, desejoso de manter o rei no Brasil, tenha tido grande repercussão nos acontecimentos que se

Em 18 de fevereiro de 1821 o rei concordou em que uma junta examinasse as partes da constituição que pudessem ter aplicação ao estado do Brasil. Compunha-se ella das seguintes pessoas :

Marquês de Alegrete — *Presidente*, Barão de Santo Amaro, Luís José de Carvalho e Melo, Antônio Luís Pereira da Cunha, Antônio Rodrigues Veloso de Oliveira, João Severiano Maciel da Costa, Camilo Maria Tonelet, João de Sousa de Mendonça Côrte Real, José da Silva Lisboa, Mariano José Pereira da Fonseca, Javo [João] Rodrigues Pereira de Almeida, Francisco Xavier Pires, José Caetano Gomes, e o *Procurador da Casa [de Supplicação]*: José de Oliviera Botelho Pinto Masqueira, [José de Oliveira Pinto Botelho e Mosqueira]. *Secretários*: Manuel Jacinto Nogueira da Gama, Manuel Moreira de Figueiredo; *Secretários Substitutos*: Coronel Francisco Saraiva da Costa Refoios, Desembargador João José de Mendonça.

Tôdas estas pessoas estavam ansiosas em reter o rei no Brasil. Pela maior parte eram brasileiros e haviam sentido a vantagem de ter no meio dêles a sede do governo, e, pôsto que os aliados estrangeiros do rei e seus súditos portuguezes insistissem junto a êle para que voltasse à Europa, o pavor que êste tinha pelas Côrtes de Lisboa, aliado com o natural desejo de detê-lo no Brasil, tiveram como consequência um manifesto, datado de 21, pondo em relêvo a afeição que tinha pelos súditos brasileiros, e a confiança que nêles depositava. Declarava que estava decidido a enviar o príncipe Dom Pedro a Lisboa, com plenos poderes para tratar em seu nome com as Côrtes, que êle parecia considerar como compostos de súditos rebeldes.

O príncipe deveria também ouvir as Côrtes acêrca da redação de uma constituição e o rei prometia adotar

seguiram; e que maiores efeitos ainda tivesse a revolução de 10 de fevereiro na Bahia. Mas os motivos eram os mesmos em todo o Brasil. Os acontecimentos do Rio processar-se-iam da mesma forma, estivesse eu não a Bahia agitada, mas talvez tenham sido precipitados por aquella circunstância*).

(*) Denominava-se: *Le roi et la famille royale de Bragançe doivent-ils, dans les circonstances présentes, retourner en Portugal, ou bien rester au Brésil?* Imprensa Régia 1820. Sua autoria foi attribuída, ora a João Severiano Maciel da Costa, ora a Silvestre Pinheiro Pereira. Entretanto, na correspondência de Tomás António apparece o opúsculo como escripto por um francez chamado Caille, e mandado imprimir pelo ministro, por conta do Tesouro. (VARNHAGEN, Op. cit. p. 50).

os pontos que fôsem achados applicáveis às circunstâncias existentes e à situação peculiar do Brasil.

Este manifesto parece que produziu efeito muito diverso do visado. Às quatro da madrugada de 26, tôdas as ruas e praças da cidade encontraram-se cheias de tropas. Seis peças de artilharia estavam colocadas na entrada das principais ruas e tôdas as partes da cidade agitadas pela mais viva sensação. Logo que estas circunstâncias foram conhecidas em São Cristóvão, o príncipe Dom Pedro e o infante Dom Miguel vieram para a cidade. A Câmara⁽³¹⁾ estava reunida no salão nobre do teatro ⁽³²⁾. O príncipe, após conferenciar pouco tempo com os membros dessa corporação, appareceu na varanda para a qual dava o salão e leu para o povo e a tropa uma proclamação real antedatada de 24, prometendo a acceitação da constituição, tal como fôsse elaborada pelas Côrtes de Lisboa. Isto foi recebido com altos gritos de *Viva el Rei*, *Viva a Religião* e *Viva a Constituição*. O príncipe voltou então ao salão e ordenou ao secretário da Câmara que lavrasse um termo de juramento de observar a constituição e também uma lista de novo ministério a ser submetido ao povo para sua aprovação. A lista dos ministros foi primeiro lida e cada nome aprovado⁽³³⁾. Sua Alteza Real prestou então juramento em nome de seu pai, da seguinte maneira: — “Juro, em nome d’El-Rei, meu Pai e Senhor, veneração e respeito pela nossa Santa Religião; observar, guardar e manter perpetuamente a Constituição tal qual se fizer em Portugal pelas

(31) A representação municipal completa.

(32) A praça em frente ao teatro, pelas suas dimensões e situação, era o local mais adequado para a assembléa do povo e da tropa em tal occasião

(33) Eis os novos ministros:

Vice-almirante e comandante em chefe [Infâncio da Costa] Quintela, secretário de Estado [da Reino]; [vice-almirante] Joaquim José Monteiro Torres, Ministro da Marinha e Secretário dos Negócios Ultramarinos; Silvestre Pinheiro Ferreira, Secretário dos Negócios Estrangeiros [e Guerra]; o conde de Louçã, [Louzã] presidente do Erário; Bispo do Rio, presidente da Mesa de Consciência [e Ordens]; António Luis Pereira da Cunha, Intendente Geral de Policia; José Cactano Gomes, Tesoureiro-mor; João Pereira [Ferreira] da Costa Sampaio, Segundo tesoureiro; Sebastião Luis Terioco [Tinoco] da Silva, fiscal do Erário; José da Silva Lisboa, Inspector Geral dos Estabelecimentos Literários; João Rodrigues Pereira de Almeida, director do banco; Conde de Asseca, Chefe da Junta do Comércio; Brigadeiro Carlos Frederico da Cunha, comandante em chefe, etc.

Côrtes(*)". O bispo apresentou-lhe, então, os Santos Evangelhos nos quais pôs a mão direita e solenemente jurou, prometeu e assinou.

O príncipe jurou, em seguida, em seu próprio nome e foi logo seguido pelo irmão, o infante Dom Miguel, após o que os ministros e uma multidão de outras pessoas se acumulou para seguir-lhes o exemplo. Entrementes o príncipe cavalgava para São Cristóvão, casa de campo do Rei, punha-o ao par de tudo o que se havia passado, e suplicava sua presença na cidade, como o melhor meio de garantir a ordem e a confiança. Sua Majestade, em vista do que, partiu imediatamente e chegou à grande praça cêrca de onze horas, quando o povo tirou os cavalos de sua carruagem e conduziu-o a palácio, seguido pela tropa, que, como em dia de gala, formou na praça diante das portas. Numa das janelas centrais apareceu então o Rei, confirmou tudo o que o príncipe havia prometido em seu nome, e declarou, ao mesmo tempo, que aprovava tudo o que tinha sido feito.

A tropa então se dispersou e o Rei convocou um conselho que teve numerosa concorrência. O dia terminou no teatro da ópera, tendo o povo se reunido de novo para puxar o carro do rei para ali.

Seria curioso investigar os sentimentos dos príncipes em ocasiões tão graves para êles e para o povo. Dom João VI, apaixonado cultor da música, foi puxado por um povo, grato pela graça concedida naquele mesmo dia, para um teatro construído por êle próprio, onde tôda a parte vocal e instrumental foi escolhida com gôsto exímio e onde se apresentou uma peça que era sabidamente sua predileta (34). Contudo, é lícito indagar se poderia haver em seus vastos domínios um coração menos a gôsto que o seu. Todos seus sentimentos e preconceitos inclinavam-se para a antiga ordem de cousas e naquêle dia tais sentimentos e preconceitos haviam sido obrigados a curvar-se perante o espírito dos tempos, em face de um disseminado

(*) V. os têrmos de juramento em *Arquivo do Distrito Federal* — III, 1952, p. 13.

(34) *A Cenerentola* de Rossini.

desejo de liberdade, diante, enfim, do que havia de mais contrário ao antigo sistema da Europa continental.

No dia seguinte ⁽³⁵⁾ era tudo alegria na cidade. O grande salão encheu-se de novo de pessoas ansiosas por assinar o juramento da constituição; sucediam-se luminárias, fogos de artifício e foguetes. Na Ópera levou-se à cena o *Henrique IV* de Puccito, em homenagem ao Rei. Mas estava êle muito fatigado com os acontecimentos dos dois últimos dias e quando se ergueram as cortinas do camarote real appareceram sòmente os retratos do rei e da rainha. Foram, porém, recebidos com fortes aclamações, como se as pessoas reais estivessem presentes.

Assim é que uma importantíssima revolução se processou sem derramamento de sangue e quase sem perturbações. A junta occupou-se sèriamente com os negócios da constituição e começou a publicar alguns decretos altamente favoráveis ao povo e, entre outros, um que garantia a liberdade de imprensa.

Por êsse tempo a Bahia, movida pelos mesmos sentimentos que o Rio, havia antecipado a revolução naquela cidade. A 10 de fevereiro a tropa e o povo reuniram-se na cidade, convocaram as autoridades para jurar a adesão à nova ordem, formou-se um govêrno provisório e convocaram-se tropas para a manutenção da constituição, caso a côrte do Rio se opusesse à sua adoção. Nelas, a mais avançada era um pequeno corpo de artilharia formado de estudantes dos diferentes estabelecimentos da cidade. O novo govêrno em breve começou a manifestar o desejo de não mais se subordinar ao Rio e não reconhecer outra autoridade senão a das côrtes de Lisboa. Uma comunicação do que se passara na Bahia foi immediatamente enviada a Luís do Rêgo em Pernambuco. Êste reuniu as autoridades, a tropa, o povo a 3 de março, no Recife, e ali, juntamente com êles, jurou solenemente aderir à constituição, medida que causou satisfação geral. Pelo mesmo

(35) No dia 27. Nesse dia os Srs. Thornton, Grimaldi e Maler, Ministros da Inglaterra, [da Sardenha] e da França, procuraram Sua Magestade. São raras as moções e intervenções dos membros do corpo diplomático reêrentes a êste periodo. Sem Júvida que estavam êles muito occupados. Mas circumstâncias que êles não podiam controlar, mas que êles podiam embarçar, conduziram à revolução de 26, da qual só pretendi referir os fatos visíveis.

tempo, diversas vilas da comarca de Ilhéus também juraram defender a constituição. Parecia evidente que a nação inteira estava igualmente desejosa de uma mudança, na esperança de se libertar de vexames por que havia passado.

Mas a agitação da capital de nenhum modo havia chegado ao fim. Surgiram discussões acêrca da eleição dos deputados às côrtes que, afinal, terminaram pela adoção do método estabelecido na constituição espanhola. As tropas acharam necessário publicar uma declaração negando que tivessem quaisquer intenções facciosas quando se haviam reunido a 26 de fevereiro e alegando que tinham comparecido como cidadãos ansiosos pelos direitos de tôda a comunidade. O povo se reuniu em diversos lugares e diz-se que insultou várias pessoas, especialmente os membros do conselho que antecederam a revolução. Para salvá-los da fúria do povilêu, três dêles foram detidos por três dias e depois libertados, com uma proclamação que visava inocentá-los de qualquer acusação criminal e explicar os motivos da prisão.

Entrementes o Rei resolvera voltar a Lisboa e, assim, a 7 de março publicou uma proclamação anunciando sua resolução, juntamente com uma ordem no sentido de que os deputados eleitos ao tempo de sua partida partissem com êle, a fim de tomar parte nas côrtes e prometendo transportar os demais logo que estivessem prontos.

Tudo agora parecia correr em calma. Os preparativos para a partida de Sua Majestade prosseguiam. Resolveu êle então aproveitar a oportunidade da reunião dos eleitores, a 21 de abril, destinada à escolha dos deputados às côrtes, para submeter-lhes o plano que havia traçado para o govêrno do Brasil, a fim de receber a sua aprovação. Êstes eleitores reuniram-se na Bolsa, be'lo edificio novo, junto ao mar, e ali se aglomeraram numerosos populares, alguns por simples curiosidade, outros desejosos de manifestar sua opinião sôbre assunto tão importante, convictos de que usavam de um direito. O resultado dessa assemblêia foi o envio de uma deputação ao rei insistindo pela adoção integral da constituição espanhola. O decreto da assemblêia recebeu a assinatura do rei.

Mas os membros da assembléia reuniram-se de novo a 22. Muitos dêles não tinham título legal para estar presentes, e começaram por propôr a detenção dos navios preparados para a volta do rei a Portugal. Alguns chegaram a ponto de propôr um exame dos navios a fim de impedir a exportação da imensa riqueza que se sabia estar a bordo. As cousas afinal assumiram um aspecto tão alarmante que Sua Majestade revogou o consentimento dado à resolução de 21 e mandou um corpo do exército para intimidar a assembléia. Infelizmente, uma ordem partida de algum comando, que nunca se soube qual foi, ou nunca se identificou, fêz com que os soldados atirassem contra a Bolsa, onde os eleitores inocentes e inermes, e os demais ali apinhados, talvez com intenções menos puras, estavam reunidos confiantes na convocação régia, feita através do juiz do distrito. Cerca de trinta pessoas foram mortas, muitas ficaram feridas e tôda a cidade se encheu de consternação indescritível. A ordem de parar tão repentino e cruel ataque sempre se atribuiu ao príncipe D. Pedro, que, nesta como em outras ocasiões, bem mereceu o título de Defensor Perpétuo do Brasil. O próprio ataque, talvez injustamente, foi attribuído ao conde dos Arcos por uns, a outras autoridades, por outros, conforme o partido ou paixão que despertava a suspeição. A verdade é que parece ter sido o resultado de ordens mal comprehendidas, dadas apressadamente em momento de alarme, pois é impossível pensar, por um momento, que um homem qualquer pudesse voluntariamente irritar tão cruelmente o povo no mesmo momento em que tanto se dependia de sua tranquillidade. Este acontecimento chocante, porém, parece ter apressado a resolução do rei de deixar o Brasil. Nesse mesmo dia ãe passou a direção do país a um govêrno do príncipe com um conselho composto do conde dos Arcos, primeiro ministro; do conde da Louça [de Louzã], ministro do interior e do brigadeiro Canler [Cauia], ministro da Guerra. No caso da morte do príncipe a regência ficaria nas mãos da princesa D. Maria Leopoldina.

No dia seguinte o rei dirigiu-se públicamente às tropas, recomendando-lhes fidelidade à Coroa e à Consti-

tuição e obediência ao Príncipe Regente. Como uma mercê real, ao deixar o exército, prometeu grande aumento de soldo para todos, ficando os oficiais brasileiros no mesmo pé que os do exército português. Os ministros que aconselharam esta medida agiram com crueldade em relação ao govêrno que deixavam atrás dêles. O tesouro ficou vazio com a partida do rei, enquanto se prometia um aumento de despesa acima de todo precedente, além de outros encargos para a renda do príncipe. Sua Majestade publicou, no mesmo dia, uma despedida aos habitantes do Rio. Não se pode imaginar que êle pudesse deixar o lugar que para êle tinha sido um pósto de segurança durante a tempestade em que a maior parte de seus irmãos monarcas havia sido maltratada, sem sentir saudades, se não afeição.

O Príncipe também, ao assumir o govêrno, endereçou aos brasileiros uma proclamação que reproduziremos na íntegra, já que enuncia suas intenções :

PROCLAMAÇÃO

de 27 de abril de 1821

“A obrigação de atender primeiro que tudo ao interêsse geral da Nação forçou meu Augusto Pai a deixar-vos e a encarregar-me do cuidado sôbre a pública felicidade de Brasil até que de Portugal chegue a Constituição, e a consolide.

“E julgando eu mui conveniente nas presentes circunstâncias, que todos desde já conheçam quais sejam os objetos de administração em geral, a que especialmente atenderei ; não perco tempo em manifestar que o respeito austero às leis, vigilância constante sôbre seus applicadores, guerra contra as ambages com que elas desacreditam e enfraquecem, serão os objetos de minha primeira atençaõ.

“Altamente agradável Me será antecipar todos os benefícios da Constituição, que poderem ser conjugáveis com a obediência das nossas leis.

“A educação pública, que atualmente exige o mais apurado desvêlo do govêrno, será atendida com quanto eficácia couber em Meu poder.

“E porque em semelhante estado se acham a agricultura e o comércio do Brasil, não cessarei de procurar quantas facilidades poder ser a favor de tão copiosas fontes da riqueza da nação.

“Igual atenção prestarei ao interessantíssimo artigo das reformas, sem as quais é impossível promover liberalmente a pública prosperidade.

“Habitantes do Brasil. Tôdas estas intenções serão baldadas se uns poucos mal intencionados conseguirem sua funesta vitória, persuadindo-vos de princípios anti-sociais destrutivos de tôda ordem, e diametralmente contrários ao sistema de franqueza que desde já principio a seguir.

PRÍNCIPE REGENTE(*)”.

As cerimônias da despedida ocuparam todo o dia seguinte. A 24 a família real embarcou e, juntamente com ela, muitos dos nobres portuguezes que haviam acompanhado o rei no exílio, e ainda muitos outros cuja sorte estava inteiramente ligada à côrte.

Mas esta re-emigração produziu males de proporções fora do comum no Brasil. Calcula-se em cinqüenta milhões de cruzados, no mínimo, a soma levada do país pelos portuguezes de volta a Lisboa. Uma grande soma em espécie havia sido levantada em troca de notas do govêrno nas tesourarias da Bahia, Pernambuco e Maranhão. Mas estas províncias, desde a revolução em fevereiro, haviam renegado a supremacia do govêrno do Rio e não se haviam submetido senão às côrtes de Lisboa. Acima de tudo, o ministério sabia bem, já no momento em que emitiu as notas, que aquelas províncias se haviam recusado a remeter qualquer parcela de renda para o Rio. Surgiram, pois, dificuldades comerciais acima de qualquer descrição, e como dívidas antigas do govêrno tinham

(*) Texto original em: *Coleção das leis do Brasil de 1821* — Parte II — Rio de Janeiro, 1889. [Proclamações, p. 5].

sido também pagas com essas notas, e nenhuma delas foi honrada, o mal se generalizou ainda mais, não somente entre os comerciantes nativos, mas ainda os estrangeiros. Foi de pouco proveito o fato do príncipe reconhecer as dívidas⁽³⁶⁾. O tesouro ficou tão pobre que ele foi obrigado a adiar ou modificar o aumento dos pagamentos militares prometido na partida do rei, circunstância que provocou muita inquietação em várias províncias. Os fundos para manutenção de diversos ramos da indústria e várias obras de utilidade pública desapareceram com esse grande e repentino sangradouro. Assim, muita coisa começada com a chegada da corte e que se esperava que fôsse de grande benefício para o país, cessou. Colônias, que haviam sido convidadas a instalar-se com as promessas mais liberais, pereceram por falta de apóio necessário no início de seu desenvolvimento. Não é de admirar-se que tenha havido distúrbios em vários setores após a partida do rei, mas que não tenham sido de natureza mais feroz e fatal.

O príncipe que continuava à frente do governo era merecidamente popular entre os brasileiros. Seu primeiro cuidado foi examinar e corrigir as causas das queixas, especialmente as que derivavam das prisões arbitrárias e dos métodos vexatórios de cobranças das taxas. Os pesados direitos sobre o sal transportado para o interior foram reduzidos. Foi feita alguma coisa para melhorar as condições dos quartéis, dos hospitais e das escolas. Permitiu-se a importação de livros sem pagamento de direitos e tudo o que poderia ser feito naquelas circunstâncias foi feito pelo príncipe para vantagem do povo e para preservar ou promover a tranqüilidade pública.

Mas a questão da independência do Brasil começava então a ser publicamente agitada e desta derivavam várias outras. Deveria ele permancecer parte da monarquia portuguesa, com jurisdição separada e suprema, civil e criminal, debaixo do governo do príncipe; ou deveria voltar à situação abjeta em que estivera desde a descoberta, sujeito a tôdas as dilações vexatórias devidas aos

(36) Foi de pouco proveito no momento. Mas logo que foi possível o governo de S. A. II. começou a fazer os pagamentos em prestações, que ainda continuam apesar da mudança de governo. Isto é altamente honroso.

tribunais distantes e às apelações além do oceano, e mais tudo aquilo que faz desagradável e degradante a condição de colônia? Outras questões: — se alcançasse a independência deveria chegar até o ponto de formar um reino cuja capital seria o Rio, ou deveria haver várias províncias sem ligação, cada qual com seu governo supremo, responsável perante o rei e as côrtes de Lisboa? Os que tinham tendências republicanas e que visavam a um estado federado, inclinaram-se para a última hipótese. O mesmo faziam aquêles que temiam a separação final do Brasil da metrópole. Argumentavam que as províncias separadas poderiam ser facilmente dominadas, enquanto o Brasil unido sobrepujaria qualquer força que Portugal pudesse enviar contra êle, se surgisse qualquer luta entre os dois.

O povo, desconfiado de tudo, mas especialmente dos ministros, acusou o conde dos Arcos de traição e de querer reduzir o Brasil outra vez ao estado em que se encontrava antes de 1808. Insistiram pela sua demissão e pela nomeação de uma junta provisória que deveria estudar as melhores medidas de governo a serem adotadas até que chegasse de Lisboa a constituição das côrtes. Por isso, o 5 de junho, dia de sua demissão, foi celebrado como uma festa⁽³⁷⁾.

Entretanto, embaraçado como se encontrava o governo com o Tesouro vazio, com reclamações diárias e crescentes de todos os lados, não podia resolver de uma vez as causas dos aborrecimentos. A nova junta estava tão certa disso que a 16 de junho, ao publicar um convite a todos para que enviassem planos e projetos de melhoramentos e dados estatísticos sobre o país, acrescentou um apêlo à tranqüillidade, obediência e espera paciente até serem conhecidas as deliberações das côrtes, já agora acrescidas dos deputados brasileiros. Na mesma noite tanto as tropas portuguezas quanto as brasileiras ficaram de prontidão na cidade. Havia surgido violenta rivalidade

(37) Quando de volta à Europa o conde dos Arcos passou pela Bahia, a Junta de Governo dali, prevenida por cartas do Rio, recusou-lhe permissão para desembarcar. Passou êle pela mortificação de ser tratado como um criminoso na própria cidade que havia governado com honra, e na qual havia sido tão querido. Ao chegar a Lisboa esteve por pouco tempo preso na torre de Belém. Contudo, seus erros, se é que atingiram a tudo de que o acusavam, parecem não ter sido senão um engano de julgamento.

entre elas e foi preciso pôr em jôgo tôda a autoridade e tôda a popularidade do príncipe para restaurar a ordem. Na manhã de 17 Sua Alteza Real convocou os oficiais das duas nações e num pequeno discurso deu-lhes ordens como soldados, e recomendações como cidadãos no sentido de conservarem a obediência das tropas que comandavam e a solidariedade entre as fôrças. Ordenou-lhes que tivessem na lembrança que haviam jurado defender a constituição, e deviam confiar nela para satisfação de suas queixas.

Enquanto isso, as províncias mais longínquas haviam reconhecido a autoridade das côrtes e jurado defender a constituição. Mas o Maranhão em suas manifestações públicas não tomava conhecimento de ato algum do príncipe e declarava reconhecer sòmente o govêrno de Lisboa. Em Vila Rica, quando foi proclamada a constituição, as tropas se recusaram a reconhecer a autoridade do príncipe, acusando-o de reter o pagamento prometido pelo rei. Em Santa Catarina, pôsto que as medidas fôssem menos violentas, a recusa em reconhecer o novo governador que fôra enviado, constituiu um ato de decidida insubordinação. Mas as agitações de São Paulo foram não sòmente de natureza mais séria, mas ainda de conseqüências mais graves do que em qualquer outra província.

A causa ostensiva da fermentação pública nessa cidade foi o descontentamento do regimento de caçadores por não receber o prometido aumento de soldo que, realmente, o príncipe não estava habilitado a conceder.

Aquela unidade, porém, tomou armas a 3 de junho e declarou que não as deporá senão quando recebesse o pagamento prometido. Estava em vias de ameaçar o govêrno municipal da cidade, quando foi detida pelo bom senso e presença de espírito do capitão José Joaquim dos Santos. O fermento, porém, aplacado por algum tempo, continuou a agitar não sòmente as tropas, mas o povo a um tal grau que os magistrados e os principais cidadãos acharam preciso dar logo alguns passos para regular a situação e satisfazer a tropa. Aproveitaram a oportunidade da reunião da milícia por ocasião de uma

festa a 21 e, conservando-a formada, localizaram-na, na manhã de 23, na praça defronte ao paço municipal, onde se reunia a câmara. Tocou-se então o sino da câmara, o povo acorreu à praça aos gritos de *Viva El-Rei, Viva a Constituição, Viva o Príncipe Regente*. Pediram então que fôsse nomeada uma junta provisória para o govêrno da província e que José Bonifácio de Andrada e Silva fôsse feito presidente dela. Realmente êste patriótico e doutíssimo cidadão era natural do país, e estava ali residindo havia alguns anos, após haver estudado, viajado e combatido na Europa. Logo que êsse nome foi proclamado, foi uma comissão à sua casa a fim de conduzi-lo ao paço municipal.

Já o estandarte da câmara havia sido arvorado a uma das janelas do paço e ali se collocaram os magistrados à vista do povo. José Bonifácio appareceu em outra janela e dirigiu-se ao povo em curto, mas enérgico discurso, destinado a animá-lo e, ao mesmo tempo, inspirar-lhe calma, boa vontade e senso de ordem. Leu êle então, um por um, os nomes propostos pelos principais cidadãos para formar uma junta provisória, começando por João Carlos Augusto de Oeynhausen, que devia permanecer como general das armas da província. Cada nome era recebido com vivas⁽³⁸⁾. Dirigiram-se em seguida à casa de José Bonifácio, para empossá-lo formalmente, como presidente e dali para a catedral, onde se cantou um *Te-Deum*. À noite iluminou-se o teatro como para um espetáculo de gala e o hino nacional foi cantado repetidas vêzes. Desde então todos permaneceram tranqüilos

(38) Govêrno provisório de São Paulo:

O arcebispe Felisberto Gomes Jardim	} [pelo clero]
O reverendo João Ferreira de Oliveira Bueno	
Antônio Lecto [Leite] Peneiro [Pereira] da Gama Lobo	} [pelas armas]
Daniel Pedro Müller	
Francisco Inácio [de Sousa Queirós]	} [pelo comércio]
Manuel Rodrigues Jordão	
André da Silva Gomes	} [pela instrução pública]
Pe. Francisco de Paula Oliveira	
Dr. Nicolau Pereira [Pereira] de Campos Nogueiras	} [pela agricultura]
[Vergueiro]	
Antônio Maria Quertim [Quartim]	} [secretário do interior e fazenda].
Martim Francisco de Andrada —	
Lázaro José Gonçalves [Gonçalves] —	
Miguel José de Oliveira [Oliveira] Pinto —	

na cidade, resolvidos a defender a constituição e o Príncipe Regente, ao qual exprimiram submissão ilimitada.

Nada poderia ser mais importante para os interesses do príncipe nesse momento. Os paulistas são considerados os mais audazes, generosos e esclarecidos entre os brasileiros. Fica-lhes a terra no mais feliz dos climas. As minas de São Paulo são ricas não só de metais preciosos, mas também de úteis. Abunda o ferro, tão rico que atinge 93 por cento, e carvão. A indústria dessa província está mais adiantada que a de tôdas as outras. Os cereais e o gado são ali abundantes bem como tôdas as espécies da produção brasileira. A agricultura é também cultivada e a cidade, pela sua distância do mar, está livre dos ataques de qualquer potência estrangeira, ao mesmo passo que é totalmente independente de abastecimento externo.

Infelizmente o pôrto de Santos apresentava um aspecto diverso durante os primeiros dias de junho. O primeiro batalhão de caçadores, reunido diante da casa do govêrno, e acusando o governador e a câmara de reter-lhe os soldos, prendeu-os e aprisionou-os a fim de forçá-los a entregar o dinheiro que pediam. Vários assassínios se cometeram durante a insurreição, e vários roubos, tanto nas casas quanto nos navios no pôrto. Alguns navios de guerra, porém, foram rapidamente enviados do Rio, assim como um destacamento da milícia de São Paulo. Cinquenta dos insurgentes foram mortos e duzentos e quarenta feitos prisioneiros. Depois disso, tudo tornou à tranqüilidade e, tomadas as medidas da maior conciliação em relação ao povo, a paz continuou.

Os três meses seguintes se gastaram quase todos em estabelecer juntas provisórias nas diferentes capitais. Muitas das capitánias haviam, à vista do juramento de defender a constituição, adotado espontâneamente essa medida. Outras, como Pernambuco, haviam sido impedidas pelos seus governadores de promover tal mudança, até que os decretos do Príncipe, de 21 de agôsto, determinando essa medida, os alcançaram. Tais decretos foram seguidos por outro, de 19 de setembro, ordenando às juntas que se comunicassem diretamente com as Côrtes

de Lisboa. Tôda a atenção do govêrno concentrou-se então em preservar a tranquilidade até a chegada das instruções das Côrtes relativas à forma de govêrno a ser adotada.

Acreditava-se confiantemente que a presença de deputados brasileiros, a importância do país e a consideração de que êle tinha sido o abrigo do govêrno nos dias tempestuosos da revolução, induziriam as Côrtes a não mais o considerarem uma colônia, mas uma parte equivalente da nação, e que êle pudesse conservar seus tribunais separados, civis e criminaes, e tôdas as vantagens consequentes de uma pronta aplicação das leis.

Este era o estado do Brasil, de modo geral, ao chegarmos ali, a 21 de setembro de 1821. Muito do que poderia interessar, foi omitido, em parte porque não tinha um conhecimento perfeito dos fatos para me aventurar a escrever, parte porque estamos muito próximos do tempo da ação para conhecer os motivos e as molas que guiaram os atores, e, em geral, nem o meu sexo nem minha situação me permitiam informações especiais relativas aos acontecimentos políticos de um país em que as publicações periódicas são raras, recentes e, apesar de legalmente livres, de fato, devido às condições dos tempos, imperfeitas, temerosas e incertas. O que ousei escrever é, confio, correto quanto aos fatos e datas. Destina-se a ser mera introdução, sem a qual o diário daquilo por que passei durante a estada no Brasil seria difficilmente intelligível.





DIÁRIO

Cêrca de seis horas da tarde de 31 de julho de 1821, após haver saudado Sua Majestade o Rei Jorge IV, que no momento embarcava para Dublin no hiate *Royal George*, partimos para a América do Sul, na *Deris*, fragata de 24 canhões. Após tocar em Plymouth e visitar novamente tôdas as maravilhas do molhe e do novo aguadouro, partimos outra vez. Quando estávamos à altura de Ushant, fomos arrastados de novo para Falmouth por um forte pé de vento. Ai ficamos até 11 de agosto quando, com as flâmulas a meia adriça, devido à morte da rainha Carolina(*), deixamos finalmente o canal, e no dia 18, cêrca de meio dia, chegamos à vista de Pôrto-Santo.

Passamos pelo lado em que fica a cidade fundada por Dom Henrique de Portugal, na primeira descoberta da ilha e muito sentimos que fôsse tão tarde para chegarmos mais perto. A terra é alta e rochosa, mas perto da cidade há bastante vegetação e, mais acima na terra, extensas florestas. Produz-se ali bastante quantidade de vinho que, um pouco trabalhado em Funchal,

(*) Amélia Elisabeth Carolina (1768-1821) — infeliz mulher do rei Jorge IV da Grã-Bretanha. Dê e se separou um ano após o casamento. Foi reconhecida como rainha, mas não admitida à coroação.

passa por legítimo Madeira. Como de costume nas cidades coloniais portuguesas, a igreja e o convento estão em lugar de muito destaque. Ao passarmos Pôrto-Santo e as ilhas Desertas, para ancorar em frente do Funchal, fiquei desapontada com a calma de meus próprios sentimentos, contemplando estas ilhas distantes com tão pequena emoção, como se tivesse passado um cabo do canal. Bem me lembro, quando vi Funchal pela primeira vez, há doze anos, da viva alegria com que recreava meus olhos sôbre a primeira terra estrangeira de que me aproximava, a curiosidade com que queria ver cada pedra e cada árvore da nova terra, que mantinha minha alma numa espécie de febril alegria.

*Doce memória! Conduzida por suave brisa,
Frequentemente, pela corrente do tempo acima, abria minha
vela,*

*Para contemplar as encantadas lembranças das longas horas
perdidas,*

*Abençoadas por sombras mais verdes e flôres mais frescas.
(ROGERS(*)).*

Contemplo agora abatida êsses mesmos lugares. Não vejo nêles mais que simples paisagens interessantes que, exatamente ao pôr do sol, no momento em que ancoramos, estavam especialmente belas. Seriam, por acaso, os poucos anos acrescidos a minha idade os responsáveis pela mudança? Ou devo antes esperar que, pelo fato de ter conhecido terras cujos monumentos eram todos históricos e cujas lembranças eram tôdas poéticas, apurei meu gôsto e minha vista? Uma coisa nunca me cansa: o oceano, quer quando o Onipotente nêle se “espelha nas horas de tempestade”, quer quando sôbre êle deslizam suaves as asas da paz. A sensação de que houvera uma mudança, porém, seja na paisagem, seja em mim, foi tão forte que corri à cabine e procurei um esbôço que desenhara em 1809. Comparei-o com a cidade. Cada cume

(*) Sweet Memory, wafted by the gentle gale,
Oft up the stream of time I turn my sail,
To view the airy haunts of long lost hours,
Blest with far greener shades, far fresher flow'rs.

de montanha, cada casa, estavam idênticos. De novo Nossa Senhora do Monte, com suas brilhantes tôrres brancas brilhando do alto através das nuvens da tarde, parecia santificar a paisagem enquanto algumas vozes rudes da praia e dos navios vizinhos cantavam a *Ave Maria*.

Logo cedo na manhã de 19, levamos uma boa parte dos guardas-marinha à terra para gozar os primeiros prazeres de andar em país estrangeiro. Para êles era novidade ver a palmeira, o cipreste, a yucca, juntamente com o milho, a banana, a cana de açúcar, cercados de parreiras, enquanto os pinheiros e castanheiras cobriam os montes. Fizemos com que os rapazes cavalgassem em mulas e dirigimo-nos à pequena matriz, em geral tomada como convento, chamada Nossa Senhora do Monte. Minha criada e eu fomos numa espécie de palanquim, ainda que adequado àqueles caminhos, que são os piores que já vi. Mas a vista compensava tôdas as dificuldades. O mar com as *Desertas* constituíam o fundo do quadro. Abaixo de nós ficava o ancoradouro com os navios, a cidade, os jardins, e a montanha, coberta de parreiras e árvores de todos os climas, revestida do tufo cinzento, ou basalto compacto, de que tôda a ilha parece composta. Purchas que, como Bowles, acredita na lenda da descoberta da Madeira pelo inglês Masham e sua esposa moribunda (*), diz que, logo depois do fato, as florestas pegaram fogo com tal fúria que os habitantes tiveram de rumar para o mar a fim de escapar às chamas. As florestas estão, porém, bastante espessas e uma espécie de mogno inferior é usado para

(*) A lenda de Machin pode ser assim resumida:

"Um mancebo inglês chamado Machin raptara a donzella Arfet em Bristol pelos anos de 1344, e com ela se embarcou com destino para a França. Porém, por imperícia ou ventos contrários, foi arrojado à baía do sul da Madeira, que d'êlle tomou o nome de Machico, onde desembarcou. Três dias depois soprou tão rijo vento do poente, que a embarcação desapareceu, levando alguns companheiros, o que causou tal dor à dama, que em pouco espirou e o amante lhe não sobreviveu por muitos dias. Os restantes fragidos, depois de os haver sepultado, recolheram os mantimentos que puzeram e se embarcaram no lanceão do navio, que ficava varado, a tentar se encontravam alguma terra habitada, e em breve foram levados para Marrocos. Existira ali, entre os cativos cristãos, um piloto João de Moraes, o qual colheu d'êstes aventureiros todos os pormenores relativos à terra que haviam descoberto, e apenas foi resgatado os comunicou a João Gonçalves Zarco, fidalgo da casa do infante Dom Henrique. Este príncipe, por antonomásia o descobridor e navegador, os encarregou, junto com outro fidalgo Tristão Vaz Teixeira, de irem descobrir essa terra. Fizeram-se, pois, a vela em

mobílias. O pinheiro é macio demais para a maioria dos fins. Encontramos nos jardins uma grande hidranja azul muito comum; as sebes são geralmente feitas com fúcias. Juntamente com êsse esplêndido arbusto, aloés, opúncias, eufórbias e o cactus eram empregados para as cêrcas mais rudes. A presença dêsses estranhos vegetais juntamente com inúmeros lagartos e insetos, anuncia-nos a aproximação dos trópicos.

Passámos um dia muito alegre na aprazível casa de campo do Sr. Wardrope. Nossa cavalgada para a cidade à noite foi deliciosa. Os rapazes montados como antes, juntamente com muitos cavaleiros que se tinham agregado a nós em casa do sr. Wardrope, gozaram a novidade de cavalgar para casa à luz de tochas. À medida que descíamos morro abaixo, as vozes dos almocreves respondendo-se mütuamente, ou animando seus animais com uma cantilena rude, completavam a cena. A noite foi boa e a luz das estrêlas admirável. Embarcamos em dois botes na porta da alfândega e depois de ter sido devidamente chamados à fala pelo navio de guarda, estranha máquina, armada de um velho morteiro ferrugento de 6 libras, chegamos em breve ao navio.

20 — Andamos bastante pela cidade e entramos na catedral com algum sentimento de respeito, pois uma parte dela, ao menos, foi construída por Dom Henrique de Portugal, que fundou e dotou o colégio contíguo. O interior da igreja é em algumas partes bizarro e há uma grade de prata de algum valor. O teto é de cedro,

junho de 1419, e em breve chegaram à ilha do Porto Santo, já descoberta havia quase dois anos, e a qual D. João I dera em donataria a Bartolomeu Perestrelo, fidalgo da casa do infante D. João, seu filho.

“Divisava-se daqui a grande distância um contínuo negrume, que nada deixava enxergar, e a superstição do tempo figurava como objeto sobrenatural, que ninguém tentava investigar. Os dois nautas, contudo, a 2 de julho do mesmo ano acometeram contra a dita cerração, bem que com grande temor, e já cercados foram descobrindo altos picos cobertos de bastíssimo arvoredo na base dos quais foram surgir. Na manhã seguinte separaram-se para colher informações dessa terra virgem, e brevemente depararam com as sepulturas dos dois ingleses e se identificaram na certeza de que se achavam numa grande ilha”. (PAULO PERESTRELO DA CAMARA, *Dicionário geográfico, histórico, político e literário do reino de Portugal e seus domínios*, Rio, s. d. 1, 316 e 317). Sobre êsse tema escreveu D. Francisco Manuel de Melo uma novela incluída nas *Epanáforas*. “Investigações recentes tornam plausível que o descobrimento da Madeira tivesse sido efetuado pelos ingleses”. (E. PRESTAGE, *Descobridores portugueses*, Lisboa, 1943, 59).

ricamente lavrado, e lembra-me algumas das velhas igrejas de Veneza, que ostentam um estilo meio gótico, meio sarraceno. Perto da igreja fez-se ultimamente um jardim público, onde se collocaram, com grande successo, algumas curiosas árvores exóticas.

Vagando pela cidade, indagamos naturalmente pela capela dos crânios, cuja feiúra nos havia chocado quando da primeira passagem e não ficamos tristes ao saber que este horrível monumento de mau gôsto está-se arruinando rapidamente. Não posso comprehender como tais fantásticos horrores puderam jamais ser abençoados, mas o fato é que o foram. O faquir indiano, que amarra um crânio verdadeiro ao pescoço, o peregrino romano que pendura um modelo de um ao seu rosário, e o frade que reveste seu oratório com mil dêes, são todos movidos pela mesma superstição, ou vaidade espiritual, procurando chamar a atenção mesmo à custa de excentricidades nojentas.

Nos últimos anos a superstição tem sido usada como instrumento de não pequeno poder nas várias espécies de revoluções. Mesmo aqui teve seu lugar. Uma pequena capela dedicada a São Sebastião tinha sido mudada pelo govêrno portuguez, a fim de se construir uma praça de mercado, onde se venderiam todos os artigos de consumo diário, cobrando-se uma pequena taxa dos possuidores de lojas. Esta inovação foi naturalmente desagradável ao povo. Na noite da revolução, no último mês de novembro, alguns oradores acusaram o mercado de ter sido a causa da falência dos vinhedos, pela expulsão violenta de São Sebastião, e constituir uma ameaça de ruína da ilha. O mercado, immediatamente amaldiçoado, em poucos segundos foi destruído e uma capela de São Sebastião começada. Homens, mulheres e crianças trabalharam a noite tóda e as paredes se ergueram pelo menos até dois têrços da altura planejada. Mas o dia trouxe o cansaço e talvez a brisa da manhã tivesse refrescado a febre do entusiasmo. Os trabalhadores voluntários não trabalharam mais, nem se levantou nenhuma subscrição para o contrato operários. De modo que a nova igreja

de São Sebastião permaneceu sem teto e o sacerdote diz suas missas sem outro dossel senão o dos céus.

Outras e melhores conseqüências, porém, surgiram da revolução de novembro. As queixas dos habitantes da Madeira eram severas. Os filhos das melhores famílias eram presos arbitrariamente e mandados servir no exército da Europa ou do Brasil; era difícil obter licença para fabricar qualquer artigo, mesmo necessário; até as tochas, feitas de erva torcida e resina, tão necessárias para viajar nessas estradas das montanhas após o pôr do sol, vinham tôdas de Lisboa; qualquer espécie de plantação, salvo da uva, era descorçoada. Nessas condições, tôdas as classes aderiram, de coração e de fato, à revolução. Foram enviados deputados às Côrtes; remeteram-se petições acêrca do estado da agricultura, da indústria e do comércio. Muitas das faltas, talvez a maior parte, foram corrigidas, ou, ao menos, aliviadas.

Até o ano de 1821 nunca tinha havido tipografia na Madeira. Os promotores da revolução encomendaram uma na Inglaterra. Está agora instalada em Funchal. A 2 de julho de 1821 apareceu o primeiro jornal, com o nome de *Patriota Funchalense*. Continha uma apresentação patriótica bem escrita; o primeiro artigo é uma declaração dos direitos dos cidadãos e das pretensões da nação portugüesa, sua religião, govêrno, família real, tal como adotados pelas Côrtes como bases da constituição a ser elaborada. O jornal continuou a ser publicado duas vêzes por semana. Contém uns poucos discursos e alocações polítics, informações do estrangeiro, alguns artigos passáveis sôbre distilaria, agricultura, manufaturas e tópicos semelhantes, algumas peças humorísticas em prosa e verso, poemas de circunstância e, no fim do mês, um quadro da receita e despesa do govêrno. Entre os anúncios observe um que informa o público onde podem ser compradas sangue-sugas, por cêrca de dois *shillings* e seis *pençe* cada uma.

Achei curioso registrar esta interessante alvorada da literatura e da política na pequena ilha. Há certamente bastantes anglicismos no jornal, indicando a pátria provável de alguns dos escritores. Há também, como se

poderá pesquisar, alguns traços da passagem das fôrças inglêsas pela colônia. Mas, em geral, o jornal honra os editores e parece ser útil à ilha. Ouço que os artigos sôbre a fabricação de vinhos e aguardentes foram muito comentados. Madeira, porque fica no melhor clima do mundo, bela e fértil, e fâcilmente acessível a estrangeiros, não deveria ser sòmente uma simples colônia semi-civilizada.

23 — Partimos ontem do Funchal, e em breve perdemos de vista a

Filha do oceano

Do undoso campo flor, gentil *Madreira*. (DINIS).

À noite, sentei-me por longo tempo no tombadillo, ouvindo as canções marítimas com as quais a tripulação se distrai durante a vigilância da noite. Apesar das alegres canções terem sido bem aplaudidas, as tristes e patéticas pareciam as preferidas, o côro da *Morte de Wolfe* foi reforçado por muitas vozes. Oh! Quem poderá dizer que a fama não é um bem verdadeiro. É duplamente abençoada — abençoa o que a merece e o que a concede — para parelhar as palavras de Shakespeare. Aqui, no largo oceano, longe da terra do nascimento de Wolfe, e da sua morte cavalleiresca, estava sua história enlevando e enternecendo os corações dos rudes homens e excitando o amor da pátria e da glória com o simples enunciado de seu nome. Merece pois ser chamado benfeitor da pátria aquêl que, aumentando a lista das canções patrióticas dos marinheiros, elevou aquêles sentimentos e energias a um grau que coloca a casa da Grã Bretanha “sôbre a montanha da onda e suas fronteiras sôbre o abismo.”

Os encantos da noite num clima meridional têm sido cantados por poetas viajados (considero poesia os escritos de Madame de Staël) e também por prosadores. Mas só Lorde Byron esboçou, com conhecimento e com amor, o espetáculo do luar numa fragata em plena marcha. A vida de um homem do mar é essencialmente poética: mudanças, novas situações, perigos, quadros que vão da calma quase da morte até as mais loucas combinações

do horror, — eis a suma de todo o sentimento romântico e a prática de todo o poder do coração e da inteligência. O homem, naturalmente fraco, desafia os elementos, e assiste de novo a êste milagre de sua invenção, o navio em que embarca, atirado de um lado para outro, como a mais leve pena do passaro do mar, enquanto nada pode fazer senão resignar-se à vontade d'Aquêlê que é o único capaz de dominar as orgulhosas ondas e de cujo coração, inteligência e sentimento, tudo depende.

25 — Não há nada mais belo do que a aproximação de Tenerife⁽³⁹⁾, especialmente num dia como êste: o pico ora surge através das nuvens flutuantes, ora é envolvido por elas. Enquanto bordejávamos perto da costa, a baía, ou antes o ancoradouro de Oratava, cercado de uma singular mistura de rochas, florestas e vilas dispersas, surgiu de repente do meio das brumas, que pareciam separá-lo do pico, cuja côr azul claro formava um forte contraste com o vermelho brilhante e o amarelo que o outono já espalhara nos planos inferiores.

Ancoramos em quarenta braças d'água pela nossa sonda, já que o fundo é muito rochoso, exceto no ponto onde um belo e largo rio, agora sêco, rola uma considerável massa d'água para o mar na estação chuvosa, formando um leito de lama preta. Há muitas pedras na baía, com uma a três braças e de nove a dez a prumo. A agitação constante das ondas é muito grande e torna a ancoragem pouco confortável.

26 — Fomos a terra com Mr. Dance, o segundo tenente e dois dos jovens guardas-marinha, com a intenção de ir a cavallo até a vila de Oratava, que fica no local da antiga capital dos Guanches. Desembarcamos no pôrto de Oratava, a algumas milhas da vila. É defendido por algumas pequenas baterias, em uma das quais fica o difficilimo embarcadouro, guarnecido por uma baixa linha de pedras que vai até longe e dá lugar a uma pesada ressaca. Levei minha própria sela e, montando uma boa mula, começamos todos nossa viagem para o morro. A

(39) O *Chinerfe* dos Guanches.

estrada é aspera, mas foi feita evidentemente outrora com sacrifícios, e pavimentada com lava porosa. Mas as chuvas do inverno há muito que a destruíram e não parece que ninguém esteja ocupado em restaurá-la.

O primeiro quarto de milha de cada lado apresentava um quadro tão negro e sêco que fiquei surpreendida ao saber que havíamos passado por terras de cereais; a ceifa estava passada e o restolho secava no terreno. A produção aqui é escassa, mas como está muito perto do pôrto, paga o esforço e a despesa da lavoura. Vimos o jardim botânico, tão louvado por Humboldt; mas está em triste desordem. Esteve mesmo por algum tempo completamente abandonado. Contudo esta própria situação introduz novas plantas e talvez as naturalize. A palmeira sagu, os plátanos e o tamarindo, tanto quanto as flores e vegetais do norte da Europa, florescem aqui tão bem que prometem aumentar permanentemente as riquezas desta rica ilha. À medida que subimos em direção à vila, a vista melhorava, os vinhedos apareciam com maior beleza, enquanto as outras produções ainda se viam nos vales luxuriantes. Os cumes rochosos das montanhas estavam cobertos de florestas e tudo brilhava com vida. O trigo, a cevada, alguma aveia, milho, batatas e caravansas crescem aqui livremente. A alimentação da gente média consiste principalmente de polenta, ou farinha de milho, usada quase como os escoceses usam a farinha de aveia, em bolos, em papas ou sopas. Deixa-se ficar frio, e é, geralmente, cortada em fatias e torrada. Depois do milho as batatas constituem o alimento predileto, juntamente com o peixe salgado. A batata está sempre na estação, podendo ser plantada todos os meses e, conseqüentemente, produz uma colheita mensal. A pesca ocupa de quarenta e cinco a cinquenta barcos de setenta a noventa toneladas, só da ilha de Tenerife. Os peixes são pescados na costa d'África e salgados aqui.

Para um estrangeiro a vista de paredes negras de lava porosa, em forma de terraços sustentando a terra vegetal, é impressionante, mas os muros não podem ser chamados de feios, visto como as vinhas em cachos e as abóboras que se espalham trepam por êles acima e nêles

se apoiam. Em breve porém desapareceram e de novo encontramos campos e jardins cercados. Após uma cavalgada agradável, mas quente, chegamos à vila ao meio dia e fomos para a casa do Sr. Dom Antônio de Monte-verde, que nos acompanhou aos jardins do Sr. Franqui, a fim de ver uma das maravilhas da ilha, a famosa Árvore do Dragão. Humboldt celebrou esta árvore quando estava em pleno vigor. É hoje uma nobre ruína. Em julho de 1819 a metade de sua nobre copa caiu. A ferida foi coberta com massa. A data do desastre está ali assinalada. Como se toma muito cuidado com o venerável vegetal isto o garantirá pelo menos por outro século. Sentei-me para fazer um desenho(*). Enquanto desenhava ouvi do Sr. Galway a seguinte história da família de seu proprietário, que com certa graça de linguagem e um pouco de adorno sentimental poderia servir de tema de uma novela moderna. Cerca de 1760 o marquês Franqui, devido a algum aborrecimento, confiou suas propriedades ao irmão e emigrou para a França, onde permaneceu até 1810, recebendo regularmente o rendimento de suas propriedades em Tenerife. Entrementes, durante o período inicial da Revolução, casou-se e teve uma única filha. Este casamento, contudo, foi somente um contrato civil, de acôrdo com a lei vigente na França, e com uma mulher divorciada, cujo marido era vivo. Mas nem a validade do casamento, nem a legitimidade da criança foram postas em dúvida. E o marquês Franqui, ao voltar para sua terra natal, trouxe consigo a filha, apresentando-a e tratando-a como sua herdeira. Parecia que tinha sido recebida como tal pela família. Ao morrer nomeou o marquês administradores de confiança para ela e para as propriedades, um dos quais o pai de seu marido. Apenas morto o marquês, porém, seu irmão reivindicou a propriedade, alegando que a Igreja não sancionara jamais o casamento do marquês e que a filha, por consequência, como ilegítima, não poderia ter nenhuma pretensão às terras. Iniciou, pois, uma ação contra os administradores e que prossegue ainda. Durante êsse tempo a justiça recebe as rendas, o

(*) A *árvore do dragão* da ilha de Tener se foi destruída em 1868. Era considerada tão velha quanto as pirâmides do Egito.

jardim, principal ornamento da cidade, vai-se tornando selvagem e a casa está abandonada.

A Árvore do Dragão é o vegetal de crescimento mais vagaroso. Parece também ser o mais lento na decadência. No século XV, a de Oratava havia atingido a altura e tamanho que ostentava até 1819. Pode ser que já tivesse atingido a flor da idade alguns anos antes. Dificilmente menos de um milênio decorreu até que ela alcançasse o tamanho completo. Com exceção das Árvores do Dragão da Madeira, a única palmeira de múltiplas cabeças que vi antes foi a de Mazagong em Bombaim. É coroada, porém, por uma fôlha como a de palmito. Mas os tufos da do Dragão parecem com a yucca no crescimento. A palmeira de Mazagong, como a adansônia em Salsette, diz-se que foi ali levada por um peregrino da África, provavelmente do Alto Egito, onde os últimos viajantes assinalam esta palmeira.

Na nossa volta do jardim para a casa de Dom Antônio fomos gentilmente recebidos por sua mulher e sua filha. A última executou excelentemente uma longa e difícil peça de música. Era uma ária inglesa, em homenagem a nós, ainda que tivéssemos preferido alguma canção nacional da terra. Após a música fomos levados a uma mesa que se estendia na galeria que circunda o pátio aberto no centro da casa, coberta de frutas, doces e vinhos que nos foram oferecidos com instância e com a maior hospitalidade. Até que, sendo tempo de voltar, ambas as moças me beijaram e começamos nossa viagem morro abaixo, visitando primeiro as igrejas, que são belas e espaçosas, bastante no estilo das da Madeira, porém mais bonitas.

Enquanto caminhávamos, observamos um grande convento dominicano, o único agora da ilha. A recente lei aprovada pelas Côrtes espanholas, de supressão das casas religiosas, foi aqui estritamente cumprida. Cada ordem só tem permissão de manter um convento. Criaram-se grandes dificuldades para a profissão de novos membros. Quanto à revolução aqui, os habitantes souberam por fontes autênticas, pôsto que não oficiais, aquiio que se passara na mãe pátria, três semanas antes de

terem recebido qualquer comunicação de qualquer tribunal ou assembléia. Quando chegou a notícia, os magistrados reuniram o povo, leram as ordens e tomaram os juramentos de defender as Côrtes. O povo aplaudiu e fêz fogueiras. No dia seguinte proclamou-se a mudança das formas legislativas e judiciárias, os tribunais procederam de acôrdo com eias e tudo voltou à calma.

As ilhas Canárias orgulham-se de possuir dois bispados, ambos atualmente vagos ; contudo não possuem um só jornal. A única tipografia ficou tanto tempo em desuso que não há ninguém que possa utilizá-la na terra. Não pude saber se há manufaturas em Tenerife. Se as há concluo que devem ficar nas vizinhanças de Laguna ou Santa Cruz. Oratava parece ser o distrito dos cereais e do vinho.

Voltamos ao pôrto por um caminho mais longo do que aquêlo pelo qual viéramos. Nas sebes, os rapazes, com não pequeno prazer, colheram belas amoras maduras, que cresciam entre opúncias e outras plantas tropicais. Os campos, vinhedos e pomares que víramos da primeira estrada eram agora atravessados por esta, e como havia uma festa, vimos os camponeses com suas melhores roupas em suas pequenas barracas de barro, bem varridas e enfeitadas. Parecem amáveis e espertos, não mais escuros que os nativos do sul da Europa, e se há mistura de sangue guancho transparece sòmente nos ossos salientes das maçãs, queixos estreitos e mãos e pés delgados, que, em poucos distritos, parecem indicar uma raça diferente de homens. Lamento não ter tido tempo para ver mais cousas da gente e do país. Mas como não somos viajantes por curiosidade, mas estamos em serviço, no qual devemos observar a mais estrita obediência, nem ousamos pensar em excursão mais longa.

A meio caminho da descida, entramos num fosso, leito sêco de uma torrente de inverno, onde havia arruda, alfazema, opúncias, hipericão e titímalo, mas nem uma fôlha de grama havia sobrevivido à sêca do verão. Passamos por um montão de cinza preta que, em qualquer outro lugar, que não fôsse a base do pico, seria chamado de respeitável montanha. Ainda não está bastante friç

para que êle seja disfarçado pela vegetação. Se bem que de um lado o vinhedo comece a vestir a sua superfície enrugada, a maior parte é terrivelmente estéril. Logo após passá-lo, chegamos à casa-jardim do Sr. Galway. Encontramos aí sua mulher, espanhola de origem irlandesa, pronta para receber-nos. Tal como vira em algumas velhas casas escocesas, o melhor quarto de dormir servia de sala de visitas. Mas o quarto de vestir é separado, a frente da casa abre para um agradável terraço, que domina uma vista encantadora. Nosso jantar foi uma mistura de cozinha e costumes inglêses e espanhóis. A parte espanhola consistiu em parte de um esplêndido *peixe-lança*, branco, mas parecido no gôsto com salmão, com molho feito de pequenas lagostas, azeite, vinagre, alho e pimenta, alguns excelentes guisados, misturas de verduras, e codornizes assadas em fôlhas de parreira. Todo o resto foi inglês. Os vinhos, produção da ilha, e os gelados estavam deliciosos⁽⁴⁰⁾. Nem os abacaxis, nem as melancias crescem em Tenerife, mas as últimas vêm em abundância da Grã-Canária. Tôdas as frutas comuns dos jardins da Europa florescem aqui, mas não se dá muita atenção à horticultura. Esta ilha, ou, ao menos, a parte que visitei, pertence evidentemente a uma nação que foi grande outrora, mas está atualmente pobre demais para impulsionar suas possessões estrangeiras. Algumas belas casas iniciadas estão inacabadas e parecem assim estar há anos. Outras, ainda que em ruína, nem foram reconstruídas nem reparadas. As únicas cousas que dão a impressão de prosperidade atual são as casas de campo inglêsas.

Era já o pôr do sol antes de alcançarmos os barcos que nos deviam levar aos navios. Tivemos alguma dificuldade tanto em largar quanto em alongar com a fragata devido à grande agitação das águas. Mas a noite foi bela e a paisagem avivada pelas luzes nos barcos de pesca, que, como no Mediterrâneo, são usadas para atrair os peixes. Em terra as luzes dos portos e da vila e as fogueiras dos fabricantes de carvão brilhavam através das som-

(40) O gêlo é tirado de uma grande caverna perto do cone do pico. Está quase cheia do melhor gêlo durante todo o ano.

brias e inclinadas florestas de pinheiros. As dos fornos de cal, na direção de Laguna, pareciam uma brilhante iluminação. Como não havia uma névem, o perfil do pico se destacava bem nítido no azul escuro do céu da noite.

27 — Hoje, alguns de nossos novos amigos, tanto espanhóis como ingleses, vieram a bordo, mas a ressaca estava tão forte que só um escapou do enjoo. A senhora Galway, com medo de ficar enjoada, não veio, mas enviou-me algumas das contas encontradas nos sepulcros dos guanchos; são de argila dura e cozida. O Sr. Humboldt, cuja imaginação estava naturalmente cheia da América do Sul, conjecturou que elas poderiam ter sido usadas para o mesmo fim que os *quiços* do Peru. Mas elas são grandes em demasia para tal uso. Não são diferentes das contas de Belzoni encontradas nas covas de múmias do Egito, mas parecem-se muito com algumas das muitas espécies de contas com que os brâmanes contaram o tempo imemorial de *muntras*. O costume oriental de desfiar uma conta para cada oração feita, adotado pelos cristãos do oeste, e ainda vivo nos países Católicos Romanos, parece a esse respeito banal demais para merecer a atenção de viajantes filosóficos; preferem, portanto, supor que os pastores guanchos, ou os reis das manadas de cabras, tal como os polidos peruanos, fixavam os anais de seus reinos com contas de argila, em vez de aceitar que contavam com elas suas orações, tal como os brâmanes do Ganges, os pastores da Mesopotâmia ou os anacoretas da Palestina e do Egito, só porque os frades atuais fazem o mesmo. As múmias guanchas são agora encontradas muito raramente. Durante os primeiros tempos do governo espanhol na ilha, os sepulcros eram cuidadosamente escondidos pelos nativos. Mas agora, os casamentos com os conquistadores, e conseqüentes mudanças de religião e de costumes, tornaram-nos descuidosos dêles, e estão, em geral, realmente esquecidos. Só são descobertos acidentalmente quando se planta um novo vinhedo ou se cava um novo campo.

28 — Deixamos esta manhã a “tranquila e irritante” baía de Oratava, e, antes do pôr do sol vimos Palma e

Gomera. As ilhas Canárias, que se supõe serem as Ilhas Afortunadas dos antigos, foram descobertas por acaso em 1405. Um francês chamado Betancour tomou posseção delas para a Espanha. Mas os nativos eram bravos e consumiram muito sangue, tanto aos espanhóis quanto aos portugueses, que as dominaram alternadamente, como também muito dinheiro para conquistar o país e exterminar o povo, porque as guerras resultavam em nada menos que isso. Purchas lamenta não ter podido obter a narrativa de algumas viagens de um inglês que visitou o Pico. A curiosidade dêste bom peregrino foi fortemente excitada pelas minúcias que êle recolhera em livros e diários de alguns de seus amigos que haviam viajado e que êle relatou cuidadosamente; são tais que me fazem lamentar que êle não tenha registrado mais coisas e que eu não as possa mais ver. Trouxemos conosco de Oratava uma das mais belas cabras que já vi. Presumo que seja uma descendente do rebanho primitivo que o deus supremo dos guanchos criou para ser propriedade somente dos reis. É parda, com chifres longos e torcidos, e com uma notabilíssima barba branca e a maior teta que jamais vi.

29 — Passamos a ilha do Hierro, ou do Ferro, antigo primeiro meridiano, honra que usufruiu por ter sido considerada como a terra mais ocidental do mundo até a descoberta da América. Passamos muito próximo da terra e todos concordamos nunca ter visto um lugar tão rebarbativo e inacessível. Vimos algumas belas florestas, poucas casas esparsas, e uma vila pendurada sobre um morro, ao menos a 1.500 pés acima de nós. O pico de Tenerife é ainda visível acima das nuvens.

1.º de setembro. — Os peixes voadores tornaram-se muito numerosos e frotas inteiras de medusas passaram por nós. Içamos algumas, além de um muito belo caracol vermelho do mar. Êste peixe tem quatro chifres, como um caracol, a concha é esplêndidamente tinta de púrpura e há uma substância esponjosa ligada ao peixe que eu pensei que o ajudasse a nadar. É mais volumosa que o peixe todo. Um dêles forneceu um quarto de onça bem cheio de líquido purpúreo tirado da parte inferior. Um

belo gafanhoto amarelo e uma andorinha caíram a bordo. Como pensamos estar a quatrocentas milhas da terra mais próxima, o cabo Blanco, não cessamos de admirar a estrutura das asas que os conduziram tão longe.

Nossa escola para os rapazes de bordo está agora bem organizada, com grande honra para o Sr. Hyslop, nosso mestre-escola. A dos guardas-marinha vai muito bem; funciona na cabine de frente, às vistas do comandante. A presença d'este é não somente uma ameaça à vadiação e ao barulho, mas um incentivo ao esforço. Ele está muito ansioso por torná-los aptos a serem oficiais e homens do mar capazes e bons cavalheiros, tanto no mar como em terra. Felizmente todos dão grandes esperanças; mas se G. nos desapontar, não acredito mais em talento de mocidade, habilidade, ou em bondade. Nossos dias passam rápidos, porque ocupados. O trabalho regular do navio, a escola, as observações astronômicas, o estudo da história, das línguas modernas, e a atenção em observar tudo o que se passa, enchem completamente o nosso tempo.

Diz Lorde Bacon: "É estranho que nas viagens marítimas em que não há nada que se ver, a não ser céus e mares, os homens costumam escrever diários, mas nas viagens por terra, onde há tanta coisa para ser observada, a maioria os omite, como se a fortuna fôsse mais digna de registro que a observação". Contudo, desta vez, o nobre Lorde não viu, ou, talvez, não disse tudo. O céu e o mar precisam ser observados para podermos saber as leis que regulam suas grandes mudanças ou acidentes. A observação das obras do homem, como cidades, instituições, etc., podem ser omitidas porque conhecemos seus autores e podemos recorrer a êles, seus motivos, suas histórias, quanto quisermos. Mas as grandes operações da natureza estão tão acima de nós, que devemos humildemente registrá-las e tentar fazer de sua história uma parte de nossa experiência, de modo a passar em salvamento através de suas vicissitudes. Daí acontece que as mais corriqueiras minúcias dos primeiros navegadores, o nascer e o pôr do sol, as rações diárias de comida e de água, são lidas com mais profundo interêsse que a mais

viva viagem por países civilizados e cidades populosas. A passagem de Byron pela Chiloe continua a excitar a mais profunda simpatia, enquanto as agudas opiniões de Moore sobre a sociedade e os costumes da França ou da Itália são hoje raramente ou frouxamente lidas. A incerteza, o mistério da natureza, mantêm uma perpétua curiosidade; suspeito que se soubéssemos o desenvolvimento e a dependência das suas operações como conhecemos as do arquiteto, ou do pedreiro, a história da construção de um teatro ou de uma residência, poderia competir em interêsse com a de uma viagem.

Os livros que desejamos sejam lidos por nossos rapazes são, — história, particularmente da *Grécia*, *Roma*, *Inglaterra* e *França*; um esboço da história geral, viagens e descobertas; alguma poesia; e literatura geral em francês e inglês; Delolme, com o capítulo final de Blackstone sobre a história da lei e da constituição da Inglaterra; depois o primeiro volume de Blackstone, os Ensaíos de Bacon, e Paley. Temos somente três anos para trabalhar, e como a tarefa da vida deles é aprender a profissão, incluindo matemática, álgebra, astronomia náutica, teoria e prática de navegação, e deveres dos oficiais, com todos os aperfeiçoamentos técnicos a ela ligados, isto é tudo quanto ousamos propor.

5 — Já começamos a planejar o festival dos homens do mar pela passagem da linha. Não sei de onde deriva o costume, mas os árabes o observam com cerimônias não muito diferentes das usadas pelos nossos marinheiros. Hoje uma carta, com um esquema do festival projetado, e com os agradecimentos pela permissão de realizá-lo, já foi mandada ao comando. Vou copiá-la, bem como a resposta. Venho a saber que alguns capitães preferem distribuir dinheiro no próximo pôrto a permitir êste dia de desordem. Talvez tenham razão, e talvez com o tempo o costume fique esquecido; mas será melhor assim? É a única festa do marinheiro. Gosto dêste festival; põe o coração à larga para a gente se divertir. A monotonia de ver sempre uma classe que detêm a inteligência; outra que entra com os braços, a trabalhar todos

os dias em direções, senão opostas, ao menos diversas, é quebrada. Numa festa todos os corações batem do mesmo modo. Está claro que não as faria muito frequentemente porque

*Se todos os dias fossem de folga,
Os divertimentos se tornariam tão tediosos quanto o trabalho(*).*

Mas lá diz o provérbio: "Só trabalhos sem divertimentos, fazem de Jaques um menino triste(**)". Voltemos, porém, às nossas cartas:

"Os filhos de Netuno, do navio de Sua Majestade *Doris*, comandado pelo capitão T. G., afirmam a V. S. os seus mais sinceros agradecimentos pelo seu gentil consentimento em garantir-lhes o favor que lhes foi outorgado desde tempos imemoriais, ao cruzar o equinócio nos domínios de nosso pai Netuno, quando, esperamos, a distribuição dos papéis abaixo merecerá a aprovação de V. S. tal como figura na margem:

Thomas Clark, quartel-mestre	Netuno
J. Ware, do castelo de proa	Anfitrite
W. Knight.....	Filho de Anfitrite
W. Sullivan, 2.º capitão de	
cesto da gávea grande....	Tritão
C. Brisbane (negro).....	Cavalo de Tritão
J. Thompson, ajudante de ar-	
tilheiro	Cherife-mór
J. White, do castelo de proa	Sub-cherife
W. Sinclair, capitão do castelo	
de proa.....	Barbeiro
J. Smith, J. Forster e Michael	
Jaque	Ajudantes de barbeiro
J. Gaggin.....	Escrivão
W. Bird, capitão de cesto do	
traquete	Mordomo-mór

(*) If every day were playing holiday,

To sport would be as tedious as to work [SHAKESPEARE, *Henry IV*]

(**) All work and no play, makes Jack a dull boy [Provérbio inglês].

1858

Nove assistentes

J. Duncan, guardião.....	Cocheiro
J. Clark.....	Sota
J. Leath.....	Lacaio
J. Speed.....	Pintor
W. Lundy.....	Servidor dos vinhos
W. Williamson.....	Satã
J. Williams.....	Juiz-advogado

Oito cavalos marinhos

Temos assim fornecido a Vossa Senhoria uma relação completa quanto possível de nossas fracas possibilidades.

Creia, honrado capitão, que lhe desejamos tôda a felicidade que a vida pode fornecer, incluindo nesses votos sua digna Senhora; subscrevemo-nos, etc. etc. etc.

Filhos da Bretanha."

Resposta

1821. August

"Recebi vossa carta com a lista dos personagens que devem comparecer no séquito do Pai Netuno ao cruzarmos a linha. Aprovo-a inteiramente. Devo agradecer-vos os bons votos tanto por minha mulher quanto por mim e afirmar-vos que o maior prazer que posso sentir no comando dêste navio é promover a alegria e o conforto de todos os filhos da Bretanha a bordo do *Doris*. Crêde-me, vosso sincero amigo,

Thos. Graham --

A bordo do navio de Sua Majestade *Doris*, 5 de setembro de 1821.

Aos filhos da Bretanha — Navio de S. M. *Doris*."

Seria interessante investigar a origem desta comemoração alegre na passagem da linha. Como os árabes, povo de astrônomos, a mantêm, há talvez alguma relação com a agora esquecida devoção dêles aos corpos celestes. Tal

como nós, êles põem fogo em alguma matéria combustível, ou outra, e deixam-na flutuar, mas acrescentam alguma comida como se tivesse havido outrora um sacrificio acompanhando o festival. Tal, pelo menos, ao que me foi assegurado por diversos cavalheiros, bons conhecedores dos commerciantes árabes no mar do Oriente, é o costume entre êles.

18 — Não fizemos senão navegar com o tempo mais variado, nos últimos treze dias.

*De mundo a mundo, nossa rápida carreira mantemos
Ligeiros como os ventos roçam as águas
Em meio à multidão muda do purpúreo oceano(*).*

Uma noite observamos o aspecto luminoso do mar, que é tão freqüentemente descrito. Mas não estava tão brilhante como me lembro de ter visto uma vez em latitude próxima à que estamos. Na manhã seguinte encontramos a temperatura do mar, à superfície, dois gráus mais alto que a da atmosfera; às 8 horas da noite, passamos a linha. Hoje, conseguintemente, nossa Saturnália se realizou.

Cêrca de seis horas da tarde, o oficial de quarto foi informado de que havia um barco com luzes alongado com o navio e foi solicitado a colher as velas. O capitão foi logo para o tombadilho e Netuno gritou da parte dianteira da cordoalha — “Qual é este navio?” — “Doris” — “Quem comanda?” — “Capitão T. G.” — “De onde vem?” — “De Whitehall” — “Para onde vai?” — “Para um cruzeiro de navio de guerra”. Ao que Tritão, montado em um cavalo marinho, admiravelmente representado, appareceu como portador de uma carta contendo os nomes de todos que não haviam ainda cruzado a linha e que deviam, em consequência, ser iniciados nos mistérios do deus do mar. Tendo dado desempenho à sua comissão, Tritão retirou-se, e não foi visto senão às 8 horas da manhã de hoje, quando, ao anunciar-se Netuno, o capitão foi ao tombadilho recebê-lo.

(*) *From world to world our steady course we keep,
Swift as the winds along the waters sweep,
Mid the mute nations of the purple deep.*

Primeiro veio Tritão, montado como dantes; depois um séquito de deuses marinhos ou mordomos, vestidos de estopa e de esfregões, mas com os braços e ombros de fora, recobertos de tinta. Netuno, de tridente e coroa, tendo Anfritrite a seu lado e o filho aos pés, appareceu num carro puxado por oito cavalos marinhos e guiado por um deus do mar. Seguia-se um cortejo composto de juristas, barbeiros e pintores. O préstito estava bem vestido e ia em procissão. Era tão pitoresco como qualquer antigo triunfo ou cerimonia religiosa. As beias formas de alguns dos actores impressionaram-me extraordinariamente. Nunca vi mármore mais belo do que algumas costas e ombros então expostos. A vestimenta curiosa para imitar os peixes com saias de algas, que todos haviam adotado, levaram-nos séculos para trás, para o tempo em que tudo isto era religião.

Depois de andar em volta do tombadilho, de uma conferência com o capitão e de uma libação sob a forma de um cálice de aguardente, no qual o deus e a deusa rivalizavam em devoção, a brincadeira começou. Era preciso fazer a barba de brincadeira ou pagar uma taxa para que os candidatos fôsem admitidos às boas graças do pai aquoso; e enquanto elle fiscalizava o negócio, todo o resto das pessoas do navio, officiais ou não, começou a batizar-se mutuamente e sem piedade. Nenhum, a não ser as mulheres, escapou e, estas mesmas, por se refugiarem na minha cabine. O official de quarto, as sentinelas, os quartéis-mestres e os que eram absolutamente necessários para vigiar o navio, são naturalmente considerados sagrados, de modo que alguma ordem ainda se conserva. Parecia realmente que a loucura dominava, mas, no momento marcado, onze e meia, tudo cessou. Ao meio dia todo o mundo estava a postos, os tombadilhos sêcos e o navio restituído à boa ordem do costume. Todos os nossos officiais de carreira jantaram conosco e envaidecemo-nos de ter terminado o dia tão alegremente como o havíamos começado⁽⁴¹⁾.

(41) Frezier, que passou a linha a 5 de março de 1712, diz: "Quando não se podia mais pôr em dúvida de que estávamos ao sul da linha, a louca cerimonia celebrada por tôdas as nações não foi omitida. As pessoas que deviam passar pela

20 — As calmarias longas e cansativas, e as lindas noites enluaradas próximo ao equador foram bastante comentadas e descritas para que já saibamos tudo a respeito delas. Basta mencionar a passagem da linha e o espírito evoca logo um mar que parece interminável, triste e espelhante, velas caídas, um passáro solitário afundando com o calor, ou um tubarão erguendo-se preguiçosamente para pegar um peixe; na melhor das hipóteses, uma noite calma e quente, com um macio luar de prata brilhando sôbre o traçoeiro abismo, ocultando aos espectadores, que deveriam estar amando, se não estão, os perigos das pedras que possam ocultar-se nas profundezas. Mas nosso *belo ideal* não era passar a linha: tínhamos brisas frescas de dia, trovoadas e raios à noite; víamos raros pássaros tropicais, e êstes muito vigorosos; peixes mais vivos que tubarões, ou mesmo molas, das quais, porém, vimos uma quantidade razoável. Eu já vi uma vez a calmaria tropical, e, na verdade, após experimentar a ambas, prefiro a tempestade de ventos e trovões. Na noite passada tivemos uma, tal como fala Milton:

*Either tropic now
'Gan thunder, and both ends of heav'n the clouds
From many a horrid rift abortive poured
Fierce rain with lightning mixt, water with fire
In ruin reconciled; nor slept the winds
Within their stoney caves, but rush'd abroad
From the four hinges of the world, and fell
On the vast wilderness.*

cerimônia são amarradas pelos pulsos com cordas estendidas adiante e atrás, no segundo tombadilho, diante do mastro para os marinheiros. Depois de muitas momices e macaquices são libertadas e levadas, uma após outra, no mastro principal onde são forçadas a jurar diante de uma carta marítima que farão com os outros o que fizeram com elas, segundo as leis e estatutos da navegação. Pagam então uma taxa para escapar da mulhadura, mas sempre baldadamente, pois que os próprios capitães não são peupados de todo. [A voyage to the south-sea, and along the coast of Chili and Peru, in the years 1712-1714 — London, 1717].

Jacques le Maire, o primeiro que navegou em torno do cabo Horn, menciona em seu diário, a 8 de julho de 1615, o batismo dos marinheiros ao chegarem aos *Borrels*.

Tem isto alguma coisa que ver com a cerimônia da passagem da linha?

Nunca vejo uma tempestade de raios no mar sem me lembrar da visão de Ezequiel :

*As labaredas de safira
A cuja contemplação tremiam os anjos(*)*.

É terrível e esplendida por tôda a parte : medonha na planície, sublime entre as montanhas. Mas aqui no oceano, sem nada para interceptar suas cadeias, o horror é acrescido e os anjos devem ficar mais ou menos como os homens, sem poder concentrar suas idéias durante sua duração.

Sexta-feira, 21 de setembro(**). — Afinal estamos à vista da costa do Brasil, que é aqui verde e baixa, cêrca de dois graus ao norte do ponto primeiramente descoberto por Vicente Pinzón em 1500⁽⁴²⁾. O tempo está muito ventoso, e o mar muito grosso. Estamos ancorados a cêrca de oito milhas de Olinda, capital de Pernambuco, com quinze braças de fundo, mas apesar de têrmos dado mais de um tiro de canhão, pedindo um piloto, não parece que venha nenhum.



Aspecto de Pernambuco, visto da ilha dos Côcos, dentro do Recife.

(*) "The sapphire blaze,
Where angels tremble while they gaze".

(**) Seguimos, em relação à estada em Pernambuco, as notas de ALFREDO DE CARVALHO em sua tradução que, sob o título — *O assédio do Recife em 1821* (Impressões duma senhora inglesa) — publicou na "Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano", Tomo XI — n. 60, XII - 1903 — Recife, 1904 — e segs.

(42) Foi Cabral que tomou posse, pela primeira vez, da terra, por ãe chamada de *Santa Cruz*, para a coroa de Portugal. Américo Vespúcio, em 1504, chamou-a de Brasil por causa da madeira dêsse nome

Pernambuco 22 de setembro de 1821. — Às nove horas o intendente da marinha dêste lugar, cujas funções são um misto de almirante do pôrto e de comissário, veio a bordo com o capitão do pôrto e o navio foi guiado pelo último até o ancoradouro, que fica a cêrca de três milhas da cidade com oito braças de fundo. O ancoradouro é completamente desabrigado e encontramos aqui uma agitação muito forte. Não é de admirar que os nossos tiros não tivessem sido respondidos, nem percebidos à noite. O Sr. Dance, que foi enviado à terra com cartas oficiais para o governador e para o cônsul inglês em exercício, encontrou a cidade em estado de sítio, e trouxe com êle o coronel Patronhe, [João Antônio Patrone] ajudante de ordens do governador, que nos fez o seguinte relato do estado atual de Pernambuco.

Além da disposição para a revolução, que estávamos prevenidos existir há muito em tôda parte no Brasil, havia também rivalidade entre portugueses e brasileiros, situação que os últimos acontecimentos haviam agravado em não pequeno grau. A 29 de agôsto cêrca de 600 homens da milícia e outras fôrças nativas haviam tomado posse da vila de Goiana, um dos principais lugares da capitania, e tomado à fôrça a Câmara Municipal, onde haviam proclamado o fim do govêrno de Luís do Rêgo. Passaram então a eleger um govêrno provisório de Goiana, para entrar em função até que a capital da província pudesse estar em condições de estabelecer uma junta constitucional. A fim de acclerar êste acontecimento, haviam concentrado fôrças de tôda espécie, e entre elas várias companhias de Caçadores, que haviam desertado do comando de Luís do Rêgo. Com essas tropas, tais e quais, haviam marchado para Pernambuco. Na noite passada haviam atacado os dois pontos principais: Olinda, ao norte, em quatro lugares diferentes, e Afogados, ao sul. Foram, porém, rechassados pelas tropas reais, comandadas pelo governador, com a perda de quatorze mortos e trinta e cinco prisioneiros, enquanto os realistas tiveram dois mortos e sete feridos. Esta manhã o alarma do povo da cidade foi aumentado pelo encontro de diversos homens armados ocultos nos campanários das igrejas,

para onde haviam também transportado vários depósitos de armas. Luís do Rêgo é um soldado e fiel à causa do rei. Serviu por muito tempo com o exército inglês em Portugal e na Espanha, e, se não me engano, distinguiu-se no cêrco de S. Sebastian. É homem bastante severo e, especialmente entre os soldados, mais temido que amado. Grande parte do regimento de caçadores o havia abandonado para juntar-se aos patriotas, constituindo os corpos mais eficientes no ataque da última noite. A gente da cidade tinha sido organizada em milícia, razoavelmente armada e treinada. A cidade está regularmente abastecida de farinha de mandioca, carne sêca e peixe salgado, mas os sitiantes impedem a chegada de qualquer provisão fresca. Tôdas as lojas estão fechadas e tôda alimentação escassa e cara. A maior parte das pessoas que têm propriedades de valor em baixelas ou jóias, encaixotou-as e depositou-as em casa dos comerciantes ingleses. Muita gente, com suas mulheres e famílias, deixou as casas nos arredores da cidade e refugiou-se junto aos ingleses. Os últimos que, na maior parte, dormem pelo menos, em casas de campo das vizinhanças, chamadas *sítios*, abandonaram-nas e concentraram-se nos escritórios junto ao pôrto. Tudo, em resumo, está em alarma e incerteza.

[Domingo] 23 [de setembro]. — A noite passou em calma, bem como o dia. Trocamos várias mensagens com a terra, mas não pude desembarcar. Temos excelentes laranjas, e verduras toleráveis da cidade. Diver-timo-nos bastante ao observar os pequenos e curiosos barcos, canoas, *catamarans* e jangadas, que navegam, remam e vogam em tôrno do navio. A jangada não se parece com coisa alguma do que já vi antes. Seis ou oito toras são ligadas por meio de traves transversais; em um extremo ergue-se um banco elevado, no qual se coloca um homem para dirigi-la, já que é dotada de uma espécie de leme. Às vêzes o assento é bastante grande para admitir dois ocupantes. Outro banco ao pé do mastro, imenso para o tamanho da embarcação, contém as roupas e as provisões, ou há um poste fixado numa das toras,

e dêla pendem estas coisas. Uma grande vela triangular de tecido de algodão completa a jangada, na qual os intrépidos marinheiros brasileiros se aventuram ao mar, com as ondas cobrindo-os constantemente, transportando em segurança cargas de algodão, ou outras mercadorias, e ainda, em caso de necessidade, cartas e despachos, a centenas de milhas.

Cêrca de três horas um grande barco, com dois oficiais patriotas, aproximou-se, para certificar-se de que éramos realmente inglêses, e se tínhamos vindo, como se dizia, para ajudar os realistas, ou se ajudaríamos a êles. Os homens, debaixo da influênciã de fortes sentimentos, são tão capazes de duvidar da perfeita indiferença da parte dos outros, que eu duvido muito tenham êles crido na estrita neutralidade que professamos.

Deixaram-nos, contudo, sem revelar nenhuma ansiedade especial e tomaram um caminho curvilíneo para voltar, a fim de evitar o cruzeiro do Recife, que vigiava os barcos vagabundos ou os navios, de qualquer natureza, pertencentes aos patriotas.

Segunda-feira, 24. — O coronel Patronhe [Patrone] chegou esta manhã cedo, para solicitar que o paquete inglêz levasse a Lisboa os despachos do govêrno. Ficamos satisfeitos por proibirem as normas estritas do serviço ao capitão dar tal ordem ao comandante do paquete. Seria uma quebra imediata da neutralidade que prometemos observar e, na minha opinião, em auxílio da pior causa. O coronel, prevenindo que a cidade estava em estado de sítio, e que era incerto o novo ataque quer quanto ao tempo, quer quanto ao lugar, recomendou-me instantemente que ficasse a bordo. Mas eu nunca tinha visto uma cidade em estado de sítio e por isso resolvi desembarcar. Por conseguinte o Sr. Dance, único oficial a bordo que falava portuguez ou francês, foi incumbido de acompanhar-me. Levei também dois guardas-marinha, Grey e Langford, para procurar a Senhora Luíz do Rêgo.

O nome de Pernambuco, que é o da capitania, é agora geralmente aplicado à capital, que consiste em duas partes: 1.^a a cidade de Olinda, que foi fundada

pelos portugueses, no govêrno de Duarte Coelho Pedreiro [Pereira] cêrca de 1530 ou 1540. Como o nome dá a entender, é uma linda localidade, onde os morros moderados, mas abruptos, um belo rio, e uma espessa floresta, combinam-se para o encanto dos olhos. Mas a chegada por mar deve ter sido sempre difícil, se não perigosa. — 2.ª, a cidade do Recife de Pernambuco, feita pelos holandeses, no govêrno de Maurício de Nassau, e chamada por êles cidade Maurícia. É uma localidade singular, adequada para o comércio. Fica em diversos bancos de areia, separados por angras de água salgada e pela foz de dois rios de água doce, ligados por três pontes e divididos em igual número de bairros: Recife, acertadamente chamado, onde estão as fortificações, o arsenal e o comércio; Santo Antônio, onde estão o palácio do Govêrno, as duas igrejas principais, uma para os brancos e outra para os pretos; e Boa Vista, onde moram os comerciantes mais ricos, ou os habitantes mais desocupados, entre os seus jardins e onde os conventos, as igrejas e o palácio do bispo dão um ar de importância às habitações muito elegantes em tôrno dêles.

Tudo isso sabia eu antes de desembarcar e pensava estar bem preparada para ver Pernambuco. Mas não há preparação que evite o encantamento de que se é tomado ao entrar neste pôrto extraordinário. Do navio, ancorado a três milhas da cidade, vemos os navios ancorados além do recife contra o qual o mar se quebra continuamente; mas até penetrar dentro dêste recife, não tinha menor idéia da natureza do fundeadouro. A corrente que tocava para a praia, parecia tremenda se não estivéssemos prevenidos e não tivéssemos feito demoradamente nosso percurso de três milhas. Aproximamo-nos da praia arenosa entre Olinda e Recife tão de perto que pensei que íamos desembarcar ali. Foi quando ao chegar em frente a uma tôrre numa rocha, onde o mar se quebrava com violência, fizemos uma curta volta e encontramos dentro de um quebra-mar natural. Ouvíamos o troar das ondas lá fora, víamos a espuma, enquanto navegávamos calma e maciamente, como num açude.

A rocha de que é formado o recife, diz-se que é de coral. Mas está tão revestida de ostras e lepas, camadas sobre camadas, que nada posso ver senão os restos das conchas por muitos pés de profundidade, tão fundo quanto possam penetrar nossos martelos. Prolonga-se por um bom pedaço, desde o norte da Paraíba até Olinda, onde mergulha sob a água e depois surge abruptamente no Recife e corre até o cabo de Santo Agostinho, onde é interrompido pela cabeça lisa de granito que se atira através d'ele no oceano. Reaparece então e continua, sem interrupção, para o Sul. A largura do ancoradouro aqui, entre o recife e a terra firme, varia de algumas braças até três quartos de milha. A água é funda junto à rocha e ali costumam os barcos fundear. Há uma barra na entrada do pôrto, na qual, em marés ordinárias, há dezesseis pés d'água, de modo que os navios de tonelagem considerável podem ali fundear⁽⁴³⁾. O brigue de S. M. *Alacrity*, jazeu algum tempo dentro do recife. Dois pés a mais teriam permitido à *Doris* entrar, ainda que, pelo que pude observar, não haveria lugar para fazê-la voltar se quisesse sair de novo. O recife é certamente uma das maravilhas do mundo; tem escassamente dezesseis pés de largura ao alto. Inclina-se mais violentamente que o quebra-mar de Plymouth, até uma grande profundidade para o lado de fora, e é perpendicular, pelo lado de dentro, por muitas braças. Aqui e ali, umas poucas irregularidades, ao alto, devem ter outrora perturbado o pôrto nas marés altas ou nos ventos fortes. Mas o conde Maurício remediou a isso, colocando imensos blocos de granito nos lugares das falhas. Mantém assim o nível superior e o pôrto está sempre garantido. O conde pretendia construir armazéns ao longo do recife, mas sua transferência do govêrno não permitiu que realizasse êste plano. Um pequeno forte, junto à entrada, defende-a. É de fato necessário, tão estreita e repentina é a passagem. Perto d'ele, um farol parece que ficará pronto em breve, bem na extremidade do recife. Estas são as duas

(43) Em 1816, no govêrno de [Miranda] Montenegro, o pôrto fo. tempo e dragado, especialmente na barra.

únicas construções nessa extraordinária linha de rocha. Passamos pelo pôrto através de barcos de tôdas as nações, com a cidade de um lado e o recife de outro, até que chegamos a um dos largos rios sôbre o qual os holandeses construíram uma bela ponte de pedra, agora em ruína. Ficamos assaz surpreendidos com a beleza da paisagem. As construções são bastante largas e brancas, a terra baixa e arenosa, salpicada de tufos verdes de vegetação e ornada de palmeiras. Há poucos anos uma enchente violenta quase destruiu a maior parte do centro da ponte. Contudo os arcos ainda servem para sustentar as leves galerias de madeira de cada lado, e as casas e portões ainda permanecem de cada lado. Desembarcamos bem junto à ponte e fomos recebidos pelo coronel Patronhe [Patrone], que apresentou as desculpas do governador por não ter podido receber-nos, porque estava reunido o conselho⁽⁴⁴⁾. O coronel conduziu-nos ao palácio do govêrno, prédio muito belo, diante de uma praça, e com uma tôrre, e entramos no que havia sido evidentemente um esplêndido vestibulo. A douração e a pintura ainda permaneciam em alguns pontos do teto e das paredes, mas agora está ocupado por cavalos, que permanecem arreados, soldados armados, prontos para montar ao mais pronto aviso, tudo alerta, canhões à frente com morrões acesos, e um ar de alvorôço e importância entre os soldados, que provocava uma espécie de curiosidade simpática em relação ao possível e immediato destino dêles. Ao subir encontramos quase a mesma confusão, já que o governador que residia até então nos arredores da cidade, acabara de chegar à casa de Santo Antônio, que era outrora o colégio dos jesuítas, não só para ficar no centro dos acontecimentos como para garantir a sua família, no caso de acidente, visto como os postos avançados dos sitiantes ficavam muito perto de sua antiga residência.

(44) O Conselho, ou Junta Provisória de govêrno, compunha-se de dez membros, presididos por Luís do Rêgo. Estavam redigindo uma proclamação aos habitantes do Recife, assegurando-lhes garantia e proteção; realçando as vantagens obtidas naquela noite, afirmando que havia provisões em abundância na cidade, e encorajando-os em nome do rei e das côrtes a defenderem a cidade contra os insurgentes, que eram, evidentemente, estigmatizados com os nomes de inimigos do rei e da nação.

Achei Madame do Rêgo uma senhora agradável, bem bonita, e falando inglês como uma nativa, o que ela explicou, informando-me que sua mãe, a viscondessa do Rio Sêco, era irlandesa. Nada poderia exceder a gentileza e a amenidade das suas maneiras, e as das duas filhas do general Rêgo, cujo ar e cujos modos são os das senhoras bem educadas. Uma delas é muito bonita. Depois de conversarmos por algum tempo, serviram-se refrescos e, logo depois, apareceu o próprio governador, com bela aparência militar. Parecia doente, sofrendo ainda os efeitos da ferida recebida havia alguns meses, quando passeava pela cidade com um amigo. Sempre se afirmou desde então que o instigador do crime fôra um certo Ouvidor que êle transferiu logo depois de assumir o govêrno. O assassino atirou duas vêzes. Luís do Rêgo recebeu vários estilhaços, mas o ferimento mais grave foi no seu braço esquerdo. A vida de seu amigo esteve por algum tempo em estado desesperador, mas estão hoje ambos quase bons. Quando o crime foi cometido, o executante foi detido mais de uma vez por algumas das testemunhas, mas, outras tantas vêzes, empurraram uma cesta de padeiro entre êle e seus detentores. Êle atirou fora as pistolas e fugiu⁽⁴⁵⁾.

Tendo retribuído a visita do governador, começamos a andar pela cidade. As ruas são calçadas em parte com seixos azulados da praia e parte com granito vermelho ou cinzento. As casas são de três ou quatro andares, feitas de pedra clara e são tôdas caiadas, com as molduras das portas e janelas de pedra parda. O andar térreo consiste em lojas ou alojamentos para negros ou cavalariças, o andar de cima é geralmente adequado para escritórios e armazens. Os apartamentos para residência são mais acima, ficando a cozinha geralmente no alto. Por êste meio a parte inferior da casa conserva-se fresca. Fiquei

(45) Luís do Rêgo não foi o primeiro governador alvejado. Em 1710 quando Sebastião de Castro, em conformidade com as ordens de Lisboa, ergueu um pelourinho e declarou vila o Recife, Santo Antônio do Recife, os olindenses atingiram-no ao passar para a Boa Vista, em quatro lugares. O Ouvidor era um dos conspiradores. O bispo também tomou parte nesta ação não cristã. O objetivo do povo de Olinda e do partido assassino era confinar Recife a um simples bairro, indo até Afogados, de um lado, e ao forte do Brum, de outro.

surpreendida por verificar quanto era possível sair de casa sem sofrer os malefícios do calor estando tão próximo ao equador, mas a constante brisa marítima que aqui se faz sentir diâriamente às dez horas, mantém uma temperatura sob a qual é sempre possível fazer exercício. A parte quente do dia é das oito, quando falha a brisa terrestre, até às 10. Quando devíamos passar a ponte de pedra, para voltar ao barco, que tivera ordem de vir ao nosso encontro na ponte do Recife, porque a maré vasante o deixaria a sêco na angra em que desembarcáramos, deixamo-la de lado e dirigimo-nos para Santo Antônio, em direção a Boa Vista. Quando chegamos à porte de madeira, com 350 passos de comprimento, que a liga a Santo Antônio, vimos que ela havia sido cortada pelo meio e que agora só podia ser atravessada por meio de duas tábuas facilmente retiráveis no caso dos sitiantes ocuparem a Boa Vista. Não pode haver nada mais belo no gênero do que o vivo panorama verde, com o largo rio sinuoso através dêle, e que se avista de cada lado da ponte, e as construções brancas do Tesouro e Casa da Moeda, os conventos e as casas particulares, a maioria das quais com seu jardim. A vegetação é deliciosa para os olhos ingiêses. Não tenho dúvidas que os prados planos e os rios que fluem vagarosamente atraíram particularmente os holandeses, fundadores do Recife. Voltamos atrás pela ponte de pedra, que tem de comprimento 280 passos, como pretendíamos. Procuramos em vão pelas lojas. Nenhuma estava aberta, visto que todos os comerciantes estavam convocados para o serviço militar. Formam êles a milícia, e como muitos dêles são europeus, e como esperam ser saqueados no caso dos brasileiros da terra tomarem a cidade pela fôrça, são os mais zelosos nos deveres militares.

No fim de cada rua encontramos um canhão leve, e nas cabeceiras das pontes, dois, com morrões acesos. Em cada pôsto éramos interpelados pela guarda. No fim da ponte de pedra, no ponto das Três Pontes (Pontas⁽⁴⁶⁾), adiante do Recife, os guardas eram mais numerosos e

(46) Pequeno forte que defende a entrada do Recife.

severos. Neste bairro, estão depositadas as principais riquezas da cidade e é ponto de mais fácil defesa. É cercado de água quase inteiramente, as casas são altas, fortemente construídas e junto umas às outras, as ruas são muito estreitas e os fortes redutos em cada extremidade da ponte podem dar tempo para demoli-la completamente. Esta parte da cidade torna-se assim garantida, exceto pelo banco de areia que a liga a Olinda, e que é defendido por dois fortes consideráveis.

Não tínhamos dado cinqüenta passos no Recife quando ficamos inteiramente perturbados com a primeira impressão de um mercado de escravos. Era a primeira vez que tanto os rapazes quanto eu estávamos num país de escravidão, e por mais que os sentimentos sejam penosos e fortes quando em nossa terra imaginamos a servidão, não são nada em comparação com a visão tremenda de um mercado de escravos. Estava pobremente abastecido, devido às circunstâncias da cidade, que faziam com que a maior parte dos possuidores de novos escravos os conservassem bem fechados nos depósitos. Contudo cêrca de cinqüenta jovens criaturas, rapazes e moças, com tôdas as aparências da moléstia e da penúria, conseqüência da alimentação escassa e do longo isolamento em lugares doentios, estavam sentados e deitados na rua, no meio dos mais imundos animais. O espetáculo nos fez voltar ao navio com o coração pesado e com a resolução "não ruidosa, mas profunda" de que tudo o que pudéssemos fazer no sentido da abolição ou da atenuação da escravatura seria considerado pouco.

[Sexta-feira] 27. — Fui à terra hoje para passar alguns dias com Miss S., [Stewart] a única inglesa da cidade. Ela vive agora na casa do irmão na cidade, onde ficam o escritório e os armazéns, porque a casa de campo está ao alcance dos patriotas. Fico ardendo por andar a pé ou a cavalo nos tentadores morros verdes em volta da cidade, mas, já que isto não pode ser, contento-me com o que está dentro das linhas de defesa. Hoje, ao virmos da Boa Vista, encontramos uma família de sertanejos, que havia trazido provisões para a cidade há alguns dias,

e voltava para o sertão [no orig. Certam], ou região selvagem do interior. Os sertanejos constituem uma casta de homens rudes e ativos, na maior parte agricultores. Trazem milho e cereais, toucinho e doces, às vêzes couros e sebo. Mas o açúcar, o algodão e o café, que formam os produtos principais de Pernambuco, exigem terras mais quentes, mais ricas, junto à costa. O algodão, contudo, é também trazido do sertão, mas é uma colheita precária, dependente inteiramente da quantidade de chuva na estação, e às vêzes não chove no sertão durante dois anos. A família que encontramos formava um grupo muito pitoresco: os homens vestidos de couro dos pés à cabeça. A jaqueta leve e as calças são tão apertadas como as roupas dos mármores de Egina, e produzem mais ou menos o mesmo efeito; o pequeno chapéu redondo tem a forma do petaso de Mercúrio. Os sapatos e polainas da maior parte eram excelentemente adaptados para a defesa das pernas e dos pés no cavalgar por entre as asperezas. O tom geral do conjunto era um belo castanho queimado. Fiquei aborrecida porque a mulher do grupo vestia uma roupa evidentemente à moda francesa. Estragava a unidade do grupo. Ia montada por trás do homem principal, num dos pequenos e espertos cavalos da terra. Vários cavalos de carga seguiam atrás, carregados de objetos caseiros e outras coisas obtidas em troca de suas provisões; roupas, tanto de lã como de algodão, louças de barro e outros artigos manufaturados, especialmente facas, é o que êles geralmente trazem de volta; contudo vi algumas alfaias, com pretensões a elegância entre as mercadorias da família que encontrei. Depois dos cavalos veio um grupo de homens, alguns a pé, acompanhando o passo dos animais, outros a cavalo e carregando as crianças. A procissão terminava com um homem corpulento e de boa aparência, que passou a fumar, e que se distinguia por um par de calças verdes de baeta.

À tarde saímos a cavalo. Não sei se porque havíamos ficado muito tempo a bordo do navio, sem fazer exercício, não sei se por causa da particular doçura e frescura da tarde, após um dia tropical e sufocante que havíamos

acabado de aguentar, a verdade é que nunca apreciei tanto uma hora ao ar livre. Cavalgamos para fora da cidade através de algumas belas casas de campo, chamadas *sítios*, até um dos postos avançados no Mondego, outrora residência do governador. O tamarindo, a paineira⁽⁴⁷⁾ e a palmeira abrigavam-nos, e um milheiro de elegantes arbustos adornavam os muros dos jardins. É impossível descrever o tom delicioso e fresco daquela tarde, que dava repouso e saúde após um dia terrível. Ficamos muito tristes por ter de voltar para casa, mas o sol se fôra, não havia luar e ficamos com medo de que os guardas nos vários postos de defesa nos pudessem deter. Ao voltarmos fomos interpelados em todos os postos, mas as palavras *amigos inglesos* [ingêleses] eram o nosso passaporte, e voltamos ao Recife quando os negros e mulatos nas ruas cantavam, áspera e pouco musicalmente, as *ave-marias*. Porém tudo que reúne os homens num sentimento comum é interessante. As portas da igreja estavam abertas, os altares iluminados, e o próprio escravo sentia que se estava dirigindo a uma divindade, com o mesmo direito que o seu senhor. É uma tarde que nunca hei de esquecer.

[Sábado] 28 [de setembro]. — Esta manhã, antes do café, olhando pela janela da casa do Sr. Stewart, vi uma mulher branca, ou antes um demônio, surrando uma pobre negra e torcendo seus braços cruelmente enquanto a pobre criatura gritava angustiadamente, até que nossos homens interferiram. Bom Deus! Como pode existir êste tráfico e êstes hábitos de escravidão! Perto da casa há dois ou três depósitos de escravos, todos moços. Em um vi uma criança de cerca de dois anos à venda. As provisões estão agora tão raras que nenhum bocado de alimentação animal tempera a massa de farinha de mandioca, que é o sustento dos escravos, e mesmo isso estas pobres crianças, com seus ossos salientes e faces cavadas, revelam que êles raramente recebem suficientemente. Agora, o dinheiro também está tão escasso que não se encontra com facilidade um comprador. Mais

(47) *Bombex perlandrium* — JAQUIN.

uma angústia se acrescenta à escravidão: o desejo vão de encontrar um senhor! Vintenas dessas pobres criaturas são vistas em diferentes cantos das ruas com todos os sinais de desespero. — E se uma criança tenta arrastar-se por entre êles, em busca de um divertimento infantil, a única simpatia que êle pode provocar é um olhar de piedade. Estarão errados os patriotas? Eles puseram armas nas mãos dos novos negros, enquanto as lembranças da pátria, do navio negreiro e do mercado de escravos, lhes estão frescas na memória.

Fui hoje ao mercado, onde há pouca cousa: carne de vaca rara e cara, não há carneiro, poucas aves, escassos porcos, repugnantes, porque são alimentados na rua, onde se atira tudo, e onde êles e os cães são os únicos encarregados da limpeza. O bloqueio é tão estrito que até as verduras dos terrenos particulares dos moradores, a duas milhas das sentinelas, são detidas. Não se encontra leite. O pão com farinha de trigo americana é, pelo menos, duas vêzes mais caro que na Inglaterra, e os bolos de mandioca cozidos com leite de coco não estão ao alcance da gente pobre para que possa abastecer-se suficientemente. A lenha está extravagantemente cara, o carvão raro. Os negros fazem as compras, poucos por conta própria, na maior parte por conta dos senhores. O vestuário dos negros livres é igual ao dos portugueses nativos da terra: jaqueta de linho e calças. Nos dias de cerimônia, uma jaqueta de pano e um chapéu de palha compõem tanto um negro como um cavalleiro branco. As mulheres em casa usam uma espécie de camisola que deixa demasiado expostos os seios. Quando saem usam ou uma capa, ou uma manta; esta capa é frequentemente de côres vivas. Também os sapatos, que são o sinal de liberdade, são de tôdas as côres, menos o preto. Correntes de ouro para o pescoço ou para os braços e brincos, com uma flor no cabelo, completam o vestuário da mulher pernambucana. Os negros novos, tanto homens quanto mulheres, não usam nada senão um pano em tórno dos rins. Quando são comprados é costume dar às mulheres uma camisa e uma saia e aos

homens ao menos uma calça, mas isto muitas vêzes se suprime.

Ontem a variedade de chapéus dos habitantes portugueses foi vantajosamente exibida numa sertida através das ruas, feita por uma espécie de milícia suplementar. Tratava-se de forçar o fechamento de tôdas as lojas e a prisão de todos os escravos, por causa de um alarma de que o inimigo estava atacando a cidade pelo sul. O oficial que chefiava o grupo estava de fato vestido em *militaire*, com uma espada desembainhada em uma das mãos e uma pistola na outra. Era seguido de uma companhia, que Falstaff difficilmente engajaria. Estava devidamente armada mas ostentava grande variedade de bonés e chapéus, conforme os ofícios a que pertenciam os possuidores. A retaguarda era formada por uma figura singular, com um pequeno barrete em forma de tambor no alto da cara rija e pálida, com uma capa de encerado, tendo à mão esquerda uma imensa espada de Toledo desembainhada, que êle carregava voltada para cima. Os milicianos são mais bem uniformizados e estão agora empregados no serviço regular, alternando com as tropas reais, que desertam para os patriotas diariamente.

Passando pelo palácio esta manhã soubemos que uma centena de índios estão sendo esperados na cidade para auxiliar a guarnição. Usam as vestimentas aborígenes e são armados de fundas, arcos e flechas. Disseram-nos que suas idéias de govêrno consistem em acreditar que devem obediência tanto ao rei como aos padres. A aguardente é o incentivo pelo qual fazem qualquer coisa; uma oitava dessa bebida e um punhado de farinha de mandioca é a única alimentação que exigem quando vêm à cidade.

Esta tarde, como não há cavalos para se alugar, pedimos alguns emprestados a alguns amigos ingleses e franceses e cavalgamos para Olinda através do istmo arenoso que a liga ao Recife. Este é o istmo em que Sir John Lancaster se fortificou com uma palissada durante sua permanência no Recife, que êle saqueou(5). A praia

(48) V. Introdução, p. 24.

é defendida por duas fortalezas, bastante fortes quando se considera a posição: de um lado uma ressaca furiosa quebrando em suas bases, de outro um profundo estuário e um terreno plano, de modo que não podem ser dominados. O areal é em parte coberto por arbustos; há um que é lindo, com fôlhas grossas e flôres vermelhas em forma de campainha; muitos são como os do mundo oriental; muitos são de todo novos para mim. Fiquei surpreendida com a extrema beleza de Olinda, ou antes, dos seus restos, porque agora está num melancólico estado de ruína. Todos os habitantes mais ricos há muito se estabeleceram na cidade baixa. Como as rendas do bispado são agora reclamadas pela coroa, e os mosteiros foram suprimidos pela maior parte, cessou até mesmo o esplendor fictício das pompas eclesiásticas. O próprio colégio onde os jovens recebiam de algum modo educação, ainda que imperfeita, está quase arruinado⁽⁴⁹⁾ e é raro encontrar de pé uma casa de qualquer tamanho. Olinda jaz em pequenos morros, cujos flancos em algumas direções caem a prumo, de modo a apresentarem as perspectivas rochosas mais abruptas e pitorescas. Estas são circundadas de bosques escuros que parecem covos da própria terra: tufos de esbeltas palmeiras, aqui e ali a larga copa de uma antiga mangueira, ou os ramos gigantescos de copada barriguda, que se espalha amplamente, erguem-se acima do restante terreno em tórno, e quebram a linha da floresta; entre êsses, os conventos, a cathedral, o palácio episcopal, e as igrejas de arquitetura nobre, ainda que não elegante, colocam-se em pontos que poderiam ser escolhidos por um Claude ou um Poussin; alguns ficam nos lados íngremes das rochas, alguns em campos que se inclinam suavemente para a praia; a côr dêles é cinzenta ou amarelo pálido, com telhas avermelhadas exceto aqui e ali quando um campanário é adornado com telhas de porcelana azul e branco. Logo que chegamos ao ponto mais alto da cidade, olhando através do vale

(49) Êste foi o colégio dos jesuítas fundado na administração do admirável padre Nóbrega e seu companheiro Luís da Grã. Aqui, com oitenta anos de idade o célebre Vieira deu aulas de retórica e compôs comentários a alguns clássicos, que infelizmente se perderam no curso das guerras civis.

arborizado em tórno do qual se agrupam as colinas, o fumo de um dos postos avançados chamou-nos a atenção. Os soldados estavam em pé ou deitados em tórno e as armas ensarilhadas. Estavam à sombra de altas árvores que ficavam atrás; entre os seus troncos os raios coados do sol poente espalhavam uma luz moderada que o próprio Salvador Rosa não desdenharia. Estes soldados, porém, limitaram-nos o passeio. Pretendíamos voltar pelo caminho do interior, mas não nos foi permitido passar por ali, já que parte dêle, ao menos, estava sem vigias. Fomos assim forçados a voltar pelo caminho pelo qual viéramos.

No lugar em que a presente guarda está localizada e onde, de fato, uma forte guarda é especialmente necessária, o rio Bibiriba [Beberibe] cai no estuário que era primitivamente o pôrto de Olinda. Uma reprêsa foi construída sôbre êle com comportas, que estavam na ocasião abertas. Na reprêsa há uma bellissima arcada aberta, onde os habitantes da vizinhança estavam acostumados a ir em tempos de paz à noite para comer, beber e dansar. É desta reprêsa que tôda a boa água usada no Recife é conduzida diàriamente em canoas de água, que chegam sob a reprêsa chamada Varadouro, e se enchem por meio de vinte e três torneiras colocadas de modo a carregar as canoas depressa, sem trabalho demais. Vimos vinte e sete dêsses botinhos carregados, levados pelo rio em direção à cidade. Um único remo, que funciona mais como leme do que como remo, guia a embarcação para o meio da corrente, onde flutua em direção ao destino.

O sol já ia baixo muito antes de têrmos alcançado sequer o primeiro dos dois fortes em nosso caminho de volta para a cidade. Os cães já haviam começado uma tarefa abominável. Eu vi um que arrastava o braço de um negro de sob algumas polegadas de areia, que o senhor havia feito atirar sôbre os seus restos. É nesta praia que a medida dos insultos dispensados aos pobres negros atinge o máximo. Quando um negro morre, seus companheiros colocam-no numa tábua, carregam-no para a praia onde abaixo do nível da preamar êles espalham um pouco de areia sôbre êle. Mas a um negro novo até êste sinal

de humanidade se nega. É amarrado a um pau, carregado à noite e atirado à praia, de onde talvez a maré o possa levar. Estas coisas nos fizeram chegar em casa tristes e sem ânimo, não obstante as paisagens agradáveis entre as quais havíamos estado cavalgando.

[Domingo], 29 [de setembro]. — A festa de S. Miguel fez sair as senhoras portugêsas, das quais não havíamos visto ainda uma só passar pelas ruas. O traje preferido parece ser o negro, com sapatos brancos e fitas brancas ou coloridas e flôres no cabelo, uma manta de seda ou gaze preta ou branca. Vimos alguns padres, também, pela primeira vez. Penso que o edito em que se determina que se conservem dentro dos muros dos respectivos conventos origina-se do fato de estarem êles entre os fomentadores do espírito de independência. A apropriação de tão grande parte da renda da igreja pela côrte de Lisboa tornara-a evidentemente impopular entre o clero do país; não é difícil aos padres convencer o povo daquilo que é de fato verdade, isto é, que a remessa de tantos tesouros do país para sustentar Lisboa, que não pode agora nem governá-lo, nem protegê-lo, é um bom fundamento para queixas. Diz-se que os costumes do clero aqui são os mais depravados. Isto é provavelmente verdade. Os membros do clero romano, impedidos pelos votos, de exercerem as caridades ativas da vida social, só dispõem dos recursos da ciência e da literatura contra as paixões e os vícios. Mas aqui até os nomes da literatura e da ciência são quase desconhecidos. O colégio e a biblioteca de Olinda estão em decadência. Não há um só livreiro em Pernambuco e a população de suas diversas freguesias sobe a 70.000 almas! Um jornal toleravelmente bem escrito, do qual não consegui arranjar o primeiro número, fundou-se em março. Sob o título de *Aurora Pernambucana*, e com a seguinte epígrafe de Camões:

*Depois de procelosa tempestade,
Noturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade
Esperança de pôrto e salvamento (50),*

alude à chegada das notícias da revolução em Portugal, a 26 daquêlê mês e ao juramento do governador, magistrados, etc., de aderirem à constituição estabelecida pelas côrtes. Sinto dizer que a publicação dêste único jornal está interrompida nos dois últimos meses por ter o editor, ao que parece, assumido a secretaria do govêrno(*) e não ter mais tempo para dirigir a impressão⁽⁵¹⁾.

[Segunda-feira], 30 [de setembro]. — As tropas dos patriotas atacaram durante quatro horas a linha de defesa de Olinda na última noite, mas não acredito que tenha havido perdas de nenhum dos lados. Esta manhã uma fragata portugueza, a *Dom Pedro*, chegou com tropas da Bahia. O refôrço de 350 homens, parte europeus, parte baianos, trouxe aos habitantes, do governador para baixo, grande animação. De modo que, por uma vez, vemos Pernambuco ativo, animado, vivo. Homens e mulheres, nos mais alegres trajés, saíram à rua, os militares correm e cavalgam em tôdas as direções, não pouco satisfeitos por terem quem com êles se reveze na constante vigilância e guarda.

Entre outras coisas, aprendi pela observação enquanto os mais velhos das famílias estavam entretidos nas ruas com os recém-chegados, que os jovens pernambucanos são tão destros no uso de sinais como os próprios amantes turcos, e que freqüentemente um namôro é mantido desta maneira, e termina em casamento sem que as partes tenham sequer ouvido as respectivas vozes. Contudo o hábito comum é combinarem os pais as bodas dos filhos sem levar em linha de conta senão a conveniência financeira.

Hoje diversos oficiais e guardas-marinha da *Doris* acompanharam-nos a jantar em casa do governador às

(*) A *Aurora Pernambucana*, impressa na Officina do Trem, com licença da Polícia, appareceu a 27 de março de 1821. O último número - 30 - saiu a 10 de setembro. Criado sob os auspícios do governador Luís do Rêgo Barreto, era redigido exclusivamente pelo seu secretário Rodrigo da Fonseca Magalhães, mais tarde figura culminante da política portugueza. V. ALFREDO DE CARVALHO, "Estado de Pernambuco" in *Anais da Imprensa Periódica Brasileira* (Rev. do Inst. Hist. Geogr. Bras., Tomo consagrado á Exp. Comem. do 1.º Centen. da Imprensa Periódica do Bras.), p. 391.

(51) Atualmente não só êste jornal recomeçou a sair, mas outros começaram a ser publicades no Recife.

quatro e meia da tarde. Nossa recepção foi a mais cordial. Sua Excelência ocupou uma das cabeceiras da mesa, um ajudante de ordens a outra. Eu fiquei sentada entre o Sr. e a Sr^a Luís do Rêgo. Ele parecia contente por falar de seus velhos amigos ingleses da guerra da península, com muitos dos quais eu me dava. A Sr^a. tinha muita coisa que perguntar sobre a Inglaterra, aonde ela estava ansiosa por ir. Pediram desculpas por oferecerem tão poucos pratos, mas as belas baixelas estavam encaixotadas num armazém inglês juntamente com as jóias e outras cousas preciosas de Sua Excelência. A cozinha era um misto de comida francesa e portugêsa. Após a sopa, passou à roda uma travessa de carne magra cozida, fatias de carne de porco gorda e salgada e linguças. Com êste prato, arroz feito em azeite e verduras frescas. Serviu-se *roast beef*, em atenção aos ingleses, muito pouco assado. Saladas e peixes de várias qualidades foram servidos de maneira singular. As aves e as demais coisas, à moda francesa.

A sobremesa foi servida em outra mesa. Além de nossas sobremesas européias de frutas, bolos e vinho, havia todos os pudins, pastelões e tortas. Estava arreada de flôres e havia uma profusão de confeitos de açúcar de tôdas as qualidades. Os convidados levantaram-se da mesa de jantar e dirigiram-se à outra que Madame Rêgo disse-me que deveria ter sido servida em peça separada, mas que êles haviam tomado posse da casa havia tão pouco tempo, que ainda não tinham nenhuma adequada àquele fim. O governador e seus convidados propuseram muitos brindes alternadamente ao rei da Inglaterra, ao rei de Portugal, à marinha inglesa, ao rei da França⁽⁵²⁾, a Luís do Rêgo, à capitania de Pernambuco, etc. Quando todos nos levantamos da mesa, alguns dos convidados voltaram para bordo, mas muitos passaram à sala de visitas, peça bem montada, com mobília estofada de cetim azul adamascado, onde nos reunimos aos oficiais franceses do navio de Sua Majestade Cristianíssima *Sapho*, e diversas senhoras e cavalheiros da cidade. Tivemos excelente

(52) O Sr. Lainé, cônsul de França, tão agradável e distinto, estava presente.

música. Madame do Rêgo tem uma voz admirável e havia diversos bons cantores e pianistas. Foi uma noite agradável e polida como não pensara passar em Pernambuco, ainda mais agora, em estado de sítio.

Quarta-feira, 3 de outubro. — Fui a bordo na segunda-feira e, nem de propósito, os patriotas escolheram exatamente esta noite para fazer um ataque ao posto avançado de Afogadas [Afogados]. Não pude, assim, ver o governador à frente das tropas a marchar ao encontro dêles, nem pude ouvir o hino nacional cantado pelos regimentos ao desfilarem de volta de uma sortida bem sucedida⁽⁵³⁾. Ontem nada ocorreu digno de menção. Tivemos o cônsul inglês e comerciantes patricios para jantar a bordo, e o dia se passou como êstes dias costumam passar.

Sabendo que os patriotas se recusavam a permitir que a roupa pertencente ao navio, enviada a terra para lavar, voltasse à cidade, decidiu-se que nos dirigíssemos ao comando dêles, para nos queixarmos dessa maneira muito inconveniente de prejudicar o pôrto. Consegui partir em companhia dos emissários e, por isso, desembarcamos todos logo depois do almoço. Nosso primeiro trabalho foi obter passaportes e informarmo-nos das senhas.

(53) Depois de escrever o meu diário vi o relatório oficial dêsse ataque da Vila de Afogadas. Foi uma expedição bem planejada. Mas as tropas improvisadas foram facilmente expulsas da vila, de que já se haviam apossado, com o lançamento de uma ponte sobre um braço do Capibaribe, pelos veteranos de Luís do Rêgo.

Nessa mesma manhã, isto é, 1.º de outubro, a Junta Provisória de Pernambuco dirigira um manifesto à dos patriotas de Goiana, oferecendo a paz, e dizendo-lhes que se o fim a que se propunham era a demissão de Luís do Rêgo, êste estava pronto a retirar-se, que por duas vêzes se prontificara a sair perante o Conselho do Recife, e além disso havia se dirigido às Côrtes pedindo-lhes que lhe designassem um successor e lhe permitissem retirar-se. Que o movia a êstes atos o desejo de paz e de proporcionar a tranquilidade da provincia, tão perturbada por essas lutas civis. Informava também aos patriotas que a *Dom Pedro* havia chegado, afirmando que as tropas chegadas naquela fragata só seriam empregadas na defesa do Recife. Insinuava também que contava com o apoio das fragatas inglesas e francesas fundeadas ali, e que tal assistência tinha sido oferecida para proteger as propriedades inglesas e francesas na cidade. Sei agora que tal assistência não foi prometida pela fragata inglesa. Fôra solicitada, e is o governo recomençara a mais estrita neutralidade. Recusou-se, assim, toda interferência e não se prometera mais que a proteção pessoal tanto a ingleses como a franceses e portugueses; consequentemente, a proteção à propriedade inglesa era a missão da fragata ali, e isso estava naturalmente compreendido por todos os partidos.

Em seguida o capitão Graham e o coronel Cottar, principal ajudante de ordens do governador, dirigiram-se conosco ao pôsto avançado, onde os deixamos, com a intenção de voltar para jantar com o Sr. Stewart, a fim de encontrar a família de Luís do Rêgo. Nosso grupo consistia no Sr. Caumont, que fazia de intérprete, o Sr. Dance, que levava a carta, meu primo Sr. Glennie, como meu cavalheiro, e eu. Era a primeira vez que eu tinha a oportunidade de passar as linhas. Sentimo-nos como meninos de colégio em gazeta e estávamos na melhor disposição. A paisagem estava fresca e encantadora e o dia mais belo possível.

Pernambuco não é uma cidade murada, mas está cercada de rios largos e rápidos e vastos estuários. Só é acessível pelas estradas e aterrados; as trincheiras erguidas para a defesa atual são de molde a poder deter a cavalaria brasileira por alguns minutos, ou permitir abrigo para a mosquetaria; mas a melhor defesa é o pântano na bôca do Capibaribe, que se inunda na preamar, e que se estende até quase o Beberibe. Na beira do pântano há uma palissada de madeira onde deixamos os últimos postos dos realistas, e despedimo-nos de nossos amigos que nos haviam acompanhado até tão longe. Após cavalgar através do pântano, por sinal que bem conveniente para plantio do arroz, e circundado por coqueiros e tamarindeiros, chegamos à corrente principal do Capibaribe, profunda, larga e muito rápida; suas margens são íngremes e a água lindamente clara⁽⁵⁴⁾: as margens são guarnecidas de casas de campo, adornadas de pomares e jardins, no momento abandonadas pelos proprietários, refugiados no Recife.

As sebes de cada lado do caminho são trançadas de fôlhas de palmeira e, onde não são muito novas, estão cobertas de tôda espécie de trepadeiras; o maracujá, as clematites brancas, azuis e amarelas; o jasmim, a rosa-china e muitas outras, tão alegres como agradáveis.

(54) O Capibaribe tem um curso de cêrca de 50 léguas, mas é navegável somente até cêrca de seis millas do mar, devido às cachoeiras na parte superior; tem duas bôcas, uma no Recife e outra em Afogados. (*Chorographia Brasiliae*, do P. AIRES DO CASAL. Lisboa, 1817).

As valas também estavam cheias de colorido, mas fomos muito depressa para parar e colher plantas; limitei-me a tomar comigo mesma o compromisso de, em algum momento futuro, colher uma que parecia o trevo dos charcos, mas de côr purpúrea e brilhante.

Cêrca de duas milhas adiante do último pôsto avançado das tropas de Luís do Rêgo, chegamos ao primeiro pôsto dos patriotas, em uma casa de campo numa encosta, com armas ensarilhadas à frente, e uma espécie de guarda esfarrapada, consistindo num negro de olhar alegre, com uma espingarda de caça, um brasileiro com um bacamarte, e dois ou três sujeitos de côr dúbia com cacetes, espadas, pistolas, etc., que nos disseram haver ali um oficial. Após alguns minutos de conversa, verificamos que êle não tinha autorização para receber nossa carta, de modo que marchamos sob a direção do velho brasileiro de bacamarte, que ia a pé, e ameaçou atirar-nos se tentássemos andar mais depressa do que êle. O passo lento com que andávamos deu-nos ensejo para notar as belezas da primavera brasileira. Plantas brilhantes, com pássaros mais brilhantes ainda voando sôbre elas, flôres de agradável cheiro, laranjas e limões maduros, formavam um belo primeiro plano para as belíssimas árvores das florestas que cobriam as planícies e revestiam os flancos dos morros baixos na vizinhança de Pernambuco. Aqui e ali abre-se um pequeno espaço para a plantação da mandioca, que nesta estação é verde exuberante: as cabanas de madeira dos plantadores são geralmente à beira da estrada e, pela maior parte, cada uma tem seu pequeno pomar de mangueiras e laranjeiras. Numa dessas pequenas propriedades de família, encontramos uma bela e grande casa de guarda, colocada na encruzilhada de quatro caminhos. Af o nosso guia a pé nos deixou; um jovem e elegante oficial de caçadores brasileiros passou a cavalgar a nosso lado. Conversou conosco chamando Luís do Rêgo de tirano, e atribuindo o sítio de Pernambuco inteiramente à obstinação do governador em não unir-se ao povo da província para derrubar o domínio do seu senhor. Em tôrno da casa de guarda um grupo de jovens negras, de largos e rasos

cestos na cabeça, vendiam frutas e água fresca. Tinham os cabelos lanudos ornados de guirlandas feitas de altéia escarlata, bem como as beiradas das cestas. Seus xaies de azul claro ou brancos estavam atirados com graça por sôbre os escuros ombros e as saias brancas. Era um quadro tal como os antigos espanhóis imaginariam o Eldorado.

Após cavalgar algumas milhas, chegamos, de repente, ao pé de um morro abrupto, em cujos flancos havia raros grupos das árvores mais estupendas que eu jamais vira. Aí veio ao nosso encontro uma pequena fôrça militar, que, após entendimentos com o nosso guia, deu antes uma ordem, do que fez um convite para que cavalgássemos adiante. Em alguns segundos, chegamos a um barranco de areia íngreme e amarelo, ensombrado de um lado por altas árvores e aberto de outro para um lago cercado de morros cobertos de florestas, no mais distante dos quais as construções brancas de Olinda brilhavam como neve. No alto do barranco, e no ato de o descerem, estava um grupo de quarenta cavaleiros; um dos que vinham na frente trazia uma bandeira branca; diversos estavam vestidos com esplêndidos uniformes militares, outros com as roupas simples dos proprietários rurais. Era uma deputação da Paraíba que ia propor condições a Luís do Rêgo. Acabavam de deixar o quartel general do exército sitiante, onde se instalara o govêrno provisório de Goiana, e estavam acompanhados de uma guarda de honra; após trocarmos cortesias, parte da guarda voltou conosco e os deputados seguiram seu caminho. Chegando ao alto do morro, encontramos cêrca de cem homens razoavelmente bem armados, mas estranhamente vestidos, que nos esperavam. Aí ficamos parados até que nosso guia avançou para pedir licença, a fim de que fôssemos conduzidos ao quartel general. Quanto lamentei não ter meios de esboçar nenhum fragmento do panorama! Além dos aspectos impressionantes que mencionei antes, apresentava êste agora um largo rio, sôbre o qual havia uma ponte de pedra branca com diversos arcos; de um lado, uma grande casa, mais com o ar de palácio, com seus arcos, seus corredores, e o acam-

pamento do exército com os piquetes de cavalaria ; enfim, uma confusão e animação que raramente acontece adornarem uma cena tão bela! Nosso guia voltou logo com dezoito ou vinte soldados montados, cuja aparência era mais selvagem que militar : a guarda apresentou armas quando a deixamos. Em breve galopamos morro abaixo, em direção ao corpo principal das tropas. Não ultrapassavam duzentos os que tinham as armas e os apetrechos de soldados ; havia trajos e armas de tôdas as qualidades : couro, pano grosso e linho ; jaquetas curtas e grandes capas escocesas, e tôda espécie de tons de côr nas suas faces, desde o pálido europeu ao ébano africano. Estes regimentos esfarrapados prestaram-nos honras militares e fomos conduzidos à praça do palácio, onde o Sr. Dance e o Sr. Caumont apearam. Determinei aguardar com meu primo o resultado da conferência no pátio.

Isso, porém, não nos foi permitido. Dentro de breves minutos um homenzinho simpático, falando razoavelmente o francês, chegou e disse-me que o *governo* desejava a minha companhia. Suspeitei um erro no emprêgo da palavra *governo* por governador e tentei declinar a honra ; mas nenhuma recusa foi aceita ; o homenzinho informou-me ser êle o secretário do *governo* ; em consequência ajudou-me a apeaar e mostrou-me o caminho do palácio. O saguão estava cheio de homens e cavalos, como uma estrebaria de acampamento, exceto um canto que servia de hospital para os feridos nas últimas escaramuças. Os gemidos dos últimos misturavam-se estranhamente às bulhentas e alegres vozes dos soldados. As escadas estavam tão apinhadas que subimos com dificuldade. Vi então que iria defrontar com a plena fôrça do *governo* provisório. Ao fim de um longo e sujo quarto, que fôra em tempos belo, como indicavam a forma das janelas e o estuque dos painéis em que havia traços de côr e de douração, estava um velho sofá de crina no centro do qual fui colocada, com Mr. Dance de um lado e Mr. Glennie de outro. Junto a Mr. Dance sentou-se o pequeno secretário e adiante dêle nosso intérprete, em cadeiras de espaldar alto à moda antiga. O resto do mobiliário da peça consistia em nove assentos de diferentes tamanhos

e formas, colocados em semi-círculo em frente ao sofá. Em cada um sentou-se um dos membros da junta do governo provisório que fazem o papel de senadores, ou generais, conforme exigem as circunstâncias. Fui apresentada a cada um dêles. Os nomes de Albuquerque, Cavalcanti e Broderod [Borba](*), chamaram-me a atenção, mas ouvi mal e esqueci a maior parte dêles. Alguns usavam belos uniformes militares, outros o humilde traje de fazendeiros. Informaram-me amavelmente que não leriam a carta enquanto eu estivesse esperando fora, mas logo que se sentaram o secretário leu-a alto. Em vez de tomar qualquer conhecimento do conteúdo, o secretário começou um longo discurso, expondo a injustiça do governador português e do governo em relação ao Brasil em geral e aos pernambucanos em particular; para resistir a essa injustiça, haviam êles formado o presente e respeitável governo, em face da junta, sem intenção de provocar o menor detrimento dos direitos do rei; certamente não poderiam ser chamados de rebeldes, já que marchavam sob a bandeira real de Portugal, mas Luís do Rêgo poderia com razão ser acusado como tal, pois que havia atirado contra aquela bandeira. E prosseguiu numa longa arenga acêrca dos princípios gerais de governo. Mas como eu entendia pouco a língua, perdi muitas coisas, tanto quanto meus companheiros. Mas não tenho dúvidas que se destinavam a impressionar a respeitável junta com uma alta idéia acêrca da capacidade e eloquência do seu secretário. O discurso lembrou-me, outrossim, alguns dos mais bem escritos manifestos dos carbonários da Itália. Havia qualquer coisa no ar, nos modos e na cena, não muito diversa do que se imagina a respeito dos comícios de Barraca, daqueles povos mal conduzidos e mal empregados⁽⁵⁵⁾. Falamos então bastante ao secretário, em francês, e êle repetia cada palavra à respeitável junta. Enfim conseguimos que êle accitasse

(*) Deve referir-se ao membro da junta José Vitorino Delgado de Borba Cavalcanti de Albuquerque. O secretário era Filipe Mena Calado da Fonseca.

(55) Lamento muito que eu fôsse então de tal maneira ignorante da língua. Fôra informada de que havia muitas causas de queixa naquela provincia. Não pretendo falar desrespeitosamente das reuniões politicas no Brasil. Todas tinham em vista os mais altos objetivos: a independência nacional e a liberdade civil

uma proposta para liberar a nossa roupa e outra para o fornecimento de provisões frescas ao navio. Estávamos pagando quarenta dólares por novilho na cidade. Concordaram em que o preço deles não excederia a dez, desde que enviássemos barcos ao rio Doce, ou ao Paratije [Paratibe] para buscá-los⁽⁵⁶⁾. É um estuário de um pequeno rio ao norte de Olinda^(*). Não devo deixar de mencionar que ofereceram licença para levar provisões frescas para nossos amigos ingleses e franceses na cidade.

A junta estava extremamente ansiosa por saber se havia probabilidade de reconhecimento pela Inglaterra da independência do Brasil, ou se e'a tomaria alguma participação na luta. Muitas foram as perguntas, feitas de formas muito diversas, que o secretário nos dirigiu a respeito. Seus componentes são naturalmente violentos na linguagem em relação a Luís do Rêgo, na medida em que êle cumpriu seu dever militar, mantendo-os em aperturas com um punhado de homens. E, como tôdas as oposições, discorrem fâcilmente sôbre princípios gerais, porque não têm de enfrentar os embaraços da realidade e os choques dos interesses privados quando se está na posse e no exercício de um cargo.

Eu estava sentada em frente a uma das janelas da sala do conselho e observava desde algum tempo que o sol estava declinando muito. Levantei-me, pois, para voltar. Recebi então do secretário uma nota para os oficiais dos postos avançados, no sentido de não levantarem obstáculos à passagem de cousa alguma pertencente à fragata de Sua Majestade *Doris*.

Mas não nos deixaram partir sem um cordial convite para ceiar e passar a noite. Trouxeram um imenso copo e uma garrafa de vinho com cêrca de metade de

sob leis reformadas. O primeiro lhes foi assegurado pelo Imperador Constitucional. O segundo está-se processando sob seu governo. Só o tempo poderá aperfeiçoá-lo. Seria feliz a Itália se os seus comícios populares tivessem tido o caráter brando dos do Brasil, e ainda mais feliz se tivesse encontrado no seu príncipe um defensor e protetor.

(56) No rio Doce, desembarcaram Brito Freire e Pedro Jacques para ajudar Vieira na restauração de Pernambuco. V. *Introdução*, p. 29.

(*) O rio Doce, que tem suas vertentes no município de Olinda, faz confluência no rio Paratibe 12 km acima de sua foz, junto à povoação do Rio Doce, à qual êle dá esta denominação. (VASCONCELOS CALVÃO, *Dic. Corogr. Hist. e Est. de Pernambuco*, I, Rio, 1908, p. 214).

água misturada. Fui então servida em primeiro lugar e, em seguida, tôdas as quatorze pessoas cada uma por sua vez. Por êsse tempo a guarda estava formada, a banda tocou o hino nacional, a que todos assistimos descobertos, e assim montamos no meio dos homens de aspecto rude, naquela estranha, ainda que deliciosa vista, exatamente no momento em que a névoa da noite começava a velar as terras mais baixas e o sol vermelho vivo da tarde dourava os ramos mais altos da floresta.

Nossa viagem de volta foi muito mais rápida que a de ida. A noite estava fria, e os cavalos ansiosos por chegar. Mas não encontramos o Sr. Stewart senão duas horas após o pôr do sol, quando viemos a saber que, após haver esperado até seis horas, o capitão Graham insistira em que jantassem. O governador ficou inquieto e ofereceu-se a mandar um grupo de caçadores à procura — como êle gentilmente disse — da minha pessoa. Mas isto foi, naturalmente, recusado. O capitão assegurou a Sua Excelência que se os patriotas detivessem o seu tenente êle o iria buscar com os seus próprios homens. Quanto a mim, como estava com meus dois companheiros, não tinha o menor receio a meu respeito. Fomos acompanhados pelo mesmo oficial que havia sido nosso companheiro na cavalgada para o pôsto de comando, quase até as linhas da cidade. Quando dissemos isso ao governador, ficou triste por não sabermos seu nome, para, no caso de eventualmente ter oportunidade de demonstrar-lhe gentileza, poder fazê-lo. Uma agradável conversa sobre nossa excursão, uma ceia cordial e um pequeno concerto encerraram o dia que, no conjunto, para mim foi dos mais agradáveis.

Quinta-feira, 4 [de outubro]. — Recebi a bordo a visita de Madame do Rêgo, uma de suas filhas, Miss Stewart e varios cavalheiros. A maior parte dos convidados ficou enjoada com o jôgo do navio, causada pela pesada ressaca na ancoragem. Êles estavam, contudo, encantadíssimos com a visita, especialmente com os foguetes com que por ocasião da partida saudamos as senhoras, que nunca tinham visitado uma fragata britânica.

Sexta-feira, 5 [de outubro]. — Obedecendo ao acôrdo feito com os oficiais patriotas na quarta-feira, uma lancha e a segunda embarcação foram ao rio Doce para receber novilhos e outras provisões. Os oficiais e os marinheiros foram recebidos da maneira mais amável e voltaram com muitos presentes de provisões frescas e verduras, que os patriotas obrigaram a aceitar. Uma banda militar aguardava-os em terra e levou-os ao lugar do encontro com os chefes.

O Srs. Biddle e Glennie, ao examinar a costa perto do cabo de Santo Agostinho⁽⁵⁷⁾, foram detidos como prisioneiros por algumas horas por um destacamento patriota; mas, como parecem ter agido só pelo intuito de obter dinheiro, e sob a direção de um subalerno, não se levou em conta o incidente.

Sábado, 6 [de outubro]. — A fragata levantou âncora para um cruzeiro e, se possível, encontrar melhor ancoragem. O Sr. Dance, com um grupo, foi buscar mais provisões no Rio Doce. A ressaca no lugar do desembarque estava tão forte que êles foram obrigados a entrar em canoas e deixar os barcos aferrados a certa distância da praia. Uma guarda de honra e uma banda militar os aguardava, como no dia antecedente, e além disso foram instados a jantar com o comandante do pôsto, o que fizeram com prazer. A sala de jantar era uma longa cabana feita de madeira e fôlhas de palmeira trançadas. Ao centro estava uma mesa comprida coberta com uma toalha belíssima e limpa. As raras cadeiras existentes no local foram destinadas aos estrangeiros. O resto do grupo ficou de pé durante a refeição. Aos estrangeiros, também, foram dados colheres e garfos, mas a falta de talheres não pareceu embaraçar os brasileiros. Cada pessoa recebeu um pequeno prato fundo de bom caldo de carne *bien doré*. Quanto ao resto todo o mundo pôs a mão no prato. Dois pratos principais ocupavam o centro da mesa. Um dêles, uma terrina contendo farinha de mandioca crua. O outro, um pilha de peixes preparados com azeite, alho

(57) A parte mais oriental da América do Sul. Tem dois modestos ancoradouros para pequenos navios, cada um dos quais defendido por um pequeno forte. Há ali uma capela famosa de N. S. de Nazaré.

e pimenta. Cada pessoa começava por derramar uma quantidade de farinha no caldo até êle atingir a consistência de um pirão, depois, servindo-se do peixe, que estava partido em pedaços convenientes, mergulhava-os no mingau e comia com os dedos. Em volta dos dois pratos principais havia outros da mais saborosa natureza: enguias fritas com ervas aromáticas, mariscos preparados com vinho e pimenta e outros da mesma espécie. Dentro dêsses também cada homem punha sua mão indiscriminadamente, e metendo seu bocado no prato fundo, ensinaram aos nossos oficiais como comer êste substituto do pão de trigo e engolir sem preocupação de ordem ou limpeza. Tôdas as espécies de pratos foram misturadas e tocadas por tôdas as mãos. Depois do jantar um escravo passou em volta uma bacia de prata com água e toalhas, após o que beberam-se alguns brindes e a função terminou com vivas. A guarda e a banda acompanharam os oficiais até os barcos, onde os novilhos estavam prontos para embarcar e os escravos a postos para carregar os inglêses através da ressaca até as canoas que os levaram até os barcos. Quando voltaram, vi pela primeira vez a pitanga, uma baga da qual se faz excelente conserva. Cresce num belo arbusto, que difficilmente se distingue da murta, quer pela flor, quer pelas fôlhas, que são largas. A baga é do tamanho de uma avelã, dividida e colorida como um tomate grande. O Sr. Dance trouxe-me também um lindo periquito verde, o mais manso e adorável que já vi. Tinha as costas verdes e olhos brilhantes⁽⁵⁸⁾.

Domingo, 7 [de outubro]. — Continuamos a cruzar em frente a Olinda e Recife alarmando alguns de nossos amigos de terra por navegar em tórno do banco chamado do Inglês, cousa considerada impossível até aqui para um navio grande.

Segunda-feira, 8 [de outubro]. — Soubemos hoje, ao ancorar, que se havia chegado a um acôrdo com os

(58) Tôda a tribo dos papagaios no Brasil é linda; mas nem os papagaios nem os periquitos falam bem. Contudo nenhum navio de escravos chega da Africa sem trazer um ou dois papagaios cinzentos de modo que nas cidades êles são quase tão numerosos quanto os pássaros nativos, e muito mais barulhentos, pois falam incessantemente.

patriotas, pelo qual terão êles representantes no conselho e parte igual na administração. Em compensação terão de retirar as tropas invasoras e deixar Luís do Rêgo à frente dos negócios militares até a chegada dos novos despachos de Lisboa. Estas disposições pacíficas foram obtidas pela delegação da Paraíba com a qual nos encontramos na quarta-feira.

Terça-feira, 9 [de outubro]. — O Sr. Dance, o Sr. Glennie e eu fomos indicados para tomar conta de um grande grupo de guardas-marinha, que ainda não puderam dar uma volta pela praia. Vamos passar o dia na ilha dos Coqueiros que fica a boa distância pelo pôrto a dentro, no interior do recife de Pernambuco. Enquanto navegávamos ao longo da rocha, observamos que ela é coberta de ouriços, polipos, bernaclas, patelas e revestida de conchas bivalves menores do que as ostras ou bribigões, mas contendo um peixe [sic] não diverso do último na aparência e do primeiro no sabor. Não tínhamos calculado exatamente o efeito da maré tão ao fundo do pôrto como a ilha dos Coqueiros. Em consequência encalhamos no canal exterior, a boa distância da costa. Os marinheiros empurraram-me na lancha sôbre um banco de areia raso e depois carregaram-me para a praia; os guardas-marinha vadearam o banco, e os oficiais com os botes e suas tripulações foram em busca de uma passagem mais funda onde pudessem aproximar-se com as nossas provisões. Entrementes os rapazes e eu tivemos bastante vagar para examinar a ilha. É perfeitamente rasa e recoberta de areia branca, a praia semeada com fragmentos de conchas e coral. Como o nome indica, é um bosque de coqueiros exceto onde o atual ocupante abriu espaço para uma horta e para viveiros de peixes. Os últimos são muito extensos e, como asseguram o fornecimento de peixe quando o mar forte impede as canoas de sair, dão esplêndido lucro ao empreendedor. A horta produz verduras, tanto européias como brasileiras, com grande perfeição. Também vicejam muito bem as árvores frutíferas⁽⁵⁹⁾.

(59) Toda a tribo da laranja e do limão, mamões, cajueiros, melões e abóboras, romãzeiras, goiabeiras, etc.

Nos cortes feitos para os tanques de peixes observei que por baixo da areia há uma rica terra escura, cheia de plantas em decomposição. É isto que provavelmente torna esta terra, aparentemente areenta, tão fértil. Os tanques estavam meio cobertos com o lírio branco aquático e outras plantas aquáticas da terra. Tôda a ilha abunda em alegres arbustos e flôres bizarras⁽⁶⁰⁾ onde o *Humming bird* (chupa-mel), aqui chamado beija-flor, com asas de safira e peito de rubi, balança-se no ar continuamente, e as vivas borboletas competem com êle nas flôres, nas côres e na beleza. Até os répteis são aqui belos. As cobras e os lagartos o são singularmente, ao menos na côr. Encontramos uma lagarta imensa e peluda, da qual cada tufo é dividido em cinco ou seis ramos, os anéis do corpo são vermelho, amarelo e castanho. O povo acredita que elas fazem mal aos úberes das vacas, estancando-lhes o leite, quando nem sequer os chupa. São por isso muito mal vistas aqui, porque a ilha inteira, onde não há plantação, é pasto, e fornece grande parte do leite ao mercado do Recife.

Enquanto tentávamos esquecer nossa fome examinando a ilha, bebendo leite de côco e imaginando uma porção de coisas banais, mas novidades para olhos jovens e não viajados, como eram os da maior parte do bando, nossos barcos tomavam um caminho circular e afinal às 10 horas desembarcaram nossas provisões. Fizemos então um cordial almoço, sentados numa vela aberta à sombra dos coqueiros. Os rapazes mais velhos com suas espingardas acompanharam então o Sr. Dance e um comandante de navio mercante que se ofereceu a servir de cicerone, e foram caçar. Os mais moços ficaram comigo para colher flôres, reunir plantas e, com ajuda dos marinheiros dos barcos, dirigir os preparos para o jantar. Às 4 horas os caçadores voltaram trazendo picanços de crista vermelha, fringilídeos de várias côres, beija-flôres, pégas pretas e amarelas, e outras de plumagem alegre e formas delicadas, de todo novas para nós todos. Um grupo mais

(60) A petriwinkle de Madagascar é a mais comum. Há muitas parasitas e quase tôdas as trepadeiras papilionáceas e em forma de sino. Os maracujás são também comuns.

alegre certamente nunca se reuniu, mas o melhor passeio ainda estava por vir. A maré estava agora favorável e resolvemos fazer uma cousa de interessante. Em vez de descer pelo pôrto abaixo, o que nos faria ultrapassar o tempo que nos fôra concedido, entramos por uma passagem no Recife chamada "*das gaiotas*", porque poucas cousas além dos pássaros pensariam em transpô-la(*). O barco das bagagens passou primeiro, nossa lancha em seguida. Ia eu sentada na popa do barco que devia passar em segundo lugar. Era belo, mas um tanto temível, vê-lo lançar-se nas vagas borbulhantes entre as rochas e erguer-se acima das ondas, livrando-se além delas. Nem foi menos complexa a sensação quando chegou nossa vez. Há sempre alguma cousa de triunfante na sensação de navegar sôbre as ondas. Mas quando elas estão insolentes pela tempestade, ou ficam ameaçadoras pelas rochas ou bancos de areia, o triunfo aproxima-se do sublime; há nêle um secreto temor, ainda que não das águas, e uma elevação da alma até Aquêlê que criou o oceano e deu ao homem inteligência para dominá-lo. Não me envergonho de confessar que tive um momento, se bem que só um momento, de estranha ansiedade quando, ao olhar meus jovens companheiros, ouvi o Sr. Dance dizer: — "Fique quieta e não diga nada", e então caminhando para a proa do barco gritou alto para o timoneiro: "Firme."! Mas passamos num instante e em breve nos alongávamos com a fragata, onde fomos louvados por têmos realizado o que poucos haviam feito antes, e por havermos demonstrado a possibilidade de fazer com segurança o que em algum tempo futuro pode vir a ser importante saber que é possível.

Quarta-feira, 10 [de outubro]. — Fomos à terra cedo pela primeira vez desde o armistício. Os canhões foram retirados das ruas e raras lojas reabriram; os negros não estão mais encerrados portas a dentro e os

(*) *Passagem das gaiotas*, chama ALFREDO DE CARVALHO, (*Rev. do Inst. Arqueológico e Geográfico Pernambucano* n.º 60, 1904, sob o título "O assédio do Recife em 1821 — Impressões de uma senhora inglesa"). A tradução literal seria "*das procelárias*", nome da ave que corresponde à "*Mother Cary*". PEREIRA DA COSTA na mesma *Revista* (n.º 119, 1923, p. 38) refere-se à passagem do barco de Maria Graham pelo "buraco do francês" (a barreta).

padres reapareceram. Seus chapéus largos e amplos mantos dão-lhes importância no meio do povo, agora ocupado e ativo e, ao que parece, disposto a ressarcir o tempo perdido para o comércio devido ao sítio. Fiquei impressionada com a grande preponderância da população negra. Pelo último censo a população de Pernambuco, incluindo Olinda, chegava a setenta mil, dos quais não mais de um terço era de brancos. Os demais são negros ou mulatos. Os mulatos, em geral, são mais ativos, mais industriosos e mais espertos que qualquer das outras classes. Acumularam grandes fortunas em muitos casos, e estão longe de ficar para trás na campanha pela independência do Brasil. Poucos negros, mesmo entre os livres, conseguiram ficar muito ricos. Um negro livre, quando sua loja ou seu jardim corresponde ao seu esforço, vestindo-o e a sua mulher com um belo fato preto, um colar e pulseiras para a senhora, e fivelas nos joelhos e sapatos para adornar as meias de seda, raramente se esforça muito mais, e contenta-se com sua alimentação diária. Muitos, de tôdas as côres, quando conseguem comprar um negro, descansam, dispensando-se de demais cuidados. Fazem com que o negro trabalhe para êles, ou esmole para êles, e assim, desde que possam comer seu pão tranqüilamente, pouco se importam em saber como foi êle obtido.

Os portugueses europeus ficam extremamente ansiosos por evitar o casamento com os naturais do Brasil e preferem antes dar suas filhas e fortunas ao mais humilde caixeiro de nascimento europeu do que aos mais ricos e meritórios brasileiros. Estão convencidos das prodigiosas dificuldades, senão malefícios que fizeram a si próprios com a importação de africanos. Sem dúvida encaram agora com pavor a hipótese da revolução, que libertará os escravos da sua autoridade e, declarando-os iguais aos outros, autorizá-los-á a tomarem como agravos os insultos que suportaram pacientemente por tanto tempo.

Quinta-feira, 11 [de outubro]. — Como tudo parece resolvido entre os chefes monarquistas e patriotas, estamos-nos preparando para deixar Pernambuco, e não

sem tristeza, porque fomos tratados amavelmente pelos portugueses e recebidos com hospitalidade pelos nossos compatriotas. Fomos à terra para obter cousas necessárias ou agradáveis para nossa viagem adiante. Entre as últimas comprei excelentes doces⁽⁶¹⁾, que são feitos no interior e trazidos para o mercado em belos barriletes de madeira, cada um contendo seis ou oito libras. É espantoso ver a carga transportada de duzentas ou trezentas milhas de distância pelos cavalos pequenos e fracos, mas rápidos, que há na terra. Os cavalos de carga não são ferrados, tal como os de montaria: os últimos são quase em tôda parte treinados num passo rápido, fácil, mas não muito agradável no primeiro momento para os que estão acostumados com os cavalos ingleses. Vi e provei hoje a carne sêca, charqui [charque], da América do Sul Espanhola. Parece, quando pende em mantas nas portas das lojas, com feixes de couro grosso em tiras. Prepara-se cortando a carne em tiras largas, extraindo os ossos, salgando levemente, comprimindo e secando ao ar. Assim bem poderia servir de recheio dos selins dos bucaneiros, já que a tradição diz que êles arrumavam a carne sob as selas. Como quer que seja, a carne é gostosa. O modo comum de usá-la aqui é de parti-la em pedacinhos e cozê-la na sopa de mandioca, que é o principal alimento da gente pobre e dos escravos.

Após terminar minhas compras, fui procurar uma família portuguesa, e como fôsse a primeira casa portuguesa em que ia entrar, estava curiosa em verificar a diferença entre ela e as casas inglesas daqui. A construção e a distribuição das peças são as mesmas. O salão só differia em ser mais bem mobiliado e com todos os artigos ingleses, até mesmo um belo piano Broadwood. Mas a sala de jantar era completamente estranha. O solo estava forrado com um tecido estampado e as paredes cheias de gravuras inglesas e pinturas chinesas, sem distinção de assunto ou tamanho. Numa ponta da sala havia uma mesa comprida, coberta com uma caixa de vidro, na

(61) Os conventos são, em geral, os lugares onde se fazem conservas mais delicadas. As que eu comprei eram de goiaba, caju, cidra e lima. As de caju são particularmente boas. São chamadas pelo nome genérico de DOCE.

qual havia uma peça religiosa de cera: um presépio completo, com os anjos, os três reis, musgo, flôres artificiais, conchas e contas, tudo envolvido em gaze e tarlatana de seda, semeado de ouro e prata, e com Santo Antônio e São Cristóvão de guarda, à direita e à esquerda. O resto da mobília consistia em cadeiras e mesas comuns e uma espécie de consolo ou aparador. Do teto pendiam nove gaiolas de pássaros, cada qual com seu ocupante. Os canários, as patativas, rivais dos primeiros na beleza do canto, e as belas viúvas, eram os favoritos. Em gaiolas maiores, num quarto de passagem, havia mais papagaios e periquitos do que eu poderia julgar agradável numa casa. Mas são bem educados e raramente gritam juntos. Não estávamos sentados por muito tempo na sala de jantar quando passaram em volta biscoitos, bolo, vinho e licores, os últimos em pequenos cálices. Ofereceram-nos em seguida um copo d'água e fomos instados a prová-la, dizendo-nos que era a melhor do Recife. Provém de uma fonte no jardim do convento de Jerusalém, a duas milhas da cidade e o único cano dessa fonte dirige-se ao jardim de um convento de freiras daqui. Soube pela senhora que as jarras porosas para refrescar a água que encontramos aqui são tôdas feitas na vizinhança da Bahia, e que não há indústria aqui, exceto de algodão grosso para vestimenta de escravos. O ar e as maneiras da família que visitamos, ainda que não fôsem ingleses nem franceses, eram de perfeita educação, e os vestidos mais belos que da Europa civilizada, com a diferença que os homens usavam jaquetas de algodão em vez de casacos de casimira e estavam sem colarinho. Quando saem, porém, vestem-se como os ingleses.

Ao voltar de nossa visita encontramos o entêro de um monge conduzido por vários irmãos de hábito, com círios, livros e campainhas, e tôdas as solenidades que o sentimento humano inventou para consolar seus próprios temores e aflições, sob o pretexto de honrar os mortos e, para os quais a Igreja Romana, em casos como êste, acrescentou todo o seu fausto. Não me pude impedir de contrapô-lo aos enterros na praia de Olinda, e de sorrir diante das vaidades que nos acompanham até à corrupção.

"But man, vain man, plays such fantastic tricks before high heaven, as make the angels weep(*)".

Mas os cavalos estavam à nossa espera, e deixamos a indignação e a piedade pelas tolices de uns e as misérias de outros, para gozar pela primeira vez, desde que as barreiras estavam abertas, o ar do campo. Quando fomos ao Bibiriba [Beberibe] os soldados nos haviam detido a todo o momento para nos interrogar. Pilhas de armas e cavalos prontos à porta de cada casa importante, mostravam que os postos militares haviam tomado o lugar dos prazeres das casas de campo e explicavam o abandono das estradas. Agora, a cena está mudada. Os caminhos estão cheios de negros, moços e velhos, com suas belas vestimentas, ainda que bizarras, com cestas de frutas, peixes e outras provisões à cabeça. Pequenos carros, dos quais não havíamos visto nenhum, começam a aparecer e os belos bois que os puxam não formam um contraste desagradável com os novilhos meio famintos da cidade. Era uma tarde fresca e o sol estava bastante baixo para dourar as copas das palmeiras e outras árvores altas que se erguiam com as suas sombras escuras na luz suave e pura, produzindo um efeito que o próprio lápis de paisagem de um Ticiano não conseguiu fixar. Nosso passeio foi até a casa de campo do Sr. Stewart que está, creio eu, no mesmo plano que as outras da redondeza, e que só posso comparar com um *bungalow* do Oriente: um só pavimento, traçado muito cômodamente, com uma varanda em tórno e localizada no meio de um pequeno campo, parte do qual é plantação e parte pasto, geralmente cercado de limoeiros e rosas e ensombrado de árvores frutíferas. Tal é a descrição geral dos sítios campestres perto de Pernambuco. Há diferenças

(*) "Mas o homem, o homem vão, pratica tão fantásticos embustes perante o alto céu que faz os próprios anjos chorarem".

A citação é de SHAKESPEARE:

*"But man, proud man
Drest in a little brief authority
Most ignorant of what he's most assured
His glassy essence, like an angry ape
Plays such fantastic tricks before high heaven
As make the angels weep."*

(*Measure for Measure*, II, 2).

derivadas do gosto do habitante, ou das possibilidades do terreno. O aluguel baixo desses agradáveis pequenos parques é espantoso; mas deriva em grande parte da indolência, e conseqüente pobreza, dos possuidores das primitivas concessões das terras aqui: enquanto suas fazendas e seus escravos os sustentaram, não prestaram atenção às pequenas áreas que, ficando perto da cidade, poderiam ter sido sempre produtivas. Agora que a cultura do açúcar e do algodão não está em tão grande desenvolvimento, quase metade das fazendas estão arruinadas, mas o temperamento do povo se tornou tão indolente que em vez de procurar salvar suas propriedades elles preferem alugar uma pequena porção delas por uma ínfima anuidade.

Em caminho para o sítio paramos numa espécie de taverna chamada venta [venda]. É como a pequena loja inglesa e tem um pouco de tudo: roupa e velas, frutas e toucinho, vinho e pimenta, tudo a retalho, sem lucro exorbitante, para os pobres; o vinho servido é realmente bom: — Pôrto de excelente qualidade, sem a quantidade de aguardente exigida pelo mercado inglês. Ao passarmos de volta, paramos ali de novo. Muito negro estava ali gastando as economias de um dia e ficando tão alegre quanto o vinho permitia; muito viajante se estava regalando com pão, alho e sal, preparando-se para estender a esteira e deitar-se ao ar livre durante a noite. A noite sob os trópicos é sempre mais alegre e mais intensa do que entre nós. O calor do dia contém muita gente dentro de casa todo o dia. A tarde e a noite tornam-se os momentos preferidos para passeios. Ao voltarmos pela Boa Vista encontramos muita gente gozando como nós o ar livre, e vagueando sem ter o que fazer deante dos reflexos das casas brancas e das árvores que se balançavam dentro d'água, enquanto os vagalumes, voando de arbusto em arbusto, pareciam fragmentos de estrélas descidos para adornar o luar.

Sexta-feira, 12 [de outubro]. — Aniversário do Príncipe Real. Há uma recepção em palácio. Os convidados curvam-se primeiro diante do governador, em

seguida diante do retrato do príncipe que está colocado no meio do salão de recepção para receber as honras devidas. Segue-se o *beja mano* [*beija-mão*]. Os fortes e os navios salvaram. Nós, está claro que fizemos o mesmo, e o povo, em roupas de gala, foi à missa, como em dia santo. Uma cousa contribuiu, contudo, em não pequena escala, para a alegria do dia. As tropas, que haviam chegado últimamente da Bahia, reembarcaram para voltar. O comportamento delas, em geral, fôra mau. As bebedeiras e desordens durante os dez dias que ficaram aqui desgostaram bastante o povo, ao mesmo passo que a disposição que mostravam em juntar-se aos patriotas, as tornou auxiliares um tanto suspeitas ao governador.

Sábado, 13 [de outubro]. — Despeço-me de meus amáveis amigos no palácio. Madame do Rêgo deu-me várias amostras de ametistas e a pedra chamada *minha nova* [sic] (semelhante à água marinha), além de um belo exemplar de minério de ouro da província. Disse-me que Luís do Rêgo havia remetido para o reino muitos e belos minerais da capitania, bem como alguns fêsseis. Descreveu os enormes ossos, que poderiam ter pertencido ao elefante ou ao mamute, encontrados não muito longe do Recife, ao cavar um poço e, tanto quanto pude compreender, em solo como o que eu observara sob a camada de areia na ilha dos Cocos⁽⁶²⁾.

Os comerciantes ofereceram hoje um grande jantar ao capitão e oficiais. O governador e outras autoridades da cidade aderiram. Soube que foi um bellissimo jantar, que havia tôda espécie de vinhos em quantidade, e nada poderia exceder a amigável polidez do governador e seu grupo. Eu fiquei na casa de Mr. Stewart, onde a maior parte da gente me visitou após o chá.

Despedimo-nos então de Pernambuco, onde havíamos recebido tantas gentilezas e tivéramos, ao menos, o gôsto da novidade. O espetáculo de nosso embarque foi muito

(62) O morro de Pão de Açúcar, na serra da Prlaca, cêrca de oito léguas a N. O. da vila de Penedo, tem um lago no seu declive meridional, onde se encontraram ossos enormes. No lado norte há uma caverna medonha. [V. M. Aires de Casal, *Chorogr. brasileira* — 2.ª ed. Rio, 1845, II, 143.]

bonito. Nossos amigos acompanharam-nos ao embarcadouro. E nossos barcos, vogando à luz do belo luar, com os marinheiros subindo e descendo, nos preparativos da partida, o cais e as embarcações duplicadas pelo claro reflexo na água parada, aumentavam e espalhavam o brilho das ondas que se arremessavam contra o forte exterior e o farol. Através delas caminhamos e alcançamos o navio, onde de novo tomei posse de minha cabine e arrumei-a para viagem.

Deixamos Pernambuco com a firme convicção de que pelo menos esta parte do Brasil nunca mais se submeterá ao jugo de Portugal. Se a firmeza de comportamento de Luís do Rêgo falhou em manter a capitania em obediência, será inútil a outros governadores tentá-lo, especialmente enquanto o estado da metrópole fôr tal que não possa lutar com as colônias, nem por e'as, e enquanto as considerar simplesmente como regiões tributáveis de seus territórios, obrigados a sustentá-la em sua fraqueza⁽⁶³⁾.



*Escravos carregando a pipa nas ruas de Pernambuco
(collás Rio de Janeiro — V. reificação da autora em pg. 393)*

Domingo, 14 de outubro. — Levantamos âncora depois do almôço e em breve perdemos de vista Pernambuco. Todo domingo, segunda e terça-feira, navegamos à vista das costas do Brasil. São montanhosas e com muita madeira; o verde das encostas é muitas

(63) Deixamos Pernambuco a 14 de outubro de 1821. Antes de 18 de novembro do mesmo ano, as Côrtes de Lisboa chamaram Luís do Rêgo e todas as tropas européas, depois arrependeram-se desta convocação, deam contra ordens, e enviaram reforços. Mas ao tempo em que chegaram, o capitão-geral já havia embarcado em navio francês para a Europa e a junta, após dar provisões aos navios com as tropas, prohibi-lhes o desembarque e enviou-as ao Rio de Janeiro.

vêzes interrompido por manchas brancas brilhantes que pareciam de areia. Na noite de terça-feira 16 ancoramos na Baía de Todos os Santos, em frente à cidade do Salvador, comumente chamada Bahia. Já era bem escuro antes de entrarmos de modo que perdemos estréia da vista dêsse magnífico pôrto. Mas as luzes espalhadas revelam-nos a grande extensão e a alta colocação da cidade.

Quarta-feira, 17. — Esta manhã, ao raiar da aurora, meus olhos abriram-se diante de um dos mais belos espetáculos que jamais contemplei. Uma cidade, magnífica de aspecto, vista do mar, está colocada ao longo da cumeeira e na declividade de uma alta e íngreme montanha. Uma vegetação riquíssima surge entremeada com as claras construções e além da cidade estende-se até o extremo da terra, onde ficam a pitoresca igreja e o convento de Santo Antônio da Barra. Aqui e ali o solo vermelho vivo harmoniza-se com o telhado das casas. O pitoresco dos fortes, o movimento do embarque, os morros que se esfumam a distância, e a própria forma da baía, com suas ilhas e prornontórios, tudo completa um panorama encantador; depois, há uma fresca brisa marítima que dá ânimo para apreciá-lo, não obstante o clima tropical.

Muito cedo mudamos nossa ancoragem para mais perto da costa. Então, a convite de Mr. Pennell, cõsul britânico, fomos à terra a fim de passar o dia com êle. Desembarcamos no Arsenal, onde não há nada da limpeza que se observa em nossa terra. A primeira coisa que vimos, contudo, foi uma bela fragata de 58 canhões nos estaleiros, cujo modelo vi elogiar como belo pelos entendidos. Não há ali mais nada digno de ser visto, além do novo navio e algumas belas peças de velhos canhões de bronze. Tudo está visivelmente, ou em suspenso, ou em decadência. Não haverá provavelmente progresso, até que se defina a situação política do Brasil. Encontramos as cousas aqui, ainda que não tão desassossegadas como em Pernambuco, contudo tendendo para o mesmo caminho.

A rua pela qual entramos através do portão do arsenal ocupa aqui a largura de tóda a cidade baixa da Bahia, e é sem nenhuma exceção o lugar mais sujo em que eu tenha estado. É extremamente estreita; apesar disso todos os artífices trazem seus bancos e ferramentas para a rua. Nos espaços que deixam livres, ao longo da parede, estão vendedores de frutas, de salsichas, de chouriços, de peixe frito, de azeite e doces, negros trançando chapéus ou tapetes, cadeiras, (espécie de liteiras) com seus carregadores, cães, porcos e aves domésticas, sem separação nem distinção; e como a sarjeta corre no meio da rua, tudo ali se atira das diferentes lojas, bem



Cadetrinha, na Bahia

como das janelas. Ali vivem e alimentam-se os animais. Nessa rua estão os armazens e os escritórios dos comerciantes, tanto estrangeiros quanto nativos. As construções são altas, mas não tão belas nem tão arejadas como as de Pernambuco.

Chovia quando desembarcamos. Por isso, como as ruas que conduzem para fora da imunda cidade baixa não permitem o emprêgo de veículos de roda, em virtude da violência da subida, alugamos cadeiras e as achamos, se não agradáveis, ao menos cômodas. Consistem numa poltrona de vime, com um estribo e um dossel coberto de couro. Cortinas, geralmente de melania, com debruns dourados e forradas de algodão ou linho, estão dispostas

em tórno do dossel, ou abertas, como se queira. Tudo é suspenso pelo alto por um único varal, pelo qual dois negros a carregam a passo rápido sôbre os ombros, mudando, de vez em quando, do direito para o esquerdo⁽⁶⁴⁾.

À medida que subíamos, cada passo nos trazia à vista um belo espetáculo, em geral enquadrado pela baía e pelas embarcações. Há qualquer coisa no panorama daqui de particularmente agradável. A verdura, a floresta, as íngremes bordas, e os campos docemente inclinados, geralmente abrindo-se para o mar ou para a lagoa, atrás da cidade, têm uma frescura e uma amenidade que dificilmente me lembro de ter visto antes. Não vimos senão pouco da cidade alta, mas êsse pouco era belo, em nosso caminho para a casa do cônsul. Sua casa, como tôdas as dos comerciantes inglêses, fica um pouco longe da cidade, no subúrbio da Vitória, que ocupa a maior parte de um estreito espigão, que se estende da cidade até Santo Antônio. Entre êle e a cidade fica o forte Pedro [de São Pedro], construído, penso eu, primitivamente de barro pelos holandeses^(*). Foi recoberto de pedra na retomada da Bahia aos holandeses, comêço do último século. Encontramos o cônsul e sua filha prontos a nos receberem em sua muito agradável casa-jardim, que se dependura literalmente sôbre a baía; flôres e frutas misturam seus encantos até junto ao mar, enquanto

*Seaborn gales their gelid wings expand
To winnow fragrance round the smiling land.*

Ansiosos por aproveitar uma oportunidade para passear, depois de nossa viagem, aceitamos o amável oferecimento de Miss Pennell para mostrar-nos algumas das redondezas antes do jantar e acompanhamo-la até a

(64) Quando Frezier passou por aqui usava-se uma simples rêde de algodão com dossel.

(*) Há realmente quem sustente que o forte foi construído primitivamente de terra, pelos holandeses, como, p. ex., Luís dos Santos Vilhena (*Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasileiras*, ed. rev. e anot. por Brás do Amaral, Bahia, 1922). Verifica-se, porém, pelo exame dos documentos, que a primitiva trincheira, que deve ter sido realmente de barro, foi construída pelos portugueses, por ocasião da invasão de 1624. O governador Teles da Silva determinou a construção do forte de pedra, só terminada, porém, em 1723. (J. DA SILVA CAMPOS, *Fortificações da Bahia*, "Publ. do Serv. do Patr. Hist. e Art. Nac.", n.º 7, Rio, 1940, p. 135).

igreja dedicada a N.^a S.^a da Graça. Foi a primeira oferta piedosa, creio eu, ao culto cristão, por uma nativa do Brasil.

Quando o famoso Caramuru naufragou em Itaparica, juntamente com o donatário Coutinho, êste foi morto, mas Caramuru, querido pelos nativos, foi poupado e voltou à sua velha povoação da Vila Velha. Sua mulher, Catarina Paraguaza [Paraguaçu], que o havia acompanhado à França, teve então uma visão no campo dos índios. Pensando que se tratava de uma senhora européia, Caramuru seguiu na direção apontada por sua mulher. Descobriu, segundo dizem, em uma das cabanas, uma imagem de N.^a S.^a da Graça, e, de acôrdo com as instruções que sua mulher recebera na visão, construiu e dedicou-lhe a igreja, doando-a, bem como uma casa junto a ela, aos beneditinos. Era a princípio de barro, mas logo depois foi feita de pedra.

Quinta-feira, 18 [de outubro]. — Passeamos antes do almôço através de uma paisagem tão bela que aspirávamos por um poeta ou um pintor a cada passo. Às vêzes entrávamos pela floresta selvagem e densa, através dos vãos cheios de arbustos, em seguida surgíamos em claros campos, com coqueiros esparsos, entre os quais se viam casas de campo, granjas e plantações. De cada elevação via-se a baía, o mar, ou o lago, completando o panorama. Aqui e ali a imensa gameleira⁽⁶⁵⁾ surgia como uma tôrre, adornada, além de suas próprias fôlhas, com inúmeras parasitas, desde o rijo *cactus* até a *tilândsia*⁽⁶⁶⁾; a presença constante de uma tôrre de igreja ou de mosteiro suaviza e enobrece as feições da terra.

Mr. Pennell fez amavelmente aos nossos rapazes um convite amplo para sua casa. Em consequência, hoje

(65) A gameleira, como a *banyam* (*ficus bengalensis*), lança raízes facilmente em outras árvores, e seus galhos trançam-se entre si da mesma maneira. É a árvore de que se fazem as cercas do Brasil. Além disso serve para gamelas de várias espécies.

(66) *Tilândsia* ou planta aérea, da qual há várias espécies. A *Tilândsia lingulata* é a maior, e cresce com a gravura de Jacquin. As outras são diferentes das descritas por êle e são muito mais bonitas. [Nikolaus Joseph von Jacquin (1727-1817), barão austríaco, autor de várias obras de botânica]. (N. T.)

diversos dêles ali jantaram, e tivemos uma reunião à noite. Algumas senhoras tocaram quadrilhas, enquanto outras dançavam.

Sexta-feira, 19 [de outubro]. — Acompanhei Miss Pennell numa série de visitas a seus amigos portugueses. Como não é costume dêles visitar ou serem visitados na parte da manhã, não era lá muito elegante levar uma estrangeira a vê-los. Mas minha curiosidade, ao menos, foi bem paga. Em primeiro lugar, as casas, na maior parte, são repugnantemente sujas. O andar térreo consiste geralmente em celas para os escravos, cavalariças, etc., as escadas são estreitas e escuras e, em mais de uma casa, esperamos em uma passagem enquanto os criados corriam a abrir portas e janelas das salas de visitas e a chamar as patroas que gozavam os trajes caseiros em seus quartos. Quando apareciam, difficilmente poder-se-ia acreditar que a metade delas eram senhoras de sociedade. Como não usam nem coletes, nem espartilhos, o corpo torna-se quase indecentemente desalinhado, logo após a primeira juventude; e isto é tanto mais repugnante quanto elas se vestem de modo muito ligeiro, não usam lenços ao pescoço e raramente os vestidos têm qualquer manga. Depois, neste clima quente, é desagradável ver escuros algodões e outros tecidos, sem roupa branca, diretamente sôbre a pele, o cabelo preto mal penteado e desgrehado, amarrado inconvenientemente, ou, ainda pior, em papelotes, e a pessoa tôda com a aparência de não ter tomado banho. Quando, em qualquer das casas, o estrondo de abrir as janelas cobertas de teia terminava, e a família se reunia, por duas ou três vêzes, os criados tinham que transportar pratos de açúcar, mandioca e outras provisões, que tinham sido colocados nas melhores salas para secar. Há geralmente um sofá em cada extremidade da peça e, à esquerda e à direita, uma longa fila de cadeiras como se nunca pudessem ser mudadas de lugar. Entre as duas filas de assentos há um espaço que, disseram-me, é muito usado para dançar; e em cada casa vi, ou um violão ou um piano, e geralmente ambos. Gravuras e pinturas, as últimas os piores

borrões que nunca vi, decoravam geralmente as paredes. Há, além disso, crucifixos e outras coisas no gênero. Algumas casas, porém, são mais bem arranjadas. Uma, que penso pertencer a um capitão da marinha, era enpa-pelada, o soalho tapetado e as mesas ornamentadas com bela porcelana da Índia e de França. A senhora, também, usava elegantemente um vestido francês. Outra casa, pertencente a um magistrado, estava também limpa, e com aparência mais distinta que o resto, ainda que o morador não fôsse nem rico nem de alta posição. Lustres de vidro pendiam do teto, belos espelhos alternavam com as gravuras e as pinturas; boa quantidade de bela porcelana chinesa exhibia-se em tórno da sala. Mas as jarras, tal como as cadeiras e mesas, pareciam fazer parte inseparável das paredes. Eramos em tôda parte convidados, após sentar por alguns momentos no sofá, a ir às sacadas das janelas para gozar a vista, a brisa ou, ao menos, divertir-mo-nos com o que se passava na rua. E contudo não era porque faltasse assunto para conversa. O tópico principal, contudo, era o elogio da beleza da Bahia; vestidos, crianças e doenças, creio que enchiam o resto. E, para falar a verdade, a maneira de falar no último assunto era tão repugnante quanto o vestuário. Isto era pela manhã. Dizem-me que as senhoras são diferentes ao jantar. Casam-se muito cedo e em breve perdem a frescura. Não vi hoje uma só mulher toleravelmente bela. Mas quem poderá resistir à violenta deformação como a que o sujo e o desleixo exercem sôbre uma mulher?

Sábado, 20 [de outubro]. — Como os mapas desta costa até agora publicados são muito errados, o capitão pediu permissão ao govêrno para fazer sondagens e plantas da baía. Foi isso recusado, por motivo político, como se pudesse ser político conservar ocultos escolhos e pedras tanto para os navios próprios como para os dos outros.

Andei pela maior parte da cidade. A parte baixa se estende muito além do que pude ver no dia em que desembarquei. Contém poucas igrejas, uma delas, per-

tencentente a um mosteiro d'A *Conceição*(*), é muito bela, mas o cheiro do interior é repugnante. O soalho é formado de quadriláteros de pedras, e dentro de cada um há uma almofada de madeira de cêrca de nove pés por seis; sob cada almofada há uma sepultura na qual os mortos são lançados despidos até que alcancem certo número, quando, com um pouco de cal viva, a catacumba é coberta por uma laje e abre-se novo quadrilátero, e assim rotativamente. Desta igreja, passando o portão do arsenal, seguimos a rua de baixo até três quartos de milha além, quando se alarga consideravelmente: aí estão os mercados que parecem estar bem sortidos, especialmente de peixe. Aí fica também o mercado de escravos, cena que ainda não aprendi a ver sem vergonha e indignação⁽⁶⁷⁾. Adiante fica uma série de arcadas com lojas de ourives, joalheiros e de armarinho e suas mercadorias miúdas; além, casas de melhor aparência; mas há falta de limpeza e dessa arte de fazer com que as coisas pareçam bem, que atrai o comprador na Inglaterra e na França. Existe na cidade baixa uma livraria, onde os livros eram estranhamente caros, e outra na subida para a cidade alta.

A cidade alta é magnificamente situada na cumeeira entre o mar e o dique. Pela sua elevação e pela grande inclinação da maior parte das ruas, é incomparavelmente mais limpa que o pôrto. A catedral, dedicada a S. Salvador(*), é uma bela construção e fica de um lado da

(*) Equívoco da Autora. A Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, actual basílica, jamais pertenceu a qualquer mosteiro. Foi mandada furar em 1549 pelo primeiro Governador Geral. E mantida por uma *Irmandade*, cujo compromisso foi aprovado em 1645. Daí, talvez, a confusão. O templo actual foi inaugurado em 1765. (V. MARIETA ALVES, *Igreja de N. S. da Conceição da Praia* — Pequeno guia das igrejas da Bahia, Bahia, 1954 — n. XV).

(67) Frazier diz da Bahia: "Quem acreditaria? Há armazens cheios d'estes pobres desgraçados que ali estão expostos completamente nus, e são comprados como gado, sobre quem os compradores têm o mesmo poder, tanto que, ao menor aborrecimento, podem matá-los, quase sem meio de parição, ou, ao menos, tratá-los tão cruelmente como queiram. Não sei como tal barbaridade possa ser conciliada com as máximas da religião que os faz membros do mesmo corpo que os brancos, quando são batizados e os eleva à dignidade de filhos de Deus — todos filhos do Onipotente. Faço aqui esta comparação porque os portugueses são cristãos que fazem grande exhibição de religião". (*A voyage to the North-Sea, and along the coasts of Chili and Peru, in the years 1712-1714 by Monsieur Frazier* — London, 1717).

(*) A actual Sé Catedral, Basílica do Salvador, foi, até a expulsão dos jesuítas, a capela do colégio da Companhia de Jesus, cedida ao arcebispo em 1765. Não foi dedicada a São Salvador. (V. Pequeno guia das igrejas da Bahia: I — "Catedral Basílica", Prefeitura do Salvador, 1949).

praça onde estão o palácio, a cadeia e outros edifícios públicos. O mais belo destes, o colégio dos jesuítas, com colunas de mármore que vieram da Europa já cortadas, está transformado agora em quartel. O mais útil é o hospital de Nossa Senhora da Misericórdia⁽⁶⁸⁾, fundado por Juan [João] de Matinhos⁽⁶⁹⁾, cuja estátua em mármore branco, com uma cabeleira como a de Sir Cloudesley Shores, na abadia de Westminster, e que fica no primeiro patamar da escada, é a mais feia peça de escultura que já vi.

Este hospital, além de seu uso como refúgio para doentes, dos quais há geralmente cêrca de 120, mantém 50 moças de famílias decentes às quais fornece educação conveniente e um dote de 200 mil reis conferido ao se casarem⁽⁶⁹⁾. O prédio da Misericórdia é um belo exemplar do estilo dos conventos, dos edifícios públicos e das melhores casas nobres: antes nobre que elegante. Compreende uma grande área, subdividida em pátios menores; a escadaria é de marmore, embutida de estuque colorido, e os lados são cobertos de azulejos, formando arabescos freqüentemente com desenhos muito belos. É um revestimento ao mesmo tempo fresco e limpo, especialmente para um hospital. As salas principais são também decoradas da mesma maneira, e muitas das frontarias e cúpulas das igrejas estão cobertas de azulejos semelhantes, cujo efeito é muitas vêzes extremamente agradável, quando vistos entre as árvores e os edifícios mais baixos da cidade. A capela pertencente ao hospital é bela, porém um pouco bizarra. O teto é pintado respeitavelmente. É provàvelmente trabalho de um frade amador

(68) Parte dos fundos para o sustento dêste e de outros hospitais provém das loterias. Vejam-se os anúncios nos vários jornais da Bahia.

(69) Refere-se a João de Matos Aguiar, vulgo o Matinhos, falecido a 26 de maio de 1700, que não foi o fundador do hospital, que data do século XVI, mas o benemérito doador dos fundos com que se inaugurou o recolhimento para mulheres, a 29 de junho de 1716. V. a nota da autora n.º 71. (V. MARIETA ALVES, "A Santa Casa da Misericórdia e sua Igreja", *Pequeno guia das igrejas da Bahia*. XI, Prefeitura do Salvador, 1952).

(69) João de Matos Aguiar, geralmente chamado João de Matinhos, por causa de sua pequena estatura, foi o fundador dêste recolhimento. Legou 800 000 cruzados para as mulheres recolhidas, 400.000 para os doentes, um para cada qual que deixa o hospital, e 400.000 de dote para 36 raparigas cada ano, na ocasião da fundação, 1716.

do século dezessete. O tratamento dos doentes é humano. Recebem boa comida e outras necessidades, mas a prática da medicina, ainda que muito melhorada nos últimos anos, não é a mais esclarecida.

Há uma grande desconfiança de estrangeiros no presente govêrno; daí não ter conseguido entrar em muitos edificios públicos. O Tesouro do Govêrno era um dos que eu queria ver, mas houve objeções. O Tesouro aqui era antigamente considerado subordinado ao do Rio de Janeiro; conseguintemente pagava com parte de suas receitas as contas sacadas mensalmente pelo tesoureiro da capital sôbre êste e os de outras províncias. Mas desde a revolução de 10 de fevereiro, o Govêrno Provisório tomou a si recusar pagamento, sob o fundamento de que é completamente independente do Rio, até que a vontade das Côrtes de Lisboa seja conhecida. As rendas derivam de taxas directas sôbre a terra e mantimentos, tarifas sôbre exportação e importação, e direitos portuários. A terra é sujeita a uma taxa de um décimo do total da produção, e, desde a revolução, as terras da igreja estão sujeitas à mesma lei. O clero é pago pelo govêrno.

Os impostos sôbre os mantimentos são anualmente arrendados aos que mais alto lançam; recaem sôbre a carne, peixe fresco, farinha e verduras. Cada freguesia tem seu arrematante separado, que paga a quantia de seu contrato ao Tesouro e depois realiza o mais que pode de suas cobranças.

Os direitos de importação e exportação são pagos na Alfândega. Entre esta e o Tesouro faz-se uma prestação de contas mensalmente.

As taxas portuárias para navios estrangeiros são de 2.000 réis por dia, uma ninharia para o farol, e taxas bem pesadas de entrada, limpeza, etc. Os navios portuguezes e brasileiros não pagam ancoragem, mas estão sujeitos a tonelagem.

Terminamos nossa perambulação pela cidade, indo de noite à ópera⁽⁷⁰⁾. O teatro é colocado na parte mais

(70) Foi começado pelo conde da Parre e termino do pelo conde dos Arcos após a chegada do rei ao Brasil. Foi inaugurado a 13 de maio de 1812.

alta da cidade e o patamar diante dêle domina o mais belo panorama imaginável. É um belo edificio e muito confortável, tanto para os espectadores como para os atores. Interiormente é muito grande e bem traçado, mas sujo, e precisando muito ser pintado de novo. Os atores são muito maus como tais; um pouco melhor como cantores, mas a orquestra é muito tolerável. A peça era uma tragédia muito mal representada, baseada no *Maomé* de Voltaire. Durante a representação os cavalheiros e damas portuguezes pareciam decididos a esquecer o palco, e a rir, comer doces e tomar café, como se estivessem em casa. Quando os músicos, porém, começaram a tocar a ouverture do *ballet*, tôdas as vistas e vozes voltaram-se para o palco. Seguiu-se a exigência de tocar-se o hino nacional e só depois de tocá-lo e repeti-lo duas vêzes permitiu-se que o *ballet* continuasse. Durante a algazarra provocada por isso, um capitão do exército foi prêso e expulso da platéia, dizem uns que por ser batedor de carteiras, outros por estar empregando linguagem imoderada em assuntos políticos quando se estava a exigir o hino nacional.

Entrementes um dos nossos guardas-marinha teve sua espada roubada, com habiidade, do canto do camarote, ainda que não percebessemos que houvesse entrado alguém. Chegamos à conclusão de que um cavalheiro fardado no camarote vizinho entendeu que ela lhe conviria e então afevelou-a ao voltar para casa.

A Polícia aqui está num estado de desbarato. O uso do punhal é tão freqüente que os assassinios secretos geralmente atingem duas centenas por ano, compreendendo as duas cidades, a alta e a baixa. Para êsse malefício contribuem grandemente a escuridão e a inclinação das ruas, que proporcionam uma quase certeza de fuga. O intitulado *Intendente de Polícia* é também juiz superior em matéria criminal. Não há lei, contudo, que estabeleça os limites de sua jurisdição, ou dos seus poderes, nem do Tenente-coronel de Polícia. Este convoca alguns soldados de qualquer guarnição sempre que tem de agir, e designa patrulhas militares também tiradas dos soldados em serviço. Acontece freqüentemente que pessoas

acusadas perante êsse formidável funcionário são detidas e aprisionadas por anos, sem nunca serem levadas a julgamento; uma informação maliciosa, quer falsa quer verdadeira, sujeita a casa particular de um homem a ser aberta pelo coronel e seu bando. Se o dono escapa da prisão ainda é bom, pôsto que a casa raramente escape da pilhagem. Nos casos de conflitos e brigas na rua, o coronel geralmente ordena aos soldados que descarreguem as bengalas e surrem o povo à vontade. Sendo tal o estado da Polícia, é ainda mais admirável que os assassinios sejam tão poucos do que sejam tantos. Onde há pouca, ou nenhuma justiça pública, a vindita privada toma o seu lugar.

Domingo, 21 [de outubro]. — Fomos à capela inglêsa, e ficamos encantados com a maneira digna com que se processou o officio. O capelão é o Rev. Robert Synge, homem de maneiras alegres e sociáveis, mas extremamente atento, tanto como capelão quanto como protetor de seus patricios pobres. Tanto a capela quanto o clero são mantidos pelo fundo de contribuição, como também o hospital para inglêses, marinheiros e outros, e o seu cirurgião, o Sr. Dundas. Tanto o hospital quanto a capela ficam sob o mesmo teto. Fiquei surpreendida, talvez sem razão, ao ouvir o Sr. Synge rezar por “Dom João de Portugal, soberano dêstes domínios, por cuja graciosa permissão nos é permitido reunir-nos e cultuar a Deus segundo nossa consciência”, ou palavras semelhantes. Não tínhamos a mesma cortesia em Roma, lembro-me bem, para rezar por Sua Santidade, ainda que tivéssemos a mesma razão.

Voltando da capela, vimos grande parte das tropas formadas em ordem de revista, no pequeno campo entre *Buenos-Aires* (nome do Hospital) e o forte Pedro [São Pedro]. Todo português, ao que parece, nasce soldado, e não há nada que isente um homem dos deveres militares, a não ser um cargo público. Há seis corpos de milícia na cidade da Bahia: 1.º — uma companhia de nobres de cavalaria, que forma a guarda de honra do govêrno; 2.º — um esquadrão de artilharia montada;

3.º e 4.º — dois regimentos de brancos, quase todos comerciantes; 5.º — um regimento de mulatos e 6.º — um de negros livres, atingindo todos reunidos 4.000 homens, bem armados e equipados; mas o regimento de negros é sem dúvida o mais treinado e mais ativo, como corpo de infantaria ligeira. Os regimentos de Milícia do interior, como os de Cachoeira, Piaja, [Pirajá] etc., são muito mais fortes e, juntamente com os da cidade, atingem a cerca de 15.000 homens. Os oficiais são escolhidos entre as famílias mais respeitáveis e, com exceção dos maiores e ajudantes, que são de linha, não recebem pagamento. As tropas da capital são em geral passadas em revista ou inspecionadas nos domingos e algumas vezes as tropas regulares portuguezas são passadas em revista com elas. Há sempre alguma cousa de alegre e animador nos ruídos marciais e nos espetáculos militares. O bom tempo, o belo panorama e, acima de tudo, a idéia de que em um ou dois dias, ou mesmo naquela mesma noite, aquêles mesmos soldados poderiam ser convocados para a ação, não tornava a cena meros interessante. A artilharia nativa constituiu durante muito tempo a guarnição de alguns fortes. Parece que as tropas reais de Portugal pretendem certa supremacia e, acima de tudo, requisitaram os fuzis e a munição das outras; há assim uma disputa em que tomam parte realistas e independentes e todos os dias esperam-se hostilidades; mas ambos os partidos parecem tão desejosos de ficar em paz que confio em que o negócio terminará sem derramamento de sangue.

Segunda-feira, 22 [de outubro]. — Esta tarde houve uma grande reunião social tanto de portuguezes quanto de ingêses na casa do cônsul. Nas mulheres bem vestidas que vi à noite tive grande dificuldade em reconhecer as desmazeladas da manhã de outro dia. As senhoras(*) estavam tôdas vestidas à moda franceza: corpete, *fichu*, enfeites, tudo estava bem, mesmo elegante, e havia uma grande exhibição de jóias. As ingêsas, porém, ainda que quase de segunda categoria, ou mesmo

(*) Em portuguez no original.

da nobreza colonial, arrebataram o prêmio de beleza e da graça, porque afinal os vestuários, ainda que elegantes, quando não são usados habitualmente, não fazem senão embaraçar e estorvar os movimentos espontâneos e, como nota Mademoiselle Clairon(*) “para poder representar de fidalga em público, é preciso que a mulher o seja na vida privada”.

Os homens portugueses têm toda aparência desprezível. Nenhum parece ter qualquer educação acima da dos escritórios comerciais e todo o tempo deles é gasto, creio eu, entre o negócio e o jogo. Do último as mulheres participam largamente depois de casadas. Antes desse período feliz, quando não há dança de noite, ficam em volta das mesas de cartas e, com olhos ansiosos, acompanham o jogo e esperam ardentemente o momento em que também poderão tomar parte nele. Não me admiro dessa tendência. Sem educação e conseqüentemente sem os recursos do espírito, e num clima em que o exercício ao ar livre é de todo impossível, é preciso ter um estímulo. E o jogo, tanto para o civilizado quanto para o selvagem, sempre foi recurso para tornar mais rápido o curso da vida. No momento, tivemos medo de que os jovens ficassem desapontados com a dança, porque os rabequistas, depois de esperar algum tempo, foram-se embora, dizendo que não lhes tinham dado chá bastante cedo. Mas algumas das senhoras se ofereceram para tocar piano e o baile durou até depois de meia noite.

Terça-feira, 23 [de outubro]. — Passei a cavalo com o Sr. Dance e o Sr. Ricken pelas margens do dique, decididamente a mais bela paisagem deste belo país, e depois através de florestas selvagens, em que todos os esplendores da vida animal e vegetal do Brasil se exibem. A esplêndida plumagem dos pássaros, a brilhante cor dos insetos, o tamanho e forma, cor e fragrância das flores e plantas que via na maior parte pela primeira vez, encantaram-nos e tornou nosso pequeno passeio às

(*) Pseudônimo de Claire Joséphe Hippolyte Lér's de la Tude (1723-1803) -- atriz e escritora francesa, autora das *Mémoires d'Hippolyte Clairon*, publicadas em 1799.

grandes plantações de pimenteiros às quais nos dirigíamos, delicioso. As sebes estão, nesta estação, alegres com a florada de café, mas é muito cedo para a pimenta ou algodão atingirem seu esplendor. Não há muitos anos que Francisco da Cunha e Meneses(*) mandou a pimenteira de Goa para estas plantações, que foram, mais tarde, ampliadas por êle, quando se tornou governador da Bahia. Daqui se enviaram exemplares para Pernambuco, que pegaram no Jardim Botânico.

Das plantações de pimenta, seguimos para um convento na mais longínqua extremidade da cidade, dominando ambas as enseadas, acima e abaixo da península do Bom-Fim, ou N.º S.º do Montserrat. É chamado da Soledade(**), e as freiras são famosas pelos seus pratos delicados e pela feitura de flôres artificiais, formadas de penas de aves coloridas do país. Admirei acima de tudo o lírio da água, ainda que a flor da romã, o cravo e a rosa sejam imitados com a maior exatidão. O preço de tôdas estas coisas é exorbitante. Mas como os conventos perderam muito do patrimônio desde a revolução, as freiras são forçadas a refazer-se, com o prociuto desta indústria inferior, das privações que lhes foram impostas pela redução das rendas.

Quarta-feira, 24 de outubro. — O Sr. Pennell, sua filha e poucos amigos mais, vieram conosco num passeio a Itaparica(71), uma grande ilha que forma o lado ocidental da Baía de Todos os Santos. Dela parte um banco pelo mar a dentro e há recifes de rochas corallinas nas diferentes partes da sua costa. A distância da

(*) Francisco da Cunha e Meneses foi governador da Bahia de 1802 a 1805.

(**) Antigo convento das Ursulinas — regra de Santa Angela de Brescia), erigido em 1739 pelo célebre jesuíta padre Gabriel Malagrida.

(71) *Itapa* é o nome indígena; a terminação portuguesa *Rica* indica a fertilidade da ilha. Nesta ilha Francisco Pereira Coutinho, primeiro donatário, foi morto pelos selvagens. Êle havia fundado sua vila perto da praia chamada Vila Velha, perto do atual forte da Gamboa, e não longe da casa do aventureiro Caramuru [Caramuru]. O primeiro estabelecimento cristão foi fundado aqui em 1551, quando os jesuítas reuniram numa aldeia alguns dos nativos(*).

(*) A interpretação etimológica do nome Itaparica pela autora não é confirmada pelos modernos tupinólogos. A forma antiga, segundo Teodoro Sampaio, é *Itapari*, que êle interpreta como *ita-pari*, cercado de pedras. (*O Tupi*, 2.º, São Paulo, 1914, p. 231).

cidade ao desembarcadouro mais próximo na ilha é de cinco milhas, que a tripulação de nossos barcos venceu a remo em menos de duas horas. Arribamos entre dois recifes num pequeno molhe pertencente à fazenda de Aseoli [Accioli] ou Filisberti, ambos os quais foram sócios do estabelecimento comercial de Jerônimo Buonaparte aqui(*). Não há cidade em Itaparica, mas sim uma vila, ou aldeia, com um forte na *Punto* [Ponta] de Itaparica que domina a passagem entre ela, o continente e também a foz do rio, na qual fica *Nazaré da Farinha*, assim chamada pela abundância da produção deste artigo. Há também muitas fazendas que, com suas construções para escravos e gado, podem ser consideradas como outras tantas povoações. Cada fazenda de açúcar, ou *engenho*, como as fazendas são mais geralmente chamadas aqui, tem sua pequena comunidade de escravos em tórno; e nas suas cabanas podem usufruir alguma coisa semelhante às bençãos da liberdade, nos laços e benefícios da família, que êles não estão impedidos de manter. Entrei em várias das cabanas e achei-as mais limpas e mais confortáveis do que esperava. Cada uma contém quatro ou cinco quartos e cada quarto parecia abrigar uma família. Êstes escravos de fora da casa, pertencentes aos grandes engenhos, estão em geral em condição muito superior aos escravos pertencentes aos senhores

(*) Refere-se a autora, certamente, ao Marechal José Inácio Acciavoli, que depois se assinou Accioli. Era natural do Sergipe e fez carreira militar reformando-se em 1818 no posto de Marechal de Campo. Faleceu na Bahia em 1826. Reuniu considerável fortuna e tratava-se à lei da nobreza. Recebeu em sua casa o príncipe Jerônimo Buonaparte, de passagem pela Bahia em 1806 e presentou-o com uma valiosa espada de ouro. O príncipe, por sua vez, ofereceu-lhe rica baixela de ouro e prata, que passou aos herdeiros do Marechal, Barros Pimentel e Pedroso. (V. CARVALHO JÚNIOR, *Biogr. do Marechal José Inácio Acciavoli de Vasconcelos Brandão*, "Revista do Inst. Histórico e Geográfico do Sergipe" — Vol. II, fasc. I, 1914 ps. 60-62).

Quanto a *Filisberti* parece evidente tratar-se de Felisberto Caldeira Brant, futuro marquês de Barbacena, também militar e igualmente grande comerciante na Bahia e a quem o príncipe Jerônimo ofereceu uma espada. [V. A. A. DE AGUIAR, *Vida do Marquês de Barbacena*, Rio, 1896, p. 10].

Tanto Accioli quanto Brant concorreram para a recepção e para o fornecimento de viveres à esquadra do príncipe Jerônimo. Não conseguimos apurar, porém, qual seria o estabelecimento comercial do príncipe de que ambos seriam sócios: "*both of whom were partners in Jerome Buonaparte's commercial establishment here*", diz a Autora. (V. F. BORGES DE BARROS, *Novos documentos para a História colonial*. Primeira parte: Jeronymo Buonaparte. Sua estadia na Bahia — Bahia, 1932; DONATELLO GRIECO, *Napoléon e o Brasil*, Jerônimo Buonaparte na Bahia, Rio, 1939 p. 61).

cuja posição é mais próxima à dêles, porque "Quanto mais o senhor está distante de nós em lugar e categoria, mais liberdade usufruímos, menos são inspecionadas e controladas nossas ações, e mais pálida fica a cruel comparação entre nossa própria sujeição e a liberdade, ou mesmo o domínio de outro". Mas, na melhor das hipóteses, os confortos dos escravos serão precários. Aqui não é raro conceder a um escravo a alforria quando êle está muito velho ou muito doente para trabalhar, i. é, pô-lo pela porta a fora para mendigar ou morrer de fome. Há poucos dias, ao voltar de um *pic-nic*, um grupo de cavalheiros encontrou uma pobre negra em estado miserável, jazendo à margem da estrada. Os cavalheiros inglêses recorreram aos companheiros portugêses para que lhe falassem e a confortassem, pensando que ela os entenderia melhor. Mas êles disseram: "Oh! É só uma negra, vamos embora!" E assim fizeram, sem querer saber mais dela. A pobre criatura, que era uma escrava despedida, foi levada para o hospital inglêz, onde morreu dentro de dois dias. Suas doenças eram idade e fome⁽⁷²⁾. Os escravos que vi trabalhando na destilaria, pareciam magros, e, deveria dizer, esgotados. Mas informam-me que só durante os meses de destilação êles parecem assim, e que nas outras épocas são tão gordos e alegres como os da cidade, o que será muito bom. Eles têm aqui uma igreja e um cemitério, e como vêem que a sorte dêles é a sorte de todos, ficam tão consolados quanto podem ficar os escravos.

O açúcar é o produto principal de Itaparica, mas a maior parte das aves, verduras e frutas consumidas na Bahia vêm também da ilha. Extrai-se também cal em quantidade considerável das madréporas e corais encontrados na praia. Esta ilha costumava fornecer cavalos à vizinhança. Quando a frota e o exército

(72) "O costume de expor os escravos velhos, inúteis ou doentes numa ilha do Tibre para ali morrer de fome, parece ter sido sempre comum em Roma. Os que se salvassem após terem sido assim expostos, tinham a liberdade concedida por um edito do Imperador Cláudio, no qual era prebido matar qualquer escravo somente por velhice ou doença". "Podemos imaginar o que fariam outros, quando Catião, o antigo, professava a máxima que se devia vender os escravos demasiado velhos por qualquer preço, em vez de conservar uma carga inútil". *Discursos sobre o Povoamento das Antigas Nações*.

inglês passaram pela Bahia, a caminho do Cabo da Boa Esperança, os cavalos para os regimentos de cavalaria foram comprados aqui(*). Contudo não há nada notável em Itaparica a não ser a fertilidade. A paisagem tem o mesmo aspecto que a da Bahia, ainda que em estilo mais modesto. Mas é fresca, verde e agradável. Após jantar num bosque de palmeiras e andar por perto até sentirmo-nos cansados, re-embarcamos para voltar. Mas a maré estava desfavorável; vagueamos então por entre os rochedos nos quais Francisco Pereira Coutinho, o primeiro fundador da colônia da Bahia, naufragou e, em seguida, foi trucidado pelos nativos, e onde nós, em consequência, gastamos quatro horas para voltar para casa.

Os dias 26, 27 e 28 passamos em agradável convívio com os patrícios. E como nenhum de nós estava disposto a desembarcar, nossos amigos vieram a nós. Há dezoito casas de comércio inglês na Bahia, duas francesas e duas alemãs. O comércio inglês se faz principalmente com Liverpool, que fornece produtos manufaturados e sal, em troca de açúcar, aguardente, tabaco, algodão, muito pouco café e melão. Ultimamente embarcou-se açúcar por conta dos ingleses para Hamburgo, em grande quantidade e penso que em retôrno vieram roupas de lã alemãs ou prussianas. A província da Bahia, pelo seu desprezo das manufaturas, depende inteiramente do comércio. Mas a distância do mar em que fica a província de Minas Gerais, induziu os habitantes a tecer não somente roupa bastante para consumo interno, mas também a fazer disso um artigo de comércio com outras capitâneas.

Na província do Espírito Santo, fazem-se velas de pano, mas o principal comércio dêsse lugar é o de

(*) A 9 de novembro de 1805 arribou à Bahia uma esquadra inglesa comandada pelo almirante Home Popham, comstando de 60 velas e conduzindo uma tropa expedicionária chefiada pelo general David Baird. Recebeu dos negociantes da Bahia, inclusive o coronel Felisberto Caldeira Brant, os socorros mais urgentes e provisões frescas. A sua derrota apesar de todos os segredos e cautelas, soube-se que era o Cabo da Boa Esperança, que foi realmente ocupado militarmente. (INÁCIO ACCIOLI DE CERQUEIRA E SILVA, *Memórias históricas e políticas da província da Bahia*, ed. rev. por Brás do Amaral, III, 1931, p. 36).

escravos. Este ano não menos de setenta e seis navios de escravos partiram sem contar os contrabandistas neste gênero.

Domingo, 28 [de outubro]. — O Sr. Pennel fixou gentilmente o dia de hoje para dar-nos uma festa no campo. Por isso alguns de nossos moços tiveram de ir antes e ajudar a armar as barracas, etc. ; mas um engano quanto às marés e ao tempo, e um erro quanto à praticabilidade de desembarque num lugar da praia além do farol, ocasionou uma série de aventuras e acidentes, sem os quais sempre ouvi dizer que nenhuma *fête-champêtre* poderia ser perfeita. Apesar dos pesares, nossa festa foi alegre. Em vez das tendas utilizamos uma casa de campo chamada a *Roça* [sic], onde a beleza da situação e a elegância da construção e do jardim supriram o que poderíamos ter achado de romântico nas tendas, se tivessem sido erguidas. É costume pavimentar os pátios das casas de campo com seixos escuros e formar no pavimento uma espécie de mosaico com as conchas brancas. Os jardins são traçados em aléias, um pouco ao gosto oriental. Os milhões de formigas que às vezes numa só noite deixam a melhor das laranjeiras despida de folhas e flôres, tornaram preciso cercar cada árvore com um pequeno muro de massa, ou antes um rêgo com água, até que sejam bastante fortes para resistir. No jardim da *Roça*, cada arbusto de valor, seja pelos frutos seja pela beleza, estava assim cercado, e havia bancos, canais de água, e jarros de porcelana que me faziam quase julgar-me no Oriente. Mas há uma nota de novidade em cada coisa aqui, uma falta de interêsse em relação ao que já foi, que se sente visivelmente. No máximo podemos ascender ao selvagem despido que devcrava seu prisioneiro e se adornava com ossos e penas. No Oriente a imaginação se liberta para divagar pelas grandezas passadas, na sabedoria e na polidez. Monumentos de arte e de ciência encontram-se a cada passo. Aqui, cada coisa, a própria natureza, tem um ar de novidade e os europeus ficam tão evidentemente estranhos ao clima, com seus escravos africanos, — que repugnam a

quaisquer sentimentos saudáveis, -- que assumem claramente o tom de intrusos, e em desacôrdo com a harmonia da cena. Contudo a *Roça* é bela e todos êsses graves pensamentos não nos impediram que nos deleitássemos com a bela paisagem de

Hill and valley, fountain and fresh shade

nem de gozar o aroma da espirradeira, do jasmim, da angélica e da rosa, ainda que sejam adventícias, e não nativas do solo.

Quanto à sociedade portugûesa daqui, sei dela tão pouco que seria presunçoso dar uma opinião a respeito. Encontrei dois ou três homens do mundo bem informados e algumas mulheres vivamente conversáveis, mas ninguém, em nenhum sexo, que me lembrasse os homens e senhoras bem educadas da Europa. Aqui o estado da educação geral é tão baixo que é preciso mais do que o talento comum e o desejo de conhecimentos para alcançar um bom nível. Conseqüentemente os homens capazes são sagazes, e às vêzes um pouco vaidosos, sentindo-se muito acima de seus concidadãos, e a quota de leitura de livros é escassa. Dos que lêem assuntos políticos, a maior parte é discípula de Voltaire e excede-se nas doutrinas sôbre política e igualmente em desrespeito à religião; por isso, para a gente moderada, que tenha passado pela experiência das revoluções européias, suas dissertações são às vêzes revoltantes. Os portugûeses raramente jantam uns com os outros; quando o fazem, é em alguma grande oportunidade, para justificar uma festa esplêndida. Encontram-se tôdas as noites, seja no teatro, seja nas casas particulares, e no último caso para jogar muito forte. A sociedade dos inglêses é exatamente o que se poderia esperar: alguns comerciantes, não de primeira ordem, cujas reflexões giram em tôrno do açúcar e do algodão, com exclusão de todos os assuntos públicos que não tenham referência direta com o comércio particular, e de tôdas as matérias de ciência ou informação geral. Nenhum sabia o nome das plantas que cercam a própria porta; nenhum conhecia a terra dez léguas além do Sal-

vador; nenhum sequer me sabia informar onde ficava a bela argila vermelha da qual se faz a única indústria aqui existente: a cerâmica. Fiquei, enfim, inteiramente desesperada com êsses fazedores de dinheiro destituídos de curiosidade. Estou sendo, talvez, injusta para com meus patrícios. Ouso pensar que há muitos que me *poderiam* ter fornecido êstes dados, mas o fato é que nenhum o fez, como também é verdade que pedi estas informações a todos com que me encontrei. Talvez porque uma mulher não é considerada digna de saber alguma coisa através dêsses personagens do comércio. Os ingleses, contudo, são hospitaleiros e sociáveis entre si. Jantam juntos freqüentemente. As mulheres gostam de música e dança e alguns homens jogam tanto quanto os portugueses. De um modo geral, a sociedade está aqui em nível muito baixo entre os ingleses. Boa comida e boa bebida êles se podem permitir, já que a carne, o peixe e as aves são boas, as frutas e as diversas verduras excelentes e o pão, dos melhores. Seus escravos — porque na verdade todos os ingleses se servem de escravos — comem uma espécie de pirão de mandioca com pedacinhos de carne sêca espalhados dentro, ou, como grande luxo, frangos assados, e isto é, ao que parece, a alimentação principal das classes baixas, mesmo dos habitantes livres. No tempo das frutas, as abóboras, as jacas, os côcos e os melões quase tomam o lugar da mandioca. As cabanas dos pobres são feitas de estacas verticais com galhos de árvore trançados entre elas, cobertos e revestidos seja com fôlhas de coqueiros, seja com barro. Os tetos são também cobertos de palha. As melhores casas são feitas ou com uma bela pedra azul, tirada da praia da Vitória, ou de tijolo. São tôdas caiadas; onde o chão não é calçado de madeira, há um belo tijolo vermelho, de seis por nove polegadas e três de grossura; são cobertas com telhas vermelhas redondas. As casas são geralmente de um só andar, com um ou dois quartos em cima como sótão. Em baixo da casa há geralmente uma espécie de porão no qual vivem os escravos. Realmente fiquei às vêzes a imaginar como é que entes humanos poderiam existir em tais lugares.

Sexta feira, 2 de novembro. — Diversos dos nossos homens cederam à tentação de alguns vagabundos da cidade, que induzem os marinheiros a desertar de modo que êles recebam depois o prêmio oferecido pela descoberta de desertores. Foram a nado para a praia. A fragata movimentou-se, pois, para acima do pôrto, indo até Bonfim, e quer-se ainda conduzi-la mais acima. Estou contente com a oportunidade de ver mais coisas desta bela baía e tentarei descer na Ilha do Médo, ou na ponta de Itaparica, onde os primeiros aventureiros da Europa suportaram durezas que não parecem críveis em nossos dias. Queremos também examinar o pôrto dentro do funil, ou passagem entre as duas ilhas, e na qual desemboca o rio, ou riacho de Nazaré, que fornece a maior parte da farinha de mandioca consumida na Baía.

Sábado, 3 de novembro. — Nosso plano de prosseguir mais além na baía está suspenso no momento. As discussões entre os portuguezes da Europa e os brasileiros da cidade parecem estar a pique de chegar a uma crise. Esta manhã, cedo, soubemos que se estavam reunindo as tropas de todos os bairros e que portanto seria de bom conselho, para a proteção da propriedade inglêsa e das pessoas dos comerciantes, que o barco voltasse à sua posição em frente à cidade.

A primeira Junta Provisória perdeu vários de seus membros; dois dêles foram como deputados a Lisboa, e os outros estão ausentes por doença ou incompatibilidades. O partido que se opõe a esta junta fala claramente em independência e quer que ao menos metade do govêrno provisório seja de brasileiros nativos. Queixam-se também amargamente de que, em vez de remediar os males de que sofriam antes, a Junta os agravou por vários atos arbitrários, e afirmam que um de seus membros, que possui uma grande fazenda de criação, obteve um monopólio pelo qual nenhum homem pode fornecer o mercado de carne sem sua permissão, e assim a cidade está mal abastecida. Este gênero de queixas sempre excitará a indignação popular e parece atingir agora o máximo. Já houve algumas escaramuças, nas quais, contudo, ouço dizer que só houve três homens mortos.

A artilharia brasileira ocupa o forte de São Pedro, o governador e o que resta da Junta têm a cidade e o palácio. O governador realmente prendeu diversas, parece que dezessete pessoas, de maneira arbitrária, entre estas, duas de meu conhecimento, o coronel Salvador⁽⁷³⁾ e o Sr. Soares^(*), e os pôs, alguns a bordo da *Dom Pedro*, outros a bordo dos transportes na baía a fim de serem levados para Lisboa. Algumas dessas pessoas não têm permissão de ter qualquer comunicação com a sua família, outras, mais favorecidas, tiveram permissão para levá-la com êles. Não são êsses os modos de conciliação. Mandamos gente a terra para oferecer abrigo às senhoras e o capitão Graham combinou com o cônsul certos sinais, para o caso de aumentar o perigo para sua família.

Domingo, 4 de novembro. — Ao olharmos para terra, ao romper desta manhã, vimos a artilharia em posição e as tropas formadas na praça em frente ao teatro. Resolvi desembarcar para ver se Miss Pennell, sua irmã, ou qualquer de nossos outros amigos, viriam para bordo. Mas êles naturalmente preferem permanecer até o fim com seus pais e maridos. Não obstante os movimentos militares dêsses dois dias, parece mais provável que os chefes dos partidos opostos concordarão em aguardar a decisão das Côrtes de Lisboa, em relação às suas queixas, e ao menos uma paz temporária succederá esta perturbação.

Parece, contudo, mais que impossível que as coisas fiquem como estão. A extrema inconveniência de ter tribunais superiores de justiça a uma distância como Lisboa torna-se cada vez mais sensível, à medida que o país cresce em população e em riqueza. Os deputados às Côrtes estão muito distantes de seus constituintes para serem orientados em suas deliberações por êles, e o estabelecimento de tantas juntas de govêrno, cada

(73) O coronel Salvador, pôsto que nascido em Portugal, tem tôdas as suas propriedades e relações no Brasil. Serviu com brilho na guerra da Península. O Sr. Soares, brasileiro, esteve longo tempo na Inglaterra.

(*) Coronel Salvador Pereira e o feitor da alfândega José Soares (V. H. BRÁS DO AMARAL, *História da Independência na Bahia*, Bahia, 1923, pgs. 34 e 53).

qual responsável somente perante as Côrtes, poderá ser a causa de desordem interna, se não de guerra civil em tempo não distante.

Segunda-feira, 5 [de novembro]. — Dia de chuva tropical e pesada, que forçou ambos os partidos a guardarem as armas e a desistirem no momento de qualquer hostilidade mais. O governador, porém, continua as suas prisões arbitrarias. É curioso como a antiga autoridade impõe medo aos homens. Certamente é o hábito da obediência ao nome do rei e o temor da palavra rebelião que impede os brasileiros, armados como estão, de resistirem a estas coisas.

Terça-feira, 6 de novembro. — O *Morgiana*, sob o comando do capitão Finlaison, chegou do Rio de Janeiro. Pertence à estação da África, e veio ao Brasil por causa de algum negócio de presa ligado ao comércio de escravos. O capitão Finlaison conta-me coisas que me fazem gelar o sangue acêrca de horrores cometidos, especialmente nos navios negreiros franceses: jovens negras, metidas em barricas e atiradas ao mar quando os navios são perseguidos; negros presos em caixas quando o navio é revistado, com uma remota possibilidade de sobreviver à prisão. Mas uma vez que se admite o tráfico, não admira que o coração se torne duro para os sofrimentos individuais dos escravos. Outro dia tomei alguns jornais velhos da Bahia, exemplares da *Idade do Ouro*, e encontrei na lista dos navios entrados durante três meses dêste ano os seguinte dados:

<i>navios negreiros</i>	<i>entrada</i>	<i>vivos</i>	<i>mortos</i>
1. Navio de Moyanbique [Maçambique]	25 de março, com	313	180
1. id.	6-março	378	61
1. id.	30-maio	293	10
1. id. de Molendo [Malembó]	29-junho	357	102
1. id.	26-junho	233	21
		<u>1.574</u>	<u>374</u>

De modo que da carga dêsses cinco navios, calculada assim acidentalmente, mais de um quinto morreu na travessia.

Parece que os vasos de guerra inglêses na costa d'África estão autorizados a alugar negros livres para completar seus quadros, quando deficientes. Há vários agora a bordo do *Morgiana*, dois dos quais são oficiais inferiores, e são considerados auxiliares utilíssimos. Recebem o pagamento e a ração tal qual nossos marinheiros⁽⁷⁴⁾.

Quinta-feira, 8 de novembro. — Fomos a bordo do *Morgiana* procurar Mrs. Macgregor, espanhola viva e inteligente que, juntamente com seu marido, o coronel Macgregor, é passageira do navio. Ela acompanhou-me em visitas à terra, onde as únicas notícias são que o governador continua a prender tôdas as pessoas suspeitas de favorecer a independência.

9 de novembro. — Os brasileiros que ocupam o forte de S. Pedro e St^a. Maria ameaçaram atirar sôbre a *Dom Pedro*, se ela tentasse levantar âncora com os presos políticos a bordo. Contudo durante a noite ela enfunou as velas e partiu cêdo, levando, dizem, vinte e oito cavalheiros que foram detidos sem nenhuma razão ostensiva. São tidos como tendo-se manifestado a favor da independência do Brasil. Vários de nossos oficiais foram a terra para juntos com os sócios do clube inglêz, que se reúne uma vez por mês, comerem um jantar muito bom e beberem uma quantidade imoderada de vinho em honra da Pátria.

Têrça-feira, 13 de novembro. — Temos tido, desde dez dias, um dos aguaceiros mais pesados que me lembro de ter visto. Saindo e voltando ao navio, temo-nos em geral molhado completamente. Contudo alguns de nossos amigos aventuraram-se a vir hoje a bordo para jantar conosco, entre os quais o coronel e Sr^a. Macgregor.

(74) Os negros da nação *Cru* chegam a Sierra Leone de muito longe e alugam-se para qualquer espécie de serviço por seis, oito ou dez meses, às vêzes por um ano ou dois. Já aprenderam então o bastante para voltar para casa e viver como fidalgos vadios durante pelo menos o dôbro dêste período: depois voltam a trabalhar. Quando os contratos a bordo de vasos de guerra estão cumpridos, elles recebem quitações e certificados regulares.

Estavam um pouco atrasados devido a uma escaramuça entre portugueses e brasileiros que se deu perto da casa deles no momento em que estavam saindo. Ao que parece não tinha sido premeditada, porque os grupos estavam lutando com paus e pedras, e também com espadas e armas de fogo. Os combatentes não permitiriam passar nenhum oficial com uniforme português, de modo que o coronel Macgregor foi obrigado a voltar e mudar de roupa antes de vir. Tudo isso parece derivar mais de falta de polícia do que de qualquer outra causa.

16 de novembro. — Vários de nossos moços e eu própria, começamos a sentir as más conseqüências de expormo-nos de mais ao sol e à chuva. Ontem eu me estava sentindo tão mal que tive de pôr um cáustico por causa da tosse e da dor de lado. Diversos outros tiveram alguns graus de febre. Mas, de modo geral, a gente do navio tem tido notavelmente boa saúde.

Sexta-feira, 16 [de novembro]. — O capitão Graham foi tomado de uma doença súbita e alarmante. Para a tarde ficou melhor e pôde resolver um caso dolorosíssimo. Na última noite um homem pertencente à *Morgiana* foi assassinado e um cabo de fuzileiros, pertencente ao navio, gravemente ferido em terra. Parece que nenhum destes homens tinha sequer visto o assassino antes. Este estivera bebendo numa peça interior de uma venda com alguns marinheiros, quando brigou com um deles; imaginando que os demais iam agarrá-lo, tirou a faca para intimidá-los e disparou furiosamente para fora. A vítima estava na porta da rua esperando um dos companheiros que ainda estava dentro do estabelecimento. O assassino, vendo-o aí, imaginou que êle também queria detê-lo e por isso apunhalou-o no coração. Nosso cabo, que estava de passagem, viu o fato e naturalmente procurou prender o assassino e, na tentativa, recebeu um grave ferimento. Diz-se, não sei com que verdade, que o capitão Finlaison é tão odiado aqui por causa de sua atividade contra o tráfico de escravos, a que nenhuma dessas pessoas é estranha, que a morte do pobre homem é atribuída a essa razão; mas parece antes o resultado de uma briga

de bêbedos. A cidade, porém, revela estar num lamentável estado de desordem. Além de nossos dois homens, um oficial brasileiro foi ferido perigosamente no escuro e três soldados brasileiros e seu cabo foram encontrados mortos na última noite. O capitão Graham mandou um de seus oficiais para representá-lo na ocasião e reclamar, uma satisfação⁽⁷⁵⁾ através do cônsul britânico, da autoridade policial, Francisco José Pereira(*). O capitão piorou visivelmente desde que se viu forçado a dedicar-se a êste doloroso caso. As desordens dêste clima estão lamentavelmente enfraquecendo-o, atacam-lhe tanto a alma como o corpo, produzindo uma dolorosa sensibilidade ao mais leve incidente.

18 de novembro. — Nossos doentes foram dolorosamente perturbados com os foguetes soltados, desde a madrugada, da igreja de N. S.^a da Conceição⁽⁷⁶⁾, cuja festa é a 8 de dezembro. Mas nos três domingos que a precedem a igreja e convento estão enfeitados, pregam-se sermões, soltam-se foguetes, arrecadam-se contribuições e os navios no pôrto salvam ao amanhecer, ao meio dia e ao pôr do sol. A despesa anual em foguetes e outros fogos é enorme. Os usados no Brasil vêm todos das Índias Orientais e da China. Algumas vêzes, quando os produtos manufaturados são aqui invendáveis, o comerciante embarca-os a bordo de um navio português que vai à Índia e obtém em troca foguetes que nunca deixam de dar lucro. Eu vi um jogo de cristal lapidado enviado a

(75) Em consequência o Sr. Pennell escreveu ao Perreira [sic], expondo os fatos, mencionando também que o prisioneiro tinha sido detido.

A autoridade afirmou-lhe que havia levado ao conhecimento do Governo Provisório a sua comunicação e que o castigo previsto pela lei seria aplicado; juntamente manifestou seu maior sentimento pelo fato. O coronel Madeira, comandante da policia militar em atividade, também afirmou a Mr. , tenente da *Doris*, pela sua honra, que o assassino seria levado a julgamento. Mas isto não se deu enquanto estivermos no Brasil e é provável que não aconteça. A situação política da Bahia difficilmente deixaria ensancta para um tal assunto.

(*) Francisco José Pereira era tenente-coronel do batalhão de infantaria 12. Mais tarde foi promovido a coronel comandante do mesmo regimento. Em Portugal foi, mais tarde, elevado a visconde, com o título de Vilar Torpim. Pereira era membro da Junta do Governo, representando a classe militar. O coronel Madeira, referido na nota marginal, é o célebre Inácio Luis Madeira de Melo, comandante do regimento de infantaria 12, mais tarde promovido a brigadeiro e nomeado comandante das armas. (V. BRÁS DO AMARAL, *Op. cit.*, pgs. 23 e 25).

(76) Uma das duas paróquias da cidade baixa.

Calcutá para esse fim, ou um candelabro, bonitos demais para os compradores brasileiros.

Ontem a lancha do navio, que se ausentara durante cinco dias com o mestre, meu primo Glennie, e o moço Grey, voltou. Tinha seguido a examinar o rio Cachoeira, e voltaram altamente encantados com a excursão, ainda que tenham tido um pouco de mau tempo. Mas com lonas, capas, e um ou dois cobertores, que eu insisti em que levassem, houveram-se tão bem que voltaram com boa saúde.

Cachoeira, a cerca de cinqüenta milhas da Bahia, é uma boa cidade, onde há somente um comerciante inglês residente. É populosa⁽⁷⁷⁾ e ativa, pois é o lugar em que se reúne a produção de um distrito considerável, especialmente algodão e fumo, a fim de ser embarcado para a Bahia. É dividida em duas partes designais pelo rio Paraguaçu. Sua igreja matriz é dedicada a N.ª S.ª do Rosário. Tem dois conventos, quatro capelas, um hospital, um chafariz e três pontes de pedra sobre os rios pequenos Pitanga e Caquende, nos quais há muitos e grandes engenhos. Há cais dos dois lados do rio. As ruas são bem calçadas, e as casas feitas de pedra e telhas. A região é plana, mas agradável. O rio não é navegável mais que duas milhas acima da cidade. Aí se estreita e fica interrompido por pedras e cachoeiras, e há uma ponte de madeira sobre êle. Cerca de cinco milhas de Cachoeira há um morro cônico isolado, chamado da Conceição, de onde são ouvidos freqüentemente ruídos como de explosão. Estes ruídos são considerados nesta terra como indicativos da existência de metais. Perto deste lugar foi encontrada uma porção de cobre nativo, pesando para cima de cinqüenta e duas arrobas. Está agora no museu de Lisboa.

Nossa expedição exploradora desembarcou em diversas ilhas ao subir o rio, e foi em tôda parte recebida com grande hospitalidade. Ficou encantada com a beleza e a fertilidade da terra.

22 de novembro. — Afinal todos os docentes, salvo eu, estão melhores; mas com um novo cáustico, posso

(77) Em 1804 contava 1088 almas.

fazer pouco mais que escrever, ou olhar pela janela da cabine, e, quando olho, estou certa de ver alguma coisa desagradável. Neste momento mesmo, há um navio negreiro desembarcando sua carga, e os escravos estão cantando enquanto vão para a praia. Deixaram o navio e percebem que vão para terra firme. E assim, ao comando de seu feitor, estão a cantar uma das canções de sua terra em um país estranho. Pobres desgraçados! Pudessem êles antever o mercado de escravos, a separação de amigos e parentes a que ali se procederá, a marcha para o interior, o trabalho nas minas e nos engenhos de açúcar, e a canção dêles seria um grito lamentoso. Mas aquela graça da "cegueira quanto ao futuro", concedê-lhes umas poucas horas de amarga alegria. Êste é o principal pôrto de escravos no Brasil; e os negros me parecem ser de uma raça mais bela e mais forte do que qualquer outra já vista. Um dos membros da Junta Provisória é o maior comerciante de escravos daqui. Contudo, digo com prazer que a imprensa da Bahia chegou últimamente a imprimir um panfleto contra o comércio de escravos. Durante o último ano setenta e seis navios partiram dêste pôrto para a costa d'África, e é sabido que muitos dêles tomarão escravos ao norte da linha, a despeito dos tratados em contrário. Mas o sistema de documentos falsos está tão hábil e tão geralmente organizado que a apreensão está longe de ser fácil e são tais as dificuldades que surgem para se obter a condenação de qualquer navio negreiro, que só por acaso é possível detê-los. Um proprietário, contudo, fica bem satisfeito se um carregamento em cada três chega a salvamento, e oito ou nove viagens fazem uma fortuna. Muitos portugueses no Brasil não têm outra ocupação: aplicam uma soma de dinheiro em escravos; êstes escravos saem todos os dias e devem trazer uma certa soma cada noite. São canoeiros, carregadores de cadeirinhas, carregadores e tecedores de esteiras e chapéus, que se podem alugar nas ruas e mercados, e que assim sustentam seus senhores.

24 [de novembro]. — A Morgiana partiu ontem para Pernambuco, de onde retornará à costa d'África.

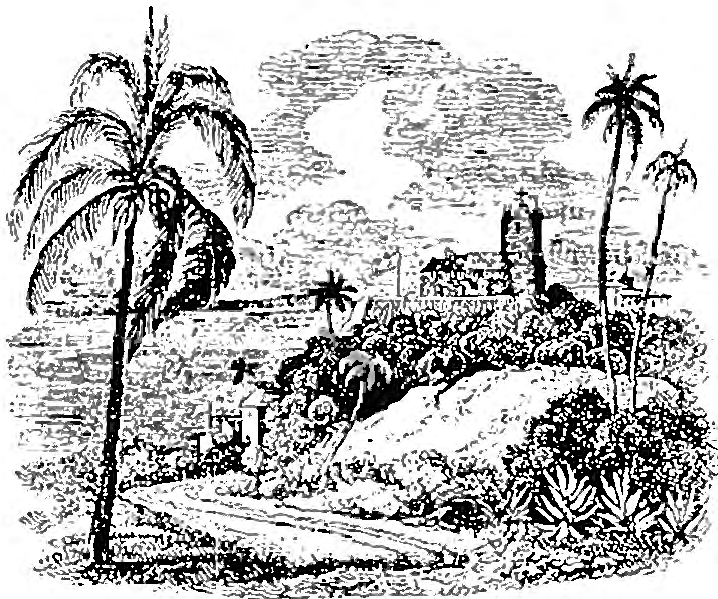
Hoje entrou a *Antígona*, fragata francesa, comandada pelo capitão Villeneuve, sobrinho do almirante dêste nome que esteve em Trafalgar. Sempre que a França e a Inglaterra não estão em guerra, é certo que os franceses e inglêses logo se procuram, e apreciam-se mais que qualquer outras duas nações. Não sei porque elas assumem a posição de dois chefes de partido e as outras nações alinham-se por uma ou por outra, como se não houvesse no mundo outro motivo para divergências senão os franco-inglêses. Outros que expliquem o fato. Agrada-me que seja assim, e sempre que encontramos um francês em tempo de paz em país distante, temos um prazer próximo ao encontro de um patrício, especialmente se é o caso de homens do mar. O intercâmbio freqüente de qualquer espécie, mesmo o de guerra, produz uma semelhança de hábitos, de costumes e de idéias. Assim, suponho, tornamo-nos semelhantes pela luta e seremos possivelmente novos adversários.

Dizem, mas creio que infundadamente, que há caratzes pela cidade, ameaçando todos os europeus, especialmente os portuguezes, que não deixarem a cidade antes de 24 de dezembro, de serem massacrados. Dou ouvidos a estas cousas porque os boatos, mesmo falsos, sempre revelam alguma coisa do espírito dos tempos.

8 de dezembro. — Este lugar está agora tão tranqüilo que os comerciantes se sentem em plena segurança. Portanto vamos deixar a Bahia. Despedi-me de várias pessoas hospitaleiras que foram muito atenciosas conosco. Mas minha saúde está tão ruim que se não fôsse em obediência a êsse dever de civilidade a que me julgo obrigada, não teria voltado à terra. Mas tudo está feito, e estamos no momento de levantar âncora.

9 [de dezembro]. — Ao sairmos da baía, divertimo-nos a conjeturar a possível localização do estabelecimento de Robinson Crusoe na baía de Todos os Santos. Os que estiveram em Cachoeira entenderam que deveria ser naquella direção, enquanto que os que se haviam limitado às vizinhanças da cidade opinavam por diversos sítios, todos, ou quase todos, satisfazendo a êsse propó-

sito. O encanto dos trabalhos de Defoe dificilmente se encontra realmente, a não ser nos *Pilgrim's Progress*. A linguagem é tão simples, que não se avalia o teor poético do pensamento, e as duas cousas juntas formam uma tal realização que a alegoria e o romance fixam-se juntos na intelligência como verdade. E, afinal, que é a verdade? Certamente não são os simples atos exteriores da vida ordinária, mas as percepções morais e intellectuais pelas quais nosso julgamento, ações e motivos



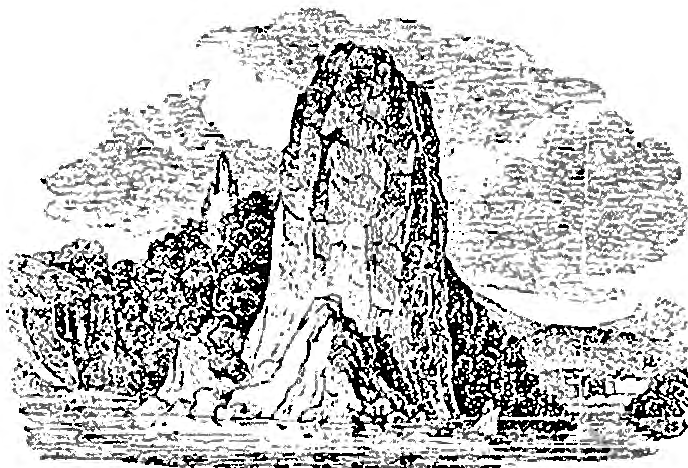
A Igreja e o Cemeterio de Santo Antônio da Barra, na Bahia, vistos da Rocha.

são dirigidos. Por conseguinte, as caminhadas ao léu de Cristiana e Mercy, ou os sofrimentos do naufrago marinho, não serão verdadeas, no sentido exato da palavra? Sê-lo-ão tanto quanto as sublimes criações de Milton e as visões corporificadas de Miguel Ângelo, porque têm a sua base e seu fundamento no coração e na alma do homem racional.

Mas estamos outra vez no oceano, a rapaziada está outra vez a observar as estrélas e a medir as distâncias

dos planetas. Aflijo-me porque um dos mais esperançosos d'êles está agora hospedado em minha cabine, num estado de saúde muito delicado.

12 {de dezembro}. — Fizemos ontem sondagens que indicaram a vizinhança de Abrolhos, e labutamos a noite inteira a fim de nos poder assegurar da exata posição d'esses perigosos escolhos, que à distância de três léguas, em direção NO para O, se assemelhavam a uma ilha, escabrosa e extensa em direção a oeste, e duas menores, muito baixas, a leste. Os bancos se estendem até longe para leste. Há uma passagem profunda entre elas e o continente. Com um pouco de esforço, poder-se-ia instalar ali uma pescaria muito rendosa.



O Pão de Açúcar, na entrada da baía do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, sábado, 15 de dezembro de 1821.
— Nada do que vi até agora é comparável em beleza à baía. Nápoles, o Firth of Forth, o pôrto de Bombaim e Trincomalee, cada um dos quais julgava perfeito em seu gênero de beleza, todos lhe devem render preito porque esta baía excede cada uma das outras em seus vários aspectos. Altas montanhas, rochedos como colunas superpostas, florestas luxuriantes, ilhas de flores brilhantes, margens de verdura, tudo misturado com construções

brancas, cada pequena eminência coroada com sua igreja ou fortaleza, navios ancorados, ou em movimento, e inúmeros barcos movimentando-se em um tão delicioso clima, tudo isso se reúne para tornar o Rio de Janeiro a cena mais encantadora que a imaginação pode conceber. Ancoramos primeiro junto a uma pequena ilha chamada Villegagnon, cêrca de duas milhas da entrada do pôrto. Esta ilha, ainda que pequena, foi a sede da primeira colônia fundada pelo francês Villegagnon, sob o patrocínio de Coligny, que êle traiu. O almirante planejara-a como um refúgio para os perseguidos huguenotes, mas quando Villegagnon conseguiu, por seu intermédio, fundar a colônia, começou a perseguir-las também. A colônia entrou em decadência e tornou-se prêsa fácil de Mem de Sá, capitão-mor português do Brasil.⁽⁷⁶⁾

Mudamos dêste ponto para outro mais cômodo, mais próximo da cidade e mais ao fundo do pôrto, na parte da tarde, que em breve se tornou tão chuvosa que perdi tôdas as esperanças de ir a terra. Fiquei realmente desapontada por ver que meu excelente amigo, o capitão honorário S., havia deixado o pôrto com sua fragata antes de nossa chegada. Tive, contudo, o prazer de receber dêle uma amável carta. Êle me deixava, igualmente, um exemplar do grande dicionário espanhol. Quem sempre viveu em sua terra não pode avaliar o valor de uma delicadeza como essa numa terra estranha.

Domingo, 16 [de dezembro]. — Tive o prazer de ver a bordo o Sr. W. May, que reside há muito no Brasil, e com quem passei muitos bons momentos em outros tempos. O prazer que êstes encontros proporcionam são da natureza mais pura e saudável. Acalma as paixões pela própria tranqüilidade, e ao recordar todos os inocentes e amáveis sentimentos da mocidade, faz-nos quase esquecer aquelas ásperas emoções que o trato do mundo e o uso do interêsse, da paixão e do sofrimento despertam.

Segunda-feira, 17 [de dezembro]. — Com o auxílio de alguns amigos de terra, obtivemos uma casa confortável num dos subúrbios do Rio, chamado Catete, do

(76) V. *Introdução*, pg. 18.

nome de um rio que corre por ê'e até o mar. Para esta casa trouxe meu pobre guarda-marinha doente, Langford. Confio em que o ar livre, o exercício moderado e uma dieta de leite curá-lo-ão. Fomos visitados por diversas pessoas, que tôdas parecem hospitaleiras e amáveis, especialmente o cônsul-geral em exercício, coronel Cunningham, e senhora.

18 de dezembro. — Comecei a tomar conta da casa em terra. Encontramos verduras e aves muito boas, mas não baratas; as frutas são muito boas e baratas, a carne verde é barata, mas ruim; há um açougueiro monopolista e ninguém pode matar um animal, sequer para seu próprio uso, sem pagar-lhe uma licença; conseqüentemente, não havendo concorrência, êle fornece o mercado à sua vontade⁽⁷⁹⁾. A carne é tão má que três dias em quatro mal pode ser empregada sequer em sopa de carne. A que é fornecida no navio é tão má quanto esta. O carneiro é raro e mau. A carne de porco é muito boa e bonita. Os porcos se alimentam principalmente de mandioca e milho perto da cidade. Os mais distantes têm a vantagem da cana de açúcar. O peixe não é tão abundante como o deveria ser, em vista da quantidade que existe em tôda a costa, mas é muito bom. As ostras, os camarões e os caranguejos são tão bons como em tôda a parte. O pão de trigo usado no Rio é feito principalmente de farinha americana e, de um modo geral, bem bom. Nem a capitania do Rio, nem as do Norte produzem trigo, mas nas terras altas de São Paulo e Minas Gerais e nas províncias do Sul, é cultivado em boa escala e com grande sucesso. O grande artigo de alimentação aqui é a farinha de mandioca. Usa-se sob a forma de um bolo largo e fino como um requinte. Mas o modo habitual de comê-la é sêca. Na mesa dos ricos é usada em todos os pratos que se comem, tal como comemos pão. Os pobres empregam-na de tôdas as formas: sopa, papa, pão. Nenhuma refeição está completa sem ela. Depois da mandioca, o feijão é a comida predileta,

(79) Não se dava mais isso na minha segunda visita ao Rio. Tudo que se referisse a comestíveis estava muito melhorado.

preparado de tôdas as maneiras possíveis, porém mais freqüentemente cozido com um pedacinho de carne de porco, alho, sal e pimenta. Como gulodice, desde os nobres até os escravos, doces de tôdas as espécies, desde as mais delicadas conservas e confeitos até as mais grosseiras preparações de melaços, são devoradas em grosso.

Alugamos um cavalo para o nosso doente e tomamos um emprestado para mim. Estes animais são bem bonitos no Rio, mas estão longe de ser fortes. São alimentados com milho e capim, ou grama da Guiné, introduzida há poucos anos no Brasil, e que se desenvolve extraordinariamente. Pega de muda; os caules e fôlhas são tão grandes quanto as da cevada e atinge, às vêzes, a altura de seis ou sete pés. A flor é um grande panículo solto. A quantidade necessária para cada cavalo por dia custa cêrca de oito pence e o milho mais ou menos o mesmo. Os cavalos comuns vendem-se aqui de vinte a cem dólares. Os belos cavalos de Buenos Aires alcançam um preço muito mais elevado. Os burros são usados geralmente para carruagens; são mais resistentes e mais capazes de suportar o calor do verão.

19 de dezembro. — Passeei a cavalo, ao lado de Langford, por um dos pequenos vales ao pé do Corcovado. É chamado Laranjeiros [Laranjeiras], por causa das numerosas árvores de laranjas que crescem dos dois lados do pequeno rio que o embeleza e o fertiliza. Logo à entrada do vale, uma pequena planície verde espraia-se para ambos os lados, através da qual corre o riacho sôbre seu leito de pedras, oferecendo um lugar tentador para grupos de lavadeiras de tôdas as tonalidades, pôsto que o maior número seja de negras. E elas não enriquecem pouco o efeito pitoresco da cena. Geralmente usam um lenço vermelho ou branco em volta da cabeça, uma manta dobrada e presa sôbre um ombro e passando sob o braço oposto, com uma grande saia. É a vestimenta favorita. Algumas enrolam uma manta comprida em volta delas, como os indianos. Outras usam uma feia vestimenta européia, com um babadouro bem deslegante amarrado adiante. Em tórno da planície das

lavadeiras, sebes de acácias e mimosas cercam os jardins, cheios de bananeiras, laranjeiras e outras frutas, que cercam cada vila. Além destas, as plantações de café estendem-se até bem alto na montanha, cujos cumes pitorescos limitam o cenário. As casas de campo não são aqui nem grandes nem luxuosas, mas são decoradas com varandas e têm geralmente uma bela escadaria até a casa de residência do dono, junto à qual estão, ou os paíóis, ou as casas dos escravos. Tôdas têm portão, qualquer que seja a casa, e êste portão geralmente conduz ao menos a uma aléia onde se cultivam tôdas as espécies de flôres. O Brasil é especialmente rico em esplêndidas trepadeiras e arbustos. Êstes são entremeados com flôres de laranja e limão, o jasmim e a rosa do oriente, de modo que o conjunto é uma massa de beleza e fragrância. É difícil saber quem mais apreciou esta manhã, se eu, ou o meu doente. Com poucas delas creio que não há doença que não desapareça.

20 de dezembro. — Passei o dia pagando e recebendo visitas na vizinhança. As casas são construídas em grande parte como as do sul da Europa. Há geralmente um pátio, de um lado do qual fica a casa de residência. Os outros lados são formados pelos serviços e pelo jardim. Algumas vêzes o jardim fica logo junto à casa. E o que se dá geralmente nos subúrbios. Na cidade muito poucas casas ostentam sequer o luxo de um jardim. Êstes jardins assemelham-se mais às plantações de flôres do Oriente, mas casam bem como o clima. As flôres dos canteiros da Europa crescem ao lado das plantas e arbustos mais alegres do país, à sombra das laranjeiras, bananeiras, árvores de fruta-pão (já quase naturalizada aqui) e as palmeiras, entre aléias retas de limas, sôbre cujas cabeças o cinamomo da África agita suas flôres lilazes. Nos canais de água elevados, collocam-se vasos de louça da China cheios de aloés e tuberosas. Aqui e ali uma estatueta se entremeia. Nestes jardins há às vêzes fontes e bancos debaixo das árvores, formando lugares nada desagradáveis para repouso neste clima quente.

Sexta-feira, 21 de dezembro. — O Sr. Hayne, um dos comissários da comissão de tráfico e sua irmã propuseram uma excursão ao Jardim Botânico. Partimos logo após o nascer do sol e fomos de carro até a casa dêles na baía de Boto Fogo [Botafogo], talvez a mais bela vista nos arredores do Rio, cidade tão rica em belezas naturais. Seu encanto é realçado pelas numerosas e belas casas de campo que a circundam agora. Tôdas surgiram com a chegada da côrte de Lisboa. Antes disso êste lugar encantador era habitado sòmente por alguns poucos pescadores e ciganos, com talvez uma ou duas vilas em suas margens junto aos pomares. Além da baía, caminhamos por um lindo caminho até a Lagoa de Rodrigo de Freitas. É esta quase circular e tem cêrca de cinco milhas de circunferência. Está cercada de montanhas e florestas exceto onde uma pequena barra arenosa permite um desaguamento ocasional para o mar, quando a lagoa enche a tal ponto que ameaça prejudicar as plantações circunvizinhas. É impossível conceber algo de mais rico do que a vegetação que vem até a borda da água em volta do lago.

Devíamos comer no jardim, mas como o clima agora está quente, resolvemos primeiro passear por êle. É traçado em quadras adequadas; as alcías têm plantados, de cada lado, uns castanheiros que crescem muito depressa, trazidos originalmente de Bencoolen, e agora aclimatados aqui. Seu fruto é tão gostoso quanto a avelã e maior que o fruto da noqueira e produz óleo abundante; a fôlha tem o tamanho mais ou menos da do sicômoro e é de forma não muito diferente. A madeira é também útil. A rapidez do crescimento dessa árvore é sem exemplo entre essências; sua altura e beleza a distinguem de tôdas as outras. As sebes entre as divisões são de um arbusto que eu tomaria pela murta, mas cujas fôlhas, ainda que fortes, não são cheirosas. Este jardim foi destinado pelo Rei para cultivo de especiarias e frutos orientais e, acima de tudo, para o do chá, que êle mandou vir da China juntamente com algumas famílias acostumadas à sua cultura. Nada pode ser mais próspero do que o conjunto

das plantas. O cinamomo, a cânfora, a noz moscada e o cravo da Índia crescem tão bem quanto no solo natal. A fruta-pão produz o fruto admiravelmente, e da mesma sorte as frutas orientais, tal como foram trazidas para cá, amadurecem tão bem quanto na Índia. Notei particularmente o jambo (*jumbo malacca*) da Índia, e a longona (*Euphoria Longona*), espécie de litchi da China. Fiquei desapontada por não encontrar nenhuma coleção de plantas indígenas. Contudo, já se fêz muita coisa para se ter esperanças de desenvolvimento futuro, quando o estado político do país for mais tranqüilo para permitir dar atenção a estas cousas.

O rio que banha o jardim corre através de um vale encantador, onde está instalada a Real Fábrica de Pólvora. Mas, como estava com mêdo de que fôsse um esforço demasiado para Langford, adiamos para outro dia nossa visita a êste estabelecimento e voltamos ao portão do jardim para almoçar. Sua Majestade El-Rei D. João VI construiu ali uma pequena casa, com três ou quatro quartos para acomodar a comitiva real quando visitava o jardim. Nosso almôço foi servido na varanda de tal casa, da qual tínhamos uma vista encantadora da lagoa, com as montanhas e as matas, o oceano com três ilhotas ao largo, e no primeiro plano uma capelinha⁽⁸⁰⁾, e um vilarejo na extremidade de uma pequena e suave planície verde^(*).

Depois de esperar em companhia de nossos agradáveis e bem informados amigos que começasse a soprar a a brisa marítima, voltamos parte do caminho ao longo da lagoa, depois subimos ao curato de N.ª S.ª da Cabeça,

(80) Dedicada a S. João Batista. Não estou certa se é esta ou a de N. S.ª da Cabeça que é a Matriz. O mesmo sacerdote officia em ambas.

(*) Refere-se à matriz provisória da paróquia de São João Batista. Criada a Fábrica de Pólvora em 1808, junto à Lagoa Rodrigo de Freitas, erigiu-se em 1809 nova paróquia, com o título de São João Batista. Tinha sede na capela de Nossa Senhora da Conceição, construída antes de 1732, e que pertencia an antigo engenho, incorporado à Fábrica. A actual igreja matriz de São João Batista foi construída em terreno doado em 1831 por Joaquim Marques Batista de Leão.

A capela de Nossa Senhora da Cabeça, cuja antiguidade se ignora, ficava na rua do Jardim Botânico e também não mais existe.

(J. DE S. AZEVEDO PIZARRO E ARAÚJO, *Memórias históricas do Rio de Janeiro*, 2.ª ed. Inst. Nac. do Livro, vol. V, Rio, 1946, pg. 237; — A. ALVES FERREIRA DOS SANTOS, *A arquidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro*, Rio, 1914, pg. 183).

onde se juntaram a nós várias outras pessoas que ali tinham vindo para jantar conosco. O padre Manuel Gomes recebeu-nos muito amavelmente e nosso piquenique se espalhou pela ampla varanda de seu curato. Atrás da varanda três quartinhos serviam de quarto de dormir, cozinha e despensa. Meia dúzia de casinholas no campo contíguo abrigam os negros de aspecto saudável que trabalham em seus cafezais e um enxame de crianças de tôdas as tonalidades, entre o branco e o preto. Numa pequena eminência no meio delas fica a capela de N.ª S.ª, que é a matriz de uma extensa paróquia. É extremamente pequena; mas serve de sede onde os sacramentos são ministrados, e concedidas as licenças para casamentos, enterros e batizados. Os proprietários de fazendas têm geralmente capelas privadas, onde se diz missa diariamente em proveito de sua população, de modo que a igreja matriz só é procurada nas ocasiões acima referidas. A cerca de um arremêso de pedra atrás da capela, um claro riacho despenha-se montanha abaixo, saltando de pedra em pedra, em mil cascatas pequenas, e formando, cá e lá, esplêndidos locais para banhos. Também não está sem habitantes, que aumentam o luxo simples da mesa do padre. Ele me informa que os caranguejos de seu rio são melhores que os outros da vizinhança. A própria água é pura, clara e delicada.

Afinal, estando reunidos todos os nossos amigos, voltamos à varanda para jantar. A julgar pelo cardápio da festa, tão misturadas eram as produções de cada clima, difficilmente poderíamos dizer em que parte do mundo estávamos, não fôsse a profusão de abacaxis e bananas, comparada à pequena quantidade de maçãs e peras para no-la lembrar. Como é comum em tais ocasiões, os mais velhos habitantes do Brasil preferiram o que vinha de fora, enquanto nós todos demos preferência às produções do país.

Em breve fui atraída para fora da mesa pela beleza da vista, que tentei esboçar. Os cafezais são os únicos terrenos cultivados na redondeza e são intercalados tão densamente com laranjeiras, limoeiros e outros altos arbus-

tos, que parecem antes uma variedade das matas do que a mescla de terreno cultivado com terreno selvagem, que seria de esperar tão perto de uma grande cidade, onde contamos ver o trabalho humano applicando-se razoavelmente sobre a beleza rude da natureza. Mas aqui a vegetação é tão exuberante que até as árvores podadas e tratadas crescem como se fôsse na floresta.

Como todo o mundo estava disposto a se divertir, ficamos todos tristes quando chegou a hora da separação. Mas Burns já fez tôdas as considerações possíveis acerca do fim de uma reunião alegre :

*Pleasures are poppies spread,—
You seize the flower, the bloom is shed;
Or like the snow-falls in the river,—
A moment white, then lost for ever;
Or like the rainbow's fleeting form,
Evanishing amid the storm;
Or like the boralis race,
That flit ere you can point their place.
No man can lether time or tide:
The hour approaches, — we must ride.*

E assim fizemos — Andamos até o pé do morro e cada qual tomou um transporte diverso: o coronel e a Sr^a. Cunningham, a sua confortável carruagem inglêsa; o Sr. e a Sr^a. Hayne, o seu belo carro descoberto a dois cavalos; e eu em minha caleche, ou sege, [sic] — carruagem feia, mas cômoda, muito pesada, mas bem adaptada às estradas rudes que ligam o jardim à cidade. Os homens vieram todos a cavalo e quase todos nós trouxemos algo para casa. Alguns preferiram frutos e flôres, Langford conseguiu certo número de besouros (*entimus imperialis*) e uma magnífica borboleta, e eu um esbôço imperfeito da paisagem da casa do padre.

Dezembro, 27. — Desde a excursão ao Jardim Botânico, alguns de nossos doentes começaram a melhorar; outros, que estavam bem, adoeceram. Eu não fiz senão passear a cavalo e conversar com êles, contemplar as belas vistas da vizinhança e conhecer um pouco mais os habitantes, dos quais, os mais divertidos, tanto quanto

pude ver até agora, são certamente os negros que transportam as frutas e verduras para vender. Os guardas-marinha fizeram amizade com alguns. Um dêles tornou-se até amigo da casa, e depois de vender as frutas de seu senhor, ganha uma pequena gratificação para êle próprio, pelos seus contos, suas dansas e suas cantigas. Sua tribo, ao que parece, estava em guerra com um rei vizinho. Ele partiu para a luta ainda menino, foi feito prisioneiro e vendido. Esta é provavelmente a história de muitos, mas o nosso amigo a conta com movimento e ênfase, mostra as feridas, dança sua dansa de guerra, grita sua canção bárbara, de modo que, de escravo selvagem, transforma-se em objeto de tocante interêsse.

Estive até uma hora da noite em ambiente muito diferente: um baile dado pelo Sr. B., respeitável comerciante inglês. As moças portuguesas e brasileiras são de aspecto decididamente superior às da Bahia: parecem de classe superior. Talvez a permanência da côrte aqui por tantos anos as tenha polido. Não posso dizer que os homens gozem da mesma vantagem. Mas eu não posso ainda falar português bastante bem para ousar julgar o que os homens e mulheres são na realidade. Quanto aos ingleses, que posso dizer? São tais e quais todo o mundo os vê em sua terra, na classe a que pertencem. E as senhoras, muito boas pessoas, sem dúvida, precisariam da pena de Miss Austen(*) para torná-las interessantes. Contudo, como parecem não ter pretensões a coisa alguma senão ao que realmente são, apresentam-se a mim bem humoradas, hospitaleiras e, portanto, agradáveis.

Segunda-feira, 31 de dezembro de 1822. — Fui à cidade pela primeira vez. O caminho segue através do subúrbio do Catete cêrca de meia milha. Há algumas boas casas de ambos os lados. Os intervalos são preenchidos por lojas e pequenas casas habitadas pelas famílias dos lojistas da cidade. Chegamos então ao outeiro chamado da Glória, do nome da igreja dedicada a N.^a S.^a da

(*) JANE AUSTEN (1775-1817), célebre escritora inglesa, autora de romances que têm por assunto a sociedade de seu país, vários dêles traduzidos para o português.

Glória, na eminência que domina o mar próximo. O morro é verde, coberto de matas e ornado de casas de campo. É quase insulado e o caminho passa entre êle e outro morro, ainda mais alto, exatamente onde uma abundante fonte deriva de um aqueduto (feita, penso eu, pelo conde de Lavradio^(*)), e traz, para esta região da cidade, saúde e refrêscos das montanhas das vizinhanças. Adiante, depois de passar a praia da Glória, voltamos para a esquerda e entramos na parte nova da cidade, por baixo dos arcos do grande aqueduto construído em 1718 pelo vice-rei Albuquerque^(**). Este fornece água a quatro copiosos chafarizes. O maior é o da Carioca⁽⁸¹⁾, perto do convento de Santo Antônio. Tem doze bôcas e é, êle próprio, muito pitoresco. Está constantemente cercado de escravos, com seus barris d'água e por animais que bebem. Logo adiante estão tanques de granito onde uma multidão de lavadeiras está sempre ocupada^(***). E adiante, defronte delas, estão colocados bancos, nos quais estão sempre sentados negros novos para a venda. O chafariz das Marrecas fica defronte do Passeio Público e perto dos novos quartéis^(****). Além das bicas de água para os habitantes, há dois tanques sempre cheios para

(*) Refere-se ao chafariz da Glória, contíguo à chácara de Manuel Álvares da Fonseca Costa, inaugurado em 1772, no vice-reinado do marquês de Lavradio, (Dom Luis de Almeida Portugal Soares de Alarcão Eça e Melo Silva Mascarenhas, 4.º conde de Avintes e 2.º marquês de Lavradio). (NORONHA SANTOS, *Fontes e chafarizes do Rio de Janeiro*, "Revista de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", 10 -- Rio, 1946, p. 61).

(**) Os atuais arcos de Santa Teresa, iniciados pelo governador Aires de Saldanha e Albuquerque, foram terminados sob o governo do vice-rei Gomes Freire de Andrada, deus conde de Bobadela. Durante o governo do marquês de Lavradio foram feitas, porém, importantes reparações. (NORONHA SANTOS "Aqueduto da Carioca", "Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", n.º 4, Rio 1940).

(81) A alcunha dos habitantes do Rio é Carioca, derivado desse chafariz

(***) É o antigo chafariz da Carioca, no largo do mesmo nome. Era revestido de mármore, com dezesseis bicas de bronze. Foi demolido em 1829 e substituído por outro em 1840. Este por sua vez, foi demolido durante a prefeitura do Sr. Alvar Prata, para ampliação do largo. (NORONHA SANTOS, *Aqueduto da Carioca*, loc. cit. p. 10).

(****) O chafariz chamado das Marrecas, devido a cinco marrecas de bronze que nêle lançavam água pelos bicos, ficava na rua dos Barbones (atual Evaristo da Veiga), entre o quartel e a roda das crianças abandonadas, exatamente em frente à rua das Belas Noites (depois rua das Marrecas e hoje rua Juan Pablo Duarte). Colocava-se, assim, em face do portão principal do Passeio Público. Foi destruído em 1902, para ampliação do Quartel de Polícia, antigo Quartel dos

os animais. O terceiro é um muito belo, no largo do paço(*) e o quarto, chamado do Mouro, não vi(**). O aqueduto é de tijolo e é sustentado por duas filas de arcos através do vale entre dois dos cinco morros da cidade. Os edifícios públicos do Rio nada têm de muito notável. Até as igrejas não apresentam beleza arquitetônica e devem o bom efeito que produzem na vista geral, ao tamanho e à colocação. Há sete paróquias e numerosas capelas dependentes de cada uma. A primeira e mais antiga paróquia é a de S. Sebastião. A igreja que lhe é dedicada é a Capela Real, a única que hoje vi. É bela interiormente, ricamente dourada, e as pinturas do teto longe de serem desprezíveis, mas não posso louvar a do altar-mor, em que Nossa Senhora está cobrindo com seu manto a Rainha Dona Maria e toda a família real, na sua chegada ao Brasil. O côro é mantido de maneira que não envergonharia a Itália. Assisti às vésperas, e raramente ouvi mais agradável música no ofício da tarde. Isto a capela deve à residência da Família Real, cuja paixão e vocação para a música são hereditárias. Anexos a esta capela ficam a Igreja e convento dos Carmelitas, que formam parte do palácio(***) dentro do qual fica a Biblioteca Real de 70.000 volumes,

Granadeiros, localizado exatamente onde ficava o convento dos Capuchinhos Italianos, chamados Borbones. (V. Nota de NORONHA SANTOS, às *Memórias para servir à História do Brasil*, de Monsenhor Luís Gonçalves dos Santos, Rio, 1943, I - 168; VIEIRA FAZENDA, *Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro*, "Rev. do Inst. Histórico Bras.", Tomo 86, Rio, 1921, pg. 462).

(*) É o chafariz ainda existente à Praça Quinze de Novembro. Foi inaugurado pelo vice-rei Luís de Vasconcelos em 1789. O primitivo chafariz, inaugurado pelo conde de Bobadela em 1753, localizado no centro da praça, viera feito de Portugal. (NORONHA SANTOS, *Fontes e chafarizes do Rio de Janeiro*, cit. 44).

(**) Refere-se ao chafariz do largo do Moura (nome derivado do regimento português de Moura, ali aquarteiado). Foi construído pelo vice-rei conde de Resende em 1794 e destruído no princípio do século XX. O largo de Moura ficava ao fim da rua Dom Manuel, em frente do Mercado. (VIEIRA FAZENDA, *Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro*, "Rev. do Inst. Hist. Bras." t. 86, pg. 253).

(***) A autora refere-se provavelmente só às paróquias da cidade, porque, incluindo os subúrbios, já se elevavam elas, em 1821, a dezesseis. Também não é exato que a Capela Real, depois Capela Imperial, fosse dedicada a São Sebastião e sim a Nossa Senhora do Carmo, a cujo convento pertencia antes da chegada da Família Real. Todo o território restante dos demembramentos da antiga e a antiga freguesia de São Sebastião, outrora sediada no morro do Castelo, pertencia ao

em que todos os dias, salvo os feriados, o público tem ingresso para estudo, de nove até a uma hora da tarde e de quatro horas até o pôr do sol(*). Esta parte do palácio ocupa um lado de uma bela praça; o próprio palácio ocupa um outro; o terceiro lado é de casas particulares, construídas uniformemente com o palácio; além fica o mercado do peixe, e o quarto lado é aberto para o mar. A beira do mar é fechada com um belo cais de granito e degraus, cujos blocos são presos com cobre. No centro do cais há um chafariz abastecido com o aqueduto de Albuquerque. No conjunto, o aspecto do largo do Paço é extremamente belo. Fomos daí a uma rua por traz dêle e vimos a fachada do Senado(**), que é ligado com o Paço, e as catacumbas da Igreja dos Carmelitas, que são mais belas do que costumam ser os cemitérios de

Curato do Santíssimo Sacramento da Antiga Sé, cuja matriz é a Igreja do SS. Sacramento, na atual Avenida Passos. A jurisdição da antiga Capela Real, depois Capela Imperial e hoje Santa Igreja Catedral Metropolitana, restringia-se à igreja e suas dependências. (Monsenhor ANTÔNIO ALVES FERREIRA DOS SANTOS, *Op. cit.* pgs. 131 e 178).

Há confusão em dizer que a Igreja e convento do Carmo ficavam ai exos à Capela Real. A Capela Real era a antiga Igreja do Corvento, como se disse. O próprio convento estava incorporado ao palácio, ao qual fôra ligado por um passadiço que cobria a rua da Misericórdia. Nêle funcionavam diversas repartições. O antigo claustro era denominado, então, Pátio da Ueharia. Anexa à Capela Real ficava realmente a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, como até hoje.

O painel a que se refere a autora em termos pouco lisonjeiros é o célebre quadro de José Leandro de Carvalho ali mandado colocar por Dom João VI. Representava a Família Real genuflexa e, sobre uma sucessão de nuvens, Nossa Senhora do Carmo cobrindo-a com o seu manto. Em 1831, atendendo à exaltação de ânimos, o quadro foi alterado pelo próprio autor, que ocultou sob espessa camada de gonta as figuras reais. Em 1850 o pintor João Caetano Ribeiro restaurou a grande tela, que Gonzaga Duque considerava a obra-prima do artista. Em 1859 foi enviada à Imperial Academia de Belas Artes para restauração. Ainda lá se encontrava em 1890. Daí por diante, nada se sabe a seu respeito. (FRANCISCO MARQUES DOS SANTOS, *Artistas do Rio Colonial*, "Anais do Terceiro Congresso de História Nacional", vol. VIII, Rio, 1942, pg. 529).

(*) A Biblioteca Nacional, então Bibhoteca Real, foi instalada primitivamente nas salas do hospital da Ordem Terceira do Carmo, nos fundos da Igreja. Constitua-se inicialmente da Real Biblioteca da Ajuda trazida pelo rei. Em 1812, consideravelmente acrescida, estendeu-se ao pavimento térreo, removendo-se os doentes para o Recolhimento do Parto à rua dos Ourives (trecho hoje chamado Rodrigo Silva) esquina de São José. (TEIXEIRA DE MELO, *Resumo Histórico "Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro"*, v. XIX, Rio, 1897, pg. 219).

(**) Pela rua da Misericórdia, passou a Autora sob o passadiço e viu o antigo prédio do Senado da Câmara (Câmara Municipal) do Rio de Janeiro, e Cadeia, a êsse tempo também incorporado ao palácio por meio de outro passadiço. Mais tarde foi adaptado por D. Pedro I para nêle funcionar a Assembléa Constituinte. Nêle funcionou a Câmara dos Deputados do Império e da República. No mesmo local ergueu-se hoje o Palácio Tiradentes.

igreja*). No centro de um pequeno quadrilátero há uma cruz e junto dela um cipreste novo. Em volta há flôres e plantas odoríferas, com vasos de porcelana contendo rosas e aloés colocados em pequenos pedestais e numa parede larga e baixa que circunda o quadrado. À primeira vista procurei em vão os túmulos, afinal reparei nesses muros baixos e nos mais altos no círculo exterior, indicações nas abóbadas, cada uma delas numerada. Estes são os lugares destinados aos mortos, ali emparedados com cal. De tempos a tempos os ossos e as cinzas são retirados para fazer lugar para outros. No momento da retirada, se o morto tiver um amigo que deseje guardá-los, os restos são recolhidos em urnas, ou outros receptáculos, e colocados numa construção apropriada, ou onde o amigo quizer. Aliás, irão para o depósito geral e desaparecem totalmente pela adição de mais cal. Esta é, não duvido, a maneira mais saudável de dispôr dos mortos, e mesmo sob o ponto de vista humano, melhor que os horríveis enterros na Bahia, onde devem infectar o ar. Mas parece-me tão pouco sentimental esta maneira de se desembaraçar depressa dos restos de alguém que outrora nos foi caro, que saí aborrecida.

A cidade do Rio é uma cidade mais européia do que Bahia ou Pernambuco. As casas são de três ou quatro pavimentos, com tetos salientes, toleravelmente belas. As ruas são estreitas, pouco mais largas do que o Corso em Roma, com o qual uma ou duas têm um ar de semelhança, especialmente nos dias de festa, quando as janelas e balcões são decorados com colchas de damasco vermelho, amarelo ou verde. Há duas praças muito belas, além da do Paço. Uma, outrora Roça [Rossio], hoje da

(*) Refere-se às antigas catacumbas, destruídas em 1850, quando o governo imperial proibiu os cemitérios dentro da cidade. Os primeiros enterros de irmãos terceiros fizeram-se nas cavas subterrâneas, existentes sob o templo atual. Foram estas, porém, por causa de graves inconvenientes, abandonadas. Em 1782 a Mesa Conjunta deliberou que se fizessem jazigos com catacumbas em galerias sobre o solo, no lugar da Capela velha, já muito arruinada. Ficava esta junto à Igreja dos terceiros, no fundo da Igreja do Convento, dentro da respectiva cerca. Foram benzidas em 1785. (Comendador BENTO JOSÉ BARBOSA SERZEDELLO, *Archiu Histórico da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo*. Rio de Janeiro, 1872).

Constituição, à qual dão uma aparência muito nobre o teatro, alguns belos quartéis e belas casas, atrás dos quais os morros e montanhas dominam dos dois lados. A outra, o Campo de Sant'Ana, é extremamente extensa⁽⁸²⁾, mas está inacabada. Duas das ruas principais cruzam-na desde o lado do mar até a extremidade da cidade nova, com perto de uma légua; novas ruas, largas, estão-se estendendo em tôdas as direcções. Mas estava muito cansada por sair no calor do dia para fazer mais que uma visita rápida a essas cousas. Não tive ânimo nem mesmo de ver o novo chafariz, abastecido por um novo aqueduto(*).

Há na cidade um ar de pressa e atividade bem agradável aos nossos olhos europeus. No entanto todos os portuguezes fazem a sesta após o jantar. Os negros, tanto livres quanto escravos, parecem alegres e felizes no trabalho. Há tanta procura dêles que se encontram em pleno emprêgo e têm, naturalmente, boa paga. Lembram aos outros aqui o menos possível a triste condição servil, a não ser quando se passa pela rua do Valongo. Então todo o tráfico de escravos surge com todos os seus horrores perante nossos olhos. De ambos os lados estão armazens de escravos novos, chamados aqui *peças*, e aqui as desgraçadas criaturas ficam sujeitas a tôdas as misérias da vida de um negro novo, escassa dieta, exame brutal e açoite.

Terça-feira, 1.º de janeiro de 1822. — Fui pagar uma segunda visita a um illustre exilado, o conde Hogendorp, um dos generais do Imperador Napoleão; minha primeira visita foi accidental(**). Uma manhã da

(82) Tem 1713 pés quadrados.

(*) Refere-se ao chamado chafariz de Paulo Fernandes [Viana] no próprio campo de Sant'Ana depois praça da República. Fôra inaugurado em 1818. Abastecia-se não do aqueduto da Carioca, mas de outro, que captava as águas dos rios Catumbi e Maracanã. O mesmo aqueduto abastecia o chafariz do Lagarta. (NORONHA SANTOS — *Fontes e chafarizes do Rio de Janeiro* — "Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional" n.º 10, 1946, págs., 76 e 99).

(**) O general conde de Hogendorp escreveu preciosas memórias (a que aliás se refere Maria Graham), em francês, e copiadas por Theodoro Taunay, mais tarde Cônsul Geral da França no Brasil. Remetidos os originaes à família, foram publicadas em Haia, em 1837, pelo seu neto o conde D. A. C. van Hogendorp, sob a direcção de F. A. G. Campbell. Em 1890, informa AFONSO D'E. TAUNAY

semana passada, andando a cavalo com dois de nossos guardas-marinha, chegamos a uma agradável casa de campo de aspecto simpático, no alto da encosta do Corcovado; e à porta vimos uma figura muito impressionante, à qual imediatamente pedi desculpas por invadir seus terrenos, dizendo que éramos estrangeiros, e que havíamos chegado ali por acaso. Ele imediatamente, com modos que denotavam não ser uma pessoa ordinária, saudou-nos e perguntou-nos o nome, e ao sabê-lo disse que ouvira falar de nós e que, se não estivesse doente, ter-nos-ia procurado. Insistiu em que apeássemos, visto que se aproximava uma carga d'água, e que nos abrigássemos sob seu teto. Por êsse tempo percebi que êle era o conde Hogendorp e perguntei se havia acertado na minha adivinhação. Ele respondeu que sim e juntou algumas palavras significando que os seguidores de seu chefe, mesmo no exílio, conservavam qualquer coisa consigo que os distinguia dos outros homens.

O conde é uma ruína de um outrora belo homem; mas não perdeu o ar marcial. É alto, mas não magro demais; os olhos cinzentos brilham de inteligência e a linguagem pura e enérgica é ainda transmitida em voz clara e bem timbrada, ainda que um pouco gasta pela idade. Conduziu-nos a uma varanda espaçosa, onde passa a maior parte do dia, e que é mobiliada com sofás, cadeiras e mesas. Mandou então que o criado nos trouxesse almôço. Tivemos café, leite e manteiga fresca, tudo

(*História do Café no Brasil*, II, 1939, pg. 215), apareceu em Amsterdão uma biografia do herói por J. A. Silleen, baseada em documentos inéditos. Mais recente é a biografia de PIERRE MÉLON, *Le général Hogendorp, gouverneur à Java, aide de camp de Napoléon I, ermite à Rio de Janeiro*, Paris, 1938. A respeito da estada de Hogendorp no Rio de Janeiro, existem curiosos depoimentos de: JACQUES ARAGO, *Souvenirs d'un aveugle, Voyage autour du monde*, Paris, 1839; THEODOR VON LEITOLD, *Meine Ausflucht nach Brasilien oder Reise von Berlin nach Rio de Janeiro*, Berlin, 1820; e JULIEN DE LA GRAVIÈRE, *Souvenirs d'un Amiral*, Paris, 1872. Estudou-os ALFREDO DE CARVALHO no artigo *O solitária da Tijuca na "Revista Americana"* de maio de 1911, pg. 337; o ministro da Holanda no Brasil, Tel. B. Pleyte, em conferência realizada no Instituto Histórico em 1923 e publicada no "Jornal do Comércio" de 27 de novembro de 1938 e na "Revista do Inst." vol. 175, reativa a 1938, Rio, 1940, pg. 818; o prof. AFRONSO D'E. TAUNAY, no trabalho citado; e DONATELLO GRICCO, no capítulo "O gen. Hogendorp e seu exílio no Rio de Janeiro" de seu livro *Napoléon e a Brasil*, Rio, 1939. A propósito da conferência do ministro holandês Pleyte, escreveu o prof. Taunay à redação do "Jornal do Comércio" uma importante carta que ocorre na "Revista", cit. pg. 834.

produção de sua própria fazenda. E ao sentarmo-nos assistimos à passagem do aguaceiro por nós e depois através do vale que conduz a vista à baía lá em baixo. O general entrou francamente em conversa não só durante o almôço como enquanto durava a pancada d'água, falando quase incessantemente de seu Imperial Senhor. Entrara para o exército muito moço, como soldado aventureiro, sob o comando de Frederico da Prússia. De volta à terra natal, a Holanda, foi aproveitado pelos Estados sucessivamente como governador da parte oriental de Java e como enviado a uma das côrtes germânicas. Durante a residência em Java, visitou muitos dos estabelecimentos inglêses em terra firme da Índia e aprendeu o inglêz, que falava bem.

Quando da anexação da Holanda à França, entrou a serviço dos franceses no pôsto de coronel. Teve sempre as preferências de Napoleão a quem sua honestidade e desinterêsse em matéria de dinheiro pareceram preciosas, à medida que estas qualidades escasseavam entre seus seguidores. A devoção do conde a Napoleão é excessiva, eu diria mesmo inexplicável, se êle não me tivesse mostrado uma carta que lhe foi escrita do próprio punho do Imperador, sôbre a morte de seu filho, na qual, além de uma amabilidade rotineira, há realmente uma nota de carinho que eu não esperava encontrar. Durante a desastrosa expedição à Rússia, Hogendorp foi incumbido do govêrno da Polônia e manteve sua côrte em Wilna. Seu último serviço público foi prestado na defesa de Hamburgo onde era lugar-tenente governador. Ele teria acompanhado gostosamente o Imperador ao exílio. Mas como não conseguiu permissão, veio para aqui, onde com a maior economia, e, penso eu, com algum auxílio do príncipe, que tem por êle grande respeito, vive principalmente da produção de sua pequena fazenda.

Muitas destas circunstâncias aprendi dêle próprio, enquanto descansava e me abrigava da chuva, que durou quase uma hora. Ele mostrou-me então a casa, que é de fato pequena, consistindo apenas de três peças, além da varanda; seu escritório com poucos livros, em que

dois ou três modelos de antigos baixos-relevos e alguns mapas e gravuras indicavam o retiro de um cavalheiro; seu quarto de dormir, cujas paredes, de gosto caprichoso, eram pintadas de preto e exibiam, sobre este fundo escuro, esqueletos de tamanho natural, em tôdas as atitudes alegres, lembrando a *Dansa da Morte* de Holbein; e um terceiro quarto, occupado com barris de vinho de laranja, e potes de licor feito de grumaxama [grumixama], pelo menos tão gostoso como a aguardente de cerejas, com que aliás se parece. São os produtos de sua fazenda, cuja venda, juntamente com o seu café, ajuda sua pequena renda.

O general, como êle gosta de ser chamado, conduziu-nos em tôrno de seu jardim e exhibiu com orgulho seus frutos e suas fiôres, louvou o clima, sômente culpou o povo, que pela negligência e falta de indústriã, desperdiça metade das vantagens que Deus lhe deu. Ao voltar à casa apresentou-me seu velho criado prussiano, que tomou parte com êle em muitas campanhas, e seus negros, que êle libertou ao comprar. Êle induzira uma mulher a usar uma joia no nariz, à moda de Java, o que lhe parece trazer uma prazer especial. Fiquei triste por ter de deixar o conde, mas fiquei com mêdo que em casa se alarmassem a nosso respeito e por isso disse-lhe adeus.

Esta tarde, fiz-lhe outra visita e encontrei-o descansando na varanda após o jantar. Tivemos uma boa conversa sôbre o estado dêste país, do qual, com prudência, tudo de bom se pode esperar. Disse-me então o conde que estava empenhado em escrever suas memórias, de que me mostrou um trecho, dizendo-me que tencionava publicá-las na Inglaterra. Não tenho dúvida de que serão escritas com fidelidade e fornecerão um capítulo interessante da história de Napoleão. Fiquei triste por ver o velho sofrendo tanto. Sua idade e enfermidades parecem ameaçá-lo com rápida terminação de sua vida ativa⁽⁸³⁾.

(83) O conde Hogendorp morreu quando eu estava no Chile. Napoleão deixou-lhe em testamento cinco mil libras esterlinas, mas o velho não viveu bastante para ter conhecimento desta prova de gratidão de seu antigo chefe. Ao aproximar-se o seu fim, o Imperador Dom Pedro deu-lhe a assistência e a atenção

8 de janeiro de 1822. — A única alteração na minha vida tranqüila desde o dia primeiro, foi proporcionada por uma agradável festa em casa de Miss Hayne. Vi ali uma abundância de jóias de cabeça e de pescoço nas mais velhas senhoras portuguesas, de beldades e alguma elegância entre as mais moças, que começo agora a compreender bem. Tivemos um pouco de boa música, muita dança e não pouco jôgo de cartas.

Hoje deixamos a casa em terra e estamos de novo instalados a bordo da *Doris*, com todos os nossos docentes bem melhor. Tendo instalado todo o mundo confortavelmente, fui à terra para a ópera, visto como é noite de benefício de um artista favorito, Rosquellas, cujo nome é conhecido em ambos os lados do Atlântico. O teatro é muito bonito, em tamanho e proporções, e alguns de nossos oficiais julgam-no tão grande quanto o de Haymarket, mas é diferente dêste. Foi inaugurado a 12 de outubro de 1813, dia dos anos de Dom Pedro. Os camarotes são confortáveis, e dizem-me que a parte não vista do teatro é cômoda para os atores, vestiários, etc.; mas a maquinaria e decorações são deficientes(*). O divertimento da noite consistiu numa comédia portuguesa muito estúpida, alternada com os atos e cenas de uma ópera de Rossini pelo Rosquellas(**), depois da qual êle desperdiçou uma boa dose de boa execução com música muito má.

que sua posição exigia ou permitia, e havia dado ordens relativas ao entêrra. Verificou-se, porém, ao morrer, que êle era protestante, e um dos cônsules protestantes, portanto, promoveu o seu conveniente entêrra no cemitério dos ingleses. Ao despi-lo, após a morte, viu-se que seu corpo estava tatuado como os dos nativos das ilhas orientais. Nunca mais vi o conde depois do primeiro de janeiro.

(*) Trata-se do Real Teatro de São João. Incendiou-se a 25 de março de 1824, durante um espetáculo em homenagem ao juramento da Constituição do Império. Sua lotação, na platéia, era de 1 020 pessoas e possuía 112 camarotes em quatro ordens. Foi reconstruído em 1826 e novamente incendiado em 1851. Outra vez reconstruído, incendiou-se, pela terceira vez, em 1856 e foi reaberto em 1857. Chamou-se sucessivamente Imperial Teatro São Pedro de Alcântara, Constitucional Fluminense, de novo São Pedro de Alcântara e, finalmente, João Cactano. (V. CERNICHIARO, *Storia della musica nel Brasile*, Milano, 1926, pg. 87; LAFAYETTE SILVA, *História do teatro brasileiro*, Rio, 1933, pg. 24).

(**) Os Rosquellas (Andrés e Pablo) eram dois célebres violinistas espanhóis. O primeiro, muito mais conhecido que o segundo, foi primeiro violino da Real Câmara espanhola. Nasceu e morreu em Madri (1781-1827). O segundo, Pablo, foi o que se transferiu para o Brasil e, an que parece, aqui morreu. (*Enciclopédia Universal*, Espasa-Calpe, t. 52, pg. 426).

Quarta-feira, 9 de janeiro. — O dia de hoje, espera-se que seja decisivo no destino do Brasil. É preciso, porém, começar pela chegada de uma mensagem das Côrtes de Lisboa ao Príncipe, intimando-o de que aprouve às ditas Côrtes que êle partisse imediatamente para a Europa a fim de iniciar sua educação e emprender uma viagem incógnito pela Espanha, França e Inglaterra. Esta mensagem despertou a mais viva indignação, não sòmente no ânimo de Sua Alteza Real, mas no dos brasileiros de ponta a ponta do reino. O Príncipe está desejoso de obedecer às ordens do pai e das Côrtes, mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de sofrer, como homem, a inconveniência da mensagem, vendo-se, dessa maneira, compelido a voltar a casa, especialmente sendo-lhe proibido levar consigo quaisquer guardas, ao que parece por temerem que elas tenham contraído demasiada dedicação à sua pessoa. Os brasileiros consideram êste passo como uma preliminar para extinguir neste país os tribunais de justiça que, durante quatorze anos, se mantiveram aqui, transferindo-se assim as causas para Lisboa, por cujo meio o Brasil será de novo reduzido à condição de uma colônia dependente, em vez de gozar de direitos e privilégios iguais aos da mãe-pátria, o que é uma degradação a que êles não estão dispostos, de maneira alguma, a se submeter.

Os sentimentos do povo estão bastante claros na mensagem enviada ao Príncipe há poucos dias, 24 de dezembro, de São Paulo, do teor seguinte:

“*Senhor* — Tínhamos já escrito a V. A. R. antes que pelo último correio recebêssemos a *Gazeta Extraordinária* do Rio de Janeiro, de 11 do corrente; e apenas fixamos nossa atenção sòbre o primeiro decreto das Côrtes, acêrca da Organização dos Governos das Províncias do Brasil, logo ferveu em nossos corações uma nobre indignação, porque vimos nêle exarado o sistema da anarquia e da escravidão; mas o segundo, pelo qual V. A. R. deve regressar para Portugal, a fim de viajar incógnito sòmente pela Espanha, França e Inglaterra, causou-nos um verdadeiro horror.

“Nada menos se pretende do que desunir-nos, enfraquecer-nos, até deixar-nos em mísera orfandade, arrancando do seio da grande família brasileira o único pai comum, que nos restava, depois de terem esbulhado o Brasil do benéfico Fundador dêste Reino, o Augusto Pai de V. A. R. Enganam-se; assim o esperamos em Deus, que é o vingador das injustiças; Ele nos dará coragem e sabedoria.

“Se pelo artigo 21 das Bases da Constituição, que aprovamos e juramos, por serem princípios de Direito Público Universal, os deputados de Portugal se viram obrigados a determinar que a Constituição, que se fizesse em Lisboa, só obrigaria por ora aos portugueses residentes naquele reino, e quanto aos que residem nas outras três partes do mundo, ela somente se lhes tornaria comum quando seus legítimos representantes declarassem ser esta a sua vontade; como agora êsses deputados de Portugal, sem esperarem pelos do Brasil, ousam já legislar sobre os interesses mais sagrados de cada província e de um reino inteiro? Como ousam desmembrá-lo em porções desatadas e isoladas, sem lhes deixarem um centro comum de força e de união? Como ousam roubar a V. A. R. a logar-tenência que seu Augusto Pai, nosso Rei, lhe concedera? Como querem despojar o Brasil do Desembargo do Paço e Mesa da Consciência e Ordens, Conselho da Fazenda, Junta do Comércio, Casa de Suplicação e de tantos outros estabelecimentos novos, que já prometiam futuras prosperidades? Para onde recorrerão os povos desgraçados a bem de seus interesses econômicos e judiciais? Irão agora, depois de acostumados por doze anos a recursos prontos, a sofrer outra vez, como vis colonos, as delongas e trapaças dos Tribunais de Lisboa, através de duas mil léguas do oceano, onde os suspiros dos vexados perdiam todo o alento e esperança? Quem o crera depois de tantas palavras meigas, mas dolorosas, de recíproca igualdade e felicidades futuras?!

“Na sessão de 6 de agosto passado disse o deputado das Côrtes Pereira do Carmo (e disse uma verdade eterna), que a Constituição era o pacto social em que se expressa-

vam e declaravam as condições pelas quais uma nação se quer constituir em corpo político; e que o fim desta Constituição é o bem geral de todos os indivíduos, que devem entrar neste pacto social. Como pois ousa agora uma mera fracção da grande Nação Portuguesa, sem esperar a conclusão dêste solene Pacto Nacional, atentar contra o bem geral da parte principal da mesma, qual o vasto e riquíssimo Reino do Brasil, despedaçando-o em míseros retalhos e pretendendo arrancar por fim do seu seio o representante do Poder Executivo e aniquilar de um golpe de pena todos os Tribunais e estabelecimentos necessários à sua existência e futura prosperidade? Êste inaudito despotismo, êste horroroso perjúrio político, de certo não o merecia o bom e generoso Brasil. Mas enganam-se os inimigos da ordem nas Côrtes de Lisboa, se se capacitam que podem ainda iludir com vãs palavras e ocios fantasmas o bom siso dos honrados portugueses de ambos os mundos.

“Note V. A. R. que, se o reino da Irlanda, que faz uma parte do Reino Unido da Grã-Bretanha (apesar de ser infinitamente pequeno em comparação do vasto Reino do Brasil) e estar separado da Inglaterra por um estreito braço de mar, que se atravessa em poucas horas, todavia conserva um Govêrno Geral, ou Vice-Reinado, que representa o Poder Executivo do Rei do Reino Unido, como poderá vir à cabeça de alguém que não seja, ou profundamente ignorante, ou loucamente atrevido, pretender que o vastíssimo Reino do Brasil haja de ficar sem centro de atividade e sem representante do Poder Executivo; como igualmente sem uma mola de energia e direção das nossas tropas, para poderem obrar, rapidamente e de mãos dadas, a favor da defesa do Estado, contra qualquer imprevisito ataque de inimigos externos, ou contra as desordens e facções internas, que procurem atacar a segurança pública e a união recíproca das províncias.

“Sim, Augusto Senhor, é impossível que os habitantes do Brasil, que fôrem honrados, e se prezarem de ser homens, e mormente os paulistas, possam jamais consentir em tais absurdos e despotismos; sim, Augusto Senhor,

V. A. R. deve ficar no Brasil, quaisquer que sejam os projetos das Côrtes Constituintes, não só para nosso bem geral, mas até para a independência e prosperidade futura do mesmo Portugal. Se V. A. R. estiver (o que não é crível) pelo deslumbrado e indecoroso decreto de 29 de setembro, além de perder para o mundo a dignidade de homem e de Príncipe, tornando-se escravo de um pequeno número de desorganizadores, terá também que responder, perante o Céu, do rio de sangue, que de certo vai correr pelo Brasil com a sua ausência; pois seus povos, quais tigres raivosos, acordarão de certo do sono amodornado em que o velho despotismo os tinha sepultado, e em que a astúcia de um novo maquiavelismo constitucional os pretende agora conservar.

“Nós rogamos, portanto, a V. A. R., com o maior fervor, ternura e respeito, haja de suspender a sua volta para a Europa, por onde o querem fazer viajar como um pupilo rodeado deaios e de espias; nós lhe rogamos que se confie corajosamente no amor e fidelidade dos seus brasileiros, e mormente dos seus paulistas, que estão todos prontos a verter a última gota do seu sangue e sacrificar todos os seus haveres para não perderem o Príncipe idolatrado em que têm pôsto tôdas as esperanças bem fundadas da sua felicidade e de sua honra nacional. Espere pelo menos V. A. R. pelos deputados nomeados por êste govêrno e pela Câmara desta capital, que devem quanto antes levar a Sua Augusta Presença nossos ardentes desejos e firmes resoluções, dignando-se acolhê-los e ouvi-los com o amor e atenção, que lhe devem merecer os seus paulistas.

“À Augusta Pessoa de V. A. R. guarde Deus muitos anos”.

“Palácio do Govêrno de São Paulo, 24 de dezembro de 1821. *João Carlos Augusto Oeynhausén*, presidente, *José Bonifácio de Andrada e Silva*, vice-presidente, *Martim Francisco Ribeiro de Andrada*, secretário, *Lázaro José Gonçalves*, secretário, *Miguel José de Oliveira Pinto*, secretário, *Manuel Rodrigues Jordão*, *Francisco Inácio de Sousa Queirós*, *João Ferreira de Oliveira Bueno*, *Antônio Leite*

Pereira da Gama Lobo, Daniel Pedro Müller, André da Silva Gomes, Francisco de Paula e Oliveira, Antônio Maria Quartim⁽⁸⁴⁾".

Esta mensagem ao príncipe exprime os sentimentos de tôda a região meridional do Brasil e, até um certo ponto, os das capitânicas setentrionais também. As últimas são, por certo, tão contrárias quanto as primeiras à transferência das côrtes de justiça para Lisboa, mas prefeririam uma cidade mais ao norte para capital, enquanto aqui há desejo, entre considerável número de pessoas, no sentido de mudar a capital para S. Paulo devido à segurança e à vizinhança das minas, onde está situada a maior proporção das riquezas, da indústria e da população do Brasil. S. A. R. não exprimiu ainda sua resolução. Os oficiais das tropas de Lisboa falam alto que êle é obrigado a cumprir o seu dever e obedecer à ordem das Côrtes. Os brasileiros esperam ardentemente que êle possa ficar e alguns há que antevêm a possibilidade de se declarar êle abertamente pela independência desta terra. Qualquer que seja sua resolução, teme-se que haja muito tumulto, se não uma guerra civil. Nossos comerciantes inglêses estão-se reunindo, penso que com o fim de requerer a permanência dêste navio, ao menos até que chegue uma fôrça equivalente, temendo que suas pessoas e propriedades não fiquem em segurança, e todo o mundo parece um pouco ansioso.

Quinta-feira, 10 de janeiro. — Houve ontem uma reunião da Câmara do Rio e, após uma curta deliberação, os seus membros foram em procissão, acompanhados de grande concurso de povo, ao Príncipe, com uma enérgica petição contra sua saída dêste país e uma viva súplica para que êle ficasse no meio de seu fiel povo. S. A. R. recebeu-os gentilmente e respondeu que, desde que parecia ser a vontade de todos, e para o bem de todos, êle permaneceria. Esta declaração foi recebida com gritos e

(84) O príncipe respondeu a 4 de janeiro, assegurando aos paulistas que havia transmitido a mensagem a Lisboa e que S. A. R. esperava da sabedoria das côrtes que elas tomassem medidas adequadas ao bem e à prosperidade do Brasil.

com entusiasmo, correspondidos com descarga de artilharia e com todos os sinais de regosijo público.

O dia, como de costume em qualquer ocasião de interesse público, findou no Teatro. Infelizmente não pude desembarcar, contudo alguns dos oficiais o fizeram. O edifício estava iluminado. O príncipe e a princesa apareceram em grande gala no camarote real, que é no centro da sa.a. Foram recebidos com entusiasmo pelo povo, cantou-se o hino nacional e, no intervalo dos atos, o público chamou vários de seus oradores favoritos a fim de que falassem ao Príncipe e a todos sôbre o acontecimento do dia. Êste apêlo foi atendido por diversos oradores e alguns dos discursos foram impressos e distribuídos pelo teatro. O melhor, ou, ao menos, o mais aplaudido, foi o seguinte, por Bernardo Carvalho(*) :

“— Agora é preciso só recomendar-vos a *União e Tranquilidade!!!*(85) Expressões realmente sublimes e que contêm tôda a filosofia política. Sem *União* não poderemos ser fortes, sem *fôrça* não poderemos determinar a *tranquilidade*. Portuguezes. Cidadãos. Tendes um Príncipe que vos fala com gentileza de suas próprias funções; que vos convida a unirmo-nos com êle em tômo à *Constituição*, que vos recomenda aquela *fôrça moral* que compreende a justiça e que se identifica com a razão, e que só ella pode completar a grande obra iniciada. Hoje quebrastes os laços que vos ameaçavam sufocar. Hoje assumis a verdadeira attitude de homens livres. Mas nem tudo ainda está feito. A intriga e a discórdia, o ânimo murmurador, talvez agora mesino esteja meditando novos planos, e ainda tentará cavar a divisão e derrubar os troféus que acabais de erguer à glória e à honra nacional. O próprio entusiasmo mal dirigido poderá produzir os maiores crimes. Concidadãos. *União e Tranquilidade*. A irreflexão partidária é indigna de homens livres. Cumprí vossos deveres. Atendei à amável exortação de vosso Augusto Príncipe, . . mas em compensação

(*) Bernardo Teixeira Coutinho Álvares de Carvalho, magistrado, desembargador no Rio de Janeiro. Não encontramos o texto português do discurso.

(85) Alusão ao discurso do Príncipe ao resolver ficar no Brasil, que terminava por essas palavras.

dizei-lhe : — Senhor. *Energia e Vigilância*. Energia para promover o bem. Vigilância para evitar o mal. O mundo inteiro tem agora os olhos voltados para V. A. Os passos que V. A. está para dar, poderão levar V. A. ao templo da memória, ou confundir V. A. no número dos príncipes fracos, indignos das honras que os exornam. Talvez V. A. influencie os destinos do mundo inteiro. Talvez mesmo a Europa, ansiosa e suspensa, repouse em V. A. suas esperanças. Príncipe. *Energia e vigilância*. A glória não é incompatível com a juventude, e o herói de 26 de fevereiro pode-se tornar o herói de 9 de janeiro. Univos com um povo que vos ama, que vos confia os bens, a vida, tudo enfim. Príncipe. Como é doce assistir à expansão cordial dos sentimentos de homens livres. Mas como é penoso testemunhar a crestação em botão de esperanças tão justamente fundadas. Bani, Senhor, para sempre do Brasil a lisonja multiforme, a hipocrisia dúplice, a discórdia com sua língua viperina. Ouvi a verdade, submetei-vos à razão, atendei à justiça. Sejam atributos vossos a franqueza e a lealdade. Seja a constituição a estrêla polar que vos guie. Sem ela não pode haver felicidade nem para vós, nem para nós. Não procureis reinar sôbre escravos, que beijam as cadeias da ignomínia. Reinai sôbre corações livres. Assim sereis a imagem da divindade entre nós --- assim corresponderéis às nossas esperanças. *Energia e Vigilância*, e nós cumprimos a vossa recomendação : *União e Tranquilidade*". Um padre, um dos prediletos do povo, foi chamado a falar repetidamente. O hino nacional⁽⁸⁶⁾ foi cantado várias vêzes e o Príncipe e a Princesa, que se notou estarem cercados principalmente de oficiais brasileiros, foram de novo calorosamente aclamados. E tudo na cidade, que estava brilhantemente iluminada, correu na maior harmonia.

Não há nada mais belo no gênero do que tal iluminação vista do mar.

Os numerosos fortes à entrada do pôrto, nas ilhas e na cidade, ficam cada um com suas fachadas desenhadas em luz ; tornam-se assim castelos encantados de fogo,

(86) Composto pelo príncipe.

e as luzes espalhadas da cidade e dos vilarejos ligam-nos com um milhão de brilhantes correntes.

Hoje nossos amigos comerciantes estão de novo alarmados e fizeram uma requisição formal ao capitão para permanecer no pôrto. Com essa triste mentalidade que passa por *diplomática*, o cônsul-deputado e os comerciantes, em vez de dizerem aquilo de que têm mêdo, dizem sômente: "Senhor, estamos com mêdo, e as circunstâncias nos levam a isso, e esperamos que ficareis até" etc., etc., o que vale dizer: "Sois responsável pelos malefícios, se êles ocorrerem". Mas estão demasiado medrosos para ousar dizer porque. Não me preocupo agora acêrca de seus relatórios officiaes, que compreendo agora serem grandes fôlhas de papel com grandes sêlos, sem uma palavra que não possa ser publicada em cada parede de igreja, pelo seu teor insípido. Considero-os, antes, absurdos e perniciosos, porque tendem a excitar a desconfiança e alarmar onde não há perigo. Na verdade agora pode haver algum motivo para temor. Mas porque não o dizem francamente? A linguagem dos officiaes portuguezes é a mais violenta. Falam em levar o Príncipe pela força para Lisboa e fazê-lo assim obedecer às Côrtes apesar dos brasileiros. Ambos os lados estão tão violentos que provavelmente entrarão em luta. Nessa luta haverá sem dúvida perigo para a propriedade estrangeira. Porque, porém, não dizer assim? Porque não falar assim no caso? Contudo o homem mais prudente dos tempos modernos⁽⁸⁷⁾ há muito tempo que pôs em segundo plano os que não são capazes de ser francos e sinceros em matéria de negócios. Vou, pois, abandoná-los.

Sexta-feira, 11 de janeiro. — Desembarquei na noite passada para ir à Opera, pois era nova récita de gala e esperava poder assistir à recepção do Príncipe e da Princesa. A viscondessa do Rio Sêco^(*) convidou-me

(87) Bacon, *Essay on dissimulation and simulation*.

(*) D. Maria Carlota Milliard, casada com Joaquim José de Azevedo, visconde do Rio Sêco e depois (em 1826) marquês de Jundiá, tesoureiro da Casa Real e uma das primeiras figuras da corte de D. João VI. Era irlandesa, e sogra de Luís do Rêgo, governador de Pernambuco, como acima se referiu. (V. o diário de 24 de setembro de 1821) D. Carlota faleceu em 1831 no Rio de Janeiro e o marquês de Jundiá casou-se novamente com D. Marianna Pereira da Cunha, filha do marquês de Inhambupe.

amavelmente para o seu camarote, que era junto ao dêles. Mas depois de esperar algum tempo, chegou a notícia de que o príncipe estava tão ocupado em escrever para Lisboa que não poderia vir. A guarda dobrada foi despedida e o espetáculo começou. Tive, contudo, o prazer de ver o teatro iluminado, ouvir o hino nacional, e de ver as senhoras mais bem vestidas do que até agora tivera oportunidade.

Há uma grande dose de mal-estar hoje. O comandante português das tropas, general Avilez(*), pediu e obteve demissão. Diz-se, talvez sem fundamento, que as queixas ao príncipe contra sua permanência aqui foram grosseiras e inconvenientes. Ouço dizer que as tropas não consentirão em sua substituição. Elas estão particularmente excitadas com a idéia de que a escolha do sucessor recairá no general Curada [Curado](**), brasileiro que, ao que se diz, será chamado de São Paulo para suceder Avilez. É um veterano, que comandou com distinção em tôdas as campanhas da fronteira do sul, e suas ações são mais conhecidas entre seus patrícios que aquelas longínquas batalhas da Europa, de que se gabam os oficiais portugueses de todos os postos aqui, por mais leve que tenha sido a sua participação nelas, para aborrecer os brasileiros.

[Sábado], 12 [de janeiro]. — Ontem escourou a questão do comando militar das tropas daqui, e Curado foi nomeado Comandante-Chefe e Ministro da Guerra. O general português Avilez compareceu aos quartéis dos soldados europeus para despedir-se dêles. Armaram-se para recebê-lo e juraram não partir com êle, nem obedecer a outro comandante, e com dificuldade conformaram-se em prometer, ao menos, tranqüilidade para aquêle dia. Foi dito que, como se percebeu que elas demonstraram algum ciúme porque a guarda de honra da ópera havia sido, nas duas últimas noites, composta de brasi-

(*) General Jorge de Avilez Zuzarte de Sousa Tavares, mais tarde conde de Avilez, em Portugal.

(**) Joaquim Xavier Curado, depois barão e conde de S. João das Duas Barras. (PRETEXTATO MACIEL DA SILVA, *Os generais do exército brasileiro*, 2.^a ed., Rio, 1940 — 1, 177).

leiros, o Príncipe ordenara aos quartéis portugueses que dessem guarda na última noite. Eles, porém, se recusaram, dizendo que, sendo S. A. R. tão favorável aos brasileiros, era melhor que continuasse a ser guardado por eles. Não estou certa se isto é verdade, mas à vista das circunstâncias do dia, não é improvável.

A casa da ópera foi de novo iluminada brilhantemente. O príncipe e a princesa compareceram e foram tão bem recebidos como no dia 9. Cerca de 11 horas, porém, o príncipe foi chamado para fora de seu camarote e informado de que corpos de vinte a trinta homens das tropas portuguesas estavam percorrendo as ruas, a quebrar janelas e insultar os transeuntes em seu percurso de quartel a quartel, nos quais tudo tinha a aparência de um motim organizado. Ao mesmo tempo, ao chegarem as notícias desses fatos ao teatro, os espectadores começaram a se levantar para voltar a casa, quando o Príncipe, após tomar as providências necessárias, voltou ao espetáculo, e apresentando-se com a princesa, então próxima ao parto, à frente do camarote, dirigiu-se ao povo e afirmou que não havia nada de grave; que ele já havia dado ordens para reconduzir os soldados amotinados, que se haviam empenhado em briga com os negros, de volta a seus quartéis, e apelou para que não deixassem o teatro, aumentando assim o tumulto e lotando as ruas, mas que permanecessem até o fim da peça, como ele pretendia fazer. Até então, ele não tinha dúvida, tudo estaria tranqüilo. A serenidade e a presença de espírito do Príncipe, sem dúvida, preservaram a cidade de muita confusão e miséria. No momento em que a ópera se acabou as ruas estavam bastante livres para permitir a cada um ir para casa em segurança(*).

Entrementes as tropas portuguesas, com 700 homens, haviam marchado para o alto do morro do Castelo, que domina as principais ruas da cidade, e tendo levado com elas quatro peças de artilharia, ameaçavam saquear a cidade. As peças de campanha pertencentes aos brasi-

(*) A autora narra estes mesmos fatos, com algumas minúcias mais, em seu *Esboço biográfico de D. Pedro*, ("Anais da Bibl. Nac.", LX, Rio, 1940, pgs. 81-84).

leiros, que haviam ficado na cidade depois de 26 de fevereiro, haviam sido enviadas à sede habitual da artilharia, no Jardim Botânico, não havia senão uma semana, de modo que elas não temiam aquela arma(*). Mas ficaram desapontadas em sua expectativa de receberem a adesão por parte da tropa portuguêsã aquartelada em São Cristóvão. Esta alcançava cêrca de 500 homens⁽⁸⁸⁾ que alegaram ter recebido do Rei a incumbência de guardar a pessoa do Príncipe, e que não tinham mais nada que fazer, declaração que foi encarada pelos brasileiros como suspeita(**).

Enquanto os portuguêses se apossavam de sua nova e ameaçadora posição, os brasileiros não estavam ociosos. Todos os cavalos e burros da cidade foram requisitados; despacharam-se expressos a todos os regimentos de milícia e outras tropas do Brasil, bem como ao Quartel General da Artilharia. O Príncipe foi incansável, de modo que pelas quatro horas da manhã do dia 12 êle se encontrou à frente de uma tropa de quatro mil homens, no Campo de Sant'Ana, não sòmente prontos, mas ansiosos para a ação, e, ainda que deficientes quanto à disciplina, formidáveis pelo número e pela disposição.

Os portuguêses de modo algum esperavam tal prontidão e decisão. Além disso, êles não tinham levado provisões

(*) No *Escôrço biográfico* cit., acrescenta a autora esta circunstância valiosa:

"O espetáculo continuou e quando caiu o pano a princesa foi conduzida do camarote por um dos officiaes de serviço de sua Casa e instalada em uma carruagem de viagem, para Ella preparada, com uma escolta, que a levou a São Cristóvão. Dom Pedro ficou no teatro até que todos saíssem e, então, montando a cavallo, dirigiu-se no Jardim Botânico, a cêrca de seis milhas de distância, onde estava postado o corpo principal de artilharia e, depois de colocar os paibis de pólvora e a fábrica em segurança, trouxe os canhões grandes para defesa da cidade. Passou a noite tóda a reunir os diferentes corpos da milícia e as tropas nativas brasileiras, a fim de proteger a praça da ameaça de saque pelos portuguêses."

Esta informação que, nota OCTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUSA (*A Vida de D. Pedro I*, Rio, 1952, I, 355), não consta em outros autores, deve ter sido obtida através dos officiaes inglêses da corveta, ou de sua amiga, a Viscondessa do Rio Sêco.

(88) Não garanto a exatidão dêsses algarismos. mais creio que se aproxima da verdade.

(**) "O batalhão 3 de caçadores, português, não se solidarizou com os outros corpos lusos. Cabia-lhe a guarda do Palácio da Boa-Vista e, atendendo a um apêlo do Regente, ficou em posição neutral, embora lhe tenham sido atribuidos propósitos traidores de fazer embarcar o príncipe compulsoriamente na fragata *União*." (OCTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUSA, *Op. cit.* I, 352).

para o Morro e convenceram-se de que não seria difícil serem reduzidos pela fome em vista da imensa superioridade numérica dos que estavam no Campo de Sant'Ana. Dispuseram-se então a obedecer à ordem que lhes mandou cêdo o príncipe, -- de transferirem-se para a Praia Grande(*), do outro lado da baía, com a condição única de conservarem as armas. S. A. R. desejaria colocá-los imediatamente a bordo de transportes para serem conduzidos a Lisboa, mas o comandante do pôrto disse que não havia condução nem provisão prontas para êsse fim. Tiveram, pois, de aquartelar-se na Praia Grande, até que se providenciassem estas cousas.

Desembarquei com um oficial logo que pude, principalmente com o objetivo de ver as tropas do Campo de Sant'Ana. Em conseqüência, porém, da requisição dos cavalos e burros, levou muito tempo até que eu pudesse obter uma sege que me levasse ali porque estava muito quente para ir a pé. Afinal consegui uma e resolvi procurar a viscondessa do Rio Sêco, no meu caminho, para oferecer-lhe abrigo na fragata(**). Encontramo-la em vestidos caseiros brasileiros e com ar ansioso e fatigado. Ficara no teatro até o Príncipe sair, na última noite, correrá então para casa para providenciar quanto à segurança da família e quanto às joias. Despachara a família para a fazenda, na roça. Quanto às joias empacotou-as em pequenos embrulhos, pretendendo fugir com êles ao nosso encontro, disfarçada ela própria, em caso de um ataque sério à cidade. Havia ainda deixado muita prataria à vista em diversas partes da casa para entreter os soldados na primeira investida(***). Tudo, porém, parece melhor agora. Asseguramos-lhe que havíamos visto o primeiro destacamento de um dos regimentos de Lisboa, pronto para embarcar, no momento em que desembarcávamos. Prometemos-lhe que, quando ela fizesse um

(*) Vila Real da Praia Grande é a atual cidade de Niterói.

(**) O palacete do visconde do Rio Sêco ficava no então largo do Rocio, depois praça Tiradentes, esquina da rua do Conde, hoje Visconde do Rio-Branco, no local onde está o edificio onde funcionou o Ministério da Justiça até 1930. Era, portanto, caminho para Campo de Santana.

(***) Na narrativa, que vimos citando, acrescenta ainda Maria Graham algumas minúcias a êsse episódio: "Madame de Rio Sêco afirmou a uma amiga

sinal da casa dela, ou mandasse um recado, teria logo proteção. Ela parece muito apreensiva quanto ao perigo da soltura dos presos concedida pelos brasileiros durante a noite, e disse que há temores de que os portugueses possam tomar as fortalezas do outro lado da baía e as conservem até a chegada dos reforços esperados diàriamente de Lisboa. Isso poderia, realmente, ser desastroso, mas creio que o mêdo é mal fundado.

Havendo encorajado minha amiga quanto podia, fomos para o Campo e encontramos os brasileiros instalados, na maior parte, em alguns prédios inacabados. Os homens, pôsto que franzinos, pareciam saudáveis, ativos e cheios de ânimo; seus cavalos eram os melhores que vi no país; e pode ser imaginação minha, mas deram-me a idéia de homens resolutos em seus propósitos e determinados a defender seus direitos e seus lares.

O Campo apresentava os aspectos mais diversos. Dentro do recinto em que a artilharia fôra instalada, tudo era gravidade e atenção ao trabalho; os soldados estavam alerta e os oficiais, em grupos, comentavam os acontecimentos da noite precedente e as circunstâncias do dia. Aqui e ali, tanto dentro quanto fora do círculo, estacionava um orador com seu grupo de ouvintes, atentos às discussões políticas ou arengas patrióticas. Na parte aberta do campo vagavam alguns soldados ou companhias inteiras, fugindo ao ardor da multidão dentro do cercado, bem como cavalos, burros e jumentos, muitos dos quais deitados, pela evidente fadiga. Vinham negros de tôdas as direções, carregados de capim ou milho para os cavalos, ou levando à cabeça bebida fresca ou doces para os homens. Num canto, um grupo de soldados, exaustos pela viagem e pela vigilância, jazia dormindo. Num outro, brincava um círculo de moleques. Em suma, viam-se tôdas as maneiras de enganar o tempo enquanto

que, logo que chegou a casa, de volta do Teatro, tirou tôdas as suas jóias, pôs no vestido da criada e, procurando tôda a roupa suja da casa, pôs um colar de brilhantes dentro de uma meia, outro dentro de uma touca de noite, e assim por diante. Amarrou tudo numa trouxa e resolveu, se a casa fosse arronhada, deixar bastante prata pelas salas, a fim de ocupar os sequeadores, enquanto ela, como se fôsse uma lavadeira branca, procuraria fugir com a roupa suja na cabeça, atirar-se ao primeiro barco de pesca que encontrasse e dirigir-se ao navio inglês mais próximo". (Anais da Bibl. Nac., LX, 83).

se espera por um grande acontecimento, desde aquêles que aguardavam a hora silenciosa e pacientemente, com solene temor do que poderia ocorrer, até os que simplesmente desejavam ocupar-se e enchiam o intervalo com o que poderia fazê-lo passar mais suavemente. Fiquei bem impressionada com o ambiente que encontrei no Campo, e melhor ainda à medida que o dia passava, porque demorei-me algum tempo para assegurar-me de que tudo se resolveria sem derramamento de sangue, salvo duas ou três pessoas mortas acidentalmente durante a noite.

Ao voltarmos para o navio fomos detidos por algum tempo no Largo do Paço por uma grande massa de povo reunida para assistir à entrada da primeira guarda brasileira no Palácio, enquanto saía a guarda portuguesa em meio a grandes vivas da multidão. Ao chegarmos às escadarias onde devíamos embarcar encontramos o último grupo de um regimento e o primeiro de outro, que se transferiam para a Praia Grande, de modo que a cidade poderá dormir tranqüila esta noite.

Os habitantes em geral, mas especialmente os comerciantes estrangeiros, estão bem satisfeitos por ver as tropas de Lisboa despedidas, porque por muito tempo foram tirânicamente brutais com os estrangeiros, com os negros e, não raramente, com os próprios brasileiros, e nas muitas semanas passadas a arrogância delas foi revoltante tanto com o Príncipe quanto com o povo⁽⁶⁹⁾.

O aspecto da cidade é bastante melancólico. As casas estão fechadas, as patrulhas percorrem as ruas e todo mundo parece angustiado. Os caixeiros estão todos convocados na milícia; andam com cintos e boldriés de couro cru sôbre as roupas habituais, mas as armas e munições estavam tôdas em bom estado. Exceto êles e os inglêses, não vi ninguém fora de casa.

[Domingo] 13 [de janeiro]. — Tudo parece quieto hoje. Vimos do navio o resto das tropas que ia para a Praia Grande. Contudo, há naturalmente uma grande

(69) O andar pesado da infantaria portuguesa valeu-lhe o apelido de *pé-de-chumbo*, agora generalizado a todos os partidários de Portugal.

dose de ansiedade entre tôdas as classes de pessoas. Algumas pessoas enviaram alguns de seus valores para bordo da fragata por segurança. Chegou-nos uma mensagem, não sei de que autoridade, indagando se o Príncipe, a Princesa e a Família poderiam ser recebidos e protegidos a bordo. A resposta, naturalmente, foi que, ainda que o navio deva observar a mais estrita neutralidade entre as partes, estamos prontos imediatamente para receber e proteger a Princesa e os infantes, e também, caso elle tenha razão para temer algum perigo pessoal, o próprio Príncipe. Minha cabine está, assim, pronta. Espero que elles não sejam forçados a vir para bordo. Quanto mais puderem confiar nos brasileiros, melhor para elles e para a causa dessa independência que é agora tão inevitável, que a única questão é saber se será obtida com sangue, ou sem elle.

Resolvemos dar um baile a bordo depois de amanhã, a fim de que possamos conhecer as pessoas da sociedade, e então, se alguma cousa ocorrer que torne aconselhável refugiarem-se entre nós, saberão com quem terão de entrar em contacto.

[Segunda-feira,] 14 [de janeiro]. — As lojas abriram e os negócios se fazem como de costume. O Príncipe está concedendo demissões tanto a officiais como a soldados dos regimentos portuguezes que queiram ficar no Brasil em vez de voltar a Portugal. Isto tem sido estigmatizado pelos portuguezes como uma *deserção autorizada* dos exércitos do Rei e das Côrtes; qualquer que seja o nome, estou convencida de que a medida contribui para a tranquillidade presente da capital. A Princesa e os infantes foram para Santa Cruz, fazenda no campo, pertencente antigamente aos jesuítas e agora à Coroa, a 14 léguas na estrada que vai para São Paulo⁽⁹⁰⁾.

15 [de janeiro]. — Nosso baile correu muito bem; tivemos mais estrangeiros do que inglezes e, como havia música excelente da orquestra da Ópera e muita dansa,

(90) Esta viagem foi muito desastrosa e causou a morte do jovem príncipe. [D. João Carlos Pedro Leopoldo, Príncipe da Beira, nascido em 6 de março de 1821 e falecido a 4 de fevereiro de 1822].

a mocidade divertiu-se muito. Eu também deveria tê-lo feito, mas o capitão Graham estava tão atacado de gota, que eu teria preferido suspender a dança. Eu havia encarregado a viscondessa do Rio Sêco e algumas outras senhoras de trazer suas amigas portuguezas, o que elas fizeram, e tivemos uma quantidade de belas e agradáveis senhoras e diversos homens de aparência distinta, além de nossos amigos inglêses.

Uma dança a bordo é sempre agradável e pitoresca: há alguma cousa de espantoso no próprio constraste proporcionado peio cenário de um tombadilho de navio de guerra e as personagens e a ação de um baile,

*"O pequeno mundo belicoso,
Os canhões bem guarnidos e limpos"*

todos ornados de folhagens e flôres, a ondular sôbre as cabeças das jovens alegres e seus sorridentes pares, sugerem logo combinações próprias à poesia e ao romance, e que a gente precisa ser de fato estóico para contemplar sem emoção. Não gostei nunca de dansar, talvez porque nunca fui exímia nisso, contudo, uma sala de baile é, para mim, uma cena interessante. Há caras alegres, e corações não menos alegres, como demonstram as ansiosas palpitações que se elevam de vez em quando; há esperanças, e todos os sentimentos amáveis de mocidade e da natureza. Se, no meio disso, surge uma alegria um pouco fora de propósito e provoca um sorriso, de minha parte, inclino-me a respeitar a juventude de um coração que resiste às preocupações e humilhações da vida, e que consegue aderir sem se perturbar, à hilaridade dos moços.

17. — Nada de notável ontem ou hoje, a não ser o perfeito sossêgo da cidade. O príncipe continua a despedir os soldados.

19. — Hoje os novos ministros chegaram de São Paulo(*), o primeiro dos quais, tanto em posição quanto em talento, é José Bonifácio de Andrada e Silva. Se-

(*) O ministério de 16 de janeiro era assim organizado: Reino, Justiça, e Estrangeiros — José Bonifácio de Andrada e Silva; Fazenda — Caetano Pinto de Miranda Montenegro (depois marquês de Vila Real da Praia Grande); Guerra — General Joaquim de Oliveira Álvares; Marinha — Almirante Manuel Antônio Farinha (conde de Souzel).

gundo o juízo que dêle faz o povo aqui, diria que Cowper o descreveu quando disse :

*"Great offices will have
Great talents. And God gives to every man
The virtue, temper, understanding, taste,
That lift him into life, and lets him fall
Just in the niche he was ordained to fill.
To the deliverer of an injured land
He gives a tongue to enlarge upon, a heart
To feel, and courage to redress her wrongs(*)".*

Foi enviado ainda moço do Brasil para estudar em Coimbra, onde ficou doente quando da partida do rei de Lisboa. Depois, durante o tempo dos franceses, não conseguiu meios de voltar à terra natal. Mas logo que se deu a primeira reação nos distritos em tôrno do Pôrto e Coimbra, pôs-se à frente dos estudantes da Universidade em sua bem sucedida resistência a Junot; depois serviu na campanha contra Soult. Quando voltou a Lisboa, creio eu, entrou para o exército regular, pois que após estar em armas contra Massena, vejo que no fim da guerra tinha a graduação de tenente-coronel, na qual voltou ao Brasil em 1819. Mas a sua estada na Europa não foi gasta em assuntos de guerra: viajou e ficou amigo de várias personalidades mais notáveis da Inglaterra, França e Itália e contraiu uma estima particular em relação a Alfieri. O objeto de suas viagens era antes ver e aprender o que pudesse ser útil à sua própria terra, do que o meio-prazer de visitar as diversas partes do mundo. Estou informada de que se dedicou especialmente aos ramos da ciência que podem desenvolver a agricultura e a mineração do Brasil.

Um de seus irmãos, Martim Francisco, possui um pouco menos de talento. Sua família, seu caráter e a estima de que gozava, pesam não só a favor dêles mas do govêrno que os emprega(**).

(*) "Os grandes postos exigem grandes talentos. E Deus dá a todos os homens a virtude, o temperamento, a compreensão, o gosto, que os elevam para a vida. Deixa-os ocupar exatamete o nicho que lhes ordenava preencher. Ao libertador de uma terra injuriada concede uma língua para uela expandir-se, coração para senti-la e coragem para corrigir-lhe os erros".

(**) Maria Graham, següido se verifica no *Escrôço biográfico*, que vimos citando, freqüenteu a casa dos Andros e foi admiradora fervorosa das altas

Dobrarão-se as guardas e patrulhas nas estradas pelas quais elles e o veterano general Corado [Curado] alcançaram o Rio, porque se temeu que os portuguezes, que desde o dia 12 se haviam separado completamente dos brasileiros, pudessem impedir sua chegada. Mas tudo correu tranquillo.

20 [de janeiro]. — A *Aurora* chegou de Pernambuco e Bahia; em ambos os lugares parece que tudo vai sossegado. Mas como a reunião da câmara da Bahia deve se dar no principio do mês que vem, para o fim de escolher novo govêrno provisório(*), os inglezes temem alguma perturbação e portanto devemos voltar para ali a fim de proteger nossos amigos em caso de necessidade.

21. — Fui a terra fazer compras com Glennie. Há muitas casas inglezas, tais como seleiros e armazens, não diferentes do que chamamos na Inglaterra um armazém *italiano*, de secos e molhados; mas, em geral, os inglezes aqui vendem as suas mercadorias em grosso a retalhistas nativos ou francezes. Os últimos têm muitas lojas de fazendas, armarinho e modistas. Quanto a alfaiates, penso que há mais inglezes do que francezes, mas poucos de uns e outros. Há padarias de ambas as nações, e abundantes tavernas inglezas, cujas insígnias com a bandeira da União, leões vermelhos, marinheiros alegres, e tabuletas inglezas, competem com as de Greewinch ou Depford. Os ourives vivem todos numa rua, chamada, por causa dêles, *Rua dos Ourives*, e suas mercadorias estão

qualidades desta familia. Os dados biográficos que alinha, provavelmente recolhidos em conversas com os parentes do Patriarca, são imprecisos e confusos. Sobre José Bonifácio e seus irmãos há uma imensa bibliographia. Mencionemos especialmente a obra de ALBERTO SOUSA, *Os Andradas*, São Paulo, 1922, 3 vols.; e OCTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUSA, *José Bonifácio (1763-1838)*, Rio, 1945.

(*) Procedeu-se no dia 21 de janeiro de 1822 à eleição da nova Junta do Govêrno, de accordo com o decreto das Côrtes Portuguezas de 29 de setembro, a qual foi empossada a 2 de fevereiro. Foram escolhidos: Francisco Vicente Viana (depois barão do Rio das Contas), presidente; desembargador Francisco Carneiro de Campos, secretário, e como vogais Francisco Martins da Costa Guimarães, capitão-mor Francisco Ezequias Pires de Carvalho e Albuquerque (depois barão de Jaguaripe), tenente-coronel Manuel Inácio da Cunha Meneses (depois visconde do Rio Vermelho), cônego José Cardoso Pereira de Melo e dr. Antônio da Silva Teles, ouvidor em Ilhéus. No próprio dia 2 foi declarado governador das armas o brigadeiro Manoel Pedro de Freitas Guimarães. (BRÁS DO AMARAL, *História da Independência na Bahia*, Bahia, 1923, pg. 37).

expostas em quadros suspensos de cada lado da porta ou da janela da loja, à moda de dois séculos passados. A manufatura de suas correntes, cruces, botões e outros ornamentos é curiosa e o preço do trabalho, calculado sôbre o pêso do metal, moderado.

As ruas estão, em geral, repletas de mercadorias inglêsas. A cada porta as palavras *Superfino de Londres* saltam aos olhos: algodão estampado, panos largos, louça de barro, mas, acima de tudo, ferragens de Birmingham, podem-se obter um pouco mais caro do que em nossa terra nas lojas do Brasil, além de sedas, crepes e outros artigos da China. Mas qualquer cousa comprada a retalho numa loja inglêsa ou francesa é, geralmente falando, muito caro.

Divirto-me com a visível apatia dos caixeiros brasileiros. Se estão empenhados, como atualmente não é raro, em falar de política, ou a ler jornais, ou simplesmente a gozar fresco nos fundos da loja, preferirão dizer, na maior parte das vêzes, que não têm a mercadoria pedida a se levantar para procurá-la. E se o freguês insistir e apontá-la na loja, é friamente convidado a apanhá-la êle próprio e deixar o dinheiro. Isto aconteceu várias vêzes enquanto procurávamos algumas ferramentas em nosso percurso ao longo da rua Direita, onde em cada duas casas há uma loja de ferragens com fornecimentos de Sheffield e Birmingham.

22 [de janeiro]. — O aniversário da Princesa foi celebrado com tiros de canhão, uma revista militar e uma recepção. O cap. Prescott, da *Aurora* e o cap. Graham compareceram. Parece que o Príncipe tomou pouco conhecimento, ou nenhum, dos inglêses. Acho mais provável que os brasileiros estejam desconfiados de nós por causa de nossa longa aliança com Portugal. Além disso êles invertem a máxima: “os que não estão contra nós estão conosco”, e pensam que, pelo fato de não estarmos por êles, estamos contra êles⁽⁹¹⁾.

(91) Soube depois disso que algumas expressões calorosas de atenção pessoal e simpatia empregadas por um oficial inglêz (que, porém, não pertencia quer à *Aurora*, quer à *Doris*) a um português, com o qual tinha um ligeiro conhecimento,

24 [de janeiro]. — Partimos pela madrugada para a Bahia. Foi uma das belas manhãs dêste belo clima, e a notável serra que fica por trás do Pão de Açúcar, via-se melhor e com mais realce à luz matutina. A extrema beleza desta terra é tal que é impossível deixar de falar e pensar nela para sempre; não há curva que não apresente algum panorama tão belo quanto novo; e se um país montanhoso e pitoresco tem, realmente, mais que os outros, o poder de atrair seus habitantes, os fluminenses deveriam ser tão grandes patriotas quanto quaisquer outros no mundo.

8 de fevereiro, Bahia. — Depois de uma quinzena de viagem, cujos dois primeiros dias foram calmos, seguidos de um vento rijo, que durou perto de três dias, ancoramos hoje na baía de Todos os Santos, que nos pareceu tão alegre como sempre. A eleição do novo Governo Provisório se deu ontem, em plena paz, e dos sete membros da junta só um é nascido em Portugal.

Observo que a linguagem dos escritores de gazetas é muito mais ousada que a do Rio, e penso que há aqui um espírito realmente republicano em número considerável de pessoas. Se êle se estende através da província, não posso julgar; afirmam-me, porém, que o desejo de independência e a decisão de conquistá-la, é universal.

10 [de fevereiro]. — Fomos a terra ontem. O avanço da estação amadureceu as laranjas e mangas desde que deixamos a Bahia, mas aumentou o número de insetos, de modo que as noites não são mais silenciosas. O assobio, o chilrear, e o zumbido dos grilos besouros e gafanhotos não cessam da manhã ao pôr do sol. E durante o dia inteiro as árvores e flôres estão cercadas de miríades de brilhantes asas. Os insetos mais destrutivos são as formigas. Tôdas as variedades delas que podem prejudicar a vida vegetal se encontram aqui. Algumas formam ninhos, como imensos cones pendentes entre os galhos

na ocasião de seu embarque para a Praia Grande, havia levado os portuguezes a crerem que elas tinham uma significação maior e que, em caso de necessidade, os ingleses se jurtariam aos portuguezes. Isto no menos foi sussurrado na e dace e muito naturalmente agravou a desconfiança mantida contra nós.

das árvores. Uma galeria recoberta de barro sobe pelo tronco acima desde o solo. Outras circundam os troncos e galhos maiores com seus ninhos. Muitas mais moram sob a terra. Eu vi, numa única noite, a mais florescente das laranjeiras ser destituída de tôdas as fôlhas por esta maligna criatura.

16 [de fevereiro]. — Partimos da Bahia, deixando cada coisa, segundo tôdas as aparências, quieta⁽⁹²⁾, e como os ingleses não mantinham nenhuma apreensão^(*), houve um baile dado pelo cônsul, outro por Mrs. N., e um terceiro por Mrs. R., a cada um dos quais compareceram tantos de nossos rapazes quantos puderam desembarcar e gostaram muito. Tivemos alguns passeios a cavalo muito agradáveis no interior. Eu pretendia, se possível, visitar uma imensa massa, que dizem ser semelhante às pedras meteoríticas caídas em diferentes partes do mundo, de modo que se pensa que é também uma delas, ainda que pese muitas toneladas. Esperava obter um pedaço dela. Mas verifiquei que ficava perto de Nazaré da Farinha, do outro lado da baía e muito ionge para a nossa atual visita à Bahia. Da primeira vez que vim à Bahia não pude sequer saber onde ela estava, tão pouco interessados são aqui meus patrícios sôbre cousas que não dão lucro^(**).

24. Rio de Janeiro. — Nada de notável ocorreu na nossa ida à Bahia. Os estudos prosseguem muito bem, tanto em relação aos mestres quanto aos estudantes. Como estamos todos com saúde tolerável, encaramos com não pequeno prazer nossa viagem ao Chile

(92) Muito pouco tempo depois de partirmos, creio que um dia ou dois, romperam os distúrbios na Bahia, que duraram até 2 de julho de 1823.

(*) A reunião da Junta em que romperam as hostilidades entre o brigadeiro Inácio Luís Madeira de Melo e o partido brasileiro deu-se a 18 de fevereiro. (BRÁS DO AMARAL, *Op. cit.*, pg. 61).

(**) Parece referir-se ao meteorito Bendegó. As informações obtidas pela Autora continuaram, porém, imprecisas. Este meteorito foi localizado em 1784, nos serões de Monte Santo, e não perto de Nazaré. Tentou-se transportá-lo no ano seguinte, sem êxito. Foi examinado, em 1810, por A. F. Mornay e por Spix e Martius em 1820. Transportado para o Rio de Janeiro, por iniciativa da Sociedade de Geografia e benemerência do visconde de Guaf, figura hoje no Museu Nacional. Há interessante relatório do comandante José Carlos de Carvalho sôbre os trabalhos do transporte. *Revista do Museu Nacional*, n.º 3, abril de 1945, pg. 4).

para qual nos estamos preparando. Durante nossa ausência o Príncipe Dom Pedro foi muito ativo, e licenciou tôdas as tropas portuguezas. Recusaram-se elas a embarcar nos navios destinados a conduzi-las à Europa. Ao que S. A. R. fez com que uma fragata carregada ancorasse em frente aos quartéis delas e foi para bordo, êle próprio, na noite antecedente à manhã marcada por êle para o embarque. O barco a vapor destinava-se a rebocar os transportes em caso de necessidade e diversos barcos armados estavam colocados de modo a dominar os acampamentos dos regimentos rebeldes, enquanto um corpo de soldados brasileiros estava estacionado nas vizinhanças. O Príncipe passou a maior parte da noite em seu barco, e dispôs tudo de modo a cumprir sua ameaça de que, se os portuguezes não estivessem todos embarcados às oito horas da manhã seguinte, êle lhes daria um tal almôço de balas brasileiras que os tornaria felizes por deixarem o país. Isto êle foi levado a dizer por causa de uma mensagem dos oficiais e dos soldados portuguezes, entregue insolentemente nessa mesma noite, pedindo mais tempo para prepararem a viagem. Vendo S. A. R. numa tal atividade, que difficilmente poderiam acreditar, acharam êles mais prudente fazer como lhes era mandado e, em consequência, embarcaram, para não pequena satisfação dos brasileiros, que há muito os detestavam cordialmente.

Sexta-feira, 1.º de março. — O tempo está agora extremamente quente, o termômetro chega raras vêzes abaixo de 88º, e tivemos a bordo 92º Fahrenheit. O cap. Graham teve um leve ataque de gota, razão pela qual não desembarquei desde a nossa volta da Bahia; mas como êle está hoje um pouco melhor, insistiu em que eu acompanhasse um grupo de nossos rapazes numa excursão pela baía para ver uma fazenda e um engenho.

À uma hora, nosso amigo Sr. N. procurou-nos com uma grande embarcação do país, melhor para êsses fins que os nossos barcos de bordo. Aquelas embarcações têm um toldo alto e dois remos grandes, triangulares, são manobrados, conforme o tamanho, por quatro, seis,

oito ou mais negros, além do homem do leme. Os remadores erguem-se a cada remada e depois atiram-se de costas em seus assentos. Creio ter ouvido de atuais oficiais de marinha ser esta a maneira de remar antigamente os barcos de almirante na Inglaterra. Os remadores são aqui negros por tôda a parte, alguns livres, e donos de seus barcos, outros escravos, que são obrigados a levar para casa uma quantia diária fixa, que passa para os patrões. Estes passam uma vida de total indolência, e são assim alimentados pelos seus escravos.

O lugar para onde estamos indo é Nossa Senhora da Luz, cêrca de doze milhas do Rio, para o fundo da Bahia, perto da bôca do rio Guaxindiba, rio êsse que nasce na serra de Taipu, e ainda que seu curso direto seja sòmente de cinco milhas, suas voltas medem vinte ou mais. É navegável e suas margens são espantosamente férteis(*).

A tarde estava encantadora e passamos através de muitas ilhas risonhas e promontórios alegremente arborizados, coalhados de jardins e casas de campo e de onde partem cada manhã para a cidade provisões, em inúmeros barcos e canoas através da baía. Nossa primeira impressão de N.^a S.^a da Luz foi uma alta margem vermelha, meio coberta de grama e árvores, erguendo-se sôbre a água no sol da tarde, tal como Cuypp(**) teria escolhido para um quadro. No momento em que eu estava desejando alguma coisa para dar-lhe animação, surgiram os bois pertencentes ao engenho e desceram para beber e

(*) O rio Guaxindiba, que "nasce na serra de Taipu, recebe à esquerda o Alcântara e, depois de um curso de quatro milhas, a maior parte navegável, vai desaguar uma légua e meia acima do precedente". (Augusto Fausto de Sousa, 'A baía do Rio de Janeiro', *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.* Tomo XLIV, parte II, pg. 88).

O porto de N.^a S.^a da Luz fica ao sul da foz do Guaxindiba, na ponta de Itaocara. Aí existia uma residência de jesuítas, hoje propriedade particular. (A. MOREIRA PINTO, *Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil*. Rio, 1896, II, pg. 139).

O rio Guaxindiba foi visitado pelo príncipe de Wied-Neuwied que a êle se refere em seu livro de viagens. (*Reise nach Brasilien*, Francfort, 1820; trad. brasil. de E. Süsskind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1940, pg. 44.) Também o menciona JOHN LUTCOCK, *Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil*, Londres, 1820; trad. brasileira de Milton da Silva Rodrigues, São Paulo, 1942, pg. 206.

(**) Albert Cuypp (1605-1691), famoso paisagista holandês. Vários quadros seus figuram na *National Gallery* de Londres.

refrescar-se na baía, completando assim a cena. O gado é aqui grande e bem conformado, um tanto como a nossa raça Lancashire, e de côres variadas, ainda que predominantemente vermelho. Ao dobrar um promontório à margem, chegamos a uma igrejinha branca, com algumas árvores veneráveis em tórno(*) ; além dela ficava a casa, com uma comprida varanda, sustentada por colunas brancas, e, ainda adiante, o engenho de açúcar, a cerâmica e a olaria. Desembarcamos junto à casa ; mas como a praia é rasa e lamacenta fomos carregados para a praia pelos negros. Não há nada mais belo que a paisagem aqui. Da varanda, além do primeiro plano doméstico e pitoresco, vemos a baía manchada de ilhas rochosas. Uma delas, chamada Itaoca, é notável por ter sido, na opinião dos índios, a residência de uma pessoa divina. Está ligada às tradições relativas ao benfeitor Zome [Sumé], que lhes ensinou o uso da mandioca e em quem os primeiros missionários aqui imaginaram ver o apóstolo S. Tomé(**). Consiste em uma imensa pedra rachada de alto a baixo e um pequeno espaço de terra e areia em volta, no qual há árvores e arbustos da mais fresca verdura ; algumas outras ilhotas são lisas e outras têm, de novo, casas e lugarejos. O conjunto da cena é limitado pela Serra dos Órgãos, cujos cumes enroscados e fantásticos, atraindo as nuvens que passam, proporcionam uma permanente mudança para os olhos.

Verificamos que devido à nossa negligência em mandar previamente um aviso de nossa visita, nem o proprietário, nem sua *house-keeper* estavam em casa. Contudo,

(*) Ao descrever as margens da baía de Guanabara, escreve Fausto de Sousa (*loc. cit.*) que, a partir da praia da Luz, a margem volta-se para o norte, apertada entre morros e "chegando à velha capela, curva-se para formar a aprazível enseada de Itaoca, apresentando um arco de círculo cujo centro é a ilhota conhecida pelo nome de Itaquinha, e termina no promontório de Itaoca, do cimo do qual se descortina admirável vista sôbre o fundo da baía e arquipélago de Paquetá". Dessa ponta em diante a praia é baixa e lodosa e vai ter à embocadura do Guaxindiba, cêrca de uma légua para o nordeste.

(**) Refere-se à lenda de Sumé, personagem misteriosa que, antes do descobrimento, teria transmitido aos índios noções de agricultura e preceitos de moral. Os primeiros jesuitas aventaram sua identificação com o apóstolo São Tomé. Em vários lugares do Brasil existem marcas em pedra atribuídas à passagem dessa personagem. (Luís DA CÂMARA CASCUO, *Dicionário do folclore brasileiro* Rio, Inst. Nac. do Livro, 1954, pg. 589).

o Sr. N., como velho amigo, dirigiu-se ao gainheiro e deu ordens para uma excelente refeição. Enquanto ela se preparava, fomos ver a cerâmica, que faz somente rude louça vermelha. A roda usada aqui é a mais grosseira e primitiva que já vi e o oleiro é obrigado a sentar-se ao lado dela. O barro tanto para os potes como para os tijolos é extraído do local. É rude e vermelho, e amassado com os pés dos burros, mas em tudo que usamos ferramentas são empregadas aqui as mãos nuas dos negros. Os fornos para assar os tijolos e potes são em parte escavados no morro e fechados na frontaria com tijolos. Deixando a olaria, galgamos o morro que assinala a primeira aproximação de Nossa Senhora da Luz; ao subirmos o íngreme e rude flanco, nossos cães perseguiram um rebanho de carneiros, de modo tão pitoresco e precioso como o próprio Paul Potter(*) o teria desejado. Eles haviam estado jazendo em volta da raiz de uma imensa acácia velha, decorada de inúmeras parasitas, algumas das quais penduradas como hera do tronco e outras trepando até os altos ramos e dali caindo em guirlandas sedosas e cinzentas, ou como as tiliândsias, adornando-a com centenas de flôres côr de rosa e brancas. No meio disto muitas formigas e abelhas haviam feito ninho e tudo estava transbordando de vida e beleza.

A lua ia alta muito antes de voltarmos de nossa excursão e muito antes da chegada de nosso hospedeiro. Se o embaixador de Nápoles que disse a Jorge III que a lua de seu país valia o sol da Inglaterra tivesse estado no Brasil, eu quase poderia perdoar a hipérbole. A luz clara e suave agindo em tal cenário e a fresca e confortadora brisa da tarde, depois de um dia de calor intolerável, tornam, de fato, a noite o momento de prazer neste clima. Nem eram desagradáveis os rudes cantos dos negros, a carregarem os barcos que deviam estar prontos para zarpar para o pôrto com a brisa de terra matutina.

Quando estávamos olhando a baía, apareceu um barco maior: aproximou-se da costa e nosso hospedeiro,

(*) Paul Potter (1625-1654), famoso animalista holandês. Vários de seus quadros encontram-se na Galeria Real de Haia.

Sr. Lewis P., que administra a fazenda, desembarcou e recebeu benévola e nossas desculpas por virmos sem aviso prévio. A visita fôra há muito combinada, mas nossa estada no Rio anunciava-se agora tão curta que, se não tivéssemos vindo hoje, talvez não pudéssemos mais fazê-lo. Conduziu-nos êle ao jardim, onde ficamos até que o jantar ficou pronto. Os guardas-marinha nunca haviam encontrado tantas laranjas e fizeram-lhes ampla justiça. As frutas e verduras da Europa e América, das zonas temperada e tórrida, encontram-se aqui. Nem estão esquecidas suas flôres; por cima de pequeno canteiro, uma laranjeira e um tamarindeiro ensombravam um agradável banco; junto a êle, um tanto à maneira oriental, ergue-se o muro do poço rebocado de branco e coroado com potes de flôres, cheios de rosas e ervas.

[Sábado], 2 [de março]. — Acordei de madrugada e andei a cavalo com Mr. N. pela fazenda, enquanto Mr. Dance, meu primo Glennie e dois rapazes iam caçar no pântano à beira do rio.

Cada volta em nosso passeio revelava um novo e variado panorama à nossa vista: ao pé, o canal luxuriante, adiante as laranjas amadurecendo e as palmeiras; em tórno e espalhados pela planície arejada pelos ventos de Guazindiba [Guaxindiba], os limoeiros, as goiabeiras e um milheiro de esplêndidos e odorosos arbustos alindavam o caminho. Mas tudo é novo aqui. As linhas extensas das casas de fazenda, que aqui e ali ressaltam da solidão da natureza, não sugerem nenhuma associação com qualquer idéia de melhoria, tanto no passado como no presente, nas artes que civilizam ou que enobrecem o homem. As mais rudes manufacturas, mantidas por escravos africanos, metade dos quais importados recentemente (isto é, ainda sofrendo com a ausência de tudo que dá valor à casa, mesmo de um selvagem), são os únicos sinais de aproximação do progresso. E, ainda que a natureza seja ao menos tão bela como na Índia ou na Itália, a falta de qualquer relação com o homem, como ser intelectual e moral, retira-lhe metade do encanto. Voltei contudo bem satisfeita de meu passeio, e encontrei

meus jovens esportistas não menos satisfeitos com a excursão da manhã; não que tivessem matado narcejas, como pretendiam, mas tinham caçado um enorme lagarto (*Lacerta Marmorata*), de uma espécie que não haviam visto até então. Tinham encontrado o grande caranguejo de terra (*Ruricola*) e haviam trazido uma ave de contra-mestre, espécie de pelicano (*Pelicanus Leucocephalus*), que pretendiam empalhar. Em consequência, depois do almoço, como o tempo estava muito quente para prosseguir, o pássaro e o lagarto foram ambos esfolados e as espingardas limpas. Eu fiz um esbôço da paisagem.

À tarde fiz um longo passeio a um ponto de onde se avista distintamente tôda a baía com a cidade ao longe. No caminho paramos numa casa de campo onde o Sr. P., que é aqui literalmente "rei, sacerdote e profeta", tinha uma investigação a fazer em relação à saúde dos moradores. Eram êles dois negros envelhecidos a serviço da fazenda e hoje inúteis. Vi exemplos de alguns nesse caso serem libertados, isto é, jogados portas a fora para morrer de fome. Estes aqui teriam direito, pelas regras da fazenda, se não pela lei, a receber diariamente a ração dos negros que trabalham, mas êles não o quiseram. De fato vivem numa cabana em terras do senhor, mas sustentam-se com a criação de algumas aves e com a fabricação de cestas: tão caro é o sentimento de independência, mesmo na idade madura, na doença e na escravidão.

Domingo, 3 [de março]. — Saí antes do almoço em companhia de um carpinteiro negro como guia. Este homem, de alguma instrução, aprendeu seu ofício de modo a ser não só um bom carpinteiro, mas também um razoável marceneiro. Em outros assuntos revela uma rapidez de percepção que não dá fundamento à pretendida inferioridade da inteligência negra. Fiquei muito grata às observações que êle fêz sobre muitas coisas que achei novidades, e à perfeita compreensão que parecia ter de todos os trabalhos de campo. Depois do almoço, assisti à revista semanal de todos os negros da fazenda. Distribufram-se camisas e calças limpas aos

homens; blusas e saias às mulheres, de algodão branco muito grosso. Cada um, à medida que entrava, beijava a mão do Sr. P. e curvava-se diante d'êlê dizendo: "A bênção, meu pai" ou "Louvados sejam os nomes de Jesus e Maria" e recebia em resposta respectivamente: "Deus te abençoe" ou "Louvados sejam". Êste é o costume nas velhas fazendas: é repetido de manhã e à noite e parece estabelecer uma espécie de parentesco entre o senhor e o escravo. Deve diminuir os males da escravidão quanto a um, a tirania do patrão quanto a outro, reconhecer assim, acima de todos, o Senhor, do qual ambos dependem.

À medida que cada escravo era passado em revista, faziam-se algumas perguntas relativas a êle próprio, sua família, se êle a tinha, e seu trabalho. Cada um recebia uma quantidade de rapé ou tabaco, segundo a preferência. O Sr. P. é uma das poucas pessoas que encontrei a conversar no meio dos escravos, e que parece ter feito d'êles objeto de atenção racional e humana. Contou-me que os negros crioulos e mulatos são muito superiores em diligência aos portuguezes e brasileiros, os quais, por causas não difíceis de serem imaginadas, são, pela maior parte, indolentes e ignorantes. Os negros e mulatos têm fortes motivos para esforçar-se em todos os sentidos e serem, por consequência, bem sucedidos naquilo que empreendem. São os melhores artífices e artistas. A orquestra da ópera é composta, no mínimo, de um têrço de mulatos. Tôda pintura decorativa, obras de talha e embutidos são feitos por êles; enfim, execelem em tôdas as artes de engenho mecânico.

À tarde acompanhei o Sr. P. para ver os negros receberem a ração diária de comida. Consistia em farinha, feijão e carne sêca, uma quantidade fixa de cada coisa por pessoa. Um homem pediu duas rações em vista da ausência do vizinho, cuja mulher pedira que lhe fôsse enviada sua quota para estar preparada quando êle voltasse.

Algumas perguntas feitas pelo Sr. P. acêrca dessa pessoa, induziram-me a perguntar sua história. Parece que é êle um mulato remador, o escravo de mais confiança

da fazenda, e rico, porque foi tão industrioso que conseguiu uma boa porção de propriedade privada, além de cumprir seus deveres para com o senhor. Na sua mocidade, e ainda não é velho, havia-se ligado a uma negra crioula, nascida, como êle, na fazenda; mas não se casou com ela senão quando obteve bastante dinheiro para comprá-la, de modo que seus filhos, se os tivesse, nascessem livres. Desde êsse tempo enriqueceu bastante para comprar a sua própria liberdade, mesmo peio alto preço que um escravo como êle deve alcançar, mas o seu senhor não lhe quer vender a alforria, por serem os seus serviços valiosos demais para dispensá-los, apesar de sua promessa de ficar trabalhando na fazenda. Infelizmente, esta gente não tem filhos. Portanto, pela morte dêles, a propriedade, agora considerável, reverterá ao senhor. Se tivessem filhos, como a mulher é livre, êles poderiam herdar a propriedade materna e não há nada que possa impedir ao pai transferir à esposa tudo o que possui. Gostaria de ter o talento de escrever uma novela a respeito dessa história de escravos; mas os meus escritos, como os meu desenhos, não conseguem ir além da descrição da natureza e permito que melhores artistas possam aproveitar o assunto.

A noite foi muito tempestuosa. Nuvens pesadas haviam coberto a serra dos Órgãos; fortes relâmpagos, chuva violenta e vento ruidoso ameaçaram a fazenda com uma noite de terror. Mas tudo passou, como visão da grande e brilhante beleza de uma tempestade elétrica numa terra montanhosa; quando a lua rompeu através das nuvens, a noite parecia, em contraste com as últimas poucas horas, ainda mais encantadora do que antes.

"Sable clouds

*Turned forth their silver lining on the night,
And cast a gleam over the tufted grove(*)".*

Foi então, quando ouvi sons de música, — não exatamente como um éco do poema de Milton com a

(*) "As nuvens negras avançavam o seu revestimento prateado na noite e lançavam um raio de luz sobre a alameda copada".

melodia de Henry Lawes(*), com que a noite e o espectáculo me haviam feito sonhar, — mas a voz dos escravos, em noite de férias, enganando seus sofrimentos com cantigas estranhas tocadas em rudes instrumentos africanos. Tomando um de meus companheiros de bordo, fui logo às cabanas dos escravos casados, onde se realizava a função e encontrei os grupos a brincar, a cantar e a dançar à luz da lua. A veneração supersticiosa por êste belo planeta dizem ser bem generalizada na África, tal como pelas Plêiades entre os índios do Brasil; provavelmente os escravos, ainda que batizados, dansam para a lua lembrando-se de casa. Quanto aos instrumentos, são as coisas menos artificiais que jamais produziram sons musicais. E contudo não produzem efeito desagradável. Um é simplesmente composto de um pau torto, uma pequena cabaça vazia e uma só corda de fio de cobre. A bôca da cabaça deve ser colocada na pele nua do peito, de modo que as costelas do tocador formam a caixa da ressonância, e a corda é percutida com um pauzinho(**). Um segundo tem mais a aparência de um violão: a cabaça vazia é coberta com uma pele; tem um cavalete e duas cordas; é tocado com os dedos. Um outro, da mesma classe, é tocado com um arco; não tem senão uma corda, mas é trasteado com os dedos. Todos êles são chamados gourmis [sic.]. Havia, além dêles, tambores feitos de escavações em troncos de árvores, de quatro ou cinco pés de comprido, fechados de um lado com madeira e recobertos de pele do outro lado. Para tocá-los, o tocador põe o instrumento no chão, monta em cima, e bate o ritmo com as mãos para seu próprio canto ou para o som dos gourmis(***). A pequena marimba tem um som

(*) Henry Lawes (1596-1662), músico inglês. Musicou o poema *Comus* de Milton em 1634.

(**) A descrição confere com o berimbau de barriga, ainda encontrado em várias regiões do Brasil, como Bahia, Maranhão e Minas Gerais. É o instrumento dos capoeiras. (L. DA CÂMARA CASCUDO, *Op. cit.*, pg. 99).

(***) Os "grandes tambores cilíndricos, de tronco escavado", eram chamados em Ang. "a ngomba ou ngombas" e na Luanda *Angoma*, com vários tipos. Havia também o *mondo*, feito de um cilindro de madeira escavado. (ARTHUR RAMOS, *Introdução à antropologia brasileira*, 1.º vol. Rio, 1943, pg. 449). Tambores do tipo descrito pela autora ainda viu o tradutor em uso, no Estado do Rio, com o nome de *caxambu*, — nome, aliás, que também se atribui à dança para a qual são utilizados.

muito doce. Em uma peça chata de madeira sonora, fixa-se um pequeno cavalete e a êste se amarram pequenas chapas de ferro, de diversos tamanhos, de modo que ambos os lados vibrem sôbre a tábua, sendo um mais largo e mais elevado que o outro. Êste lado largo é tocado com os polegares, sustentando-se o instrumento com ambas as mãos. Todos êles são tocados de modo peculiar e com grande nitidez, especialmente a marimba⁽⁹³⁾, mas como não sou música não sei explicar os seus métodos.

4 [de março]. — Fiquei realmente muito triste esta manhã pelo nascer do sol, ao ver os barcos prontos para levarem-nos de N.^a S.^a da Luz onde havia aproveitado nossos três dias tanto quanto possível, em boa companhia, com um anável anfitrião, o tempo livre e sem nenhuma obrigação, tal como poderia convir aos habitantes do castelo da indolência, “onde cada qual vagabundeava da maneira mais agradável”.

*“There freedom reigned without the least alloy;
Nor gossip's tale, nor ancient maiden's gall,
Nor saintly spleen, durst murmur at our joy,
And with envenomed tongue our pleasures pall.
For why? There was but one great rule for all;
To wit, that each should work his own desire(*)”*

Voltamos ao navio por caminho diferente do que viéramos, através do arquipelago de lindas ilhas na parte

(93) O mais simples dêsses instrumentos de corda e duas espécies de marimbas encontram-se na obra do jesuita BONNANI, *Cabinetto Armonico*, impressa em Roma, 1772 e dedicada ao Santo Rei Davi. A marimba grande consiste num grande quadro de madeira, no qual certo número de canas ocas, com cêrca de nove polegadas, se collocam com a boca para cima. Através dêsses extremos abertos collocam-se pedaços de madeira sonora, que tocadas com nutras produzem um som agradável como as harmônicas de madeira de Malaca. O conjunto é suspenso ao pescoço, como o saltério do velho na *Dansa da Morte*. Cada nação de negros tem seus instrumentos peculiares, que seus exilados introduziram aqui. Cada tribo elege anualmente um rei ao qual o povo presta obediência, em pouco à maneira da monarchia cigana. Antes de 1806 a eleição se processava com grande cerimônia e festas, e ás vèzes, briga, no Campo de Sant'Ana, e o rei de todos ficava sentado durante o dia no centro da praça sob um intenso guarda-sol official. O festival foi hoje abolido.

(*) “Reinava ali a liberdade em tôda pureza.
Nem a paltração, nem o enframento das solteironas,
Nem a beatice melancólica, podia murmurar contra nossa alegria.
E, com língua venenosa, estragar nossos prazeres
Por quê? Não havia senão uma grande regra para todos:
Agir com sabedoria, de modo que cada um realizasse o seu desejo”.

oriental da baía. Tive o prazer de encontrar o capitão realmente melhor, ainda que com os pés ainda um pouco fracos.

6 [de março]. — O navio de Sua Majestade, *Slaney*, sob o comando do capitão Stanhope, partiu do Rio.

7 [de março]. — O *Superb* chegou de Valparaíso; não traz nenhuma notícia de importância. Mesmo que tivesse trazido, estamos em difícil situação de providenciar: passamos tôda a noite com B., um de nossos guardas-marinha, que está gravemente doente.

8 [de março]. — Como o cap. Graham não se está sentindo capaz de deixar o navio, fui com o cap. Prescott, da *Aurora*, visitar o comodoro francês Roussin, a bordo do *Amazonas*. Poucas vêzes fiquei tão satisfeita. Os comandantes dos outros navios franceses ali estavam para receber-nos. A urbanidade dos franceses, reunida à deliciosa franqueza própria da profissão, asseguravam-nos uma boa recepção. O mesmo navio, em tôdas as partes que visitamos, é um modelo de tudo que pode ser feito, seja nos estaleiros de nossos países, seja por oficiais embarcados, para conforto, saúde e limpeza, além de ser bom como navio de guerra. O capitão, contudo, é um homem superior, e é preciso visitar os navios de tôdas e quaisquer nações para encontrar quem lhe seja semelhante. Gostaria que fôsse possível introduzir em nossos navios o forno no tombadilho inferior, que fornece pão fresco duas vêzes por semana para tôda a gente do navio, não somente por causa do pão, mas pelo aquecimento que deve arejar e ventilar o navio.

9 [de março]. — A esquadra portugêsa que veio de Lisboa, com um reforço de tropas, chegou ao pôrto. As guarnições dos fortes na entrada foram reforçadas e os navios foram impedidos de entrar, mas prometeram-lhes mantimentos e água para conduzi-los a Lisboa^(*).

(*) A esquadra era comandada pelo chefe de divisão Francisco Maximiliano de Sousa e as tropas pelo coronel Ant6nio Joaquim Rosado. Consta da nau *D. João VI*, da fragata *Real Carolina*, duas charruas e dois transportes, com 1 250 praças. Recebeu ordem de fundear entre as fortalezas e logo mandou Dom Pedro que viessem apresentar-se em palácio os dois chefes. Ali assinaram um

Estive em terra o dia inteiro ocupada com preparativos de nossa partida para Valparaíso. Como o capitão Graham não estava bem para se aventurar fora do navio, assumiu o encargo de servir de enfermeiro em meu lugar. Voltei tarde. Encontrei B. gravemente doente e o capitão Graham muito incomodado.

Recebi muitas pessoas a bordo e despedi-me de muitas outras.



Extremidade de uma ilha na baía do Rio de Janeiro

10 [de março]. — Partimos do Rio, ao raiar do dia com plena esperança de que o tempo fresco que encontraremos ao contornar o cabo Horn e o bom clima do Chile nos farão bem a todos. Não durmo há três noites; meus doentes estão em tal estado que a vigilância durante a noite lhes é necessária.

térmo em que se comprometeram a reconhecer a autoridade do Príncipe e a não se envolverem nas disposições governativas sob pe na de não obterem mantimentos para o regresso. Ordenou-lhes, ainda, Dom Pedro que entregassem a *Real Carolina* e permitiu o desembarque dos oficiais, mas não dos soldados, a não ser os que preferissem passar para os corpos do Brasil" (VARNHAGEN, *Hist. da Independ. cit.* pg. 166; EUGÊNIO DE CASTRO, "Centenário da chegada ao Rio de Janeiro da esquadra portuguesa, chefiada por Francisco Maximiliano de Sousa" *Revista do Inst. Histórico e Geogr. Bras.* Tomo especial: *O ano da independência*, Rio, 1922, pg. 133).

13 [de março]. — Em acréscimo às nossas outras preocupações, o primeiro tenente caiu perigosamente doente. Mas o capitão Graham parece melhor, pôsto que não possa ainda vir ao tombadilho.

16 [de março]. — Ontem à tarde o mercúrio do barômetro desceu, num espaço de tempo muito curto, uma polegada inteira e tivemos ventania. O frio aumentou sensivelmente. O termômetro Fahrenheit ficava frequentemente a 92° no ancoradouro do Rio; está agora a 68° e temos muitos doentes. B. vai melhor.

17 [de março]. — O vento e o mar melhoraram, e o barômetro subiu ainda uma vez. O mercúrio permanece a 30 polegadas e dois décimos. Deitei-me às quatro horas estas duas manhãs, porque Glennie amavelmente me substituiu nessa hora em minha vigilância. Tiramos os tampões das janelas das cabines.

18 [de março]. — Tudo vai melhor. A rapaziada de novo nos estudos. Foram tomadas algumas observações da lua. Estamos a $36^{\circ}55'$ de latitude Sul e o termômetro está a 68° , o barômetro a 30-2.

A 19 e 20 o mercúrio do barômetro desceu gradualmente de 30 a 29-02 e subiu como dantes a 21. Soprou vento forte. O termômetro caiu a 58 na latitude de 42° S. Há muitos albatrozes e aves de S. Pedro (*Petrels*) em tôrno do navio.

22. — Latitude $46^{\circ}25'$ S. Longitude $52^{\circ}40'$ W. O clima muito frio, pôsto que o termômetro esteja a 56° e o barômetro a 29-08; grande agitação. Grande número de pombos do cabo em tôrno do navio.

24. — Latitude $50^{\circ}30'$; termômetro a 44° de manhã e à noite. Ao meio dia 47° . Vendo hoje dois pinguins pensamos que havia terra próxima, mas não encontramos fundo a cem braças. O clima frio parece ter um bom resultado em nossos doentes. O termômetro caiu súbitamente e seguiu-se um forte vento S. O. Alegramo-nos em acender fogo na cabine.

Estou triste por têmos passado tão longe da vista das ilhas Falkland, terra virgem de Sir John Hawkins^(*). A idéia de ver uma cidade abandonada, no estado que estava, por todos os seus habitantes ao mesmo tempo a ponto dos animais domésticos se tornarem selvagens, tem algo de romântico. Pareceria a realização do conto árabe do Príncipe de Mármore e, como curiosidade verdadeira, acompanha de perto a descoberta dos estabelecimentos perdidos na Groenlândia. Não conheço nada que mais agrade a imaginação do que as situações que, aproximando períodos distantes de tempo, os coloca como se estivessem imediatamente ao nosso alcance. Lembrome que há alguns anos passados, ao passar um dia inteiro em Pompéia, sem outra companhia que o meu guia, tornei-me tão íntima dos antigos romanos, de seus caminhos e seus hábitos, que me senti, quando voltei para casa em Nápoles, com seus *lazzaroni* e seus viajantes ingleses, como suponho que se sentisse um dos sete que dormem se fôsse comprar pão, com moeda de há cinco séculos. Quanto às cidades de mármore da África Muçulmana, quando consideramos estarem expostas ao siroco, e lemos as experiências de Do'omeu sobre a atmosfera, durante a duração dêsse vento em Malta, encontramos uma razão mais que provável para sua existência, tal como é referida.

25 [de março]. — Latitude 51°58', longitude 51°0, termômetro a 41°. Ventos fortes de SO e mar grosso. Enquanto nossos amigos na Inglaterra estão esperando a primavera, seus dias alegres e claros e primeiras flôres, estamos a navegar para regiões geladas, onde a própria cobiça foi forçada a desistir de colônias semi-formadas por causa da severidade do clima. Estamos envolvidos por um mar escuro e violento. Acima de nós um céu frio, denso e escuro. O albatrós, a procelária e a procelária pintada são nossos companheiros. Contudo, há um prazer em vencer as ondas que parecem irresistíveis e em lutar assim com os elementos. Esqueço-me de qual é o

(*) Navegador do tempo da rainha Elisabeth I. Nasceu em cerca de 1520. Detém o triste título de ter sido o primeiro inglês que se empenhou no tráfico de escravos da África para as Índias Ocidentais.

escritor que observa que o sublime e o ridículo são contíguos. Estou certa de que muito se aproximam no mar. Se olho para fora, vejo o objeto mais grandioso e mais sublime na natureza — o oceano que ruga com toda sua força e o homem, com toda a honra e dignidade, com todos os poderes da inteligência e do corpo a lutar com êle, e a dominá-lo. Depois olho para dentro, em torno de meu pequeno lar da cabine, e cada jôgo do navio causa acidentes irresistivelmente burlescos. Apesar dos aborrecimentos que trazem consigo, ninguém pode evitar o riso. Às vêzes, apesar de todas as precauções usuais, de acolchoados e toalhas, a mesa do almôço é de repente despojada de metade de sua carga, que se localiza nos buracos dos costados dos navios de sotavento, para onde o cesto de carvão e seu conteúdo tinham sido lançados momentos antes. Vinham depois os desastres da sala de aula, com tinteiros emborcados, ardósias quebradas, livros rasgados e lugares perdidos, a perda de muitos cálculos penosos e outros males estranhos em sua espécie, mas extremamente risíveis, especialmente como o que aconteceu agora mesmo, quando o professor ficou estendido a fio comprido no tombadilho, no momento em que repreendia os alunos pelo mau trato que davam aos livros e às ardósias nestas caprichosas circunstâncias.

28 [de março]. — Latitude $52^{\circ}26'$ S., longitude $56^{\circ}11'$ O. . O Capitão Graham e o primeiro tenente ainda bem doentes ambos. À uma hora esta madrugada o mercúrio do barômetro desceu a 28-09; às sete subiu de novo a 29-01. O termômetro está a 38° Far., e temos rajadas de neve e granizo e mar pesado. Há bandos de pássaros muito pequenos em torno do navio e vimos muitas baleias.

30 [de março]. — Latitude $56^{\circ}51'$ S., Longitude 59° W.; o termômetro a 30° esta manhã e a 32° ao meio dia. Violento vento de SO, a única vez que tivemos vento rijo desde que deixamos a Inglaterra. Almoçamos deitados no tombadilho da cabine e não foi possível firmar nada na mesa. Clarke, um dos quartéis-mestres, quebrou duas costelas numa queda do tombadilho, e

Sinclair, homem fortíssimo, após uma hora ao leme, foi transportado como doente. Fizemos luvas para os homens do leme, de linho grosso, forrado de fazenda grossa. A neve e as refregas de vento com saraiva são muito severas: forma-se gêlo em cada dobra das velas. Isto é duro para os homens, especialmente logo depois de deixar o Rio, no momento mais quente do ano.

Ontem de manhã, uma hora antes do nascer do sol, viu-se um brilhante meteoro a sudoeste. Pensou-se primeiro que fôsem sinais luminosos de um navio grande e depois o oficial de quarto pensou que fôsse uma luz azul, e não tivemos dúvida que fôsse *Sir T. Hardy* na *Crede*. Ficou muito tempo estacionário, depois perdeu-se por trás das nuvens e reapareceu entre elas cêrca de 10° de altura, quando desapareceu⁽⁹⁴⁾.

1.º de abril. — Latitude 57°46'. O clima muito mais suave e moderado. Nossos rapazes apanharam certo número de aves, especialmente procelárias; a *P. Pelagica*, ou galinha de *Mother Cary's*, é a menor; a *P. Pintada* é a mais alegre na água; mas a *P. Glacialis*, ou *fulmer*, é a mais bela quando trazida para bordo. Não cesso de admirar a beleza delicada das penas brancas como neve, sêcas e imaculadas no meio das ondas salgadas. Os poetas não se conformavam com serem as regiões polares, tanto árticas como antárticas,

"A bleak expanse,
Shagg'd o'er with wavy rocks, cheerless and void
Of ev'ry life(*)";

contudo, ao aproximar-se do polo norte o Cap. Parry verificou que tal solidão era fremente de vida, e quanto mais ao extremo sul navegamos, mais vida encontramos nas águas. Ontem o mar estava coberto de albatrozes e quatro espécies de procelárias: o pinguim se aproxima de nós, enxames de peixe-porco estão constantemente

(94) Frezier refere ter visto o tal meteoro na latitude 57°30' S. e longitude 69° 0. em 1712.

(*) "Uma fria imensidade, recoberta de rochas flutuantes, tristes e destituidas de qualquer vida".

adejando por nós, e as baleias vêm subindo à superfície e soprando no flanco do navio.

Com o termômetro não abaixo de 30°, sentimos frio excessivo. Ontem de manhã a cordoalha principal estava encaixada em gelo, e as cordas tão geladas depois da saraiva da noite que era difícil lidar com elas. Nunca vi estas coisas, mas lembro-me de descrição feita por Thomson(*) da tentativa de Sir Hugh Willoughby(**) de descobrir a passagem do noroeste, quando

*"He with his hapless crew,
Each full exerted at his several task,
Froze into statues; to the cordage glued
The sailor, and the pilot to the helm(***)".*

Alegrei-me quando foram tirados hoje os tampões das escotilhas, e pude ver o mar azul brilhante, mas ainda violento, agitando-se em amplas vagas, coroadas de topos de neve aos raios do sol. Há muitos dias que não víamos o sol e as aves brancas, a voarem e chilrearem, ou a lutarem com as ondas, enquanto o navio, semelhantemente, ora sobe bravamente ao topo mais alto das ondas, e ora desce tranqüilamente com elas. Estas são as coisas que contemplamos "os que vão pelos mares nos navios e ocupam cargos nos grandes mares". Ninguém pode imaginar, se não sentir, a alegria dos espíritos produzida por um dia claro de sol no mar, depois de uma semana de chuva e neve.

2 de abril. — Alguns minutos depois de meio dia foi assinalado um *ice-berg* a sotavento. Como nunca tinha visto nenhum, fui para o tombadilho, pela primeira vez desde que saí do Rio, para vê-lo⁽⁹⁵⁾. Sua aparência era

(*) James Thomson (1700-1748). Poeta inglês, precursor do romantismo, autor do poema *As estações*.

(**) Sir Hugh Willoughby tentou a passagem do noroeste em 1553.

(***) "Ele, com sua desgraçada tripulação, cada um inteiramente dedicado a seu encargo, gelam como estátuas. A corda gruda-se ao marinheiro, e o piloto ao leme".

(95) No dia 8 passamos por outro, que Glennie avaliou em 410 pés de altura. Estava bastante próximo para vermos as ondas quebrarem-se nêle. Conversando a respeito com os oficiais depois disso — porque no momento estava de fato incapaz de raciocinar a respeito — achei que há motivos para pensar que, em vez de um *ice-berg*, vimos terra no dia 8. Foi visto na latitude de uma ilha visitada por Drake, assinalada em mapas antigos.

a de um morro cônico moderadamente alto, parecendo muito branco sob o céu cinza pálido. Podia estar a doze milhas de nós. A temperatura da água era de 36° do termômetro Fahrenheit, a do ar 38°, no momento em que o gêlo estava mais perto.

Durante alguns dias o balanço violento do navio, causado pelo mar grosso, tornou a escrita e o desenho aborrecidos, pois como diz a canção de Lorde Dorset(*) :

*"Our paper, pens, and ink, and we
Roll up and down our ships at sea(**)".*

Contudo não estamos ociosos. Como na cabine há sempre bom fogo, é ela o ponto de encontro dos doentes e os guardas-marinha entram e saem como querem, como na sala de estudo. Num canto Glennie guarda seus aparelhos para tirar a pele e dissecar os pássaros que apanhamos; e temos constantemente ocasião de admirar as belas invenções da natureza provendo as suas criaturas. Estes imensos pássaros do mar que encontramos tão longe de qualquer terra, têm de cada lado grandes bolsas de ar colocadas abaixo das asas, e nelas se apoiam o fígado, a moela e as entranhas. Em cada moela dos que já abrimos, havia duas pequenas pedrinhas de tamanho desigual, e a moela é muito áspera por dentro. Encontramos mais alimentação vegetal que animal em seus estômagos.

20 de abril, 1822. — Chegamos hoje à costa do Chile. Continuei a escrever meu diário regularmente, mas ainda que perto de dois anos se tenham passado desde que o escrevi, não tenho ânimo para copiá-lo. O de 3 de abril em diante tornou-se o registro de um agudo tormento. De minha parte esperanças e temores alternados através de dias e noites de escuridão e tempestades, que agravam a desgraça dessas horas desgraçadas. Na noite de 9 de abril, pude despir-me, e ir para

(*) Thomas Sackville, 6.º conde de Dorset e 1.º conde de Middlesex — (1638-1706). Poeta e cortesão inglês. Seu mais famoso poema — *To all you Ladies, now at land* — foi escrito durante a guerra naval contra a Holanda em 1665.

(**) "Nossos papéis, nossas tintas e nós mesmos Rolamos acima e abaixo nos navios".

a cama pela primeira vez desde que deixei o Rio de Janeiro. Estava tudo acabado; dormi longamente e descansei; quando acordei foi para tomar consciência de que estava só, e viúva, com um hemisfério entre mim e meus parentes.

Muitas coisas dolorosas ocorreram. Mas tive também conforto. Encontrei simpatia e auxílio fraterno em alguns, e não fui insensível ao comportamento afetuoso de meus rapazes, como eram chamados os guardas-marinha. Tive o consôlo de sentir que nenhuma mão estranha havia fechado os olhos de meu marido, ou amaciado o travesseiro.

Mr. London e Mr. Kift, o cirurgião e o assistente de cirurgião, nunca deixaram a beira do leito e, quando minhas fôrças falharam, meu primo Mr. Glennie e Mr. Blatchly, dois guardas-marinha já aptos para promoção, fizeram tudo que é possível a amigos fazerem.

O Sr. Dance, o segundo tenente, apesar de, por doença do primeiro tenente, ter todos os negócios do navio entregues a êle, encontrou tempo para estar perto do leito de morte de seu amigo, e quer ao meio dia, quer à meia noite, nunca estava ausente onde fôsse preciso mostrar gentileza.

Mas que poderia fazer-me qualquer gentileza humana? Minha consolação precisa vir d'Aquêlê que, a seu tempo, "tirará tôdas as lágrimas de nossas faces"(*).

(*) 23 de abril é a data inicial do *Journal of a residence in Chile during the year 1822.*

SEGUNDA VISITA AO BRASIL

ANTES DE COMEÇAR O DIÁRIO de minha segunda visita ao Brasil, do qual estive ausente um ano e três dias, será necessário dar uma curta narrativa dos principais acontecimentos que ocorreram durante êste ano e que mudaram o govêrno do país.

O Príncipe Regente enviara em vão às Côrtes as mais prementes representações em favor do Brasil. Nenhuma atenção foi dada aos seus despachos e o govêrno de Lisboa continuou a legislar para o Brasil como se êste fôsse uma colônia na costa da África selvagem. Os ministros que tinham servido com Dom João haviam conhecido bastante a terra durante a permanência aqui para se convencerem de que o Brasil, unido, seria, em qualquer tempo, capaz de libertar-se de tôda sujeição à mãe-pátria. O objetivo, portanto, passou a ser dividi-lo. Em consequência, delineou-se um esquema para o govêrno do Brasil pelo qual cada capitania seria governada por uma junta, cujos atos seriam totalmente independentes uma das outras, e responsáveis somente perante as autoridades de Portugal; o Príncipe teve ordem de voltar à Pátria de modo peremptório e o mais inconveniente. Mencionei em meu diário o acolhimento recebido por tais ordens, e a resolução tomada por Sua Alteza Real de ficar no Brasil. Logo que esta resolução foi conhecida nas províncias, choveram mensagens e deputações de todos os lados, de cada cidade e capitania, exceto da cidade da Bahia e da província do Maranhão, que sempre tivera um govêrno independente do resto do Brasil. Em dezembro de 1821 o Rei nomeou o general Madeira governador da Bahia e comandante das fôrças. Tomou posse em fevereiro e pouco depois a primeira guerra de

fato entre os portugueses e brasileiros começou na cidade do Salvador, a 6 daquele mês, sendo os brasileiros derrotados com algumas perdas⁽⁹⁶⁾. Entrementes a província de São Paulo tinha feito todo esforço para convocar e armar tropas, e já em fevereiro 1.100 homens marchavam para o Rio para porem-se à disposição do Príncipe. Alguns recrutados para marinheiros e fuzileiros navais foram mobilizados e estabeleceu-se uma Academia Naval, tudo visando evitar a ida do Príncipe à fôrça. Julgou-se então conveniente que o Príncipe visitasse as duas províncias mais importantes, São Paulo e Minas, e no dia 26 ou 27 de março êle partiu do Rio com êsse fim, deixando o govêrno nas mãos do ministro José Bonifácio. Sua Alteza Real foi recebido em tôda parte com entusiasmo, até que chegou à última etapa, no caminho para Vila Rica, capital da província de Minas Gerais; aí recebeu informações de uma conspiração organizada para impedir sua entrada pelo Juiz de Fora, apoiada por um capitão de um dos regimentos de caçadores. Imediatamente fez com que algumas tropas se reunissem às que o acompanhavam(*). Ficou, então, onde estava e mandou dizer à Câmara da cidade que poderia entrar nela à fôrça, mas que tinha vindo a êles antes como amigo e protetor. Várias mensagens se expediram; os conspiradores descobriram que o Príncipe estava, realmente, bastante forte para dominá-los; além disso não encontraram

(96) No dia 25 de maio seguinte rezou-se missa solene pelas almas dos que haviam caído de ambos os lados, encomendada pelos baianos residentes no Rio, na igreja de São Francisco de Paula. O catafalco erguido na igreja estava circundado de inscrições em latim e português; uma das que mais chamavam a atenção era: "Glória eterna aos que deram sangue pela pátria". ("Eie quia dies for his cunre. Sal herbyrit intil hewyn be", diz Barbour). [John Barbour, poeta e historiador escocês — 1316-1395].

Era um desses dias chuvosos que, no Brasil, dão a impressão de que vem novo dilúvio. Mas o Príncipe e a Princesa foram os primeiros a chegar.

(*) Chegando a Paraíba do Sul, recebeu o Príncipe notícias de que haveria resistência à entrada na capital de Minas. Expediu então ordens aos quatro regimentos de milícias do Rio das Mortes para reunirem-se a êle. Até então viajara sômente acompanhado de um Ministro (Estêvão Ribeiro de Resende, futuro marquês de Valença), do vice-presidente Teixeira de Vasconcelos (futuro visconde de Caeté), de José de Resende Costa e o padre Belchior Pinheiro (ambos deputados às Côrtes), do guarda-morpa José Maria da Cama Freitas Berquó (depois marquês de Cantagalo), de um criado particular, de um moço da estribeira e três soldados. "Raros particulares viajarão com tanta modéstia" (TOBIAS MONTENRO — A elaboração da independência, 1927, pg. 468).

o apóio que esperavam da parte dos magistrados ou do povo. Sua Alteza Real entrou então em Vila Rica a 9 de abril e ao ser saudado pelos magistrados e pelo povo(*), dirigiu-lhes a seguinte fala: — “Briosos mineiros. Os ferros do despotismo começados a quebrar no dia 24 de agosto, no Pôrto, rebentaram hoje nesta Província. Sois livres. Sois constitucionais. Uni-vos comigo e marchareis constitucionalmente. Confio tudo em vós; confiai todos em mim. Não vos deixeis iludir por essas cabeças que só buscam a ruína de nossa província e da nação em geral. Viva El-Rei constitucional. Viva a Religião. Viva a Constituição. Vivam todos os que forem honrados. Vivam os mineiros em geral(**)”.

No dia seguinte o Príncipe convocou uma reunião geral e permaneceu onze dias em Vila Rica. A única punição infligida aos conspiradores foi a suspensão dos cargos. Esta visita real ligou a êle a província tão firmemente como a de São Paulo e Rio.

Voltoou ao Rio de Janeiro a 25, onde foi recebido da maneira mais linsorjeira e onde se tornou cada dia mais popular. A 13 de maio, dia dos anos do rei Dom João VI, o Senado e o povo conferiam-lhe o título de Defensor Perpétuo do Brasil, e daí por diante seu tratamento passou a ser *Príncipe Regente Constitucional e Defensor Perpétuo do Reino do Brasil*.

A impossibilidade de continuar unido a Portugal tornava-se cada dia mais evidente. Tôdas as províncias do sul estavam ardentes por declarar a independência. Pernambuco e suas dependências há muito manifestavam sentimentos semelhantes, e a província da Bahia estava igualmente inclinada à libertação, apesar da cidade estar cheia de tropas portuguezas sob o comando de Madeira, recebendo constantemente reforços e suprimentos de Lisboa.

(*) Chegando ao capão do Lana, a 7 de abril de 1822, Dom Pedro tinha às suas ordens quatro regimentos de milícias. Entrou na cidade de Ouro Preto, porém, escoteiro, seguido apenas da comitiva civil, sem piquete nem soldado a.g.u.m. “Esse golpe de audácia transformou em entusiasmo as prevenções entretidas contra êle”. (TOBIAS MONTEIRO, op. cit. pg. 471).

(**) Texto original da fala extraído das *Efemerides Mineiras* de JOSÉ PEDRO XAVIER DA VEIGA, II, Ouro Preto, 1897, pg. 44.

As Côrtes pareciam resolvidas a levar as coisas ao extremo ; a linguagem usada em suas sessões com referência ao Príncipe era altamente inconveniente. Os comandantes, que em mar ou terra lhe houvessem obedecido, a não ser forçados, foram declarados traidores. Ele próprio foi chamado à pátria de novo, dentro de quatro meses, sob pena de se submeter a futura decisão das Côrtes. Decretaram que todos os meios do govêrno deveriam ser empregados para forçar a obediência a estas ordens. Os deputados brasileiros bem que relutaram e protestaram formalmente contra essas decisões, mas foram derrotados, e os espectadores nas galerias, uma vez chegaram a gritar : "Abaixo os brasileiros".

Nos meses de junho e julho Madeira começou a fazer sortidas nas terras em tôrno da Bahia como se ela estivesse na posse de um inimigo ; e, realmente, êle em breve o encontrou — e formidável. A vila de Cachoeira, grande e populosa, e intimamente ligada com os rudes habitantes do sertão, tornou-se em breve a cabeça de multidões de patriotas que ali reunidos resolveram expulsar os portugêses de sua capital.

Começaram a formar tropas regulares, mas, apesar de serem abundantemente abastecidos de carne e outras provisões, faltavam-lhes armas e munições, e mandaram uma representação ao Rio a fim de expor ao Príncipe a situação e pedir-lhe a assistência. Tinham, também, grande falta de sal para conservar as provisões. Quanto a uniformes, o couro cru fazia as vêzes de quase tudo. Um farmaceutico de Cachoeira(*) começou em breve a ferver água do mar em caldeiras de açúcar para obter sal e em pouco tempo baixou o preço dêste artigo, de modo que a quantidade que se vendia por dez patacas (dezoito *shillings*) caiu a sete vintens (sete *pence*). O mesmo farmacêutico, reunindo todo o salitre da vizinhança, dedicou-se à fabricação de pólvora, e uma feliz descoberta de umas cem barricas, contrabandeadas para Itaparica por alguns inglêses, foi de uso essencial para êles. Mas faltavam canhões, bem como chumbo para as

(*) Parece referir-se a João Batista Massa, "o boticário revolucionário" de que fala BRÁS DO AMARAL (*Op. cit.* pgs. 248 e 251).

balas de seus mosquetes e espingardas de mecha. O chumbo, e uma quantidade de espingardas, os amigos, que estavam dentro da cidade, remeteram por contrabando. Os fuzis foram obtidos da maneira seguinte: Em cada engenho havia sempre uma ou duas espingardas velhas a fim de servir de reserva para algumas peças do maquinismo. Foram mandadas imediatamente para Cachoeira onde, limpas e renovadas por hábil ferreiro, tornaram-se utilizáveis. Com estas armas os patriotas aventuraram-se a enfrentar os partidários de Madeira, mesmo antes da chegada de qualquer auxílio do Rio.

Enquanto isso chegavam ao Rio as notícias desses procedimentos, bem como dos decretos das Côrtes de Lisboa. O Príncipe e o povo não hesitaram mais. Sua Alteza Real, juntamente com o Conselho, expediu as proclamações de 3 de junho, convocando uma assembléia representativa e legislativa, a ser composta de membros de cada província e vila, a reunir-se no Rio(*) ; e a 1.º de agôsto publicou aquéle nobre manifesto no qual afirma abertamente a independência do Brasil, expõe claramente os fundamentos de suas queixas e exorta o povo a não ouvir outra voz senão a da honra e que não ressoe outro grito, do Amazonas ao Prata, que não seja de "independência(**)". No mesmo dia foi expedido um decreto para resistência às hostilidades de Portugal, contendo os seguintes artigos : 1) Tôdas as tropas mandadas ao Brasil por qualquer país que seja, sem autorização dada pelo Príncipe, serão consideradas inimigas ; 2) Se vierem em paz, deverão permanecer a bordo de seus navios e não ter comunicação com a terra, mas, após receber mantimentos, deverão partir ; 3) Em caso de desobediência serão repelidas pela fôrça ; 4) Se elas forçarem um desem-

(*) Refere-se à representação do Conselho dos procuradores das províncias do Brasil, de 3 de junho de 1822 e ao decreto do Príncipe, da mesma data, punindo à representação, e convocando uma *Assembléia Constituinte e Legislativa do Reino do Brasil*. (V. *Correspondência official das Províncias do Brasil durante a legislatura das Côrtes Constituintes de Portugal nos anos de 1821-1822*, 2.ª ed., Lisboa, 1872, pg. 94).

(**) É o famoso manifesto que começa pelas palavras; "Está acbado o tempo de enganar os homens", e termina; "E minha glória reger um povo brioso e livre. Dal-me o exemplo das vossas virtudes e da vossa união. Serei digno de vós". (*Ibi*, pg. 118).

barque em algum ponto desarmado, os habitantes deverão retirar-se para o interior com tudo que puderem transportar e a milícia fará luta de guerrilhas contra os estrangeiros; 5) Todos os governadores e autoridades militares e civis deverão fortificar seus portos, etc; 6) Dever-se-ão elaborar logo representações sôbre o estado dos portos do Brasil para êsse fim.

Este último decreto já tinha sido antecipado pelos pernambucanos, que haviam feito marchar um corpo de tropas para ajudar os patriotas de Cachoeira, e uma guerra muito devastadora havia começado contra os portugueses em S. Salvador. Êstes últimos haviam recebido um refôrço de 700 homens a 8 de agosto, mas tinham tido pouco tempo para rejubilar-se com a chegada dêles, porque uma esquadra do Rio de Janeiro desembarcou em Alagoas 5.000 fuzis, 6 canhões de campanha, 270.000 cartuchos, 2.000 lanças, 500 carabinas, 500 pistolas, 500 espadas e 260 homens, principalmente oficiais, sob o comando do brigadeiro-general Lebatu [Labatut]⁽⁹⁷⁾, que em breve se uniu aos patriotas, fixou seu quartel-general em Cachoeira, e estendeu uma linha de tropas através da península na qual a cidade está localizada(*). Cortou assim o fornecimento de provisões por êsse lado. Mas como o mar estava ainda aberto, os víveres eram abundantes, vindos não sômente do estrangeiro, como da terra fronteira de Itaparica. Êste fértil distrito, porém, foi em breve ocupado pelos brasileiros e Madeira ficou reduzido aos fornecimentos marítimos, a menos que pela fôrça pudesse expulsar os brasileiros de suas posições nessa ilha.

O gabinete do Rio de Janeiro compreendeu que era preciso obter uma fôrça naval, se se quisesse preservar o reino de futuros ataques de Portugal, ou desalojar o

(97) Êste cavalheiro fôra oficial de Napoleão na guerra da Espanha. Demitido por alguma irregularidade militar, foi perdoado, sob a condição de viver em Caiena, e fornecer informações ao govêrno francês. Deixou aquela terra, porém, e estabeleceu-se no Brasil, onde, com exceção de um pequeno período passado a serviço de Bolívar, vivera sossegada e respeitavelmente até a presente conjuntura.

(*) Sôbre o general francês, v. Herman Neeser, "Ensaio de um resumo cronológico-biográfico sôbre Pedro Labatut, marechal de campo do Exêrcito brasileiro", *Rev. do Inst. Geogr. e Hist. da Bahia*, n.º 68, 1942, pg. 173.

inimigo de sua fortaleza na Bahia. Em consequência, os agentes do governo na Inglaterra foram incumbidos de engajar oficiais e marinheiros: alguns foram obtidos no local; outros, como o capitão David Jewett, de Buenos Aires e da América, foram imediatamente empregados; todos os esforços foram feitos para reparar alguns dos navios abandonados pelo rei Dom João VI que pudessem suportar reparos.

Afinal, a 12 de outubro, aniversário do Príncipe, estando as tropas como de costume reunidas no grande Campo de Santana, e presente grande massa de povo, o Príncipe foi de repente aclamado Imperador do Brasil. O reino mudou de título e de tratamento; toda dependência ou ligação com Portugal foi para sempre abjurada.

Este acontecimento pareceu dar novo alento à guerra da Bahia: tanto exasperou os portugueses como encorajou os brasileiros, agora certos da independência. Madeira, resolvido a conseguir, se possível, uma comunicação com Nazaré, situada no rio mais fértil do Recôncavo, e que fornece abundante farinha, enviou cem homens de um batalhão de caçadores, sob o comando do coronel Russel, para tentar a conquista da ilha do Medo, que domina o Funil, ou a passagem entre a terra firme e Itaparica, em caminho de Nazaré. Mas os barcos encaharam e eles tiveram que esperar a maré montante. Então os brasileiros, que são excelentes atiradores, e que estavam ocultos entre os arbustos da margem, visaram-nos à vontade(*). Outra expedição, igualmente infeliz, foi a enviada a Cachoeira. Um navio armado chegou até em frente à praça pública, exatamente quando estava repleta de povo que aclamava o Imperador. Os canhões começaram a atirar sobre a multidão, mas a maré estava baixa e os tiros, em vez de atingir o povo, só abalavam os cais, e fizeram pouco dano. Os soldados brasileiros então con-

(*) O chamado combate do Funil feriu-se a 29 de julho pela madrugada. "Por infortúnio para os portugueses tornou-se contrário o vento para as canhoneiras e, apesar de engrossarem a cada minuto em número os defensores da posição, teimou o comandante expedicionário (Taborda) em esperar ali a preamar, porque não podiam aproximar-se as barcas para saltar em terra a tropa". Afina resolveu retirar-se o capitão português, com grande desapontamento de seu partido. (BRÁS DO AMARAL, *Op. cit.*, p. 251).

centraram-se no desembarcadouro e daí começaram um fogo tão vivo contra o inimigo que o comandante do navio se retirou apressadamente sem matar um homem, apesar de perder muitos(*). Nesta ação distinguiu-se Dona Maria [Quitéria] de Jesus, pois o espírito patriótico não se havia confinado aos homens⁽⁹⁸⁾.

A expedição mais importante de Madeira foi a enviada à Ponta de Itaparica, cuja posse se estava tornando cada dia mais importante, à medida que diminuíam as provisões da cidade. Com êsse objetivo, 1.500 homens embarcaram a bordo do *Prontadão* [*Prontidão*] e outros dois brigues de guerra. Deviam desembarcar metade de um lado e metade de outro da pequena península que forma a Ponta, na qual há um pequeno forte e uma vila, que as tropas deviam tomar enquanto os brigues bombardeavam o forte. A viagem da Bahia a êste ponto dura geralmente seis ou sete horas no máximo, contando-se com vento contrário; mas êstes barcos levaram dois dias para alcançá-lo. Nesse meio tempo os brasileiros haviam erguido montes de areia, atrás dos quais se esconderam deitados, e fizeram com segurança fogo sôbre os portugueses que passavam e cometeram uma grande mortandade, sem a perda de um só homem, ainda que tivessem vários feridos. Esta batalha, se pode ser assim chamada, deu-se a 2 de janeiro de 1823 e durou de meio dia ao pôr do sol(**).

Entrementes a parte continental da cidade tinha sido atacada por contínuos combates, e as tropas estavam esgotadas pela vigilância permanente, pois os brasileiros estavam sempre a percorrer as florestas em tórno, rufando marchas e fazendo com que seus clarins tocassem o sinal de ataque durante a noite e desaparecendo no momento em que o inimigo podia chegar ao local. A 18 de novembro de 1822, porém, Madeira fez uma sortida e chocou-se com os brasileiros em Pirajá, entre duas a

(*) O combate de Cachoeira durou três dias e terminou com a rendição da canhoneira portuguesa. (PEDRO CALMON, *História da Independência do Brasil*, Rio, 1928, pg. 115).

(98) A respeito dela, vide adiante êste Diário.

(**) O combate final de Itaparica deu-se a 13 de janeiro de 1823. Está minuciosamente descrito pelo barão do Rio Branco (*Efemérides*, Rio, 1946, pg. 13).

três léguas da cidade; houve então uma grande batalha, com algumas perdas dos dois lados, ambos proclamando-se vencedores. Mas como os lusitanos se retiraram para a Bahia e os brasileiros tomaram novas posições junto às portas da cidade, as vantagens sem dúvida devem ter sido do lado dos últimos(*). Entretanto a escassez de provisões frescas era tal que todos os comerciantes estrangeiros que tinham famílias e que podiam mudá-las, fizeram-no. Tôdas as casas de campo foram abandonadas e o povo ficou acumulado na cidade. As contribuições mais pesadas foram cobradas de todos, nativos e estrangeiros; as misérias do sítio estavam-se aproximando da cidade.

O Rio de Janeiro, porém, apresentava aspecto muito diferente. Os habitantes estavam decorando a cidade com arcos triunfais para a coroação do seu Imperador, o qual, a 1.º de dezembro, foi solenemente coroado na capela do palácio, que serve de catedral, e não há exagêro em dizer que todo o sul do Brasil apresentava uma impressão de alegria.

Os ministros eram queridos não menos que os monarcas. As finanças começaram a assumir um aspecto florescente; grandes subscrições choviam de todos os cantos para equipamento da esquadra e havia-se enviado um convite a Lorde Cochrane para comandá-la. O Imperador havia aceito a renda mais modesta com que jamais se contentara uma testa coroaça, a fim de poupar o seu povo⁽⁹⁹⁾. Ele visitava em pessoa os estaleiros e arsenais; atendia aos negócios de tôda ordem; encorajava os melhoramentos em cada departamento, e o Brasil havia começado a assumir o aspecto mais florescente. Tal era o estado de cousas quando cheguei pela segunda vez ao Brasil, juntamente com Lorde Cochrane, a 13 de março de 1823.

13 de março de 1823.(**) — *A bordo do "Col. Allen", ancorado no Rio de Janeiro* — Um dos dias mais ven-

(*) O combate de Pirajá feriu-se a 8 de novembro de 1822.

(99) Menos de vinte mil libras esterlinas por ano.

(**) O *Diário da Viagem ao Chile* encerra-se igualmente a 13 de março, com a frase, "Ancoramos na bafa do Rio de Janeiro".

tosos e chuvosos que jamais me lembro de ter visto no Brasil; de modo que o magnífico panorama da baía está inteiramente perdido para os estrangeiros do Chile e não posso desembarcar nem para providenciar a hospedagem para mim e meu doente⁽¹⁰⁰⁾, ou para ajudar meus amigos de qualquer maneira. Quando o oficial do barco da visita chegou a bordo, o capitão do navio trouxe-o para a cabine e deixou-o comigo. Vi que êle



Prêso incumbidos de carregar água no Rio de Jancira

falava inglês e imediatamente comecei a interrogá-lo acêrca das novidades do Rio. Falou êle primeiro na coroação do Imperador e, em seguida, na guerra da Bahia; a respeito disso interroguei-o muito minuciosamente, com a autoridade de quem visitou anteriormente o local. Parece que só na noite passada os navios de Sua Majestade Imperial *União* (agora *Piranga*), *Niterói* e *Liberal*, seguidos de uma esquadra de transportes voltaram de Alagoas, onde desembarcaram reforços para o general Labatut, cujo quartel-general é em Cachoeira, e que está atacando a cidade da Bahia de perto. O general Madeira tem uma poderosa força de soldados portuguezes, além de 2.000 marinheiros que podem eventual-

(100) Meu primo, Sr. Glennie, adoeceu na *Doris*, tendo-lhe rebentado um vaso sanguíneo.

mente servir em terra, e uma fôrça naval considerável⁽¹⁰¹⁾. Mas parece que os marinheiros estão a pique de se amotinarem por falta de pagamento. Depois de me contar tanta coisa o official passou a interrogar-me por seu turno : — Vinha eu do Chile? Conhecia Lorde Cochrane? Vinha êle para o Rio? Porque todos os olhos se voltavam para êle. Quando êle soube que o Lorde estava realmente a bordo, voou para sua cabine e suplicou-lhe que lhe permitisse beijar-lhe as mãos. Depois arrebatou o chapéu e, dizendo ao capitão que fizesse o que bem entendesse e ancorasse onde quisesse, sem cerimônia, saltou fora para ser o primeiro, se possível, a levar ao Imperador esta agradável notícia. Quase a mesma cena se representou quando o comandante Perez, capitão do pôrto, veio a bordo, e, dentro de poucos minutos, o capitão Garção, do *Liberal*, veio apresentar os seus respeitos, e logo depois, o capitão Taylor, da *Niterói*, de quem scubemos algo mais a respeito da situação da esquadra de Sua Majestade Imperial. A *Pedro Primeiro*, outrora *Martim de Freitas*, havia sido deixada pelo rei por necessitar de uma reparação geral; isto se fizera e ela tinha saído dos estaleiros ontem; diz-se que navega bem. A *Carolina* é uma bela fragata, mas não utilizada por falta de homens. A *União* é um navio muito belo, mas precisa de cobre, e é comandada pelo capitão Jewett^(*). A *Niterói* é uma corveta bem lançada e bem reparada, mas pesada; a *Maria da Glória* é uma bela corveta; está sob o comando de um official francês, capitão Beaurepair [Beaurepaire]^(**). A grande dificuldade com que a marinha tem aqui a lutar é a falta de homens⁽¹⁰²⁾. Os

(101) *Dom João VI*, 30 canhões; *Constituição*, 56; *Corveta 10 de Fevereiro*, 29; *Atico*, 22; *Colipso*, 22; *Regeneração*, 22; um navio armazém, 23; o brigue *Audaz*, 18; *Prontidão*, 16; *serenca Estella*, 8 e *Conceição*, 8. Navios mercantes armados: *São Domingos*, 20 canhões; *Restauração*, 24; *São Gualtério*, 26; *Bizarrá*, 16.

(*) David Jewett, americano do norte. Foi o primeiro official contratado para a nossa marinha.

(**) Teodoro Alexandre de Beaurepaire (1787-1849), depois vice-almirante brasileiro.

(102) O pagamento dos marinheiros não é senão escasso. Um anúncio de fevereiro, pedindo homens para equipar a *Pedro Primeiro*, é o seguinte: Para marítimos habilitados 8 mil de gratificação (bounty); 4.800 para homens comuns. Pagamento mensal, 8 mil para marítimos habilitados, 6.500 para os orçários, 4.800 para os centros e 3.000 para os bisonhos. Exatamente hoje, 13 de março,

marinheiros portuguezes são os piores ; poucos brasileiros são sequer marinheiros, e os franceses, inglêses e americanos são raros. O Imperador está entusiasmado com a marinha e muito ativo em inspecionar cada departamento. Aparece freqüentemente nos estaleiros de madrugada e a Imperatriz geralmente o acompanha.

Segundo todos os depoimentos, Suas Majestades parecem ser extremamente populares. A mocidade, a graça, a situação singular em que estão colocados, tudo interessa. É raro que um príncipe herdeiro ouse pôr-se à frente da causa da libertação ou independência, e o fato de um filho da Casa de Bragança e uma filha da Casa d'Austria encaminharem para o caminho da independência este grande império, não pode senão excitar tanto o amor quanto a admiração de seus felizes súditos.

O tempo clareou à tarde e desci a terra para ver se poderia encontrar alguns de meus velhos amigos, ou ouvir alguma novidade, mas todos os inglêses haviam partido para as casas de campo e a ópera, lugar adequado para a palração, está fechada, por estarmos na quaresma. Voltei então para o brigue e encontrei Lorde Cochrane pronto para desembarcar a fim de esperar o Imperador, que havia vindo de São Cristóvão para encontrá-lo no palácio da cidade. O Lorde e o capitão Crosbie, que foi com êle, só voltaram tarde, mas então muito satisfeitos com a recepção.

14 de março. — Novo dia de chuva, tão forte que não tive possibilidade de desembarcar o meu doente. O Sr. May veio a bordo e me disse que eu poderia obter a casa de Sir T. Hardy por poucos dias, até poder arranjar uma para mim. Dá também boas notícias do govêrno, das finanças, etc..

Foram embargados hoje todos os navios, para impedir a chegada à Bahia da notícia da vinda de Lorde Cochrane.

a mensalidade de um marítimo habilitado foi elevada para 10.000, a dos ordinários para 8 mil. Logo depois fez-se uma melhoria a mais e os officiaes inferiores receberam um pagamento extra, o que não havia sido feito até então. A gratificação foi também acrescida. O pagamento no regimento Bellard's, de estrangeiros, é de 8 mil de gratificação, 80 réis por dia, 40 réis em dinheiro estrangeiro (tudo junto 6 d. esterlinos), 24 onças de pão, 1 libra de carne e vestuário.

15 [de março]. — Fui cêdo a terra para preparar o desembarque. Observo dois dos arcos sob os quais passou o Imperador no dia da coroação, desenhados com extremo bom gôsto e bem executados. São, naturalmente, provisórios. Alguns trabalhos mais sólidos foram feitos desde que vi o Rio pela última vez. Novos chafarizes se inauguraram, repararam-se aquedutos; tôdas as fortalezas e outras obras públicas melhoraram visivelmente, e as ruas foram calçadas de novo. Além disso há por tôda parte um ar de trabalho. Levei Glennie para terra à tarde, e fui bastante tola para me entristecer por ter de abandonar meus companheiros de viagem, e mais tôa ainda por me incomodar com a completa indiferença com que me viam partir: ambas as coisas talvez bastante naturais. Estou de novo sem ninguém a quem me arrimar, e sôzinha no mundo, com minha carga de melancolia; êles têm deante de si os negócios e o prazer.

Foi uma bela noite e a pequena viagem de barco para Botafogo parece que fez bem a Glennie; mas tivemos o desgôsto de verificar que nem as provisões que eu comprara haviam chegado, nem o empregado, que um de meus amigos prometera enviar-me. De modo que ficamos sós e sem jantar, mas, Deus louvado, não sem socorro. Nas minhas excursões já aprendi o bastante para não ser dependente; e assim, após algum tempo, consegui da venda próxima um chá aceitável para dar ao doente, e mandei-o deitar-se de ânimo bem levantado. Não tive tempo para sentir-me bastante abatida.

20 de março. — Empreguei êstes dias passados em procurar uma casa, o que consegui, e em receber e pagar visitas de meus velhos conhecimentos, e em não me sentir nada bem.

Ouçõ dizer que não há nada decidido sôbre o comando de Lorde Cochrane. Todo o mundo diz que lhe pediram que servisse sob o comando de dois almirantes portugêses, com vencimentos em moeda portugêsa. Está claro que são condições que êle não pode nunca aceitar. Não estive com êle, de modo que não tenho certeza a

respeito disso. Suponho, porém, que seja verdade, porque de outro modo êle não estaria ainda a bordo dêsse pequeno brigue inundo em que chegou.

21 [de março]. — Quaisquer que tenham sido as dificuldades com relação ao comando de Lorde Cochrane, estão resolvidas. Recebi dêle um bilhete annunciando que içará sua flâmula às 4 horas da tarde, a bordo da *Peão Primeiro*⁽¹⁰³⁾.

22 [de março]. — O capitão Bouchier, do navio de Sua Majestade *Beaver*, ofereceu-me amavelmente o barco para me transportar, e ao meu primo e minhas cousas, para minha casa de campo, no outeiro da Glória, perto da de Mr. May e não muito longe da casa que o govêrnc deu a Lorde Cochrane como residência provisória. É agradável para mim por muitos motivos: é fresca e há um caminho de sombra para o doente. É quase cercada pelo mar, que arrebenta contra a muralha, e como não fica junto de nenhum caminho, estaremos perfeitamente tranqüilos.

Sexta-feira, 28. — Esta foi uma semana trabalhosa, tanto para mim quanto para meus amigos que estão apressando tudo para embarcar o mais depressa possível, já que isto é das mais graves consequências para libertar a Bahia do inimigo.

Sábado, 29. — O navio de Sua Majestade *Tartar*, comandado pe'o capitão Brown, chegou hoje da Inglaterra, e não trouxe qualquer boa notícia de nenhuma espécie. Em primeiro lugar, Lorde Cochrane está no mais profundo desespero ao saber que Lady Cochrane e sua filha pequena estão a caminho do Chile, de modo que terão que realizar a perigosa passagem em tôrno do cabo Horn duas vêzes antes que êle as veja; além d'isso, o capitão Brown dá notícias formidáveis de uma esquadra portugêsa destinada à Bahia, que êle encontrou aquêm da linha. Confio em que êle esteja enganado quanto à

(103) Muito se falou, tanto entre os inglêses como entre brasileiros, das condições excessivas do lorde. Tenho razões para pensar (não por informações) que o seu pagamento e dos officiaes inglêses é sômente igual aos postos correspondentes na Inglaterra.

última notícia e procuro consolar Lorde Cochrane quanto à primeira parte da informação, lembrando a probabilidade, senão a certeza, de que o navio em que vem Lady Cochrane tocará neste pôrto. Mas sua natural ansiedade não pode ser dominada.

Segunda-feira, 31 de março. — Ontem a *Pedro Primeiro* ancorou na baía na altura de Boa Viagem. Fui hoje a bordo dela com Lorde Cochrane. Soubemos que o Imperador e a Imperatriz haviam estado a bordo de madrugada. Ao ouvir as queixas dos oficiais portugêses de que os marinheiros inglêses se haviam embriagado na véspera, a Imperatriz disse: “Oh! É o hábito do norte, de onde vêm os bravos. Os marinheiros estão debaixo de minha proteção, cubro-os com meu manto”.

A *Pedro Primeiro* é um belo barco de duas cobertas, sem tombadilho de popa. Tem um belo tombadilho de canhões, mas não pude vê-lo melhor porque estava ainda recebendo provisões e tripulação. As cabines estão magnificamente decoradas, com bela madeira e almofadas de marroquim verde, etc. Disseram-me que o Imperador tem grande orgulho dela. O capitão Crosbie comanda-a e três tenentes, que vieram conosco do Chile, foram nomeados para ela.

1.º de abril. — Esperava o almirante para almoçar comigo, mas tive o grande desapontamento de ver o navio levantar ferro e partir. Soube depois que o Imperador e a Imperatriz estavam a bordo e que o acompanharam fora da baía até o farol, de modo que êle não pôde desembarcar. A manhã estava triste e escura quando a *Pedro Primeiro*, a *Maria da Glória*, a *União* e a *Liberal* levantaram âncora, mas exatamente quando a pequena esquadra passava diante de Santa Cruz e a fortaleza começou a salvar, o sol rompeu de detrás de uma nuvem e um jôrro de luz amarela e brilhante desceu sôbre o mar por trás dos navios. Parecia então que êles flutuavam na glória; e esta foi a última visão que tive de meu amável amigo.

10 [de abril]. — Nada digno de nota ou de anormal aconteceu durante êstes dez dias. Glennie está ganhando terreno. Eu leio, escrevo e o acompanho. A *Niterói* parte amanhã para encontrar Lorde Cochrane ao largo da Bahia, com três morteiros a bordo, dois de 10 e um de 13 polegadas. Vejo com surprêsa que os cartuchos são ainda feitos aqui de lona e não de flanela; e temo que os navios não estejam tão bem armados como gostaria que estivessem: grande parte das velas e do cordame esteve dezessete anos guardada e tenho mêdo que esteja em parte pôdre. Mas tudo isso não é nada comparado ao perigo de ter portuguezes na tripulação. Não é natural que combatam os seus patrícios.

Tenho tido o prazer de lêr, durante êstes poucos dias, *Peveril of the Peak*. É uma espécie de retrato histórico, como *Kenilworth*, em que o duque de Buckingham, aquêle que

“no período de uma lua,
Era herói, rabequista, estadista e bufão”,

tem o papel principal; Carlos II e o resto da côrte fazem o papel de negrinho e de papagaio, enquanto a história de *Peveril* não é mais que uma frisa esculpida em madeira no cenário muito condigno em que êle foi colocado(*).

14 [de abril]. — A *Fly*, chalupa de guerra, e o paquete inglês chegaram trazendo as notícias da guerra entre a França e a Espanha. Estas notícias, naturalmente, interessam aqui, já que Portugal é considerado como implicado nas disputas da Europa, de modo que o partido que a Inglaterra tomará, as consequências disso sobre êste país são assuntos de ansiosas suposições. As notícias de natureza mais doméstica não são muito agradáveis. O general do Império Lecor, no Sul, teve algumas perdas em luta com os portuguezes; mas não são consi-

(*) *Peveril of the Peak*. A mais longa novela de Walter Scott. Data de 1823. O herói é Julian Peveril e há mais de cem personagens no entretcho, entre os quais Carlos II, o duque de York, o príncipe Rupert e o duque de Buckingham.

deradas bastante graves para produzir sério mal estar(*). O mesmo navio que trouxe as notícias de Lecor, também informa que tendo o chefe do govêrno de Buenos Aires, Rodriguez, avançado contra algumas tribos indígenas, que últimamente fizeram grandes razias em seus territórios, um dos ex-chefes tentou subverter o govêrno, sendo felizmente nial sucedido(**). Digo felizmente porque estou convencida de que cada semana e mês passados sem alteração, são de conseqüências infinitas tanto para o presente quanto para o futuro bem estar das colônias espanholas. Enquanto elas tinham ainda de lutar pela independência, enquanto tinham de corrigir os abusos do antigo govêrno, eram inevitáveis as mudanças freqüentes, mas naturais; mas agora que estão independentes e que têm constituições que, se não são perfeitas, contêm os princípios da liberdade e do progresso, êstes princípios precisam de tempo e de paz para crescer e adaptar-se ao caráter do povo.

15 [de abril]. — Glennie tem ganho tantas forças últimamente que resolveu ir ao encontro do comodoro na Bahia; e hoje deixou-nos para embarcar no navio de Sua Majestade *Beaver*. Acompanhei-o por seis meses. Depois de me ter acostumado com o convívio de um amigo inteligente, sinto-me tão isolada, que penso ter de abandonar meus hábitos sedentários e fazer algumas visitas aos vizinhos.

25 [de abril]. — Um brigue de guerra francês veio hoje da Bahia. Soubemos agora que os navios avistados pelo *Tartar* eram somente uma fragata e um comboio de transporte de tropas, a bordo do qual havia um refêrço

(*) A 20 de janeiro de 1823 o general Lecor, barão de Laguna, e futuro visconde, declarou bloqueada Montevideu, onde o general D. Álvaro da Costa comandava algumas tropas fiéis a Portugal. A 18 de novembro de 1823 rendeu-se o comandante português. A 14 de fevereiro de 1824 Lecor entrou solenemente em Montevideu. (V. RIO-BRANCO, *Efemérides*, 82).

(**) O general Dom Martin Rodriguez fôra eleito governador de Buenos Aires em 1820. Voltava-se contra o caudillo José Miguel Carrera, que, auxiliado com os índios, atacara o *pueblo del Salto*, quando se viu a braços com a rebelião de Ramirez, de Entre-Rios, afinal derrotado e decapitado. (VICENTE FIDEL LÓPEZ, *Manual de la Historia Argentina*, B. Aires, 1934, pg. 354).

para Madeira de 1.500 homens. Não farão senão aumentar a desgraça da guarnição, que se tem como muito grande, já que não trouxeram provisões.

28 [de abril]. — Passei o dia com Miss Hayne, e acompanhei-a à noite a fim de cumprimentar Dona Ana, mulher do Sr. Luís José de Carvalho e Melo(*), pelo seu aniversário. A família estava em sua casa de campo em Botafogo. É uma bela casa, construída com muito gosto e ricamente mobiliada. As paredes são decoradas com papéis franceses e molduras douradas, tudo no mesmo nível. Mas a melhor decoração nessa noite foi a presença de uma quantidade das mais belas mulheres que já vi no Brasil, pela maior parte irmãs, primas ou sobrinhas da dona da casa, cuja mãe, a baronesa de Campos(**), pode orgulhar-se de possuir uma das mais belas famílias do mundo. A filha do casal, D. Carlota(***), distingue-se aqui pelo talento e cultura acima de suas companheiras. Fala e escreve francês bem e fez progressos não pequenos em inglês. Conhece a literatura de sua terra, desenha corretamente, canta com gosto e dança graciosamente. Várias de suas primas e tias falam francês correntemente, de modo que tive o prazer de conversar livremente com elas e receber boa cópia de informações sobre assuntos que só interessam a mulheres. Logo após se haverem reunido todos, as senhoras sentadas juntas em círculo cerimonioso e os homens de pé, geralmente em outras peças, começou a cerimônia de tomar chá e foi dirigida mais lindamente do que na Inglaterra; os criados serviam em torno chá, café e bolos em grandes salvas de prata. Mas todas nos sentamos e tomamos nossos alimentos à vontade, em vez de ficarmos de pé com as xícaras em nossas mãos, e acotovelando-nos para abrir caminho através de uma multidão de pessoas que parecem todas muito ocupadas e dificilmente podem ter

(*) Futuro visconde da Cachoeira, grande figura política da época.

(**) D. Ana Francisca Maciel da Costa, viúva de Brás Carneiro Lão, era baronesa de São Salvador dos Campos dos Goitacazes.

(***) D. Carlota Carvalho e Melo, casada depois com o conselheiro Gustavo Adolfo de Melo Matos. (Sobre esta recepção, v. WANDERLEY PINHO, *Salões e damas do segundo reinado*, S. Paulo 1942. pg. 17).

tempo de reconhecer o conhecido que passa. Passamos, então, à sala de música, onde o mestre de música⁽¹⁰⁴⁾ se prestou a acompanhar as senhoras, muitas das quais cantaram extremamente bem; mas quando chegou a vez de Dona Rosa só me ocorreu dizer como Comus(*)

*"Can any mortal mixture of earth's mould
Breathe such divine enchanting revishment?"*

Terminada a música, quem não estava triste por ter chegado o fim? Começou a dança e os que não dansam como eu, sentaram-se para conversar fiado. Mas um inglês, que morou neste país por muitos anos, vendo-me cheia de admiração pelas belas e alegres criaturas diante de mim, começou a fazer-me uma tal descrição da moral privada no Brasil, que chegou a obscurecer a atitude delas e a diminuir-lhes o brilho do olhar. Felizmente êle avançou demais e ousou apostar (que é a maneira que um inglês tem de afirmar) que havia naquela sala pelo menos dez senhoras providas do bilhete que escorregariam na mão de seus galãs, e que tanto as casadas como as solteiras eram a mesma coisa; reportou-se ao meu amigo M., [May?] que há muito está aqui e conhece bem o povo. Olhou lentamente em tórno da sala e comecei a tremer, mas afinal êle disse: "Não, aqui não; mas não nego que tais coisas se passam no Rio. Mas, Mrs. Graham, sabe a senhora, tanto quanto eu, que em tôdas as grandes cidades, no seu país e no meu, tanto quanto neste, uma certa porção de cada classe da sociedade é sempre menos moralizada que o resto. Em alguns países a imoralidade é realmente mais refinada, e quando as maneiras perdem a sua rudeza, perdem evidentemente a metade dos seus vícios. Mas, suponha que as mulheres, ainda as solteiras, sejam menos puras aqui do que na Europa. Lembre-se de que entre nós, além da mãe de família, há uma ama, ou uma governante, ou mesmo uma camareira para cada moça, que deve ser bem educada, de bom caráter e de boa moral. Tudo isso são freios

(104) Êste homem é irmão do professor da Catalani. [Angelica Catalani, famosa cantora lírica -- 1779-1849].

(*) *Comus*, drama pastoral escrito por Milton em 1634 para o conde de Bridgewater.

para o comportamento e forma uma proteção só inferior à das mães. Mas no Brasil os serviçais são escravos, e por conseguinte inimigos naturais de seus senhores, dispostos a decepcioná-los e desejosos disso, e de assistir à corrupção de suas famílias". Eis, pois, uma outra praga da escravidão. Esta exposição do assunto abriu-me os olhos para vários aspectos para os quais até agora minha atenção havia perpassado igualmente.

Havia diversos oficiais de marinha franceses hoje à noite e poucos, muito poucos, ingleses. Conversei com alguns brasileiros delicados e bem educados, de modo que nem pensei no adiantado da hora quando deixei meus jovens amigos ainda a dançar à meia noite.

Estava ainda no baile, quando me contaram a trágica história de duas moças encantadoras. Ainda crianças, haviam acompanhado a mãe a um espetáculo de gala. Mas ao voltar, à noite, no momento em que saía da carruagem, a mãe foi alvejada por tiros partidos da varanda de sua própria casa. As investigações do assassinio resultaram infrutíferas; mas imaginam-se duas hipóteses para o crime: — a primeira, o ciúme de uma mulher que parece ter sido injuriada e que esperava suceder sua rival como mulher do homem que amava. (Ele, porém, não se casou de novo); a outra hipótese é de ter ela conhecimento de alguns segredos políticos. Como quer que seja, as meninas desde então viveram com a avó, que não pode dormir enquanto elas não estão ambas no quarto com ela(*).

(*) Refere-se a um famoso assassinio ocorrido na família da baronesa de São Salvador dos Campos dos Coitacazes, a 28 de outubro de 1820. A vítima foi uma nora da baronesa, D. Gertrudes Angélica Pedra Carneiro Leão, casada com José Fernando Carneiro Leão, diretor do Banco do Brasil, barão de Vila Nova de São José em 1825, elevado a conde em 1826.

Para um mistério em torno de tal fato. A vítima voltava da procissão de N. S. das Dores quando foi alvejada por um assassino, segundo se disse, a mando da rainha D. Carlota. O inquérito a respeito, porém, teria sido destruído por ordem do rei. As duas filhas de D. Gertrudes, referidas por Maria Graham, e que foram criadas pela avó paterna, baronesa de Campos, chamavam-se Guilhermina e Elisa. A primeira, que, por ter assistido à cena terrível ficou, durante algum tempo, com a razão perturbada, foi mais tarde marquesa de Maceó, pelo seu casamento com D. Francisco Maurício de Sousa Coutinho, filho do conde de Linhares. D. Elisa foi mais tarde viscondessa de Campos pelo casamento com seu tio, José Alexandre Carneiro Leão, Visconde de São Salvador de Campos. José Fernando Carneiro Leão, conde de Vila Nova de São José, era irmão da viscondessa da Cachoeira, acima referida. (V. TOMIAS MONTEIRO, *A Elaboração da Independência*, Rio, 1927, pg. 87; *Anuário Genealógico Brasileiro*, S. Paulo, III, 1941, pgs. 411 e 542).

As ligações de família são aqui uma beleza ; são tão estreitas e íntimas como as de um clã da Escócia. Mas têm o seu lado mau nos constantes casamentos entre parentes próximos como tios com sobrinhas, tias com sobrinhos, etc., de modo que os casamentos em vez de alargar as ligações, difundir a propriedade e produzir maiores relações gerais no país, parecem estreitá-las, acumular fortunas e concentrar tôdas as afeições num círculo fechado e egoísta.

30 [de abril]. — Fui cedo à cidade e vi que o paquete inglês havia chegado. Encontrou-se com a esquadra de Lorde Cochrane na Bahia de modo que o Lorde já deve estar lá desde muito tempo. Traz notícias de que o partido monarquista está ficando forte demais em face das Côrtes de Lisboa.

Passei o dia com a Sr.^a Rio Sêco. Sua casa é realmente magnífica. Tem salão de baile, salão de música, uma gruta e fontes, além de aposentos extremamente belos de várias espécies, tanto para uso da família como das visitas, com louças da China e relógios franceses em número bem maior do que pensaríamos em exhibir, mas que não combinam mal com as cortinas de seda e as molduras douradas.

O jantar foi pequeno, já que só havia três pessoas, mas servido excelentemente. Consistiu em sopa de ave selvagem, uma série de pássaros pequenos e doces do país, que eram para mim raridades. O resto do jantar, que poderia ser inglês ou francês, foi servido em baixela de prata. Ouvi grande número de anedotas hoje, de muitas pessoas de tôdas as categorias, pelas quais o Sr. Dutens daria qualquer preço para enriquecer os *Souvenirs do Voyageur qui se repose*(*), mas que não escreverei, porque não acho honesto, nem feminino, aceitar a proteção das leis e as boas graças de um país estrangeiro e, em seguida, registrar as fraquezas de seus

(*) DUTENS, LOUIS (1730-1812), filólogo, numismata e historiador francês a serviço do rei da Inglaterra, foi diplomata e eclesiástico anglicano. Autor de livros paradoxais, de bastante sucesso, combateu tanto o catolicismo quanto a filosofia do seu tempo. As *Mémoires d'un voyageur qui se repose* (1806, 3 vo s.), autobiográficas, tiveram grande repercussão.

habitantes para dar a outros a oportunidade de rir dêles. Bem conhecemos os pontos fracos da natureza humana; se forem tratados com delicadeza podem-se emendar. O vício realmente exige o chicote, mas a fraqueza e a doudice devem encontrar indulgência. Numa sociedade em formação como esta, estou convencida de que os homens podem ser estimulados à virtude. Se um general chama de bravos os seus soldados antes da batalha, torna-se um ponto de honra comprová-lo. Estivesse em meu poder, e eu antes persuadiria os brasileiros de que possuem tôdas as virtudes debaixo do céu. É isto melhor do que fazê-los habituados com a última de suas fraquezas, a ponto de perder o horror dela.

1.º de maio. — Vi hoje o Val Longo [Valongo]. É o mercado de escravos do Rio. Quase tôdas as casas desta longuíssima rua são um depósito de escravos. Passando pelas suas portas à noite, vi na maior parte delas bancos colocados rente às paredes, nos quais filas de jovens criaturas estavam sentadas, com as cabeças raspadas, os corpos macilentos, tendo na pele sinais de sarna recente. Em alguns lugares as pobres criaturas jazem sôbre tapetes, evidentemente muito fracos para sentarem-se. Em unia casa as portas estavam fechadas até meia altura e um grupo de rapazes e moças, que não pareciam ter mais de quinze anos, e alguns muito menos, debruçavam-se sôbre a meia porta e olhavam a rua com faces curiosas. Eram evidentemente negros bem novos. Ao aproximar-me dêles, parece que alguma coisa a meu respeito lhes atraiu a atenção; tocavam-se uns nos outros para certificarem-se de que todos me estavam vendo e depois conversaram no dialeto africano próprio com muita vivacidade. Dirigi-me a êles e olhei-os de perto, e ainda que mais disposta a chorar. Fiz um esforço para lhes sorrir com alegria e beijei minha mão para êles; com tudo isso pareceram êles encantados; pularam e dansaram, como que retribuindo as minhas cortezias. Pobres criaturas! Mesmo que pudesse eu não diminuiria seus momentos de alegria, despertando nêles a compreensão das coisas tristes da escravidão; mas, apelaria para os

seus senhores, para os que compram e para os que vendem, e lhes imploraria que pensassem nos males que traz a escravidão, não somente para os negros, mas para êles próprios e, não somente para êles, mas para suas famílias e para suas descendências.

Afinal de contas, os escravos são os piores e mais caros empregados, e uma prova disso é o seguinte: — O pequeno terreno que cada um é autorizado a cultivar para seu próprio uso em muitas fazendas geralmente produz, pelo menos, o dôbro em proporção do que a terra do senhor, apesar das poucas horas de trabalho que lhe são dedicadas⁽¹⁰⁵⁾. Desde então procurei, sem êxito, obter um quadro correto do número de escravos importados em todo o Brasil. Temo realmente que será difficil para mim consegui-lo, em vista das distâncias de alguns portos; mas não descansarei até que obtenha, ao menos, um quadro do número das entradas nas alfândegas daqui durante os últimos dois anos. O número de navios da África que vejo constantemente entrando no pôrto, e as multidões que se atropelam nas casas de escravos nesta rua, convencem-me de que a importação deve ser muito grande. A proporção ordinária das mortes na travessia é, estou informada, cêrca de um em cada cinco.

3 de maio. — Esta manhã cedo o capitão da marinha franceza *La Susse* procurou-me para levar-me em seu barco para a cidade a fim de ir à casa do Sr. Luís José, na rua do Ouvidor(*), para ver passar o Imperador, que foi, em grande gala, abrir a Assembléia Constituinte e Legislativa. Seguiam-no todos os grandes officiaes de Estado, todos os gentis-homens da Casa, a maior parte da nobreza e diversos regimentos. Marchavam primeiro os soldados, em seguida os coches da nobreza e outras pessoas que tomavam parte na cerimônia, nenhum atre-

(*) A casa do conselheiro Lu'is José de Carvalho e Melo na cidade ficava à rua do Ouvidor, no sobrado onde foi depois o Hotel Ravot, em frente à *Notre Dame de Paris*. (WANDERLEY PINHO, *Salões e damas*, pg. 17).

(105) Só na minha volta à Inglaterra vim a conhecer o resultado das atividades de Josué Stee e em Barbados. Não preciso acrescentar uma palavra nesta parte do assunto; mas forneço ao leitor os quadros seguintes da entrada de negros na alfândega do Rio nos anos de 1821 e 1822:

1821

<i>Janeiro</i>		<i>Fevereiro</i>		<i>Março</i>	
Moçambique.....	483	Cabinda.....	193	Quilemani.....	311
Moçambique.....	337	Cabinda.....	342	Quilemani.....	385
Ambris.....	352	Cabinda.....	514	Quilemani.....	342
Cabinda.....	409	Moçambique ...	277	Quilemani.....	257
Cabinda.....	348	Moçambique....	600	Quilemani.....	260
Luanda.....	549		1 926	Quilemani.....	291
Benguela.....	396			Quilemani.....	287
	2 874			Angola.....	345
				Angola.....	433
				Angola.....	259
					3 170
<i>Abril</i>		<i>Maió</i>		<i>Junho</i>	
Angola.....	430	Angola.....	342	Angola.....	680
Quilemani.....	280	Angola.....	301		
Cabinda.....	287	Angola.....	231		<i>Agosto</i>
Cabinda.....	451	Quilemani.....	225	Luanda.....	514
	1 448	Moçambique....	122	Luanda.....	460
			1 281	Luanda.....	734
				Luanda.....	304
				Luanda.....	227
				Benguela.....	330
					2 573
<i>Setembro</i>		<i>Novembro</i>		<i>Dezembro</i>	
Angola.....	685	Ambris.....	220	Angola.....	516
		Benguela.....	390	Angola.....	523
<i>Outubro</i>		Angola.....	579	Angola.....	309
Angola.....	452	Angola.....	544	Moçambique....	394
Angola.....	375	Angola.....	388	Moçambique....	330
Benguela.....	510	Quilemani.....	446	Cabinda.....	562
	1 337		2 567		2 634

Resumo de 1821

<i>Janeiro</i>	2914
<i>Fevereiro</i>	1926
<i>Março</i>	3170
<i>Abril</i>	1448
<i>Maió</i>	1281
<i>Junho</i>	680
<i>Agosto</i>	2578
<i>Setembro</i>	685
<i>Outubro</i>	1337
<i>Novembro</i>	2567
<i>Dezembro</i>	2634
	21 199

1822

<i>Janeiro</i>		<i>Fevereiro</i>		<i>Março</i>	
Cabinda.....	744	Moçambique....	421	Cabinda.....	667
Cabinda.....	417	Moçambique....	419	Cabinda.....	400
Cabinda.....	459	Moçambique....	399	Quilemani.....	504
Cabinda.....	144	Moçambique....	520	Quilemani.....	487
Moçambique....	305	Angola.....	406	Quilemani.....	406
Moçambique....	278	Angola.....	400	Moçambique....	452
	<u>2 347</u>	Angola.....	406	Moçambique....	455
		Quilemani.....	436	Angola.....	305
		Quilemani.....	446	Angola.....	354
		Benguela.....	420	Angola.....	<u>371</u>
			<u>4 273</u>		<u>4 401</u>
<i>Abril</i>		<i>Maió</i>		<i>Junho</i>	
Quilemani.....	323	Angola.....	398	Cabinda.....	432
Quilemani.....	203	Benguela.....	<u>388</u>	Cabinda.....	533
Angola.....	519		786	Angola.....	302
Angola.....	418			Angola.....	761
Cabinda.....	291			Benguela.....	<u>390</u>
Cabinda.....	377				<u>2 418</u>
	<u>2 131</u>				
<i>Julho</i>		<i>Setembro</i>		<i>Outubro</i>	
Cabinda.....	427	Angola.....	572	Luanda.....	467
Angola.....	691	Angola.....	534	Benguela.....	428
	<u>1 118</u>	Cabinda.....	466	Cabinda.....	434
		Benguela.....	524	Cabinda.....	<u>337</u>
		Benguela.....	298		<u>1 666</u>
			<u>2 394</u>		
<i>Novembro</i>		<i>Dezembro</i>			
Cabinda.....	417	Luanda.....	514		
Cabinda.....	499	Cabinda.....	534		
Luanda.....	561	Quilemani.....	450		
Benguela.....	425		<u>1 498</u>		
	<u>1 902</u>				

Resumo de 1822

Janeiro.....	2347
Fevereiro.....	4373
Março.....	4401
Abril.....	2131
Maió.....	786
Junho.....	2418
Julho.....	1118
Setembro.....	2394
Outubro.....	1666
Novembro.....	1902
Dezembro.....	1498
	<u>29 934</u>

lado a mais de dois (tal foi a ordem expressa do Imperador a fim de que os ricos não humilhassem os pobres), depois as carruagens reais, que conduziam os membros da Casa, as damas de honra, a jovem princesa D. Maria da Glória, e, enfim, o Imperador e a Imperatriz, em coche de gala puxado a oito burros. A coroa ia no assento da frente. O Imperador ostentava a grande veste de gala, de penas amarelas sôbre o manto verde. A Imperatriz, muito abatida em virtude de indisposição recente, estava sentada junto dêle e o préstito encerrava-se com mais tropas.

As carruagens exibidas hoje constituiriam uma curiosa coleção para um museu em Londres ou Paris. Algumas eram a indescritível espécie de caleche usada aqui. No meio dessas havia um imponente carro de côr verde-ervilha e prata, evidentemente feito na Europa, muito leve, com ornamentos de prata, arruelas de prata nas rodas, prata onde se poderia usar qualquer espécie de metal e belas placas de prata lavrada nos arreios das bestas. Muitas outras carruagens de gala pareciam ter sido feitas no tempo de Luís XIV. Havia coisa demais colocada nos tirantes de couro e tôda espécie de penderucalhos selvagens, além de pinturas e dourados; mas de vez em quando viam-se lindos arreios de prata, ou de prata e ouro. Depois havia esplêndidas librês, e tôda espécie de ostentação, não sem algum gôsto.

As casas ostentavam tôdas as colchas de damasco e cetim de várias côres de que podiam dispôr; os baicões exibiam senhoras em cujos olhos brilhantes se sentia o entusiasmo, vestidas com roupas de gala, com plumas e diamantes em profusão; na passagem das carruagens reais, acenávamos com os nossos lenços e esparzámos flôres sôbre os ocupantes.

Quando o préstito passou, verifiquei que devíamos aguardar sua volta, coisa que eu estava encantada por fazer. Minha jovem amiga Dona Carlota ganha com o conhecimento; e como começo a ousar falar o português, estou-me tornando íntima da parte mais velha da família. Fui levada ao escritório e pela primeira vez vi

a biblioteca particular de um brasileiro. Como êle é juiz(*), naturalmente a maior parte é de direito, mas também há história e literatura geral, principalmente francesa, e alguns livros inglêses. Travei conhecimento com diversos autores portuguezes e Dona Carlota, que lê admiravelmente bem, fez-me o favor de ler alguns dos mais belos versos de Dinis(**) e emprestar-me suas obras. Quando voltamos ao nosso pôsto à janela, e vimos voltar o préstito, na ordem em que tinha vindo, nosso agradável grupo dispersou-se.

Ontem, tendo a Assembléia terminado as suas sessões preparatórias, enviou uma deputação, encabeçada por José Bonifácio, a Sua Majestade o Imperador, para convidá-lo a honrar a assembléia com sua presença na primeira reunião como corpo legislativo e êle aprouve designar as onze e meia de hoje para êsse fim⁽¹⁰⁶⁾. Por isso, esta manhã, o povo do Rio de Janeiro atapetou o caminho com folhagens, plantas cheirosas e flôres, desde a ponte fora da cidade, pela rua de S. Pedro, Campo de Santana, agora Praça da Aclamação, Praça do Teatro e ruas do Ouvidor e Direita até o Palácio. Havia tropas alinhadas por todo o percurso. As casas estavam enfeitadas e as bandas dos diferentes regimentos substituíam-se umas às

(*) O cons. Luís José de Carvalho e Melo, desembargador da Relação do Rio de Janeiro, era Deputado pela Bahia na Assembléia Constituinte, que se instalava.

(**) António Dinis da Cruz e Silva, acima referido.

(106) Vários decretos de 3 e 19 de Junho e de 3 de agosto de 1822 e de 20 e 22 de fevereiro de 1823 foram publicados convocando a assembléia ou regulando a eleição dos deputados pelas províncias do Brasil. Já em abril de 1823 o maior número daqueles que se poderiam reunir nas circunstâncias presentes do país haviam chegado à capital. A 14 desse mês o Imperador fixou a primeira reunião para 17. Em consequência, a 17 de abril de 1823, os deputados, em número de 52, entraram na casa que lhes fôra destinada às 9 horas da manhã e procederam à eleição de um presidente e um secretário interinos, sendo eleito presidente Dom José Caetano da Silva Coutinho, bispo capellão-mor e secretário Manuel José de Sousa França.

A primeira decisão foi nomear duas comissões: uma, de cinco membros, para verificar a eleição dos deputados em geral e outra, de três, para verificar a eleição dos outros cinco. Este importante assunto, e alguma discussão d'êle consequente, tomaram tóda a primeira sessão e a maior parte da segunda; para o fim da última aprovou-se a fórmula de juramento exigido dos membros, que foi a seguinte:

"Eu, F. deputado à Assembléia Extraordinária Constituinte e Legislativa do Império do Brasil juro aos Santos Evangelhos exercer as augustas funções de que sou encarregado pelo voto da Nação, com tóda a franqueza

outras à medida que Suas Majestades Imperiais passavam. Notei que os brasileiros nunca dizem *O Imperador*, mas *nosso Imperador* e *nossa Imperatriz* e raramente falam em um d'elles sem um epíteto de afeição.

No palácio da Assembléa, estava preparado um trono para o Imperador e à direita uma tribuna para a Imperatriz, a Princesa e suas damas. Logo que se soube que a comitiva imperial havia chegado, uma deputação da assembléa veio à porta recebê-la e conduziu o Imperador com sua coroa na cabeça⁽¹⁰⁷⁾ ao trono; a Imperatriz, a Princesa e as damas foram, ao mesmo tempo, conduzidas à tribuna.

O Imperador, após entregar a coroa e o cetro ao official competente, recebeu o juramento de vários deputados e falou da maneira que se segue. Notou-se que a fala, longe de ter o ar de uma coisa lida ou de um papel estudado, foi pronunciada tão livremente como se fôsse uma efusão espontânea do momento, e despertou um equivalente sentimento em seu favor:

"É hoje o dia maior que o Brasil tem tido; dia em que êle pela primeira vez começa a mostrar ao mundo que é Império, e Império livre. Quão grande é meu

e boa fé que ela de mim exige, sem respeitar outro fim que não seja o bem público e geral da mesma Nação, mantendo em tôdas as minhas deliberações a religião Catholica Romana, a integridade e independência do Império, o trono do sr. Dom Pedro, primeiro Imperador, e successão da sua dinastia, segundo a ordem que a Constituição estabelecer".

A terceira sessão foi occupada com a regulamentação do ceremonial da assembléa. O trono deveria ser collocado no fundo da sala; no primeiro degrau do lado direito, o presidente terá sua cadeira quando o Imperador presida; a não ser assim, a cadeira ficará em frente ao trono com uma mesinha separada da mesa dos deputados, e, sobre ella, um livro dos evangelhos, um exemplar da Constituição e uma lista dos deputados. Quando o Imperador abre a assembléa, seus officiaes-mores podem acompanhá-lo, e os ministros sentar-seão à sua direita; serão reservados lugares adequados para embaixadores e uma galeria será destinada aos estrangeiros. Outras cerimônias, como a recepção do Imperador, ou do regente, ou de um ministro comissionado por êle, foram também reguladas. A 1.^a de maio foi decidido então que a Assembléa iria incorporar à Capella Real e, após assistir à missa do Espirito Santo, faria os seus juramentos. A 2.^a foi nomeada uma comissão para procurar o Imperador e informá-lo de que estavam prontos para a 3.^a, e com seu auxilio, iniciar os importantes negócios para os quais se haviam reunido.

(107) A coroa é de veludo púrpura cravejada de diamantes. Houve um certo engano ou equívoco a respeito do uso da coroa na abertura da Assembléa. Como se trata somente de um símbolo cerimonioso de dignidade, deveria ter sido usado durante a cerimonia, mas devido ao engano aludido, não o foi. Engano da autora. O barrete inferior da coroa era de veludo verde e não púrpura. N. R.

prazer vendo juntos representantes de quase tôdas as províncias fazerem conhecer umas às outras seus interesses e sobre êles basearem uma justa e liberal constituição que as reja. Deveríamos já ter gozado de uma representação nacional; mas a nação não conhecendo há mais tempo seus verdadeiros interesses, ou conhecendo-os, e não os podendo patentear, visto a fôrça e predomínio do partido português que, sabendo muito bem a que ponto de fraqueza, pequenez e pobreza Portugal já estava reduzido, e ao maior grau a que podia chegar de decadência, nunca quis consentir (sem embargo de proclamar liberdade, temendo a separação) que os povos do Brasil gozassem de uma representação igual àquela que êles então tinham. Enganaram-se nos seus planos conquistadores e dêste engano nos provém tôda a nossa fortuna.

O Brasil, que por espaço de trezentos e tantos anos sofreu o indigno nome de colônia, e igualmente todos os males provenientes do sistema destruidor então adotado, logo que o Sr. Dom João VI, Rei de Portugal e Algarves, meu augusto pai, o elevou à categoria de reino pelo decreto de 16 de dezembro de 1815, exultou de prazer: Portugal bramiu de raiva, tremeu de mêdo. O contentamento, que os povos dêste vasto continente mostraram nessa ocasião, foi inaudito; mas atrás desta medida política não veio, como devia ter vindo, outra, qual era a convocação de uma assembléia que organizasse o novo reino.

O Brasil, sempre sincero no seu modo de obrar, e mortificado por haver sofrido o jugo de ferro por tanto tempo antes, e mesmo depois de tal medida, imediatamente que em Portugal se proclamou a liberdade, o Brasil gritou *Constituição Portuguesa*, assentando que por esta prova que dava de confiança a seus pseudo-irmãos, seria por êles ajudado a livrar-se dos imensos vermes que lhe roíam suas entranhas, não esperando nunca ser enganado.

Os brasileiros, que verdadeiramente amavam seu país, jamais tiveram a intenção de se sujeitarem a uma constituição em que todos não tivessem parte, e cujas

vistas eram de os converter repentinamente de homens livres em vis escravos. Contudo, os obstáculos, que antes de 26 de abril de 1821 se opunham à liberdade brasileira, e que depois continuaram a existir, sustentados pela tropa européia, fizeram com que êstes povos, temendo que não pudessem gozar de uma assembléia sua, fôsses, pelo amor da liberdade, arrastados a seguir as infames Côrtes de Portugal, para ver se, fazendo tais sacrifícios, poderiam deixar de ser insultados pelo seu partido demagógico, que predominava neste hemisfério.

Nada disso valeu: fomos maltratados pela tropa européia de tal modo que eu fui obrigado a fazê-la passar a outra banda do rio, pô-la em sítio, mandá-la embarcar e sair barra-fora, para salvar a honra do Brasil e podermos gozar daquela liberdade que devíamos e queríamos ter, para a qual debalde trabalharíamos para possuí-la, se entre nós consentíssemos um partido heterogêneo à verdadeira causa.

Ainda bem não estávamos livres dêstes inimigos, quando poucos dias depois aportou outra expedição que de Lisboa nos era enviada para nos proteger; eu tomei sôbre mim proteger êste Império, e não a recebi. Pernambuco fez o mesmo, e a Bahia, que foi a primeira em aderir a Portugal, em prêmio da sua boa fé e de ter conhecido tarde qual era o verdadeiro trilho que devia seguir, sofre hoje crua guerra dos vândalos e sua cidade, só por êles ocupada, está a ponto de ser arrasada, quando nela se não possam manter.

Eis, em suma, a liberdade que Portugal apetezia dar ao Brasil; ela se convertia para nós em escravidão e faria a nossa ruína total se continuássemos a executar suas ordens, o que aconteceria a não serem os heróicos esforços, que, por meio de representações, fizeram primeiro que todos, a junta do govêrno de São Paulo, depois a Câmara desta capital, e após destas tôdas, as mais juntas de governos e câmaras, implorando a minha ficada. Parece-me que o Brasil seria desgraçado se eu as não atendesse, como atendi; bem sei que êste era o

meu dever, ainda que expusesse minha vida; mas como era em defesa d'êste Império, estava pronto, assim como hoje, e sempre se fôr preciso.

Mal tinha acabado de proferir estas palavras — *Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação diga ao povo que fico* recomendando-lhe, ao mesmo tempo, *união e tranquilidade*, comecei imediatamente a tratar de nos porrmos em estado de sofrermos os ataques de nossos inimigos, até aquella época encobertos, depois desmascarados, uns entre nós existentes, outros nas *democráticas Côrtes Portuguezas*; providenciando por tôdas as secretarias, especialmente pela do Império e Negócios Estrangeiros, as medidas que dita a prudência que eu cale agora, para vos serem participadas pelos diferentes secretários de Estado, em tempo conveniente.

As circunstâncias do Tesouro Público eram as piores pelo estado a que ficou reduzido e, mui principalmente, porque até quatro ou cinco meses foi sòmente provincial. Visto isto, não era possível repartir o dinheiro para tudo quanto era necessário, por ser pouco para se pagar aos credores, a empregados em efetivo exercício e para sustentação da minha casa, que despendia uma quarta parte da de El-Rei meu augusto pai. A dêle excedia quatro milhões e a minha não chegava a um. Apesar da diminuição ser tão considerável, assim mesmo eu não estava contente quando via que a despesa que fazia era mui desproporcionada à receita a que o Tesouro estava reduzido, e por isso me limitei a viver como um simples particular, percebendo tão sòmente a quantia de 110:000\$000 para tôdas as despesas da minha casa, excetuando a mesada da Imperatriz, minha muito amada e prezada esposa, que lhe era dada em consequência de ajustes de casamento.

Não satisfeito com fazer só estas pequenas economias na minha casa, por onde comecei, vigiava sòbre tôdas as repartições, como era minha obrigação, querendo modificar também suas despesas e obstar seus extravios. Sem embargo de tudo, as rendas não chegavam; mas com pequenas mudanças de indivíduos não afetos à causa d'êste Império e só ao infame partido portuguez,

que continuamente nos estavam atraçando, por outros, que de todo seu coração amavam o Brasil, uns por nascimento e princípios, outros por estarem intimamente convencidos que a causa era a da razão, consegui (e com quanta glória o digo) que o Banco, que tinha chegado a ponto de ter quase perdido a fé pública, e estar, por momentos, a fazer bancarrota, tendo ficado, no dia em que o Senhor Dom João VI saiu à barra, duzentos contos em moeda, única quantia para trôco de suas notas, restabelecesse seu crédito de tal forma que não passa pela imaginação a indivíduo algum que êle possa voltar ao triste estado a que o haviam reduzido; que o Tesouro Público, apesar de suas demasiadas despesas, as quais deviam pertencer a tôdas as províncias, e que êle só fazia, tendo ficado desacreditado e exausto totalmente, adquirisse um crédito tal, que já soa na Europa, e tanto dinheiro que a maior parte de seus credores, que não eram poucos, nem de pequenas quantias, tenham sido satisfeitos de tal forma que suas casas não tenham padecido; que os empregados públicos estejam em dia, assim como os militares em efetivo exercício; que as mais províncias, que têm aderido à causa santa, não por força, mas por convicção que eu amo a justa liberdade, tenham sido fornecidas de todos os petrechos de guerra para sua defesa, grande parte dêles comprados, e outra dos que existiam nos arsenais. Além d'isto têm sido socorridas com dinheiro, por não chegarem suas rendas para as despesas que deviam fazer.

Em suma, consegui que a província rendesse 11 para 12 milhões, sendo o seu rendimento anterior à saída de meu augusto pai, de seis a sete quando muito.

Nestas despesas extraordinárias entram também fretes de navios das diferentes expedições que deste pôrto regressaram para o de Lisboa, compras de algumas embarcações e consertos de outras, pagamentos a todos os empregados civis e militares que, em serviço, aqui têm vindo, e aos expulsos das províncias por paixões particulares e tumultos que nelas têm havido.

Grandes foram, sem dúvida, as despesas; mas contudo ainda se não lançou mão da caixa dos dons gratuitos

e seqüestros das propriedades dos ausentes por opiniões políticas, da caixa do empréstimo que se contraiu de 4000:000\$000 para compra de vasos de guerra, que se faziam urgentemente necessários para defesa d'êste império, o que tudo existe em ser, e da caixa da administração dos diamantes.

Em tôdas as administrações se faz sumamente precisa uma grande reforma: mas nesta da Fazenda, ainda muito mais, por ser a principal mola do Estado.

O Exército não tinha nem armamento capaz, nem gente, nem disciplina: de armamento está pronto perfeitamente, de gente vai-se completando conforme o permite a população; e de disciplina, em breve chegará ao auge, já sendo em obediência o mais exemplar do mundo. Por duas vêzes tenho mandado socorros à província da Bahia, um de 240 homens, outro de 735, compondo um batalhão com o nome de *Batalhão do Imperador*, o qual em oito dias foi escolhido, se aprontou, embarcou e partiu. Além d'isto foram criados um regimento de estrangeiros e um batalhão de libertos, que em breve estarão completos.

Nos Arsenais do Exército tem-se trabalhado com tôda a atividade, preparando-se tudo quanto tem sido preciso para defesa das diferentes províncias, e tôdas, desde a *Paraíba do Norte até Montevidéu*, receberam os socorros que pediram.

Todos os reparos de artilharia das fortalezas desta côrte estavam totalmente arruinados; hoje acham-se prontos; imensas obras de que se carecia dentro do mesmo arsenal se fizeram. Pelo que toca a obras militares, repararam-se as muralhas de tôdas as fortalezas e fizeram-se algumas totalmente novas. Construíram-se em diferentes pontos os mais apropriados para nêles se obstar a qualquer desembarque e, mesmo em gargantas de serras, a qualquer passagem do inimigo, no caso de haver desembarcado (o que não será fácil), entrincheiramentos, fortins, redutos, abatizes e baterias rasas. Fez-se mais o Quartel da Carioca; prepararam-se todos os mais quartéis; está quase concluído o da Praça da Aclamação

e, em breve, se acabará o que se mandou fazer para granadeiros.

A Armada constava sòmente da fragata *Piranga*, então chamada *União*, mal pronta; da corveta *Liberal* só em casco; e de algumas mui pequenas e insignificantes embarcações. Hoje acha-se composta da nau *D. Pedro I*, fragatas *Piranga*, *Carolina* e *Niterói*, corvetas *Maria da Glória* e *Liberal*, prontas; e de uma corveta nas Alagoas que em breve aqui aparecerá com o nome de *Maceió*, dos brigues de guerra *Guarani*, pronto, *Cacique* e *Caboclo* em concertos, diferentes em comissões, assim como também várias escunas. Espero seis fragatas de 50 peças prontas de gente e armamento, e de tudo quanto é necessário para combate, para cuja compra já mandei ordem. Parece-me que o custo não excederá muito a 300:000\$ segundo o que me foi participado.

Obras no Arsenal da Marinha fizeram-se as seguintes: consertaram-se tôdas as embarcações que atualmente estão em serviço; fizeram-se barcos, canhoneiras e muitos mais que não enumero por pequenos, mas que, contudo, somados, montam a grande número e importância.

Pretendo que êste ano no mesmo lugar em que se não fez por espaço de treze mais do que calafetar, tingar e atamancar embarcações, enterrando soinas considerabilíssimas de que o govêrno podia mui bem dispor com suma utilidade nacional, se ponha a quilha de uma fragata de 40 peças que, a não falharem os cálculos que tenho feito, as ordens que tenho dado e as medidas que para isso tenho tomado, espero que seja concluída por todo êste ano, ou meado do que vem, pondo-se-lhe o nome de *Campista*.

Quanto a obras públicas, muitas se têm feito. Pela Polícia reedificou-se o palacete da Praça da Aclamação; privou-se esta extensa praça de inundações, tornando-se um passeio agradável, havendo-se calçado por todos os lados, além das diferentes travessas, que se vão fazendo para mais embelezá-la. Consertou-se a maior parte dos aquedutos da Carioca e Maracanã. Repararam-se imensas pontes, umas de madeira, outras de pedra; e, além disto, têm-se feito muitas totalmente novas; também se

consertaram grande parte das estradas. Apesar do exposto, e de muito mais, em que não toco, seu cofre, que estava em abril de 1821 devedor de 60:000\$000, hoje não só não deve, mas tem em ser 60 e tantos mil cruzados.

Por diferentes repartições fizeram-se as seguintes obras: aumentou-se muito a Tipografia Nacional, concertou-se grande parte do Passeio Público, reparou-se a casa do Museu, enriqueceu-se muito com minerais e fez-se uma galeria com excelentes pinturas, umas que se compraram, outras que havia no Tesouro Público e outras minhas, que lá mandei colocar.

Tem-se trabalhado com tôda a fôrça no cais da Praça do Comércio, de modo que está quase concluído. As calçadas de tôdas as ruas da cidade foram feitas de novo e em breve tempo fez-se esta Casa da Assembléia e tôdas as mais, que a ela estão juntas, foram prontificadas para êste mesmo fim.

Imensas obras, que não são do toque destas, se têm emprendido, começado e acabado, que eu omito, para não fazer o discurso nimiamente longo.

Tenho promovido os estudos públicos quanto é possível, porém necessita-se para isso de uma legislação particular. Fez-se o seguinte: comprou-se para engrandecimento da Biblioteca Pública uma grande coleção de livros dos de melhor escolha; aumentou-se o número de escolas e algum tanto o ordenado de seus mestres, permitindo-se, além disto, haver um sem número delas particulares; conhecendo a vantagem do ensino mútuo, também fiz abrir uma escola pelo método lancasteriano.

O seminário de São Joaquim, que seus fundadores tinham criado para educação da mocidade, achei-o servindo de hospital da tropa européia; si-lo abrir na forma da sua instituição e, havendo eu concedido à Casa da Misericórdia e à roda dos expostos (de que depois falarei) uma loteria para melhor se poderem manter estabelecimentos de tão grande utilidade, determinei, ao mesmo tempo, que uma quota parte desta mesma loteria fôsse dada ao Seminário de São Joaquim, para que melhor se pudesse

conseguir o útil fim para que fôra destinado por seus honrados fundadores. Acha-se hoje com imensos estudantes.

A primeira vez que fui à roda dos expostos achei, (parece impossível) sete crianças com duas amas; nem berços, nem vestuários. Pedi o mapa e vi que em treze anos tinham entrado perto de 12.000 e apenas tinham vingado 1.000, não sabendo a Misericórdia verdadeiramente aonde elles se achavam. Agora, com a concessão da loteria, edificou-se uma casa própria para tal estabelecimento, aonde há trinta e tantos berços, quase tantas amas quantos expostos e tudo em muito melhor administração. Tôdas estas coisas, de que acima acabei de falar, devem merecer-vos summa consideração.

Depois de ter arranjado esta província e dado imensas providências para as outras, entendi que devia convocar, e convoquei, por decreto de 16 de fevereiro do ano próximo passado, um Conselho de Estado, composto de procuradores gerais, eleitos pelos povos, desejando que elles tivessem quem os representasse junto a mim e, ao mesmo tempo, quem me aconselhasse e me requeresse o que fôsse a bem de cada uma das respectivas províncias. Não foi somente êste o fim e motivo por que fiz semelhante convocação; o principal foi para que os brasileiros melhor conhecessem a minha constitucionalidade, o quanto me lisonjearia governando a contento dos povos, e quanto desejava em meu paternal coração (escondidamente, porque o tempo não permitia que tais idéias se patenteassem de outro modo) que esta leal, grata, bríosa e heróica nação fôsse representada numa assembléa geral, constituinte e legislativa, o que, graças a Deus, se effectuou em consequência do decreto de 3 de junho do ano pretérito, a requerimento dos povos, por meio de suas câmaras, seus procuradores gerais e meus conselheiros de Estado.

Bein custoso seguramente me tem sido que o Brasil até agora não gozasse de representação nacional; e ver-me eu, por fôrça de circunstâncias, obrigado a tomar algumas medidas legislativas. Elas nunca parecerão que foram tornadas por ambição de legislar, arrogando um

poder em o qual sòmente devo ter parte ; mas sim que foram tomadas para salvar o Brasil, visto que a assembléia, quanto a umas não estava convocada, quanto a outras, não estava ainda junta e residiam, então, de fato e de direito, visto a independência total do Brasil de Portugal, os três poderes no chefe supremo da nação, muito mais sendo êle seu defensor perpétuo.

Embora algumas medidas parecessem demasiadamente fortes, como o perigo era iminente, os inimigos, que nos rodeavam imensos (e prouvera a Deus que entre nós ainda não existissem tantos), cumpria serem proporcionadas.

Não me tenho poupado, nem pouparei a trabalho algum, por maior que seja, contanto que dêle provenha um ceutil de felicidade para a nação.

Quando os povos da rica e majestosa província de Minas estavam sofrendo o férreo jugo do seu deslumbrado govêrno, que a seu arbítrio dispunha dela, e obrigava seus pacíficos e mansos habitantes a desobedece-rem-me, marchei para lá com os meus criados sòmente, convenci o govêrno e seus sequazes do crime que tinham perpetrado e do êrro em que pareciam querer persistir ; perdoei-lhes porque o crime era mais em ofensa a mim do que mesmo à nação, por estarmos ainda naquele tempo unidos a Portugal.

Quando em São Paulo surgiu dentre o brioso povo daquela agradável e encantadora província, um partido de portuguezes e brasileiros degenerados, totalmente afetos às Côrtes do desgraçado e encanecido Portugal, parti imediatamente para a província, entrei sem receio porque conheço que todo o povo me ama, dei as providências que me pareceram convenientes, a ponto que a nossa independência lá foi primeiro que em parte alguma proclamada, no sempre memorável sítio do *Piranga*.

Foi na pátria do fidelíssimo e nunca assaz louvado Amador Bueno da Ribeira aonde pela primeira vez fui aclamado Imperador.

Grande tem sido, seguramente, o sentimento que enluta minlia alma por não poder ir à Bahia, como já quis e não executei, cedendo às representações de meu

Conselho de Estado, misturar meu sangue com o daqueles guerreiros que tão denodadamente têm pelejado pela pátria.

A todo custo, até arriscando a vida, se preciso fôr, desempenharei o título com que os povos deste vasto e rico continente em 13 de maio pretérito me honraram, de Defensor Perpétuo do Brasil. Este título penhorou muito mais meu coração do que quanta glória alcancei com a espontânea e unânime aclamação de Imperador dêste invejado Império.

Graças sejam dadas à Providência, que vemos hoje a nação representada por tão dignos deputados. Oxalá que há mais tempo pudesse ter sido; mas as circunstâncias anteriores ao decreto de 3 de junho não o permitiam, assim como depois as grandes distâncias, a falta de amor à Pátria em alguns e todos aquêles incômodos que em longas viagens se sofrem, principalmente em um país tão novo e extenso como o Brasil; são quem tem retardado esta apetecida e necessária junção, apesar de tôdas as recomendações que fiz de brevidade por diferentes vêzes.

Afinal raioi o grande dia para êste vasto império, que fará época na sua história. *Está junta a assembléia para construir a nação. Que prazer! Que fortuna para todos nós!*

Como Imperador Constitucional e mui especialmente como Defensor Perpétuo dêste Império, disse ao povo no dia 1.º de dezembro do ano próximo passado, em que fui coroado e sagrado, que com a minha espada defenderia a pátria, a nação e a constituição, se fôsse digna do Brasil e de mim. Ratifico hoje mui solenemente perante vós esta promessa e espero que me ajudeis a desempenhá-la, fazendo uma constituição sábia, justa, adequada e executável, ditada pela razão e não pelo capricho, que tenha em vista sòmente a felicidade geral, que nunca pode ser grande, sem que esta constituição tenha bases sólidas, bases que a sabedoria dos séculos tenha mostrado que são as verdadeiras para darem uma justa liberdade aos povos, e tôda fôrça necessária ao Poder Executivo. Uma constituição em que os três pode-

res sejam bem divididos de forma que não possam arrogar direitos que lhes não compitam, mas que sejam de tal modo organizados e harmonizados que se lhes torne impossível, ainda pelo decurso do tempo, fazerem-se inimigos, e cada vez mais concorram, de mãos dadas, para a felicidade geral do Estado. Afinal, uma constituição que pondo barreiras inacessíveis ao despotismo, quer real, quer democrático, afugente a anarquia e plante a árvore da liberdade, a cuja sombra deve crescer a união, tranquilidade e independência dêste Império que será o assombro do mundo novo e velho.

Tôdas as constituições que, à maneira das de 1791 e 92 têm estabelecido suas bases e se têm querido organizar, a experiência nos tem mostrado que são totalmente teóricas e metafísicas e, por isso, inexequíveis, assim o provam a França, a Espanha e, últimamente, Portugal. Elas não têm feito, como deviam, a felicidade geral, mas sim, depois de uma licenciosa liberdade, vemos que em uns países já apareceu, e em outros ainda não tarda a aparecer, o despotismo em um, depois de ter sido exercitado por muitos, sendo consequência necessária ficarem os povos reduzidos à triste situação de presenciarem e sofrerem os horrores da anarquia.

Longe de nós tão melancólicas recordações; elas enlutariam a alegria e júbilo de tão faustosos dias. Vós não as ignorais, e eu, certo que a firmeza nos verdadeiros princípios constitucionais, que têm sido sancionados pela experiência, caracteriza cada um dos deputados que compõem esta illustre assembléa, espero que a Constituição que façais mereça a minha imperial aceitação, seja tão sábia e tão justa quanto apropriada à localidade e civilização do povo brasileiro; igualmente que haja de ser louvada por tôdas as nações que até os nossos inimigos venham a imitar a santidade e sabedoria de seus princípios e que, por fim, a executem.

Uma assembléa tão ilustrada e tão patriótica olhará só a fazer prosperar o Império e cobri-lo de felicidades; quererá que seu Imperador seja respeitado não só pela sua, mas pelas mais nações; e que o seu Defensor Per-

pétuo cumpra exatamente a promessa feita no 1.º de dezembro do ano passado e ratificada hoje solenemente perante a nação legalmente representada". (*)

Quando o Imperador terminou sua fala, o bispo da diocese, na qualidade de presidente da Assembléia(**), fez uma curta resposta de agradecimento, louvor e promessa, após o que todos os membros, os espectadores nas galerias, o povo na rua, aclamaram estusiásticamente Sua Majestade Imperial e o préstito voltou a São Cristóvão na ordem em que tinha vindo.

As cerimônias do dia encerraram-se naturalmente com um espetáculo de teatro e como minha amiga, Madame Rio Sêco, me oferecera gentilmente uma cadeira em seu camarote, lá fui pela primeira vez desde minha volta ao Brasil. Ela estava num grande entusiasmo porque, nesse dia, o Imperador havia conferido ao marido a ordem do Cruzeiro e, por isso, foi realmente em grande gala ao teatro. Os seus diamantes, usados nessa noite, podem ser avaliados em 150.000 libras esterlinas e muitas jóias esplêndidas ainda permaneceram guardadas no cofre forte. Quanto a mim, tinha ido à cidade com o vestido de manhã; fui, por isso, a uma modista e comprei um enfeite de cabeça simples e de crepe, de luto fechado, tal como exigem os costumes do lugar, e, envolvendo-me em meu chale, acompanhei minha magnificente amiga. O aspecto da casa era esplêndido, pela iluminação e pela decoração. As senhoras ostentavam tôdas diamantes e plumas. Havia algumas decorações novas desde o ano passado, e uma bôca de cena alegórica tinha sido pintada. A Imperatriz não compareceu devido a sua moléstia recente, mas o Imperador lá estava, com ar pálido e um pouco fatigado. Foi recebido com aplausos delirantes. Os membros da Assembléia estavam sentados, metade à sua direita e metade à esquerda, em camarotes especialmente destinados a êles, e logo que todos ocuparam seus lugares, a prima-dona recitou um poema sôbre a oportunidade, no qual havia algumas boas passagens, que provo-

(*) Texto original em: *Fallas do Throno* — Rio, 1889, pg. 3.

(**) Dom José Caetano da Silva Coutinho, bispo do Rio de Janeiro e Capelão-Mor da Casa Imperial.

THE
 NATIONAL ANTHROPOLOGICAL ARCHIVES
 UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY

I have the honor to acknowledge the receipt of your letter of the 15th inst. in relation to the matter of the National Anthropological Archives. I am glad to hear that you are interested in the work of the Bureau of American Ethnology and that you are desirous of securing a copy of the report of the Anthropological Expedition to the Valley of Mexico and the Gulf States, published by the Smithsonian Institution in 1877. I have the pleasure to inform you that a copy of this report is now in the possession of the National Anthropological Archives and is available for loan to you. I am sorry that I cannot furnish you with a copy of the report at the present time, but I am sure that you will be satisfied with the loan of the report. I have the honor to be, Sir, your obedient servant.

J. W. Powell

TRADUÇÃO

Glória, Rio de Janeiro, 21 de abril de 1823

Senhor

Ao chegar como estrangeira à Capital do Brasil, reconheço que devo ter dado a impressão de falta do respeito devido à S. M. a Imperatriz, por não ter a mais tempo solicitado a honra de me ser permitido prestar-lhe minhas homenagens. Estava, porém, com o encargo de acompanhar um parente em estado grave, e fui obrigada a encerrar-me em casa para assisti-lo. Tendo êle partido, venho receber ao seu intermédio para saber se posso apresentar-me a S. M. a Imperatriz e rogar que me sejam comunicados local e hora convenientes e agradáveis. Como sei que os usos deste côrte não permitem que qualquer pessoa seja indiscriminadamente admitida à honra de assistir-se com a Imperatriz, confio que serei perdoada por fornecer os seguintes dados acêrca de minha pessoa.

Meu marido era capitão de carreira da Armada Britânica, da classe mais antiga e, portanto, mais elevada quanto ao nível. Sua família, das mais antiga e respeitáveis na Escócia é a dos duques de Monthoses e Athol e dos condes de Mansfield e Hopetown etc. E meu pai, que era admirante de Inglaterra, reivindicava uma ascendência igualmente antiga e honrosa, ainda que não de origem nobre.

Quanto a mim, embarquei com meu marido em busca do Pacífico na fragata Duris, que êle tinha a honra de comandar. Tive a infelicidade de ficar viúva e sou hoje uma estrangeira no Brasil, onde espero passar alguns meses antes de voltar à Europa. É, pois, como estrangeira e como viúva que quereria colocar-me especialmente sob a proteção d. sua Augusta e Amável Imperatriz.

Tenho a honra de ser sua humilde e obediente criada

MARIA GRAHAM

caram grandes aplausos. Creio que foi Gresset que em uma de suas odes *Au Roi* disse :

“*Le cri d'un peuple heureux est la seule éloquence
Qui sait parler des rois(*)*”.

Realmente esta eloquência foi poderosa nessa noite. Não posso conceber situação mais cheia de interêsse para ambos, Príncipe e povo.

Nada houve a notar na peça principal, representada naquela noite porque era uma grosseira tradução da Lodoïska(**), sem as canções. Mas a peça final despertou muita emoção : era chamada *A Descoberta do Brasil*. Apareciam Cabral e seus oficiais logo após o desembarque : haviam descoberto os indígenas do país e, segundo o costume dos descobridores portugueses, haviam erguido a bandeira branca com a cruz vermelha de Cristo, em homenagem à qual haviam dado o primeiro nome à terra. Aos pés dêsse símbolo ajoelhavam-se em adoração e procuravam induzir os selvagens brasileiros a unirem-se a êles nos ritos sagrados. Estes, por sua vez, procuravam persuadir Cabral a reverenciar os corpos celestes e a dissensão parecia prestes a perturbar a união dos novos amigos, quando, por meio de uma máquina grosseira, desceu do alto um pequeno gênio e saltando de seu carro desfraldou a nova bandeira impe-

(*) GRESSET, Jean Baptiste Louis (1709-1777) — poeta francês membro da Academia, gozou de grande popularidade.

(**) LODOÏSKA, nome de duas óperas estreadas em 1791. A primeira, letra de Fillette-Loreaux e música de Cherubini, é uma comédia heroica. A segunda, com o subtítulo de *Les tartares*, é dramática, letra de Dejaure e música de Kreutzer. Pela notícia publicada no *Diário do Governo*, de 5 de maio, foi a segunda ópera que foi apresentada, no que parece. Eis a publicação confirmativa da narração da autora: ... “Esteve à noite iluminada toda a cidade com profusão de luzes extraordinárias, e pelas oito horas da noite apareceu S. M. I. no Teatro, onde foi recebido com iguais aclamações. Ali achavam-se também quatro camarotes a cada um dos lados do S. M. I., ornados com o maior asseio e destinados para os nossos deputados. Principiou o espetáculo pela recitação de um excelente elogio dirigido a S. M. I. e à Assembléa; seguiu-se-lhe a representação da peça intitulada *Os tartaros na Polónia*, concluindo o divertimento uma soberba datsa alegórica, em que se representou o *Descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral*, de que o dia de hoje é aniversário. Quando baixou o gênio com a bandeira do Império e a desenrolou sobre o teatro, todos os espectadores subitamente se puseram de pé, e as aclamações, os vivas ao Império do Brasil, à nossa independência foram, e com tal entusiasmo, pronunciados, que seria impossível à mais hábil pena descrevê-los”. (V. nota de RODOLFO GARCIA ao *Esboço biográfico* cit. pg. 88).

rial com a inscrição: *Independência ou Morte*. Isto era completamente inesperado pela casa que, por um momento, pareceu cair eletrizada, em silêncio. Creio que fui eu que bati palmas em primeiro lugar, mas a explosão de sentimentos que rompeu de todos os cantos do teatro durou muito tempo. Não sei de coisa que seja tão dominadora como essa espécie de expressão unânime de profundo interesse de qualquer grande massa de homens. Comovi-me e, quando deveria estar acenando com meu lenço do camarote do camareiro-mór da Casa Imperial(*), estava escondendo com êle minha face e chorando de todo coração. Quando a casa silenciou de novo, olhei para Dom Pedro; êle se tornara muito pálido e, tendo puxado uma cadeira para perto da dêle, arrimava-se às suas costas. Ficou muito sério até o fim da peça, pondo a mão diante dos olhos por algum tempo, e, de fato, seus vivos sentimentos não poderiam escapar à emoção que atingia até estrangeiros.

Ao encerrar-se a peça houve altos gritos de "Viva a Pátria" e "Viva o Imperador", "Viva a Imperatriz", "Vivam os Deputados", todos partidos do centro da casa. Então Martim Francisco Ribeiro de Andrada surgiu à frente de um dos camarotes dos deputados e gritou: "Viva o povo leal e fiel do Rio de Janeiro", saudação que foi vivamente correspondida, especialmente pelo Im-

(*) O visconde do Rio Sêco, depois marquês de Jundiá, não foi camareiro-mor e sim porteiro-mor da Casa Imperial, por decreto de 11 de dezembro de 1822. [Código 67 do Arquivo da Superintendência, de Petrópolis]. Exercia, aliás, desde 15 de setembro de 1808 os cargos de "Escrivão dos Filhamentos, com o expediente de tôdas as repartições que a êle se acham anexas, e Tesoureiro da Casa Real Consignação Real e Maradías, vencendo o ordenado annual de trezentos mil reis. [Arg. Superint. Código 64]. Em alvará de 5 de setembro do mesmo ano, ao conceder ao mesmo servidor o fôro de fidalgo-cavaleiro, o então Príncipe-Regente justifica longamente tal mercê, citando os valiosos serviços por êle prestados à Casa Real por ocasião da transferência da Côrte, "tomando a seu cargo não só este importantíssimo artigo, mas também o de fazer embarcar os criados e famílias dêles que tiveram a honra de Me acompanhar, chegando a sua probidade e amor pelo seu Real Serviço a adiantar os seus cabedais para mantimentos da referida esquadra"; menciona ainda os relevantes serviços prestados por ocasião do incêndio do Paço da Ajuda, em 10 de novembro de 1794, em que salvou valiosos cabedais, e ainda no incêndio da Real Fábrica de Pólvora de Barcarena a 14 de agosto de 1805, onde sua atividade raiou pelo heroísmo. [Arg. da Superint. Código 65]. Azevedo era Oficial efetivo da Casa Real desde 1.º de junho de 1810 [Cód. 63] — (V. *Exposição analítica e justificativa da conduta e vida pública do visconde do Rio Sêco, desde o dia 25 de novembro de 1807, em que S. M. F. o incumbiu dos arrojamentos necessários da sua retirada para o Rio de Janeiro, até o dia 15 de setembro de 1821*. Rio, 1821).

perador e amavelmente recebida pelo povo. E assim terminou um dia tão importante.

6 de maio. — Fui hoje a São Cristóvão através de uma região muito bela. O palácio, que pertenceu outrora a um convento(*), é situado em terreno elevado, e construído um tanto em estilo mourisco, pintado de amarelo com molduras brancas. Tem um magnífico panorama, uma portada de pedra de Portland e o pátio plantado com salgueiros chorões, de modo a formar um conjunto de grande beleza no fundo do vale, cercado de montanhas altas e pitorescas, a maior das quais é o Beco do Perroquito [Pico do Papagaio](108). A vista do palácio abrange uma parte da baía, e domina uma agradável planície, flanqueada por férteis colinas, uma das quais é coroada por belos quartéis que foram outrora um estabelecimento de jesuítas. Contornando o palácio, e indo mais para o fundo, alcancei uma plantação, que me pareceu em boa ordem, e a vila dos escravos, com sua igreja, que me pareceu mais confortável do que poderia crer que fosse possível. A Família Imperial vive agora tôda aqui e só vai à cidade para negócios oficiais ou motivos de Estado.

12 de maio. — Não pude fazer nada porque estive passando bem mal e só hoje tomei conhecimento da chegada da fragata *Júpiter*, com Lorde Amherst em caminho para a Índia e o rumor de que êle tinha algum caráter oficial junto a esta Côrte(**).

16 de maio. — Lorde Amherst e sua comitiva foram recebidos na Côrte com tal cerimônia que o povo foi

(*) S. Cristóvão não era um convento, mas uma simples residência dos jesuítas, dependente do Colégio do Rio de Janeiro (do morro do Castelo). Foi sequestrada, por ocasião da expulsão dos jesuítas, como Fazenda de S. Cristóvão. Vendida, foi mais tarde doada a D. João VI pelo negociante Elias Antônio Lopes, já muito reduzida. Foi êste que edificou o palacete. (A. LAMÉCO, *A Terra Goitacá*, III, Bruxelas, 1925, pgs. 154 e 159).

(108) Cêrca de 2 000 pés de altura.

(**) William Pitt, conde de Amherst d'Arakan (1773-1857), foi embaixador da Inglaterra na China e, em seguida, Governador Geral da Índia. Passou pelo Rio em 1823. Para evitar a atenção da Europa, Canning incumbira Amherst de entender-se reservadamente com D. Pedro e José Bonifácio sobre as negociações do reconhecimento e da abolição do tráfico. (V. nota de RODOLFO GARCIA à crônica de Maria Graham, *Escôrça biográfica de D. Pedro I*, cit., pg. 90).

levado a acreditar que êle tem, de fato, um caráter diplomático aqui. O *Alacrity* chegou de Valparaíso e me trouxe algumas cartas atrasadas da Inglaterra que contribuíram, com minha doença, para deprimir-me o ânimo. Afinal de contas é triste estar sòzinha e decente numa terra estranha. A *Doris* também chegou da Bahia. Não teve nenhuma comunicação direta com a pequena esquadra de Lorde Cochrane, mas parece que com seus seis navios êle mantém em xeque a esquadra de quinze barcos do inimigo. A cidade da Bahia parece estar numa situação desesperada por falta de provisões. Os escravos morrem pelas ruas. Algumas casas, depois de ficarem fechadas por alguns dias, foram abertas pelos funcionários da polícia, que verificaram terem os donos fugido e os escravos morrido. Duas vêzes por dia abriam-se os portões para permitir a saída de mulheres e crianças. Alguns oficiais da *Doris* tiveram a curiosidade de assistir a algumas dessas ocasiões e viram quinhentas pessoas, carregadas com a mobília e a roupa que o estado de fraqueza e inanição permitia aguentar, deixarem a cidade. A pequena quantidade de provisão fresca que consegue penetrar na cidade é exorbitantemente cara. O general Madeira proclamou a lei marcial na praça, requisitou alguma cevada e trigo de um navio neutro e levantou empréstimos forçados de tôdas as classes, tanto de nativos quanto de estrangeiros.

O navio trouxe dois ou três jornais da Bahia. Como era de esperar, respiram o mais violento e obstinado espírito contra o govêrno Imperial e todo o mundo a seu serviço, chamando o Imperador de déspota turco, sultão, etc., e José Bonifácio de vizir tirânico. Lorde Cochrane, naturalmente, não escapa, e, a tôdas as velhas calúnias contra êle, ajuntam agora que é um covarde, por cujos amáveis cumprimentos parece que terão de pagar caro, segundo penso. O suplemento da *Idade do Ouro*, de 25 de abril, dá a lista das duas esquadras organizadas com o fim de inspirar confiança aos portugueses, avaliando por baixo a força dos navios de Lorde Cochrane, e apresentando-os como mal preparados -- ainda que, segundo êles, as mais opressivas medidas

tenham sido tomadas para equipá-los, — e como incapazes de enfrentar os portuguezes. No entanto acharam conveniente apelar para todos os navios do Funi! e outras estações onde tinham pequenos barcos localizados, a fim de reforçar a sua esquadra⁽¹⁰⁹⁾. Publicaram uma carta circular, apelando para todos os officiaes e tripulações a fim de que se esforçassem, prometendo-lhes a destruição da esquadra brasileira, e no mesmo dia, 24 de abril, o almirante João Félix Pereira de Campos, sob o pretexto de doença, passou o comando a outro official.

Estas medidas foram tomadas em consequência das noticias da chegada de Lorde Cochrane ao Brasil, levadas ao general Madeira pelo navio de Sua Magestade Bri-

(109) NAVIOS BRASILEIROS:

Navio de linha de batalha <i>D. Pedro I</i>	64 canhões	— de fato	75
Fragata <i>União</i>	44 canhões	— de fato	50
Fragata <i>Carolina</i>	36 canhões	— de fato	44
Fragata <i>Sucesso</i> (nome <i>Niterói</i>).....	36 canhões	— de fato	33
Corveta <i>Maria da Glória</i>	32 canhões	— de fato	32
Corveta <i>Liberal</i>	22 canhões	— de fato	22
Escuna <i>Real</i> [<i>Pedrol</i>].....	16 canhões	— de fato	16
Escuna <i>Nightingale</i>			20
TOTAL	250		300

Além disso há um brulote e uma barca canhoneira.

NAVIOS DA ESQUADRA PORTUGUEZA

Navio de linha de batalha <i>D. João VI</i>	74 canhões	— Comte. Cap. de Fragata Joaquim José da Cunha.
Fragata <i>Constituição</i>	50 canhões	— Cap. Frag. Joaquim Maria Bruno de Moraes
Dita <i>Pérola</i>	44 canhões	— Cap. Frag. José Joaquim d'Amorim.
Corveta <i>Princesa Real</i>	28 canhões	— Cap. Tte. Francisco Borja Pereira de Sá.
Dita <i>Colipso</i>	22 canhões	— Cap. Tte. Joaquim Antônio de Castro.
Dita <i>Regeneração</i>	26 canhões	— Cap. de Frag. João Inácio Silveira da Mora.
Dita <i>Dez de Fevereiro</i>	26 canhões	— Cap. de Frag. Miguel Cil de Noronha.
Dita <i>Ativa</i>	22 canhões	— Cap. Tte. Isidoro Francisco Guimarães.
Brigue <i>Audaz</i>	20 canhões	— Cap. Tte. João da Costa Carvalho.
Corveta <i>S. Guáthar</i>	26 canhões	— 1.º Tenente Graduado Manuel de Jesus.
Corveta <i>Príncipe Real</i>	26 canhões	— Tenente Antônio Feliciano Rodrigues.
Dita <i>Rrsauração</i>	26 canhões	— 1.º Tte. Graduado Flóres.
Sumaca <i>Conceição</i>	8 canhões	— 2.º Tte. Carvalho.
TOTAL	398 canhões	

tânica *Tartar*, o único que partia do Rio durante o tempo do embargo. Estamos ficando realmente muito aflitos por notícias do Lorde: correm muitos boatos, mas como não houve nenhuma comunicação direta da esquadra, somente aumentam a ansiedade geral.

17 de maio. — Logo depois que cheguei aqui, em março, ou, antes, logo que meu parente Glennie me deixou, senti que, na qualidade de estrangeira, e na posição em que me encontro, estava extremamente desamparada; por conseguinte, falei ao ministro José Bonifácio, narrando-lhe meus sentimentos, e mostrando o desejo, dado o temperamento sensível da Imperatriz, de ter permissão para contar com o apoio dela e considerá-la minha protetora enquanto permanecesse no Império. Em consequência, ela me prometeu marcar um dia para receber-me, mas uma severa indisposição desde aí a prendeu ao quarto. Agora, porém, como *Lady Amherst* requereu uma audiência a Sua Majestade Imperial, marcou-se para isso o dia de depois de amanhã, e eu recebi uma comunicação de que seria recebida no mesmo dia, já que a Imperatriz não deseja receber nenhuma estrangeira antes de mim. Isto é polido, ou antes, é mais: é delicado.

19 [de maio]. — Apesar de estar sofrendo demasiado esta manhã, resolvi comparecer perante a Imperatriz ao meio dia, em São Cristóvão. Para isso fui obrigada a tomar uma boa porção de ópio. Centudo cheguei na hora marcada; e, tal qual me recomendaram, procurei a Camareira-mor, irmã de José Bonifácio(*), e fui encaminhada à sala de recepção, onde encontrei esta senhora, *Lady Amherst*, *Miss Amherst* e *Mrs. Chamberlain*. A Imperatriz chegou pouco depois, com um belo vestido de manhã, de cetim púrpura com enfeites brancos, e com aparência muito boa. *Mrs. Chamberlain* apresentou *Lady* e *Miss Amherst*, e Sua Majestade Imperial falou durante alguns minutos com Sua Excelência. Depois disso fez sinal para que eu me aproximasse, o que fiz.

(*) D. Maria Flora Ribeiro de Andrada (1764-1851), nomeada Camareira-mor em 1822, deixou o cargo ao deixarem os irmãos o governo e retirou-se para sua terra natal, onde faleceu solteira. (Marina de Andrada Procópio de Carvalho, "A família Andrada", *Rev. do Inst. Heraldico-Genalogico*, n.º 9, 1942-43, pg. 58").

Falou comigo com a maior amabilidade, e disse, da maneira mais lisonjeira, que há muito me conhecia de nome, e diversas outras coisas que ditas por pessoas de sua categoria se tornam agradáveis pela voz e pela maneira de dizer. Deixei-a com a mais agradável das impressões. Ela é extremamente parecida com diversas pessoas que vi da família Imperial da Áustria, e tem uma expressão notavelmente doce.

Os corredores por que passei, desde os degraus do palácio até a sala de audiências, são simples e belos. Como foi uma audiência que se poderia chamar de particular, não havia guardas, oficiais, nem assistentes, exceto a Camareira-mor.

O Imperador está agora na sua casa de campo de Santa Cruz, de modo que o Paço de São Cristóvão parecia a casa de um particular, tão sossegado estava(*).

Sábado, 7 de junho. — Desde o dia em que fui a S. Cristóvão, fiquei presa em meu quarto em total abatimento tanto de espírito como de corpo, atacada por uma severa indisposição. A Creole veio da Bahia, para tomar provisões, preparatórias da viagem de volta. O comodoro ofereceu-me passagem e escreveu-me a respeito; mas não estou em estado de embarcar para uma longa viagem. As notícias da Bahia são mais aborrecidas do que nunca em relação aos baianos, ainda que favoráveis à causa imperial; a miséria dos pobres habitantes é realmente grande.

12 [de junho]. — Estivemos durante três dias agitados pelas notícias de que a Bahia havia caído e vários boatos a isso relativos: todos se originam de uma ruse de guerre de Madeira, que, forçado a enviar um pequeno navio para um pôrto da costa a fim de obter farinha, declarou que o mandava a Lorde Cochrane, espalhando esta notícia para encobrir o seu propósito real.

13 [de junho]. — Um brigue, presa da esquadra, chegou, como também a *Sesóstris*, navio mercante des-

(*) Esta mesma entrevista é narrada com outros pormenores no *Esboço biográfico* cit., pg. 89. Ao que ali se diz, a atenção da imperatriz para com a Autora despertou fortes ciúmes de Mrs. Chamberlain, esposa do cônsul inglês.

tinado a Valparaíso, a cujo bordo estavam Lady Cochrane e família, em caminho do Chile. Graças a Deus, ao chegar aqui soube onde está Lorde Cochrane; poupou-se assim à cansativa viagem, e, ao excelente marido, muita ansiedade a seu respeito.

14 [de junho]. — Afinal temos notícias verdadeiras tanto de Lorde Cochrane quanto do que tem feito. Escrevi a Lady Cochrane, pedindo desculpas devido à doença, por não visitá-la; ela procurou-me amavelmente ao desembarcar. Alguns minutos depois recebi cartas do almirante e de outros oficiais da esquadra.

Como era de se esperar, dada a pressa com que foi equipada a esquadra, os navios tiveram de vencer algumas dificuldades a princípio. Algumas velas e cordas que haviam sido armazenadas durante dezessete anos, verificou-se estarem quase imprestáveis. Os canhões de alguns dos navios estavam sem fechos, visto como os portugueses não os haviam adaptado; os cartuchos eram, na maioria, feitos de lona; mas o grande inconveniente era o número de portugueses, — tanto marinheiros quanto oficiais, — nas tripulações, o que as mantinha em estado de contínuo descontentamento, senão de amotinamento.

Lorde Cochrane havia escolhido, como base da esquadra, o pôrto detrás do morro de São Paulo, cêrca de 30 milhas ao sul da Bahia, que domina o canal atrás de Itaparica, região com bastante água e lenha, dispondo nas vizinhanças de todos os mantimentos frescos necessários. Há ali boa e abrigada ancoragem, de sete a vinte braças de água e, de um modo geral, estava bem adaptada para seus fins. Logo que se soube que o Lorde partira para a Bahia, a esquadra portuguesa saiu barra fora, e estendeu-se ao longo da costa norte da baía. Lorde Cochrane, que esperava em vão, no lugar de encontro no mar, por dois brulotes que deviam vir do Rio, armara um de seus pequenos navios, a escuna *Real*, [Pedro] como brulote e pretendeu voar em direção à Bahia a 4 de maio, quando se chocou com a frota portuguesa, em número de trinta navios⁽¹¹⁰⁾, dispondo

(110) Um navio de linha, cinco fragatas, cinco corvetas, um brigue e uma escuna.

êle só de cinco navios, um brigue e um brulote. Investiu imediatamente através da linha dêles, separando os quatro navios mais atrasados. Se os homens houvessem cumprido o dever, nada poderia salvar o primeiro navio com que êle se alongou, mas êles dispararam cedo de mais, e apesar de o fogo ter produzido grandes efeitos, ferindo e matando muitos (tanto a bordo dêsse navio quanto o *Dom João VI*, que ficou logo na direção donde soprava o vento), o almirante ficou desapontado. A marcha lenta da *Piranga* e da *Niterói* colocou-as bem mais distantes da *Pedro I* do que seus bravos comandantes desejariam. Os outros foram forçados a permanecer afastados, dizem, pela convicção de que suas tripulações não poderiam merecer confiança combatendo portugueses. Quanto à tripulação do navio do almirante, dois dos marinheiros portugueses puseram-se na entrada do paiol e, com espadas desembainhadas, impediram a subida da pólvora. As esquadras separaram-se depois disso. Lorde Cochrane resolveu atacar os portugueses de novo no dia seguinte. O capitão Crosbie, o tenente Shepherd e onze outros estavam feridos, mas nenhum outro dano sofrera a esquadra imperial, enquanto os europeus haviam sofrido muito, tanto na tripulação quanto nos aprestos do navio.

Na manhã de 5, Lorde Cochrane procurou em vão o inimigo. Este estava evidentemente satisfeito com a escaramuça de 4 e tinha procurado abrigo no pôrto, de modo que o Lorde voltou para o morro de São Paulo, com a única satisfação de haver expellido o inimigo do alto mar. Entrementes o Exército Imperial brasileiro, postado atrás da cidade, aproveitando a vantagem da ausência da esquadra e, conseqüentemente, dos dois mil marinheiros que serviam na artilharia em terra, avançou da localidade de Brotas, onde estava fixado o seu centro, em direção à cidade. Madeira marchou ao encontro dêles e feriu-se uma batalha inteiramente favorável aos imperiais. Dizem que a armada real foi chamada em conseqüência do desastre(*).

(*) Após entendimentos com o almirante, através de intermediários, "esboçou Labatut outra investida para a cidade [a 3 de maio], avançando pelo

Lorde Cochrane, logo que chegou ao morro de São Paulo, tomou as providências em relação à esquadra que julgou prudentes para o serviço público. O navio que chegou aqui trouxe de volta alguns dos portugueses mal intencionados. Todos, creio, pelas informações do oficial que chegou no navio apresado, foram demitidos da *Pedro I*.

Lorde Cochrane passou os oficiais e marinheiros ingleses da *Piranga* e da *Niterói* para bordo da *Pedro I*, de modo a ter ao menos um navio em que possa confiar. Trocou os canhões de dezoito libras do tombadilho principal pelos de vinte e quatro da *Piranga* e colocou canhões pelos baileus. Confiamos que, nas próximas notícias, víremos a saber de algo favorável à causa da independência.

Tudo quanto o govêrno aqui poderia fornecer à esquadra para assegurar seu bom êxito foi feito da maneira mais liberal, e as falhas, tal como se deram, deveram-se às circunstâncias particulares dos tempos e do país, que não permitiam contrôle. Era de se esperar que algumas coisas ficassem imperfeitas, mas que tanta coisa se houvesse feito, e bem feito, desperta admiração. É que o Imperador aprecia o bravo que comanda sua esquadra, e enquanto isso durar, logo que for sentida uma dificuldade, será obviada(*).

19 [de junho]. — Minha saúde vai de mal a pior. A Creole partiu hoje. Diverti-me êstes dois dias com alguns jornais ingleses. Se alguma coisa puder reerguer minha saúde serão certamente as notícias da Inglaterra.

Cabula a divisão de caçadores a pé, sob o comando do sargento-mnr José Antônio da Silva Castro, e pelo lado de São Gonçalo . . . o batalhão da Paratiba, comandado pelo capitão Teodoro Barreto André. O grosso do exército pacificador se postou na Conceição, a fim de apoiar o ataque dos dois corpos citados, que avançavam pelas elevações . . . O coronel Felisberto Caldeira chegou, também, pelos lados de Brotas até a roça de Joaquim Silveira, onde os portugueses se emrincheiraram fortemente. . . Diz Accioli que o general Madeira assistiu à ação em Brotas e que dali se retirou pela iminência do perigo que corria, tendo, na volta para a cidade, caído do cavalo e perdido nessa ocasião o chapéu, atravessando algumas ruas sem ele, o que aumentou o terror da população que estava na cidade. Acrescenta que por um desertor constou ser de cem homens a perda dos portugueses. Os independentes tiveram 7 homens mortos e 13 feridos". (BRÁS DO AMARAL, Op. cit. pg. 353).

(*) Em carta, datada de 5 de maio, e dirigida a José Bonifácio, o almirante Cochrane descrevera longamente as operações. (V. EDMUNDO WILLIAMS MUNIZ BARRETO — "Pródromos da independência e papel da armada na formação autônoma do Brasil" — V. *Anais do I Congresso Intern. de Hist. da América* — 1922, vol. VII, pg. 127 — *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.*, Tomo Especial).

Lorde Althorp fez, vejo eu, um vivo mas inútil esforço para rejeição da lei de alistamento dos estrangeiros, assunto do maior interêsse neste país. Vejo com prazer o reconhecimento virtual pelos ministros inglêses da independência da América Espanhola.

22 [de junho]. — Estamos na véspera de S. João, na qual as moças do Brasil praticam alguns ritos, tal como as escocesas em *Hallow-e'en* [véspera de Todos os Santos], para verificar o destino dos seus amores. Queimam nozes juntas, põem as mãos, de olhos fechados, sobre uma mesa, com as letras do alfabeto, e fazem muitos encantamentos simples. Creio que me lembro de ter visto, há muito tempo, as criadas de uma casa em Berkshire collocarem uma erva, penso que uma espécie de erva dos telhados, atrás da porta, chamando-a de homens de São João. Era para prender o jovem predileto quando entrasse. Quanto a mim só desejo que a gota de *nucca* dos árabes caia esta noite, para que eu possa colhê-la e livrar-me da minha esgotante doença(*).

26 de junho. — Como meu amigo Dr. Dickson, que me tratou durante todo êste tempo com uma amabilidade constante, me aconselhou a mudar de ares, êle e o Sr. May arranjaram-me uma casinha na praia de Botafogo, com sobrado, o que é consideração vantagem aqui, visto como o andar térreo é freqüentemente um pouco úmido. Hoje o capitão Willis, do *Brazen*, trouxe-me em seu barco para minha nova moradia. Meus bons amigos, o coronel Cunningham e Sr.^a, procuram, com amável hospitalidade, evitar que eu sinta demais a perda de meus amigos, o Sr. e Sr.^a May, que foram o mais possível amáveis durante minha estada na Glória.

A baía de Botafogo é certamente um dos panoramas mais belos do mundo, mas até os últimos anos suas margens eram pouco habitadas pelas classes superiores da sociedade. No ponto mais afastado há uma garganta entre a montanha do Corcovado e as montanhas que

(*) Parece que caiu esta noite, a balsâmica *nucca*, rocío celestial que caiu sobre o Egito e fez desaparecer todas as pragas. (*Diário de uma residência no Chile*, 24 de junho de 1822).

poderíamos chamar do grupo do Pão de Açúcar, garganta que conduz à lagoa de Rodrigo de Freitas, através da qual um riacho de beia água fresca corre para o mar^(*). Exatamente na sua foz há um lugarejo habitado por ciganos, que encontraram o caminho para aqui, e preservam muito da peculiaridade do aspecto e do caráter em seu novo lar transatlântico. Conformam-se com a religião do país em tôdas as coisas exteriores e pertencem à paróquia de que o cura de Nossa Senhora do Monte é pastor. Mas esta conformidade não parece ter influenciado seus costumes morais. Usam seus escravos como pescadores. Uma parte de sua família reside habitualmente nos seus domicílios, mas os homens vagueiam pelo país e são grandes mercadores de cavalos nesta parte do Brasil. Alguns dêles dedicam-se ao comércio e muitos são extremamente ricos, mas são ainda considerados ladrões e trapaceiros, e chamar um homem *Zingare* [cigano] equivale a chamá-lo de velhaco. Conservam o seu dialeto particular, mas não consegui ficar pessoalmente bastante conhecida dêles para formar qualquer juízo sôbre o grau em que a mudança de país e clima afetou os hábitos originais.

O navio de Sua Majestade *Beaver* chegou há dois dias da Bahia. Parece que Madeira, incapaz de manter o país por mais tempo, está resolvido a deixá-lo. Está sendo compelido ao extremo pela esquadra de Lorde Cochrane, que lhe corta as provisões, pelos contínuos alarmes mantidos na costa devidos à simples presença do Lorde no mar e ainda pelos preparos que êle está fazendo no Recôncavo para um ataque à cidade por meio de brulotes e canhoneiras. Espera-se, portanto, que Madeira abandone a praça logo que possa obter embarcações suficientes para embarcar as tropas. Afirma-se ainda que fixou o dia, o de S. Pedro, para evacuar a praça. A seguinte proclamação é certamente preparatória para fazer

(*) O Rio Berquê, que desembocava aproximadamente no local do artigo Pavilhão Mourisco. A maré enchente tornava-o navegável até a rua Real Grandeza. Ali havia uma olaria, que deu nome à região. Os produtos dessa indústria eram transportados em faluas para o centro da cidade. (Afonso VÁZEA, "Rios de Botafogo", *Boletim Geográfico* — C. N. G. N.º 106 — Janeiro e fevereiro 1952, pg. 52).

isso, mas, como a época depende de contingências, não se pode fixar a data :

“Habitantes da Bahia. A crise em que nos achamos é perigosa, porque faltam os meios de subsistir e não pode haver certeza alguma sôbre a entrada de mantimentos. O meu dever, como militar e como governador, é fazer todos os sacrifícios para conservar esta cidade; mas é igualmente do meu dever tudo prevenir para, em um extremo caso de apuro, não ver sacrificada a tropa que comando, a esquadra e vós mesmos. Eu emprego, pois, todos os meios para preencher êstes dois deveres. Não vos persuadais que medidas de prevenção sejam sempre seguidas de desares: já uma vez tomei essas medidas; elas vós assustaram, mas vós conhecestes depois que nada tinham de extraordinárias. Ainda no meio de formidáveis exércitos se tomam diâriamente tais providências, porque nem sempre se triunfa e é preciso preparar-se para os infortúnios. Vós podeis, portanto, estar certos de que as medidas que tomo não são por ora senão de prevenção, mas que me cumpre comunicar-vos; pois, se chegássemos a ter de abandonar esta cidade, muitos de vós a deixariam também e eu seria muito responsável à nação e a El-Rei se vos não prevenisse com antecipação. Quartel General da Bahia, 28 de maio de 1823(*)”.

A proclamação aumentou o alarma geral no mais alto grau. Os próprios editores dos jornais portugêses usam da linguagem mais violenta. Um dêtes diz “Nos últimos dias, assistimos nesta cidade a um doloroso espetáculo, que deve tocar ao coração até dos mais insensíveis: um terror pânico apossou-se do ânimo de todos os homens, etc.⁽¹¹¹⁾”. E prossegue antecipando os horrores de uma cidade deixada sem protetores, e de famílias cujos pais, obrigados a fugir, devem ser abandonadas como órfãos, deixando a propriedade como prêsa para os invasores. Estes temores decresceram um pouco a 2 de junho, quando entrou na Bahia um navio com 3.000 alqueires de farinha, e o ânimo das tropas se reergueu

(*) Texto original em PEREIRA DA SILVA, *História da Fundação do Império* — Vol. 7, Rio, 1868, pg. 129.

(111) *Semadrio Cívico* de 5 de junho.

devido a uma pequena vantagem obtida no dia 3 sôbre os patriotas. Mas o alívio foi de curta duração. Numa busca rigorosa não se encontraram na cidade provisões para mais de seis semanas além das necessárias para os navios e o general iniciou seus preparativos para abandonar o Brasil. Permitiu então aos magistrados reassumirem as funções suspensas pela lei marcial e publicou uma carta do Rei nomeando cinco pessoas para formar um governo provisório. Ainda que alguns dêles não estivessem dispostos a aceitar os cargos, fez com que prestassem juramento e entrassem imediatamente em exercício.

Os preparativos de Madeira para a partida foram acelerados por um ataque feito por Lorde Cochrane na noite de 12 de junho só com a *Pedro I*. O almirante português estava em terra jantando com o general Madeira, quando às dez horas da noite se ouviu um tiro. "Que é isso?" exclamou o último ao emissário que entrou alarmado na sala. — "É o navio de linha de Lorde Cochrane em meio de nossa esquadra". — "Impossível!" disse o almirante, "nenhum navio grande pode subir com a maré vazante". A angústia e desordem na preparação foi tal como se a esquadra inglêsa tivesse entrado de maneira hostil. A *Pedro Primeiro* estava de fato alongada com a *Constituição*, mas o almirante desdenhou uma presa tão pequena e avançou para a *Dom João VI*. Se a tivesse alcançado teria trazido tôda a esquadra com êle, mas exatamente quando estava a ponto de fazê-lo, a brisa que o havia trazido contra a maré falhou e caiu em calmaria; por êsse tempo todos os navios estavam em movimento, os fortes começaram a atirar e, relutantemente, a *Dom Pedro* retirou-se da Bahia com a maré, intocada pelo inimigo.

A ousadia desta tentativa encheu os portugueses de admiração e sobressalto e agora, mais do que nunca, estão querendo abandonar a Bahia. A prata da Igreja(*)

(*) O deão José Fernandes da Silva Freire, que então governava o archiepiscopado vacante com vigário capitular, embarcou, de fato, para Portugal com as tropas de Madeira «na expectação de ver restaurada a boa ordem do sossego publico» e declarando que entregaria ao Sr. D. João VI "a quem de direito pertencem", os "restos de ouro e prata de que, antigamente, por ordem régia, se mandou meter na fundição da Casa da Moeda, pertencente ao despojo dos jesuítas". (V. BRÁS DO AMARAL, *Hist. da Indep. na Bahia*, pg 509).

e todo o depósito que pôde ser coletado, crê-se que está a bordo dos navios de guerra ingleses⁽¹¹²⁾.

1.º de julho. — Uma forte sensação causou hoje uma notícia de natureza antes dolorosa. O Imperador caiu do cavalo e quebrou duas costelas e, além disso, ficou muito contundido; contudo sua mocidade e fôrça impedem qualquer preocupação pelas conseqüências dêste acidente(*). Não há novidades públicas; estou doente demais para me preocupar com quaisquer outras notícias. Estrangeira, só, e muito doente, tenho bastante lazer para ver o valor do mundo para os ricos, ou que o pareçam, a exhibição e a parada; e sentir que se eu dispusesse de todos os recursos não poderia relevar a cabeça nem o coração dos que estão doentes ou tristes.

Creio que me tornei egoísta; não consigo interessar-me pelas pequenas coisas da vida dos outros, como costumava fazer. Preciso o forte estímulo do interêsse público para despertar minha atenção. Há muito tempo que não sou capaz de sair no meio do belo cenário daqui para gozar os encantos da natureza.

11 [de julho]. — Mais uma vez começo a sentir-me melhor e sair um pouco ao ar livre. Tôda espécie de gente apinha-se diáriamente para ver o Imperador, que está melhorando, mas ainda prêso em casa. Pela primeira

(112) Isto me foi contado sômente. Nunca perguntei, nem, creio eu, teria recebido resposta se interrogasse qualquer official inglês sôbre essas coisas. A disposição geral entre elles é evidentemente em favor do velho governo; mas o comportamento dêles é, ou deveria ser, estritamente neutro.

(*) O boletim médico, assinado pelo dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto (depois barão de Igarçu), Cirurgião da Imperial Câmara e assistente de S. M. o Imperador, datado de 8 de julho de 1823, informa que "vindo S. M. I. de sua chácara denominada Macaco no dia de segunda-feira, 6.º de junho, quase pelas seis horas da tarde, aconteceu que ao chegar à ladeira perto do paço de S. Cristóvão, como corresse e selim tanto para a garupa do cavallo em que vinha, pela razão de esturem as silhas traceiras muy largas, que estas ficaram nas virilhas do animal que se corcovava e desabridamente cerra, S. M. I. recendo resvalar juntamente com o selim e ser, em conseqüência, maltratado pelos muitos e violentos coices, sobretudo faltando-lhe o apoio da clava, por se ter esta arreventado e à qual lançou mão, tomou a resolução de deitar-se abaixo. O que fez para o lado esquerdo". Da desastrada queda resultaram, segundo o dito boletim, uma fratura direita na 7.ª costela esternal direita, fratura indirecta na 3.ª costela esternal esquerda, illústese na clavícula esquerda e grande contusão no quadril, com dores agudíssimas. (V. H. RAFFARD, "Apontamentos acêrc. de pessoas e coisas do Brasil" — *Rev. Inst. Hist.* Tomo LXI, Parte II, Rio, 1899, pg. 89).

vez nestas muitas semanas, fiz um passeio de carro hoje e fui mesmo até São Cristóvão para indagar da saúde de Sua Majestade Imperial e deixar meu nome. O caminho, tanto na ida quanto na volta, estava apinhado de carruagens e cavaleiros com a mesma missão. Além de ser realmente amado pelo povo, sua vida é da maior importância para a própria existência do Brasil como nação independente, no presente, e, em todo caso, em paz.

13 [de julho]. — Travei conhecimento com dois ou três agradáveis brasileiros, e um ou dois da melhor categoria de portugueses que adotaram a nacionalidade brasileira⁽¹¹³⁾. Não haverá mais de cinco fidalgos efetivos e êstes antigos nobres são objeto de ciúme dos novos, em número de cêrca de doze, que os excedem infinitamente em riquezas, de modo que temos as maledicências costumeiras e os escândalos das côrtes e cidades, em que as mulheres, por serem as mais ativas, são também as que mais sofrem. Os nossos ingleses também não ficam atrás de maneira alguma. Não há muitas visitas formais entre os ingleses, mas toma-se muito chá tranqüilamente, e uma vez ou outra, formam-se grupos para jantar ao ar livre em tempo fresco. Enfim, meus conterrâneos formam aqui um grupo discreto e sóbrio com uma proporção bem razoável entre bons e maus. Vão regularmente à igreja nos domingos, porque temos uma capela protestante muito bonita no Rio, servida por um respeitável pastor(*); encontram-se depois da igreja para almoçar e falar: alguns vão depois à ópera, outros jogam cartas, outros, raros, ficam em casa ou passeiam com os seus

(113) A 9 de março publicou-se um decreto imperial, determinando que todos os que não se conformassem com as leis do Império deixassem-no em dois meses, se morassem na costa e quatro, se no interior, sob pena de perder a propriedade. Daí por diante todos os bons cidadãos usaram no braço uma roseta verde e o galão de ouro com o mote gravado: *Independência ou Morte*.

(*) Pelo artigo XII do tratado de Comércio com a Inglaterra, de 1810, foi estabelecido que Portugal manteria aos súditos ingleses perfeita liberdade de culto "nas suas particulares igrejas e capelas" que elle permitiria edificarem-se em seus domínios "contanto que externamente se assemelhem a casas de habitação". Em agosto de 1819, pois, lançaram os ingleses a pedra fundamental de sua igreja à rua dos Barbozos (hoje Evaristo da Veiga). Êste templo, há pouco tempo dedicado, foi o primeiro templo protestante da América do Sul. V. J. C. RODRIGUES *Religiões acatólicas no Brasil* — 2.ª ed., Rio, 1904 — pg. 106).

e instruem-se, com suas famílias pela leitura. Tudo isso muito semelhantemente ao que se passa na Europa. Contudo, são todos muito amáveis comigo, e porque hei de notar-lhes os defeitos ou chocar-me com as histórias absurdas que contam a meu respeito porque não me conhecem? Além disso, não é grande afronta ser chamada mais sábia do que outro.

14 [de julho]. — Chegaram várias presas do Morro de São Paulo. Um desses navios trouxe notícias do Morro que só registro pela metade. Depois da visita à Bahia, na noite de 12 de junho, empenhou-se Lorde Cochrane, nos oito dias seguintes, em amadurecer um plano para um ataque posterior, que parecia de sucesso garantido quando, a 20⁽¹¹⁴⁾, “uma pessoa malvada ou descuidada pôs fogo num barril de álcool, que se comunicou a outros barris e criou um tal terror que mais de cem pessoas saltaram fora do navio, algumas das quais se afogaram. Calculou-se que teríamos explodido se o fogo durasse uns três minutos mais. Sua extinção deve ser atribuída principalmente à presença de espírito e à atividade pessoal do Lorde em pessoa que, pesa-me acrescentá-lo, sofreu tanto com o calor das labaredas e seus próprios esforços que se sentiu doente demais esta manhã para deixar o leito”.

17 [de julho]. — Afinal a Bahia caiu. Madeira, em prosseguimento dos planos anunciados em sua proclamação de 28, havia preparado todos os seus navios de guerra e um grande número de mercantes com provisões, munições e armazenagem, mais a prata, o dinheiro, as jóias, (que transferiu dos navios ingleses para o próprio). Acreditava-se que partiria a 3 de julho. Lorde Cochrane, informado a respeito, viera só com a *Dom Pedro Primeiro* para observar a Bahia na manhã de 2, quando viu a esquadra portuguesa toda soltar as velas de mezena e preparar-se para pôr-se em movimento. Esta manobra não foi considerada pelos ingleses dentro da baía como

(114) Extrato de uma carta que me foi escrita de bordo a 21, por um amigo.

decisiva, porque havia sido praticada diàriamente durante algum tempo. O Lorde, contudo, fez imediatamente sinais para a *Maria da Glória* e a *Niterói* virem juntar-se a êle a tôda pressa. A *Piranga*, inútil pela má navegação, devido ao estado de seu cobre, fôra enviada ao Rio. Ela e a *Liberal*, ambas chegadas hoje, são as portadoras da informação oficial. Lorde Cochrane, cuja amabilidade não falha, escreveu-me nos seguintes têrmos :

“Minha cara senhora — Tive pena em saber de sua doença, mas é preciso ficar boa, já que lhe comunico que expulsamos o inimigo para fora da Bahia. As fortalezas foram abandonadas esta manhã e os navios de guerra, em número de 13, com cêrca de 32 barcos de transporte e navios mercantes, estão em caminho. Acompanhá-los-emos (isto é, a *Maria da Glória* e a *Pedro Primeiro*) até o fim do mundo. Repito, espere novas notícias. Creia-me sempre seu amigo sincero e respeitoso

Cochrane

2 de julho de 1823, a oito milhas ao norte da Bahia”.

Soube, pelos oficiais dos navios chegados, que os canhões estavam todos cravados e as reservas explodidas no Port Pedro [Forte de São Pedro], mas, por outro lado, tudo foi deixado em ordem na cidade e, por ocasião da entrada das tropas brasileiras, não houve a menor desordem, nem se perdeu uma só vida, circunstância altamente honrosa para tôdas as partes.

Ainda que o almirante mencione quarenta e cinco navios, parece que houve muito mais, atingindo, no mínimo, a oitenta, que aproveitaram a oportunidade de sair com a frota.

Quando a *Piranga* deixou o morro, já havia chegado ali um reforço de homens para o almirante e a *Niterói* estava a se equipar e preparar para segui-lo em poucas horas.

Estas notícias foram muito bem recebidas aqui exceto por uma classe de pessoas, ou porque estejam secreta-

mente ligadas, ou porque tenham interêsses na causa de Portugal. Estão sempre murmurando e dizendo: "Não basta a Lorde Cochrane ter expulsado os pobres soldados da Bahia, e será ainda preciso persegui-los?", e assim por diante. Outros afetam desprezar o que chamam de fácil serviço. Mas o governo sabe que não foi serviço fácil guardar o mar com uma esquadra tão pequena, tão recentemente organizada, contra uma frota completamente armada e equipada, composta de navios de primeira classe; menos ainda cortar as provisões do inimigo de modo a reduzi-lo à necessidade de abandonar sua cidade.

Há hoje luminárias e espetáculo de gala à noite, mas como o Imperador ainda não pode ir, sua imagem, bem como a da Imperatriz, estarão em lugar d'êles. É um velho costume português, creio eu, exhibir um retrato do monarca, na sua ausência, nas ocasiões de cerimônia.

18 [de julho]. — A cidade entrou em grande agitação hoje por se saber que o ministério dos Andradas havia caído ontem. Parece que há poucos dias, creio que a 16, um desconhecido entregou uma carta na portaria do Palácio e disse ao empregado, que a recebeu, que sua vida não estaria segura se ela não fôsse entregue na própria mão do Imperador(*). Entregue, pois, a carta, e lida, o Imperador mandou chamar José Bonifácio. Ficaram fechados por certo espaço de tempo e o resultado da conferência foi que José Bonifácio resignou o seu cargo; o Brasil perdeu um hábil ministro e o Imperador um servidor zeloso. Diz-se que a carta era escrita de São Paulo e continha pelo menos 300 assinaturas de

(*) A entrega dessa carta também se refere Melo Moraes na *História do Brasil-Reino e Brasil-Imperio*: "O Imperador teria recebido uma denúncia relativa às perseguições dos Andradas por uma carta anônima, entregue por um desconhecido a Plácido Antônio de Abreu, tesoureiro da Casa Imperial, que foi acausado se não a fizesse chegar no mesmo dia às mãos do soberano. O fato é que no *Diário do Rio de Janeiro* de 16 de julho de 1823 appareceu a seguinte publicação: — "Plácido Antônio Pereira de Abreu faz saber que entregou a S. M. o Imperador a carta que recebeu para lhe ser entregue no dia 15 de julho de 1823".

Sobre as minúcias do rompimento com os Andradas, v. RAFFARD, "Pessoas e coisas do Brasil", loc. cit., pg. 90. V., a nota da A. no exemplar de O Lima. (Apêndice III).

peessoas queixosas da conduta tirânica dos Andradas naquella província, particularmente por prenderem pessoas que se haviam oposto à eleição de certos membros da assembléa, e por mandarem outros para o Rio, sob vários pretextos, mantendo-os afastados das famílias.

Estas cousas, porém, são passíveis de interpretação favorável e em tempos tão tempestuosos, é difficil julgar se foi necessário alguma severidade, ou, se, de fato, o zêlo do ministro foi levado longe demais⁽¹¹⁵⁾.

Como quer que seja, a renúncia de José Bonifácio é certa, e não menos certa a de seu irmão Martim Francisco, cuja honestidade irreprensível à frente do Tesouro não será facilmente substituída. As conjecturas, raciocínios e notícias sôbre êstes assuntos são naturalmente variados. A idéia mais geral é a de que os Andradas foram sobrepujados por um partido republicano da Assembléa que, apesar de pequeno, tem um plano traçado, e age de acôrdo com êle; e, o que é estranho, a queda, dizem que foi provocada por uma tentativa, por parte dêles, de desembaraçarem-se dos velhos homens da monarquia. Moniz Tavares, homem capaz, cujo nome será lembrado nas bancadas das Côrtes de Lisboa como defensor do Brasil, propôs, numa das primeiras reuniões da Assembléa, a 22 de maio, a expulsão absoluta do Brasil de todos os nascidos em Portugal. A proposta deu origem a uma acalorada discussão e foi recusada. A derrota foi o sinal para todo o partido português (e êle não é fraco). Reuniu-se aos republicanos para derrubar os Andradas e o conseguiu. Esta é a impressão dêste negócio por parte de muitas pessoas inteligentes. Qualquer que seja o fato, a manifestação do Imperador desaprovando tôda tirania, ou conivência com ela, é digna de louvor; mas quem deseje o bem do Brasil deve ter licença para desejar que homens de tal valor tivessem provado cabalmente a sua inocência e mantido suas situações. Esta tarde o Imperador fez circular a seguinte proclamação ao povo:

(115) As discussões na assembléa a 9 de maio lançam muita luz sôbre esse acontecimento.

"PROCLAMAÇÃO DE 15 DE JULHO DE 1823

Detesta o despotismo e assegura os sagrados direitos dos cidadãos.

Habitantes do Brasil!

"O Governo Constitucional, que se não guia pela opinião pública, ou que a ignora, torna-se o flagelo da humanidade. O monarca, que não conhece esta verdade, precipita-se nos abismos, e ao seu reino, ou ao seu império, em um pélogo de desgraças uma após d'outras. A Providência concedeu-me o conhecimento desta verdade, baseei sôbre ela o meu sistema, ao qual sempre serei fiel.

"O despotismo, e as arbitrariedades são por mim detestadas; há pouco vos acabei de dar uma prova, entre as muitas, que vos tenho dado. Todos podemos ser enganados; mas os monarcas poucas vêzes ouvem a verdade, e, se não a procuram, ela nunca lhes aparece. Quando a chegam a conhecer, devem-na seguir; Eu a conheci, isto fiz. Ainda que por ora não tenhamos uma Constituição, pela qual nos governemos contudo temos aquelas bases estabelecidas pela razão, as quais devem ser invioláveis; são elas os sagrados direitos da segurança individual, e de propriedade, e da imunidade da casa do cidadão, — Se até aqui elas têm sido atacadas e violentadas, e violadas, é porque vosso Imperador não tinha sabido que se praticavam semelhantes despotismos, e arbitrariedade, impróprias para todos os tempos, e contrárias ao sistema, que abraçamos. — Ficai certos de que elas serão de hoje em diante mantidas religiosamente — vós vivereis felizes, seguros nos seios de vossas famílias, nos braços de vossas ternas esposas, e rodeados de vossos caros filhos. Embora incautos queiram denegrir a minha constitucionalidade, ela sempre aparecerá triunfante, qual sol dissipando o mais espesso nevoeiro. Contai comigo assim como eu conto convosco, e vereis — a democracia, e o despotismo agrilhoados por uma justa liberdade.

IMPERADOR (*).

(*) Texto original na *Collecção das leis do Império do Brazil de 1823* — Parte I, Rio, Imp. Nac., 1837. ("Proclamações e manifesto", pg. 5).

O apêlo foi bem recebido, e talvez êsses incidentes que, num tempo como o presente, aproximam ainda mais o monarca do povo conduzam realmente à harmonia e estabilidade do sistema político em geral. Entrementes José Joaquim Carneiro de Campos é o primeiro ministro(*) e Manuel Jacinto Nogueira da Gama(**) está à testa do Tesouro; homem bastante rico para ficar acima de qualquer tentação cujo seu caráter, quanto à integridade, está escassamente abaixo do de seu predecessor.

23 de julho. — Havia algum tempo que eu prometera à imperatriz desenhar um esbôço de São Cristóvão; hoje resolvi levar-lho. Assim o fiz e, pelo caminho, almocei com minha boa amiga a viscondessa do Rio Sêco. Dirigi-me depois ao Palácio e primeiro subi para saber notícias da saúde do Imperador. Estava eu escrevendo meu nome quando êle, percebendo da janela minha chegada, mandou-me dizer amavelmente que me receberia. Em consequência fui conduzida à sala de audiências pelo veador Dom Luís da Ponte(***). Vi ali ministros e generais, todos em grande gala. O Imperador estava num pequeno quarto interno, onde tinha seu piano, seus apetrechos de caça, etc. Estava com uma roupa caseira de algodão, com o braço numia tipóia, mas com boa aparência, apesar de mais magro e mais pálido que antes: perguntou pelo quadrinho, de que pareceu muito satisfeito. Falou, depois, comigo por algum tempo, muito polidamente, em francês; fiz uma cortesia e retirei-me. Fui então ao apartamento da Imperatriz; ela tinha saído, mas pediram-me que esperasse o seu regresso do passeio. No meio tempo vi as jovens princesas, que são extremamente belas, e parecidas com Sua Majestade Imperial,

(*) 1.º visconde e marquês de Caravelas. Natural da Bahia, e um dos autores da Constituição de 1824, ministro do Império e de Estrangeiros em 1823, foi, mais tarde, senador do Império e membro da Regência Provisória em 1831.

(**) 1.º visconde e marquês de Baependi, foi nomeado ministro da Fazenda. Oficial de marinha, natural de Minas Gerais. Foi Senador do Império.

(***) Dom Luíz de Saldanha da Gama Melo e Tôrres Guedes de Brito, filho do 6.º conde da Ponte. Foi, mais tarde, marquês de Taubaté. Era veador da Imperatriz. Diplomata de carreira, foi ministro na Toscana, na França, na Rússia e na Dinamarca.

especialmente a mais velha, D. Maria da Glória, que tem uma das caras mais inteligentes que já vi. A Imperatriz chegou logo, e conversou comigo muito tempo sôbre vários assuntos, interessando-se muito amavelmente pela minha última doença. Pondo de parte a consideração pela sua alta categoria, não foi pequeno o meu prazer em encontrar uma mulher tão bem cultivada e bem educada; fiquei muito triste por deixá-la sem dizer isto: ela é, sob todos os pontos de vista, uma mulher amável e respeitável. Nenhuma pessoa miserável jamais recorre a ela em vão; e seu comportamento, tanto público como privado, inspira justamente a admiração e o amor de seus súditos a sua família; suas atividades pessoais exornariam a posição de qualquer dama particular; sua paciência, prudência e coragem, tornam-na digna de sua alta posição. No caminho de volta para a cidade, parei numa casa de campo pertencente ao Sr. visconde do Rio Sêco. É chamada de Rio Comprido e é famosa pelo jardim. A sebe exterior é como um caramanchão encantado que antes poderia adornar os jardins de Armida. Uma sebe da altura do peito, constituída de murta e outras folhagens, é sobrepujada por arcadas de rosas sempre abertas, entre as quais um jasmim, ou uma trepadeira púrpura ou escarlate se enrosca ocasionalmente, enriquecendo a cornija florida dos pilares entre os quais ficam os caminhos da entrada. A parte interna poder-se-ia desejar menos afetada, mas enfim tudo é mantido em tal ordem, cheio de flôres tão ricas e belos arbustos, que a gente duvida que seja possível qualquer alteração vantajosa. A casa é baixa e agradável para o clima; o pomar, a horta e os gramados atrás, deliciosos e o conjunto cercado de vista magnífica. O padre José, capelão, é também o administrador da propriedade, combinação de funções que vejo ser habitual aqui.

Após passar ali algumas horas com meus hospitalieiros amigos, voltei à cidade, fiquei uma hora com minha amiga D. Carlota de Carvalho e Melo e encontrei algumas senhoras da família, entre elas sua tia, mulher de Manuel Jacinto, novo ministro da Fazenda, uma das mulheres

mais simpáticas que vi no Brasil(*). Tive o prazer de cumprimentar o pai de D. Carlota, que acabava de receber a missão de representar a Bahia na Assembléa, agora que ela está livre(**). Eu deveria, na verdade, ter cumprimentado a Bahia por uma escolha tão judiciosa. Voltei cedo para casa, não obstante as insistências de minha jovem amiga para que eu ficasse, já que ela considerava a noite apenas começada.

A família é tão grande que em casa de um ou de outro, há sempre uma sociedade agradável para a noite. Os homens conversam separado até a hora do chá, depois do qual a música ou a dansa faz com que, pelo menos os mais jovens, se juntem às moças e é raro que se separem antes de meia-noite.

25 de julho. — Nosso grupo de Botafogo foi enriquecido com a chegada do comodoro Sir T. Hardy(***), que ocupa a casa do desembargador França. O comodoro não é sòmente alegre e sociável êle próprio, mas ainda provoca alegria em tôrno de si. Os oficiais de seu navio e os do resto da esquadra são naturalmente grandes aquisições para as festas no Rio; vejo-os pouco, porém. Minha triste casa e minha mais triste pessoa não oferecem nenhum atrativo, exceto para os guardas-marinha de meu velho navio, que me visitam constantemente. Comprei um cavallinho⁽¹¹⁶⁾ para fazer exercício, e às vêzes acompanhar os rapazes nos passeios noturnos. Na última noite fui com dois dêes à Praia Vermelha, e, ao encontrar o oficial da guarda no portão do forte, pedimos licença para entrar, o que, sendo concedido, entramos e passeamos por ali admirando o panorama. Era a primeira vez que eu via a pequena enseada Vermelha do lado de terra. O forte é construído exatamente sôbre o istmo que une

(*) D. Francisca Mônica Carneiro da Costa e Gama, filha da baronesa de S. Salvador dos Campos dos Goitacazes.

(**) O visconde da Cachoeira, como neima se disse.

(***) Sir Thomas Hardy, comandante da esquadra inglesa. Foi êle que, pela primeira vez, saudou a bandeira imperial brasileira como estrangeiro, a 4 de julho de 1823, na Bahia. (V. RIO BRANCO, *Efemérides*, cit. pg. 313).

(116) Por êste animal que realmente não presta para nada, serião para ser cavalgado por uma doente como eu, paguei 35 mil réis, preço pelo qual, o C. de, se poderia comprar um bellissimo cavalo.

o Pão de Açúcar à terra firme. Ficamos ali sem pensar no tempo até que o sol se pôs com esplendor; voltamos então ao portão e encontramos-lo fechado, sendo que as chaves haviam sido levadas ao comandante. De modo que tive de me dirigir ao oficial de guarda que, compreendendo o que se passara, mandou que a guarda ficasse de armas na mão e foi êle próprio buscar as chaves, conduzindo-nos com a maior gentileza para fora do forte. Onde quer que estejam brasileiros, dos mais importantes aos mais ínfimos, devo dizer que sempre encontrei a maior amabilidade; desde o fidalgo, que me procura em trajes de côrte, até o camponês, ou o soldado comum, todos têm-me dado oportunidade de admirar-lhes a cortesia e de lhes ser grata.

1.º de agôsto de 1823. — O paquete inglês chegou hoje e traz notícias de que o partido monárquico em Lisboa dominou o das Côrtes(*). A notícia é tida aqui como muito importante, porque espera-se que a côrte possa agora ser fãcilmente induzida a reconhecer a independência do Brasil e diz-se que as autoridades da Madeira já têm ordens para receber e tratar amistosamente os navios com a bandeira brasileira. O tom geral da política aqui é menos agradável do que foi. Tem havido discussões desagradáveis na Assemblêia, passou uma proposta recusando o veto ao Imperador; e dizem que o partido republicano está tão ensoberbecido no momento que pensa apresentar uma proposta recusando-lhe o comando das armas. Os monarquistas estão naturalmente indignados com tudo isso. Contudo veremos o que acontecerá quando a deputação da Assemblêia levar a notícia da resolução ao Imperador, o que, segundo se diz, será na próxima semana, quando o soberano estiver bem restabelecido para recebê-la. Ele já está agora tão bem que quer, dentro de dez dias, ir à igreja de N.ª S.ª da Glória para dar ações de graças e pensa no mesmo dia passar revista às tropas em São Cristóvão. Já se estão concentrando para êsse fim. Vi a artilharia marchando

(*) A 27 de maio de 1823 o infante D. Miguel pôs-se à frente de um movimento militar, partido de Vila Franca de Xira (a Vilafrancada), dissolveu as Côrtes Geraes e restituiu ao Rei o poder absoluto.

para ali hoje quando estava na cidade, aonde fui para comprar alguns jornais, particularmente o *Diário da Assembléia*. Acho muito aborrecido que as senhoras não possam assistir às reuniões da Assembléia. Sei que não há qualquer proibição formal, mas a coisa é considerada tão inadmissível que não posso ir. Há uma galeria, para os estranhos, pouco maior em proporção que a da Câmara dos Comuns na Inglaterra, e os debates são publicados. Os deputados falam das próprias bancadas; são um pouco mais cerimoniaes no vestuário do que os comuns na Inglaterra, mas não têm nenhum uniforme particular. O presidente muda mensalmente.

3 [de agôsto]. — Tomei chá em casa da baronesa de Campos e lá encontrei uma grande reunião de família que se realiza sempre aos domingos para tributar homenagens à velha senhora. O chá foi feito por uma das moças com o auxílio da irmã, tal como se daria na Inglaterra. Uma grande urna de prata, bules de chá também de prata, jarras de leite e pratos de açúcar, com elegantes porcelanas da China, estavam colocados numa grande mesa, em volta da qual se reuniam diversas moças. De lá mandavam servir o chá em tórno de nossa roda, que estava sentada a distância. Tôda qualidade de pão, bolos, torradas com manteiga e roscas eram servidos com o chá. Em seguida, ofereceram-se doces de tôdas as espécies, após o que todo o mundo tomou um copo d'água.

6 [de agôsto]. — Partiu hoje o navio de Sua Magestade *Beaver*, tendo meu amigo o Sr. Dance como capitão; diz todo o mundo que êle conduz alguns despachos muito importantes relativos ao comércio da Inglaterra com as províncias independentes do Prata, mas como o mundo freqüentemente diz o que não é verdade, e o que é verdade nunca é confessado por aquêles que o sabem oficialmente, nunca me preocupo em perguntar estas coisas. Entristeço-me por ver um dos meus últimos amigos deixar o pôsto antes de mim; mas estou agora tão acostumada a ver partir, de um modo ou de outro, todos aquêles que se ocuparam eventualmente comigo,

ou manifestaram qualquer amabilidade a meu respeito, que espero em breve criar calos para a dor que êsse sentimento ainda desperta. É em vão que eu me orgulho de ter recobrado a firmeza de ânimo. Estou ainda sujeita a fraquezas por qualquer pequeno incidente, e sou obrigada a fugir de meus sentimentos particulares, interessando-me últimamente, e com empenho, pelos negócios dêste país. Um coração humano pode, sem dúvida, interessar-se pelos fatos em que está em causa a felicidade de milhões de seus semelhantes.

Esta manhã Sir T. Hardy, que está sempre ansioso por prestar amáveis serviços, fez com que eu procurasse a Sr.^a Chamberlain(*). Devo dizer, na verdade, que se soubesse de suas idéias a respeito de etiqueta eu a teria procurado antes, ficando satisfeita por fazer o que de mim se esperava⁽¹¹⁷⁾. Ela parece ser uma mulher bem informada, e tem maneiras agradáveis.

Depois que voltei, juntei-me a um alegre grupo num passeio a cavallo a Copacabana, pequena fortaleza que defende uma das pequenas baías atrás da praia Vermelha e de onde se podem ver algumas das mais belas vistas daqui. As matas das vizinhanças são bellissimas e produzem grande quantidade de excelente fruta chamada cambucá, e nos morros o gambá e o tatu encontram-se freqüentemente.

8 [de agosto]. — As discussões e a votação relativas ao veto do Imperador despertaram uma grande emoção, ao menos oratória, e os inglêses, pesquisadores e difusores de novidades, concordam em que haverá alguma insurreição séria por parte dos soldados a fim de defenderem o Imperador de alguma vaga opressão da Assembléia. Confio em que a própria Assembléia, ao se convencer de que a votação relativa ao veto é impolítica e

(*) Henry Chamberlain cônsul inglêz, exerceu em 14 de abril de 1826 as funções de encarregado de negócios.

(117) Não obstante as circunstâncias especiais, tanto nãnhas como do doente que eu acompanhava na minha volta ao Rio, M.^s Chamberlain, mulher do cônsul britânico, não tomou conhecimento de minha chegada. Aprenda depois que as mulheres, tanto quanto os homens, devem procurar os seus cônsules. Eu não estava a par disso, pois, em casos semelhantes, já havia recebido as primeiras visitas anteriormente.

injusta, determinará sua revogação; é igualmente verdade que tem havido algumas reuniões militares cuja linguagem foi assaz violenta sobre o assunto. Mas que haja o mais leve fundamento para esperar qualquer perturbação séria, não posso crer. O Imperador parece sincero demais no seu desejo de ver prosperar o mais possível o Brasil para encorajar qualquer procedimento violento no sentido de esmagar a Assembléa Constituinte; ao mesmo tempo êle tem muito caráter para sujeitar-se a têrmos, de qualquer origem, derogatórios de sua dignidade e de seus direitos. Acabo de receber sua proclamação sobre o caso que, não duvido, produzirá bom efeito. Estas proclamações são agradáveis para o gôsto do povo, e são de fato o único canal através do qual êle pode saber qualquer coisa das disposições do Imperador no presente estado do país. A de hoje é a seguinte:

“PROCLAMAÇÃO DE 19 DE JULHO DE 1823

“Brasileiros

Não poucas vêzes vos tenho feito patente a minha alma e o meu coração; naquela verfeis sempre gravada a monarquia constitucional e neste a vossa felicidade. Quero, porém, dar-vos mais um testemunho dos meus sentimentos e do quanto detesto o despotismo, quer de um, quer de muitos.

“Algumas câmaras das províncias do Norte deram instruções aos seus deputados, em que reina o espírito democrático. Democracia no Brasil! Neste vasto e grande império é um absurdo; e não menor absurdo o pretenderem elas prescrever leis aos que as devem fazer, cominando-lhes a perda ou derrogação de poderes que lhes não tinham dado, nem lhes compete dar.

“Na cidade de Pôrto Alegre a tropa e o povo, a Junta do Govêrno e as autoridades civis e eclesiásticas acabam de praticar também um atentado que firmaram, ou antes, agravaram, com solene juramento. A tropa, que só deve obedecer ao monarca, tomando deliberações; Autoridades incompetentes definindo um artigo consti-

tucional que compete à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa, qual é o veto, ou absoluto ou suspensivo, são absurdos mui escandalosos e crimes dignos do mais severo castigo, a não serem sugeridos pela ignorância, ou produzidos por indignas aliciações.

“Não acrediteis, pois, aos que lisonjeiam ao povo, nem aos que lisonjeiam ao monarca: uns e outros são indignos, e movidos pelo próprio e vil interêsse e com a máscara do liberalismo ou do servilismo, só procuram edificar, sôbre as ruínas da pátria, sua orgulhosa e precária fortuna. Os tempos em que vivemos estão cheios de tristes exemplos. Sirvam-nos de farol os acontecimentos de países cstranhos.

Confiai, brasileiros, no vosso Imperador e Defensor Perpétuo, o qual nem quer alheias atribuições, nem deixará jamais usurpar as que de direito lhe devem competir e que são indispensáveis para que sejais felizes e para que este Império possa encher os altos destinos que lhe são marcados pelo imenso Atlântico e pelos soberbos Prata e Amazonas. Esperemos ansiosos a Constituição do Império e esperemos que ela seja digna de nós. O Supremo Árbitro do universo nos conceda união e tranquillidade, fôrça e constância e será consumada a grande obra da nossa liberdade e independência.

IMPERADOR (*)”

9 de agosto. — O dia para o qual os *Pés de Chumbo* haviam predito uma insurreição passou em perfeita tranquillidade, salvo quanto a um melancólico acidente. Suas Majestades Imperiais, como foi mencionado, foram à igreja da Glória dar graças pela cura do Imperador. Foram seguidos pelas autoridades e por tantos oficiais dos diferentes regimentos quantos podiam acompanhar. No momento em que a comitiva estava tôda de joelhos, e exatamente quando as campainhas anunciavam a eie-

(*) Texto original na *Collecção das leis do Império do Brasil de 1823*, Parte I Rio, Imp. Nac. 1887 — (Proclamações e manifesto, pg. 6).

vação da Hóstia, o camarista Magalhães foi tomado de apoplexia e morreu(*).

12 [de agosto]. — Hoje, como ontem, e ante-ontem, houve luminárias e representaram-se óperas por causa da cura do Imperador; à noite um navio, presa feita pela esquadra, chegou do norte trazendo notícias de sua boa situação e da chegada de muitas presas na Bahia e em Pernambuco. Como os oficiais e marinheiros dos navios imperiais não podem ser desperdiçados para conduzir as presas aos portos, Lorde Cochrane assegura-se de sua ida para ali racionando a água, deixando apenas o suficiente para um certo número de dias, e cortando fora o mastro principal e o da mezena, de modo que êles precisarão procurar quanto antes os portos de sotavento. Os marinheiros hão de apreciar isto.

14 de agosto. — Fui com o Sr. Plasson, francês muito inteligente, a quem devo boa cópia de informações sôbre esta terra, ao museu, que havia visto apressadamente na minha primeira visita ao Rio. Melhorou grandemente desde que aqui estive, tanto externa quanto internamente. Os minerais da terra formam a parte mais rica da coleção. Os diamantes, tanto os incolores, como os negros, ultrapassam tudo o que já vi, mas creio que os cristais de ouro são os artigos mais preciosos aqui. Há diversas peças de ouro nativo, pesando três ou quatro onças, e alguns belos espécimens de prata, tão belos e delicados como uma *aigrette* de senhora. Confesso que o cobre, lindamente colorido, e o ferro, belamente granuloso, agradaram-me tanto quanto a maioria das coisas: alguns espécimens do último contêm 99 partes de ferro. São das minas de São Paulo. Mostraram-me alguns espécimens de carvão, tão fino quanto o carvão escocês,

(*) Joaquim José de Magalhães Coutinho, guarda-roupa do Imperador, apesar de doente fez questão de comparecer à missa em ação de graças pelo restabelecimento de D. Pedro I. Ao a gelhar-se por ocasião da elevação caiu fulminado por uma congestão cerebral. Deixou viúva D. Mariana Carlota de Verna Magalhães Coutinho, mais tarde Camareira-mór, nia de D. Pedro II, e condessa de Belmonte. O filho de D. Mariana, Ernesto Frederico de Verna Magalhães Coutinho, foi mais tarde camarista de D. Pedro II e a filha, D. Maria Antônia de Verna Magalhães, dama da princesa D. Francisca. (V. RAFFARD, "Personas e coisas do Brasil", Loc. cit., pg. 137).

que foi recentemente descoberto na vizinhança imediata daquelas mesmas minas. As ametistas, topázios, quartzos de tôdas as côres, são inumeráveis. Há lindos jaspes com veios de ouro, e magníficos trabalhos da natureza, dignos da caverna de Aladim. Os insetos, especialmente as borboletas, seriam capazes de adejar por êles. Mas os outros ramos da história natural não são ricos aqui. De pássaros, há poucos de nota, além de uma esplêndida coleção de tucanos. De quadrúpedes, alguns poucos macacos, duas corças, como o veadinho europeu⁽¹¹⁸⁾, e alguns tatus muito curiosos, são tudo o que me lembro. A coleção de armas indígenas e vestuários é incompleta e necessita arrumação. É pena porque, pouco à pouco, a medida que os selvagens adotam hábitos civilizados, estas coisas serão inatingíveis. As curiosidades africanas são pouco mais bem conservadas, mas algumas delas são muito interessantes na espécie. Uma muito notável é uma roupa de rei feita de tripas de boi, não no estado descrito por Le Vaillant^(*), mas cuidadosamente limpas e sécas, como fazemos com as bexigas. São então esticadas longitudinalmente e as peças cosidas junto; cada costura é feita com penachos, ou antes franjas de penas de púrpura, de modo que a vestimenta é leve, impermeável à chuva e altamente ornamental pelas suas ricas bandas coloridas. Há uma outra, feita inteiramente de ricas plumas azul Mazarino; um ceptro muito engenhosamente lavrado, com penas vermelhas, e um barrete de casca de madeira, com uma imensa ponta proeminente na frente e uma quantidade de penas coloridas e de cabelo atrás, ornamentado de contas. Além dessas coisas tôdas, há o trono de um príncipe africano, de madeira, lindamente lavrado. Desejaria, desde que a situação do Brasil é tão favorável para colecionar os trajes africanos, que houvesse uma sala adequada a essas cousas, tão interessantes para a história do homem.

15 [de agosto]. — O dia da Assunção de Nossa Senhora, aqui chamada N.ª S.ª da Glória, padroeira da

(118) Comi esta caça e é como a corça da Europa.

(*) François Le Vaillant, viajante e naturalista francês — (1753-1824).

filha mais velha do Imperador, é celebrado hoje, e, naturalmente, tôda a família real assistiu à missa de manhã e voltou à tarde. Passei o dia com Mrs. May, em sua agradável casa do outeiro da Glória e combinamos ir à tarde ver a cerimônia. A igreja é colocada em uma plataforma, um pouco acima da metade da altura de uma íngreme eminência, dominando a baía. A nave é um octógono de trinta e dois pés de diâmetro. Entramos entre uma grande multidão de pessoas e colocamo-nos no côro. Pouco depois a comitiva imperial entrou. Não tive uma surpresa desagradável ao ver-me amavelmente reconhecida. A benção, que é como se chama este serviço da tarde, foi bem executada quanto à música, e é muito curta. Depois dela ouvi pela primeira vez um sermão em português. Era, naturalmente, sôbre a oportunidade. O texto, (*I Reis, II, 19*): “O rei levantou-se para a vir receber, e saudou-a com profunda reverência, e sentou-se no seu trono; e foi pôsto um trono para a mãe do rei, a qual se sentou à sua mão direita”. A aplicação do texto à lenda da Assunção é óbvia e compreendeu a primeira parte do sermão. A segunda parte consistiu numa aplicação da história do período inicial do reinado de Salomão às presentes circunstâncias do Brasil; a restauração do reino, o triunfo sôbre as facções e a instituição das leis constituíram a base da comparação. Todo o povo do Brasil foi convocado a juntar-se nas ações de graças e orações à Virgem da Glória para agradecer-lhe ter dado à nação, como legisladores, os descendentes dos Manuéis, dos Joões e dos Henriques de Portugal e das Maria Teresas d’Áustria e pedir-lhe que continue a dispensar a êsses sua graciosa proteção e muito especialmente à princesa mais velha, esperança do Brasil, que tem Seu nome e a Ela é consagrada. Tudo foi feito com gravidade e decência, com o mínimo de aparência de adulação às pessoas ilustres presentes, e não durou mais que quinze minutos. Nesta ocasião os veadores e outras pessoas, que acompanhavam a Família Imperial, usavam opas de seda branca e carregavam tochas nas mãos.

Fui à noite a um baile e concerto em casa da baronesa de Campos. Ao entrar fui recebida pelas moças da família e conduzida à avó delas. Depois de lhe fazer meus cumprimentos fui colocada entre os membros da família, onde tinha maiores relações. Havia ali somente duas inglesas além de *Lady Cochrane* e eu, e eram a mulher do cônsul e a do comissário para os negócios da escravidão. Observou um cavalheiro estrangeiro que, apesar de sermos apenas quatro, difficilmente conversávamos juntas. Era perfeitamente exato. Quando estou numa sociedade estrangeira, gosto de falar com estrangeiros, e não penso que seja sensato, nem delicado, formar então grupos de pessoas de sua própria nação. Havia várias salas franquçadas ao jôgo de cartas. As apostas, imagino, eram muito altas. Logo que se encheu a sala de chá, passaram as xícaras a circular de mão em mão. Percebi que alguns dos velhos criados, com grande respeito aliás, falavam com os convidados com os quais se davam. Depois do chá tive o prazer de ouvir de novo cantar D. Rosa e quase praguejei, com escândalo de minhas companheiras mais alegres, contra o baile, que rompeu, por encerrar aquêlê "despertar da delícia" que a música inspira em todos, e especialmente naqueles que conheceram a tristeza. Não sou música, mas os sons doces, especialmente os da voz humana, seja falando, seja cantando, têm um poder singular sôbre mim.

Logo que acabou a primeira dança, andamos pela casa tôda e encontramos uma sala de jantar magnífica pelas dimensões, mas escassamente mobiliada em comparação como o resto da casa. Os quartos de dormir e de vestir das senhoras são simples e elegantemente dispostos, com mobília inglesa e francesa, e tudo o mais diferente possível das casas que vimos na Bahia. Informaram-me que são também diferentes do que eram há vinte anos e bem posso acreditar; mesmo durante os doze meses de minha ausência do Rio, vejo que um maravilhoso polimento se processou e tudo está adquirindo um tom europeu.

Tomei a liberdade de observar a uma das senhoras a extrema juventude de algumas das crianças que acom-

panhavam suas mães naquela noite, e disse-lhe que na Inglaterra consideraríamos isso maléfico para elas, sob todos os pontos de vista. Perguntou-me o que fazíamos delas. Disse que algumas estariam na cama, e outras com as amas e governantes. Respondeu-me que éramos felizes neste ponto; mas que aqui não havia tais pessoas e que as crianças ficariam entregues ao cuidado e ao exemplo dos escravos, cujos hábitos eram tão depravados e cujas práticas eram tão imorais que seria a perdição delas; e que aquêles que amam seus filhos precisam tê-los debaixo da vista onde, se é verdade que podem correr o perigo de haver excesso nesse sentido, ao menos não podem aprender nenhum mal. Apraz-me reunir estas provas dos males da escravidão — mesmo aqui, onde ela existe de modo mais suave que na maior parte dos países. Deixei os dançarinos muito entretidos à meia noite, e soube que continuaram o baile até três. Não há nenhuma peculiaridade na dança aqui, já que as senhoras do Rio são, como nós, discípulas dos franceses neste ramo das belas artes.

19 [de agosto]. — *Sir T. Hardy* deu um baile e uma ceia para ingleses, franceses e brasileiros, onde tudo era belo e bem arrumado, e todos se divertiram.

20 [de agosto]. — Há muito que desejava ver um pouco mais dos arredores do Rio, do que o fizera até aqui, e resolvi cavalgar ao menos até Santa Cruz, cêrca de quatorze léguas da cidade. Como a estrada é muito tráfegada para se temerem acidentes extraordinários, e eu não sou tímida quanto aos embarços habituais, resolvi contratar um empregado negro e ir sòzinha. Esta resolução, porém, foi superada por *Mr. e Mrs. May*, cujo irmão, *Mr. Dampier*, gentilmente se ofereceu para escoltar-me. Confesso que tive muito prazer em ser aliviada da responsabilidade absoluta de minha pessoa, e não fiquei pouco satisfeita por ter a companhia de um jovem bem educado e inteligente, cujo gêsto pelas belezas pitorescas da natureza concorda com o meu. Penso que se há um ponto em que os companheiros de viagem concordam decididamente, pôsto que diverjam em idade, tempz-

ramento ou disposição, poderá sempre haver paz e conversação agradável, mais especialmente se, como no nosso caso, viajam a cavalo. Evita-se muito facilmente uma divergência de opinião com uma referência a um cavalo, que pode sempre ir depressa ou devagar demais, com o emprêgo da língua, ou do chicote, sem ofensa ao companheiro bípede. Fomos bem provados hoje. Tinha-me convencido de que, após haver adiado nossa excursão de semana para semana, por um motivo ou por outro, se não a começássemos hoje nunca mais partiríamos: e, por isso, apesar da tarde ser o mais possível pouco prometedora, deixamos a casa do Sr. May às 4 $\frac{1}{2}$ de modo a chegar a Campinha [Campinho](*), primeira parada, para dormir, já que, ai de nós!, os animais não são como os meus cavalos chilenos, que me transportariam vinte léguas num dia sem queixa. Montamos, pois, o Sr. Dampier num cavalo alto e baio, de ossos grandes, com uma cinta de pistolas afivelada em torno de si, um imenso chapéu de palha e uma jaqueta curta, eu num cavallinho cinza, meu capote de marinho sobre a sela, e, a não ser isso, vestida como habitualmente, com um chapéu de palha de passeio e um costume cinza escuro. Nosso pajem, Antônio, o mais alegre dos negros, ia numa mula, com o porta-casacos de Mr. Dampier atrás e minha mala diante. Começamos pela parte alta da cidade e percorremos a bem trafegada estrada para São Cristóvão; depois de cruzar o pequeno morro à esquerda do Palácio(**), entramos numa região completamente nova para mim. Da parte ocidental da entrada do Rio de Janeiro uma serra montanhosa se estende junto ao mar até a baía de Angra dos Reis, formada pela ilha Grande e pela de Marambaia. Na parte setentrional dessa serra há uma planície, aqui e ali interrompida de morros baixos, que se estende quase até a região mais interior do Rio de Janeiro, e alcança, numa curva, a baía de Angra dos Reis. Esta planície deve ter sido, em época não muito

(*) O largo do Campinho é o ponto inicial da Estrada Real de Santa Cruz, que tem 40 km de extensão. (V. MOACIR SILVA, *Kilômetro zero — Caminhos antigos* — *Estradas modernas*, Rio, 1934, pg. 32).

(**) Morro da Mangueira.

remota, coberta de água, ligando essas duas baías, e insulando as montanhas acima referidas. Através desta planície desenrola-se nossa estrada entre um cenário grandioso de um lado e uma vista suave e linda de outro; mas à noite ficou tudo escuro e nevoado. Os topos das montanhas estavam cobertos de nuvens que despencavam impetuosamente pelos flancos e através de suas pedras, e mesmo, uma vez ou outra, vinha delas um ruído surdo do vento ainda que as rajadas ainda não nos alcançassem. Sob esta espécie de nuvem passamos o pitoresco Pedregulha [Pedregulho](*), e o pequeno pôrto de Benefica [Benfica](**), formado por um riacho. Em breve alcançamos a Praia Pequena(***), onde uma boa cópia de produtos são embarcados para a cidade. As nuvens haviam-se adensado ali tristemente e as névoas das grandes montanhas haviam mudado de aspecto. Ainda assim fomos adiante, abandonando completamente a baía. Passamos primeiro por Venda Grande(****), onde se deve comprar tudo que é preciso para o cavalo ou para o viajante; depois Capon [Capão] do Bispo, bela aldeia, onde as nuvens de chuva fizeram com que desejasse parar; depois a ponte de pedra do Rio [de] Ferreira, onde a chuva, afinal, começou a cair em grandes e frias bátegas. Depois tremendos golpes de vento começaram a soprar das gargantas das montanhas e muito antes de alcançarmos Casca d'ouro [Cascadura] a proteção de capas e guarda-chuvas tinha cessado de ter valor. Poderíamos ter parado ali; mas como nos haviam dito que a venda de Campinho era o melhor lugar para repouso, resolvemos continuar,

(*) Morro do Pedregulho, rodeado pelas ruínas São Luís Gonzaga e da Alegria. Um dos pontos mais aprazíveis dos arrabaldes do Rio, pela bela paisagem que d'elle se descortina. Nêle está localizado hoje um dos mais importantes reservatórios de água da cidade.

(**) Pequena povoação na freguesia de Engenho-Novo. Informa MILLIET DE SAINT-ADOLPHE (*Diction., geogr. hist. e descr. do Imp. do Brasil* Paris, 1845, I, 139) que seus moradores abriram um canal que ia ter à baía, por onde navegavam na maré montante, fazendo um ativo comércio dos gêneros que se consomem na capital.

(***) A Praia Pequena, no Engenho Novo, principiava na segunda ponte da Estrada Real de Sta. Cruz e ia até a Estrada da Penha.

(****) Venda Grande ficava a duas léguas do Rio. "Por ficar à beira-mar e poderem os buccos carregar em seu pôrto café e outros gêneros para o Rio de Janeiro, é de muito trato", diz MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, *Op. cit.*, pg. 762.

e, com algumas penas infligidas a meu cavalo para avançar, alcançamos a venda. Mas, se é delicioso, depois de uma longa viagem a cavalo sob a chuva numa noite escura e tempestuosa, chegar a um lugar de repouso, é, pelo menos, tão desesperador ser recusado na porta em que se esperava encontrar abrigo, com as roupas gotejantes e as pernas a tremer de frio; e tal foi a nossa sina. Não havia nada que comer, nem lugar para nós, nada para os cavalos, e assim saímos de novo a enfrentar a tempestade impiedosa. Poucas jardas além, contudo, surgiu-nos uma casa de campo baixa à beira da estrada e aí batemos. Um criado mulato veio cautelosamente dos fundos da casa para reconhecer-nos. Tendo-se certificado de que éramos realmente viajantes ingleses, molhados e surpreendidos pela noite, abriu-nos a porta da frente e nos encontramos diante de uma senhora de meia idade, muito simpática e de sua filhinha.

Chamava-se Maria Rosa d'Acunha [da Cunha]. O marido e o filho estavam ausentes, a negócios, e ela e a menina estavam sòzinhas. Logo que mudamos nossas roupas molhadas e providenciamos quanto aos cavalos, que nossa hospedeira pusera numa construção vazia, deu-nos ela café quente, pão e queijo e estendeu seus cuidados hospitaleiros ao nosso negro. Deu a Mr. Dampier a cama do filho e preparou uma cama para mim no quarto em que ela e a criança dormiam. Esta gente pertencia à classe mais pobre dos fazendeiros, já que não possuíam acima de quatro ou cinco escravos, trabalhando duramente èles próprios. Parecem, porém, felizes, e, asseguro, são muito hospitaleiros.

21 [de agosto]. — Esta manhã parecia ao menos tão ameaçadora como ontem, mas resolvemos ir até o engenho dos Afonsos(*) para cujo dono, Sr. João Marcos Vieira, tínhamos cartas de apresentação de um amigo na cidade. Em consequência, despedimo-nos de nossa amável anfitriã, que havia feito café cêdo para nós, e metemo-nos por uma légua de estrada bem bonita em direção aos

(*) Atual Campo dos Afonsos, onde está sediada a Escola de Aviação Militar.

Afonsos. No lugar onde esta fazenda limita com Campinho há um grande pouso com telhas, onde encontramos um grupo de viajantes, vindos evidentemente de Minas, que secavam suas roupas e bagagem depois da tempestade da última noite. Um padre, e dois outros homens, evidentemente acima do comum, pareciam ser os chefes do grupo. A bagagem estava empilhada de um lado do abrigo e as armas fincadas nas cordas que as amarravam. Havia uma grande fogueira no centro, onde um negro fervia café, e diversas pessoas em volta secavam as roupas. De um modo geral, os homens que encontramos, vindos das minas, são de raça fina e bela, de feição leve e ativa. Suas vestes são muito pitorescas. Consistem numa capa oval, forrada de côr brilhante, como rosa ou verde maçã, usada como os hispano-americanos usam o poncho. Os lados são freqüentemente levantados para os ombros e deixam ver, por baixo, uma jaqueta de côr brilhante. Os calções são frouxos e alcançam o joelho. As botas são largas, de couro amarelo, e são vistas geralmente nos mais ricos, ainda que seja muito comum encontrar esporas sôbre o calcanhar nu, e nenhuma bota ou calçado de qualquer espécie. As classes superiores têm geralmente belas pistolas e grandes facas. As outras contentam-se com um bom cacete. Uma rápida légua, desde a última casa de Campinho, trouxe-nos a Afonsos, onde apresentamos nossa carta e fomos recebidos do modo mais amável. A fazenda pertence de fato à avó viúva do Sr. João Marcos, que é nativo de St^a. Catarina. Sua mãe, irmã e irmão, e duas primas mudas, todos residem aqui, mas êle é sômente um visitante ocasional, pois é casado e vive com a família da mulher. As moças mudas, que já não são jovens, são muito interessantes. Muito inteligentes, compreendem a maior parte do que se diz pelo movimento dos lábios, de modo que o primo falava em francês quando queria dizer qualquer coisa a respeito delas. Faziam-se compreender por sinais, muitos dos quais, posso mesmo dizer, a maior parte, seriam perfeitamente inteligíveis para os alunos de Sicar ou Braidwood. São parte de uma família de oito crianças, quatro das quais são mudas; as mudas e as falantes

nasceram alternadamente. Uma delas fez para nós a primeira refeição, que consistiu em café e várias espécies de pão e manteiga.

Depois do café, como o tempo continuava frio e chuvoso, fomos facilmente convencidos pelo nosso hospedeiro de que deveríamos permanecer o dia todo em Afonsos. Fiquei realmente contente com a oportunidade de despender um dia inteiro com uma família do campo. O primeiro lugar que visitamos após o café foi o engenho de açúcar, que é movido por burros. A maquinaria é bastante rude, mas parece corresponder aos intuitos.

A fazenda emprega 200 bois e 180 escravos como lavradores, além dos que fazem o serviço da família. A produção é de cerca de 3.000 arrobas de açúcar e 70 pipas de aguardente. As terras se estendem desde Tapera, onde encontramos os viajantes, e onde há 200 anos havia uma aldeia de índios mansos, até cerca de uma légua em direção a Piraquara. Há cerca de quarenta foreiros brancos, que mantêm vendas e outras úteis lojas nas margens das estradas e exercem as atividades manuais mais necessárias. Só uma pequena porção da fazenda, porém, é realmente cultivada. O resto está ainda coberto com a floresta primitiva. Esta é utilizada como combustível para as fornalhas de açúcar, madeira para maquinaria e, às vezes, para vender. Os proprietários de fazendas preferem contratar ou negros livres, ou negros alugados pelos senhores⁽¹¹⁹⁾ para os serviços nas florestas, por causa dos numerosos acidentes que ocorrem na derrubada de árvores, especialmente nas posições escarpadas. A morte de um negro da fazenda é uma perda de valor; a de um negro alugado só dá lugar a uma pequena indenização; a perda de um negro livre significa freqüentemente até a economia de seus salários, se êle não tiver filho para reclamá-los.

O trigo não medra nesta parte do Brasil ainda que nos distritos meridionais e montanhosos do interior viceje admiravelmente. O luxo do pão de trigo está introduzido por tôda parte, com farinha proveniente da América do

(119) O salário é de uma pataca e meia a duas patacas por dia, além da comida.

Norte. Por qualquer parte que se viaje nestas vizinhanças, pode-se estar certo de encontrar excelente pão duro em qualquer venda, ainda que o pão macio seja raro.

As canas de açúcar são plantadas aqui durante os meses de março, abril, maio, e mesmo junho e julho. Nas filas entre elas plantam-se pés de milho e de feijão, cujo cultivo é favorável à cana de açúcar. O feijão é colhido primeiro, quando o solo é mondado, limpo e afrouxado em tórno das raízes das canas; em seguida é arrancado o milho, fazendo-se nova mondação e limpeza. Só depois disso o açúcar está bastante alto para ensombrar o terreno e evitar o nascimento de ervas más.

As primeiras canas ficam maduras em tórno de maio. A cana Caiena produz mais e medra em terrenos baixos, e em solos mixtos de areia e barro. A cana creoula ocupa o morro e, apesar de menos produtiva, supõe-se que produz açúcar de melhor qualidade. Os meses frios, de maio a setembro, são os mais propícios para ferver o açúcar. Depois de outubro as canas fornecem menos caldo, cêrca de um oitavo, às vézes um quarto, e portanto perde-se mais argila para branquear o açúcar. Os potes de três arrobas não voltam, após a operação, com mais de duas e meia no máximo. O barro usado para refinação do açúcar é extraído perto do engenho. Dá a sensação de macio e grosso nos dedos. É colocado numa selha de madeira com uma quantidade de bairela feita pela embebição dos ramos de um pequeno arbusto com uma espécie de soda⁽¹²⁰⁾, e funciona para cima e para baixo com uma máquina, um pouco como a bateadeira de manteiga, até que fica da consistência de um creme grosso, quando está pronto para o uso. Penso que o principal trabalho de espremer o caldo, fervê-lo, secar os açúcares, bem como clareá-lo, é feito aqui como em tôda parte do mundo, apesar de que provavelmente possa haver alguma diferença em cada país, ou mesmo em cada engenho. Também a distilação dos espíritos não pode ser muito diferente. Nada se desperdiça numa casa de açúcar; o bagaço que resta depois de exprimidas as

(120) É trazida aos engenhos da região da lagoa de Jacarepaguá. Não tive ocasião de ver a planta inteira.

canas, quando sêco, serve de combustível para aquecimento das fornalhas; a água doce refugada, que corre do alambique, é avidamente bebida pelos bois, que sempre parecem engordar com ela.

Quando acabamos de examinar o engenho de açúcar e ver o jardim, eram duas horas, e fomos chamados para jantar. Tudo estava excelente no gênero, semente com um pouco mais de alho do que é usado na cozinha inglesa. Na mesa lateral havia uma grande travessa de farinha sêca, que a parte mais velha da família pediu e usou em vez de pão. Eu preferi o prato de farinha unedecida com caldo, não muito diferente da papa de aveia, que foi oferecido com o cozido e lingüiça em fatias, depois da sopa. O carneiro era da fazenda, pequeno, e muito macio. Tudo foi servido em baixela inglesa azul e branca. As toalhas e guardanapos eram de algodão lavrado, e havia bastante prata usada, mas não exposta. Após o jantar alguns membros da família retiraram-se para a sesta; outros dedicaram-se a bordados, que são muito belos e o resto entregou-se às ocupações da casa e à direção das escravas domésticas que, pela maior parte, nasceram na fazenda e foram educadas na casa da senhora. Vi crianças de tôdas as idades e côres, correndo de um lado para outro, que pareciam ser tão carinhosamente tratadas como se fôsem da família. A escravidão, nestas condições, é muito aliviada e se aproxima antes da dos tempos patriarcais, quando a criada comprada se tornava, para todos os fins, uma pessoa da família. O grande mal está nisto: ainda que os senhores não tratem mal seus escravos, têm o poder de fazê-lo e o escravo está sujeito ao pior dos males contingentes, isto é, o capricho dos semi-educados, ou de um senhor mal educado. Fôsem todos os escravos bem tratados como os escravos domésticos dos Afonsos, onde a família reside constantemente e nada confia a estranhos, e a situação dessas pessoas poderia ser comparada, com vantagem, à dos criados livres. Mas o melhor é impossível, e o pior mais que provável, desde que um poder incontrolável de um ser falível pode se exercer sem censura sobre seus escravos.

Uma das mudas fêz o chá e depois passamos um par de horas numa roda de jôgo de cartas onde as irmãs se sentiram em perfeita igualdade com os falantes e, consequentemente, divertiram-se. Lembro-me de uma narrativa feita pelo bispo Burnet(*), em suas viagens, de uma muda que descobrira um modo de comunicar-se com a irmã mesmo no escuro, antes da instrução de tal classe de pessoas desgraçadas se tornar um assunto de interesse público. Alguns dêsses métodos possuem estas senhoras, pois falam-se mutuamente, e fazem-se entender por sua jovem prima, menina inteligente, que está sempre a mão, para interpretá-las. Elas inventaram também sinais convencionais para os nomes das flôres e plantas do jardim, sinais conhecidos por tôda a família. Fiquei encantada com a rapidez e a precisão com que conversavam sôbre qualquer assunto de seu conhecimento.

O jôgo abriu caminho para a ceia, refeição quase tão cerimoniosa e tão constante como o jantar. Depois dela, foi servido queijo assado, com rodélas de bolo de farinha, torradas de fresco e untadas com muito pouca manteiga irlandesa; são a mesma coisa que o pão de Casava das Índias Ocidentais, mas preparados aqui aproximam-se mais dos bolos de aveia escoceses. Quando fui para meu quarto à noite, entrou uma bela e jovem escrava com uma grande bacia de água morna e uma toalha franjada sôbre o braço e ofereceu-se para lavar-me os pés. Pareceu desapontada quando lhe disse que nunca permitia que ninguém me fizesse isso, ou me ajudasse a despir em qualquer tempo. De manhã ela voltou, e tirando o banho dos pés, trouxe toalhas novas, uma grande bacia de prata lavrada e um jarro, cheio de água morna, que deixou sem dizer palavra. Disse a sua senhora que eu era uma pessoa muito sossegada e que, pensava ela, não gostava de ninguém, a não ser de seu povo e, portanto, não me incomodaria.

Sexta-feira, 22 de agosto. — O dia estava tão belo quanto possível, e depois do café prosseguimos nossa

(*) Gilbert Burnet (1643-1715), natural de Edinburgo, bispo de Salisbury, historiador e filantropo.

viagem a Santa Cruz. A estrada tornava-se cada vez mais bela à medida que avançávamos.

*"Here lofty trees to ancient song unknown,
The noble sons of potent heat, a floods
Pronc rushing from the clouds, rear'd high to heav'n
Their thorny stems, and broad around them threw
Meridian gloom."*

E, acima de tôdas estas cousas, as montanhas erguiam-se na distância. Mais perto de nós estavam montes mais baixos, entre os quais se estendiam amplos vales em que se perdia nosso olhar. Os flancos próximos estavam cheios de gigantescos aloés, regatos e lagoas. Manadas de gado passavam com seus guias pitorescamente vestidos. Perto de Campo Grande, o cenário muda : são diversas pequenas planícies verdes, só com algumas árvores isoladas, aqui e ali, decoradas de epífitas em flor e trepadeiras vermelhas. Para diante fica um dos mais belos lugares que jamais vi, isto é, Viaga^(*), onde rochas, árvores, campinas e construções tudo parece arrumado para ser admirado. Após vaguear um pouco para poder gozar o panorama, cavalgamos para a nova freguesia de Sr. Antônio, onde paramos em uma venda muito limpa para descansar e alimentar nossos cavalos. A igreja fica num pequeno morro, dominando uma região muito bonita e uma limpa povoação, mas a parte mais vasta da paróquia fica muito distante. Enquanto os animais comiam o seu milho, obtivemos para nós um pouco de pão sêco, queijo de Minas, exatamente o queijo grande escocês, e vinho de Pôrto de barril, de excelente qualidade. Estas provisões sempre se encontram, com feijão, toucinho e carne sêca. Mas a hospitalidade num albergue brasileiro não compreende a cozinha para viajantes, que geralmente transportam consigo os utensílios para êsse fim e que, nalgum telheiro acostado à hospedaria, cozinham para si mesmos, e geralmente dormem no mesmo abrigo. Em Santo Antônio há quartos de dormir decentes, providos de

(*) Parece tratar-se de Vargem, ou Vargem dos Padres Bentos, conforme se vê na *Carta Geographica da Capitania do Rio de Janeiro*, de autoria do Sargento-mor Manuel Vieira Leão, copiada em 1801, pertencente ao Estado Maior de Exército, e reproduzida em MCACYS SILVA, *Kilometro zero*, Rio, 1934, pg. 257.

bancos e tapetes aos quais os hóspedes ajuntam a dormida que lhes agrada ; mas os viajantes em geral envolvem-se em suas capas e assim ficam. Logo que nossos cavalos ficaram prontos, cavalgamos para a Mata da Paciência, engenho de D. Mariana, a filha mais velha da baronesa de Campos, e para a qual tínhamos uma carta de apresentação. Tivemos aqui uma recepção das mais polidas por parte de uma bela mulher, de tom senhoril, que encontramos na direção de seu engenho, o que é de fato interessante. Fomos recebidos primeiro pelo capelão, pessoa polida e bem informada ; com êle estava o capelão de Santa Cruz que, por ter sido antes professor no colégio do Rio, é geralmente conhecido pelo nome de padre-mestre(*).

D. Mariana conduziu-nos ao engenho, onde nos deram bancos colocados perto da máquina de espremer, que são movidos por um motor a vapor, da fôrça de oito cavalos, uma das primeiras, senão exatamente a primeira instalada no Brasil. Há aqui 200 escravos, e outros tantos bois, em pleno emprêgo. A máquina a vapor além dos rolos compressores no engenho, move diversas serras, de modo que ela tem a vantagem de ter a sua madeira aparelhada quase sem despesa. Enquanto estávamos sentados junto à máquina, D. Mariana quis que as mulheres que estavam fornecendo as canas, cantassem, e elas começaram primeiro com algumas de suas selvagens canções africanas, com palavras adotadas no momento, adequadas à ocasião. Ela lhes disse então que cantassem os hinos à Virgem. Cantaram, então, com tom e ritmo regular com algumas vozes doces, a saudação angélica e outras canções. Acompanhamos D. Mariana dentro de casa onde verificamos que, enquanto nos ocupávamos em observar a maquinaria, as caldeiras e a destilaria, prepa-

(*) O cura de Santa Cruz, nomeado a 18 de dezembro de 1822, era o padre frei Antônio da Virgem Maria, franciscano. Cf. Mons. ANTÔNIO ALVES FERREIRA DOS SANTOS, *A arquidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro*, Rio, 1914, pg. 172. O "colégio do Rio", a que se refere a autora, deve ser o curso superior, "primeiro ensaio de ensino universitário entre nós", que os franciscanos fundaram em 1776 no convento de Santo Antônio. O alvará de 11 de junho de 1776 aprova esta criação. (Cf. *Publicações do Arq. Nacional*, vol. XX, 1922, pg. 181) e Frei BASÍLIO RÖWER, *Os franciscanos no sul do Brasil durante o século XVIII* [e outros estudos] 2.^a ed., Petrópolis, 1954, pg. 79.

rava-se o jantar para nós, apesar de já estar passada, há muito, a hora da família. A nossa partida fomos instados amavelmente a voltar, em nossa viagem de retôrno ao Rio, coisa que nós, sem nenhuma repugnância, prometemos fazer.

Estava completamente escuro muito antes de chegarmos a Santa Cruz, e extremamente frio. Lá chegados, encontramos com facilidade a casa do cavalheiro para quem tínhamos uma carta de apresentação, o capitão de fragata João da Cruz dos Reis, que é o superintendente do palácio e da fazenda. O visconde do Rio Sêco havia-nos fornecido amavelmente esta carta e explicado que o objetivo de nossa viagem era pura curiosidade, de modo que o capitão nos disse que no dia seguinte faria tudo para satisfazer-nos. Logo após a nossa chegada diversas pessoas procuraram-nos para uma conversa por meia hora, entre outros um cirurgião que vem do Rio uma vez por ano, para vacinar as crianças nascidas durante doze meses na Fazenda. O padre-mestre e um outro frade também vieram. Em breve verifiquei que Santa Cruz tem sua política e sua tagarelice tanto quanto a cidade, e tôda diferença consiste num refinamento maior ou menor. Nada pode ultrapassar a hospitalidade bem-humorada de nossos hospedeiros, que logo fizeram com que nos sentíssemos à vontade, e, quando terminou o chá, estávamos bem iniciados em todos os caminhos da casa e da vila.

Sábado 23 [de agosto]. — A manhã estava excessivamente fria, mas clara, e a vista das extensas planícies de Santa Cruz, com os rebanhos de gado, é magnífica. Os pastos estendem-se por muitas léguas de cada lado do pequeno morro em que estão collocados o Palácio e a povoação; são aqui e ali interrompidos por tufos de floresta natural; por um lado o horizonte estende-se até o mar; por todos os outros lados a vista é limitada por montanhas ou morros cobertos de florestas. O próprio Palácio ocupa o lugar do velho Colégio dos Jesuítas. Três alas são modernas: a quarta contém a bela capela dos reverendíssimos padres e uns poucos aposentos acei-

táveis. A parte nova foi feita pelo rei D. João VI, mas os trabalhos se interromperam com sua partida. Os apartamentos são belos e mobiliados com confôrto. Neste clima as tapeçarias de parede, quer de papel, quer de seda, estão sujeitas a rápido estrago por causa da umidade e dos insetos. As paredes são pois tebocadas com um ótimo barro branco-amarelado rico e grosso, chamado Taboa Tinga [Tabatinga]⁽¹²¹⁾ e as cornijas e barras pintadas a fresco. Algumas destas são extremamente belas quanto ao desenho. Geralmente são muito bem executados os arabescos das frisas, compostos de frutas, flôres, pássaros e insetos do país. Uma das salas representa um pavilhão: e entre as pilastras abertas, está pintada a paisagem em tórno de Santa Cruz, não muito bem, realmente; mas a peça é agradável e alegre. Os artistas empregados eram principalmente mulatos e negros crioulos.

Depois do café cavalgamos pela estrada calçada, que cruza a planície de Santa Cruz, até a aldeia indígena de São Francisco Xavier de Itaguaí, geralmente chamada Taguaí, fundada pelos jesuítas não muito tempo antes da expulsão(*). A situação da aldeia e da igreja é muito bela; no cume de um morro, domina uma rica planície, banhada por um rio navegável e cercada de montanhas. Entramos em várias cabanas de índios que compreendi serem da nação guarani. Perguntei a uma das mulheres em cuja cabana me sentei se sabia de onde tinha vindo sua tribo. Ela disse que não, que ela havia sido trazida, quando simples criança, de uma grande distância de Taguaí, pelos padres da Companhia, que seu marido morreria quando ela era moça; e que ela e suas filhas sempre haviam morado ali; mas que seus filhos e netos, quando os padres da Companhia se foram, haviam voltado para seu país, com o que ela queria dizer que haviam

(121) Taboa tinga, argila branca muito bela, própria para fazer porcelana, muito abundante no Brasil, e, tanto quanto posso julgar, a mesma que se encontra nos vales do Chile.

(*) A vila de Itaguaí foi originariamente aldeia dos índios Tupiniquims, que o governador Martim de Sá trouxe de Porto Seguro em 1615, quando veio tomar conta do governo. A actual localização data de 1719. Foi elevada a vila em 1815 por D. João VI. (MILLER DE ST. ADOLPHE, *Op. cit.*, I, 482).

reassumido a vida selvagem. Isto não causa surpresa. Os índios aqui precisam trabalhar para outros e tornar-se criados, situação que êles difficilmente distinguem da escravidão. Além disso há escravos bastantes, e o negro é mais resistente que o índio, seu trabalho é mais rendoso; portanto, um índio desejoso de trabalhar nem sempre encontra senhor. O produto de seu pequeno terreno, ou de sua pescaria, é raramente sufficiente para a família, e sem a ajuda do padre, cuja principal proteção consistia em obter-lhe occupação permanente, o selvagem semi-domesticado desanima, e volta de novo para a liberdade de sua floresta, para sua caça e para sua pesca descontrolada. Os índios chilenos raramente, ou nunca, voltam às florestas uma vez organizadas suas aldeias, mas isto depende de circunstâncias que nada têm de comum com o estado do Brasil. Muitas das mulheres índias casaram-se com os portuguezes crioulos; os casamentos entre mulheres crioulas e índios são mais raros. As crianças de tais uniões são mais belas e parecem mais inteligentes do que as de raça pura de qualquer dos lados. As cabanas indígenas de Taguaí são muito pobres, escassamente sufficientes, nas paredes e teto, para defender do clima, e dotadas de pequenas redes para dormir e utensílios de cozinha. Contudo por tôda parte éramos convidados a entrar e sentar. Todos os chãos estavam varridos com limpeza e havia geralmente um cepo de madeira, ou um banco rude, para assento do estrangeiro, enquanto os próprios habitantes se acocoravam no chão.

Ao pé do morro de Taguaí há um belo engenho vendido por D. João VI a Fuão de Barros; os cilindros são movidos por uma roda d'água horizontal de cêrca de vinte e dois pés de diâmetro, acionada pelo pequeno rio Taguaí. A quantidade de açúcar fabricado em um dado tempo é pouco maior do que a produzida pelo engenho a vapor da Mata Paciência, sendo igual o número de escravos empregados.

Após haver admirado bastante a limpeza do engenho e a beleza da situação, deixamos Taguaí para voltar a Santa Cruz e passamos novamente o rio Guardit, onde há uma guarda a cavallo junto à ponte. Exigem-se ali

salvo-condutos dos viajantes ordinários, mas como tínhamos conosco um empregado de Santa Cruz, não fomos interrogados. O Guandu nasce na serra de Marapicu, no baronato de Itanhae (Itaguaí?), e, após receber o Tingui(*), passa pelo engenho de Palmares, ocupado pelo visconde de Merenda!; há ali um cais onde a produção da vizinhança é embarcada e transportada para Sepetiba, pequeno pôrto na baía de Angra dos Reis, e dali é despachada para o Rio. O transporte para o Rio leva geralmente vinte e quatro horas.

Em 1810 houve a intenção de unir o Guandu com o Itaipu (Taipu (**)) por um curto canal. Por esse meio, não somente a produção deste distrito, mas da da ilha Grande, seria transportada diretamente para o Rio, sem o risco da navegação fora da baía. Não sei porque o projeto foi abandonado.

Tôdas as vêzes que passo por um bosque no Brasil, vejo plantas e flôres novas, e uma riqueza de vegetação que parece inexaurível. Hoje vi flôres de maracujá de côres que dantes nunca observara: verdes, róseas, escarlates, azuis; ananazes selvagens de belo carmezim e púrpura; chá selvagem, ainda mais belo que o elegante arbusto chinês; palmeiras do brejo e inúmeras plantas aquáticas novas para mim. Em cada lagoazinha patos selvagens, frangos d'água e variedades de marrecos, nadam por ali com orgulho gracioso. A cada passo sentia-me inclinada a dizer com o poeta:

*"Oh nature, how in every charm supreme!
Whose votaries feast on raptures ever new:
Oh, for the voice and fire of seraphim
To paint thy glories with devotion due!"*

Depois do jantar passeei um pouco na aldeia dos negros. Há, creio eu, cêrca de mil e quinhentos na

(*) O rio Guandu é formado pelo rio Santana e pelo ribeirão das Lajes. O Guandu-mirim, afluente da margem esquerda, é que nasce na serra de Gerês, antiga freguesia de Marapicu. Não conseguimos identificar o rio que a autora denomina Tingui. Talvez seja o próprio Itaguaí (ou Taguai), assim reproduzido por erro tipográfico, com o qual se liga o Guandu por meio de um canal, construído por benemerência do capitão-mor Manuel Pereira Ramos.

(**) O rio Taipu, que, após reger a freguesia de Santo Antônio de Jacutinga, deságua no Iguaçu, que desemboca na baía de Guanabara.

fazenda, a maior parte dos quais pertence às fazendas em tórno, ou feitorias, das quais creio que há três, Bom Jardim, Piperi e Serra: estas produzem café, feijão e milho(*). A vizinhança imediata de Santa Cruz é adequada para criação de gado, dos quais existem êste ano cêrca de quatro mil cabeças. Uma boa quantidade de pastagens é anualmente arrendada. Os negros de Santa Cruz não são alimentados e vestidos pelo Imperador, mas têm pequenos trechos de terra, e dispõem de metade de sexta-feira, todos os sábados, todos os domingos, e todos os feriados para trabalhar para si próprios, de modo que, no máximo, dedicam ao senhor quatro dias em troca da casa e da terra; alguns são dispersados até dos sinais externos da escravidão e as famílias alimentam-se e vestem-se sem a interferência do senhor. O Imperador adaptou grande parte de uma cômeda construção erigida por seu pai, destinada às cavaliariças reais, para instalação de um hospital. Visitei-o e encontrei um cirurgião branco e um assistente negro, camas decentes e quartos bem ventilados. A cozinha estava limpa e o caldo, que foi tudo que encontrei cozido na hora da noite em que lá estive, estava bom. Havia cêrca de sessenta doentes, a maior parte dêles de simples feridas nos pés, alguns de pústulas, outros, de uma espécie de lepra causada pelo trabalho em terrenos úmidos, e uns poucos com elefantíase; as febres são muito raras, as doenças do pulmão não tão raras. Diversos hóspedes do hospital estavam ali unicamente pela velhice; um estava louco e havia uma grande sala de mulheres com crianças, de modo que, no total, considero o hospital como uma prova da saúde dos negros de Santa Cruz.

Domingo, 24 [de agosto]. — O dia de hoje provocou uma assembléia muito importante que demandou

(*) A fazenda Imperial de Santa Cruz tinha três feitorias que lhe eram subordinadas: a de Peri-peri, a de Bom Jardim e a de Serra (ou Santarém). A 1.ª achava-se estabelecida na baixada, a 2.ª numa garganta e a última nos altos da Serra do Mar. O Peri-peri, no distrito de Marapicu, foi aldeia de índios. Em 10 de março de 1824, meses, portanto, após a visita de Maria Graham, foi nomeado administrador desta feitoria Felício Pinto Coelho de Mendonça, nada menos que o marido da marquesa de Santos, subordinado ao citado João da Cruz dos Reis. Cf. ALBERTO RANGEL, *D. Pedro I e a marquesa de Santos*, Rio de Janeiro, 1916, pgs. 129, 384, n.º 55.

a capela de Santa Cruz. Compareceram todos os funcionários pertencentes ao palácio, com suas mulheres e crianças, também os lojistas da aldeia e vizinhanças, além de uma boa quantidade da população negra; todos mais bem vestidos que as pessoas da mesma classe em qualquer parte nesta região do Brasil.

Fui às plantações de chá, que ocupam muitos acres de um morro cheio de pedras, tal como suponho que seja o *habitat* favorito da planta na China. A introdução da cultura do chá no Brasil era um projeto favorito do rei Dom João VI, que trouxe as plantas e os tratadores da China com grande despesa. O chá produzido aqui e no Jardim Botânico é tido como de qualidade superior. Mas a quantidade é tão pequena que até agora não há a mais leve promessa de pagar a despesa com a cultura. Contudo estão as plantas tão viçosas, que não tenho dúvida de que em breve se espalharão e provavelmente ficarão como nativas. Sua Majestade construiu portões chineses e cabanas para corresponder ao destino destes jardins; colocados onde estão, entre os belos arbustos da erva, cujas folhas escuras e brilhantes e flôres semelhantes à urtiga, as fazem adequadas para um canteiro, não produzem efeito desagradável. Os caminhos são bordados de cada lado de laranjeiras e rosais, e as sebes são de uma linda espécie de mimosa. De modo que a China de Santa Cruz é realmente um delicioso passeio. O imperador, porém, que compreendeu ser mais vantajoso vender café e comprar chá, do que obtê-lo com tais despesas, não continuou a plantação(*).

Nossos amigos hospedeiros, o capitão e sua senhora, não nos permitiram abandoná-los até depois do jantar, e convidaram várias pessoas para nos fazerem sala e para um banquete suntuoso que prepararam, onde havia tôdas as coisas boas que podemos enumerar. Contudo, após honrar devidamente a mesa, despedimo-nos e cerca de quatro horas, pouco mais ou menos, partimos para a mata da Paciência, onde chegamos um pouco antes do pôr do sol.

(*) Acerca da tentativa de uma colônia chinesa, vinda de Macau, em Santa Cruz, por iniciativa do conde de Linhares, v. OLIVEIRA LIMA, *Dom João VI no Brasil*, Rio, 1908, pg 1 000.

Ao chegarmos fomos com D. Mariana e o capelão para o jardim, que reúne as plantações de flôres, a horta e o pomar. Laranjas e rosas, repolhos e tabaco, melões e alhos porros se avizinham como se pertencessem ao mesmo clima, e todos vicejavam no meio de numerosas ervas más, das quais o salutífero *calliloo* e o esplêndido bálsamo mais me atraíam o olhar. Uma porta lateral levou-nos a um lindo campo, para onde se levaram cadeiras para que pudéssemos sentar e gozar a frescura da tarde. Dominando este campo há um morro íngreme cujo flanco se desbastou bastante: os jardins e os lotes de café dos negros ocupam o terreno da floresta. Este dia — bendito seja a instituição do sábado — é livre para os negros. Depois da missa pela manhã, estão livres para fazer o que quiserem. A maior parte dêles corre para o morro para colher o café ou o milho, ou para preparar o terreno para estes, ou outros vegetais. Estavam exatamente começando a voltar da mata, cada qual com sua cestinha carregada de alguma coisa própria, coisa em que o senhor não tinha qualquer parte; e cada vez que um passava por mim e exhibia com olhos brilhantes o pequeno tesouro, eu bendizia o sábado, dia de liberdade do escravo. Apareciam agora os últimos retardatários. O sol neste momento dourava somente os cumes dos morros. O gado acercava-se do pasto e abaixava-se impacientemente na porteira do curral; abrimo-la, entramos com êles, e cruzamos o pátio em que vivem os negros. Tudo era ali movimento, estavam em tratos com um espertalhão que, conhecendo a hora oportuna, tinha chegado para comprar o café recém-colhido. Alguns venderam-no assim. Outros preferiram guardá-lo e secá-lo e, então, aproveitando a oportunidade de um portador da Senhora à cidade, mandá-lo para ali, onde êle obtém preço mais alto. Não me lembro de ter passado uma tarde tão agradável.

Depois da ceia tive uma longa conversa com D. Mariana sobre o preparo do açúcar, o cultivo da cana e os escravos, confirmando o que aprendi nos Afonsos. Ela também me diz, como ouvira antes, que os crioulos são menos dóceis e menos ativos que os negros

novos. Penso que ambos os fenômenos podem ser explicados sem se recorrer à influência do clima. O negro novo tem a experiência do navio negreiro, do mercado, e do açoite empregado para exercitá-lo, de modo que, quando comprado, é dócil pelo medo e ativo por hábito. O crioulo é uma criança estragada, até que fica bastante forte para trabalhar; então, sem nenhum hábito prévio de atividade, espera-se que êle seja industrioso; tendo passado a existência a comer, beber e correr por aqui e ali, nos termos da igualdade familiar, espera-se que seja obediente; e sem que tenha cultivado nêle nenhum sentimento moral, espera-se que revele logo sua gratidão pela indulgência e afinal sua fidelidade. Diz-me D. Mariara que nem metade dos negros nascidos na sua fazenda vivem até alcançar dez anos. Seria importante inquirir das causas dêste mal, e se é generalizado.

Conversei também por muito tempo com o capelão sôbre o estado geral do país. É êle natural de Pernambuco e, como é natural, resolutamente independente. É inútil dizer que tudo na maneira de viver da Mata da Paciência não é sômente agradável, mas ainda elegante. E se as histórias dos velhos viajantes sôbre a vida do campo dos brasileiros são verdadeiras, a mudança não só foi rápida, mas completa.

25 de agosto. — Fiquei muito triste por deixar esta manhã a Mata da Paciência, já que era tempo de voltar. Mas, como chegou a hora, partimos para os Afonsos.

Paramos no caminho para fazer alguns esboços e, no Campo Grande, para refrescar os animais; ficamos satisfeitos, porque o dia estava bem fresco, em partilhar um bom bife com a boa mulher da casa que nos acolheu, cozido de acôrdo com as nossas instruções. Foi o primeiro que ela viu na vida, lamentando todo o tempo que o seu jantar já estivesse acabado e que não houvesse tempo de cozinhar ou assar para nós. Mas a hospitalidade parece o caráter da terra.

Na nossa chegada aos Afonsos fomos recebidos como velhos amigos e muito instados a ficar uns dois dias, a

fim de fazer excursões a alguns lugares pitorescos da vizinhança, que eu teria feito com prazer, mas meu jovem amigo, Mr. Dampier, não podia perder tempo. Tive, pois, de contentar-me em ouvir falar das belezas da lagoa de Jacarepaguá, Nossa Senhora da Pena, etc.

26 [de agosto]. -- Deixamos Afonsos a tempo esta manhã, e logo depois encontramos um grupo de viajantes de aspecto original. Vinha primeiro uma mulher antes bonita que feia, com um casaco de montaria azul e chapéu prêto largo, montada como homem, depois três cavalleiros em fila indiana, todos com aspecto de Falstoffs, com enormes chapéus de palha e montados em cavalos bem arreados; seguia-se a criada, também escanchada com o *porte-manteaux* de sua senhora afivelado atrás dela, depois o criado, com três sacos de couro pendentés do arreió por longas correias, de modo que balançavam na altura dos estribos, e cujo tamanho e forma denotavam a presença de, pelo menos, uma camisa limpa, e, finalmente, um escravo descoberto com dois burros, um carregado de bagagens e provisões, e o outro como sobreselente. Todos saudaram-nos gravemente e cortêsmente ao passar e imaginei que estava entre alguns dos viajantes de Gil Blas, na vizinhança de Oviedo ou Astorga, tão diferentes eram êles de qualquer coisa entre nós.

Paramos, naturalmente, em Campinho, para ver nossa amável hospedeira, Senhora Maria Rosa, e encontramos-na na casa de um vizinho, para onde fomos procurá-la e a surpreendemos cercada por quatro das mais belas mulheres que vi no Brasil. Da varanda em que nos sentamos falando com elas durante algum tempo, tivemos ensejo de admirar o campo em tórno de Campinho, que estava inteiramente escondido pela chuva da primeira vez que passamos. É do mesmo gênero de beleza do resto que havíamos visto, distinguindo-se por um novo forte de barro, agora em construção num outeiro isolado, que domina a estrada para a capital através dos morros e da planície. A falta de um tal ponto de defesa foi sentida quando Duclerc desembarcou na baía de Angra dos Reis, no comêço do último século, e marchou sem parar para a cidade.

Depois de alimentar os cavalos na muito linda estação de Rio Ferreira, dirigimo-nos para casa, e chegamos à residência de Mr. May a tempo de jantar, tendo feito uma excursão agradabilíssima e, quanto a mim, conhecendo melhor o Brasil e os brasileiros, nesses poucos dias passados mais inteiramente fora do alcance dos ingleses, do que em todo tempo que estive aqui antes.

Ao chegar em casa encontrei notícias de Lordê Cochrane, datadas de 9 de julho, estava a 6° de latitude sul e 32° de longitude oeste, quando metade da fôrça, bandeiras, munições e armazenamento de Madeira, lhe haviam caído nas mãos, e êle ainda perseguia o resto, pretendendo depois seguir a *D. João VI* e as fragatas. Se êle pudesse separá-las, certamente as apresaria; mas sòzinho, nas circunstâncias em que está, contra fôrças tão armadas e tripuladas, temo que seja impossível.

Ele já fêz mais do que se poderia esperar, ou talvez mais que qualquer comandante, a não ser êle, poderia ter feito. Êle atribui muito à imprudência e à imbecilidade do inimigo, cujo plano de salvar um exército êle compara com o lençol de mármore de Sterne. Contudo os outros lhe fazem bastante justiça para sentir que não há faltas do inimigo que diminuam seu mérito, ou obscureçam a coragem necessária para seguir, atacar e tomar ao menos metade de uma esquadra de setenta navios⁽¹²²⁾ bem armada e provisionada e cheia de tropas veteranas.

Há uma carta de Lordê Cochrane às autoridades de Pernambuco publicada na gazeta. O Lordê, após mencionar seu bom êxito, e mencionar sua falta de tripulantes, diz: "Precisamos de marinheiros para terminar a guerra. Se Vossas Excelências pagarem 24 mil réis de prêmio, como no Rio de Janeiro, animando o govêrno a fazer o mesmo, prestarão um grande serviço ao país. Não falo em marinheiros portuguezes, que são inimigos, mas marinheiros de qualquer outra nação".

O Lordê explica adiante, em suas cartas para Pernambuco, as suas razões para perseguir, antes dos navios

(122) Está agora certo que João Fúlix [Pereira de Campos] dispunha pelo menos d'êste número.

de guerra, os transportes, que constituíram os objetivos que tinha mais a peito; era o temor de que as tropas desembarcassem, como haviam ameaçado, em qualquer outro pôrto do Brasil, e cometessem novas hostilidades no Império. E conclui anunciando que envia diversas bandeiras tomadas do inimigo.

29 de agosto. — Recebi hoje uma visita de D. Maria de Jesus, jovem que se distinguiu últimamente na guerra do Recôncavo(*). Sua vestimenta é a de um soldado de um dos batalhões do Imperador, com a adição de um saiote escocês, que ela me disse ter adotado da pintura de um escocês, como um uniforme militar mais feminino. Que diriam a respeito os Gordons e os Mac Donalds? O traje dos velhos celtas, considerado um atrativo feminino?! — Seu pai é um português, chamado Gonçalves de Almeida(**), e possui uma fazenda no rio do Peix [Peixe], na paróquia de S. José, no Sertão(***), cêrca de 40 léguas para o interior de Cachoeira. Sua mãe era também portuguêsã; contudo as feições da jovem, especialmente os olhos e a testa, apresentam os mais acentuados traços dos índios. Seu pai tem outra filha da mesma mulher, depois de cuja morte êle se casou de novo; a nova mulher e as crianças faziam com que a casa não fôsse muito confortável para D. Maria de Jesus. A fazenda do Rio do Peixe é principalmente de criação, mas o proprietário raramente sabe ou conta as suas cabeças. O Senhor Gonçalves, além do gado, planta algum algodão, mas como no sertão passa às vêzes um ano sem chover, a produção é incerta. Nos anos de chuva êle pode vender quatrocentas arrobas, por 4 a 5 mil réis; nas estações sêcas difficilmente pode colher acima de sessenta ou setenta arrobas, que podem alcançar de seis a sete mil réis. Sua fazenda emprega vinte e seis escravos.

(*) Maria Quitéria de Jesus. Trata-se do mais importante depoimento pessoal acêrca da famosa heroína baiana. Quase todos os estudos sôbre este vulto são "vasados sôbre o escrito da illustre inglêsa" (Maria Graham), diz o seu biógrafo. Cf. FERNANDO ALVES, *Biografia de Maria Quitéria de Jesus*, Salvador, 1952

(**) Gonçalo Alves de Almeida. Era brasileiro, conforme declara em seu testamento, e não português. FERNANDO ALVES, *Op. cit.*, pg. 56.

(***) S. José de Itaporocas. *Ib.*

As mulheres do interior fiam e tecem para sua casa, como também bordam lindamente. As moças aprendem o uso de armas de fogo, tal como seus irmãos, seja para caçar seja para defenderem-se dos índios brabos.

D. Maria contou-me diversas particularidades relativas a suas próprias aventuras. Parece que, logo no comêço da guerra do Recôncavo, percorreram o país em tôdas as direções emissários do govêrno para inscrever voluntários ; que um dêsses chegou um dia à casa de seu pai, na hora do jantar : que seu pai o havia convidado a entrar e que depois da refeição êle começou a falar sôbre o objetivo de sua visita. Começou êle a descrever a grandeza e as riquezas do Brasil e a felicidade que poderia alcançar com a Independência. Atacou a longa e opressiva tirania de Portugal e a humilhação em submeter-se a ser governado por um país tão pobre e degradado. Êle falou longa e eloqüentemente dos serviços que Dom Pedro prestara ao Brasil, de suas virtudes e nas da Imperatriz, de modo que, afinal, disse a moça : “Senti o coração ardendo em meu peito”. Seu pai, contudo, não partilhava em nada seu entusiasmo. Era velho, e disse que nem poderia juntar-se ao exêrcito, nem tinha um filho para ali enviar ; e quanto a dar um escravo para as tropas, que interêsse tinha um escravo em bater-se pela independência do Brasil ? Êle esperaria com paciência o resultado da guerra e seria um pacífico súdito do vencedor. Dona Maria escapuliu então de casa para a casa de sua irmã, que era casada e morava a pequena distância. Recapitulou o grosso do discurso do visitante e disse que desejaría ser homem para poder juntar-se aos patriotas. “Pelô contrário”, disse a irmã, “se não tivesse marido e filhos, por metade do que você diz, eu me juntaria às tropas do Imperador”. Isto foi bastante. Maria obteve algumas roupas pertencentes ao marido da irmã, e como seu pai estava para ir a Cachoeira a fim de negociar algum algodão, resolveu aproveitar a ocasião e partir atrás dêle, bastante perto para ter proteção em caso de acidente na estrada, bastante longe para escapar de ser prêsa. Afinal, à vista de Cachoeira, parou ; e saindo da estrada, vestiu-se à moda masculina e entrou na cidade.

Isto foi sexta-feira. No domingo ela arranjou as coisas tão bem que já havia entrado no Regimento de Artilharia e montado guarda. Ela era muito fraca, porém, para êsse serviço e transferiu-se para a infantaria, onde está agora. Foi enviada para aqui, creio eu, com despachos, e para ser apresentada ao Imperador que lhe deu o pôsto de alferes e a ordem do Cruzeiro, cuja condecoração êle próprio impôs em sua túnica.

Ela é iletrada, mas inteligente. Sua comprehensão é rápida e sua percepção aguda. Penso que, com educação, ela poderia ser uma pessoa notável. Não é particularmente masculina na aparência; seus modos são delicados e alegres. Não contraiu nada de rude ou vulgar na vida do campo e creio que nenhuma imputação se consubstanciou contra sua modéstia. Uma coisa é certa: seu sexo nunca foi sabido até que seu pai requereu a seu official comandante que a procurasse.

Não há nada de muito peculiar em suas maneiras à mesa, exceto que ela come farinha com ovos ao alμόço e peixe ao jantar, em vez de pão, e fuma charuto após cada refeição, mas é muito sóbria.

8 de setembro de 1823. — Fui com Mr. Hoste e Mr. Hately, do navio de S. Majestade Briton, à Praia Grande, para ver um grupo de índios Botocudos que lá estão agora em visita. Como se deseja civilizar esta gente por todos os modos possíveis, quando êles manifestam o desejo de visitar a vizinhança da cidade, são sempre encorajados e gentilmente recebidos, amplamente alimentados, e recebem roupas, enfeites e ornamentos como gostam. Vinos cêrca de seis homens e dez mulheres com algumas crianças. As fisionomias são antes quadradas, com os ossos das maçãs muito elevados e as testas baixas e contraídas. Algumas das moças são realmente belas, de côr de cobre claro, que brilha tôda quando coram; dois dos rapazes eram decididamente belos, com olhos muito escuros (a côr habitual dos olhos é a de nogueira) e narizes aquilinos; os outros estavam tão desfigurados pelos orifícios abertos em seus lábios inferiores e nos ouvidos para receber seus bárbaros orna-

mentos que difficilmente podemos dizer com que se pareciam. Eu pensava que o privilégio de embelezar dessa maneira o rosto era reservado aos homens⁽¹²³⁾, mas as mulheres dêste bando estão igualmente desfiguradas. Compramos, de um dos homens, uma peça da bôca, medindo uma polegada e meia de diâmetro. Os ornamentos usados por êsse povo são peças de madeira perfeitamente circulares que se inserem na fenda do beijo ou da orelha, como um botão e os tornam extremamente apavorantes, especialmente quando comem. Dão à bôca a aparência de uma de macaco, e a careta especial que elas provocam é tão horrendamente anormal que leva a gente a acreditar, se é que não sugeriu originalmente, nas lendas do cannibalismo⁽¹²⁴⁾. A bôca é ainda mais feia sem a peça nos lábios, quando apparecem os dentes e a saliva fica escorrendo.

Quando entrainos na peça onde os selvagens estavam hospedados, muitos dêles estavam deitados em tapetes no chão, alguns de frente, outros de costas. Três das mulheres estavam dando de mamar aos filhos, e estavam vestidas somente com uma saia de algodão grosseiro; o resto das mulheres tinha camisolões de algodão; os homens camisas e calças, dadas por ocasião da chegada aqui. Como êles estão geralmente nus no mato, estas vestimentas pareciam assentar-lhes mal; os seus movimentos normais pareciam lentos e preguiçosos; mas quando se ergueram, revelaram uma elasticidade, difficilmente cabível na

(123) V. a *História do Brasil* de SOUTHY acêrca dos hábitos dos Tupayás [tapuias]. Não entendo bem de filiação das tribos de índios para saber o parentesco que têm os botocudos com os tapuias.

(124) Talvez todos os índios tenham sido considerados canibais por terem provado a carne de prisioneiros tomados na batalha, ou de vítimas oferecidas aos deuses; mas não posso crer que qualquer dêles jamais se alimentasse habitualmente de carne humana por muitas razões. Mas seus detractores tinham suas razões para inventar e propagar as mais atrozes falsidades, como uma espécie de desculpa para a sua própria barbaridade em matá-los e escravizá-los. Estas práticas eram realmente tão perversas e tão notórias que em 1537 o dominicano frei Domingos de Becaçao, provincial da ordem no México, enviou a Roma frei Domingos de Menaja para pleitear a causa dos índios perante o papa Paulo II [aliás III] que, ouvidos ambos os lados, decidiu e disse: "Os índios da América são homens dotados de alma racional, da mesma natureza e espécie que todos os outros, capazes de receber os sacramentos da Santa Igreja e, por conseguinte, naturalmente livres, e senhores de suas próprias ações". Breve de 28 de maio de 1537, dirigido ao cardeal-arcebispo de Toledo e bula *Veritas ipsa* de 9 de junho de 1537].

criatura humana, em tudo que fizeram. Pediram dinheiro e quando sacamos de alguns vintens, as mulheres se aglomeraram em torno de mim e me puxavam gentilmente para me atrair a atenção. Haviam aprendido umas poucas palavras de português, que dirigiam a nós, mas falavam entre si na língua nativa, que parecia uma série de sons meio articulados.

Haviam trazido alguns de seus arcos e flechas, da mais rude feitura. O arco é de madeira dura com somente duas empolgadeiras para a corda. As flechas são de cana, algumas apontadas somente com madeira dura, outras com um pedaço chato de cana amarrado com casca de árvore ao final da madeira dura: estas flechas têm cinco pés de comprido; vi uma delas penetrar várias polegadas no tronco de uma árvore quando lançada por um índio com seu arco. Comprei um arco e duas flechas. A maior parte desta gente usava o cabelo cortado rente, exceto um tufo na parte dianteira da cabeça, e os homens que haviam furado os lábios também tinham arrancado as barbas. Os dois belos rapazes haviam cortado os cabelos, mas não tinham cortado os lábios nem arrancado as barbas. Procurei saber se isso representava um passo para a civilização, ou se somente eles não haviam atingido a idade em que a cerimônia de furação do lábio, etc., é praticada, mas o intérprete que os assistia não era capaz de explicar cousa alguma, senão o que se referia a suas necessidades e atos mais comuns.

9 de setembro. — Convidei dois rapazes brasileiros muito bonitos, que estão para entrar para a Marinha Imperial, para passar o dia no Jardim Botânico, que parece estar em estado de conservação muito melhor do que quando o vi há dois anos. As sebes de *Bencoolen* castanha (*Vernilzia Montana*) cresceram extraordinariamente: o Pinheiro da ilha de Norfolk transformou-se em um pequeno gigante. Fiquei contente por ver muitas das plantas indígenas que haviam sido plantadas aqui: tais como a *andraguoa*, a noz de que se tira o mais forte purgativo conhecido; o *cambucá*, cujo fruto, tão grande como uma maçã *russet*, tem o gosto sub-ácido de grose-

lha, com a qual sua polpa tem uma forte semelhança; a japatee-caba [*jabuticaba*], cujo fruto é pouco inferior ao damasco; e a grumachama [*grumixama*], donde se extrai um licor, tão bom como os de cerejas; estas três últimas são como o loureiro e tão belas quanto úteis. Levei meus jovens amigos para ver a fábrica de pólvora, que não está funcionando agora, por estar em conserto, mas êles aprenderam a maneira de fabricar pólvora, desde a primeira pesagem dos ingredientes até o enchimento dos cartuchos; depois tivemos nossa mesa armada num pnto pitoresco do jardim, à sombra de uma árvore de jumbu e fizemos com que o jardineiro chefe, holandês muito engenhoso, participasse de nosso lanche; logo que êste terminou êle nos mostrou a caneleira que foi descascada aqui e outras espécies de especiarias; os cravos são muito bonitos e a canela poderá ficar também; mas o pau que êles descascaram é geralmente muito velho e êles não conhecem ainda o método de descascar os rebentos; isto eu procurei explicar tal como vi fazer em Ceilão. A árvore da cânfora cresce aqui muito bem mas não sei se a goma já foi recolhida. Os dois rapazes ficaram altamente encantados com a excursão, e eu não menos. Pobrezinhos! estão entrando em um serviço duro, e Deus sabe se os dois primos da Costa não se recordarão dêsse dia passado com uma estrangeira, como uma brilhante "mancha azul num céu tormentoso".

13 de setembro. — Fui de novo a cavallo ao Jardim Botânico com *Mr. Hoste* e *Mr. Hately*. Nosso principal objetivo desta vez era a fábrica de pólvora. Depois de andar em tórno do jardim avançamos pelo vale da fábrica. Lugar tão belo e isolado, ao pé dos montes, certamente nunca foi escolhido antes para fábrica de um artigo tão destrutivo: suponho que a grande necessidade de água para o maquinismo é a principal razão para localizá-la aqui. A pólvora é misturada pelos pilões em almofarizes de pau-rosa e os pilões recobertos de cobre; contudo os arcos dos almofarizes são de ferro, o que me parece um estranho engano. Não entendo destas coisas, mas o maquinismo interessou-me: é extremamente simples e a

madeira usada na construção muito bonita. O moinho principal explodiu há alguns meses e está agora em conserto, de modo que tivemos a oportunidade de ver os cursos d'água, as represas, rodas, etc., que de outra maneira não poderíamos apreciar. Não pudemos saber a força relativa da pólvora. Ouvi dizer, entretanto, que é boa. A que eu vi é tão fina em grão quanto a que chamamos na marinha de escorva. Enquanto estávamos passeando por ali fomos convidados a entrar em várias casas pelos superintendentes e outras pessoas empregadas nos serviços, e instados a comer e beber com grande hospitalidade. A maior liberalidade com estrangeiros existe de fato em todos os estabelecimentos públicos aqui. Por exemplo, no Jardim Botânico há sempre um viveiro das plantas mais raras e úteis que são oferecidas, tanto a nativos quanto a estrangeiros, de modo que não somente os jardins do Brasil são abastecidos com os mais raros produtos do Oriente, mas eles são levados para diversos países da Europa, preparados por este país mais frio para uma ulterior transplantação.

14 [de setembro]. — Observei na praia hoje uma linha vermelha parecendo arenosa, estendendo-se todo ao longo da costa e tingindo o mar a vários pés da margem. À noite a linha vermelha tornou-se luminosa; recorde-me agora de que, quando da viagem à Índia em 1809, ao observar um estranho fenômeno luminoso no mar, colhemos um jarro d'água e ao observá-lo, na manhã seguinte, encontramos uma substância granulosa vermelha, semelhante a esta, que flutuava nêle. É a primeira vez que a vejo aqui e acho que ninguém prestou qualquer atenção a isto. Talvez não seja digno de menção, mas estou tão sôzinha que me tornei mais e mais atenta a tôdas as aparências da natureza inanimada. Além disso, preciso reunir muita observação da terra, porque dentro em alguns dias tenho que mudar minha residência para uma das ruas estreitas e pequenas do Rio, e isto não por minha escolha. É costume aqui, e é dos mais naturais e agradáveis, que cada família que pode, passe a viver no campo todo o verão, de modo que as casas, de tôda

espécie, nos arrabaldes, são muito procuradas. O prazo do aluguel daquela em que moro expirou e estou portanto obrigada a deixá-la. Minha ida para a cidade talvez possa ser evitada, mas há talvez algumas coisas que provavelmente aprenderei mais perfeitamente vivendo ali: além disso não é Lorde Bacon que aconselha, para aproveitar bem uma viagem, não somente mudar-se de cidade para cidade, mas ainda "mudar a instalação de um ponto extremo da cidade para outro"?

A última quinzena foi extremamente enevoada e mesmo fria; e tivemos terríveis trovoadas elétricas, que pareciam quase abalar as montanhas e ameaçar jogá-las em cima de nós.

16 [de setembro]. — Afinal estou instalada à rua dos Pescadores(*) n.º 79, no primeiro andar de uma excelente casa pertencente a meu amável amigo Dr. Dickson, que, éle próprio, mora numa vila fora da cidade, onde tem uma fazenda, um jardim, uma coleção de minerais e insetos, e toda espécie de coisas agradáveis e úteis que éle cede aos outros com a maior boa vontade. Devo a Sir Thomas Hardy uma agradável mudança para a cidade, vindo de Botafogo; transportou-me em sua carruagem, e em seus barcos, a bagagem; assim, em poucas horas mudei de casa e, provavelmente, despedi-me de toda sociedade inglesa, à vista do medo que todo o mundo tem do calor da cidade. Contudo, como antevejo minha ida para a Inglaterra em poucos meses, talvez em poucas semanas, quanto mais tempo der ao Brasil melhor. Meus negócios particulares ocuparam-me tanto tempo que difficilmente tive tempo para pensar no povo. Contudo, no curso da última semana, o projeto de Constituição, elaborado pelo comité nomeado, foi enviado pela Assembléa ao Imperador, e ontem a sua discussão, artigo por artigo, começou no plenário.

17 [de setembro]. — Uma vantagem já appareceu em minha mudança para a cidade. Fui eu que recebi as primeiras notícias da chegada de um navio de Lisboa com os commissários por parte do Rei de Portugal ao

(*) Atualmente rua Visconde de Inhaúma.

Imperador. Vi também que em Lisboa podem publicar notícias falsas, tanto quanto em outros países da Europa. A cidade se iluminou em consequência das notícias de que Lorde Cochrane fôra derrotado e a marinha imperial destruída pela esquadra da Bahia. E estas luminárias devem ter-se dado exatamente ao tempo em que Madeira estava evacuando a cidade e fugindo diante da bandeira Imperial do almirante. Quanto à recepção que os comissários devem receber, é cousa duvidosa(*). Há alguns dias o brigue *3 de maio* [13 de Maio] chegou aqui trazendo a bordo Luís Paulino como sucessor de Madeira, o qual, vendo que não podia penetrar na Bahia, veio ao Rio para apresentar, ao que se diz, sua designação como governador da Bahia a Sua Majestade Imperial como Príncipe Regente; disse-se também que êle era o portador de algumas cartas. Mas como nenhuma delas lhe reconhecia o título de Imperador, ou a independência do Império do Brasil, não foram recebidas e o navio já partiu de volta para Lisboa. Crê-se que a mesma sorte espera os atuais comissários, Vieira e seu colega, se de fato o próprio navio não fôr condenado como presa. Mas até agora naturalmente nada se sabe.

Outro navio também chegou com informações de alguma importância de Buenos Aires. Parece que o capitão do navio de Sua Majestade *Brazen* entrou em conflito com as autoridades dali por causa do velho assunto do direito de abordagem nos navios, cuja prioridade os buenaienses reclamam para a lancha da saúde dêles. O comodoro pretende ir ali pessoalmente para resolver o caso e não tenho dúvida de que tudo ficará bem e razoavelmente regulado.

(*) É a chamada *Missão Rio Maior*, composta do conde do Rio Maior e do desembargador Francisco José Vieira, aos quais se deveria jurtar o marechal Luís Paulino Pinto da França, incumbido de uma missão pacificadora na Bahia. Êste, que chegara a 7 de setembro, antes dos outros, por não mais encontrar Madeira no governo da Bahia, desembarcou, por motivo de saúde, com pleno consentimento da Assembléa, e foi residir com um curbadô.

A 17, como narra Maria Graham, chegou a corveta *Voadora*, com os dois comissários acima referidos. Como, porém, entrou com a bandeira portuguesa, e não a parlamentar, foi forçada a arriar o pavilhão, a retirar o leme e a não se comunicar com a terra. Cf. HEITOR LYRA. "A Missão Rio-Maior", em *História diplomática e política internacional*, Rio, 1941, pg. 71.

18 [de setembro]. — Fui hoje à Biblioteca Pública para indagar acêrca de alguns livros e fui convidada a frequentá-la e usar do que quiser ali. Os bibliotecários são todos extremamente polidos e a biblioteca está aberta a tôdas as pessoas por seis horas diárias.

Também andei bastante pela cidade, e visitei de novo os arsenais, nos quais se fizeram grandes melhoramentos e ainda estão sendo feitos, especialmente abrigos para trabalhadores. Em face de um arsenal inglês, para ser exata, a falta de maquinismos e todo o requinte do acabamento é evidente; mas o trabalho é bem feito e me lembra o que eu costumava observar sob a direção dos velhos construtores parsis, em Bombaim. Estão lançando novos navios e consertando velhos. Só queria que pudessem formar um viveiro de marinheiros porque o Brasil precisa ter navios para guardar suas costas. As colônias de pesca de Abrolhos e de St^a. Catarina talvez possam fazer alguma coisa neste sentido. Do arsenal subi o morro que o domina imediatamente, onde está a igreja de S. Bento; aí, dizem, há uma boa biblioteca, mas não acessível às mulheres. A situação do convento é deliciosa, dominando as duas secções da baía, tôda a cidade e as serras muitas léguas além. Não estou certa se é preferível a um claustro ou uma prisão dominar um belo panorama a não ter nenhum; se a contemplação de uma bela cena é, ela própria, um prazer bastante para minorar a prisão; ou se não aumenta a angústia pela liberdade, da mesma maneira que uma bela melodia recordada desperta uma nostalgia, até a morte, pela casa em que foi ouvida pela primeira vez; parece-me que se um dia fôr prisioneira, quebrarei tôda ligação com a liberdade e pouparei a meus olhos olhar para onde meus membros não me podem transportar. Contudo, suponho realmente que alguns possam ser, ou tenham sido felizes no convento. Não posso invejá-los; quisera não desprezá-los.

19 de setembro. — Nosso pequeno mundo inglês no Rio está sofrendo um luto comum pela morte de uma das mais jovens e certamente a mais querida de nossas patrícias aqui. Bela e alegre, e últimamente casada

e querida mulher de um dos mais ricos homens. Mrs. N. faleceu pouco tempo após o nascimento de sua primeira filha. Parecia estar-se restabelecendo mas recaiu e morreu. É um destes acontecimentos que desperta simpatia nos mais duros e comiseração nos mais frios.

23 [de setembro]. — Não estive bem outra vez — mas acho que ficar em casa não me cura. Por isso, tanto ontem quanto hoje, fui à biblioteca, onde um pequeno gabinete agradável e fresco me foi destinado; qualquer livro que peço me é ali trazido, e ali tenho pena, tinta e papel à mão para tomar notas. Isto é uma gentileza e uma atenção a uma mulher, e estrangeira, para a qual não estava preparada. A biblioteca foi trazida para cá, de Lisboa, em 1810 e colocada na atual instalação que foi outrora o hospital pertencente aos Carmelitas(*). Este hospital foi transferido para uma situação mais saudável e mais cômoda e as salas, admiravelmente adaptadas para essa finalidade, receberam os livros que alcançam entre sessenta a setenta mil. A maior parte dos livros é de teologia e direito. Há uma boa coleção de história eclesiástica e, especialmente, tôdas as narrativas dos jesuítas acêrca da América do Sul. Não faltam História Geral e Civil e há boas edições dos clássicos. Há alguns belos trabalhos de História Natural; mas, exceto êsses, nada de moderno; raros livros foram comprados desde sessenta anos. Mas uma importante contribuição foi trazida ao estabelecimento com a compra da biblioteca do conde da Barca, na qual há alguns trabalhos modernos dos mais valiosos e uma lindíssima coleção de impressos topográficos de tôdas as partes do mundo(**).

Comecei a ler diligentemente todo fragmento de História do Brasil que possa encontrar. Comecei por uma coleção de opúsculos, jornais e algumas cartas e procla-

(*) A biblioteca foi instalada, a principio, no antigo hospital da Ordem Terceira carmelita, com frente para a atual rua do Carmo. Cf. J. A. TEIXEIRA DE MELO, "Resumo Histórico", *Anais da Bibliot. Nacional*, vol. XIX — 1897, pg. 219.

(**) Falecido o conde da Barca em 1817, foi a leilão sua rica biblioteca de 74 mil volumes, avaliada em 16 : 815\$300 rs. em 1819. Arrematou-a, num só lote, fr. Joaquim Dâmaso, bibliotecario da Biblioteca Pública, autorizado por D. João VI. Cf. J. Z. MENESES BRUM, "Do conde da Barca, de seus escritos e livraria", *Anais da Biblioteca Nacional*. Vol. II, 1877, pgs. 5 e 359

mações manuscritas, desde 1576 até 1757, encadernadas juntas⁽¹²⁵⁾. Alguns destes estudos são mencionados por Southey, outros êle provavelmente não viu, mas não contêm nenhum fato de muita importância que não esteja em sua história. O estudo da História do Brasil desta manhã, na língua original, é uma grande vantagem que colho de minha mudança para a cidade; além disso falo agora menos inglês que português.

24 [de setembro]. — Tendo recebido, agora, o retrato que o Sr. Erle(**), talentoso jovem artista inglês, pintou da Senhora Alferes Dona Maria de Jesus, tomei-o para mostrar a seu amigo e protetor José Bonifácio de Andrada e Silva.

Não há lugar em que possa passar meia hora com mais prazer e proveito do que na família deste ex-ministro. Sua mulher é de origem irlandesa, uma O'Leary, senhora da maior amabilidade e gentileza, realmente admiradora do valor e do talento do marido(***) ; e todos os sobrinhos e outros parentes que ali encontro, revelam-se superiores em educação e conhecimentos, à maior parte das pessoas que vejo. Mas é o próprio José Bonifácio que me desperta maior interesse. É um homem pequeno, de rosto magro e pálido. Suas maneiras e sua conversa impressionam logo o interlocutor com a idéia daquela atividade mental incansável

"O'er -- informs its tenement of clay,"

e que mais parece consumir o corpo em que habita. A primeira vez que o vi na intimidade foi quando deixou

(125) Para esta coleção foi feita uma folha de rosto impressa e gravada do teor seguinte: "Notícias históricas e militares da América, coligidas por Diogo Barbosa Machado, abade da Igreja de Sto. Adriano de Sever, e acadêmico da Academia Real. Compreende do ano de 1579 até 1757". Contém vinte e quatro opúsculos, etc. O nome do abade Machado figura em quase todos os livros históricos que até agora vi na biblioteca. Não sei como a coleção do autor da *Biblioteca Lusitana* se tornou parte da *Biblioteca Real*(*).

(*) Entre 1770 e 1773 foram incorporadas à *Biblioteca Real* preciosas coleções do padre Diogo Barbosa Machado, abade de Santo Adriano de Sever, por êle oferecidas ao soberano. Vieram para o Rio, juntamente com a livraria do Rei, por ocasião da transferência da corte. Cf. J. A. TEIXEIRA DE MELO, *Ibid.* p. 221.

(**) Aliás Earl. Êste desenho figura na obra de Maria Graham desde a primeira edição.

(***) D. Narc'za O'Leary de Andrada, natural da Irlanda.

de ser ministro. Suas ocupações, antes dêsse tempo, deixavam-lhe pouco tempo para a sociedade privada. Estava curiosa por ver a retirada de um homem público. Encontrei-o cercado de moços e crianças, algumas das quais êle punha nos joelhos e acariciava; via-se facilmente que era muito popular entre a gente pequena. Para comigo, como estrangeira, foi da maior cerimônia ainda que delicadamente polido, e conversou sôbre todos os assuntos e de todos os países. Ele visitou a maior parte dos da Europa.

Sua biblioteca estava bem provida de livros em tôdas as línguas. A coleção de química e de mineração é particularmente extensa e rica em autores suecos e alemães. Estes são realmente assuntos de peculiar interêsse para o Brasil e foram naturalmente de primeira plana para êle. Mas seu encanto é a literatura clássica. Êle próprio é poeta, e não de ordem inferior. Talvez meu conhecimento de português não me dê autoridade para julgar quanto ao veículo da linguagem de sua poesia; mas se a elevação do pensamento, as combinações novas e belas, a aguda sensibilidade e o amor da beleza e da natureza são essenciais à poesia, os poemas que êle me leu hoje possuem tudo isso. Há um, particularmente, *A Criação da Mulher*, brilhante como o sol sob o qual foi escrito, e tão puro quanto sua luz(*). Talvez alguns de seus méritos derivem de sua maneira de ler, que não sendo aquilo que se chama uma bela leitura, é cheia de caráter e de inteligência.

(*)

A CRIAÇÃO DA MULHER

Já tinha o mundo
Jove formado,
E rei de tudo
O homem criado.

Com mão profusa
A natureza
Em vão mostrava
Tanta beleza!

Florido o vale
Reverdecia:
De aromas mil
O ar se enchia.

E todavia,
Qual duro tronco,
O homem jazia
Sisudo e bronco.

No sólio eterno
Jove sentado,
Então aos deuses
Fala pausado.

Só, pensativo
Se desalenta;
Do mundo inteiro
Nada o contenta.

José Bonifácio deu-me hoje uma tradução de Meleagro que me parece muito bonita. Foi escrita em Lisboa em 1816 e dois ou três exemplares impressos por um de seus amigos. O último destes é agora meu(**).

Mas solitário
Este se achava:
Brusca tristeza
O dominava.

Cantavam aves,
Bulía o vento:
Tudo infundia
Contentamento.

Manhã serena
Lêda brilhava:
Manto de estrêlas
A noite ornava.

Forma então Jove
Nova criatura;
De Venus bela
Fiel pintura.

De oiro madeixas,
Ao vento soltas,
Ameigam feras;
Que andam revoltas.

Covas da face
Branca e rosada,
Vós sois das graças
Gentil morada!

Ah! são seus beijos
Fontes de vidual
Em neve pura
Romã partida.

Carne mimosa
Que a vista enleva,
Onde o desejo
Em vão se ceval

Quem és? és Deusa?
(O homem lhe grita)
Ah! se pudesses
Trazer-me dital

Covas escuras,
Mata coredado,
Nelas fazia
Sua morada.

Mortal soberbo
Co entendimento
Sondar pretende
Misterios cento:

Eu distrai-lo
Quero piedoso;
Beba sua alma
Néctar gostoso.

Esbelto talhe,
Mencio brando,
M' amorinhos
Vão rebanhandol

Os cup' dinhos
Dos verdes olhos
Duras despedem
Setas a molhos.

Vozes suaves,
Que as almas prendem,
De fio em fio
Dos beijos pendem.

As alvas tetas
De marfim puro
Ah! são mais rijas
Que cristal duro!

Ao vê-la o homem
Pasma, estremece!
Quer abraça-la,
Corre, enlarguecel

Ela respinde
Sou tua esposa:
Deixa a tristeza,
Ama-me, e goza.

(*Poesias avulsas de AMÉRICO ESTILO, Bordéus, 1825, pg. 72.*)

(**)

IDÍLIO

Já do Éter fugiu ventoso Inverno,
É da florida Primavera a hora
Purpúrea rio: de verde erva mimosa
A terra denegrida se coroa.

Ninguém diga que êle está muito infeliz para poder receber qualquer consôlo. Eu, por exemplo, estou sôzinha, viúva, em terra estranha, minha saúde está fraca e meus nervos irritados, não tenho riqueza nem posição, sou forçada a receber favores dolorosos e chocantes com os meus hábitos e preconceitos antigos e topo muitas vêzes com a impertinência dos que pretendem aproveitar-se de minha situação solitária; mas estou certa, contudo, de que tenho mais *meias horas*, não ousou mais dizer *horas*, de verdadeiro prazer, e menos dias de verdadeira miséria, do que a metade dêses que o mundo considera felizes. Agradeço a Deus, que me deu um temperamento que sente extraordinariamente os agravos, mas, ao mesmo tempo, dotou-me com igual capacidade para alegria. E é um prazer encontrar almas que podem compreender e comunicar-se com a nossa, travar conhecimento ocasionalmente com pessoa de hábitos de pensar semelhantes e que, quando os negócios do mundo dão um pouco de folga, procuram distra-

Bebem os prados já líquido orvalho,
 Com que nodram as plantas, e festejam
 Os abertas botões das novas rosas.
 Com os ásperos sens da frauta rude
 Folga o Serrano, o Pegureiro folga
 com os alvos recentes cabritinhos.
 Já sulcam Nautas estendidas ondas;
 E Favório inocente as velas boja
 As Ménades, cebertas as cabeças
 Da flor d'hera, três vêzes enrolada,
 Do uvisera Baco orgias celebram.
 A geração bovina das abelhas
 seus trabalhos completa; já produzem
 Formoso mel; nos favos repousadas
 Cândida cera multiplicam. Cantam
 Por tôda a parte as sonoras aves;
 Nas ondas e Alcião; em tôrno os tetos
 Canta a Andorinha; canta o Cisne
 Na ribanceira e o Rouxinol no bosque.
 Se pois as plantas ledas reverdecem:
 Floresce a Terra; o Guardador a frauta
 Tange, e folga co as maçãs folhudas;
 Se aves gorjeiam, se as abelhas criam,
 Navegam Nautas, Baco guia os coros;
 Per que não cantará também o Vate
 A riso iha, formosa Primavera?

ção pelos mesmos caminhos. Éste o prazer que eu tenho gozado mais freqüentemente do que poderia esperar, tão longe da culta Europa. Um ou dois de meus amigos são, realmente, como jóias caras — não para ser usadas todos os dias, mas há alguns de metal autêntico que, mesmo aqui, desarmam a maldade dêste mundo cansativo de metade de seu ferrão.

26 de setembro de 1823. — Um casamento na alta sociedade ocupa muitos dos faladores do Rio. Um fidalgo, oficial que se distinguiu sob o comando de Beresford, Dom Francisco, — cujo outro nome me esqueci, teve a felicidade de obter a mão de uma das mais lindas netas da baronesa de Campos, Maria de Loreto(*), cuja extraordinária semelhança com a nossa princesa Carlota de Gales é tal, que estou certa de que nenhum inglês pode vê-la sem se impressionar com isso. Não é permitido aqui a nenhum solteiro comparecer a um casamento; a cerimônia se realiza na presença dos parentes próximos, desde que casados, de ambos os lados. A mãe da noiva comunica, em seguida, o fato à Côrte, se ela pertence a uma categoria que exija isto; depois do que, as senhoras visitam-na e começam a cumprimentar os outros membros da família. Dizem que êste caso presente foi daqueles em que o senhor todo poderoso nestas coisas, isto é, Cupido, teve maior papel do que geralmente se lhe permite no Brasil, mesmo depois da Independência. Realmente não é comum ver um par de fato tão belo. Estou contente com isso. Certamente que a livre escolha em um assunto tão importante é tão desejável como em qualquer outro. Nessa ocasião :

*The god of love, who stood to shy them,
The god of love, who must be nigh them,
Pleased and tickled at the sight
Sneezed aloud; and at his right
The little loves that waited by,
Bow'd and bless'd the augury;*

(*) D. Maria de Loreto Fernandes Carneiro Viana, filha do cerselheiro Paulo Fernandes Viana e D. Lu'za Rosa Carneiro da Costa (esta filha da baronesa de São Salvador dos Campos das Goitacases). Casou-se com Dom Francisco da Costa de Sousa e Macedo, marquês de Cunha e mordomo-mor da Imperatriz

como diz meu poeta favorito Cowley, e espero que teremos mais dêstes prêlios livres em nosso livre Brasil onde, até aqui, o verdadeiro amor não tem autorização para correr livremente, se é verdade o que dizem meus informantes no assunto. Na verdade, talvez não tenha havido até agora refinamento bastante para florescer o delicado e metafísico amor da Europa, que, por ser mais racional e mais nobre que todos os outros, é menos facilmente desviado para outros canais. *Grandison* e *Clarissa* não poderiam ser escritos aqui; mas penso que em breve tempo devemos procurar a prudente e polida moral de *Belinda*(*)).

29 de setembro. — Fui ao asilo de órfãos, que é também o hospital dos expostos. Os rapazes recebem instrução profissional em idade adequada. As moças recebem um dote de 200 mil réis que, apesar de pequeno, as ajuda a estabelecerem-se e é muitas vêzes acrescido por outros fundos. A casa é extremamente limpa, como também o são as camas para as crianças expostas, das quais somente três estão agora sendo criadas por amas de leite dentro da casa. As demais estão colocadas fora, no campo. Até ultimamente têm morrido numa proporção apavorante em relação ao seu número⁽¹²⁶⁾. Dentro de pouco mais de nove anos foram recebidas 10.000 crianças: estas eram dadas a criar fora, e de muitas nunca mais houve notícia. Não talvez porque tôdas tenham morrido, mas porque a tentação de conservar uma criança mulata como escrava deve, ao que parece, garantir o cuidado com sua vida; mas as brancas nem ao menos têm esta possibilidade de salvação. Além disso, as pensões pagas para a alimentação de cada uma eram, a princípio, tão pequenas, que as pessoas pobres, que as rece-

D. Leopoldina. Nascido em Lisboa em 1788 foi ele general do exército brasileiro. Faleceu na cidade natal em 1852. Cf. *Amário Genealógico Brasileiro*, I, 1939, pgs. 181 e 259, e Coronel LAURÊNIO LAGO, *Brigadeiros e generais do D. João VI e D. Pedro I no Brasil*, Rio, 1938, pg. 35.

(*) *Sir Charles Grandison*, cristão e cavalheiro ideal, e *Clarissa Harlowe*, "a mais doce mártir" no mundo da ficção, são os nomes de dois célebres romances de Samuel Richardson (1689-1761). *Belinda* é a heroína do poema herói-cômico de Alexander Pope (1688-1774), *Rape of the lock*, em que toda a ação deriva do rapto, por parte de um cavalheiro, de uma madeixa do cabelo de certa senhora.

(126) V. a fala do Imperador a 3 de maio.

biam, difficilmente podiam proporcionar-lhes meios de subsistência. Um melhoramento parcial já foi feito e ainda maiores ampliações deverão ser realizadas. Há grande falta de tratamento médico. Muitos dos expostos são colocados na *roda*⁽¹²⁷⁾, cheias de doenças, com febre, ou, mais freqüentemente, com uma espécie terrível de comichão, chamada *sarna*, que lhes é freqüentemente fatal. Por outro lado apparecem também crianças mortas, a fim de que sejam decentemente enterradas.

Do asilo, atravessei a rua para ver o grande hospital da Misericórdia. É um belo edificio, bastante amplo, mas não está no bom estado que seria de desejar. Há geralmente quatrocentos doentes e o número de mortos é muito grande, mas não pude saber a proporção exata. O departamento médico está em grande carência de reforma. As celas dos loucos interessaram-me mais do que tudo. Ficam no andar térreo, muito frio e úmido, e muitos dos que são ali depositados morrem depressa de tísica. Encontrei aqui a negação da opinião generalizada de que a hidrofobia seja desconhecida no Brasil. Um pobre negro tinha sido mordido por um cão raivoso havia um mês. Não parecia muito doente até ontem de manhã, quando foi para ali mandado. Estava na grade da cela ao passarmos por êle, num estado deplorável. Ao reconhecer o meu acompanhante, teve a esperança de que êste o soltasse de sua prisão, o que, naturalmente, não podia ser: expirou algumas horas depois que o vimos. O cemitério da Misericórdia é tão pequeno que chega a ser desagradável e, segundo creio, insalubre para a vizinhança. Há muito queria fazer o que fiz hoje. Acho que quanto mais pessoas demonstrarem interêsse por tais estabelecimentos tanto melhor; isto chama a atenção para êles, e por si mesmo será um bem. Contudo até aqui não tivera coragem e devo a excursão desta manhã mais ao acaso que ao propósito.

Fui hoje a cavallo ao cemitério protestante, na Praia da Gamboa, que julgo um dos lugares mais deliciosos que jamais contemplei, dominando lindo panorama, em

(127) Roda ou caixa rodante, como a dos conventos, na qual são postas as crianças.

tôdas as direções. Inclina-se gradualmente para a estrada ao longo da praia; no ponto mais alto há um belo edifício constituído por três peças; uma serve de lugar de reunião ou às vèzes de espera para o pastor; uma de depósito para a decoração fúnebre do túmulo; e o maior, que fica entre os dois, é geralmente occupado pelo corpo durante as poucas horas (pode ser um dia e uma noite), que neste clima podem decorrer entre a morte e o entèrrão; em frente dêste edifício ficam as várias pedras e urnas e os vãos monumentos que nós erguemos para relevar nossa própria tristeza; entre êstes e a estrada, algumas árvores magníficas. Três lados dêste campo são cercados por pedras ou grades de madeira. Até a imaginosa e delicada *Jane*, de Crabbe, poderia pensar sem mágoa em dormir aqui⁽¹²⁸⁾. Na minha doença muitas vèzes entristecia-me por não conhecer êste cemitério. Estou agora satisfeita, e se a fraqueza, que ainda me resta, atirar-me aqui, os muito poucos que vierem ver onde jaz a amiga não sentirão o aborrecimento da prisão.

30 [de setembro]. — Visitei hoje a casa de uma senhora brasileira muito agradável, e vi, pela primeira vez na minha vida uma vulgar *bas bleu* da terra, na pessoa de D. Maria Clara: lê bastante, especialmente filosofia e política; é passável botânica e pinta flôres extremamente bem. Além disso, é nesta terra aquilo que Maria Edgeworth, se não me engano, chama de “pesquisadora e carregadora de louros”; é um elemento útil na sociedade, que sem se fazer mal, ou aos outros, faz circular as necessárias novidades literárias. Seria de valor incalculável onde os novos autores estão precisando de animação e os novos poemas precisam ter as passagens mais belas postas em destaque, para vantagem das moças literatas. Aqui, pobre dêles!, tais amáveis auxiliares limitam-se a comparar as passagens rivais do *Correio* e da *Sentinela*, ou a advogar a causa do editor do *Sylpho*, cu do *Tamoio*(*). Mas, afinal, gostei realmente de encontrar

(128) V. [GEORGE CRABBE, 1754-1832] *Tales of the Hall*. “The Sisters”.

(*) *Correio do Rio de Janeiro*, jornal aparecido em 1822, redigido por João Soares Lisboa;

tal senhora. Sem pretender muito mais do que é devido ao sexo, sua ação pode produzir alguma influência, ainda que reduzida às ocupações e divertimentos da casa. A mulher que prefere os livros às cartas ou aos escândalos domésticos, em seu círculo de amizades, é capaz de promover uma cultura mais difundida, e um gosto mais refinado na sociedade a que pertence.

1.º de outubro de 1823. — Reina a alegria na corte e na cidade. Lordê Cochrane assegurou o Maranhão para o Imperador. Mais uma vez quebro a minha própria regra e copio parte de sua carta a mim:

“Maranhão, 12 de agosto de 1823

Minha cara senhora

V. deve ter recebido umas poucas linhas que lhe escrevi ao largo da Bahia e também da altura de Pernambuco dizendo brevemente o que nos acontecia. Devo agora acrescentar que acompanhamos a esquadra portuguesa até o quinto grau de latitude norte e até que só restavam treze barcos juntos, dos setenta do comboio déles. Então, julgando melhor para os interesses de Sua Majestade Imperial, fiz-me de vento para o Maranhão, e tenho o prazer de contar-lhe que meu plano de incorporá-lo ao Império teve completo êxito. Passei com êste navio em frente aos fortes, e após enviar uma notícia acêrca do bloqueio e feito constar que a esquadra da Bahia e as fôrças imperiais estavam barra fora, a bandeira portuguesa foi arriada e tudo se processou sem derramamento de sangue, tal como V. gostaria. Encontramos aqui um brigue de guerra português, uma escuna e oito barcas canhoneiras, dezesseis navios mercantes e boa quantidade de propriedades pertencentes a portugueses residentes em Lisboa depositada na alfândega. O brigue de guerra, outrora *Infante Dom Miguel*, agora

A Sentinela da liberdade à beira do mar da Praia Grande — jornal dos irmãos Meneses de Drummond, inspirado por José Bonifácio, aparecido em 1823;

O Sylpho, jornal aparecido em 1823;

O Tambo, jornal redigido por José Bonifácio, surgido em 1823 — (V. GENZIM DA FONSECA, *Biografia do jornalismo carioca*, Rio, 1941, pgs. 265 e 286).

Maranhão, seguiu com Grenfell para intimar o Pará, onde está uma fragata recentemente lançada de cinqüenta canhões que, não tenho dúvida, êle já terá tomado a estas horas. Assim, minha cara Senhora, na minha volta terei o prazer de levar ao conhecimento de Sua Majestade Imperial que entre os dois pontos extremos do Império não existe inimigo, seja em terra seja embarcado. Isto se dará provavelmente antes de seis meses de nosso embarque do Rio e no momento já é verdade”.

Juntamente com esta carta o Lorde enviou-me as peças oficiais relativas à posse da praça em nome do Imperador, e o official que me trouxe os despachos favoreceu-me amavelmente com outros detalhes, de modo que acredito ser o seguinte uma narrativa exata, em geral, tanto quanto possível.

Logo que se percebeu a bordo da *Pedro Primeiro*, através das ordens dadas por Lorde Cochrane para a derrota do barco, que êle resolvera ir ao Maranhão, os pilotos ficaram perturbados por causa do perigo da navegação pela costa, e também, como se dizia, pela impossibilidade de entrar a barra com um navio tão grande. Senti muitas vêzes que havia alguma coisa muito atractiva na palavra *impossível*. O almirante, contudo, tinha melhores motivos e era dotado de habilidade e competência para sustentar sua perseverança; assim, a 26 de julho, entrou na baía de S. Luís do Maranhão com a bandeira inglêsa. Vendo um navio de guerra ao largo, mandou-lhe a bordo um escaler e, apesar de alguns marinheiros reconhecerem dois tripulantes do navio, o official, Shepherd, desempenhou tão bem o seu papel que obteve tôdas as informações de que precisava. O almirante então entrou com seu navio e ancorou sob o forte de S. Francisco. Enviou então a seguinte comunicação às autoridades:

“As fôrças de S. M. I. o Imperador do Brasil, tendo livrado a cidade e província da Bahía dos inimigos da sua independência, eu, conforme a vontade de S. M. I., desejo que a frutuosa província do Maranhão goze da mesma liberdade. Venho agora oferecer aos desgraçados

habitantes o auxílio e proteção que precisarem contra o jugo estrangeiro, desejando acabar a sua libertação e saudá-los como parentes e como amigos. Porém se houver quem se oponha por motivos contrários à libertação dêste país, fiquem tais pessoas na intelligência que as forças militares e navais, que do Sul deitaram fora os portuguezes, serão prontas a desembainhar a espada em semelhante causa tão justa e, desembainhando-a, das consequências não se pode duvidar. Rogo às autoridades principais me participem as suas decisões para que não impu-tem, no caso de opposição, a responsabilidade das consequências à demasiada pressa de encetar a obrigação que hei de cumprir. Deus Guarde VV. Exs. muitos anos. A bordo da nau *Pedro I*, 26 de julho de 1823. *Cochrane*. À Ilustr. e Excel. Junta do Governo Provisório”.

“*Proclamação do Excelentíssimo Lorde Cochrane, almirante e comandante em chefe das forças navais de Sua Majestade Imperial. — O pôrto, rio e ilha do Maranhão, a baía de São José e as águas adjacentes declaram que se acham em estado de bloqueio enquanto os portuguezes ali exercitarem as suas autoridades e religiosamente estão proibidas tôda a saída e entrada sob as penas autorizadas pelas leis das nações praticadas contra os que violarem os direitos de beligerantes. — a bordo da nau *Pedro I*, em 26 de julho de 1823. *Cochrane*(*)”.*

Estes papéis foram recebidos pela Junta provisória de Governo a cuja testa estava o bispo. Houvera antes algum movimento em favor da independência mas tinha sido abafado pelas tropas portuguezas, das quais havia cerca de 300 homens na cidade. A junta, naturalmente, aceitou tôdas as propostas de Lorde Cochrane. O dia 1.º de agosto foi escolhido para a eleição de um novo governo sob o Império, e os dias intermediários para se proceder ao juramento de adesão ao Imperador e embarque das tropas portuguezas, medida tanto mais necessária quanto elas já haviam revelado a disposição de oporem-se aos brasileiros, e até mesmo insultado o capitão Crosbie e outros, ao descerem para resolver os casos com

(*) Ambos os documentos estão publicados no *Diário do Governo* de 6 de outubro de 1823.

o govêrno. Além disso elas esperavam, a qualquer momento, um refôrço de 500 homens de Lisboa. Entrementes, como a ancoragem junto ao forte de S. Francisco foi julgada inconveniente para um navio tão grande como o *Pedro Primeiro*, o almirante conduziu-a em tórno do grande banco de areia que forma o outro lado da baía e ancorou entre a ilha do Médo e o centro, em quinze braças de mar, onde o deixou e voltou à cidade na chalupa de guerra *Pombinha*; nessa embarcação podia ficar junto à própria cidade. Uma de suas primeiras medidas foi substituir as tropas portugêsas pelas brasileiras em todos os pontos em que os soldados eram absolutamente necessários para manter a ordem; mas não admitiu mais que um número muito limitado dentro dos muros. Fez com que fôsem soltos todos os presos por motivo de opiniões políticas e enviou comunicações aos comandantes militares independentes do Ceará e Piauí a fim de que desistissem de hostilidades contra o Maranhão. A 27, publicou Lorde Cochrane a seguinte proclamação:

“O primeiro Almirante do Brasil aos habitantes do Maranhão:

Tendo chegado o faustíssimo dia em que os dignos habitantes do Maranhão, desejosos do bem público, têm no seu poder declarar de um golpe a independência do seu país e sua adesão e agradecimento ao monarca patriota, o Imperador Pedro I (filho do Augusto Monarca D. João VI), cuja proteção lhes tem prestado o glorioso privilégio de serem homens livres e de escolherem a sua constituição e fazer suas leis por seus representantes ajuntados para tratar dos seus próprios negócios, no seu próprio país, — que se não escureça a glória dêste dia por qualquer excesso, ainda que proceda de entusiasmo na causa que temos abraçado, há de ser o desejo de todo o cidadão de honra e juízo. A êstes é desnecessário dar conselho algum a respeito da conduta que devem seguir. Porém, se houverem [sic] indivíduos que, debaixo de qualquer pretexto sejam capazes de interromper a tranquillidade pública, agora os aviso que se tem dado ordens as mais rigorosas para que seja castigado aquêle que fizer

desordem alguma segundo merecer o seu crime. Tomar os juramentos acostumados e escolher o govêrno civil são ações que se devem fazer com deliberação e por essa razão o primeiro dia de agôsto é o mais cedo que permite a importância das preparações para a execução de cerimônias tão solenes. Cidadãos! Adiante vamos, seriamente e com método, sem tumulto, pressa ou confusão, e a obra que temos em mão acabemos de tal maneira, que mereça a aprovação de S. M. I. e que não nos dê causa de nos arrependermos [*sic*], nem lugar para a emenda. Viva o nosso Imperador! Viva a Independência e Constituição do Brasil! — A bordo da nau *Pedro I* em 27 de julho de 1823. *Cochrane*(*)”.

A 28 a Junta do Govêrno, a Câmara da cidade, os soldados, o capitão Crosbie representando Lorde Cochrane, que não estava bem e não pôde comparecer, reuniram-se para proclamar a independência do Brasil e jurar fidelidade ao Imperador Dom Pedro de Alcântara, após o que houve descarga das tropas e salvas de artilharia e repiques de sinos, como se costuma nessas ocasiões. Foi lavrada uma ata pública de fidelidade, assinada por tantos quantos o pudessem fazer com conveniência, e a bandeira brasileira foi içada. Desde a chegada da *Dom Pedro* até então, fôra içada uma bandeira de tréguas.

No dia seguinte os habitantes procederam à escolha do novo Govêrno Provisório, que se instalou no dia 8 de agôsto, como foi dito. Os seus membros são: Miguel Inácio dos Santos Freire e Bruce, *Presidente*; Lourenço de Castro Belford, *Secretário* e José Joaquim Vieira Belford.

O primeiro ato do novo govêrno foi publicar uma proclamação aos habitantes da província do Maranhão congratulando-se com elles por não serem mais uma nação de escravos de Portugal, mas um povo livre do Império do Brasil, exortando-os à confiança, fidelidade e tranquillidade e terminando com *vivas* à Religião Católica, ao nosso Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo Dom Pedro I e sua dinastia, às Côrtes do Brasil e ao povo do Maranhão.

(*) Publicado no *Diário do Govêrno* de 8 de outubro de 1823.

A carta do novo govêrno a Sua Majestade Imperial é datada de 12 de agôsto, quando tudo ficou afinal resolvido. Começa cumprimentando-o pelo feliz estado das coisas em geral no Brasil e proclama depois os votos do povo do Maranhão por reunir-se aos irmãos há tanto tempo, mas que êsses desejos havia.n sido obstados pelas tropas de Lisboa.

“Mas qual não foi o nosso júbilo e alegria quando inesperadamente nos appareceu a nau *Pedro I* demandando a nossa barra!!! Oh dia 26 de julho de 1823, dia três vêzes feliz! Tu serás tão remarcável nos anais da nossa província quanto serão duráveis nos corações de seus habitantes e sua posteridade os sentimentos de gratidão e respeito que êles tributem às virtudes do illustre almirante que, em seu auxílio, nos enviou o melhor e o mais amável de todos os monarcas! Sim, Augusto Senhor, a sabedoria, a prudência e as amáveis maneiras do Lorde Cochrane contribuíram ainda mais para o feliz êxito dos nossos negócios políticos, do que mesmo o temor das suas fôrças por mais respeitáveis que elas sejam. Ancorar no nosso pôrto, fazer proclamar a independência, prestar o devido juramento e obediência a V. M. I., suspender as hostilidades em tôda a província, fazer eleger o novo govêrno da mesma, mandar entrar na capital as tropas do país e tão sòmente as necessárias para manter a ordem e tranquillidade pública, abrir tôdas as communicações do interior com a capital, abastecendo-a de todo o necessário e fazendo restituir a navegação e o comêrcio ao seu primitivo estado; tudo isto, Senhor, foi a obra de mui poucos dias. O céu permita que, com igual successo e felicidade, aquêle digno chefe termine a gloriosa carreira dos trabalhos militares e políticos, a fim que, ficando V. M. I. tão dignamente servido, nada reste àquele bem-mérito militar, para o immortalizar não só nos anais do Brasil, mas até na história do mundo inteiro(*)”.

É isto, creio eu, é tudo de importante que aprendi hoje com relação à conquista do Maranhão. É verdade que o brigade *Maria*, despachado pelo Lorde a 12 de

(*) Publicado no *Diário do Govêrno* de 6 de outubro de 1823.

agosto, só chegou hoje, de modo que muita coisa pode ter sucedido depois.

2 de outubro. — Um amigo que compareceu hoje à Assembléa fez-me a seguinte narrativa do debate. Em primeiro lugar o Imperador comunicou o bom êxito de Lorde Cochrane no Maranhão e Martim Francisco Ribeiro de Andrada, erguendo-se, propôs um voto de gratidão ao Lorde. O deputado Montezuma(*), da Bahia, opôs-se, baseando-se em que êle dependia do Poder Executivo e competia ao Governo agradecer-lhe. Ele se sentia grato a Lorde Cochrane, como qualquer membro da Assembléa, o bastante para provar sua gratidão, mas não votaria um agradecimento por parte da casa. O dr. França (conhecido pelo apelido de Franzinho) [Francinha] (**) apoiou Montezuma, e disse que era contra o decôr da Assembléa Legislativa do vasto, nobre e rico Império do Brasil votar agradecimentos a qualquer indivíduo. Ao que Costa Barros(***) em um discurso eloquente e entusiasta, sustentou a conveniência de agradecer-se a Lorde Cochrane; que a via triunfal, como na antiga Roma, não mais existe, mas que o triunfo pode ser conferido pela voz dos representantes legislativos. O cavalheiro que pensava que não se deviam votar agradecimentos era um representante da Bahia, e falou de sua gratidão. Poderia dizer-lhe que grato como êle Costa Barros se sentia agora, estaria êle, se fôsse baiano como Montezuma, dez vêzes mais grato, e ávido de manifestar-se. Mas quem, senão Lorde Cochrane, havia libertado a Bahia dos portuguezes, êste enxame de zangões que ameaçavam devorar a terra? Mas que êle supunha que a imensidade da gratidão do sr. Montezuma fôsse tal que êle achara necessário abafar sua manifestação. Tal conclusão produziu uma gargalhaca e, por isso, um desafio(****) e, depois, os gritos de *ordem, ordem.*

(*) Francisco Gomes Brandão, posteriormente chamado Francisco Gomes Brandão Montezuma e, finalmente, Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, depois visconde de Jequitinhonha, deputado pela Bahia.

(**) Dr. Antônio Ferreira França, deputado pela Bahia.

(***) Pedro José da Costa Barros, deputado pelo Ceará.

(****) O incidente entre Costa Barros e Montezuma resultou, realmente, num desafio para duelo, acontecimento tão raro no Brasil. Felizmente os repre-

O sr. Ribeiro de Andrada(*) então, aceitando a observação do Sr. França de que o lorde havia somente cumprido o seu dever, perguntou se não devia um homem receber agradecimentos por ter cumprido um dever importante? Além disso, ainda que o bloqueio da Bahia fôsse um dever, a conquista do Maranhão foi alguma coisa a mais; foi procedida a seu critério exclusivo, ficando os riscos por sua conta. O senhor Lisboa(**) observou, quanto a estar abaixo da dignidade da assembléia representativa do Brasil o agradecer a um indivíduo, que o parlamento inglês não escrupulizava em agradecer a seus chefes navais e militares. E o que fazia o Parlamento Inglês poderia estar abaixo da Assembléia do Brasil? Quisesse Deus que a Assembléia pudesse um dia competir com o Parlamento Britânico! Depois disso houve mais debate entre Montezuma e Costa Barros; o primeiro retomando o assunto do desafio; Barros aceitando e afirmando que não se recusava a êle; ao que um deputado do mesmo partido observou sarcásticamente, erguendo-se somente pela metade ao falar, que os que desejassem realmente lutar não deveriam falar do assunto claramente na Assembléia Geral. Isto pôs termo à disputa, e o voto de agradecimento passou só com os votos de Montezuma e França em contrário. E assim se passou êste dia de sessão.

Devo dizer, quanto ao povo daqui, que êle parece sentir que com Lorde Cochrane conseguiu um tesouro. Que alguns apontem suas faltas e outros demonstrem inveja, é bem verdade. Mas quando não foi assim? Às vêzes exclamto:

*"O, what a world is this, where what is comely
Envenoms him that bears it!"*

E outras vêzes encaro o assunto com mais facilidade, e digo friamente com o espanhol:

*"Envy was honour's wife, the wise man said
Ne'er to be parted till the man was dead".*

sentantes dos dignos constituintes chegaram a uma solução "honrosa para ambas as partes". (Cf. A. J. Lacombe, "O visconde de Jequitinhonha", na *Revista Brasileira*, Rio, VI -- 1947, n.º 19, pg. 91).

(*) Nome parlamentar de Martin Francisco Ribeiro de Andrada.

(**) José da Silva Lisboa, depois visconde de Cairu.

Nem a inveja, nem qualquer outro sentimento injurioso, poderão diminuir o mérito real de um tão grande homem.

A aquisição do Maranhão é extremamente importante para o Império; é uma das províncias que desde o tempo dos primeiros tempos da colonização tem mantido o maior comércio exterior⁽¹²⁹⁾.

6 [de outubro]. — Tivemos três dias de regosijo público pela tomada do Maranhão e na sexta-feira, estando eu em palácio para mostrar alguns desenhos à Imperatriz, notei que a recepção do Imperador estava concorrida de modo fora do costume. Durante êstes poucos dias, apesar de estar longe de me sentir bem, estreitei minhas relações com os amigos estrangeiros; mas, dos inglêses, só quero ver muito pouca gente, a não ser a Sr^a. May.

9 [de outubro]. — Resolvi tomar um feriado, e assim decidi gozá-lo com a Sr^a. May, na Glória, passando primeiro, só por meia hora, na Biblioteca. Esta Biblioteca é uma grande fonte de satisfação para mim. Todos os dias encontro meu gabinete tranquilo e fresco, provido dos meios de estudo, e geralmente passo ali quatro horas, lendo a história portugueza e brasileira, para cujo estudo não terei, provávelmente, tão boa oportunidade de novo.

Hoje o debate na Assembléia foi do maior interêsse. Já faz algum tempo que, ao discutir-se o trecho correspondente do projeto de Constituição que trata das pessoas que devam ser consideradas brasileiras, com direito à proteção das leis do Império e sujeitas a essas leis, o parágrafo 8.º do artigo 5.º foi accito sem uma voz discrepante, e é assim redigido: — *Os estrangeiros naturalizados, qualquer que seja a sua religião.* Hoje o 3.º parágrafo do art. 7.º entrou em discussão. Este artigo trata dos direitos individuais dos brasileiros e assim reza: “*A constituição garante a todos os brasileiros os seguintes direitos individuais, com as explicações e modificações seguintes:*

I — *A liberdade pessoal*

II — *O juízo por jurados*

- III — *A liberdade religiosa*
- IV — *A liberdade de indústria*
- V — *A inviolabilidade da propriedade*
- VI — *A liberdade da imprensa.*”

O art. 14 prossegue estabelecendo que todos os cristãos podem gozar dos direitos políticos do Império. O 15 assim dispõe: “*As outras religiões, além da cristã, são apenas toleradas, e a sua profissão inibe o exercício dos direitos políticos*”. O 16 declara a religião Católica Romana “*religião do Estado*” e a “*única manteúda por por êle*”.

A discussão de hoje não foi meramente de forma, mas estabeleceu-se a tolerância em tóda a extensão. O homem tem a liberdade de professar sua fé como quiser, e mesmo de mudá-la: até mesmo poderá ter a fantasia de virar turco; mas não tomará parte nas eleições, não será membro das assembléias, nem gozará de um cargo público, civil ou militar; mas poderá sentar-se sob a sua vinha ou sua figueira, e exercer uma profissão honesta. Todos os cristãos são elegíveis para todos os officios e empregos; e eu só desejo que as nações mais velhas se dignassem aprender estas lições dêste novo govêrno em sua nobre liberalidade. O *Diário da Assembléia* está tão atrasado com as atas das sessões, que não tenho naturalmente uma relação exata dos discursos, mas creio que não estou enganada em attribuir ao bispo os pontos de vista mais benévolo e esclarecidos acêrca dêste momentoso assunto, juntamente com aquella louvável adesão à Igreja de seus pais que distingue os homens bons de todos os credos.

12 de outubro. — Este é o dia dos anos do Imperador e o primeiro aniversário de sua coroação. Seria interessante ver-se a Côrte do Brasil. Por isso acordei cedo, vesti-me e fui à Capela Real, onde o Imperador, a Imperatriz e a Princesa Imperial deveriam comparecer antes do cortejo. Em consequência pedi ao capelão que me obtivesse uma colocação. Indicaram-me a tribuna chamada *diplomática*, mas que é de fato destinada aos estran-

geiros respeitáveis. Encontrei ali todo gênero de cônsules. Contudo a curiosidade que me conduzia à capela não me permitiu retirar-me quando os ditos cônsules o fizeram. Assim é que compareci ao cortejo a que, afinal, não deveria ter ido, por estar sôzinha, se não fôsse a isso levada pela maneira amável com que Suas Majestades Imperiais me saudaram, tanto na capela como no corredor que conduz aos apartamentos reais. Cheguei à sala interna do Palácio, onde estavam as senhoras, exatamente quando o Imperador tinha, com o mais amável dos cumprimentos, anunciado a Lady Cochrane que ela é agora marquesa do Maranhão, porque êle havia nomeado seu marido marquês, e lhe havia conferido o mais alto grau da Ordem do Cruzeiro. Sou às vêzes distraída. Mas nesse momento, quando mais devia estar atenta, senti-me na situação que Sancho Pança descreve com tanto humorismo, de mandar meu juízo buscar lã e voltar tosquiado; porque estava tão entusiasmada pela honra conferida ao meu amigo e patrício, tão encantada em ver que, ao menos uma vez, seus serviços tivessem sido apreciados, que, quando encontrei o Imperador no meio do salão, e êle me estendeu a mão, quando todos os outros haviam apresentado seus cumprimentos e tornado aos lugares, esqueci-me de que estava de luvas e apertei com elas a Imperial Mão; creio que a beijei com demasiado ardor porque vi algumas das senhoras sorrirem-se antes que me pudesse ocorrer qualquer coisa a respeito. Se isto houvesse acontecido com qualquer outro príncipe, penso que teria disparado. Mas não há ninguém mais benigno que Dom Pedro. Percebi que não havia feito nada de mal e, assim, resolvi ficar atenta quando entrasse a Imperatriz e aproveitar então a oportunidade para contar-lhe minha falta. Fiquei quieta e comecei a falar com duas ou três moças que iam à côrte pela primeira vez e que acabavam de ser nomeadas damas de honra da Imperatriz.

Sua Majestade, que se havia retirado com a Princezinha, voltou então e tôdas as senhoras apresentaram-lhe cumprimentos, enquanto o Imperador estava ocupado no salão de audiências, recebendo os cumprimentos da Assem-

bléia e outras corporações políticas. Havia pouco formalismo e nenhuma rigidez. Sua Majestade a Imperatriz conversou livremente com todo o mundo, sòmente dizendo a todos que falassem português, o que, naturalmente, fizemos. Ela conversou um bom pedaço comigo sòbre autores inglêses e especialmente acêrca das novelas escocesas e ajudou-me muito amavelmente em meu português que eu, apesar de entender, tenho poucas oportunidades de praticar com pessoas cultas. Se é verdade que eu anteriormente lhe ficara grata, fiquei desta vez encantada. Logo que o Imperador recebeu as entidades públicas aproximou-se e conduziu a Imperatriz ao grande salão de recepção e ali, estando ambos de pé no degrau superior do trono, deram a mão a beijar aos funcionários da marinha, do exército, aos civis e aos particulares. Desfilaram assim, parece-me, alguns milhares. Era curioso, mas agradou-me, ver alguns oficiais negros toniar a pequenina e branca mão de D. Leopoldina em suas mãos grosseiras e aplicar os lábios grossos africanos em pele tão delicada; mas êles contemplavam *Nosso Imperador*(*) e a Imperatriz com tal reverência que isto me pareceu uma promessa de *confiança* nos soberanos e uma demonstração de delicadeza para com êles. O Imperador ostentava riquíssimo uniforme militar; a Imperatriz, um vestido branco bordado a ouro e um toucado correspondente de plumas, com as extremidades guarnecidas de verde. Seus diamantes eram soberbos, seu adôrno de cabeça e brincos contendo opalas, tais como penso que não há no mundo, e os brilhantes, que circundam o retrato do Imperador que ela usa, são os maiores que já vi.

Erraria se não mencionasse as damas da còrte. Com olhos parciais prefereria minha bela patrícia, a nova marquesa; mas é preciso mencionar ainda a doce e jovem esposa Maria de Loreto, e um grupo de outras da mais atrativa aparência; depois havia as joias da baronesa de Campos e as da viscondessa do Rio Sêco, inferiores sòmente às da Imperatriz. Mas não é possível enumerar

(*) Em português no original (N. T.).

tôdas as riquezas ou belezas presentes, nem interessaria aos meus amigos inglêses, para quem êste jornal é escrito, se eu o pudesse fazer.

Quando Suas Majestades Imperiais saíram do salão grande, percebi que a viscondessa do Rio Sêco mantinha com êles viva conversa e em breve vi que tanto ela como Lady Cochrane lhes beijavam as mãos; percebi que ambas tinham sido nomeadas damas de honra da Imperatriz; a viscondessa contou-me então que estivera falando a meu respeito com a Imperatriz. Isto me surpreendeu, porque eu não pensava comprometer-me em cousa alguma fora da Inglaterra. Seis meses antes, de fato, eu havia dito que estava tão encantada com a Princezinha que gostaria de educá-la. Isto, em que eu não mais pensava por êsse tempo, como tudo nesse lugar de tagarelice, foi contado a *Sir T. Hardy*; êle me falou a respeito e me disse que já havia falado a um amigo meu. Eu disse então que, se o Imperador e a Imperatriz concordassem comigo calorosamente, eu não acharia mal, mas que isto necessitaria maior exame e que, se eu me pudesse tornar bastante agradável à Imperatriz, solicitaria o cargo de governante da Princesa. Assim estavam as coisas quando *Sir Thomas Hardy* partiu para Buenos Aires. Confesso que quanto mais via a Família Imperial, mais queria servir a ela; assustava-me, porém, com a opinião da cidade, por causa do comportamento impertinente de alguns inglêses, de modo que provavelmente eu não tomaria a iniciativa do negócio. Tudo foi feito, contudo. A Imperatriz disse-me que fizesse um requerimento ao Imperador. Observei que ela estava cansada com a recepção e pedi permissão para escrever-lhe em outro dia. Ela disse: "Escreva se quiser, mas venha ver o Imperador às cinco horas amanhã". E assim retiraram-se, e eu fiquei admirada com a sorte que me oferecera uma oportunidade tão diversa de tudo que eu havia previsto, e vim para casa para escrever uma carta a Sua Majestade Imperial e imaginar o que deveria fazer em seguida.

Segunda-feira, 13 de outubro. — Escrevi minha carta à Imperatriz e fui pontual à hora da audiência com o

Imperador(*). Ele recebeu-me muito amavelmente e mandou-me falar com Sua Majestade a Imperatriz que tomou minha carta e prometeu-me responder dentro de dois dias, acrescentando as expressões mais corteses de delicadeza pessoal. E esta foi certamente a primeira carta que escrevi sobre o assunto, ainda que meus amigos ingleses me digam que eu tinha ontem um memorial em minhas mãos, e que eu fôra ao paço só para entregá-lo, porque êles o haviam visto em minha mão. Ora, eu só tinha de fato um lenço branco e um lenço preto na mão e pensava tão pouco em falar de meus próprios interesses a Suas Majestades Imperiais quanto em fazer uma viagem à lua. Mas sempre as pessoas hão de saber melhor dos negócios dos outros.

16 [de outubro]. — Tenho continuado a ir regularmente à biblioteca e tenho-me tornado conhecida do chefe dos bibliotecários, que é também o confessor do Imperador(**). É um homem polido e bem informado. Mostrou-me a biblioteca do conde da Barca, que, como já sabia, fôra comprada por 15:530\$900 e incorporada à coleção pública. Hoje, voltando de meus estudos, recebi uma carta da Imperatriz, escrita em inglês, cheia de expressões amáveis, aceitando da maneira mais benévola, em nome do Imperador e no seu próprio, os meus serviços como governante de sua filha, e dando-me licença para ir à Inglaterra antes de assumir o cargo, visto como a princesa é ainda muito criança.

Fui a São Cristóvão para apresentar agradecimentos.

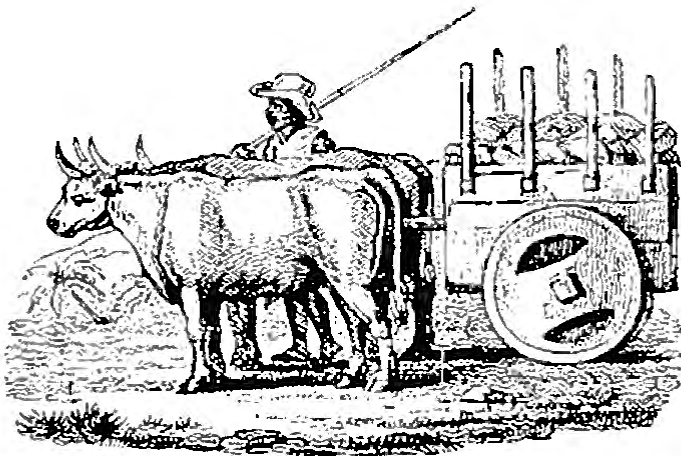
19 [de outubro]. — Vi a Imperatriz, que se apraz em me permitir viajar para a Inglaterra no paquete de depois de amanhã. Confesso que lamento partir antes da chegada de Lorde Cochrane. Havia determinado comigo mesma que havia de ver meu melhor amigo nesta terra após as suas façanhas e triunfo. Mas já agora pus mãos à obra e não posso voltar atrás.

(*) A minuta dessa carta, datada de 13 de outubro de 1823, pertence à Biblioteca Nacional e está publicada nos Anais, vol. XL, bem como na separata sob o título: *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz d. Leopoldina*, Rio, 1940, pg. 33.

(**) Frei Antônio de Arrábida, franciscano, depois bispo de Anemúria in *partibus infidelium*. Foi depois o primeiro reitor do Colégio Pedro II.

21 de outubro. — Embarquei a bordo do paquete inglês para a Inglaterra. Mrs. May foi ao cais comigo. Sir Murray Maxwell emprestou-me seus barcos para levar-me, bem como minhas coisas, para bordo. Eu me havia previamente despedido de todo mundo conhecido, ingleses e estrangeiros.

Depois que embarquei, Mr. Anderson trouxe-me os últimos jornais. Os seguintes são os principais publicados no Rio: — o *Diário da Assembléa*(*), que não



Carro de pedras no Rio de Janeiro

contém senão as atas da assembléa; parece tão depressa quanto os taquígrafos podem publicá-lo; a *Gazeta do Governo*, que contém todos os assuntos oficiais, nomeações, informações navais e, às vezes, raras anúncios; o *Diário do Rio*, que não tem senão anúncios, notícias de navios e preços correntes; costumava imprimir uma tábua meteorológica(**); o *Correio*, jornal democrático, que o editor escrevia da prisão, só ocasionalmente, uma vez ou outra, mas que ultimamente se tornou jornal.

(*) *Diário da Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil.*

(**) A *Gazeta do Rio de Janeiro*, fundada no tempo de Dom João VI, passou a chamar-se em 1822 *Gazeta do Rio*. Em 1823 mudou o nome para *Diário do Governo*. (V. GONDIM DA FONSECA, *Biografia do Jornalismo Carioca*, Rio, 1941).

diário(*) ; a *Sentinela da Liberdade à Beira do Mar da Praia Grande*, editada por um genovês, auxiliado por um deputado e que é tida como puro carbonarismo(**) ; o *Silfo*, também jornal irregular, moderadamente ministerial e empenhado numa guerra de palavras com diversos outros(***) ; o *Atalaia*, que defende a monarquia limitada, e cujo editor é um deputado de considerável reputação(****) ; é também um jornal irregular, como o é o *Tamoio*, inteiramente dedicado aos Andradas. Na minha opinião é este o mais bem escrito de todos(*****). A *Sentinela do Pão de Açúcar* é do mesmo partido. Seu editor publicava anteriormente o *Regulador*, mas este deixou de aparecer desde a mudança de ministério(*****). O *Espelho* era um jornal do govêrno, mas o redator alterou-lhe a orientação desde que se tornou membro da assembléia(*****). A *Malagueta* era um jornal cujo primeiro número atraiu grande atenção. Caiu muito depois e cessou por ocasião da independência do Brasil. Era notável por sua hostilidade em relação aos Andradas. De fato a guerra de palavras que o redator desencadeou contra a família era tão virulenta, que os Andradas foram suspeitados de serem os instigadores de uma tentativa

(*) O *Correio do Rio de Janeiro*, jornal dirigido pelo pasquineiro João Soares Lisboa, que realmente fora condenado pelo Supremo Tribunal e perdoado pelo Imperador. (Cf. HÉLIO VIANA, *Contribuição à história da imprensa brasileira*, Rio, 1945, pgs. 422, 433 e 515).

(**) A *Sentinela* tinha como responsável o genovês Giuseppe Stephano Grondona e, ao que parece, era realmente um ativo carbonário. (Cf. HÉLIO VIANA, *ibid.* p. 498). Obedecia à orientação andradina.

(***) Mencionado por Gondim da Fonseca, *op. cit.*, pg. 286.

(****) O *Atalaia* não existe nas coleções da Bibl. Nacional. Atribuído a José da Silva Lisboa (visconde de Cairu), pelo jornal de Bernardo Pereira de Vasconcelos (*O Sete de Abril*), atribuição confirmada por Bento da Silva Lisboa, barão de Cairu (Cf. HÉLIO VIANA, *Op. cit.* pg. 396) Deve ser o visconde o deputado de "considerável reputação" a que se refere a Autôra.

(*****). Dêle existem apenas 35 números, afirma Gondim da Fonseca. Foi redigido por José Bonifácio e Antônio de Meneses Vasconcelos de Drummond. (Cf. RODOLFO GARCIA, *Catálogo da exposição promovida pelo Instituto Histórico em 1822*, Revista, Tomo especial: *O ano da independência*, Rio, 1922, pg. 497).

(*****). A *Sentinela do Pão de Açúcar* não figura nos catálogos que vimos consultando. O *Regulador Brasileiro-Luso*, que depois do n.º 11 passou a se chamar *Regulador Brasileiro* (1822-1823) era redigido por Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio e Antônio José da Silva Loureiro. Entrou em luta com o *Revêrbero* em defesa de José Bonifácio. Cf. GONDIM DA FONSECA, *Op. cit.* pg. 286.

(*****). O *Espelho* durou de 1821 a 1823. Era redigido por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, brigadeiro, deputado pela Bahia.

de assassinato contra o mesmo. Eles negaram indignadamente e infirmaram as provas satisfatoriamente. Mas como o homem estava quase maníaco de paixão, acusou Deus e o mundo de responsabilidade no caso, e considerou-se, mesmo ferido como estava, em perigo. Foi em vão que tôdas as pessoas, até o próprio Imperador, visitaram-no para sua garantia. Seus terrores continuaram e retirou-se no momento em que já estava restabelecido dos ferimentos. Era português de nascimento, e suas fortes paixões haviam-no tornado objeto de ódio ou de inveja de alguma pessoa inferior. A vaidade levou-o a atribuir a origens mais elevadas suas complicações(*).

Acredito que haja outros jornais irregulares, mas não os vi.

25 de outubro. — Felizmente para mim não há passageiros no navio e, mais felizmente ainda, a mulher e a filha do capitão estão a bordo, de modo que me sinto instalada em uma tranqüila família inglêsa; de tal modo tudo está tão decente, arrumado, e, acima de tudo, limpo. Estou sem nenhum constrangimento, mas ando, leio, escrevo e desenho como em casa; todo o mundo parece amável até mesmo o macaco de bordo, e recebo tôda forma de atenção amigável, compatível com a perfeita liberdade.

1.º de novembro. — “O caminho mais longo é muitas vêzes o caminho mais curto para casa”, diz o provérbio, e, segundo êste princípio, os navios demandam a Inglaterra, vindo do Brasil, nessa época do ano, conservando-se em direção leste. Estamos ainda na latitude do Rio de Janeiro, ainda que na longitude 29º Oeste, e permaneceremos provávelmente ainda mais perto da costa d'África antes que possamos demandar o norte. Hoje o termômetro está a 75º e a temperatura do mar a 72º.

9 [de novembro]. — Lat. 14º 19' S. Long. 24º O. Termômetro 74º, mar a 74½º.

(*) Sôbre Luis Augusto May, redator da *Malagueta*, v. o magnifico ensaio de Hêlio Viana em seu sempre louvado e citado livro, pg. 503.

17 [de novembro]. — Lat. N. 5° Long. 25° O. Há vários dias que o termômetro está a 80°. A temperatura do mar ao meio dia é 82°. Falamos com a *Pombinha*, a 60 dias do Maranhão. Disse que Lorde Cochrane havia seguido para o Pará, de onde pretendia partir diretamente para o Rio, de modo que a estas horas já deve estar lá, visto como a *Pedro Primeiro* navega bem. Não tive oportunidade de saber mais, já que o navio passou depressa.

Falando de modo geral, temos tido ventos quentes da África e há uma sensação sufocante no ar que o estado do termômetro difficilmente registra. Noto que as velas estão tôdas tintas com uma côr avermelhada, e logo que uma corda roça sôbre elas adquire um aspecto de ferro. O capitão e os officiaes attribuem isso ao vento da África. Estavam perfeitamente brancas ao deixarmos o Rio, não foram ferradas nem afrouxadas. Qual será a natureza da poeira ou da areia que assim nas asas do vento atravessa tantas milhas do oceano e tinge as velas? Poderá esta areia miuda, que nos faz respirar como nas horas sufocantes que precedem uma tempestade, atingir os pulmões?

3 de dezembro. — Chegamos à vista de Santa Maria, a ilha mais oriental dos Açores. Queria muito ter tocado em algumas dessas ilhas, mas agora não é boa estação para isso, e os ventos que temos tido são desfavoráveis para êsse fim. Esta tarde, quando passávamos bastante perto para ver ao menos a fisionomia da terra, o tempo estava pesado e chuvoso, e assim nada percebemos.

18 [de dezembro]. — Depois de passar os Açores, uma longa série de rajadas do nordeste conservou-nos longe da terra. Foram seguidas de três belos dias e o mar, que estivera pesado, ficou macio. Anteontem cedo, porém, começou a soprar muito forte do noroeste e ontem de manhã mudou para uma rajada do sul e sudoeste. Ficamos com as velas paradas em um mar tremendo. Há cêrca de uma hora o capitão chamou-me e quis que eu fôsse ao tombadilho para ver o que poderia não durar

dez minutos e talvez nunca visse de novo. Corri para cima, tal como sua senhora e sua filha. Uma súbita mudança de vento havia sucedido. Antes que o sentíssemos vimos-lo aproximar-se empurrando o mar furiosamente deante de si, e erguendo enorme vaga. O encontro dos dois ventos ergueu o mar acima de qualquer ponta de mastro numa longa extensão, como as ondas numa linha de pedras. Foi o mais belo, ainda que medonho, espetáculo que jamais vi; o mar erguia-se por cima de nosso pequeno barco ameaçando enchê-lo. Mas as escotilhas estavam fechadas, estávamos à capa em rumo certo, e passáramos uma sirga pelas abitas a fim de sustentar o mastro do traquete, caso perdêssemos nosso gurupés, como esperávamos a cada momento. Mas em vinte minutos o tufão moderou e embicamos para Falmouth, que atingimos esta manhã, deixando o tombadilho de um navio que sem dúvida teria afundado na tempestade de ontem. Mais uma vez estou na Inglaterra, e para usar as palavras de um escritor venerável, apesar de apócrifo(*), direi: “Porei aqui fim à minha narração. Se ela está bem, e como convém à história, isso é também o que eu desejo; mas se, pelo contrário, é menos digna do assunto, deve-se-me perdoar(11)”.

(*) Como protestante, a autora não aceita a autenticidade dos livros dos Macabeus, que figuram em todas as Biblias aprovadas pelas autoridades católicas.

A volta de Maria Graham ao Brasil e suas desventuras como governante da futura Rainha de Portugal D. Maria da Glória constituem objeto de outra obra, *Escôrço biográfico de Dom Pedro I.* como acima foi referido.

(131) 2 *Macabeus*, cap. XV, vers. 38 e 40.

APÊNDICE I

(da autora)

Das inclusas tábuas de importação e exportação da Província do Maranhão de 1812 a 1821 transparece a importância da incorporação dessa província ao Império do Brasil. Juntaram-se algumas outras tábuas, que poderão servir para dar uma idéia mais clara do estado do país. O total dos direitos de importação de escravos pagos pelo Maranhão ao Tesouro do Rio de Janeiro durante êstes dez anos foi de 30:239\$000rs.

Nada falta para a prosperidade dessa bela Província, senão um govêrno forte e uma regular administração da justiça. Sem estas duas coisas, será inútil esperar, quer prosperidade, quer tranqüilidade. A população está-se multiplicando depressa demais para ser dirigida pela antiga administração ronqueira ; e o intercâmbio com o resto do mundo ensinou-lhe a querer algo melhor.

Ainda que haja veios de metal no Maranhão, nunca foram verificados, mas algumas explorações de salitre foram instaladas. Há águas minerais e medicinais em alguns distritos, mas creio que não foram analisadas. Em resumo, até agora não se deu alguma atenção senão às madeiras, ao cultivo do café, algodão e açúcar, em que o Maranhão é extremamente rico.

APPENDIX

GENERAL STATEMENT OF THE IMPORTS

COUNTRIES WHENCE IMPORTED	1812	1813	1814	1815	1816
	Rees	Rees	Rees	Rees	Rees
Brazil.....	244,506,690	284,211,812	416,509,747	284,418,270	271,326,100
Portuguese ports in Africa	146,817,000	181,610,811	221,219,843	371,238,250	403,590,000
Lisbon.....	167,431,350	256,407,277	417,018,290	458,595,340	732,051,310
Oporto.....	69,103,210	74,842,710	70,429,900	98,599,750	173,794,080
England.....	581,682,700	654,891,057	696,425,620	465,997,240	550,217,100
Gibraltar.....	13,848,800		3,246,400		
United States.....	49,729,600			12,250,600	32,936,480
Western Isles.....		2,964,000			
France.....				60,662,700	55,459,000
Holland.....					
Spain.....					
Annual amount.....	1,273,119,350	1,454,927,667	1,824,848,800	1,751,563,150	2,244,245,080
Silk Goods Portuguese.....	8,694,300	9,836,200	8,880,920	11,622,780	22,217,900
Do. foreign.....	6,601,600	6,447,500	15,647,400	22,720,600	19,863,200
Linen Goods Portuguese.....	26,832,100	22,170,300	19,476,800	29,872,200	50,266,000
Do. foreign.....	69,031,100	125,357,220	172,292,860	74,989,100	162,170,280
Cotton Goods Portuguese.....	3,095,640	10,375,730	10,859,000	21,273,380	54,732,250
Do. foreign.....	349,295,440	324,792,020	316,213,050	377,886,820	444,591,500
Woollen Cloths Portuguese.....			198,720	272,000	774,000
Do. foreign.....	33,487,300	39,377,950	43,725,900	17,250,300	50,546,300
Fine Hats Portuguese.....	946	2,292	4,400	3,402	5,419
Do. foreign.....	4,228	5,140	8,795	3,193	7,422
Coarse Hats Portuguese.....	11,689	9,623	6,225	9,424	16,380
Do. foreign.....	3,774	2,735	4,976	17,836	14,555
Clothes and Shoes Portuguese.....	2,465,600	1,817,600	3,054,600	3,346,880	2,389,100
Do. foreign.....	1,232,000	500,000	2,200,000	1,729,200	1,080,800
Moveables Portuguese.....	4,494,600	3,360,000	8,700,000	10,000,000	18,600,000
Do. foreign.....	1,244,700	2,734,000	1,120,000	1,400,000	5,000,000
Portuguese brandy Pipes.....	45	46	139	104	230
Do. and Cin, foreign.....	46	11	20	21	30
Portuguese Wines.....	745	645	1,427	1,320	701
Do. foreign.....	247		81	4	50
Wheaten Flour, arrobas.....	10,228	26,524	18,539	25,872	21,335
Salt Fish, quintals.....	401	252	296	816	905
Butter, arrobas.....	5,785	4,628	4,220	5,198	4,525
Cheese, arrobas.....	1,179	612	1,243	1,750	2,229
Balance in favour of Maranham.....		190,867,692		325,175,700	1,090,305,135
Do. against.....	203,167,456		30,586,797		
Proceeds of the Customs	74,648,957	93,963,025	83,429,147	81,317,345	112,633,410
Portuguese Ships arrived	52	64	70	69	65
Do. foreign.....	34	29	12	43	50
Total Ships.....	66	93	82	112	115
New Slaves from Africa	992	1,221	1,592	2,692	2,615
Do. from Brazil.....	680	508	394	684	763
Total Slaves imported in the Year.....	1,672	1,729	1,986	3,376	3,378

Total Number of Slaves imported,

APPENDIX

TO MARANHAM, FROM THE YEAR 1812 TO 1820

1817	1818	1819	1820	MEAN OF FIRST FIVE YEARS	MEAN OF SECOND FIVE YEARS	1821
Rees	Rees	Rees	Rec	Rees	Rees	Rees
635,642,720	687,505,720	616,297,520	271,501,280	300,194,336	496,454,680	291,618,720
988,100,000	759,320,000	934,069,500	326,230,200	265,895,180	685,061,940	193,583,790
743,334,230	569,961,450	527,062,435	474,282,323	410,380,813	613,338,389	331,493,280
255,289,960	149,862,520	144,499,960	149,927,240	97,313,930	175,674,752	112,652,710
678,979,730	908,004,920	562,534,950	435,639,960	589,842,764	667,075,350	442,757,290
77,940,200	108,261,640	92,154,390	66,430,800	9,491,000	75,538,774	116,099,750
102,164,290	20,076,200	14,947,260	7,374,460	132,282,730	108,616,744	2,325,600
13,625,600	17,169,400	2,320,000	12,091,000	1,709,760,809	2,841,179,613	40,091,590
3,681,451,130	3,411,828,970	2,983,022,195	1,885,250,690	12,250,420	14,034,625	1,532,612,730
27,706,200	11,797,100	6,059,565	5,392,360	14,056,060	22,571,520	
33,375,120	33,161,620	13,619,060	13,838,600	29,723,480	41,776,216	
57,456,520	49,855,700	23,041,480	28,261,380	120,768,112	168,261,274	
307,923,950	175,888,560	111,670,680	83,702,900	20,065,200	54,370,532	
89,924,400	44,665,120	49,258,310	33,272,580	362,556,194	420,601,896	
506,977,320	579,338,910	359,983,900	212,115,710			
1,746,000	672,000	490,000	240,000		784,400	
103,453,400	96,565,780	55,042,700	46,099,960	36,679,470	70,341,745	
3,663	3,966	4,579	5,263	3,292	4,576	
12,826	21,868	10,196	9,219	5,755	12,186	
27,552	12,180	9,324	2,876	10,668	13,662	
22,686	25,224	4,961	5,122	8,775	14,509	
1,254,440	3,347,040	7,002,920	7,312,400	2,614,756	4,261,180	
4,886,400	6,934,300	3,305,000	1,477,000	1,348,400	3,536,700	
22,220,000	24,240,000	23,590,000	4,020,000	9,150,920	18,534,000	
10,800,000	17,400,000	6,600,000	9,800,000	2,298,400	9,920,000	
288	265	303	221	111	259	657
76	109	132	209	27	124	
2,047	694	1,679	2,226	1,179	1,921	1,620
382	442	54	204	77	227	260
40,080	53,032	52,689	45,687	20,600	42,675	82,221
2,237	5,786	1,799	1,669	541	2,435	
9,624	10,453	8,187	8,751	4,891	8,328	
3,398	3,621	2,717	3,541	1,427	99	
257,858,230			352,145,615		1,379,412,568	
132,588,568		470,596,983				
180,145,175	247,213,751	219,766,377	158,517,700	87,198,376	167,659,282	115,686,300
89	79	80	61	67	77	48
63	100	57	80	35	71	56
152	179	137	141	102	149	104
5,797	3,377	4,784	2,381	1,822	3,790	1,718
2,325	3,259	1,269	453	713	1,619	
8,122	6,636	6,053	2,864	2,555	5,499	1,718

GENERAL STATEMENT OF THE EXPORTS

YEAR	COTTON								RICE		
	LISBON	PORTO	ENGLAND	FRANCE	UNITED STATES	DIFFERENT PORTS	HIGH AND LOW PRICE	TOTAL	LISBON	PORTO	
1812	N. ^o Arrobas Amount	3,305 17,591 56,087,050	562 2,997 9,298,293	36,523 196,154 598,742,727	150 827 2,317,787	30 185 519,925	2,700 to 3,400	40,570 217,754 666,965,782	47,760 253,890 247,719,470	17,150 60,760 91,771,560
1813	N. ^o Arrobas Amount	8,938 48,003 188,273,184	1,127 5,960 23,515,043	50,108 272,730 1,053,815,456	3,000 to 4,600	60,173 326,693 1,245,605,683	39,728 206,787 206,448,300	21,211 113,451 116,376,560
1814	N. ^o Arrobas Amount	12,144 65,045 401,063,336	1,204 6,351 36,790,539	31,236 166,459 913,032,959	2,087 10,527 63,692,999	4,100 to 5,000	46,671 248,385 1,414,579,833	45,615 242,417 219,807,820	24,444 125,747 111,738,700
1815	N. ^o Arrobas Amount	18,276 100,000 577,330,200	1,672 8,977 50,109,500	30,804 168,877 1,077,256,700	5 to 7,000	50,757 277,879 1,704,856,400	51,161 771,607 229,406,200	20,665 104,738 84,260,500
1816	N. ^o Arrobas Amount	19,040 105,448 692,691,100	2,082 10,822 93,221,455	38,835 274,538 1,857,112,006	3,570 19,413 166,226,425	4,500 to 8,500	63,527 350,257 3,003,250,986	57,585 293,787 248,658,750	74,150 123,550 98,699,680
1817	N. ^o Arrobas Amount	25,830 144,904 1,106,601,700	3,788 20,925 157,833,900	38,369 218,343 1,703,908,950	3,145 17,557 132,448,300	7,000 to 10,000	71,132 401,729 3,100,792,850	31,804 168,565 194,757,275	19,655 103,660 130,630,110
1818	N. ^o Arrobas Amount	16,294 88,488 680,206,400	3,251 18,595 145,041,000	49,083 267,164 2,083,879,200	4,699 27,488 233,313,800	33 205 1,599,000	170 853 6,653,400	7,000 to 9,000	73,730 402,793 3,150,692,800	43,242 224,763 260,115,600	25,037 133,167 158,600,400
1819	N. ^o Arrobas Amount	16,625 91,074 517,821,500	2,629 14,212 81,745,500	40,291 227,623 1,313,142,334	5,910 31,326 203,052,350	8 to 8,600	65,463 359,280 2,136,000,537	41,993 220,561 201,039,450	22,934 116,184 104,074,950
1820	N. ^o Arrobas Amount	12,799 67,730 357,766,700	2,311 12,493 66,169,900	48,279 268,736 1,406,080,282	2,915 16,502 36,303,600	315 to 9,006,400	66,619 367,193 1,925,531,882	43,034 214,843 159,720,609	21,704 106,584 79,813,814
1821	N. ^o Arrobas Amount	10,930 58,836 253,675,950	873 4,592 18,825,000	26,364 143,771 600,658,671	3,655 18,699 85,097,600	3,900 to 4,750	41,822 226,118 958,257,221	47,289 212,824 161,416,775	13,391 68,964 53,587,950

RECAPITULATION

DESTINATION	1812	1813	1814	1815	1816
Lisbon	329,329,250	431,940,360	657,262,706	850,902,450	1,207,011,590
Oporto	109,306,653	147,234,843	154,551,839	146,581,700	209,018,640
England	601,688,917	1,060,051,196	917,043,250	1,078,845,100	1,642,712,000
France	63,971,999	166,900,425
United States	10,304,419
Different Ports	19,572,655	6,569,000	1,432,200	409,690
Total of the Exports	1,069,951,894	1,645,795,359	1,794,262,003	2,076,728,850	3,434,660,115
Export Duties on Cotton	130,654,878	196,016,626	148,634,103	166,727,400	210,154,387
National Ships sailed	52	62	66	66	77
Foreign Ships sailed	35	27	14	39	14
Total Ships sailed	87	89	80	105	111

FROM MARANHAM, FROM 1812 TO 1821

RICE			TANNED HIDES				HIDES Dry and Green				SKINS			CUM Alqueires			SUNDRIES
DIFFERENT PORTS	HIGH AND LOW PRICE	TOTAL	LISBON	OPORTO	DIVERSE PORTS	MEDIUM PRICE	LISBON	OPORTO	DIVERS PORTS	MEDIUM PRICE	LISBON	OPORTO	MEDIUM PRICE	LISBON	OPORTO	MEDIUM PRICE	DIVERS PORTS
2,099 10,676 11,511,200	800 to 1,300	67,029 354,646 354,308,220	1593	480	570	3100 5,550,300	5228	743	6211	770 9,457,140	3265	361	750 2,474,250	209	80	12050 5,610,450	25,581,550
5,275 18,165 28,145,000	850 to 1,200	66,214 347,405 350,970,050	6671	300		12100 14,639,100	7353	1114	249	759 6,536,150	4769	50	21 7,380,750	1722	56	1000 6,946,500	12,667,025
892 4,068 1,516,200	800 to 1,000	70,957 372,252 334,577,720	7260	758		12000 16,276,000	6785	1072	2277	700 9,919,700	7693	3554	900 10,122,300	1891	368	2400 5,428,600	5,585,250
50 270 249,600	800 to 1,000	71,279 377,605 313,916,300	8649	1785		12500 26,085,000	15289	2419	1232	1200 22,756,800	5215	5102	950 12,670,150	1713	4	1670 3,144,600	8,190,000
.....	700 to 1,000	82,135 417,617 347,317,835	7065	1142		12500 20,567,500	22133	3867	235	1200 31,482,300	17258	18690	950 21,660,700	547	104	1800 2,971,800	4,400,000
4921 25,184 34,524,000	1,000 to 1,300	56,383 297,417 350,096,712	7456	1406		12500 22,155,000	1595	4287	496	1200 24,609,200	31449	7397	950 36,903,700	2577	634	1800 5,869,800	8,155,300
677 3,663 4,362,500	1,150 to 1,400	68,966 360,093 432,078,500	8342	720	50	2700 24,602,400	4531	1177	5669	1250 14,321,250	32460	6395	950 36,912,250	1994	202	1800 3,952,800	8,651,500
.....	700 to 1,300	64,927 336,746 505,114,400	200	1977	3411	3000 26,764,000	150	55	27895	950 26,645,000	4385	3720	875 19,007,625	2681	500	3950 6,598,850	2,246,800
497 2,575 1,650,000	700 to 900	64,736 324,121 241,184,423	9813	1394	140	2800 31,771,600	3820	687	1375	1500 27,453,000	2241	3123	1100 5,905,930	177	417	2000 4,375,000	1,173,500
590 1,428 1,071,000	500 to 640	56,270 284,721 216,765,975	9615	678	144	7800 29,921,600	4226	850	2106	1600 41,072,000	18414	850	1000 19,164,700	2845	157	2000 6,404,000	33,271,270

OF EXPORTS

1817	1818	1819	1820	MEAN OF FIRST FIVE YEARS	MEAN OF SECOND FIVE YEARS	1821
3,177,936,625	1,012,630,550	730,509,375	556,768,709	695,249,183	976,971,54	483,451,725
209,450,087	316,167,700	196,421,700	155,742,814	153,138,735	237,200,748	83,312,150
1,718,432,950	2,084,502,450	1,333,142,154	1,406,996,782	1,102,068,056	1,691,157,509	602,368,671
131,448,300	242,214,100	203,392,000	86,879,600	168,363,485	85,130,200
.....	7,310,000	48,720,950	20,168,000	43,312,000
505,200	6,653,400	238,833	9,126,400	1,040,250
3,348,862,562	3,669,687,200	2,512,425,212	2,237,396,305	2,004,279,664	3,606,604,298	1,301,685,226
241,017,400	241,675,600	235,568,000	220,315,800	170,437,441	225,750,240	151,319,900
86	77	78	63	54	76	49
65	78	66	20	34	66	45
151	153	144	133	98	142	14

STATE OF INDUSTRY

ALL THE PROVINCES		WHERE	QUANTITY	DAILY MAXIMUM	DAILY MINIMUM	TOTAL	
COMMERCE AND INDUSTRY	National houses.....	City of Maranhão	54				
	Ditto foreign.....	Ditto.....	4				
	Men living by their own industry.....	All the provinces	29 580				
MACHINES, MOTORS, FUENACES, AND FORGES	Steam engine for shelling rice.....	City of Maranhão	1				
	Machines, with mules, for shelling rice.....	Ditto.....	22				
	Ditto for sugar.....	Interior.....	7				
	Ditto for bruising cane for distilling.....	Ditto.....	115				
	Hand machines for cleansing cotton.....	Ditto.....	521				
	Manufactory of.....	Isle of Maranhão	1				
	Looms for weaving cotton	In the city.....	230				
	Potteries.....	Ditto.....	27				
	Lime kilns.....	Isle of Maranhão	26				
	Saw pits.....	All the provinces	18				
Forges.....	Ditto.....	132					
MECHANICS AND ARTISTS	Tailors	Freemen.....	Ditto.....	61	1,000	320	157
		Slaves.....	Ditto.....	96	Ditto	Ditto	
	Braziers	Freemen.....	Ditto.....	4	600	320	5
		Slaves.....	Ditto.....	1	Ditto	Ditto	
	Carpenters	Freemen.....	Ditto.....	86	800	320	269
		Slaves.....	Ditto.....	183	Ditto	Ditto	
	Wood-cutters	Freemen.....	Ditto.....	96	1,200	400	138
		Slaves.....	Ditto.....	42	Ditto	Ditto	
	Ship Carpenters	Freemen.....	Ditto.....	80	800	320	118
		Slaves.....	Ditto.....	38	Ditto	Ditto	
	Smiths	Freemen.....	Ditto.....	5	800	400	5
		Slaves.....	Ditto.....		Ditto	Ditto	
	Black-smiths	Freemen.....	City of Maranhão	37	700	320	60
		Slaves.....	Ditto.....	23	Ditto	Ditto	
	Coopers	Freemen.....	Ditto.....	2	48	320	3
		Slaves.....	Ditto.....	1	Ditto	Ditto	
	Joiners	Freemen.....	All the provinces	30	800	400	57
		Slaves.....	Ditto.....	27	Ditto	Ditto	
	Goldsmiths	Freemen.....	Ditto.....	49	640	400	60
		Slaves.....	Ditto.....	11	Ditto	Ditto	
Masons and Stone-cutters	Freemen.....	City of Maranhão	404	800	320	1,012	
	Slaves.....	Ditto.....	608	Ditto	Ditto		
Painters	Freemen.....	All the provinces	10	640	400	15	
	Slaves.....	Ditto.....	5	Ditto	Ditto		
Carpenters	Freemen.....	City of Maranhão	92	800	400	233	
	Slaves.....	Ditto.....	143	Ditto	Ditto		
Saddlers	Freemen.....	Ditto.....	4	800	400	5	
	Slaves.....	Ditto.....	1	Ditto	Ditto		
Tanners	Freemen.....	Ditto.....	4	480	320	10	
	Slaves.....	Ditto.....	6	Ditto	Ditto		
WORKWOMEN AND FEMALE SERVANTS	Free.....					1,800	
	Slaves.....	Ditto.....	1 800	240	160		
SERVANTS AND FACTORS	Whites.....	All the provinces	560	Variable	Variable	760	
	Free blacks.....	All the provinces	200	Variable	Variable		

STATEMENT OF PRODUCE

IN THE WHOLE PROVINCE		PRODUCE	CONSUMPTION	MEDIUM VALUE
New Cotton.....	arrobas.....	225518	11600	3900
Spirits.....	pipes.....	385	405	60000
Rice.....	alqueires.....	570079	380945	570
Sugar.....	arrobas.....	417	20000	3200
Oil.....	cunadas.....	68386	30018	600
Potatoes.....	arrobas.....	2420	8600	1200
Currie.....	ditas.....	83	32	2500
Coffee.....	ditas.....	1020	680	3200
Dry Beef.....	ditas.....	48924	64200	2000
Wax.....	dizas.....	37	500	3200
Hides.....	numero.....	28876	2578	1800
Beans.....	alqueires.....	3128	3500	1400
Fruits.....	number.....	36	todas	variable
Ginger.....	arrobas.....	28	6	2400
Mandioc.....	alqueires.....	207699	198810	900
Treacle.....	bartels.....	6988	2381	170
Maize.....	alqueires.....	77172	todo	700
Salt Fish.....	arrobas.....	15254	todo	1000

STATEMENT OF AGRICULTURE

IN THE WHOLE PROVINCE		EMPLOYED	EXISTING	MEAN WORTH	DAILY
Persons..	Freemen.....	19960	35618	de 240 a 326
	Slaves.....	69534	84434	200000	de 160 a 240
Cattle ..	Oxen.....	8811	130640	10000
	Asses.....	28	20000
	Goats.....	7400	1200
	Sheep.....	1800	2000
	Horses.....	600	12240	20000
	Mares.....	9400	10000
	Mules.....	1100	3200	45000
	Ewes.....	890	1200
	Cows.....	20400	12000
	Total Amount of Agriculture.....				1,897,271,846
Capital employed.....				27,613,600,000	
Number of Farms.....				4,856	
Number of Proprietors.....				2,683	

NOTE. — The worth is calculated in rees, the 1,000, or milree, being worth 5s. 2d. sterling.

APÊNDICE II

Acêrca de um exemplar desta obra que pertencera à própria Maria Graham escreveu OLIVEIRA LIMA o artigo que se segue, e que transcrevemos da *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano* (Vol. XII — 1906, pg. 306(*)):

Mrs. GRAHAM E A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Há de certo um deus para os bibliômanos. Nem vejo porque deixaria de existir, havendo-o para os borrachos, que são personagens mais ruidosos, mas menos interessantes. A êsse deus, devo o ter adquirido recentemente um livro único: o exemplar, que pertenceu à autora, da *Viagem ao Brasil* de Mrs. Graham.

Esta senhora, que mais tarde desposou um artista célebre e se tornou *Lady Callcott*, foi casada em primeiras núpcias com um oficial da marinha de guerra inglesa, comandante da fragata *Doris*, estacionada por alguns anos na costa do Atlântico e depois na do Pacífico do nosso continente. Mrs. Graham acompanhou o capitão na sua residência sul-americana até êle falecer no Chile em 1822. Voltou então à Inglaterra, mas para logo regressar por algum tempo ao Brasil, em 1824, ao convite do imperador D. Pedro I, que, tendo-a conhecido em 1821, lhe quis confiar a guarda e educação da princesa D. Maria da Glória, posteriormente rainha D. Maria II de Portugal.

Ao embarcar em obediência ao apelo imperial, Mrs. Graham trouxe consigo um exemplar entremeadado de páginas em branco da sua obra sôbre o Brasil (a qual teve por complemento outra sôbre o Chile) que acabava de ser

(*) Publicado anteriormente n' *O Estado de S. Paulo*, de 27 de novembro de 1906.

editada em Londres. Era seu intuito corrigi-la e aumentá-la com novas observações e novos fatos, com vista numa futura edição. Este exemplar, largamente usado pela autora, foi que me coube a boa fortuna de encontrar numa livraria de Londres, a Casa Edwards, ainda conservando dentro, como marca de página, um cartão de visita do Barão de Maréchal, Encarregado de Negócios da Áustria no Rio de Janeiro, por ocasião da Independência e dos começos do Primeiro Reinado.

Os que possuem o amor do livro e o carinho pelas cousas do passado podem bem imaginar o júbilo que um tal achado me proporcionou.

Acresce que, além da preciosidade do autógrafo, as notas manuscritas de Mrs. Graham têm, muitas delas, verdadeiro valor histórico. O momento era, valha a verdade, dos mais agitados e interessantes da nossa história. Em Pernambuco, onde primeiro parou o paquete inglês de que era passageira, logo se lhe deparou o bloqueio motivado pela Confederação do Equador.

Mrs. Graham conhecera muito no Chile Lord Cochrane a quem estava confiada a missão de reduzir por mar a revolução, e que logo a foi visitar e almoçar com ela a bordo, incumbindo-a de entender-se em terra onde ia hospedar-se em casa de seu compatriota Stewarts com o chefe rebelde e aconselhar-lhe a sujeição. A viajante estivera anteriormente em Pernambuco, sendo hospede de Luís do Rêgo e assistindo às primeiras lutas constitucionais e à organização e vitória da Junta de Goiana. Conhecia por isso Manuel de Carvalho Pais de Andrade, presidente da Confederação, o qual, segundo ela nota no exemplar de que trato, falava bem inglês e parecia ser um homem notável.

Carregou Mrs. Graham consigo algumas cópias impressas da proclamação dirigida por Lord Cochrane, de bordo da nau *Pedro I*, aos insurgentes Pernambucanos; uma até ficou conservada entre as fôlhas do livro. Conscienciosamente desempenhou a sua missão, procurando convencer Manuel de Carvalho a ceder, já que eram tão superiores as fôrças legais e que só podiam resultar do conflito "derrota e miséria e um desperdício da vida

humana que eu estava segura de que êle e qualquer homem de bem devia desejar evitar”.

“Disse-lhe [rezam mais as notas manuscritas em questão] que não obstante a sentença antecipadamente pronunciada contra êle e seus partidários e as proclamações espalhadas pelo exército, eu contava inteiramente como certo que, se êle confiasse no almirante e se lhe entregasse imediatamente, poderia ter por garantidas a salvação e fuga de todos”. É mais que provável que Mrs. Graham não fizesse aí mais do que repetir as palavras do Marquês do Maranhão, pouco afeiçoado por temperamento e educação e pouco inclinado, na sua qualidade de estrangeiro, a represálias políticas de tal natureza. Se o conselho houvesse sido seguido o primeiro reinado teria poupado aos seus anais uma página cruel de repressão que nunca ofereceu o segundo reinado.

Nas fôlhas em branco que encheu no Recife, faz Mrs. Graham menção do “Espírito republicano que sempre distinguiu Pernambuco e que estava diàriamente adquirindo fôrças; do sentimento federalista”, queixando-se a província de ter-se esforçado e sofrido muito pela causa da Independência, haver sido a primeira a tornar a Bahia capaz de resistir e expulsar os “pés de chumbo”, e, entretanto, de serem todos os seus rendimentos sugados pela capital, “ficando desprezados seus próprios trabalhos públicos, mantidos inativos na Côrte ou bruscamente demitidos os seus funcionários e não cumpridas as promessas de reforma em todos os departamentos”.

Lembra Mrs. Graham que Manuel de Carvalho se fizera revoltoso por motivo da dissolução da Constituinte, ocorrida “quando êle aconselhava o Imperador, em proclamações e outros documentos públicos, a excluir do seu conselho e valimento todos os portuguezes europeus e modelar uma constituição liberal com a assistência da sua assemblêia constituinte. A dissolução, porém, daquela assemblêia, de um modo arbitrário, exacerbou os sentimentos do partido a um grau tal que o pôs fora dos eixos e acabou com toda a deferência para com o Imperador. Este e o seu poder entraram a ser desafiados e as pro-

víncias vizinhas chamadas a ajudar os Pernambucanos, a defenderem os seus direitos de homem e de cidadãos”.

D. Pedro I, observava Mrs. Graham, era geralmente tido por português e a situação imperial não aparecia muito lisonjeira, sendo sérias as esperanças de adesão das províncias do Norte à causa republicana federativa; já Filgueiras marchava do Ceará, segundo no Recife avisaram à viajante, a Paraíba estava sob o influxo da força democrática de Goiana e o Piauí se manifestava bem disposto em prol da revolução.

Foi em 20 de agosto de 1824 que Mrs. Graham teve a sua segunda entrevista com Manuel de Carvalho “esperando, escreve ela, que as minhas representações podessem ainda poupar o derramento de sangue”. O Presidente da Confederação do Equador recebeu-a muito amavelmente, apresentou-lhe as filhas, fez servir frutas e vinho e comunicou-lhe suas esperanças referindo-se às suas forças — tropa, na expressão da autora, composta em parte de meninos de 10 anos e de negros de cabeça branca — afirmando que jamais cederia diante do poder central a não ser que a *mesma* Assembléia Constituinte fôsse convocada de novo, não, porém, no Rio de Janeiro, em qualquer outro logar fora do alcance dos regimentos imperiais. Ele pessoalmente achava-se resolv’do a tornar o Brasil livre ou a morrer no campo da glória [sic].

“Tomei a liberdade”, escreve Mrs. Graham nas referidas notas manuscritas, “de contradizê-lo e mostrar-lhe quão imprudente havia sido a assembléia, e como cabia ao soberano o direito de dissolvê-la pela circunstância dela se declarar permanente. Nossa conversação versou longamente sôbre política abstrata”.

Não se esqueceu a medianeira de mencionar o perigo que pessoalmente corria o presidente rebelde e as gravísimas responsabilidades que êle assumira, ao que Manuel de Carvalho se mostrou, segundo ela relata, sensível, declarando que se visse perdida a causa que encarnava, se poria nas mãos de Lord Cochrane e aí se julgaria seguro. (*He would put himself in his power and fell safe*). Acrescenta Mrs. Graham ter deixado Manuel de Carvalho com um sentimento penoso.

Ao regressar para bordo procurou-a de novo Lord Cochrane a saber do resultado das suas entrevistas. A distinta senhora comunicou-lhe o ocorrido, mostrou-lhe as gazetas e proclamações que trouxera e nas quais Frei Caneca deixava transbordar o seu ardor anti-dinástico e o seu lirismo republicano, e desenganou-o de chegar a uma solução pacífica do movimento.

Almirante e escritora jantaram juntos em frente ao Recife percorrido pelos troços maltrapilhos de Manuel de Carvalho, palestraram horas, recordaram a luta pela independência do Pacífico, em que êle fôra ator e ela espectadora, e cada um seguiu o seu rumo: Mrs. Graham para o Rio, onde a chamara tão honroso convite, Lord Cochrane para sua nau capitânia, a preparar-se para um ataque que desejaria poupar. Manuel de Carvalho regressava, entretanto, às suas ilusões ambiciosas, que achavam em redor a correspondência dos ódios nacionais e das veemências democráticas.

Oliveira Lima

Rio, Novembro de 1906.

APÊNDICE III

Aditamentos da autora constantes do exemplar de Oliveira Lima atualmente recolhido à Lima Library da Universidade Católica de Washington.

(Gentileza do prof. MANUEL DA SILVEIRA CARDOSO)

* * *

No verso da fôlha de rosto.

A verdade é que, de qualquer modo, só devo esperar alegria da posteridade: se escrevo mal, alegria por ser esquecida; se bem, alegria por ser lembrada com respeito.

Em frente às linhas 20 e 21 da pág. XIV (Prefácio).

Exemplo:

Quarterly Review, agosto de 1824 — Art.: Chile e Peru.

Incluir no fim da pág. XIV (Prefácio).

Os fortes e castelos de Valdivia, defendidos pelo regimento espanhol de Cantábria — foram tomados por Lorde Cochrane na tarde de 4 de fevereiro de 1820, com os marinheiros do *O'Higgins* e um destacamento de 200 homens do primeiro batalhão do Chile. Na ocasião da luta o *O'Higgins* estava a 20 léguas no alto mar, com 7 pés de água no porão, por ter batido na ilha de Quinquina alguns dias antes.

A fôrça veio da fragata na escuna *Montezuma*, entrou no pôrto sob a bandeira espanhola, e desembarcou bem abaixo de Aguada Inglis, em face de uma bateria de três canhões de 32 que dominavam a praia. Esta bateria, que ficava numa parte saliente do penhasco e era acessível sòmente por um lado, em que estava defendido por

alta palissada, foi tomado galantemente, pelos marinheiros do *O'Higgins*. Daí perseguiram os espanhóis por uma estreita passagem na floresta, de bateria em bateria, até alcançarem Coral, a uma distância de 5 milhas e, ao escurecer, entraram nesta fortaleza, a principal delas, nos calcanhares do inimigo que fugia.

Na manhã seguinte a *O'Higgins* entrou no pôrto e as baterias do lado norte, após disparar poucos tiros, arriaram bandeiras. O inimigo retirou-se, então, para o interior.

Incluir entre a folha de rosto e o prefácio.

JULHO DE 1824

Trouxe êste exemplar de meu diário, com fôlhas em branco intercaladas, visando dois objetivos: primeiro corrigir a obra, fazendo-lhes úteis modificações, e, depois, usá-lo como um jornal de minha segunda viagem ao Brasil.

— Em obediência ao meu compromisso com a Imperatriz Leopoldina, ao cabo de seis agradáveis meses na Inglaterra em companhia de amigos, deixei Londres, com destino ao Brasil, a 23 de junho(*). Fui primeiro a Richmond, onde estavam meu tio, minha tia e os filhos Isabella, William e Fullertone. Meu tio, *Sir David Dundas*, é um dos homens mais notáveis que conheço, tanto pelo caráter quanto pela inteligência. Teve uma educação simples: o ensino de humanidades em Edimburgo, no tempo em que Johnson dizia, com razão, que, na Escócia, todo mundo delas se fartava. Ainda em Edimburgo estudou os rudimentos de sua profissão e, ainda moço, fixou-se em Richmond, residindo com seu tio *Sir William Robertson*, cirurgião, que era então boticário da Casa Real em Kensington. Tinha meu tio um gôsto marcado pela literatura, gôsto que êle desenvolveu muito casando-se com sua prima, *Miss Isabella Robertson*, mulher de clara inteligência e fino gôsto. Sua mãe, *Miss Berry*, era íntima amiga e companheira de Thomson. Era tam-

(*) V. Carta de A. à Imperatriz anunciando a próxima partida na *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz D. Leopoldina e cartas anexas*. [Separata do vol. LX des *Annals de la Biblioteca Nacional*, pg. 38].

bém parente próximo da outra Miss Berry, celebrada por Horace Walpole. Ao tempo do casamento de meu tio ainda subsistia uma grande intimidade entre êle e a família de Israel Wilkes, irmão de John Wilkes(*) — a alta e viril mentalidade dêste infeliz, as profíguas e nobres causas em que se empenhou sua família foram, sem dúvida, ponderáveis na formação do gôsto pela leitura de meu tio, o que foi seu consôlo em tantas e graves infelicidades domésticas. A ilustração do espírito, as maneiras polidas e a competência profissional de meu tio granjearam-lhe a benevolência de muitos homens eminentes: Lorde Mansfield, Sir Charles Stewart, lorde Bates e muitos outros, tanto da côrte como do campo. Mas aquêle de quem êle mais gostava, e que mostrava para com êle o maior apêgo, era Sua Majestade o rei Jorge III, não obstante seus prinípios políticos conformarem-se com os dos liberais mais extremados. A primeira vez que o rei reparou nêle foi durante a doença de S. M. em 1788. Seu comportamento foi então tal que, após a cura, disse o rei que Dundas fôra o único que, durante o perigo, parecia lembrar-se de que êle era um rei e um cavalleiro. Pouco tempo depois, estando meu tio prêso em seu quarto, em consequência de uma queda de cavalo, foi o rei vê-lo, e visitou-o durante uma hora, em que condescendeu em em dizer a quem pagaria as visitas(**). Ao romper a Revolução Francesa, os princípios liberais de meu tio levaram-no a declarar muito calorosamente suas esperanças de que o evento contribuísse para melhorar as condições da humanidade. Foi isto contado ao rei pelo falecido lorde M., então secretário D., que insinuou ser altamente perigoso permanecer quem sustentava tais idéias em posição de confiança junto a Sua Majestade. Perguntou então o rei — “Recorre você a êle?” — “Sim”, foi a resposta. “Então você é que é o imprudente, porque se êle lhe envenenar, Henrique, êle poderá vir a ser meu ministro, mas se envenenasse a mim, nunca seria rei”. E, assim, esta afetuosa confiança, tão honrosa para ambos, continuou

(*) Campeão da liberdade de imprensa na Inglaterra, que sofreu, por isso, várias perseguições.

(**) O original neste longo não está claro: “as he condescendingly said to whom the many visits he had paid to him”.

até o fim da vida do rei. Com o falecimento de *Sir César Hawkins*, meu tio tornou-se Cirurgião da Real Camara e foi de grande eficiência na fundação do Colégio dos Cirurgiões, que chefiou muitas vèzes. A Conferência sôbre a caça que ali proferiu é das mais valiosas e admiráveis. Mas a bondade de coração era, afinal, a qualidade mais importante e admirável de *Sir David*. Na sua profissão, e entre os amigos, tinha amplas oportunidades de exercê-la. Nesta qualidade seus filhos o igualam — mas nenhum dêle se aproxima em talento ou em conhecimentos. É um homem maravilhosamente belo e sua distinção, das mais perfeitas que já vi. O busto feito por *Chantry* dá uma boa idéia de seu aspecto. Os três dias que passei em sua companhia foram, talvez, os últimos em que nos encontraremos neste mundo; esta convicção levou-me a fixar-me um pouco na apreciação do seu caráter. De *Richmond*, fui, no sábadó, com meu caro irmão *Ralph*, a *Bedfont*, onde demorei quase dois dias com minha irmã, casada com *D. Jones*, pároco local. São pais de quatro crianças amáveis, mal educadas, mas muito prometedoras. Domingo segui para *Salisbury* onde encontrei-me com a *Sr.^a May* e fomos para sua casa de *Nole*, ver os filhos de *Mister William May*, do Rio de Janeiro, a fim de poder dar notícias, a êle e à sua mulher, e dizer como vão sua mãe e sua família. Os amigos particulares são duplamente caros a distância. As crianças da família *May* são encantadoras e parece que estão sendo admiravelmente educadas pelos seus tios e tia, o *Sr.* e a *Sr.^a Powel*. Na quarta-feira fui a *M. . . lodge* para ver a irmã de meu marido, a *Sr.^a Brodrich* e família. Encontro e despedida foram muito afetuosos. Deixando-a no sábadó, fui ver *Dr. Miller*, em *Exeter*, e segui depois para *Plymouth*, onde fiquei até quarta-feira, com a condessa e *lady Elisabeth Grey*, e os quatro filhos menores desta admirável família. Vi diáriamente *Sir Alexander* e *Lady Cochrane*, e apreciei-lhes as qualidades ainda mais, especialmente de *Sir Alexander*. Ele parece crer que eu fiz algum bem a *Lorde Cochrane*, e isto, se não for desfeito por amigos indiscretos, tornará mais facil e agradável sua volta a casa. Deus permita que assim seja.

Incluir após o Prefácio.

Gostaria de saber se lorde Cochrane teve voto nos planos de invasão do Peru em sua primeira chegada.

Foi de acôrdo com seus planos que êle partiu primeiro para Callao? Porque foi Santo Antônio considerado objetivo digno de ser alcançado antes do ataque a Callao? Quando lorde Cochrane entrou com os barcos e cinco navios, que aconteceu para que o resto da esquadra chilena não se fôsse juntar a êle?

Quais eram as maquinações de Zenteno contra o lorde?

Quando e como Rodriguez foi ministro? Que promessa fez San Martin antes de deixar Valparaíso.

Preciso de dados desde o momento da chegada de lorde Cochrane até que êste arvorou suas bandeiras no Chile. Quero saber os caracteres de Cienfuegos, Fuentes-silla Perez, Alcalde, Rosas; que participação nos acontecimentos teve o bispo e como agiu a princípio.

Quem era e donde veio Monte Agudo.

Como foi recebido lorde Cochrane após Valdívias.

Pág. 12 — Parágrafo que começa pelas palavras: "A baía, ou recôncavo..."

É melhor começar pelo trecho: "A terra que a circunda é tão fértil..."

Pág. 14 - Parágrafo que começa por: "Cabeza de Vacca..."

Passa a ser redigido assim: "No mesmo período Cabeza de Vacca realizou sua aventureosa travessia de Santa Catarina..."

Pág. 46, acrescentar:

Êste despacho [de 29 de novembro] foi redigido no Hotel Nerots de Londres, antes de êle ter deixado Lisboa. O lorde enviou Lorde C. a Londres com despachos para o Ministério do Exterior a fim de informar aos Ministros que o Príncipe Regente estava em vias de adotar todos os pontos da política continental, mas que êle ainda tinha esperanças de convencê-lo de ir para o Brasil. No Norte tinha havido uma demonstração de armamento da esquadra portugüesa etc. Penduravam-se couves etc., na

popa e nas alhetas dos navios, para fingir que estavam carregados de provisões para a comitiva real. Contudo, como o exército francês estava se aproximando cada vez mais e o Príncipe continuava a obstinar-se, Sir James Gambier foi enviado a Londres, mas sua viagem foi inexplicavelmente lenta. Lorde Strangford, ao embarcar na *Hibérnia* queria que, mediante simples declaração dêle, Sir Sidney bloqueasse Lisboa. Mas o almirante disse que não. "Ao embarcar nessas condições você é um homem como qualquer outro na esquadra sob meu comando -- mas se escrever de terra, na qualidade de ministro, atenderei naturalmente a uma requisição escrita".

Lorde Strangford foi, como êle disse, a terra, mas nesse dia não viu nem o Príncipe nem ministro algum, mas procurou Madame de ... e ficou desaparecido até a manhã seguinte, quando proclamou, que tinha estado com Madame, ... Casa dos Oeynhausens, onde mais tarde se instalou Junot, depois por ... e agora, penso, que por Beresford(*). No dia seguinte avistou-se com o ministro e foi informado de que o Príncipe já estava a bordo.

Lorde Strangford chegou a Londres antes de Sir James Gambier. Conseqüentemente, os despachos que continham sua narrativa de ter deixado Lisboa desesperado de convencer o Príncipe de mudar-se, não foram recebidos. Sua reputação estava salva e foram escritos novos despachos no Hotel Nerots.

Acrescentar em frente à pág. 83.

A 16 de julho de 1824 embarquei no *Rinaldo* brigue de guerra de 16 canhões, comandado pelo tenente John Moore, da Marinha Real Inglesa, em Falmouth para o Brasil. Eram cerca de 3 horas da tarde quando levantamos âncora com fresca e boa brisa(**).

(*) Não está claro no original que reza: "and was lost till next morning when he gave out that he had been with Madame. House (?) of the Oeynhausens afterwards kept by Junot then by ... and now I think by Beresford".

Deve referir-se ao palácio da Ega, na Junqueira. A condessa de Ega, filha do conde de Oeynhausens, ali habitava.

(**) A data da partida não ocorre no *Esboço biogr.* cit. Rodolfo Garcia no prefácio daquela publicação supõe que tenha sido em "meados de julho" (pg. 9).

A 14 ocorreu um singular acontecimento no pôrto: a maré que estava vazante, como de costume, súbitamente voltou e subiu 23 polegadas, para depois, com a mesma rapidez, baixar. A 15 estava eu em Truro e aí W. W. Tweedy perguntou se havíamos presenciado alguma coisa de estranho em Falmouth porque em Truro a maré vazante havia voltado súbitamente e elles haviam tido 5 pés de água sob a ponte quando deveria estar quase vazia.

23 de julho [de 1824]. A primeira coisa que ouvi esta manhã foi a voz de W. Moore, dizendo: — “Lá está Pôrto Santo”. Até que me vestisse já havíamos perdido de vista esta ilha e estávamos entre Madeira e as Desertas. às 9 e meia perdemos nossa brisa e ficamos muito tempo a afastar-nos da praia com a corrente de terra.

Ao fim da pág. 83.

Bartolomeu Pelestrello [sic] chefe da primeira colônia de Pôrto Santo era pai ou tio (?) da mulher de Cristóvão Colombo, dona Filipa, cunhada de André Correia.

* * *

Incluir entre as págs. 84 e 85.

24 [de julho de 1824]. Desembarquei em Funchal (o correio foi para terra no barco ontem à noite) e passei um dia muito agradável com a familia de N. Wardrope que desceu da montanha para encontrar-me. Ainda que a ilha esteja agora *fiel* ao partido do rei, as vantagens obtidas com a revolução constitucionalista não foram perdidas. Controem-se casas e limpam-se plantações. Há uma praça do mercado, bela e limpa, mas a capela de S. Sebastião não subiu uma só pedra acima do ponto em que estava quando aqui estive há três anos. O actual governador é Dom Manuel de Portugal, antigo governador da província de Minas Geraes. Teve algum trabalho para manter a ilha tranquila já que o povo está sempre pronto a tomar parte em qualquer movimento popular na mãe-pátria. Lamento dizer que a tranquillidade foi obtida a

custa de prisões arbitrárias e outros processos violentos. Nos últimos três anos vários partidos tiveram aqui ascendência, e cada qual, por sua vez, saciou sua vingança sobre os inimigos; mas as vítimas de uns nem sempre foram libertadas pelos outros, de modo que o castelo do pico abriga ainda muitos presos de tendências e interesses diversos. É tempo da colheita do trigo, mas o vale de Santa Cruz estava verdejante de cana de açúcar e milho ao passarmos por ali. Aqui e ali há também uvas, maduras para se comerem, mas o momento da vindima será daqui a um mês. Os bosques de castanhas estão lindíssimos. Quando o vento sopra do oriente produz o mesmo efeito que o siroco; empena as fôlhas e as capas dos livros, racha a madeira e atinge singularmente a compleição humana. O vento do oeste, contudo, anula êstes males quase instantâneamente. Desenhei alguns esbôços e vim para bordo às 6 horas. A diferença que noto na indumentária é que está mais refinada do que nas visitas anteriores. Termômetro: 75° a bordo. Desde que deixamos Falmouth, oscila entre 70 e 75.

Incluir na pág. 88.

O poder da superstição está diminuindo. Os conventos estão caindo em ruínas e não se pensa em restaurá-los. O de Santa Clara está em mau estado.

* * *

24 de julho de 1824. As árvores no jardim público cresceram maravilhosamente do lado da praça em que fica o teatro. Do outro lado fica o hospital. Ao fundo está o chafariz; junto dêle o palácio e o convento.

* * *

Incluir à pág. 89.

A imprensa decaiu muito sob o regímen dos monárquicos.

* * *

Incluir após a pág. 90 [Tenerife]

26 de julho. Temperatura 79° na minha cabine.

27 de julho de 1824. Desembarcamos aqui o correio, tendo permanecido afastados a noite inteira, por não podermos aportar a noite passada. Escrevi um bilhete a N. Galway. Foi esta a comunicação única que pude ter com a terra.

Incluir após a pág. 96.

27 de julho de 1824. Passamos junto a Gomera, isto é, pelas regiões norte e oeste. O pôrto fica a sudeste. A região que vimos parecia totalmente inacessível e imaginei que não seria sequer habitável, a não ser num pequeno vale que, apesar de muito escarpado, continha algumas palmeiras e parece-me que videiras, ou ao menos, uns cachos verdes, que se espalhavam pelas rochas. Havia ali algumas casas esparsas; vimos três homens ao pé das rochas que pareciam catar conchas.

Entre à pág. 97.

29 de julho de 1824. 24° de latitude Norte, 19 a 21° de longitude oeste. Cairam a bordo peixes voadores.

1.º de agosto. Avistamos Santo Antônio, a ilha mais ocidental do grupo de Cabo Verde. A manhã estava tão enevoada que apesar da terra ser avaliada em 7 400 pés de altura não a vimos senão quando estávamos junto dela. Já vi muitas ilhas de aspecto árido e pedrento no oceano, mas nenhuma de aparência tão inóspita como esta. As pedras estão empilhadas umas sobre outras e os duros cumes erguem-se como os pináculos de um castelo gótico em ruínas. A ilha toda parece ferida em imensas rachaduras cujos flancos perpendiculares conduzem o olhar desde a praia até as mais elevadas altitudes sem uma solução. Nem uma árvore ou sequer arbusto cresce aqui, exceto alguns poucos num pequeno vale em que a declividade é mais suave. De um lado da montanha observei um fumo que desapareceu por poucos minutos e então reapareceu. Pouco a pouco, ao aproximarmo-nos,

observei com o binóculo que a terra pedranta em tórno era mais escura e uma quantidade de pedras jazia confusamente nas vizinhanças. A coluna de fumaça jorrava peridicamente, subia de um modo especial até perto do alto píncaro e aí dispersava-se completamente. Havia em geral três jatos em cada dez minutos. Seguiu-se uma interrupção pelo menos por dez minutos. Assim continuou o fenômeno enquanto o observei durante quatro horas. Ao aproximarmos-nos mais da praia, algumas rochas surgiram como se fôsem os flancos de vastas cavernas que tivessem queimado. A substância de tais rochas, já que estávamos bastante perto para bem poder observá-las, pareceu-me lava muito dura e tinham o aspecto de muralhas saindo do mar. Só um vale tinha um campo verde, raras árvores e uma casa de campo, ou duas, com um caminho até o mar. Uma grama curta e queimada, cobria algumas elevações desta terra pedregosa e, aqui e ali, viam-se algumas manchas de areia branquíssima. Ainda que tivéssemos boa brisa, o termômetro marcava 75°.

6 de agosto. Latitude 9°9' Norte — Longitude 25° 17' Oeste. Termômetro a 80°. Mergulhamos uma garrafa com uma corda de quarenta jardas. A água que veio nela desceu o mercúrio do termômetro a 75°, enquanto um balde d'água colhido à beira do navio fez com que subisse a 82°.

8 [de agosto]. — Latitude 6°36'. Sem descaídas, com calmarias quentes e mais quentes chuvas por 48 horas.

Junto à pág. 105.

18 de agosto de 1824. — Ao aproximarmos-nos de terra perto de Pernambuco, vimos um navio de guerra que logo revelou ser o *Pedro Primeiro*. Um guarda-marinha, o jovem Da Costa [João Manuel da Costa] veio a bordo. Enviei uma carta a lorde Cochrane.

Logo depois o capitão Grenfell abordou-nos e fui então com êle para a *Pedro Primeiro*, e vi o almirante que deixava o navio com o intuito de me buscar. Voltei e jantei. Tive uma conversa agradável e proveitosa com

Lorde Cochrane. Vi os jornais. A Imperatriz teve outro filho ; se é homem ou mulher, não sei. Descarregamos o correio.

19 [de agosto de 1824]. O almirante veio a bordo do paquete para almoçar comigo e ficou até onze horas e meia. Não se pode ser mais amável ; mais do que costumava ser em Quintero. Desembarquei à tarde e jantei na casa de campo de Ad. Stewart, depois do que procurei o presidente republicano Manuel de Carvalho Pais de Andrade, que fala bem inglês e parece ser homem notável. Entreguei-lhe um pacote de proclamações de Lorde Cochrane e procurei convencê-lo de que o número e poder das forças imperiais eram tais que nada se poderia esperar da persistência em seus planos, senão a derrota, a miséria e o desperdício da vida humana que, eu estava certo, êle e todos os homens de bem, desejariam evitar. Disse-lhe que não obstante a sentença previamente pronunciada contra êle e seus partidários e as proclamações espalhadas pelo exército, estava certa de que, se êle confiasse no almirante e se rendesse logo a êle, poderia ter por garantidas a salvação e fuga de todos. Despedi-me então dêle e prometi procurá-lo na manhã seguinte.

Na casa de Ad. Stewart no campo encontrei minha agradável amiga sua irmã, com aspecto muito melhor que antes e muito contente em seu pequeno sítio. Um curioso caso revelador da esperteza dos pássaros aconteceu-me ali. A grande Arara azul reconheceu-me imediatamente e estendeu a mão para fora a fim de pousar no meu braço. Devo ainda dizer que Arica veio ver-me a bordo da *Pedro Primeiro*, beijou-me os pés e ficou muito contente. Parece que desde que aqui estive há três anos, houve raros dias de paz. Ao partir Luís do Rêgo, Gervásio Pires Ferreira, que tem uma beia casa perto da Soledade, foi eleito presidente. Mas logo depois a opinião pública forçou-o a fugir para o Rio de Janeiro e o partido elegeu Afonso de Albuquerque Maranhão, e o Morgado do Cabo (donde o nome de *morgadistas* dado aos seus partidários) foi feito membro do seu conselho. Albuquerque foi demitido e o Morgado tornou-se presi-

dente interino. Os partidos, porém, tornaram-se muito fortes e violentos e o governador das armas, [Pedro da Silva] Pedroso, obrigou ambos a deixarem a cidade. Entrementes o sentimento republicano, que sempre distinguuiu os pernambucanos, ganhava forças diáriamente. A província queixava-se por ter feito e sofrido muito pela causa da independência ; por ter sido a primeira a habilitar a Bahia a resistir e a expulsar os *pés de chumbo*, e, contudo, serem tôdas as suas rendas drenadas para a Capital, estarem suas obras públicas abandonadas, e seus funcionários, ou mantidos inativos na côrte, ou demitidos bruscamente; enfim por não serem cumpridas as promessas de reforma em todos os seus departamentos.

Nestas circunstâncias Manuel de Carvalho Pais de Andrade tornou-se presidente do Conselho de Govêrno. Durante muito tempo suas proclamações e seus documentos públicos só pediam ao Imperador que demittisse todos os portuguezes da Europa do seu conselho e valimento e modelasse uma constituição liberal com assistência de sua Assembléia Constituinte. Mas a dissolução dessa Assembléia, de um modo arbitrário, exacerbou os sentimentos do partido a um grau tal que os levou a quebrar a prudência e desprezar as conveniências em relação ao Imperador. Ele e o poder imperial entraram a ser desafiados e as províncias vizinhas conclamadas a apoiar os pernambucanos na afirmação de seus direitos como homens e como cidadãos. [José Pereira] Filgueiras, chefe cearense (que colaborou com lord Cochrane na expulsão dos europeus do Maranhão) está em marcha para auxiliar a revolução. Dizem que a Paraíba está intimidada pela força republicana de Goiana e até o Piauí está disposto a aderir. Entrementes feriram-se escaramuças entre as tropas que marcham para o sul e os imperiais, nas quais os pernambucanos se declaram sempre vitoriosos e espalham algumas bandeiras e estandartes, mas choram a perda de Pitanga, o mais bravo e o melhor comandante que tinham.

Entretanto o Govêrno Imperial estabelecera o bloqueio do pôrto por meio dos navios, sob o comando do capitão Taylor, e havia grande aflição devido à falta de farinha, que se tornara mais escassa neste ano por causa

de uma enchente extraordinária do Capibaribe, que destruíra grande quantidade de plantações de mandioca.

Mas lamento dizer que provocou enorme indignação entre o povo o comportamento do capitão Taylor, num ataque noturno ao pôrto, utilizando o nome da *Doris*, depois aí permanecendo no dia seguinte. Diversas pessoas foram mortas.

Considera-se o Imperador um joguete nas mãos de seu pai e, portanto, em princípio, português. Por causa disso diversos pacíficos comerciantes portugueses foram mortos e se qualquer dêles, assustado, corre na rua é tido como suspeito e perseguido, com poucas possibilidades de escapar.

Os barcos da *Doris* foram atacados ao virem para compras e tôdas as suas frutas etc., tomadas, já que o povo não quer acreditar que os inglêses não ajudam os imperiais.

Eis uma sùmula e a essência de tôda conversa sôbre política que tive com inglêses em casa do cônsul e alhures.

Quanto à situação da sociedade de estrangeiros, está talvez melhor quanto às senhoras, isto é, conta com Mrs. Parkinson, senhora do cônsul inglê, e Mrs. Bennet, senhora do cônsul americano. As senhoras Pelly e a senhorita Stewart fazem de elementos de ligação, mas a saída da família de Luís do Rêgo foi uma perda para a sociedade, como também a de Caumont. Os demais não merecem menção e há agora menos intercâmbio do que nunca com os portugueses. A destruição do banco e a drenagem natural do pântano entre Olinda e Recife, plano claborado pela Junta de 1822, para transformar aquêle espaço em plantações de arroz, pøderia ter sido facilmente levado a cabo. Mas o mau estado do govêrno tem-no impossibilitado.

Após a pág. III.

A velha ponte de Maurício [de Nassau] está agora completamente mudada. Quando aqui estive pela última vez, possuía fileiras de lojas de cada lado, que pagavam uma porcentagem ao govêrno. Por isso, quando se soube que o estado da ponte oferecia perigo, por declaração do engenheiro, e que seria necessário mudar as lojas, o

tesoureiro recusou-se a concordar por causa da baixa da renda. Começaram, assim, a brigar e discutir até que um dia ao cruzar a ponte, um carro, espatifou-se sob ela e arrastou mercadorias e tudo dentro d'água. E agora uma ponte de madeira adequada.

Vi algumas raras casas particulares novas, especialmente uma, no fim da ponte da Boa Vista, construída por Antônio Coelho, mulato que há ainda poucos anos só possuía dois negros e um cavalo para transportar, a êle e à senhora, para o interior. É hoje um dos mais ricos plantadores do país.

Há vagos planos para se começar a fabricar potassa, para o que não há nada melhor do que os arbustos das florestas virgens dêste país, e sua quantidade seria notável.

20 [de agosto de 1824]. Acordei às 6 horas e após uma pequena volta pelo jardim e pomar, almocci cedo e fui para a cidade com o Sr. Stewart. Caminhamos por uma longa extensão da terra e procurei de novo Carvalho, na esperança de que meus apelos podessem ainda poupar o derramamento de sangue. Recebeu-me com a maior polidez, mandou chamar a filha para ver-me e fez servir frutas e vinho. Deu-me alguns mapas e planos, mostrou-me a posição das tropas, e disse-me que, dentro de um mês, esperava ter tudo pronto. Olhei para algumas de suas tropas, — meninos de dez anos e negros de cabeça branca. Declarou-me que êle e seu partido nunca cederiam senão nos seguintes têrmos: que a assembléia constituinte, com os *mesmos* membros que a compunham, seria convocada de novo; que a reunião se daria em qualquer lugar menos no Rio de Janeiro, fora do alcance das tropas imperiais. Que êle estava resolvido a tornar o Brasil livre, ou morrer no campo da glória. Tomei a liberdade de contradizê-lo e mostrar-lhe quão imprudente havia sido a Assembléia e sustentei o direito do Soberano de dissolvê-la pela circunstância dela se declarar permanentemente etc. Discorremos longamente sôbre política abstracta. Voltei ao assunto já tratado do perigo que *pessoalmente* corria o Presidente, e a responsabilidade que assumia etc. etc., ao que, em geral, mostrou-se êle sen-

sível, e profundamente impressionado com o caráter honrado do Almirante. Se visse perdida sua causa, se poria nas mãos de Lord Cochrane e aí se julgaria seguro. Apresentou-me então às filhas. Considerci como delicadeza e sentimento a sua maneira de proceder. Fiquei aflita por deixá-lo sem realizar o que esperava. Ai de mim, os homens serão sempre insensíveis ao sangue! Deixei Carvalho com um sentimento penoso, e não menos por vê-lo obrigado a ostentar a companhia de Zaukee Rogers, miserável que começou por ofender-me, insultando as pessoas do Imperador, da Imperatriz e de Cochrane!!!

Trouxe comigo jornais e proclamações de tôda ordem.

Voltando a bordo, vi que o lorde não havia chegado, mas não tardou em vir. Jantou e ficou comigo até quatro horas. Dei-lhe meus papéis e disse-lhe tudo que vira, disse-lhe também que tôda noite, desde que êle está aqui, (êle ancorou logo depois de nós) os pernambucanos deram alarma na cidade, por lhes parecer que iam ser atacados, etc. etc. Êle é certamente o melhor dos homens! Com um pequeno lance de sentimento delicado conquistou o pobre Reeves como seu criado e é muito bom para com êle(*).

* * *

Proclamação do Almirante do Brasil aos pernambucanos. [*Impresso*].

Pág. 142 — [Em frente ao período que começa por "Descreveu os enormes ossos"...]

Trata-se provavelmente do megatério, — gigantesca preguiça — cujos ossos foram também encontrados em Buenos Aires.

Pág. 143, em frente à gravura.

Deve ser transferida para o Rio, porque a carreta não é usada em Pernambuco.

Pág. 144, linha 31 — [Após o período que termina pelas palavras... "como belo pelos entendidos".]

Agora *Constituição*.

(*) Os entendimentos com Carvalho estão resumidos no *Esboço biogr.* cit. págs. 96-97.

Entre à pág. 144.

Quarta-feira, 25 de agosto de 1824. Ancoramos a cerca de meia milha distante da praia, longe do Arsenal de São Salvador. A fragata francesa *La Magicienne* estava tôda enfeitada e embandeirada em comemoração do dia de São Luís. A *Maria da Glória* ali estava com sua prêsa, a *Constituição ou Morte*, tomada ao partido de Carvalho. Vi que esperavam aqui de Cochrane coisas impossíveis: que desembarcasse na Barra Grande, por ex., e que, em uma noite, liquidasse o caso no Recife. Ele talvez assim pudesse fazer, sacrificando todos os neutros (que não poderiam deixar o pôrto antes de 25). Em primeiro lugar, êles desembarcaram em Massaião [Maceió](*)).

Deane chegou a bordo e começou a deblaterar. Fi-lo calar-se. Dormi em casa de Nicholson e ouvi muita coisa sôbre Dundas e alguma sôbre Joares (?), o bastante para verificar que êle era do partido de Taylor. Segundo êle haverá um artigo de um tratado qualquer com a Inglaterra pelo qual êle será reconduzido!!! O homenzinho, naturalmente, é considerado desertor pela Inglaterra e como tal, reclamado; e assim reforma-se com todos os vencimentos, mas está lançando suas vistas para o cargo do almirante — Não!!(**).

Os subúrbios da cidade sofreram muito em bejeza no sítio do ano passado, com a perda de várias árvores magníficas, mas ainda há bastantes para fazer da Bahia uma das cidades mais cheias de árvores do mundo. Uma boa área de terreno foi aberta, mas é destinada principalmente à produção de capim. Fizeram-se algumas tentativas de produção de batatas e cebolas. Creio que seria mais ajuizado promover o cultivo da mandioca também mais perto da cidade, para o caso de outro sítio.

Procurei o presidente [Francisco Vicente] Viana(***) e fui recebida por êle com muita cortesia.

(*) Aliás *Jaraguá* foi o pôrto de desembarque.

(**) V. nota sôbre Taylor acima.

(***) Depois barão do Rio das Contas, primeiro presidente da provincia da Bahia. Governou de 20 de janeiro de 1824 a 4 de julho de 1825.

Quinta-feira 28 [de agôsto de 1824]. — Fui com Mr. Moore e Mr. Mather ao convento da Soledade para comprar flôres para Miss King. Não eram boas nem baratas, os doces *idem*. A superiora, Madre Maria Joaquina, está no convento desde criança. Ela se diz sexagenária. Eu a fazia quarentona; é muito distinta e de modos muito delicados. Só há agora 37 freiras (Ursulinas). A lotação é de 60. Estão sofrendo miséria. A escola que mantinham para as classes superiores de moças para leitura, costura e doutrina não é mais freqüentada.

Depois da Soledade fomos, passear no mercado de cereais e verduras. Tudo está agora barato, bom e abundante. Provei a mistura africana de legumes, cozida com azeite de Dendê, e penso que seria excelente com sal.

À tarde fui procurada pelo padre Marcos Antônio de Sousa(*), secretário do govêrno; conversou comigo meia hora muito amavelmente, agradecendo-me as cartas que eu trouxera de Pernambuco. Embarcamos cêrca de 10 horas no Arsenal.

Sexta-feira, 27 [de agôsto de 1824]. — Deixamos a Bahia. Trouxemos dois passageiros suíços: Meuron e de Costere.

Em frente à pág. 147, Unha 28.

Cactus Mundata, consta na *Flora Exótica*.

Antes da pág. 176.

Extrato de uma carta de Lima, em 19 de fevereiro de 1825 :

[Parágrafo em seguida riscado pela A.:]

Os seguintes artigos de boa qualidade alcançaram agora o preço que segue cada um embarcados e livres de direitos : manteiga, 2½rs. a libra ; toucinho 2½rs. a libra ; velas de spermacete 3½rs. a libra ; cidra \$ 5½ ; sabão amarelo ... o galão ; sebo \$ 13 o galão ; chá pérola \$ 1½ a libra ; cera branca \$ 90 o galão ; azougue \$ 55 ; vinho Bordeaux \$ 10 a dúzia ; champagne, \$ 24 ; cognac \$ 1¼ o

(*) Natural da Bahia, foi o primeiro bispo brasileiro do Maranhão. Deputado às Côrtes de Lisboa e à Constituinte Imperial brasileira.

galão ; linho alemão, 25% acima do preço da fatura ; algodão americano 50% de acréscimo, atualmente cheio ; fazendas finas ; lenços de crepe, $\frac{3}{4}$; sêda id. ; lenços de sêda para senhoras e maçame, muito procurados e pedidos de bons preços.

Sábado chegou um transporte de Guaiaquil com 1500 homens. O governador dos castelos de Callao ainda se recusa a conformar-se com a capitulação do general Cantarai mas em breve deverá entregá-los visto como o general Bolívar terá, dentro de poucos dias, uma forte esquadra de bloqueio e uma fôrça de 5 000 homens de Callao em frente aos castelos. A população de Callao já está sentindo a falta de provisões frescas e legumes, a água será desviada dentro de poucos dias. Pode-se esperar então que o mau estado sanitário das tropas obrigue o general espanhol a render-se, visto como não há água boa em Callao. A 15 do corrente, nos postos avançados, que não ficam perto dos castelos, os patriotas destruíram 250 homens de infantaria e alguns da cavalaria espanhola. Esta infantaria era a fôrça de confiança do general espanhol e era enviada diàriamente para obter provisões, com a cavalaria.

Entre à pág. 174.

4 de setembro de 1824. Volto ao Rio após 11 meses de ausência(*).

Pág. 213 — [Em frente ao diário de 16 de fevereiro].

O exame de um fragmento destinado a Mr. Thornton, aqui procedido (Bahia) deu resultado desfavorável : não se aproxima da proporção do níquel.

Pág. 238. — [Em face do segundo parágrafo].

Aqui se deve acrescentar o manifesto de Labatut.

Entre à pág. 239.

Os Andraças, compreendendo que o Brasil não poderia continuar sob o domínio de Portugal por mais tempo

(*) Algumas minúcias da chegada ao Rio encontram-se no *Esboço biogr.* pg. 97 e seqs.

e de maneira nenhuma, mas desejosos de poupar a efusão de sangue e livrar sua terra de uma guerra civil e das atrocidades que desgraçaram a luta pela liberdade nas colônias espanholas da América, cultivaram ardorosamente a ambição do Príncipe de tornar-se o líder da grande revolução que se processava. Entenderam que por sua descendência dos antigos monarcas e por seus antepassados seria reconhecido por todos, e que seu nascimento lhe daria esta precedência sobre qualquer outro aventureiro na luta, e lhes permitiria uma base de regularidade nos procedimentos. A 7 de setembro, estando o Imperador em S. Paulo, declarou a Independência do Brasil nos famosos campos do Piranga [sic], aonde o partido o havia induzido a ir e mostrar-se aos paulistas, os mais briosos habitantes do Brasil, e aquêles cujos hábitos estão embebidos de mais liberdade que quaisquer outros habitantes do sul. Naqueles campos, situados na quinta de Amador Bereno [*Bueno*], o Príncipe falou ao povo e concitou-o a adotar uma divisa especial com o lema: *Independência ou Morte*, sobre uma roseta verde e amarelo. Uma placa com essas palavras gravadas tornou-se o sinal do patriotismo. O Príncipe, contente consigo mesmo e com seus ministros, com cuja energia e atividade êle no momento se contaminara, voltou ao Rio para celebrar seu aniversário e para dar um passo que, não só o tornaria especialmente culpado aos olhos paternos e de todos os soberanos legitimistas, mas também o havia de encaminhar como tanto se esperava, para a causa do Brasil, ligando-o inalteravelmente aos conselheiros que de fato o haviam colocado à testa da nação.

Colocar à pág. 238.

Proclamação de General Labatut datada de Cangu-rungu, 15 de maio de 1823.

Pág. 243, linha 15.

[Incluir após: "dentro de poucos minutos, o cap. Garção, do *Liberal*"...]

... tendo sabido por Perez, quem estava a bordo...

Linha 23.

[com relação à *Carolina* crescente-se] Paraguaçu

Linha 24.

[com relação à *União*] Piranga

Linha 27.

[com relação à *Maria da Glória*] em 1824 encontrou-a na Bahia, levando como prêsa a *Constituição ou Morte*.

Pág. 243.

Taylor, de Portsmouth, era tenente da marinha britânica, e, como tenente da *Doris*, em serviço e em pleno exercício, deixou o navio para entrar a serviço do Brasil, algum tempo antes de nossa chegada.

Após fazer uma barganha com o Imperador conseguiu vitaliciamente o montante de seus vencimentos ingleses. É extremamente esperto, mas não realmente capaz; muito ativo e bastante experimentado no serviço. É, porém, mesquinho e invejoso de todo talento ou condição superior. Em 18 de novembro casou-se numa família rica e influente no Brasil, [D. Maria Teresa da Fonseca Costa] mas não pode mais servir porque foi reclamado pela Inglaterra como desertor(*).

(*) John Taylor, nascido em Greenwich em 1796, passou ao serviço da armada do Brasil por decreto de 9 de janeiro de 1823, no posto de capitão de fragata, recebendo, além do soldo, a gratificação de 40\$000rs, em atenção aos prejuízos sofridos pelo abandono da carreira em seu país. Na expedição contra Madeira, na Bahia, comandou a fragata *Niterói*.

Passou depois para a nau capitânea, a *Pedro I*, quando Cochrane resolveu selecionar para ela os melhores elementos. Tomou parte no ousado ataque noturno ao porto da Bahia. Reassumindo o comando da *Niterói*, realizou com ela um dos maiores feitos da marinha brasileira que foi a perseguição ao comboio português, com apresamento de unidades até a boca do Tejo. Foi em seguida enviado a Pernambuco, incumbido da reposição na presidência de Francisco Pais Barreto, morgado do Cabo. Fracassadas as tentativas de entendimento pôs em bloqueio o Recife a 8 de abril de 1824. O bloqueio, porém, foi levantado por uma ordem geral de concentração da esquadra no Rio, em vista de uma possível invasão portuguesa. Nessa ocasião recebeu o Brasil do governo Britânico um pedido oficial de renúncia de Taylor da marinha brasileira. A notícia de tal pedido provocou um honrosíssimo abaixo-assinado de altas personalidades baianas a favor da permanência de Taylor no Brasil. A 7 de agosto, não obstante, foi exonerado da marinha brasileira. Por via diplomática, porém, solicitou o governo Imperial ao britânico a sua aquiescência para a reintegração de Taylor, tendo em vista que se casara com brasileira e se achava em condições de naturalizar-se brasileiro. A 1.º de dezembro de 1825 foi ele reintegrado como capitão de mar e guerra, e ao mesmo tempo, graduado em chefe de divisão. Chegou a Vice-almirante em 1851. Faleceu em 1855, V. HENRIQUE BOITEUX, *Os nossos almirantes*, vol. II, Rio, 1917, pg. 159.

Pág. 244, linha 26 — [Acêrca da recepção a Cochrane].

Creio que todos os ministros estavam presentes. Sei que José Bonifácio estava.

Pág. 245 — [Acêrca das negociações com o almirante Cochrane]

Quando lhe asseguraram, e aos oficiais trazidos por êle, pagamento igual ao do Chile, quiseram ca'cular o dólar a 800 réis [?]

Pág. 247. Após o parágrafo que começa: "*A Pedro I é um belo...*"

... e Crosbie fazia experiências com os canhões grandes.

Pág. 276, linha 31. Em frente à frase que começa por: "Lorde Cochrane, naturalmente, não escapa".

Isto se repetiu na cabala do Rio em 1824.

Acrescentar à pág. 291 [após a descrição do incêndio a bordo].

O quarto das bebidas era ao lado do grande depósito. A tripulação estava fora, e a maior parte dos oficiais doente, ou em serviço externo.

Incluir após a pág. 292.

O almirante partiu do Moro [Morro] e deu ordem à *Niterói*, ao *Coronel Allen* e a uma escuna para que o seguissem; a *Maria da Glória* e a *Niterói*, sem cumprir a ordem, tomaram do *Allen* o dôbro do número dos melhores homens!!!

Acrescentar à pág. 294.

A história da carta, creio que é uma falsidade. A verdadeira causa do desprestígio de José Bonifácio estava na amante do Imperador e no Plácido. Foram êles que o forjaram. Suponho que estão vendidos ao partido português, sendo êles próprios *pés de chumbo*. O pretenso documento de São Paulo era, creio eu, uma queixa certamente assinada por muitos, mas que viera ter às mãos de José Bonifácio e nunca saíra delas. Quando os Andra-

das foram deportados, foi uma inglesa, Mrs. C.(*) — que obteve licença para que suas espôsas pudessem acompanhá-los.

Verso

O partido português havia assumido tal importância em setembro de 1824 que o mais leve sinal de inteligência num ministro brasileiro o derrubaria. Todos os oficiais do palácio, as mulheres inclusive são portugueses ou franco-lusitanos.

Corrigir à pág. 305.

A sentença, onde se lê, "*not in the state le valliant des cubes*", leia-se: "*not in the state le Valliant describes*".

Acrescentar à pág. 332.

Contou-me o bispo do Rio de Janeiro em novembro de 1824 que, em seus muitos anos de viagem no interior do país, observou que a maior parte das tribos come carne humana para vingar-se dos inimigos mortos, ou tomados na batalha. Que *em nenhuma outra circunstância* o fazem.

Pág. 341.

Mude-se o último período, que assim deve ser lido: "Foi escrito em Lisboa em 1816; aí se imprimiram dois ou três exemplares por um de seus amigos. Um desses é agora meu".

Pág. 348. [Ultima Linha].

Na frase começando por "O brigue de guerra outrora *Infante Dom Miguel*, agora *Maranhão* . . .", acrescente-se: "agora *Imperatriz*".

Incluir à pág. 352.

O Governador das Armas não compareceu e escreveu à Junta no mesmo dia excusando-se.

(*) Deve ser Mrs. Chamberlain, senhora do cônsul inglês no Rio. (V. OCTÁVIO TARQUINIO DE SOUSA, *José Bonifácio*, Rio, 1945, pg. 247).

Pág. 352. [Acrescente-se ao último parágrafo].

... gozando da independência nacional, que constituia o objeto de seus desejos por três séculos, e que devem agora ao ânimo de Pedro Primeiro.

A carta começa por congratular-se com D. Pedro I de tôdas as maneiras — como o favorito da Providência destinado desde os primeiros tempos a herdar o patrimônio do primogênito do Brasil — por ter realizado seu destino, tornando-se o seu Defensor Perpetuo, e com o Brasil, por ter de ser um dos primeiros impérios do mundo.

“Correu com a rapidez do raio por tôda esta parte do globo a fama das raras virtudes e singular merecimento de V. M. I.”. Há, em seguida, um mundo de cumprimentos às suas virtudes sociais e talentos militares.

Pág., 352.

O final do último período deve ter a seguinte redação: “... mas um povo livre do Império do Brasil exortando-os a que tivessem confiança, fidelidade, tranquilidade e harmonia com os irmãos portugueses, agora naturalizados brasileiros”.

Com referência à frase da pág. 353. [após o primeiro parágrafo]

“Desejos que haviam sido obstados pelas tropas de Lisboa”, acrescente-se: “especialmente por uma parte das forças de Madeira, chegadas depois a São Luís”.

Pág. 355, linha 7.

Onde se lê — “... ficando os riscos por sua conta”. Acrescente-se: “Foi um serviço voluntário e merece agradecimentos públicos”.

Pág. 355, linha 9.

Depois de: “Abaixo da dignidade da assembléia representativa do Brasil o agradecer a um indivíduo”, acrescente-se: — “N. B. A impugnação resultou numa guerra de escritos entre os dois deputados como se vê na *Gazeta do Rio* de 13 de outubro, dia em que a assem-

bléia decidiu que o voto de agradecimento deveria ser assinado pelo presidente e pelo secretário”.

Pág. 355, linha 16.

Alencar opunha-se a Montezuma.

Pág. 355, linha 18.

O deputado referido foi Martim Francisco.

Pág. 356 [Após o segundo parágrafo].

Descobri depois, pelo relatório impresso, que diversos outros membros tomaram parte nesse debate, mas êsses foram os principais oradores e os argumentos mais importantes.

Pág. 356.

[O parágrafo que começa por: “Resolvi tomar um feriado” — está cancelado].

Incluir à pág. 357.

Na sessão da assembléia de 10 de outubro Montezuma serviu-se do pretexto dessa nomeação para atacar o Imperador, sustentando que só o Corpo Legislativo podia ter a competência para conferir título. Martim Francisco chegou a duvidar então do direito do Imperador de nomear os chefes militares! Estas questões agitaram ainda mais a assembléia a 29 e 30 de outubro quando o título de Lorde Cochrane foi confirmado afinal, sob o fundamento de que o Imperador, ao conferi-lo, acreditava *bona fide* que nenhuma lei o impedia, mas que era de desejar que não o fizesse de novo.

Pág., 357.

Houve um discurso de alguma extensão, feito pelo presidente da assembléia Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, congratulando-se com o Imperador pela independência do país e por ser êle o guia e o líder dêsse movimento e da promulgação de uma constituição liberal, títulos ainda mais ilustres que os derivados de

sua nobre casa etc., e concluindo com os votos de boa vontade da Assembléia. S. M. I., fez um curto discurso de agradecimentos.

Pág. 397.

A 13 decidiu-se que a noção de agradecimentos a Cochrane seria assinada tanto pelo presidente quanto pelo secretário da assembléia.

Pág. 397 [Verso].

A 20 o Sr. Estevan [Estêvão] Ribeiro de Regendi [Resende](*) apresentou ao Imperador o projeto de Constituição redigido pela Assembléia com um pequeno discurso. O Imperador recebeu-o com um outro, antevendo a alegria do Novo Mundo e o respeito do Velho Mundo.

No fim

*Carta de Mme. Bonpland(**)*

Muy apreciada y estimada Sra.

Doi a Vt. las gracias por el tierno interes que tiene la bondad de conservar-me. La noticia que Vt. tiene la bondad de dar-me era en mi conocimiento hace tres meses, pero como mis esperanzas por la libertad de Bonpland son unicamente conjecturas mi tristesas no tienen alivio!!!

He estado malissima y por esto no la he visto ; todavia soy tirada en cama, y al momento que padre Solis, me manda el medico en la Playa Grande tomar los baños. Mi corazón es demasiado grato por no apréciar los votos que forma Vt. por mi felicidad. Dios queira que ellos se realisen! Emma devuelve a Vt. sus finos recuerdos, y yo me profeso, con toda la fuerza de la expresión,

Su grata y adicta amiga

Adélla Bonpland.

(*) Depois marquês de Valença.

(**) Sobre a estranha aventura de Mme. Bonpland, v. o *Escorço biogr.* pp. 125, bem como o prefácio de Rodolfo Garcia.



Desenho de MARIA GIESS

Gravura de EDWARD FINDER

A Arvore do Dragão, em Tenerife

Londres, publicado por Longman & Cia e J. Murray, 25 de março de 1824

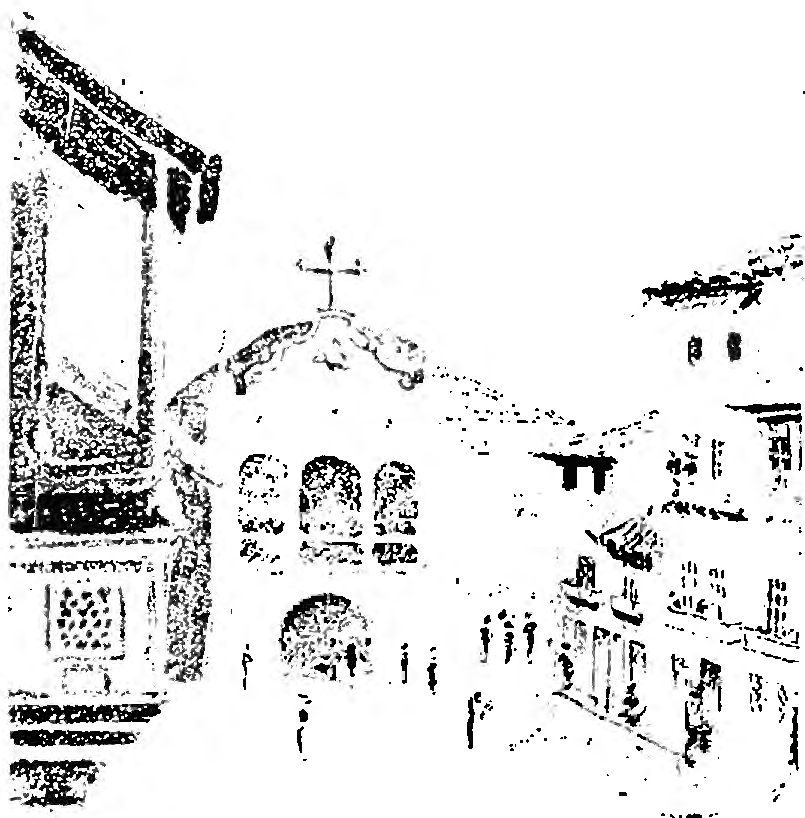


Desenho de Avo. PAULY

Gravura de EDWARD FINDEN

Vista do Portão do Conde Maurício em Pernambuco, com o Mercado de Escravos.

Londres, publicado por Longman & Cia. e J. Murray, 5 de abril de 1821



Printura em sépia de MARIA GRAZIA

Coleção do Museu Britânico

A porta norte do Recife (da varanda da casa do Sr. Stewart)



Desenho de MARIA GRAHAM

Gravura de EDUARDO FIDEN

A Arcote da Camela, num jardim da Bahia.
Londres, publicado por Longman & Co. e J. Murray, 25 de março de 1824



Desenho de MARIA CRAHAM, datado de 19 de outubro de 1821

Coleção do Museu Britânico

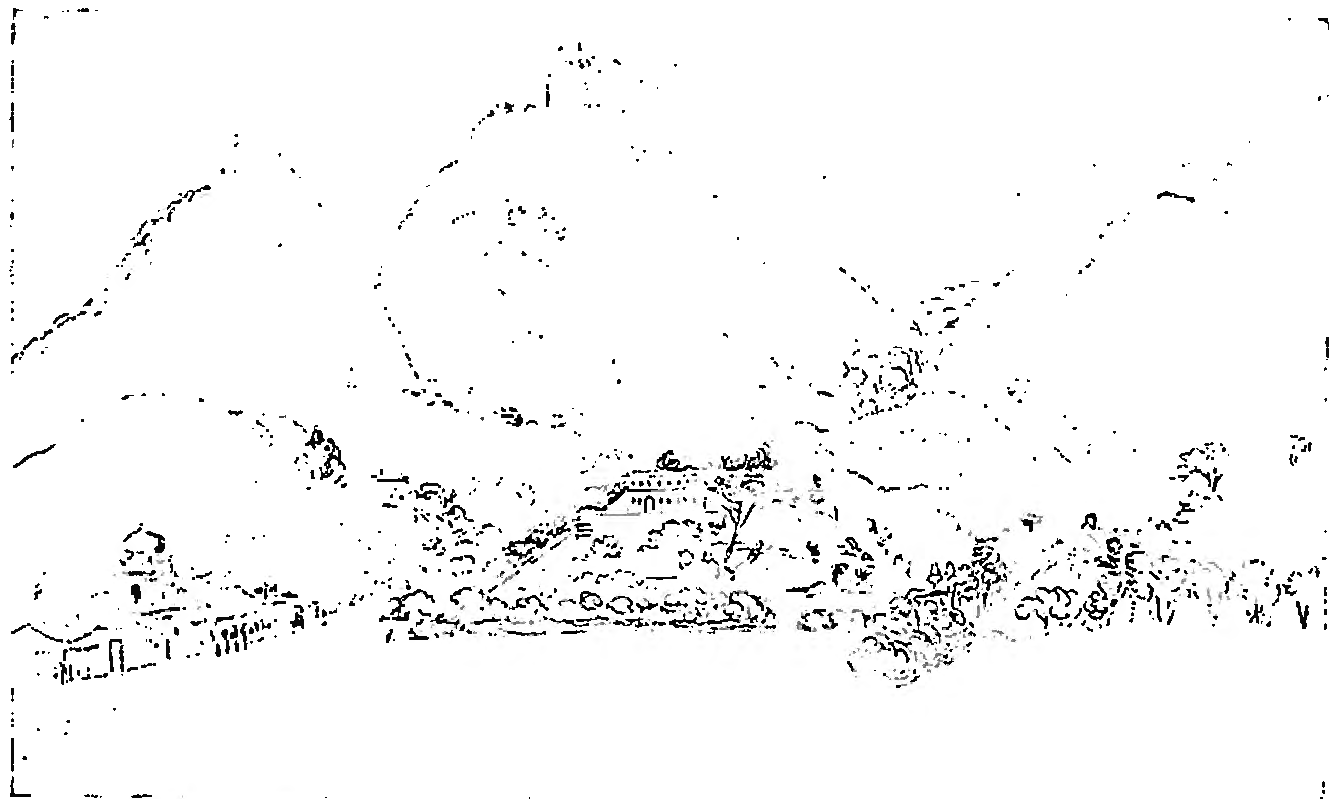
Árvore no bairro da Guinça (Bahia) notável pelas parasitas



Desenho a lápis de MAMA GRAHAM

Jardim na Bahia

Coleção do Museu Britânico



Desenho a lápis de MARIA CRISTINA

Da coleção do Museu Britânico

O morro da Cruz — no primeiro plano o Largo do Machado.



Desenho de MARIA CHAHAM, datado de 19 de outubro de 1824

Coção do Museu Britânico

Vista do Corcovada



Desenho de Maria Cristina

Gravura de Eduardo FONSECA

Laranjeiras

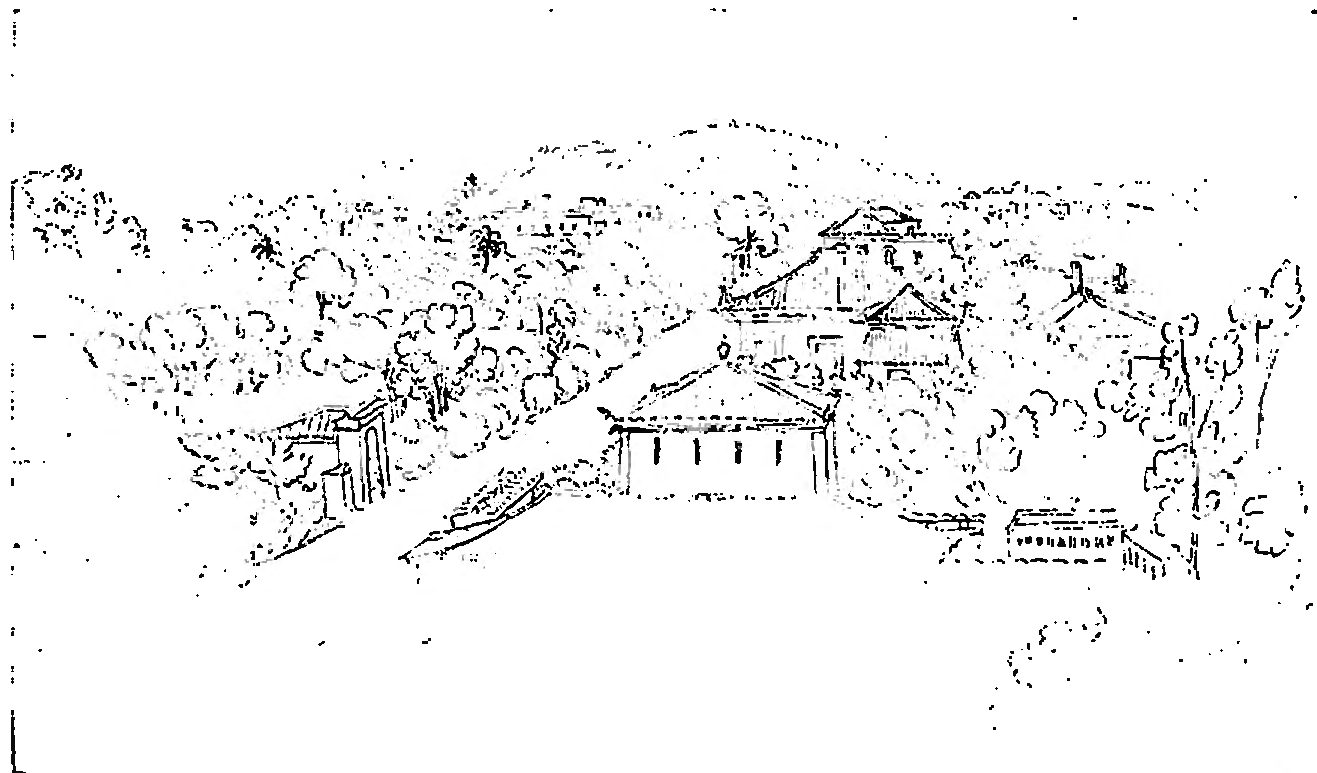
Londres, publicado por Longman & Co. e J. Murray, 25 de março de 1894



Desenho de MARIA GRAHAM, datado de 21 de dezembro de 1921

Coleção do Museu Britânico

Luiz Rodrigo de Freitas



Desenho de MARIA GUARDAM

Rua da Catete - caminho para a Glória

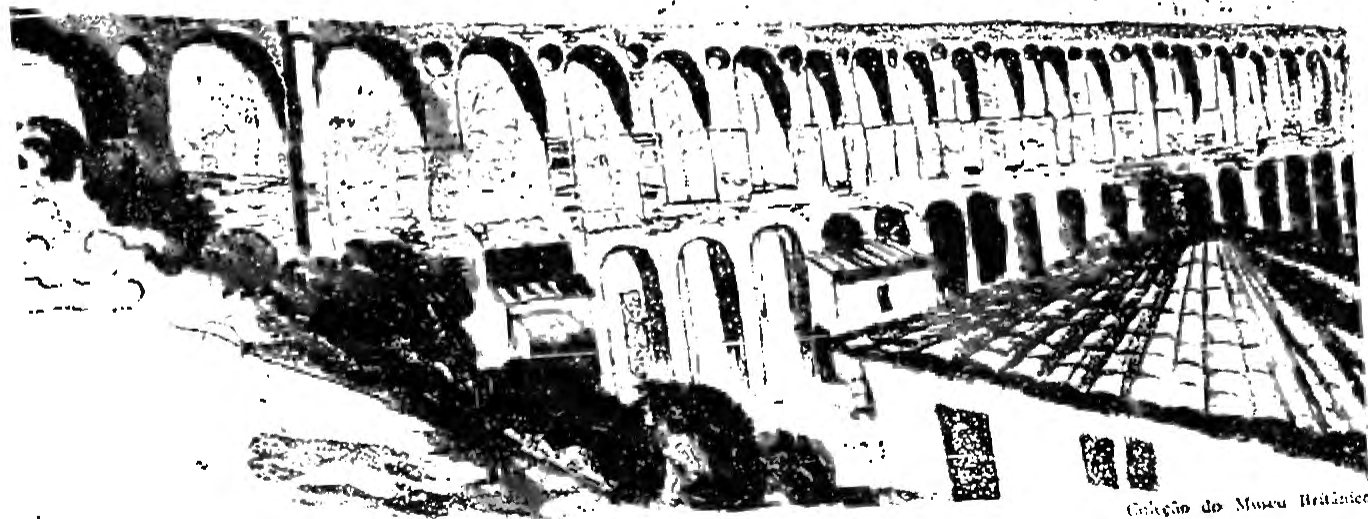
Coleção do Museu Britânico



Desenho de MARIA GRACIAS

Fonte da Saúde

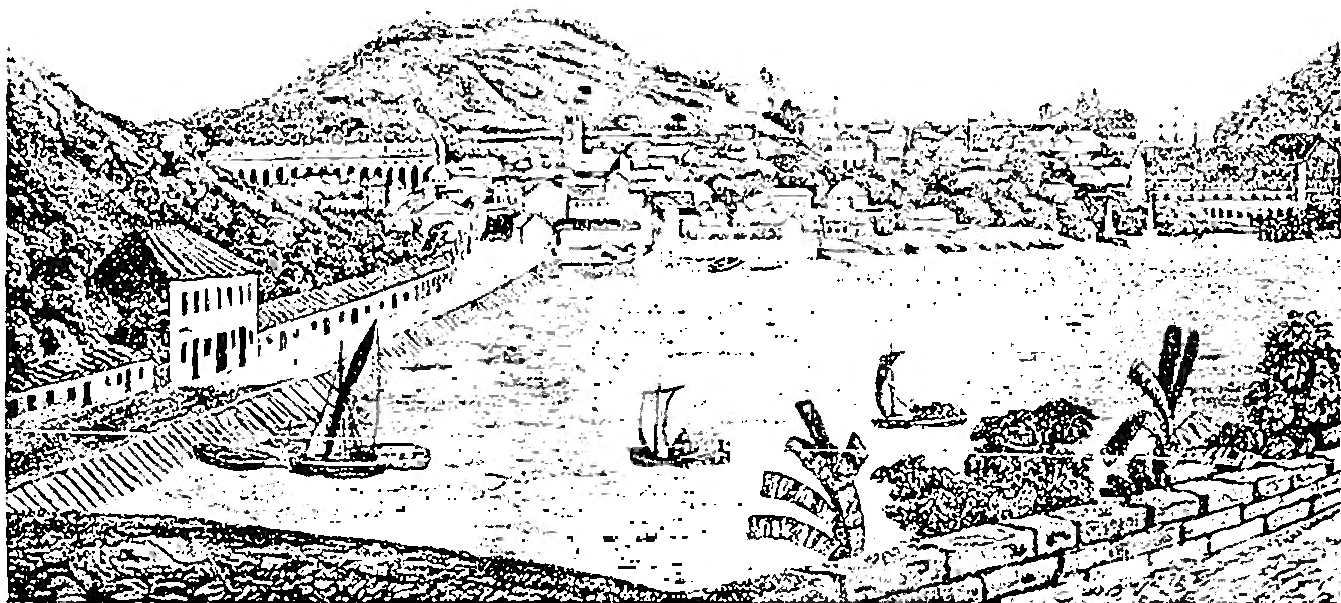
1914
Coleção do Museu Britânico



Desenho a pena e sépia por MARIA GRAHAM

O aqueduto de Santa Teresa

Collecção do Museu Britânico



Desenho de MATEUS CHAVES

Gravura de EDUARDO FINKEN

O Rio visto do outeiro da Glória.

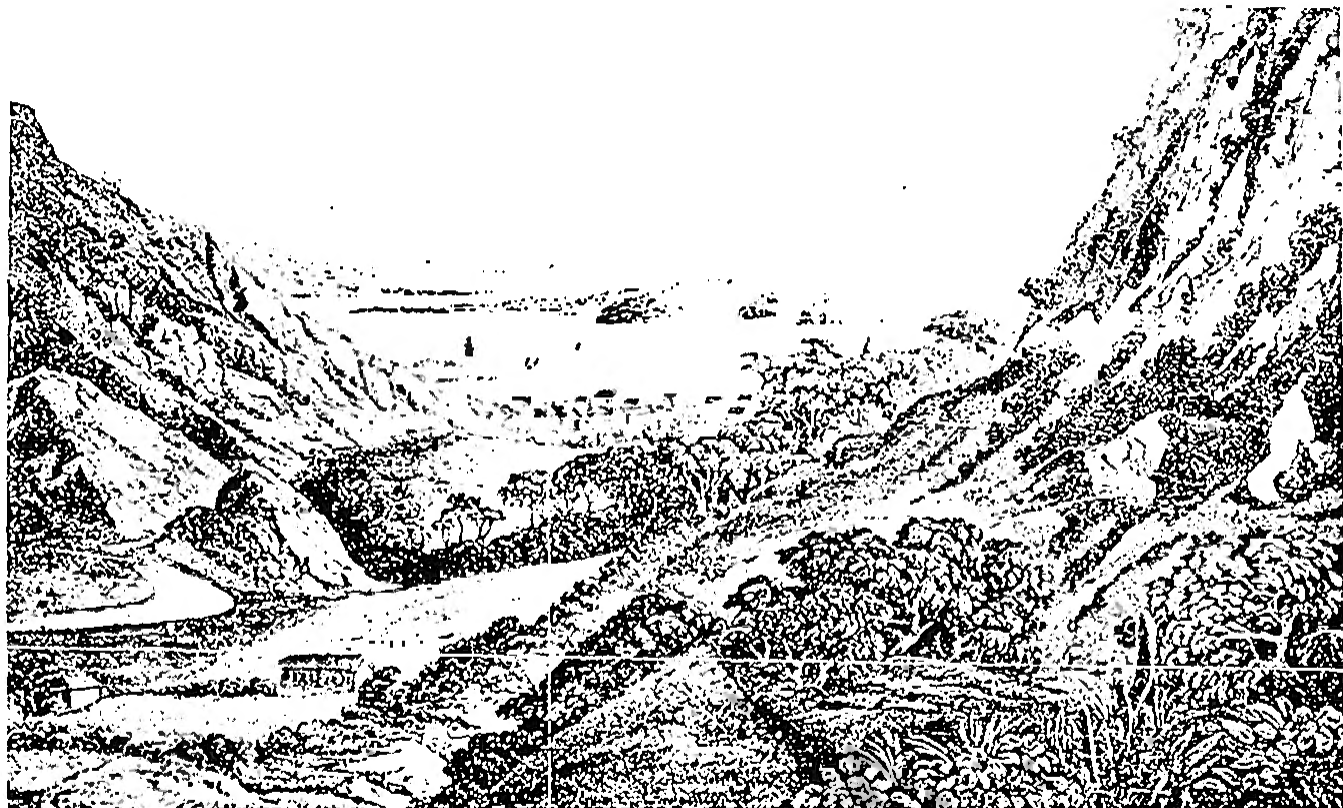
Londres, publicado por Longman & Cia. e J. Murray, 5 de abril de 1824



Desenho a lápis de Maria Gualtas

Igreja de S. Francisco de Paula

Coção do Museu Britânico



Desenho de MANOEL GUSTAVO

Gravura de EDUARDO FINKEL

Vista da casa de campo do Conde de Hogendorp.

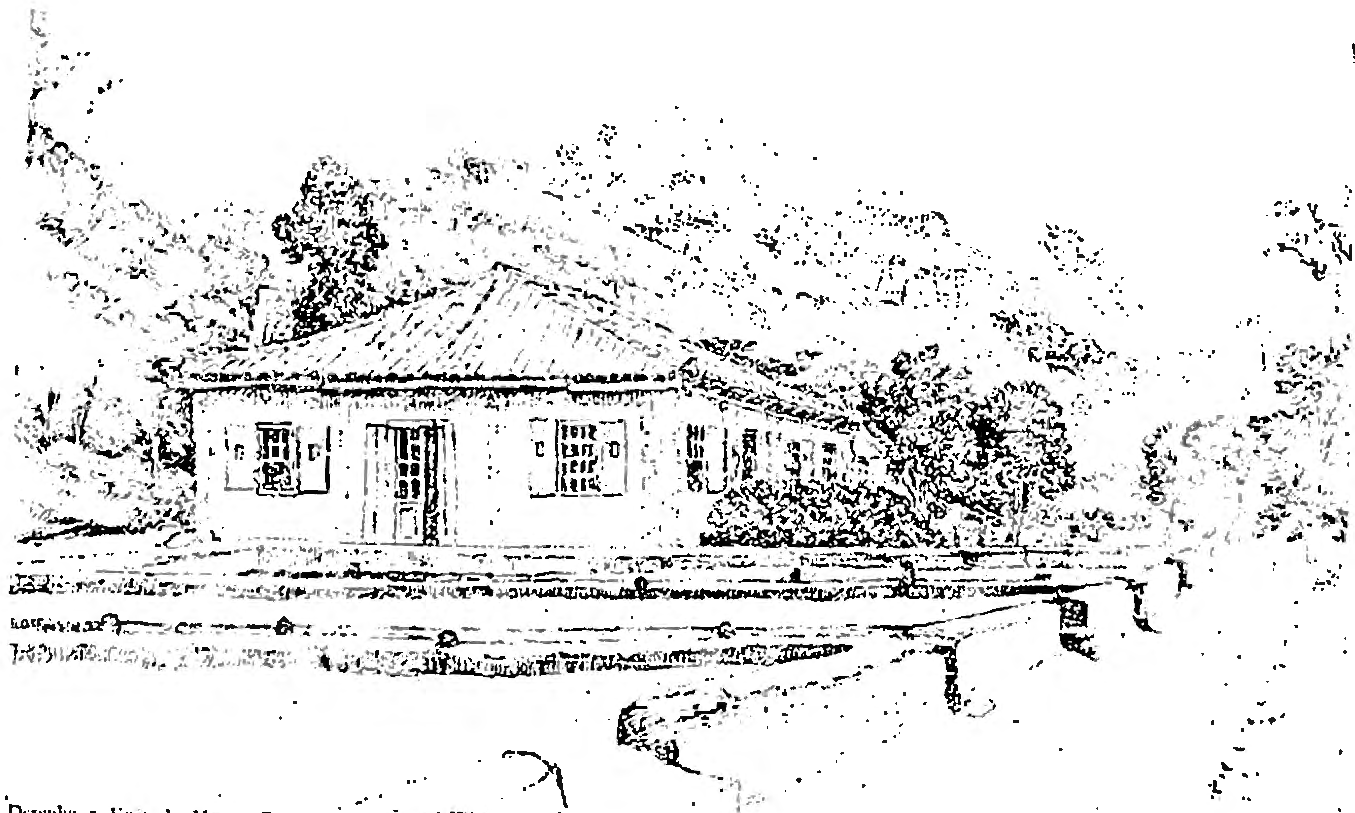
Exotico, publicado por Longman & Cia. e J. Murray, 25 de marzo de 1924



Desenho a lápis de MARIA GRIMALI

Panorama das montanhas curicocas

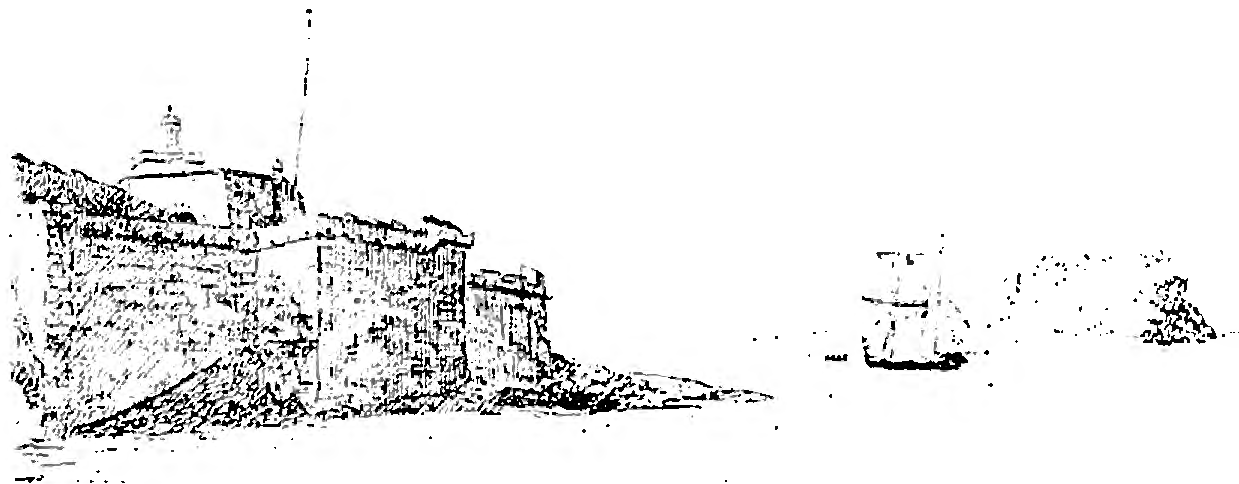
Coleção do Museu Britânico



Desenho a lápis de MARIA GRAHAM, datado de 18 de maio de 1925

São Luis - Caminho da Gävea para Tijucas

Coleção do Museu Britânico



Desenho de MARIA GRAHAM, ditado de 24 de Janeiro de 1822

Saída da barra do Rio de Janeiro

Coleção do Museu Britânico



Pineta do sítio de MARIA GUADALUPE, datado de 3 de março de 1822

Coção da Museu Britânico

Fazenda de Nossa Senhora da Luz

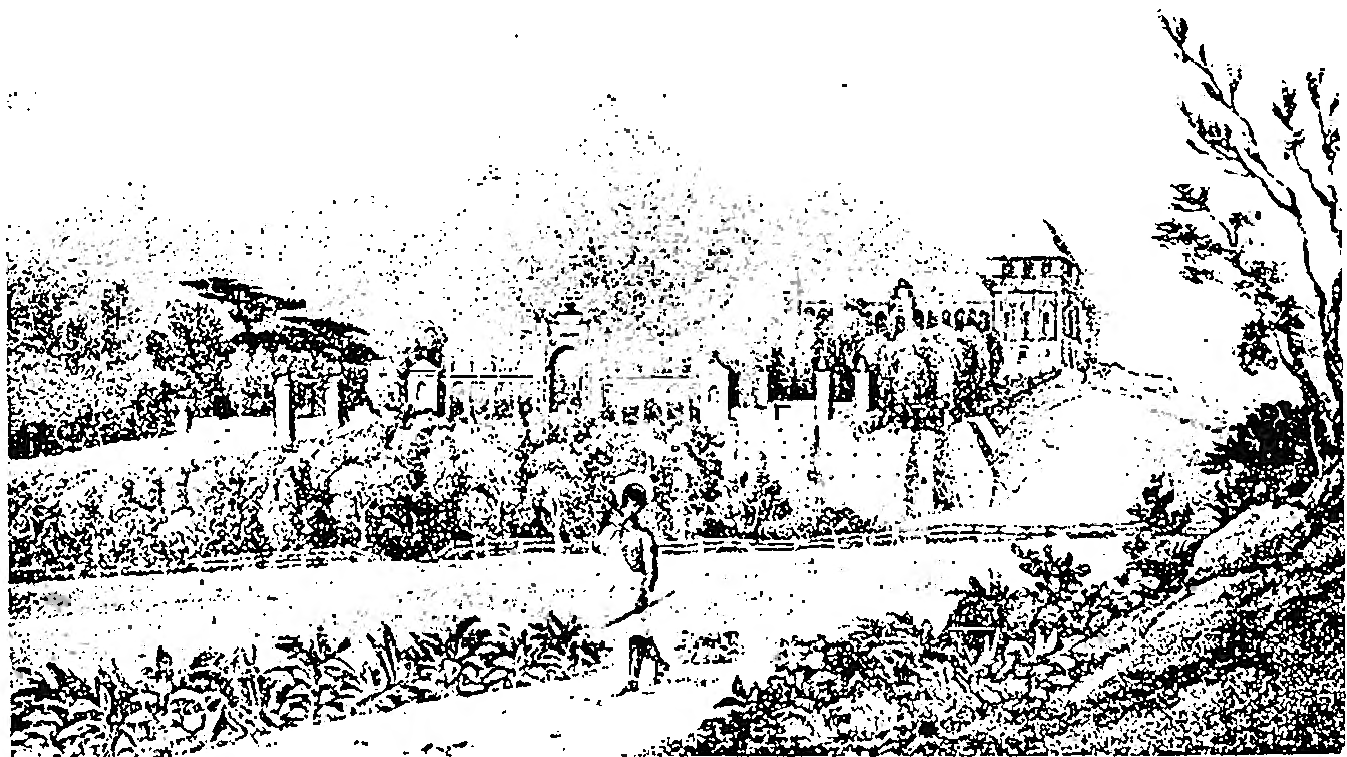


Desenho de MARIA CHATANI

Gravura de EDUARDO FERREZ

O Corcovado, visto do Botafogo

Londres, publicado por Longman & Co. e J. Murray, 25 de março de 1824



Desenho de MARIA GRAHAM

Gravura de EDUARDO FERREX

Palácio de São Cristóvão

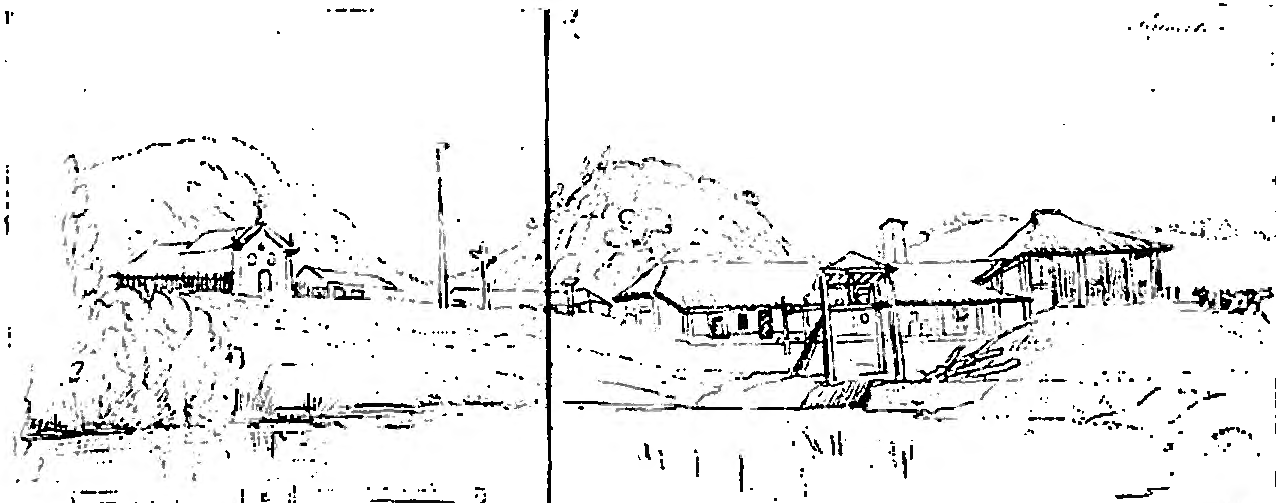
Londres, publicado por Longman & Cia e J. Murray, 25 de março de 1824



Desenho de MARIA GATTAM, datado 10 de agosto de 1825

Colção do Museu Britânico

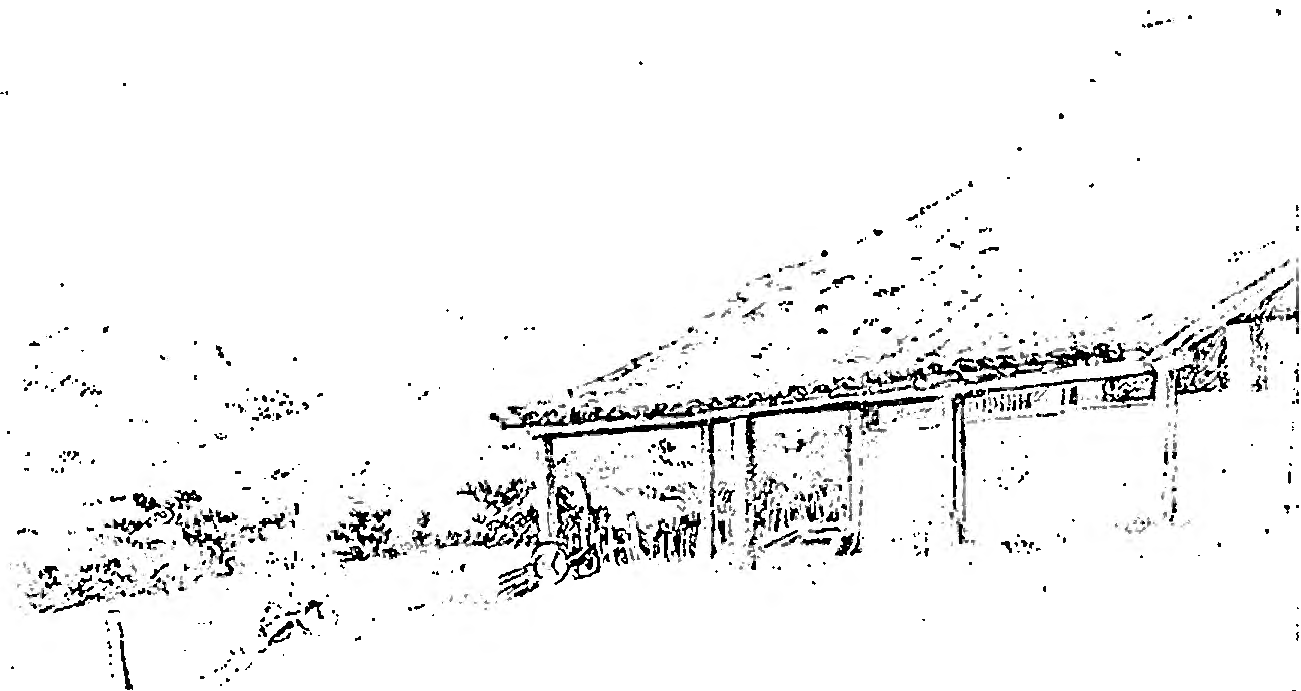
Copacabana - vista do Morro de Cantagelo



Desenho de MARIA GRAYAN

Fazenda dos Ajonjos

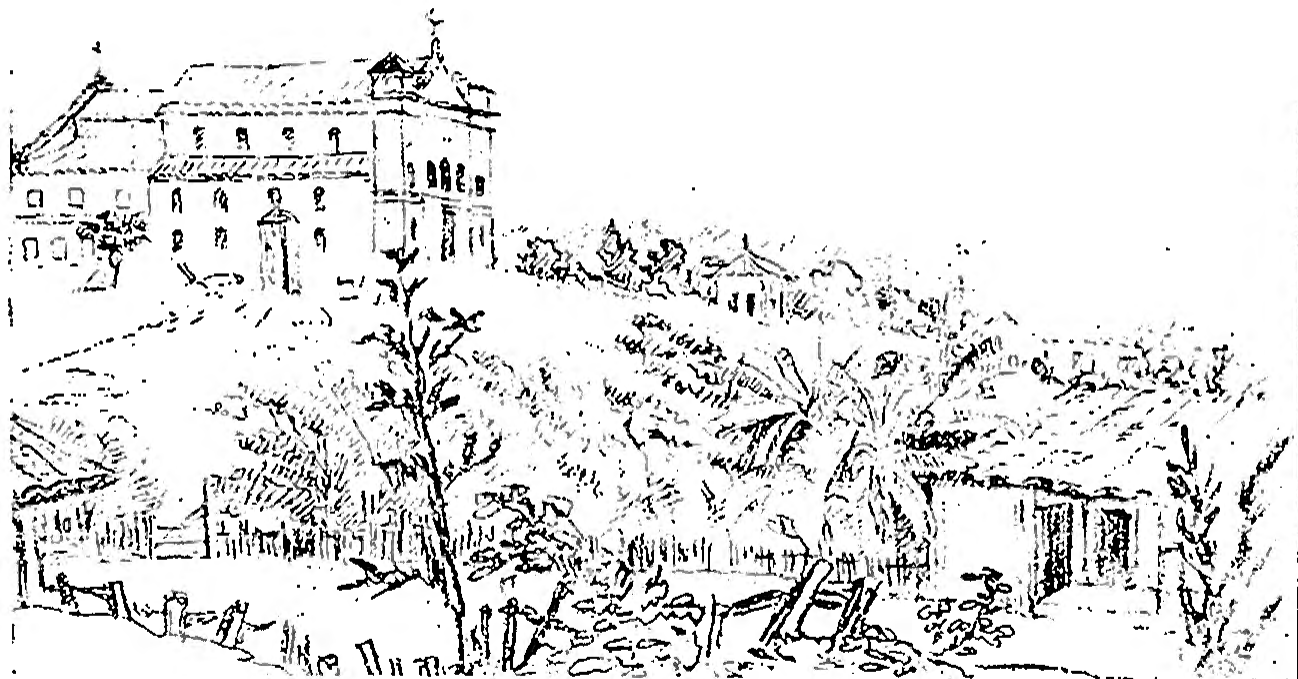
Coleção do Museu Britânico



Desenho de Mano Gama

Fazenda dos Afonsos

Colection do Museu Britânico



Desenho de MARIA GRAHAM

Freguesia de Santo António

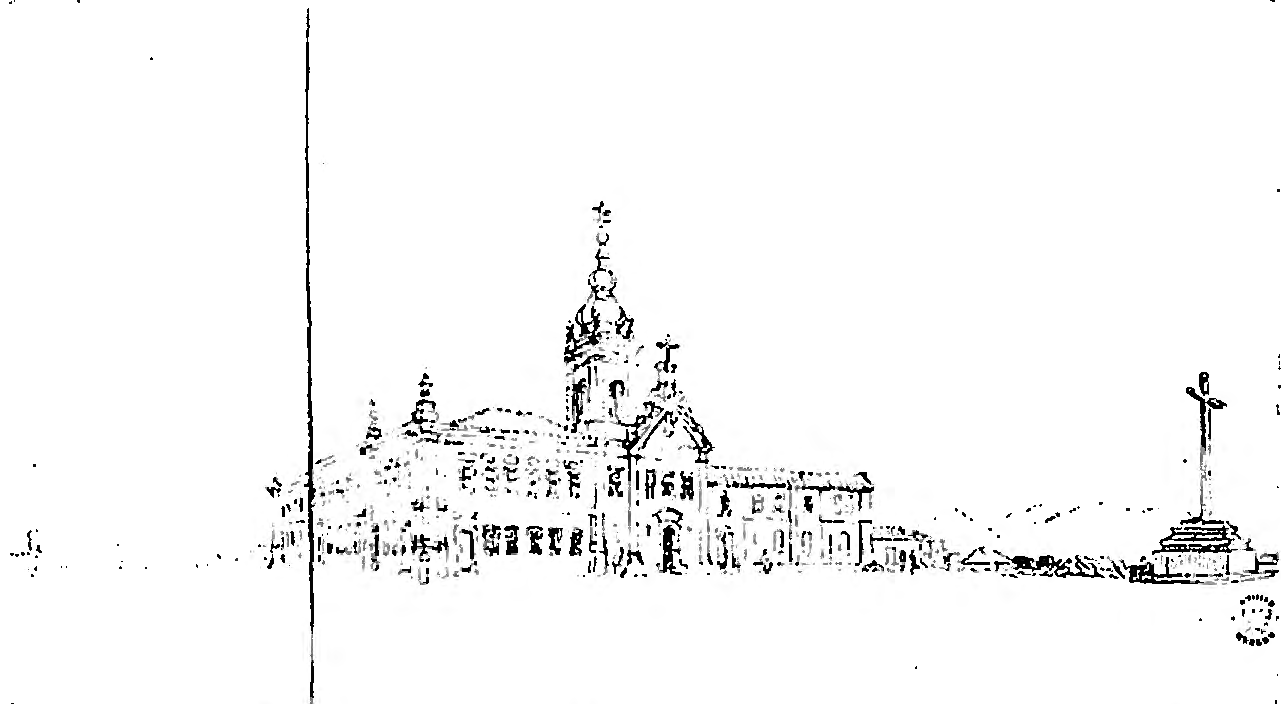
Collecção do Museu Britânico



Desenho de Maria Guyon

Vila de S. Francisco Xavier de Itaguai

Coleção do Museu Britânico



Desenho de MARIA GRAHAM, datado de Sábado, 23 de agosto de 1823

Coleção do Museu Britânico

Palácio de Santa Cruz

Apontamento de Maria Graham: "Relembra das janelas azulejadas. Portas, salvo as da igreja, verdes".



Desenho de MARIA GRADAM

Campinho

Gravado por M. de B. B. B. B.



Desenho de AUGUSTO FARRE

Gravata de EDUARDO FIDON

Dona Maria (Quiléria) de Jesus



Desenho de MARIA GRAHAM

Coleção do Museu Britânico

Vista da janela da casa à rua dos Pescadores (Visconde de Intima)



Desenhos de MARIA GUIMARÃES

Gravado por JOAQUIM FERREIRA

Cemitério dos Ingleses (Rio de Janeiro)

Londres, publicado por Longman & Co. e J. Murray, 25 de março de 1824